UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

Raul Milliet Filho

**Cenários e Personagens de uma Arte Popular:
futebol brasileiro, hegemonia, narradores e
sociedade civil**

SÃO PAULO

2009

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

Raul Milliet Filho

**Cenários e Personagens de uma Arte Popular:
futebol brasileiro, hegemonia, narradores e
sociedade civil**

Tese de Doutorado em História Social,
sob a orientação do Prof. Dr. Marcos Silva

SÃO PAULO

2009

Ficha catalográfica

Milliet Filho, Raul, 1952.

Cenários e Personagens de uma Arte Popular: futebol brasileiro, hegemonia, narradores e sociedade civil. São Paulo, 2009.

Futebol. Futebol brasileiro. Cenários. Personagens. Hegemonia.

Esta tese foi um beijo roubado do destino.
De tudo que foi possível, estão presentes
Joana, Vicente, Olívia, Anna Maria e Elza.
Apreendi muito.

Raul

AGRADECIMENTOS

Aos meus colegas, companheiros e peladeiros, por tudo...

Aos enfermeiros e todo o corpo médico do Pró-Cardiaco, em especial ao Dr. José Galvão Alves.

A Marcos Silva, pela amizade e compreensão. Por ter me apontado os caminhos de uma cultura popular que eu desconhecia.

A Ricardo Oliveira, Carlos Didier, Ricardo Salles, Marcelo Proni, Antonio Edmilson Martins Rodrigues, Adriano Bidão, Flavio Carneiro e Sergio Vieira. Vocês sabem por quê.

A José Paulo Pessoa, Juca Pessoa, Antonio Brocchi e Roseana Mendes Marques. Não esquecerei nossas conversas naqueles seis meses.

A Carlos de Barros Lisboa, pelo amor a Joana, Vicente e Olivia. Relembrando para sempre meu pai Raul Milliet e meus tios Gabriel, João, Lena e Maria Júlia.

GOL ANULADO

João Bosco/Aldir Blanc

Quando você gritou mengo
no segundo gol do Zico
tirei sem pensar o cinto
e bati até cansar
três anos vivendo juntos
e eu sempre disse contente
minha preta é uma rainha
porque não teme o batente,
se garante na cozinha
e ainda é Vasco doente.
daquele gol até hoje
o meu rádio está desligado
como se irradiasse
o silêncio do amor terminado
eu aprendi que a alegria
de quem está apaixonado
é como a falsa euforia
de um gol anulado.

Quanto a nós, privilegiamos dois outros grandes bateleiros: Walter Benjamin e Antônio Gramsci. Seus destinos trágicos de *outsiders* permitiram-lhes ouvir o que permanecia inaudível...

... contra o culto sonolento do progresso e suas promessas quase sempre ilusórias, ambos vão ao encontro de Marx por caminhos notavelmente convergentes, árduos e pouco frequentados. Do Diário de Moscou (1927) às teses sobre o conceito de história (1939), Benjamin soube aprofundar a crítica messiânica da abstração temporal.

No mesmo momento, na experiência da derrota Gramsci soube, em seus *Cadernos do cárcere*, tirar as consequências da decisão intrínseca do conflito: 'Só se pode prever a luta'. Daí resulta uma noção da política como estratégia e uma noção do erro como risco inelutável da 'decisão'

Daniel Bensaid

RESUMO

No decorrer de vários anos de leituras e intervenções práticas, foram recolhidos ideias e eixos temáticos, alinhavados e sistematizados na troca de passes entre a arte do futebol brasileiro e seus principais *narradores*, a partir dos conceitos de hegemonia, sociedade civil e intelectual orgânico em Gramsci. Paralelamente, captou-se o narrador em Walter Benjamin e a sua visão sobre a modernidade. A tese abordará basicamente esses pontos.

Tudo em Cenários e Personagens de décadas distintas, em espaços geográficos não necessariamente iguais ou limítrofes, mas capazes de dialogar através dos temas escolhidos.

Cenários e personagens que percorrem uma trajetória iniciada na Inglaterra na segunda metade do século XIX, até sua consolidação no Brasil na década de 1960.

Dos personagens, percorremos as trilhas de Gentil Cardoso, Dori Kürschner, Neném Prancha, Nelson Rodrigues e João Saldanha, tendo como inspiração os seus grandes solistas: de Marcos Carneiro de Mendonça a Gerson, passando por Friedenreich, Fausto, Leônidas, Didi, Garrincha e Pelé.

Palavras – Chave

Futebol brasileiro; Cenários e Personagens; Narradores; Hegemonia e Sociedade Civil.

ABSTRACT

During several years of readings and practical interventions, ideas and axial themes were collected, sketched, and systematized in the exchange of passes between the art of Brazilian soccer and major narrators, from Gramsci's concepts of hegemony, civil society, and organic intellectuals. Similarly, the narrator is captured in Walter Benjamin and his vision of modernity. The thesis will mainly deal with these points.

The content addresses Characters and Settings of distinctive decades, and geographic spaces not necessarily equal or bordering, but able to dialogue through the chosen themes.

Characters and settings that cover a trajectory started in England in the second half of the nineteenth century until its consolidation in Brazil in the 1960s.

Among the historical personalities, we followed the paths of Gentil Cardoso, Dori Kürschner, Neném Prancha, Nelson Rodrigues and João Saldanha; taking as inspiration the great soloists: from Marcos Carneiro de Mendonça to Gerson, in addition to Friedenreich, Fausto, Leônidas, Didi, Garrincha and Pelé.

Keywords: Brazilian Soccer; Settings; Characters; Narrators; Hegemony, and Civil Society.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS

RESUMO

ABSTRACT

LINHA DE PASSE – AQUECIMENTO.....12

APRESENTAÇÃO.....20

INTRODUÇÃO.....33

CAPÍTULO I

PRIMEIRO CENÁRIO: O NASCIMENTO DOS ESPORTES MODERNOS.....57

1.1. ESPORTES E ESPAÇO URBANO.....61

1.2. A ESCOLA NA MODERNIDADE.....63

1.3. TEMPO E TRABALHO.....67

1.4. SOCIEDADE CIVIL EM GRAMSCI E FOUCAULT.....73

1.5. TEMPO NATURAL E TEMPO FABRIL: DOS JOGOS AOS ESPORTES.....74

1.6. A FORÇA DO MITO.....77

1.7. JOGOS E BRINCADEIRAS: OS ESPORTES MODERNOS EM PRELÚDIO.....81

1.8. ORIGENS DO FUTEBOL: DAS PELADAS A CAMBRIDGE.....95

1.9. NÃO FORAM SÓ OS ESPORTES.....98

1.10. ESTADO-NAÇÃO, FUTEBOL E TRADIÇÃO.....101

1.11. CIRCULARIDADE CULTURAL NAS ORIGENS DO FUTEBOL.....110

1.12. O NACIONAL-POPULAR E OS INTELECTUAIS EM GRAMSCI.....112

1.13. O SEGREDO DA SIMPLICIDADE: UMA CRONOLOGIA DAS LEIS
DO FUTEBOL ATÉ 1937.....116

CAPÍTULO II

SEGUNDO CENÁRIO: O DESEMBARQUE DO FUTEBOL NO RIO DE JANEIRO.....135

2.1. A ÉPOCA DE CHARLES MILLER E OSCAR COX.....135

2.2.O REMO E O MAR.....	143
2.3.A CENA CARIOCA E O FUTEBOL.....	152
2.4.TRABALHO, TEMPO E ESPORTE: A CIDADE REDESENHADA.....	157
2.5. O FUTEBOL NA VISÃO DE MARCOS CARNEIRO DE MENDONÇA: ENTRE O DÂNDI E O SPORTMAN.....	162
CAPÍTULO III	
TERCEIRO CENÁRIO: CLUBES E CAMPOS DE PELADA: FUTEBOL BRASILEIRO E SOCIEDADE CIVIL	184
3.1.CLUBES E CAMPOS DE PELADA.....	184
3.2.“ORIENTE” E “OCIDENTE” – GUERRA DE MOVIMENTO, GUERRA DE POSIÇÃO: CULTURA POPULAR NA PRIMEIRA REPÚBLICA.....	196
3.3.OS JOGADORES: DÂNDI/SPORTMAN.....	212
3.4.A SÍNCOPA E A CINTURA	225
3.5. A SEMANA DE ARTE MODERNA DE 1922, A MÚSICA POPULAR BRASILEIRA E O FUTEBOL.....	230
CAPÍTULO IV	
QUARTO CENÁRIO:O APOLÍNEO DORI KÜRSCHNER E O JOGADOR BRASILEIRO.....	239
4.1.A TERCEIRA SEMANA DE ARTE MODERNA.....	239
4.2.1925: O WM E O PROFISSIONALISMO.....	245
4.3.O PROFISSIONALISMO E O PAPEL DE MARIO FILHO.....	258
4.4. O FUTEBOL E SEUS DEMIURGOS.....	266
4.5.DORI KÜRSCHNER FAZENDO HISTÓRIA: A INCORPORAÇÃO DO WM	273
ANEXOS DO CAPÍTULO IV.....	296
CAPÍTULO V	
QUINTO CENÁRIO OU QUEM NÃO FAZ, LEVA. AS MÁXIMAS E EXPRESSÕES DO FUTEBOL BRASILEIRO.....	303
5.1.ATACAR POR PRAZER, DEFENDER POR OBRIGAÇÃO (DIDI).....	303
5.2. OS PÉS E A ZEBRA SÃO O GRANDE SEGREDO DO FUTEBOL.....	305

5.3.NENÉM PRANCHA.....	312
5.4.O ESTILO DE NELSON RODRIGUES.....	316
5.5.JOÃO SALDANHA.....	321
5.6.GENTIL CARDOSO.....	325
5.7.ASSIM É O MUNDO DO FUTEBOL.....	326
5.8.A TURMA DA FIRULA: ENTRE O CAMPO E O PICADEIRO.....	329
5.9. BATE-PRONTO.....	330
CAPÍTULO VI	
SEXTO CENÁRIO: JOÃO SALDANHA. UM NARRADOR BENJAMINIANO E INTELECTUAL ORGÂNICO DO FUTEBOL BRASILEIRO.....	336
6.1. MARIO E JOÃO.....	336
6.2. PRIMEIRO TOQUE: A CENA E A ÉPOCA.....	340
6.3. DE ALEGRETE AO RIO DE JANEIRO.....	341
6.4. CARACTERÍSTICAS DE UM TEMPO.....	352
6.5. O FEIJÃO COM ARROZ DE JOÃO.....	361
6.6. MALANDRAGEM DE MAIS ESTRAGA: ENTRE APOLO E DIONÍSIO	363
6.7. A SELEÇÃO BRASILEIRA	372
CONCLUSÃO.....	387
PESQUISA.....	392
BIBLIOGRAFIA.....	397

LINHA DE PASSE - AQUECIMENTO

Antes de qualquer partida de futebol mais ou menos organizada, os jogadores percorrem um ritual conhecido: após a entrada em campo, saúdam a torcida (quando há torcida) e conversam com a imprensa, trio de arbitragem (quando estes personagens estão presentes) etc. Prosseguindo o que em tese já deveria ter sido iniciado no vestiário: o aquecimento com e sem bola.

Às vezes, aparecem jogadores fazendo malabarismos com a bola, em certos casos numa linha de passe requintada e circense. O time do Botafogo de 1958 tinha a famosa *Turma da Firula* que fez nome na Europa em amistosos do time da estrela solitária. João Saldanha contou estas passagens saborosas em *Os Subterrâneos do futebol*¹ dentro daquele seu estilo clássico de narrador do coloquial. No capítulo quinto desta tese, daremos cores vivas às histórias da *Turma da Firula*: Ronald, Neivaldo, Rossi, Tião Macalé e o goleiro Adalberto, com quem conversamos e de quem ouvimos novidades sobre essas passagens.

De volta ao aquecimento e à linha de passe, é assim que, lentamente, aumentam a concentração e a oxigenação dos jogadores. Até que os 22 se alinham para o pontapé inicial.

Uma tese de pós-graduação, tal qual uma partida de futebol, é uma narrativa com várias linguagens. Várias opções de temas, períodos, recortes geográficos e caminhos teóricos-metodológicos. As escolhas têm motivações variadas: de natureza afetiva, política, de experiências vividas e, muitas vezes, uma mescla disso tudo.

Nesta linha de passe e aquecimento ligeiro, acenaremos com as temáticas, linguagens e ideias escolhidas. Indicaremos os caminhos e localizações no mapa-múndi da bola, bem como citaremos alguns pais fundadores dos marcos teóricos pinçados.

¹ SALDANHA, João. *Os Subterrâneos do Futebol*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980. p.136-137.

OBJETIVOS CENTRAIS DA TESE

No decorrer de vários anos de leituras e intervenções práticas, foram recolhidos ideias e eixos temáticos, alinhavados e sistematizados na troca de passes entre a arte do futebol brasileiro e seus principais *narradores*, a partir dos conceitos de hegemonia, sociedade civil e intelectual orgânico em Gramsci. Paralelamente, captou-se o narrador em Walter Benjamin e a sua visão sobre a modernidade. A tese irá girar basicamente ao redor desses pontos.

Tudo isso em Cenários e Personagens em décadas distintas, em espaços geográficos não necessariamente iguais ou limítrofes, mas capazes de dialogar através dos temas escolhidos.

Cenários e personagens que percorrem uma trajetória iniciada na Inglaterra na segunda metade do século XIX, desaguando no Brasil em meados da década de 1960.

Faltando quinze minutos e poucas linhas para o início do jogo, nos apressamos em imprimir maior velocidade e objetividade ao toque de bola. Na perspectiva mesmo da narrativa de Graciliano Ramos para quem as palavras foram feitas para dizer e não para enfeitar. E no estilo de Didi, encurtando o campo e tentando descobrir clarões na penumbra do *ferrolho suíço*.

O contraponto destes conceitos com o futebol: até onde Gramsci e Benjamin podem contribuir na elucidação do papel do futebol na sociedade brasileira, mais especificamente na sociedade carioca? Não se trata de adaptar o futebol a estas ideias, a estes conceitos. E, sim, trabalhar a interseção do objeto-futebol com o pensamento gramsciano e benjaminiano. E não apenas destes dois autores. Eric Hobsbawm, E.P.Thompson, Gilberto Freyre e Caio Prado Jr., sem esquecer os demiurgos do futebol brasileiro, jornalistas, técnicos e jogadores. Mas estes serão apresentados com vagar, no percurso dos capítulos, sempre que os Cenários exigirem e o enredo da trama chamá-los ao campo.

No futebol, encontramos janelas privilegiadas para observações de questões como hegemonia e narrativa na sociedade civil.

Os conceitos e a teoria não devem ser entendidos como universos fechados, avessos a novas contribuições e atualizações. No curso da História as obras de autores no campo do pensamento social devem dialogar, obrigatoriamente, com as

imposições de uma realidade mais complexa, multifacetada, processo inevitável quando a vida segue e as sociedades mudam.

Estes autores dialogando com o mundo do futebol em Cenários situados nas encruzilhadas da História desse esporte compõem o pano de fundo da tese ora apresentada.

Os Cenários em tela, trabalhados dentro de uma proposta de periodização, à luz da abordagem de Francisco Iglesias:

Todo texto historiográfico parte de uma periodização. Ela deve servir de baliza para desenvolvimento do tema, não mais. Se a história não é data, como supunha visão ingênua, decerto sua categoria essencial é a de processo, que tem de levar em conta certas datas, indispensáveis como referencial de todo trabalho.²

Na vinculação estreita entre os cortes temporais, espaciais, como método que, não engessando o historiador, permite um diálogo entre o particular e o universal, a apreensão da totalidade, como grifou Marc Bloch: *“A ciência não decompõe o real senão a fim de observá-lo melhor, graças a um jogo de fogos cruzados cujos raios constantemente se combinam e se interpenetram”*.

O futebol como cultura popular (em processo de consolidar-se como paixão e arte), desempenhando um papel de contra-hegemonia e contra-alienação possível, fragmentado e contraditório.

Futebol, peça importante na guerra de posição cultural e política, criando e abrindo espaços nos aparelhos privados de hegemonia.

Das décadas do aparecimento dos Esportes Modernos na Europa (segunda metade do século XIX) ao despontar dos principais narradores e intelectuais orgânicos do futebol brasileiro (de 1940 a 1970). Neste entorno trabalharemos nossas hipóteses centrais. Transitando pelas décadas de 1920, 1930 e 1940, no Rio de Janeiro, abrindo caminho para personagens emblemáticos como Dori Kürschner, João Saldanha, Neném Prancha e tantos outros *Apolos* e *Dionísios* imperfeitos que, junto com os peladeiros, inauguram através do futebol uma nova linguagem estética, oral e escrita na modernidade da capital federal brasileira.

² IGLESIAS, Francisco. *Trajetória Política do Brasil (1500/1964)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 9.

Pensamos que o universo das agremiações esportivas e grupos de pelada – novas expressões cunhadas pela imprensa esportiva – e o que denominamos de Queda da Bastilha dos clubes aristocráticos são elementos que se aproximam dos chamados aparelhos privados de hegemonia. Da sociedade civil, conforme denominou Antonio Gramsci.

Da mesma forma, entendemos o narrador benjaminiano como terreno fértil para interpretar o significado de homens como João Saldanha, Neném Prancha e Didi.

O movimento pendular de hegemonia e contra-hegemonia pode ser identificado claramente no alvorecer do futebol na Inglaterra e em seu trajeto no Brasil. Hegemonia entendida como complexo dinâmico, aproximando-se da noção de visão de mundo e da cultura em sociedades contemporâneas.

Em *O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte*, Marx nos fala através da análise de uma conjuntura política específica (França, meados do século XIX), dos homens fazendo história, ressaltando que “não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado”³

Esta célebre frase tem merecido ao longo dos tempos observações pendulares, ora grifando a ação do homem na tecedura da História, ora carregando nas tintas nos balizamentos das estruturas.

Quando analisamos uma vertente de História Social, as circunstâncias em que os homens realizam suas opções de destino aparecem necessariamente nas encruzilhadas conjunturais em cujo interior as estruturas se transformam. Como analisou Francisco Weffort:

... Parece-me inteiramente evidente que a análise histórica não pode ser reduzida ao jogo de supostos automatismos estruturais. Antes pelo contrário, a explicação histórica requer, em especial quando se trata de um movimento social, a análise das conjunturas nas quais o movimento social realiza suas opções. Não se trata de modo algum de uma tentativa de desqualificar a importância das condições estruturais, mas simplesmente de reconhecer que elas

³ MARX, Karl. *O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte*. In Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1978. p. 329.

não se atualizam na história senão ao nível das conjunturas. É este, portanto, o único nível em que podem ser eficazes para a explicação histórica.⁴

E será exatamente neste redesenho de Cenários que pretendemos identificar alguns momentos importantes de atualização e afirmação do futebol brasileiro, sob a batuta de personagens que decididamente fizeram a diferença.

Porque não podemos esquecer que em vários momentos da história a ação direta do homem decide o jogo para um lado ou para o outro. São as encruzilhadas nas quais as estruturas socioeconômicas encontram-se em ebulição e não têm um destino pré-definido. Aos 44 minutos do segundo tempo, jogo parelho, a bola sobra limpa no meio-campo. Neste momento quem pode decidir é o craque. Como em alguns Cenários que escolhemos nesta tese nos quais craques decidiram a parada.

Escrever sobre futebol exige a tentativa de um texto leve, em sintonia com o que existe de magia neste esporte, em harmonia com o riso e a ironia de seus chistes mímicos. Nas trilhas de Bakhtin e Lefebvre. Com o linguajar simples dos cronistas da vida urbana. De Sérgio Porto, Lima Barreto e João do Rio.⁵

Sabemos ser apenas uma tentativa, uma utopia a ser perseguida. Mas, brindada quando, em um parágrafo ou outro do texto, transforma-se em realidade, em meio a um cipoal de hipóteses e citações.

Uma frase de Neném Prancha definindo Didi, uma máxima do futebol brasileiro, resume o que pensamos: “Jogador é o Didi. Ele joga como quem chupa laranja”. A simplicidade do autor e do personagem. Didi, gênio da “Folha Seca”, transformava as dificuldades mais complexas em um simples toque. Neném Prancha, em poucas palavras, traduziu o meio-campista do Botafogo e da Seleção Brasileira.

Mas como dizíamos, os caminhos de uma tese têm escolhas motivadas por questões diversas: políticas, teóricas, aventurescas, quase sempre uma mescla de todas essas variáveis.

⁴ WEFFORT, Francisco. *Origens do Sindicalismo Populista no Brasil*. São Paulo: Cadernos CEBRAP, 1974, p. 69.

⁵ PORTO, Sérgio. *As Cariocas*. Rio de Janeiro: Agir; 2006. ANTELO, Raul (org.). *A Alma Encantadora das Ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997; Lima Barreto. *Toda Crônica*. Vol.2: 1919 – 1922; Beatriz Resende e Rachel Valença (org.). Rio de Janeiro: Agir; 2004.

Sabemos que a melhor memória é a que vem do afeto, quase sempre da infância. Antonio Gramsci, uma de nossas principais referências, sempre grifou a importância das paixões nas análises sociais e políticas. Antes de abriremos formalmente a Introdução ao objeto escolhido, tentaremos responder a esta pergunta, na certeza de que, nos atalhos da vida, encontramos com segurança bússolas e placas indicativas para responder a esta e outras questões.

Sentindo que nesta linha de passe e aquecimento ainda estava faltando algo de importante, decidimos prolongar um pouco mais a conversa em um bate-bola com um bom amigo e talentoso historiador.

Quando ultimava os preparativos para mergulhar nesta opção de tese panorâmica, tomei o devido cuidado de ouvir os conselhos de alguns amigos e colegas que complementaram o que foi dito por ocasião da Qualificação.

Um deles, o professor Marcelo Proni, autor, entre vários outros trabalhos, de um clássico do tema, *A Metamorfose do Futebol*,⁶ carinhosamente acendeu o sinal amarelo, me dizendo em *e-mail* providencial:

Creio que você deveria fazer uma tese mais concisa. Me explico: você vai abordar muitos temas, distintos períodos históricos, fica difícil dar conta de apresentar todos os cenários e atores relevantes, e ainda mostrar as conexões ou nexos de sentido.

Corre o risco de produzir uma colcha de retalhos (claro, lindos retalhos, porque você escreve muito bem e sabe manter o leitor interessado).

Talvez você tenha escolhido escrever uma tese que se limita a percorrer certos fragmentos do cotidiano e deixar ao leitor a tarefa de montar um quadro (entre as diferentes interpretações possíveis).

De qualquer forma, tenho a sensação que os quadros ficarão incompletos, propositadamente inacabados para levar o leitor a preencher lacunas.

Você deve ter percebido que meu estilo de escrever é mais “moderno”, isto é, segue uma linha de argumentação e um plano de viagem.

O seu estilo é mais arriscado, mais criativo, mais “pós-moderno”, não tem a pretensão de conduzir o leitor, ou melhor, permanece

⁶ PRONI, Marcelo. *A Metamorfose do Futebol*. Campinas: Editora da Unicamp, 2000.

aberto para várias possibilidades de leitura e reflexão (inclusive, os capítulos poderão ser lidos sem seguir uma ordem rígida).⁷

Acertou na mosca o sempre amigo Marcelo, botafoguense de boa cepa (de Ribeirão Preto, é bom frisar senão ele fica bravo), com um olhar generoso para as coisas da vida. Melhor dizendo, atirou no que viu e acertou no que não viu.

De fato, não pretendo apresentar todos os Cenários e Personagens relevantes e ainda mostrar as conexões e nexos de sentido. E não apenas como decorrência de ter optado por trabalhar períodos históricos distintos.

Seria pura e simplesmente impossível. E digo mais, impossível mesmo que tivesse optado por analisar, por exemplo, apenas o ano de 1933 (profissionalização do futebol brasileiro) ou a Copa de 1950, como no brilhante trabalho de Paulo Perdigão, *Anatomia de uma derrota*. Não conheço um caso em que as conexões ou nexos de sentido tenham fechado o círculo analítico. A não ser à custa da simplificação e da tautologia metodológica.

A opção por períodos distintos em espaços geográficos diferenciados foi a melhor para discorrer sobre os caminhos do futebol brasileiro que consideramos relevantes. São em suas encruzilhadas históricas que as estruturas se corporificam em ações humanas.

Creio, tal qual Paulo Freire, que é sempre mais adequado deixar para o leitor o preenchimento de lacunas de quadros propositalmente inacabados. Nos quais as linhas pontilhadas já indicam os croquis dos sentidos ditos e reditos. Para isso, no sentido mesmo do rigor metodológico, nada melhor do que uma bela colcha de retalhos. Como o caleidoscópio de Baudelaire. Assim trabalharam Benjamin, Gramsci e Thompson, por exemplo.

E quanto à possibilidade mencionada de os capítulos serem lidos sem uma ordem rígida, ficaria de fato muito feliz, caso consiga imprimir ao texto esta qualidade e leveza, embora não tenha tal pretensão.

E sobre as conexões e nexos de sentido aludidos por Proni, recorro à mediação entre História e ficção levada a efeito por Octavio Ianni, lastreando a metodologia adotada:

⁷ Mensagem de Marcelo Proni enviada por e-mail a Raul Milliet Filho em 2008.

... Sim, cabe reconhecer que a realidade social não é evidente; muito menos transparente. Em geral, revela-se intrincada, contraditória, opaca ou mesmo infinita, dadas **às múltiplas e complexas articulações e hierarquias de nexos socioculturais**, político-econômicos e psicossociais que a constituem.

Diante da complexidade e da envergadura dos desafios postos pela realidade social ao pensamento, este é levado a desenvolver várias formas de taquigrafá-la. A maioria das narrativas, literárias, científicas e filosóficas está impregnada de figuras e figurações de linguagem, muitas das quais empenhadas em taquigrafar a complexidade, o contraditório, a opacidade ou o infinito do que parece ser a realidade. Dentre essas figuras e figurações, destacam-se as metáforas e as alegorias, tanto quando os conceitos e as categorias.⁸

Espero ter tido competência na escolha dos fragmentos do cotidiano que iluminaram no canto do rodapé o pé direito de toda a sala. De forma que o leitor se assuste quando vislumbrar o quadro interpretativo com seus módulos e pinceladas praticamente conformadas em uma imagem coerente. Um quadro quase completo.

Quanto ao leitor preencher as lacunas, Marcelo Proni tem toda razão: estes Cenários e Personagens ficarão incompletos propositalmente. Porque é o sentido maior da práxis gramsciana e benjaminiana, do movimento de hegemonia e contra-hegemonia: em momento algum as lacunas devem ser plenamente preenchidas. Nem mesmo quando a História é escovada a contrapelo.

O meu caro Marcelo talvez não consiga dimensionar como este seu *e-mail* me acrescentou, como um daqueles passes açucarados que deixam o atacante na pequena área sem goleiro e com a bola à feição.

Nem nas ciências exatas as linhas dos quadros geométricos são cobertas pela ponta do lápis. Seria o fim da História. Imagine um time ser condenado, como no mito de Sísifo, ao rebaixamento todo ano, depois de uma ou duas temporadas acachapantes. E olha que eu sou Botafogo e foram 21 anos e poucos dias de abstinência. Mas a vida seguiu e dias melhores vieram. Novos Cenários e novos Personagens como esses que escolhemos.

⁸ IANNI, Octávio. *Enigmas da modernidade-mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 220. (grifo nosso).

APRESENTAÇÃO

POR QUE O FUTEBOL?

Por vários motivos.

Para escrever com paixão sobre uma arte e paixão popular. Para descortinar, nas pegadas de Baudelaire, a criação literária (uma tese também é literatura) como uma luta, no sentido real e metafórico do termo. Lançando sobre a folha em branco, a golpes de esgrima e teclas, o que se tem a dizer.

Para reafirmar os pontos e ideias centrais que foram recolhidos ao longo da vida. Antes que eles escapem, fugidios e travessos pela linha de fundo.

Pela alegria e beleza de qualquer jogada de craque. Pela fruição do jogo. Ou como dizia Mario Filho: “pela necessidade do gozo”.⁹

Não há como evitar. Felicidade proporcionada pelos segredos e belezas do futebol. Paixão pelo tema. Alegria com o tema. Resgate do tema em seus pontos centrais, abrindo espaço para João Bosco e Aldir Blanc.

Eu aprendi que a alegria
De quem está apaixonado
É como a falsa euforia
De um gol anulado
(Gol anulado)

Nesta linha, reproduzo um parágrafo do crítico de arte Jayme Maurício, optando por correr riscos, jogando no ataque, com dois pontas abertos. Posto entender a vida-retângulo, preferindo a travessia de tentar aos passinhos miúdos e silenciosos dos que, pé ante pé, acabam esmagados pelas placas de sinalização, aos deslocamentos por caminhos que, de tão sólidos, despencam no abismo do ouro dos tolos e da teoria do medalhão.

Um momento em que me transformei num apaixonado, na linha que os artistas apreciam mais no crítico, que se expõe também como eles, como os três ‘P’ do sucesso de Baudelaire, junto aos artistas – Passional, Parcial, Político. Algo que faz com que o crítico participe

⁹ Crônica publicada no Jornal dos Sports em 12/9/1957.

do processo criativo e não seja um *outsider*. A minha feroz intervenção foi a melhor crítica e demonstração de interesse.¹⁰

A escolha do futebol vem de tempos. Das peladas em areia e terra batida para, anos depois, maturar o tempo das leituras. De crônicas, letras de canções, romances, poemas, desembarcando no ensino médio e na graduação em História com os primeiros textos teóricos. Das peladas aos livros e dos livros às peladas, sempre ouvindo com atenção os comentários dos maiores do rádio e da televisão. Comentários de jogadores e técnicos com quem tive o privilégio de conviver, sempre como ouvinte respeitoso, levemente atrevido. Momentos que a memória não apaga. Como mascote do Botafogo, aos 5 anos de idade, na vitória sobre o Fluminense por 6 x 2, final do Campeonato Carioca de 1957. Como esquecer?

A paixão pelo futebol vem de tempos, em caminhos comuns a todos que o elegeram. Do choro convulsivo após uma conquista de título pelo Botafogo em final renhida contra o América (3 x 2), três gols de Paulo César Caju, o decisivo no minuto final; ou de um título jogado na Praia de Copacabana, pré-adolescente, jogador limitado, magrelo, em time de amigos, com golpe de sorte de um gol lá do meio da rua, atrás da linha média adversária, goleiro aceitando.

O time de amigos: o Maravilha. O campeonato, composto por 15 equipes, era uma das alegrias da orla do Rio de Janeiro, reunindo beleza, ensinamentos, bom futebol, brigas quase sempre leais, fervilhando o calçadão e o pôr-do-sol. De Botafogo ao Leblon. De Copacabana ao Centro. Carnaval aos sábados, dia dos jogos mais disputados.

Lá Vai Bola, Dínamo, Real Constant, Lagoa, Ouro Preto, Radar, berços de Heleno de Freitas, Raphael, Tovar, Pirica, Júnior, Lula, Dadica, Geraldo “Gancho” (o maior craque da praia), celeiros de boleiros e histórias.

Campeonato que criou ou foi criado (quem saberá?) por outros, do Andaraí, do Confiança, do campeonato de favelas e seu eterno campeão, o Verão Vermelho. Do Aterro do Flamengo, Leopoldina, Ilha do Governador, Magé, trilhos de peladeiros. Perde-se a conta.

Tantos times, mas nenhum como o Maravilha, com o mito-condão de transformar, mesmo que por minutos-segundos, um magrelo esforçado em atento lateral direito, aos trambolhões entre mar e calçadão, como viajante na busca do

¹⁰ MAURICIO, Jayme. *Visão da Terra*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 1977. p. 113.

craque impossível. Maravilha lentamente cedendo espaço para a estrela do Botafogo, mas deixando suas marcas em quem desde cedo - praticando, vendo, fruindo - pôde perceber os encantos, grandezas e misérias deste esporte-paixão. Pôde brindar o encontro com o vinho capitoso do futebol, com as razões do seu potencial gregário e a singularidade de seus solistas, aprendendo os segredos individuais e coletivos deste jogo maior.

Tudo isto no clube de Garrincha, Didi, Nilton Santos, Quarentinha, onde fui descobrindo outros mestres: Gérson, Afonsinho, Jair, Paulo César Caju. Assim chegamos ao futebol como objeto, em percursos onde jogar e analisar caminharam colados, chutes e métodos inseparáveis.

Foi assim. Quando li Albert Camus, ouvi Chico Buarque, Lamartine Babo, Wilson Batista, Jorge Ben, Aldir Blanc, nada sou desconhecido. Foi encontro de parceiros, de paixão e razão. Entendimento na primeira leitura e audição. Trajetória pessoal (tolice pensar o contrário), como a bola nos pés do driblador, com incorporações futuras de Thompson, Sérgio Buarque, Benjamin. O caminho intelectual inseparável (no imaginário e no racional) dos primeiros jogos, vistos e jogados.

Vivências e leituras que, trançando passes, foram encontrar-se dentro do gol adversário, estufando a rede. Tal qual o narrador benjaminiano.

EXPERIÊNCIAS E AVENTURAS

Como aquelas vividas no Borel, Jacarezinho e Marechal Hermes.

Viradas de jogo e esquinas que podemos reter, quase passo a passo, recortando anos, bairros e motivos nos caminhos da bola.

Em 1974, há alguns anos militante da Ação Popular Marxista Leninista (APML), finalizando a graduação em História na PUC-RJ, ingressei na *frente política* em bairros populares no Rio de Janeiro. A estação primeira apontou para o legendário morro do Borel (Tijuca), palco das primeiras e vitoriosas lutas de resistência contra a remoção de favelas no Rio de Janeiro, ainda nos anos 50.

Logo depois, veio o Jacarezinho, favela de maior porte, encravada entre Maria da Graça e o Jacaré, entre as fábricas General Electric e Cisper.

No Borel, uma das primeiras medidas foi a criação de um posto médico e um curso supletivo. Professores e médicos utilizando como porta de entrada para um

trabalho político a educação e a saúde. Como pano de fundo, a inspiração romântica daquele personagem do *professor* de *Os Companheiros* (1963), filme de Mario Monicelli, interpretado por Marcello Mastroianni, coadjuvado por Renato Salvatore e Annie Girardot.

De fato, um curso supletivo e um posto médico batiam em cheio nas demandas primárias da população local. Deu certo. A integração com os moradores foi quase imediata, o difícil viria depois.

Em setembro de 1974, esquentavam os preparativos para o campeonato de futebol das favelas da cidade do Rio de Janeiro, criado em 1963. E o Borel, vale lembrar, *terra natal* de Carlos Alberto Pintinho e outros jogadores talentosos, berço do *Verão Vermelho*, melhor time das favelas cariocas. Em todos os quesitos.

As reuniões da comissão organizadora do campeonato aconteciam sempre na Associação de Moradores do Borel. A pipa ia ganhando cada vez mais linha quando veio o convite mais ou menos inesperado: os professores e médicos estavam *intimados* a participar ajudando nos preparativos.

Conversa vai, conversa vem, inúmeras ideias na mesa, um punhado de tentativas a esmo, até que dois pontos revelaram-se pule de dez.

1 – As partidas finais do campeonato deveriam ter um comentarista oficial, que desempenharia sua função do alto de uma Kombi aparelhada com alto-falantes.

2 – Um craque escolhido para dar o pontapé inicial nos últimos jogos.

O caso do comentarista ficou logo resolvido. Convite feito, convite aceito. João Saldanha seria o comentarista. E não pensem, senhores da banca, que o fato de João ser tio deste doutorando ajudou em alguma coisa. Topou e toparia de qualquer maneira, com entusiasmo e olhar atento ao jogo e às mulatas.

Na questão do craque é que o motor quase enguiçou. Vetos pelo time, gente viajando, idiossincrasias pessoais, muita gente opinando, até que o próprio Saldanha desempatou a contenda. Nilton Santos. A escolha foi aceita com entusiasmo. Quase unanimidade, tirando um chato ou outro que sempre aparece.

Em uma das últimas reuniões preparatórias do campeonato, apareceu João Saldanha com seu fusquinha azul e seu uniforme de sempre: calça jeans e camisa branca. Manoel Lyra, presidente da Associação do Borel, *partidão* antigo, conhecido de bar e *aparelho* de Saldanha, não pestanejou. Ligou no volume máximo os alto-falantes da sede, anunciou a presença do próprio e *chamou o comentário*. Três ou

quatro minutos depois da popular saudação *Meus amigos*, não sobrava lugar na sede que botava gente pelo ladrão.

O alcance da aparelhagem de som atingiu a pelo menos metade dos 20 mil moradores do Borel, que ouviram aquele papo de futebol, botequim, política e samba.

No jogo final, Saldanha comentou a partida em cima de uma Kombi e o campo da rua São Miguel, que separa os morros do Borel e da Formiga, foi palco de um jogo catimbado. Muitas jogadas ríspidas e 2 x 2 no tempo regulamentar. Prorrogação e, nos 15 minutos finais, dois gols de *abafa* deram o campeonato ao time de *Vigário Geral*, desbancando o favoritismo do campeoníssimo *Verão Vermelho*.

Dali em diante, os professores de História, Português e Geografia praticamente foram instados a incorporar temas que a rigidez de um marxismo esquemático e doutrinário não permitia: futebol, samba, dança, culinária e congêneres.

Além do próprio Saldanha, que despertou o interesse geral fazendo em uma de suas palestras uma tabelinha entre as leis do futebol e as conquistas sindicais no Brasil e na Europa ocidental, não há como deixar de lembrar-se de Manoel Mauricio de Albuquerque, homem generoso, valente e refinado, grande mestre e historiador de brilho próprio.

Maneco foi precursor na arte do encantamento dos alunos. Manejava, com a destreza dos ourives do pensamento, paralelos inesquecíveis em torno de temas como a Revolta da Chibata, mercantilismo e tantos outros, em contraponto com as ruas de Machado de Assis e João do Rio e os solos de Piazzolla e os enquadramentos de Bertolucci.

No centro de tudo isso, passou a figurar o futebol. Não apenas nos cursos do Borel, mas no Jacarezinho e na Companhia de Comércio e Construções (fábrica de vagões) em Marechal Hermes. João Saldanha e Nilton viraram figurinhas fáceis. Chegava a ser emocionante ver a simplicidade desses dois na convivência com alunos e moradores.

Com pitadas de *cascatas*, o futebol passou a ser um dos principais pontos de convergência desta convivência político-pessoal. Com ou sem *cascatas*, é bom que se diga, mas sem estas últimas qualquer conversa de boleiros e peladeiros perde muito.

Principalmente no Jacarezinho, o *racha* entre professores e alunos passou a ser de lei nos finais de semana, seguido por um *chá-cachaça-dançante*, com direito a bate-coxa e pisadas nos pés das alunas. Nilton revelou-se imbatível como pé de valsa, quase tão bom na condução de uma dama ao som da gafeira como com uma bola nos pés. Acho que o Afonsinho também é assim.

Dribles e passes de gafeiras, encurtando, atalhando com uma *caneta* a prosa política, despida daquela cantilena a que Thompson tantas vezes se referiu em suas críticas abertas ao doutrinário:

Ou ainda, para dar mais um exemplo, os intelectuais sonham amiúde com uma classe que seja como uma motocicleta cujo assento esteja vazio. Saltando sobre ele, assumem a direção, pois tem a verdadeira teoria. Essa é uma ilusão característica, é a “falsa consciência” da burguesia intelectual. Mas, quando semelhantes conceitos dominam a inteira *intelligentsia*, podemos falar de “falsa consciência”? Ao contrário, tais conceitos terminam por ser muito cômodos para ela.¹¹

Depois desse e de outros episódios, quem ousasse posar de motociclista da emancipação do proletariado levaria um *chega pra lá* dos personagens aludidos. E nisso, a cultura popular, mais especificamente o futebol, visto sem idealismos e perspectivas *naturalizantes*, foi o divisor de águas.

Vida seguindo, outros cenários e outros personagens são paradas obrigatórias nesta *panorâmica* de *por que o futebol?*

Dois anos, dois projetos distintos dos quais tive o privilégio de participar.

Em 1983, o Projeto Memória do Esporte Brasileiro, parceria do Ministério da Educação e Cultura, Universidade Candido Mendes e Fundação Roberto Marinho. Uma iniciativa pioneira em uma época em que poucos estudavam o futebol nas Ciências Sociais. Dentre eles, Roberto da Matta, José Sebastião Witter, Joel Rufino dos Santos e Ademir Gebara.

O *Memória do Esporte* inicialmente voltou seu olhar para jornais do eixo Rio–São Paulo no início do século XX, em paralelo a uma série de entrevistas com personagens fascinantes, pautadas pela metodologia da História Oral.

¹¹ THOMPSON, Edward Palmer. Algumas observações sobre classe e falsa consciência. In: *As Peculiaridades dos Ingleses e outros artigos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. p. 281.

Marcos Carneiro de Mendonça, Flavio Costa, Togo Renan Soares (Kanela), Violeta Coelho Neto e vários outros. Foi um aprendizado com a prática acesa da paixão destas personalidades singulares.

Nos intervalos de tudo isto, foram realizados dois documentários de curta-metragem: *A Mulher no esporte brasileiro* e *Quem não faz leva, as máximas e expressões do futebol brasileiro* (fonte de inspiração do Capítulo V desta tese).

EM OFF

Do *Memória do Esporte* visualizo e retenho até hoje, quase apalpando seus ensinamentos, duas confidências, longe dos gravadores indiscretos da História Oral.

De Marcos Carneiro de Mendonça, no dia em que o conheci, ouvi as seguintes palavras, anotadas logo após ter saído de sua casa no Cosme Velho:

Sabe meu filho, daquela polêmica de Coelho Neto com Lima Barreto, penso que os dois tinham razão. Até hoje penso nisso. Cada qual gostava do futebol à sua maneira. Eram dois sonhadores. O Coelho Neto escrevia sobre um futebol que achava que existia. Lima Barreto opinava sobre uma forma de praticar esporte inatingível para qualquer estágio da História da humanidade.¹²

De Togo Renan Soares, o Kanela, não me esqueço de suas palavras proferidas em tom de discurso, tão sérias quanto meigas:

Fui treinador de vários esportes em grandes clubes. Waterpolo e basquete. Campeão mundial de basquete, mas posso te dizer que nenhuma modalidade tem a beleza do futebol. O fascínio do futebol. E sabe de onde vem isto? Da simplicidade. As coisas mais bonitas da vida estão nos semblantes mais simples e mais fáceis de serem entendidos.¹³

¹² Entrevista realizada pelo Projeto Memória do Esporte (Fundação Roberto Marinho; Universidade Candido Mendes e Ministério da Educação) em oito etapas, nos meses de setembro, outubro e novembro de 1985.

¹³ Entrevista concedida ao Projeto Memória do Esporte, em novembro de 1984.

Não esquecerei jamais destas palavras de Marcos e Kanela. Elas atravessam de ponta a ponta minha tese e minha vida. Têm a força do pensamento-síntese.

Até que, em 1986, veio o Programa Recriança, ancorado no sonho de democratizar no limite do possível a prática esportiva no Brasil.

O ano de 1986 foi decisivo. Marcou o início do êxodo de jogadores titulares da seleção brasileira para o exterior.

A ideia inicial do Projeto surgiu em 1986, junto a propostas de reformulação das diretrizes do Ministério da Previdência e Assistência Social (MPAS), tendo sido construída através de observações e análises de vários outros programas nesta mesma área, incluindo os existentes no próprio MPAS (LBA e Funabem). Tratava-se, na verdade, de buscar uma unificação de objetivos e estratégias que evitassem desta forma a prática de superposição de atividades.

As atividades esportivas tinham como objetivo primeiro o lazer e o processo de socialização, oferecendo às crianças e aos jovens de famílias de baixa renda a oportunidade da prática esportiva sempre negada pela organização clubística no Brasil.

Democratizar a prática esportiva e tentar combater as visões militarizadas do futebol, que partindo da seleção brasileira (1970) tinham alcançado as divisões de base e as próprias escolinhas dos clubes.

Traçamos como meta buscar um ponto de equilíbrio entre a liberdade pedagógica da *pelada* e os ensinamentos da educação física tradicional.

LÚDICA INFANTIL

O esporte no Recriança era voltado basicamente para o lazer e para a recreação, lançando mão do fecundo universo da lúdica infantil e infanto-juvenil de nosso país, respeitando a vontade e as características das diversas regiões brasileiras.

Organizado em núcleos, as experiências mais bem-sucedidas foram aquelas estruturadas em locais mais próximos às comunidades, contribuindo para a revitalização e recuperação de espaços ociosos ou abandonados, como praças e centros sociais urbanos, sempre em articulação direta com as escolas.

A força motriz do Recriança partiu de ideias que alguns segmentos têm repetido à exaustão ao longo das últimas décadas. A tese de que é necessário

investir prioritariamente no esporte de alto nível, objetivando através do exemplo dos ídolos e das vitórias expandir a base, é duplamente equivocada. Em primeiro lugar, porque sem a formação de uma estrutura não se pode pensar num desdobramento mágico, autônomo, de novos clubes e novas equipes. Por outro lado, em um país com os contornos sociais do Brasil, é um contrassenso definir como prioritário o apoio do Estado ao esporte de alto rendimento.

Cabe ao poder público, nesse setor da vida pública, investir onde sua ação possibilitar a criação de mecanismos de democratização da prática esportiva, da criação de novos empregos, além da multiplicação de programas complementares à formação escolar da criança de baixa renda. Todos os levantamentos realizados apontam para a subutilização das áreas esportivas existentes; áreas que, em sua maioria, demandam, quando muito, pequenas reformas com investimentos locais insignificantes.

Esta foi a opção de política social do Recriância, investindo a quase totalidade de seus recursos em custeio (professores, estagiários, pedagogos etc.), material esportivo e alimentação. Nunca é demais lembrar que investimentos no chamado esporte social têm uma capacidade de geração de empregos cinco vezes maior (custo per capita) do que no alto rendimento.

De 1986 a 1989, foram firmados cerca de 500 convênios, desdobrados em mais de 2.500 núcleos que atenderam a mais de 400 mil crianças e jovens no mínimo três vezes por semana. Além do esporte, complementação alimentar, apoio escolar e atividades culturais e profissionalizantes para a gurizada.

Neste universo, que ia de Pelotas (Rio Grande do Sul) a Codó (Maranhão), observei no dia a dia a profundidade do potencial criador do futebol na cultura brasileira. Alguns levantamentos realizados mostraram que a escolha dos núcleos indicava uma preferência de, no mínimo, 80% dos meninos pelo futebol; e, já naquela época, um percentual de 30% entre as meninas. Um rastilho de pólvora desta forma singular da identidade cultural nacional.

NEM OITO, NEM OITENTA OU NEM APOLO, NEM DIONÍSIO

A grandeza da História do futebol brasileiro pode ser identificada na interseção de Apolo com Dionísio. Do futebol-arte com a moderna técnica e

preparação física. Mas fugindo sempre de uma visão taticista e quase robotizada do futebol. Militarizada, que subordina o talento aos ditames de uma visão tecnicista.

Inspirado nessas ideias, o Recriança começou a engatinhar, embora respeitasse a opção dos gestores municipais.

Como deveria ser a pedagogia de um Programa de Esportes voltado para a meninada?

A perfeição é a meta do artista. Do craque. Do atleta do esporte de alto rendimento. E a pedagogia do craque é outra, bastante diferente do que deve ser a pedagogia da meninada.

Prezado amigo Afonsinho/ eu continuo aqui mesmo/
aperfeiçoando o imperfeito/ dando tempo/ dando um jeito/
desprezando a perfeição/ que a perfeição é uma meta/ defendida
pelo goleiro/ que joga na seleção e eu não sou Pelé nem nada/ se
muito for sou um Tostão/ fazer um gol nesta partida/ não é fácil, meu
irmão.

(*Meio-campo*, Gilberto Gil)

A pedagogia da meninada não deve estar voltada para revelar o craque, sob pena de elitizar a prática esportiva, separando os que têm jeito dos que não têm, liquidando com tudo o que pensamos. Impossibilitando a troca e a convivência do grupo, do trabalho coletivo. É o que fazem as escolinhas dos clubes de futebol. Peneiras de talento e raladores de uma pedagogia participativa.

Em um núcleo do Recriança ou de qualquer outro projeto similar e na própria escola, o esporte deve ser a antiescolinha.

Ensinar as modalidades, sim. As regras. As táticas. Mas abrindo o leque para que as regras do jogo possam ser mudadas, discutidas. Aprendizado de democracia. Como ensinar também que, depois de um jogo iniciado, tempo e regra combinados, mudar no meio não é correto. E que perder e ganhar faz parte do jogo. Existe melhor lição de democracia para uma criança, para um jovem do que em um jogo, aceitar a derrota, participar, debater as regras e mudá-las se for o caso?

E a lição do coletivo, onde o “fominha” (a não ser quando é um fora de série) que quer resolver tudo sozinho quase sempre se dá mal?

Melhor do que tudo isso, só a lição da pelada: no vôlei, no basquete e no futebol, onde, aí sim, vale mudar na hora, testar, desconstrair, criar no imediato. Nada melhor. Que o digam os peladeiros. Mas também não podemos cair no lado oposto. No doutrinário que ceifa a competição, o jogo contra, a alegria da garotada.

Houve um núcleo no Rio de Janeiro onde a evasão das crianças foi grande. Fomos ver o porquê. Motivo: o professor não dava *pelada para estimular a competição, porque isso é coisa de uma sociedade de classes*. E ficava somente na recreação, onde ninguém podia competir com ninguém. Quem foi vencida, no caso, foi a pedagogia do professor, que na hora do pênalti parava para debater (corta barato) o porquê dessas regras autoritárias. Não levou em conta a realidade do aluno, nem partiu dessa realidade para mudar alguma coisa. Partiu só da cabeça dele. Do que ele pensa.

Nem oito, nem oitenta.

Neste ponto encontramos as raízes do bailado e da síncopa de um Garrincha, um Maradona, um Pelé e um Romário. Do que Gilberto Freyre aludiu no clássico texto que escreveu para prefaciar *O Negro no futebol brasileiro*, de Mario Filho, referindo-se à molecagem baiana, capoeiragem pernambucana e malandragem carioca, como *resíduos* que levaram o futebol brasileiro a afastar-se...

...do bem ordenado original britânico para tornar-se a dança cheia de surpresas irracionais e de variações dionisiacas que é. A dança dançada baianamente por um Leônidas; e por um Domingos, com uma impassibilidade que talvez acuse sugestões ou influências ameríndias sobre sua personalidade ou sua formação. Mas, de qualquer modo, dança.¹⁴

Pôde ser apreendida a importância da liberdade da pelada para o bailado peculiar ao estilo brasileiro de jogar futebol, observando, convivendo, mais ou menos de perto, com os 2.500 núcleos do Recreio. Liberdade mediada pela disciplina.

Foi assim, na prática viva de centenas de professores e milhares de meninos e meninas, que visualizamos o ponto de equilíbrio entre a *santa* liberdade da pelada e a importância da educação física. Entre Apolo e Dionísio. Na inspirada frase de

¹⁴ FREYRE, Gilberto. Prefácio. In: FILHO, Mario. *O Negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

Dino Sani sobre Pelé e Garrincha: *A diferença entre Pelé e Garrincha é que Pelé é um artista de teatro e Mane é um artista de circo.*

No ponto de convergência do circo e do teatro está o segredo do futebol brasileiro.

Lembrando João Cabral de Melo Neto, que disse ser a disciplina libertadora para seu exercício de poeta. E o próprio Gilberto Freyre, naquele mesmo prefácio, quando, mencionando Domingos da Guia e Machado de Assis, apolíneos entre dionisíacos, ressaltou a vitalidade desta fusão de Apolo com Dionísio. Daí vem o estilo da escola brasileira de futebol.

Este aprendizado no Recriância foi mais um lance na escadaria da escolha deste objeto de tese, sempre recorrente em minha vida.

MARX E MACHADO

E assim, revisitando o passado sem saudosismos (como disse Paulinho da Viola: *eu não vivo no passado, o passado é que vive em mim*), com os pés sempre fincados no presente, fugindo de interpretações românticas e idílicas do futebol brasileiro (*tudo é arte, malandragem, a técnica é secundária*). Ou de visões tecnicistas – do tipo: *o que importa é o treinamento físico e os fundamentos. Garrincha hoje não teria espaço para jogar* – lembramos de duas páginas seminais para a filosofia contemporânea. São 11 teses, nas quais a realimentação passado-presente é central. Por acaso, 11.

As *Teses contra Feuerbach*, onde Marx supera duas unilateralidades opostas: a do materialismo e a do idealismo, negando qualquer possibilidade (Tese II) do pensamento isolado da práxis, de separação de sujeito e objeto. Pensamento e vida, aqui entendida como ação concreta:

A questão se cabe ao pensamento humano uma verdade objetiva não é teórica mas prática. É na práxis que o homem deve demonstrar a verdade, a saber, a efetividade e o poder, a ceterioridade de seu pensamento. A disputa sobre a efetividade ou não-efetividade do pensamento - isolado da práxis – é uma questão puramente escolástica. (tese II)¹⁵

¹⁵ MARX, Karl. *Teses contra Feuerbach*. In: Os Pensadores. São Paulo: Editora Abril, 1978. p. 51.

Em 11 teses, duas páginas, uma síntese vigorosa do pensamento, contendo hipóteses centrais para o desenvolvimento do que viria a ser a filosofia da práxis.

Filosofia da práxis que nos remete a outros dois autores, Gramsci e Benjamin, bateleiros da História, pontos de convergência para o desvendar do mundo do futebol.

Filosofia da práxis explicitada com a precisão e alquimia de Machado de Assis em *Helena*:

Demais, a política é ciência prática; **e eu desconfio de teorias que só são teorias.** Entre primeiro na Câmara; a experiência e o estudo dos homens e das coisas lhe designarão a que lado se deve inclinar.¹⁶

Mundo do futebol, onde teoria e prática, como em todos os campos da atividade humana, não podem ser separadas.

¹⁶ ASSIS, Machado. Helena. Biblioteca digital Mec. In: *Obra completa de Machado de Assis*. Vol. 1. Capítulo VII. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. (grifo nosso).

INTRODUÇÃO

O objeto desta tese de doutorado não é apenas um esporte. É arte e paixão popular – o futebol brasileiro, sedimentado por uma “escola,” que só encontra encantos semelhantes em nossos vizinhos do Sul; particularmente, a Argentina.

Da chegada do futebol no Brasil, em 1894,¹⁷ pouco após a abolição da escravidão, até a sua profissionalização, em 1933, alguns marcos foram fincados na cultura do país.

O primeiro refere-se a um esporte que, recém-regrado na Inglaterra, ultrapassou os muros dos clubes aristocráticos para transformar-se em um dos componentes da nação brasileira, dentro do que Benedict Anderson conceituou como “Nação, comunidade política imaginada”.

Um esporte inglês que, desembarcado no eixo Rio-São Paulo em malas europeias, em um curto espaço de tempo foi reinventado e incorporado pelas classes populares brasileiras, consolidando-se, ao lado do samba, como um dos pilares centrais de nosso Estado-Nação, da autoestima de uma população.

O futebol, responsável pela queda da Bastilha dos clubes de elite, tecendo uma relação mítica na qual a torcida incorpora o clube, agora time.

O futebol brasileiro em plena *Zona do Agrião*,¹⁸ compondo através de sua História cenários que, analisados, revelam uma “escola”, estilo de jogo, cujo significado é maior do que a partida presenciada no retângulo de dimensões oficiais ou nos campos de pelada, características que pretendemos reter, ultrapassando as quatro linhas, reais ou imaginárias. Um estilo de jogar diferenciado; que se por um lado não pode ser idealizado e naturalizado, por outro não pode ser esquecido como uma marca própria da cultura nacional.

Analisar o futebol no Brasil, através de apontamentos sobre o futebol brasileiro dentro de uma relação dialética continuidade/superação, pontilhando

¹⁷ José Moraes dos Santos Neto, em *Visão do Jogo: primórdios do futebol no Brasil*, desenvolve interessante polêmica, afirmando que foram os jesuítas, em escolas paulistas, os introdutores do futebol no Brasil. Este tema será abordado no segundo capítulo da tese.

¹⁸ Expressão popular, utilizada por Orestes Barbosa na crônica *A cara dos nossos bairros*, em *A Notícia*, de 01/11/1923, para designar os bairros do Catumbi e do Mangue, zona de malandragem, valentia e perigo. Consta da biografia *Orestes Barbosa – repórter, cronista e poeta*, de Carlos Didier. Adaptada por João Saldanha ao futebol e à vida. Voltaremos a ela.

caminhos para investigar Cenários e Personagens desta arte popular nos métodos da História Social.

Do nascimento dos esportes modernos e do futebol em particular à sua recepção no Rio de Janeiro. Do aumento do número de clubes e da transição do amadorismo para o profissionalismo até a transformação do futebol em arte e paixão popular no Brasil.

O primeiro Cenário escolhido situa-se na Inglaterra, na segunda metade do século XIX, conjuntura de mudanças aceleradas dentre as quais o aparecimento do futebol. Os primeiros jogadores de futebol e os idealizadores de suas regras, os integrantes da *International Board*, são os personagens em tela.

O *desembarque* do futebol no Brasil, sua incorporação pela sociedade da Capital Federal e a dialética localismo x cosmopolitismo compõem o segundo Cenário. Em plano de destaque, Marcos Carneiro de Mendonça, figura emblemática da política e do esporte carioca. O *fitinha roxa*. Nos primeiros vinte anos do século XX.

O terceiro e quarto Cenários abordam dois temas: a multiplicação de clubes e espaços de lazer e a fusão do dândi e do *sportman*. De apolíneos e dionisíacos. Da síncopa e da cintura. Seu subtítulo, parafraseando Noel Rosa, “*é brasileiro, já passou de inglês*”. Seu principal personagem: o Clube de Regatas Vasco da Gama. Tudo nos 14 anos que separam a conquista do sul-americano de futebol, em 1919, até a antevéspera da adoção do profissionalismo, em 1933.

Em 1937, chega ao Brasil Dori Kürschner, um apolíneo que fez história. Húngaro de nascimento, introdutor do WM no país, técnico do Flamengo e do Botafogo, é o ponto de convergência do quarto Cenário e do pano de fundo da interseção entre apolíneos e dionisíacos. Kürschner é a síntese da trajetória da Escola Brasileira de Futebol, que só foi alçada à condição de arte popular quando a tradição do conhecimento científico no campo da educação física e da tática futebolística caminhou em sintonia com a síncopa e a cintura de nossos jogadores.

Quem não faz, leva. As máximas e as expressões do futebol brasileiro. O futebol brasileiro e a nova estética da palavra. Cronistas e frasisistas dentro e fora do campo. Personagens como Neném Prancha, Nelson Rodrigues, Gentil Cardoso e João Saldanha. A alvorada deste Cenário situa-se em meados da década de 1950. Anos de consolidação de um saber próprio de nossa cultura popular.

No último Cenário, as conquistas de 1958, 1962 e 1970. E a trajetória de um narrador benjaminiano típico, intelectual orgânico de nosso futebol: João Saldanha.

Nestes anos de Cenários e Personagens de relevo, apresentaremos cruzamentos estatísticos reveladores, indicativos da frequência do público aos estádios cariocas nos anos de 1916 a 1919. Em 1933, 1935 e 1936. Em 1944, 1949, 1950, 1951, 1952, 1956, 1957 e 1958. No ano de 1970. E de 1986 a 1996.¹⁹

Nos *Cenários e Personagens* escolhidos, buscaremos um diálogo permanente com narradores/demiurgos de nosso futebol que, através de sua verve e prosa, estabelecerão um vai e vem de efeito da vida para o campo e do campo para a vida. Da prática para a teoria. Nossos narradores, em verdade inspirados nos correlatos de Walter Benjamin, estarão presentes na espinha dorsal dos capítulos desenvolvidos.

Nossa opção de incluir estes narradores é uma *tentativa* de conferir à tese ora apresentada um toque de classe, possível apenas para o narrador sábio que pode dar conselhos porque tem como matéria a sua própria experiência. Porque com unhas e dentes ainda agarra o “lado épico da verdade” e a “faculdade de intercambiar experiências”.

A narrativa benjaminiana, que utilizaremos de forma aberta, não tem a preocupação de explicar detalhadamente os fatos, deixando para os acontecimentos a sua maior força, cultivando a magia do movimento e o inconformismo com as versões únicas e fechadas.

Inicialmente, desenhamos como opções para pesquisa e análise destes Cenários e Personagens do futebol brasileiro as cidades do Rio de Janeiro e São Paulo. Nesta linha, começamos o levantamento e identificação das fontes primárias e secundárias. Motivos alheios à nossa vontade (já se disse com toda razão que *há coisas que só acontecem ao Botafogo e aos botafoguenses* e este doutorando é um deles) obrigaram a uma depuração investigativa, restringindo o contorno geográfico ao Rio de Janeiro, remetendo a São Paulo apenas quando fosse indispensável metodologicamente.

¹⁹ Números pesquisados em atas da Liga Carioca de Futebol e em artigos do Jornal dos Sports. Foi como procurar agulha em palheiro. A imprensa só começou a noticiar público e renda nas fichas técnicas dos jogos por volta de 1965.

Outra fonte pesquisada: ASSAF, Roberto; MARTINS, Clovis. *Campeonato Carioca: 96 anos de História, 1902 – 1997*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1997.

I — OBJETIVOS E IDEIAS CENTRAIS

Conforme mencionamos na *Linha de Passe*, os objetivos centrais desta tese estão vinculados ao desvendar de alguns Cenários e Personagens do futebol brasileiro, à luz dos conceitos de hegemonia e sociedade civil em Gramsci e narrador em Walter Benjamin.

Cenários e Personagens como traços de união de um pano de fundo onde os temas não estão necessariamente próximos, cronológica e geograficamente, mas possuem uma unidade temática básica.

Cenários e Personagens que percorrem caminhos trilhados por autores nos quais nos inspiramos. Além de Benjamin e Gramsci, Hobsbawm e Thompson, em algumas de suas obras clássicas, lado a lado dos demiurgos do pensamento social brasileiro (conforme cunhou Antonio Candido), Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Jr.

DOS ESCRITOS DE WALTER BENJAMIN

Apresentados sob a forma do ensaio e do fragmento, buscamos a captura da realidade do homem no alvorecer da modernidade capitalista e a importância da narrativa.

De Antonio Gramsci – autor que pela força das circunstâncias de sua vida também escreveu a maior parte de sua obra em fragmentos – procuramos depreender a sua noção da luta política como instrumento para analisar a vida do homem em sociedade, aí incluídos os conceitos de Hegemonia e Sociedade Civil.

Benjamin em *Sobre o Conceito da História*,²⁰ bem como em outros textos, posicionou-se contra o social-evolucionismo e o pensamento mecanicista, vislumbrando novas possibilidades para a ação humana em campos até então inexplorados, tanto do ponto de vista teórico quanto na prática política cotidiana.

De sua teoria da narração a Baudelaire, passando por Proust, Kafka até a arte do *flâneur*, podemos desentranhar conceitos vitais para a contemporaneidade.

Gramsci, desde seus escritos na juventude, anteviu na cultura uma alternativa para romper com dogmas envelhecidos, valorizando a subjetividade na política. Da

²⁰ BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito da História. In: *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

mesma forma que Marx parte da mercadoria, Gramsci renova dialeticamente os clássicos através de sua teoria ampliada do Estado, que está diretamente vinculada ao conceito de sociedade civil e aos aparelhos privados de hegemonia.

Enquanto autores tradicionais concentraram suas análises – de acordo com o perfil das sociedades em que viviam – na sociedade política, Gramsci desloca o seu foco para o que ele denomina sociedade civil, composta pelo sistema escolar, sindicatos, igrejas, organizações comunitárias (incluindo clubes de lazer e esportivos) e os meios de propagação da cultura: jornais, rádio, folhetos etc.

FIO CONDUTOR – UNIDADE CONCEITUAL

Eric Hobsbawm em *Mundos do Trabalho; Trabalhadores; Pessoas Extraordinárias*, dentre outros livros, traçou panoramas instigantes sobre assuntos aparentemente distanciados e dispersos, mas com sólidos vínculos conceituais e interpretativos. Assim, entendemos que o método mais adequado para a apresentação de hipóteses sobre assuntos como o futebol foi exaustivamente trabalhado por Hobsbawm, manejando um quase imperceptível fio condutor, costurando questões metodológicas ao longo de capítulos pinçados de períodos e regiões sem vizinhança cronológica e fronteiriça.

Como Gramsci e Benjamin, que em escritos sob a forma de fragmentos revelam grande beleza poética no tratamento de questões aparentemente secundárias, mas certas no alcance da totalidade proposta em seus objetos.

Ítalo Calvino, prefaciando *Fazer um Filme*, de Fellini, exemplifica as ideias ora apresentadas:

... Fellini faz do cinema a sintomatologia da histeria italiana, aquela especial histeria familiar que antes era representada como um fenômeno essencialmente meridional e que ele, daquela região de mediação geográfica que é Romagna, redefine em *Amarcord* como o verdadeiro elemento unificador do comportamento nacional. O cinema da distância que nutriu nossa juventude transformou-se de maneira definitiva no cinema da vizinhança absoluta. Nos tempos restritos de nossas vidas tudo está lá, como uma presença angustiante; as primeiras imagens do Eros e a premonição da morte; o fim do mundo começou conosco e não dá sinais de que esteja para

acabar. O filme do qual tínhamos a ilusão de ser apenas espectadores é a história de nossas vidas.²¹

Poderíamos reescrever de várias maneiras algumas frases e ideias de Calvino:

A(s) partida(s) – ou jogo(s) – de futebol, das quais tínhamos a ilusão de ser apenas espectadores, são a História de nossas vidas.

O futebol da distância, que nutriu nosso passado, transformou-se de maneira definitiva no futebol da vizinhança absoluta.

Com a humildade do aprendiz, da mesma forma que Fellini identificou naquela histeria familiar que antes era representada como um fenômeno essencialmente meridional e que ele redefiniu em *Amacord* como verdadeiro elemento unificador do comportamento nacional italiano, pretendemos observar os traços constitutivos da identidade do futebol brasileiro através dos Cenários e Personagens elencados.

PESSOAS E PERSONAGENS EXTRAORDINÁRIOS

Eric Hobsbawm, em *Pessoas Extraordinárias (resistência, rebelião e jazz)*, adentra temas como a classe operária na transição dos séculos XIX para o XX; os camponeses no século XX; como o Bandido Giuliano e o jazz em Nova Orleans no pós-1930, “como um dos poucos desdobramentos no âmbito das artes maiores totalmente originado no cotidiano das pessoas pobres”.²²

No prefácio de seu livro, o autor britânico ressalta a singularidade das opções de seus caminhos metodológicos, em cujas vielas pretendemos transitar cuidadosamente:

Minha questão diz respeito, antes, a que, coletivamente, se não como indivíduos, esses homens e mulheres são os principais atores da História. O que realizam e pensam faz a diferença. Pode mudar, e mudou, a cultura e o perfil da história, e mais do que nunca no século XX. Essa é a razão por que dei o título a um livro sobre essas

²¹ CALVINO, Italo. Prefácio. In: FELLINI, Federico. *Fazer um filme*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p. 26.

²² HOBSBAWM, Eric. *Pessoas Extraordinárias (Resistência, rebelião e jazz)*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 8.

peessoas, tradicionalmente conhecidas como “peessoas comuns”, de Pessoas extraordinárias.

Elas não são “desprovidas de personalidade e banais”, como os crimes com os quais Sherlock Holmes encontra uma inusual dificuldade em lidar. Como são moldadas por seu passado e presente, qual a racionalidade de suas crenças e ações, como, por sua vez, modelam suas sociedades e história: esses são os interesses centrais de meu livro. **E espero que lhe dêem uma unidade temática básica.**²³

Nossos objetivos nesta introdução estão voltados para a busca de pistas como aquelas encontradas pelo autor de *A Era das Revoluções*, vislumbrando uma unidade conceitual entre temas cujos interesses centrais elucidem nossas hipóteses. Mesmo que não estejam, como via de regra requer e exige a *Academia*, circunscritos ou até mesmo confinados a uma ou duas décadas; duas ou três cidades ou bairros e ruas metropolitanas.

Optamos por percorrer esta trajetória, que tal como os flancos nos campos de futebol é o caminho mais simples para chegar ao gol, vencer a partida, elucidar o objeto, clarear a jogada e o texto.

FUTEBOL E HISTÓRIA SOCIAL: UM DIÁLOGO EM ABERTO

Um tema como o futebol brasileiro envolvendo *Cenários e Personagens* desta arte popular, deve ter sob mira e alcance permanentes certos aspectos mencionados por Hobsbawm ao discorrer sobre História Social:

O historiador das ideias pode (por sua conta e risco) não dar a mínima para a economia, e o historiador econômico não dar a mínima para Shakespeare, mas o historiador social que negligencia um dos dois não irá muito longe.²⁴

²³ Ibid., p. 8. (grifo nosso).

²⁴ HOBBSAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 87.

LINGUAGEM ESTÉTICA, ESCRITA E ORAL

No imaginário estão presentes os preconceitos, as heranças culturais, os sonhos e os elementos através dos quais os homens e as sociedades encontram seus pontos de reconhecimento. A História tem, na linguagem estética, escrita e oral, fontes de mediação e pesquisa para a investigação do homem na definição de seus destinos, mesmo com as limitações dos balizamentos estruturais.

Já se disse que toda História é História Contemporânea disfarçada, como também que a opção da neutralidade no ofício do cientista social deságua inevitavelmente em um estuário de floreios “analítico-parnasianos”.

Isto pode ser percebido através das previsões feitas pelos chamados ‘desapaixonados’, elas estão plenas de inutilidades, de minúcias sutis, de elegâncias conjecturais. Só a existência, em quem ‘prevê’, de um programa a realizar faz com que ele se atenha ao essencial...²⁵

E é o essencial, localizado na possibilidade da interseção do universal e do local, da objetividade e subjetividade, que buscamos na hegemonia, narradores e intelectuais orgânicos à luz do futebol brasileiro.

Isso tudo sem abrir mão do entrelaçamento entre a macro e a microhistória. Entre as estatísticas e o “encantamento” necessários a uma História Social do futebol. Não perdendo de vista o diálogo possível entre as fontes primárias e a ficção. Entre a realidade dos contadores de histórias (boleiros e peladeiros) e os textos jornalísticos e acadêmicos.

Nelson Rodrigues realçou reiteradamente a importância desses pontos para o desvendar dos mistérios do futebol e da própria vida:

Certo e brilhante confrade dizia-me ontem que ‘futebol é a bola’. Não há juízo mais inexato, mais utópico, mais irrealístico. O colega esvazia o futebol como um pneu, e repito - retira do futebol tudo o que ele tem de misterioso e patético. A mais sórdida pelada é de uma complexidade shakespeareana. Às vezes, num córner bem ou

²⁵ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 343.

mal batido, há um toque evidentíssimo do sobrenatural. Eu diria ao ilustre confrade ainda o seguinte: em futebol, o pior cego é aquele que só vê a bola.²⁶

E voltando a Hobsbawm, podemos abrir aspas para este seu diálogo inaudito com Nelson Rodrigues, dois autores de campos distintos do conhecimento, apaixonados por futebol:

Mas os aspectos sociais ou societais da essência do homem não podem ser separados dos outros aspectos do seu ser, exceto à custa da tautologia ou da extrema banalização. Não podem ser separados, mais que por um momento, dos modos pelos quais os homens obtêm seu sustento e seu ambiente material. Nem por um só momento podem ser separados das suas ideias, já que suas mútuas relações são expressas e formuladas em linguagem que implica conceitos no momento em que abrem a boca.²⁷

A investigação do tempo presente e a intervenção do historiador na contemporaneidade têm na paixão, na tomada de posição, na opção à não-neutralidade e na dialética, localismo e cosmopolitismo aspectos de relevo.

Nicolau Sevcenko, na abertura do Capítulo VII do volume III da *História da Vida Privada no Brasil*, adota uma citação proverbial:

Se você pretende compreender a sua própria época, leia as obras de ficção produzidas nela. As pessoas quando estão vestidas em fantasias, falam sem travas na língua.²⁸

E o que é um esporte, arte e paixão popular como o futebol, senão uma atividade humana *vestida em fantasia*? Jogos e brinquedos regrados que neste caso não perdem o seu componente lúdico e que podem revelar cenários e personagens da época contemporânea.

²⁶ RODRIGUES, Nelson. *À Sombra das Chuteiras Imortais*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 22.

²⁷ HOBBSAWM, Eric. *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 87.

²⁸ HELPS, Arthur. apud SEVCENKO, Nicolau. *A Capital Irradiante: Técnica, Ritmos e Ritos do Rio*. In: *História da Vida Privada no Brasil*. Vol. 3. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 514.

Nos deteremos na relação crônica-história que, analisada por autores como Antonio Cândido e Margarida de Souza Neves, aponta caminhos, visualiza o fio tênue desta fronteira transpassada de gêneros e abordagens. No centro, o olhar de Machado de Assis:

A história é uma castelã muito cheia de si e não me meto com ela. Mas a minha comadre crônica, isso é que é uma velha patusca, tanto fala como escreve, fareja todas as coisas miúdas e grandes e põe tudo em pratos limpos.²⁹

E será na fonte do autoproclamado *historiador das coisas miúdas* ou do *historiador da quinzena* que buscaremos pelas trilhas de Margarida de Souza Neves esta extraordinária síntese da função e do poder pedagógico da crônica:

Não é novo nada disso, nem eu estou aqui para dizer coisas novas, mas velhas, coisas que pareçam ao leitor descuidado que é ele mesmo que as está inventando.³⁰

O que existirá no futebol de singularidade para despertar sentimentos tão íntimos e próximos, encantando qualquer espectador, peladeiro ou craque, torcedores de instituições-mito como os clubes? Nelson Rodrigues nos dizia que:

A verdadeira, autêntica paixão clubística dá a sensação de que sempre existiu e de que sempre existirá. Eis a verdade: - ela escapa do tempo. O sujeito se sente como se já fosse torcedor em vidas passadas.³¹

As esquinas do futebol condensam este sentimento de eternização do passado de que nos fala Nelson.

Os segredos do futebol podem ser pinçados desde as origens deste esporte no estuário do que Gramsci, Bakhtin e Ginzburg desenvolveram em suas obras sobre cultura popular, hegemonia e circularidade cultural.

²⁹ ASSIS, Machado apud NEVES, Margarida de Souza. História da Crônica. Crônica da História. In: RESENDE, Beatriz (Org.). *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001. p. 21.

³⁰ Ibid., p. 30.

³¹ RODRIGUES, Nelson apud MATTOS, Cláudia. *Cem Anos de Paixão: uma mitologia carioca no futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. p. 39.

O futebol é claro exemplo da dinâmica do erudito e do popular, da maneira pela qual as classes trabalhadoras e dominantes estabelecem trocas de experiências e incorporações balizadas pelos laços de hegemonia e contra-hegemonia.

FLÂNEUR E NARRATIVA

Na narrativa benjaminiana, em suas interpretações singulares sobre o *flâneur*, sobre a fotografia, encontramos canais abertos para sedimentar os laços metodológicos.

Walter Benjamin pensa a história e a modernidade através de análises fecundas como o lugar das contradições em permanente movimento e fragmentação. Sua leitura da modernidade é transpassada por deslocamentos e tensões onde questões como o papel do narrador, do passado, presente, futuro, a oposição multidão e *flâneur* permitem, através de caminhos e atalhos interpretativos, o vislumbrar de uma totalidade só perceptível por meio de um método peculiar que vasculha o real em recantos que, à primeira vista, podem confundir o leitor desatento.

Benjamin dialoga com a modernidade, parteira do futebol, com a lucidez de quem está diante de uma realidade contraditória, na qual a transitoriedade, o valor de troca e o fetiche fazem do homem moderno um ser sufocado pela angústia e insegurança do *descartável* modo de vida do capitalismo.

A perspectiva benjaminiana do moderno visualiza no *flâneur* o seu maior intérprete e crítico. Citando Georg Simmel, Benjamin faz um jogo de espelhos com o *flâneur*.

Viver apertado na multidão e na desordem variegada do tráfego da cidade grande seria... insuportável sem... distanciamento psicológico. Mover-se com um imenso número de homens tão perto do corpo, como na atual civilização urbana, faria os homens desesperarem completamente, se cada objetivação das relações não implicasse um limite interno e uma reserva. A influência do dinheiro nas relações, ostensiva ou sob mil disfarces, ativa entre os homens

um... distanciamento funcional, que vem a ser... uma proteção interna... contra a proximidade excessiva.³²

DE VOLTA ÀS PAIXÕES

Digo: o real não está na saída nem na chegada, ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.

(Guimarães Rosa)

Quando definimos um objeto como o futebol brasileiro, um ponto aparece de súbito, saltando aos olhos da teoria e do método que dentro de uma relação dialética, com a realidade a ser investigada, recusa esquematismos analíticos. Referimo-nos ao ofício do historiador e à sua neutralidade ou aproximação com sociedades e conjunturas determinadas.

O futebol brasileiro, que tem no mito e na paixão popular elementos essenciais de seu perfil constitutivo, não pode ser conhecido sem um mergulho (até que a visão conheça águas turvas) em seu universo. E não só o futebol. A paixão e o envolvimento com o objeto, a importância deste sentimento para o labor da História são pré-requisitos essenciais para quem não pretende imobilizar-se pelo cimento fresco das calçadas passageiras da fama autografada, pela opção ilusória da neutralidade. O afastamento, o olhar distanciado do campo do objeto, quando percorrido, deságua inevitavelmente no torpor de quem ao definir-se por este caminho tem encontro marcado com o escamotear de uma opção tímida, corada, encoberta pela neblina cerrada da não-opção.

Uma recusa à neutralidade, ao contrário, implica a escolha de um projeto político-cultural, pleno de contradições, acertos e erros, próprios ao movimento dialético das sociedades.

Uma recusa à neutralidade é profícua nas vielas transitadas por poetas da cidade, como Baudelaire, e filósofos, como Antonio Gramsci, que desenvolveu nos *Cadernos do Cárcere* reflexões sobre a relação análise-paixão e previsão na práxis:

... Sobre o conceito de previsão ou perspectiva. É certo que prever significa apenas ver bem o presente e o passado como

³² SIMMEL, Georg apud BENJAMIN, Walter. In: *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo..* Vol. 3. São Paulo: Brasiliense, 1997. p. 226.

movimento: ver bem, isto é, identificar com exatidão os elementos fundamentais e permanentes do processo. Mas é absurdo pensar numa previsão puramente 'objetiva'. Quem prevê, na realidade, tem um programa que quer ver triunfar, e a previsão é exatamente um elemento de tal triunfo. Isto não significa que a previsão deva ser sempre arbitrária e gratuita ou puramente tendenciosa. Ao contrário, pode-se dizer que só na medida em que o aspecto objetivo da previsão está ligado a um programa é que esse aspecto adquire objetividade.

... Por isso, é um erro grosseiro de presunção e superficialidade considerar que uma determinada concepção do mundo e da vida tenha em si mesma uma superioridade em termos de capacidade de previsão. É claro que uma concepção do mundo está implícita em toda previsão; portanto, o fato de que ela seja um amontoado de atos arbitrários do pensamento ou uma visão rigorosa e coerente não é destituído de importância, mas ela só adquire essa importância no cérebro vivo de quem faz a previsão e a vivifica com sua vontade forte.³³

Gramsci alinhava as imprecisões da subjetividade e sua importância na teoria política e na História. A escolha de um tema, o encaminhar de sua pesquisa estão sempre vinculados ao tempo de vida do historiador.

Dialogando com outros pensadores, encontramos Jean Chesneaux, quando ressalta que fazer tábula rasa do passado significa ignorar, abrir mão do conhecimento do tempo presente. E esta não é nossa intenção nos temas de *garrinchas e galerias* que aprofundaremos.

O autor de *Devemos fazer tábula rasa do passado?* relembra, nesta linha, Marc Bloch:

... É preciso, diz, 'desenrolar a bobina ao contrário', partir do conhecido, por exemplo, da atual paisagem rural do norte da França, para identificar os fios que devem ser, a seguir, novamente enrolados ao longo do tempo. Bloch (*Apologia da História*) insiste, portanto, no valor insubstituível da experiência cotidianamente vivida, naquilo que ele chama 'o perpétuo contato com o hoje':

³³ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 342-343.

... Eu havia lido várias vezes, havia frequentemente narrado relatos de guerra e de batalha. Conhecia verdadeiramente, no pleno sentido do verbo conhecer, conhecia por dentro antes de ter experimentado a atroz náusea, o que são para um exército um cerco, para um povo a derrota? {...} Em verdade, conscientemente ou não, é sempre de nossas experiências cotidianas que, para realçá-las onde são necessárias cores novas, tomamos emprestados em última análise os elementos que nos servem para reconstituir o passado. [...] O erudito que não tem o gosto de olhar ao seu redor nem os homens, nem as coisas, nem os acontecimentos, merecerá talvez a designação de antiquário, e agirá sabiamente ao renunciar à designação de historiador.³⁴

Marc Bloch, quando diz “*o homem se parece mais com seu tempo que com seu pai*”, estabelece parceria e polêmica mediúnica com Caetano Veloso em *Oração ao tempo*.

Neste ponto, duas questões se apresentam com o mesmo pano de fundo: a necessidade da paixão, do engajamento e o presente redescobrimdo o passado, realimentando as virtudes da paixão. Mas, com a prudência do velho timoneiro, lembramos advertência de Paulinho da Viola em *Deixa pra lá, coração*:

Todo aquele que sabe separar
o amor da paixão
tem o segredo da vida e da morte
no seu coração

Este é o sentido da paixão nas análises históricas. A interpretação vinculada a um programa cultural, dentro de uma relação permanente presente-passado. Assim, trataremos o futebol, privilegiando bateleiros da tradição historiográfica como Gramsci, Thompson, Benjamin, Gilberto Freyre e Caio Prado Jr.

³⁴ CHESNEAUX, Jean. *Devemos fazer tábula rasa do passado?* São Paulo: Ática, 1995. p. 56-57.

II — CENÁRIOS E PERSONAGENS — CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO

PRIMEIRO CENÁRIO: O NASCIMENTO DOS ESPORTES MODERNOS. A SINGULARIDADE DO FUTEBOL (1850 – 1900)

Neste primeiro cenário buscaremos situar a singularidade do futebol, esporte que preservou parcialmente algumas habilidades subtraídas dos trabalhadores pela modernidade capitalista, em um quadro de mudanças importantes nas sociedades da Europa Ocidental.

Numa conjuntura de grandes rupturas sociais e culturais, consolida-se a hegemonia dos valores burgueses, em paralelo a reivindicações crescentes das classes populares. Surge o futebol e outros esportes coletivos como fenômenos tipicamente urbanos, próprios do mundo em meados do século XIX.

O nascimento dos esportes modernos e a singularidade do futebol compõem um cenário a partir do qual delinearemos todos os demais, através dos desdobramentos possíveis verificados neste nascedouro.

Daí, nestas considerações sobre o método, esmiuçaremos mais detalhadamente esse primeiro Cenário.

Período de personagens anônimos, pessoas comuns, os primeiros jogadores de futebol na antessala do profissionalismo. De 1850 a 1900, 50 anos de novas intervenções no cotidiano das grandes cidades europeias, como as que transformaram jogos e práticas do lazer comunitário em esportes regrados e compassados pelos novos ritmos. No ritmo da indústria e no novo tempo do relógio, da produção.

A época deste Cenário traz em suas encruzilhadas as chaves para o reconhecimento do percurso do futebol em todo o mundo e no Brasil em particular. Das vielas de Londres aos campos cariocas de pelada.

No Cenário do nascimento do futebol podemos identificar os contornos e significados que irão delinear sua trajetória na sociedade brasileira.

No eixo dessas intervenções, um sistema escolar renovado, seus ditames e necessidades. Cambridge, pólo irradiador do regramento futebolístico e a *International Board*, entidade responsável pelos passos decisivos do futebol rumo às

suas normas. *International Board*, mais uma casela da sociedade civil inglesa, um aparelho privado de hegemonia na clara acepção gramsciana do termo.

INGLATERRA, DE 1850 A 1900, PALCO DO APARECIMENTO DE UM NOVO ESPORTE COM CARACTERÍSTICAS AMBIVALENTES

Portador de fundamentos novos, disciplinadores, de gestos repetitivos da produção em série, provocava o choque natural entre as potencialidades do novo modo de produção capitalista e a tradição artesanal das atitudes individualizadas, próprias do trabalho artístico, em grande parte contido e recepcionado pelo futebol.

Cenário de personagens que, dentro da nova linguagem criada por este esporte, abrem caminho para narradores até então desconhecidos que passam a intercambiar experiências que o futebol germina em seus agrupamentos, clubes, torcidas etc.

Esta é a singularidade do futebol a que nos referimos, propiciada pelos seus regramentos e ideias de campo, estabelecendo suas diferenças com os outros esportes coletivos que despontam na mesma época. A distinção entre uma simples atividade manual e uma outra que engendra lampejos artísticos/artesanais não rotineiros está presente no cotejamento futebol/basquete; futebol/vôlei; futebol/rúgbi etc.

O desenho deste cenário nos leva a algumas assertivas e reflexões:

- A cidade como geradora da modernidade e a trajetória do futebol: do popular às elites; das elites ao popular; ou, se preferirmos, das peladas ao regramento, dos regramentos às peladas.
- Os esportes coletivos e o futebol como parte de um movimento de disciplinarização dos corpos. O trabalho/mercadoria como elemento central do capitalismo.
- Tempo e esportes: o macrotempo e o microtempo. A subordinação do tempo natural ao tempo da produção.
- A popularidade do futebol. A *International Board* como mentora de suas regras. Simmel e as sociedades secretas (não será a *Board* uma delas?). Simmel e o segredo como metáfora da invasão da esfera privada pelo público fetichizado.

- O futebol como esporte, paixão e arte popular. Uma disciplinarização (tentativa de) que saiu parcialmente pela culatra (até quando?).
- Os três tempos de Braudel em um mesmo processo: a profissionalização do futebol no Brasil.
- No reino da mercadoria e da transformação da obra de arte no seu oposto (em um movimento pendular), o futebol, nas trombadas de seu universo contraditório – que é a própria Zona do Agrião – representa no real e no imaginário uma possibilidade de recuperação parcial e fragmentada da habilidade perdida nas linhas de montagem das fábricas e almas da *modernidade* capitalista.
- Um debate com *um mestre no centro do capitalismo* – Hobsbawm. Será o futebol uma tradição inventada? Pensamos que não.
- Vincular o futebol à modernidade europeia, situando-o como uma prática cultural urbana, capaz de recuperar o universo perdido dos jogos e constituir-se em uma forma de expressão das classes populares brasileiras, dentro de uma contradição permanente, fetiche e contrafetiche; disciplinarização e contradisciplinarização.

Desenvolver neste Cenário os pontos enunciados a partir dos conceitos de Hegemonia e Sociedade Civil em Gramsci e Narrador em Walter Benjamin.

A linha pela qual optamos pressupõe que a explicitação destes conceitos aludidos e de outros não deve ser apresentada em separado em capítulos à parte, mas desdobrando-se no desenrolar deste e de outros Cenários, nas hipóteses e no diálogo entre teoria e prática, no ritmo da dialética do tempo histórico e do tempo teórico, no interior do tempo da práxis. Assim, cabe explicitar a relação dos aparelhos de hegemonia no interior do terreno cultural que gestou o futebol e outros esportes modernos.

Enquanto aparelhos privados de hegemonia, como veremos, são campo fértil para uma guerra de posições entre blocos sociais contraditórios, antagônicos ou similares.

O narrador em Benjamin e o intelectual orgânico e nacional popular em Gramsci estarão no centro de nossas argumentações, mirando alguns balizamentos de Walter Benjamin em seu ensaio *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade*

técnica,³⁵ em vertente diversa das ideias de outros representantes da Escola de Frankfurt como, por exemplo, Adorno.

HEGEMONIA E CONTRA-HEGEMONIA

Como não pretendemos trilhar os caminhos da idealização e da naturalização do futebol como cultura popular, há que se distinguir o movimento de hegemonia da contra-hegemonia, explicitados através da análise de fatos concretos.

Neste Cenário do nascimento dos esportes modernos e da popularização do futebol enquanto esporte de massas, o seu principal personagem é um sujeito oculto: as pessoas extraordinárias que começavam a pontificar na prática deste jogo. Por outro lado, havia os integrantes da *International Board*, os principais mentores das regras desse esporte. Nenhum nome a citar especialmente, enunciados e anunciados como personagens centrais deste novo esporte.

ZONA DO AGRIÃO

Aqui, torna-se necessário voltar à Zona do Agrião, conceito rico e abrangente, metáfora do futebol enquanto um todo, que mostra no frigor do jogo a luta constante de uma gangorra entre a disciplina desejada e a pelada praticada, no mesmo espaço e no mesmo tempo. Aí, não só no primeiro tempo, mas também no segundo e nas suas prorrogações infindáveis.

Assim foi, por exemplo, a história do negro no futebol brasileiro, da afirmação de um jogar próprio, de um saber capturado e cuidadosamente lapidado em séculos de história, como foram o samba, o jazz, a rumba e o chorinho.

Não estamos falando de um cenário histórico idílico nem retilíneo, mas com rugas e marcas que acabaram contribuindo para uma nova forma de expressão da estética dos jogos populares da antiguidade e da pré-modernidade.

Neste momento, efetuamos um primeiro corte no texto para elucidar o que é a *Zona do Agrião*, conceito-chave para o conhecimento do *Universo do Futebol*.

³⁵ BENJAMIN, Walter. A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica. In: *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense; 1996.

Zona do Agrião: região da área (a entrada dela) onde tudo acontece, onde se disputam intensamente os lances mais perigosos: aí não se brinca. A grama neste local é rala ou o campo careca.³⁶

Esta descrição, sintética, objetiva, é uma pequena parte do trabalho pioneiro do professor Ivan Cavalcanti Proença, *Futebol e Palavra*.

Zona do Agrião, Caldeirão do Diabo, Corre Biscoito são muitas as definições dali, da entrada da área. No documentário *Quem não faz, leva*³⁷, João Saldanha vai mais fundo na abrangência da Zona do Agrião:

Ali é a entrada da área. Parte-se de uma concepção biológica, que seres da mesma espécie se agrupam para se defender de seres de outras espécies. E o agrião é uma planta desgraçada. Se você pega um canteiro e planta agrião, ele vai e engole as outras plantas. Então na entrada da área você tem que agir como agrião.

Em entrevista inédita, adaptando pesquisa de Orestes Barbosa, João Saldanha fala sobre a *Zona do Agrião*:

... Vocês conhecem aquela do Neném Prancha? De que 'jogador tem que ir na bola como quem vai num prato de comida'. Pois é, me inspirei nessa para bolar Zona do Agrião. E já cansei de dizer que o futebol é uma grande zona do agrião. Dentro e fora do campo. Pensar o contrário é próprio de quem não pensa dialeticamente e não é do ramo. Aliás, hoje, vemos uma turma de 'estudiosos' que de estudiosos não têm nada, com uma visão idílica, só idílica do futebol brasileiro. Penso que o futebol em nosso país é um fator básico para as classes populares em sua cultura e auto-afirmação, com características que nenhum outro esporte possui. Mas, como qualquer fenômeno da vida social, é contraditório e suas contradições estão relacionadas com a nossa sociedade. Afinal, não jogamos futebol na Lua. Tem gente que diz que o pensamento marxista não lida com fatos. Bobagem: se não lida, não é marxista. E

³⁶ PROENÇA, Ivan Cavalcanti. *Futebol e palavra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981. p. 122.

³⁷ MILLIET FILHO, Raul. *Quem não faz, leva*: as máximas e expressões do futebol brasileiro. Documentário para o Projeto Memória do Esporte. Rio de Janeiro: FRM/UCM, 1985.

algumas análises que vejo sobre o futebol, de pesquisadores não-marxistas e, às vezes, antimarxistas, não partem da realidade dos fatos. Eles querem é adaptar o manequim ao paletó, e positivamente o figurino não fica bom. Para falar de futebol, de sindicalismo, de literatura ou qualquer outro assunto, é preciso lidar com o universo interior das coisas. Do contrário, não há análise que resista. E digo mais, algumas besteiras só reforçam aquele preconceito antigo contra o futebol, que vocês sabem, pegou gente da genialidade de um Lima Barreto e de um Graciliano Ramos.

E a coisa não é mecânica. Às vezes, certas pessoas acham que nós (comunistas) somos idiotas. Positivistas. Ora, já fiquei rouco de tanto falar que muitas vezes o futebol, a música popular, mas vamos ficar no futebol, enquanto arte, manifestação cultural e esporte, anda na frente, num estágio mais avançado do que aquilo que vulgarmente chamam de infra-estrutura. O próprio Flávio Costa disse isso com aquela sua famosa frase 'no Brasil, o futebol só evoluiu da boca do túnel para dentro do campo'. Hoje, nem isso. Estou preocupado. A militarização, a burocratização do treinamento esportivo, o desaparecimento progressivo dos campos de pelada nas grandes e médias cidades, a banalização do espetáculo, a mercantilização excessiva, a utilização dos jogadores como objetos e a supremacia das teorias de treinamento baseadas, burramente baseadas, na supervalorização da força das 'táticas' sobre o talento e a habilidade... assim, vamos para o vinagre.³⁸

SEGUNDO CENÁRIO: O DESEMBARQUE DO FUTEBOL NO RIO DE JANEIRO E SUA RECEPÇÃO. DIALÉTICA, LOCALISMO E COSMOPOLITISMO. O PERSONAGEM MARCOS CARNEIRO DE MENDONÇA

Marcos Carneiro de Mendonça, dentre outras coisas, disse:

... Nós podemos mostrar positivamente que o futebol ganhou rapidamente a preferência do povo do Rio de Janeiro porque em uma das últimas regatas a que assisti, na praia de Botafogo, eu soube que os diretores da Federação de Regatas pediram que não

³⁸ MILLIET FILHO, Raul (Org.). *Vida que Segue*: João Saldanha e as Copas de 1966 e 1970. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. p. 264-265.

houvesse jogo de futebol no dia da regata. Qual a conclusão que o senhor tira daí? É que a gente da regata já reconhecia que o povo do Rio de Janeiro, entre um espetáculo de regata e um jogo de futebol, dava preferência ao futebol.

Pergunta:

- Em que ano foi isso? O senhor se lembra?

Resposta:

- Talvez por volta de 1908.³⁹

- A época de Charles Miller e Oscar Cox. O que esperar dos campos e dos jogos de Charles Miller e Oscar Cox?
- Jogatina e remadores: o remo e o mar. A popularidade das regatas e o olhar da imprensa; um mal contaminoso...
- O turfe: a visão, o lugar e o sentido do trabalho na sociedade carioca.
- O futebol falava inglês.
- O Rio de Janeiro no mundo da lua: ideias, intelectuais e esquecimento.

Quando o futebol chega ao Rio de Janeiro encontra uma cidade onde as ideias estão no mundo da lua, no céu, para não ter perigo de gol. Pelo menos nos seus aspectos mais importantes. Nosso liberalismo produz um conflito de valores que resvala em vários campos da vida cotidiana. Inclusive no esporte. Os itinerários do pensamento social e da literatura da época não são de fácil compreensão, embora tenham um pano de fundo definido. As interpretações do Brasil passam por um *involuntário* esquecimento da escravidão e suas heranças.

TERCEIRO CENÁRIO: CLUBES, ESPAÇOS DE LAZER, NOVOS APARELHOS PRIVADOS DE HEGEMONIA

Dados estatísticos oficiais de anos anteriores a 1900 identificam que, na segunda metade do século XIX, era inexpressivo o número de agremiações de lazer

³⁹ Entrevista realizada pelo Projeto Memória do Esporte (Fundação Roberto Marinho; Universidade Candido Mendes e Ministério da Educação) em oito etapas, nos meses de setembro, outubro e novembro de 1985.

e esporte no país. Neste período, a predominância fica com a Região Sul. No Brasil, existiam cerca de 100 clubes, 49 no Sul (29 no Rio Grande do Sul), 31 no Sudeste, 17 dos quais em São Paulo. Esta situação sofrerá transformações nos anos seguintes, quando aumenta o número de clubes em todo o país. A Região Sudeste assume a liderança, saltando de 31 para 594 (São Paulo, de 17 para 264; Rio de Janeiro, de 29 para 178), com a Região Sul conhecendo um aumento de 49 para 269.

- *É brasileiro, já passou de inglês.* A constituição da Escola Brasileira de Futebol, passando pela fusão de apolíneos e dionisíacos. Do *dândi* e do *sportman*; Os antecessores de Dori Kürschner (1915 – 1930).
- A queda da Bastilha dos clubes aristocráticos.

O futebol, responsável pela *queda da Bastilha* dos clubes de elite, tecendo uma relação mítica na qual a torcida incorpora o clube, agora time. Com a popularização do futebol se estabelece uma nova realidade onde o sócio-torcedor convive contraditoriamente com o torcedor das ruas.

Os clubes de elite são apropriados pela população do Rio de Janeiro. Ao longo do tempo, os torcedores se transformam em seu principal patrimônio.

QUARTO CENÁRIO: DE COMO UM APOLÍNEO, DORI KÜRSCHNER, EM SINTONIA COM GENTIL CARDOSO DEU RÉGUA E COMPASSO PARA UM TALENTO COM SÍNCOPA E CINTURA, MAS SEM DISCIPLINA HARMÔNICA: O JOGADOR BRASILEIRO

- A consolidação do futebol brasileiro como desdobramento do modernismo.
- O futebol como a terceira Semana de uma Arte Moderna em consolidação. A Segunda Semana de Arte Moderna foi a expansão da Música Popular Brasileira. A História só registrou a de 1922 em São Paulo.
- O tempo e o futebol no Rio de Janeiro. O tempo produtivo se sobrepondo ao tempo natural e os seus reflexos na prática esportiva.
- Público nos estádios na década de 1930.

QUINTO CENÁRIO: *QUEM NÃO FAZ, LEVA*. AS MÁXIMAS E EXPRESSÕES NO FUTEBOL BRASILEIRO. A CRÔNICA DA CRÔNICA

- O futebol brasileiro e a nova estética da palavra.
- Cronistas e frasistas.
- O futebol e suas linguagens: estética, oral e escrita.

A parceria futebol e música popular brasileira; principalmente, o samba. O papel das novas linguagens da cultura popular na transformação da sociedade civil carioca.

O encontro de dois personagens: o narrador benjaminiano e o intelectual orgânico gramsciano (dentro de uma leitura aberta desses conceitos). Nos campos oficiais e nos de *racha*.

A linguagem do futebol gerando chistes; o futebol (principalmente nas décadas de consolidação de seu estatuto de arte) multiplicando chistes de tal modo que podemos distinguir “o futebol como linguagem” e a “linguagem como futebol” (ou a “linguagem do futebol” e o “futebol da linguagem”), como produziram os grandes mestres da nossa crônica futebolística, criando o “futebol da linguagem”. Tudo isto em dribles curtos, rápidos e metafóricos como o próprio jogo, como as famosas máximas e expressões de Neném Prancha, João Saldanha, Nelson Rodrigues, Gentil Cardoso e outros, sínteses perfeitas de um saber que engloba a própria sociedade.

SEXTO CENÁRIO: A CONSOLIDAÇÃO DE UMA ARTE POPULAR. UM NARRADOR BENJAMINIANO E INTELECTUAL ORGÂNICO DO FUTEBOL BRASILEIRO. JOÃO SALDANHA

- O estreitamento/fortalecimento do vínculo jogador/torcida e clube.
- *Da necessidade do gozo* (Mario Filho) e *o Olé nasceu no México* (João Saldanha): duas crônicas, dois narradores; retratos de uma época.

- Duas outras crônicas de Nelson e João sobre o mesmo jogo, uma briga histórica: *Didi de Michelangelo* (Nelson Rodrigues) e *As várias faces de um gente boa* (João Saldanha).
- João Saldanha. Personagem no tempo de consolidação do futebol arte. Um Dionísio com traços e rugas de apolíneo.
- Notas de uma conclusão possível.

PRIMEIRO CENÁRIO

“E quem, tendo visto a seleção brasileira em seus dias de glória, negará sua pretensão à condição de arte”?

Eric Hobsbawm

O NASCIMENTO DOS ESPORTES MODERNOS A SINGULARIDADE DO FUTEBOL

Quem se desloca recebe, quem pede tem preferência.⁴⁰

A invenção/criação dos esportes modernos na Inglaterra (principalmente) e nos EUA constituiu-se em um dos fenômenos mais significativos da História contemporânea, com desdobramentos inimagináveis à época, demarcando, na segunda metade do século XIX, em conjunto com inúmeros outros processos econômicos, tecnológicos e político-culturais, uma redefinição nas relações sociais nas esferas pública e privada.

O pano de fundo estrutural do mundo ocidental no dezenove, mais especificamente em sua segunda metade, oferece aos historiadores um cenário privilegiado para a compreensão do século que viria a ser, segundo Hobsbawm — o século breve. Dentro deste cenário de velocidade inédita na história da humanidade, destacam-se a transformação do trabalho em mercadoria, o fetiche/alienação, o urbano como gerador de modernidade, a construção do Estado-Nação.⁴¹

Velocidade inédita que nos remete a Braudel em Peter Burke:

Meu grande problema a resolver é demonstrar que o tempo avança em diversas velocidades.⁴²

Ou a outra passagem do teórico da longa duração:

Do tempo curto, passar ao tempo menos curto e ao tempo muito longo (se existe, este último, só pode ser o tempo dos sábios); depois, chegado a esse termo deter-se, considerar tudo de novo e reconstruir, ver tudo girar à volta: a operação tem com o que tentar um historiador... ...De fato, as durações que distinguimos são

⁴⁰ Máxima de Gentil Cardoso, técnico do Vasco, um dos primeiros negros a dirigir uma grande equipe brasileira. Gentil criador da “zebra”, um dos maiores frasistas do nosso futebol.

⁴¹ Marx desenvolve o conceito de fetiche da mercadoria no Capítulo 1 (livro 1) de *O Capital*. No item 4 do referido capítulo, diz Marx: *À primeira vista, a mercadoria parece ser coisa trivial, imediatamente compreensível. Analisando-a, vê-se que ela é algo muito estranho, cheia de sutilezas metafísicas e argúcias teológicas*. MARX, Karl. *O Capital*. Civilização Brasileira:Rio de Janeiro, 1980. p. 79.

⁴² BURKE, Peter. *A Revolução francesa da historiografia: a Escola dos Annales*. São Paulo: UNESP, 1991. p.41.

solidárias umas com as outras: não é a duração que é tanto assim criação de nosso espírito, mas as fragmentações dessa duração... ⁴³

Foi no espaço urbano das grandes cidades que se produziu o indivíduo livre das relações tradicionais e aprisionado pelo controle dos novos códigos de disciplinarização do trabalho-mercadoria, o homem moderno dentro de um espaço fragmentado, heterogêneo, com embriões de novas liberdades e novos caminhos, não como certezas, mas como possibilidades em construção.

A passagem dos jogos antigos e medievais para os esportes modernos, regrados em instituições fechadas (escolas, clubes etc.), se dá neste momento de expansão do capitalismo industrial, tendo como palco a cidade da segunda metade do século XIX, caracterizando esta nova prática como quase que exclusivamente urbana.

A escola, a nova família burguesa, agremiações privadas, os projetos higienistas desempenharam papel decisivo no forjar de uma nova moral, de um novo homem crivado de contradições próprias da modernidade, entre o ideário aristocrático e as necessidades de uma sociedade competitiva, com outra dimensão do trabalho e das relações humanas.

O esporte moderno, basicamente o esporte coletivo, aparece como resultado do entrelaço de dois mundos: o aristocrático e o burguês, capturando e retraduzindo os jogos populares em um movimento de trocas constantes de experiências e saberes.

Mas como diziam os mandarins da corte chinesa aos mensageiros que falavam mais de mil dialetos diferentes, vamos nos entender sobre o significado das palavras, dos conceitos, dos temas, dos objetos, dos cardápios...

Vamos por partes.

Durante algum tempo, em velhos e novos continentes, em todas as cidades onde os esportes coletivos chegavam, travou-se um debate acalorado, que no Rio de Janeiro, no início do século XX, teve como seu principal ativista Coelho Neto. Qual o termo mais apropriado? Desporto, *Sport* ou Esporte? No francês antigo, utilizava-se a palavra *Desport*, cujo significado estava associado a recreio, descanso, prazer. Os ingleses importaram e cunharam o vocábulo *Sport*, com outro significado, já incorporando regras, disciplina e *performance*.

⁴³ BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a História*. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 71-72.

E o futebol? As origens e histórias são múltiplas. Preferimos ficar com a hipótese-narrativa de Norbert Elias e Eric Dunning, que separam o Esporte ou *Sport* da palavra *football* e de seu emprego no período medieval e boa parte da Idade Moderna na Inglaterra. Era bola de chutar. Racha. Pelada. Sem regras claras. Jogo popular e violento.

No es improbable que la razón primordial por la cual los documentos medievales se referían a algunos de estos juegos locales con el nombre de 'fútbol' mientras otros eran conocidos por nombres diferentes, fuese el hecho de que se jugaban con instrumentos distintos. Así, vemos que, en general, las referencias al fútbol son literalmente referencias a una clase específica de balón y sólo a un tipo de juego, dado que otra clase de pelota o instrumento de juego podría dictar en general una distinta manera de jugar. De hecho, algunos documentos medievales hablan de jugar con un balón de cuero, 'con un fútbol', no de 'jugar al fútbol'. Y por lo que se ve, la pelota que llamaban 'fútbol' tenía esto en común con la utilizada en los partidos de fútbol de hoy: se trataba de la vejiga de un animal, inflada y forrada a veces, no siempre, de cuero. Comunidades rurales de todo el mundo han recurrido a este invento para proporcionarse diversión. Su uso está registrado ciertamente en casi toda la Europa medieval. Si tiene la elasticidad adecuada y no es demasiado pequeña ni demasiado grande, esta vejiga de animal inflada, embutida o no en una pieza de cuero, probablemente se preste mejor a ser pateada que una pelota compacta de menor tamaño. Pero no hay razones para suponer que el fútbol medieval sólo era impulsado con los pies ni, igualmente, que el 'balonmano' lo fuese sólo con la mano. Insisto: la razón principal de tales diferencias en los nombres de estos juegos quizá se deba simplemente al hecho de que se jugaban con pelotas distintas en forma y tamaño, o con palos u otros instrumentos parecidos. Porque las características elementares: el juego concebido como lucha entre grupos distintos, el franco y espontáneo disfrute de la batalla, el desenfreno tumultuoso y el nivel relativamente alto de violencia física socialmente tolerada, eran, por lo que se ve, siempre las mismas. Igual que lo era la tendencia a romper las reglas acostumbradas,

*fueran cuales fuesen, siempre que los jugadores se vieses movidos por las pasiones.*⁴⁴

O advento do futebol e sua difusão e popularização em ritmo acelerado traz à tona a questão do profissionalismo no mundo do trabalho/mercadoria, mas ainda com forte presença da longa duração aristocrática/absolutista.

A contradição entre o amadorismo e o profissionalismo, presente na ideologia dos Jogos Olímpicos modernos, é produto destas visões distintas, por vezes, antagônicas. Sendo assim, é possível entendermos a necessidade de afirmação do amadorismo como elemento *enobecedor* do desportista dentro de uma concepção de trabalho ainda aristocrática, não-capitalista, em uma sociedade capitalista onde o trabalho predominantemente já é mercadoria. A longa duração em compasso lento, mantendo estruturas mentais pré-capitalistas, numa época onde *tudo que era estável e sólido desmancha no ar*.⁴⁵

Os valores burgueses – mercantis e industriais – demoraram mais de 400 anos para consolidar sua hegemonia, com avanços e recuos, presos a fantasmas de um passado estranho à lógica econômico/formal do capital.

Ao longo da Idade Moderna Ocidental, as tensões entre indivíduo autônomo e comunidade esgarçada atormentam a aventura da legião de viajantes rumo à globalização de mercados, almas e culturas. Nos quatro séculos e meio mencionados, o embate surdo entre uma lógica de mercado em marcha e relações públicas pré-capitalistas povoou as encruzilhadas das grandes rotas comerciais e os castelos do mecenato e da produção artística renascentista e pós-renascentista.

A formação do homem burguês demarca uma contradição entre projeto pessoal e projeto coletivo, no pré-avorecer de uma sociedade que irá esquadrihar,

⁴⁴ ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *Deporte y ocio en el proceso de la civilization*. México: Fondo de Cultura Económica, 1995. p. 223-224.

⁴⁵ Frase de Marx no Manifesto do Partido Comunista. O parágrafo ilustra a época que tratamos: ... O revolucionamento permanente da produção, o abalo contínuo de todas as categorias sociais, a insegurança e a agitação sempiternas distinguem a época burguesa de todas as precedentes. Todas as relações imutáveis e esclerosadas, com seu cortejo de representações e de concepções vetustas e veneráveis dissolvem-se; as recém-constituídas corrompem-se antes de tomarem consistência. **Tudo o que era estável e sólido desmancha no ar;** tudo o que era sagrado é profanado, e os homens são obrigados a encarar com olhos desiludidos seu lugar no mundo e suas relações recíprocas. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Porto Alegre: LPM, 2001. p. 28-29.

através da lógica da mercadoria, as grandes avenidas, os becos escuros de Poe e o olhar atônito e crítico do *flâneur* de Baudelaire.⁴⁶

O esporte moderno não nasce divorciado desta modernidade, plena de ambiguidades, que foi sua parteira. Dos jogos populares aos regramentos meticulosos, suas funções e contornos têm uma ligação íntima com aspectos da modernidade. Referimo-nos a dois pontos assinalados por Roberto Da Matta:

O primeiro é a disciplina das massas que o esporte ensina e reafirma, quando exige que todos cheguem aos estádios em horas certas, pagando corretamente as entradas. E o segundo é a sua ligação íntima com a ideia de *fair-play*, pois o esporte trivializa a vitória e a derrota. Ora, essa socialização para o fracasso e para o êxito, essa banalização da perda, da pobreza e da má-sorte, somente poderia ocorrer numa sociedade transformada, como disse Karl Polany, pelo mercado que tudo engloba e faz crer que todos são mesmo jogadores com iguais oportunidades...

... Antigamente os homens perdiam a honra num jogo de morte como os duelos, hoje assistimos a um espetáculo esportivo... Nesse sentido, o esporte é uma ponte que liga modernidade e individualismo com velhos e esquecidos valores morais.⁴⁷

1.1. ESPORTES E ESPAÇO URBANO

Fechamos nossa lente analítica na segunda metade do século XIX, apesar de concordarmos com algumas ressalvas de que cortes temporais rígidos podem nublar o foco de uma análise, engessando perspectivas de abordagens que visualizem rupturas, permanências/continuidades no processo histórico.

Mas foi exatamente nestes 50 anos que as grandes cidades — *povoamentos* de mais de 200.000 habitantes —, na Europa e EUA, cresceram, aceleradamente.

⁴⁶ “A multidão é seu universo, como o ar é o dos pássaros, como a água, o dos peixes. Sua paixão e profissão é desposar a multidão. Para o perfeito *flâneur*, para o observador apaixonado, é um imenso júbilo fixar residência no numeroso, no ondulante, no movimento, no fugidio e no infinito. Estar fora de casa, e contudo sentir-se em casa onde quer que se encontre; ver o mundo, estar no centro do mundo e permanecer oculto ao mundo, eis alguns dos pequenos prazeres desses espíritos independentes, apaixonados, imparciais, que a linguagem não pode definir senão toscamente”. In BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a Modernidade*. São Paulo: Paz e Terra, 1997. p. 20-21.

⁴⁷ DA MATTA, Roberto. *Antropologia do Óbvio*. São Paulo: Revista da USP. n° 22. p. 13-14.

Berlim, de 378.000 habitantes, em 1849, para cerca de 1 milhão, em 1875; Paris e Londres, entre 1851 e 1881, de 1 para 1,9 milhões e 2,5 para 3,9 milhões, respectivamente.

Mas a forma, imagem e estrutura mesma da cidade havia mudado, tanto sob pressão para construção e planejamento politicamente motivada (sobretudo em Paris e Viena) como pela fome de lucro das construtoras. Ambas não recebiam bem a presença dos pobres que eram a maioria da população, embora reconhecessem que eram um mal necessário.

Para os planejadores de cidade, os pobres eram uma ameaça pública, suas concentrações potencialmente capazes de se desenvolver em distúrbios deveriam ser impedidas e cortadas por avenidas e bulevares, que levariam os pobres dos bairros populosos a procurar habitações em lugares menos perigosos.⁴⁸

⁴⁸ HOBBSBAWM, Eric. *A Era do Capital: 1848-1875*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. p. 223-224.

O Novo Cenário Urbano

		População Geral			População Analfabeta			Números Proporcionais		
Cidades	Anos	Total	Até 14 anos	De 15 anos para cima	Total	Até 14 anos	De 15 anos para cima	Total	Até 14 anos	De 15 anos para cima
Viena	1900	1.674.957	320.443	1.354.514	252.248	205.991	46.257	150,5	642,8	34,1
Paris	1906	3.788.566	517.977	3.270.589	582.053	349.426	232.627	153,3	674,5	71,1
Milão	1901	491.460	126.315	365.145	92.518	51.049	41.469	188,2	404,1	113,5
Boston	1900	560.892	106.257	454.635	126.882	106.257	20.625	226,2	1000,0	45,3
Filadélfia	1900	1.293.697	256.540	1.037.157	296.353	256.540	39.813	229,0	1000,0	38,3
Washington	1900	278.718	46.837	231.837	64.790	46.881	17.909	232,4	1000,0	77,2
Chicago	1900	1.698.375	377.750	1.320.825	419.515	377.750	41.765	246,9	1000,0	31,6
Gênova	1901	234.710	57.953	176.757	58.184	26.816	31.368	247,8	462,7	177,4
Nova York	1900	3.437.202	752.034	2.685.168	920.705	752.034	168.671	267,8	1000,0	62,8
Roma	1901	462.783	124.617	338.166	138.456	59.849	78.607	299,1	480,2	232,4
Madrid	1900	539.835	141.407	398.428	164.411	77.236	87.175	304,5	546,1	218,7
Buenos Aires	1904	950.975	322.613	618.262	324.929	171.636	153.293	341,7	516,0	247,9
Montevideo	1908	309.231	104.757	204.474	107.219	57.298	49.921	346,7	546,9	244,1
São Petersburgo	1897	1.264.920	183.344	1.081.576	472.677	156.834	315.843	373,6	855,4	292,0
Valparaíso	1907	190.951	53.907	137.044	74.939	33.621	41.318	392,4	623,6	301,4
Santiago	1907	403.775	131.437	272.338	172.044	85.031	87.013	426,0	646,9	319,5
Moscou	1897	1.038.591	129.439	909.152	453.663	111.900	341.763	436,8	864,4	375,9
Lisboa	1900	356.009	92.086	263.923	163.966	62.494	101.472	460,5	678,6	384,4
Rio de Janeiro	1906	811.443	257.334	554.371	390.371	185.258	205.113	481,0	719,9	370,1
Nápoles	1901	562.918	162.860	400.841	278.841	106.004	172.837	495,3	650,8	432,0
Porto	1900	167.955	114.946	93.498	93.498	40.984	52.514	55606	773,1	456,8

Fonte: BRASIL. Diretoria Geral de Estatística. Anuário Estatístico do Brasil, 1908-1912. Rio de Janeiro, Tip. da Estatística. In: DAMAZIO, Sylvia. *Retrato Social do Rio de Janeiro na Virada do Século*. Rio de Janeiro: Eduerj, p. 125.

As cidades cresciam, os urbanistas despontavam como novo segmento das elites, a higienização tomava assento nos vagões de primeira classe da hierarquia social, mas as reformas sanitárias não chegavam aos bairros populares, o que só viria a acontecer parcialmente no século seguinte.⁴⁹

As grandes cidades (Londres/Paris) europeias tinham porcentagens de classe média e baixa classe média em torno de 20% a 23%, e eram centros que gravitavam mais em torno de comércio, transporte, administração e serviços do que das indústrias, embora logicamente tivessem sua força motriz ligada à produção fabril.

1.2. A ESCOLA NA MODERNIDADE

Na Europa, a educação e outras políticas sociais não ficaram imunes à erupção social em curso, levando qualquer analista desatento a refletir sobre seus

⁴⁹ BRESCIANI, Maria Stella. *Londres e Paris no séc.XIX, o espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

impactos retalhados em fragmentos por vezes só reconhecíveis pela lente benjaminiana.

Até o século XVIII, a escola não era destinada às crianças, acolhendo, como observa Philippe Áries,⁵⁰ da mesma forma e indiferentemente, as crianças, os jovens e os adultos.

A divisão das classes colegiais por faixas etárias e a incorporação da escola, como um instrumento habilitado para a formação infantil, e negligenciada pelos educadores do Renascimento, só passa a merecer atenção preponderante no dezenove, quando, num breve espaço de tempo, a adolescência é percebida no âmbito do sistema escolar e do serviço militar.

No fim do século XVIII o ciclo escolar era bastante semelhante ao do século XIX, 4 ou 5 anos no mínimo. A criança, enquanto durava a sua escolaridade, era submetida a uma disciplina cada vez mais rigorosa e efetiva, e essa disciplina separava a criança que a suportava da liberdade do adulto. Assim a infância era prolongada até quase a duração do ciclo escolar.⁵¹

Essa transição disciplinadora é enfatizada por Thompson, quando menciona a educação como um treinamento para adquirir o hábito do trabalho, devendo a criança, desde os 6 ou 7 anos, habituar-se com a fadiga e o trabalho.

A pontualidade, as regras militares guardavam uma similaridade com os batimentos cardíacos, com o compasso dos novos processos de trabalho. O historiador britânico ressalta a exortação à pontualidade e à regularidade em todas as pré-escolas, destacando que, uma vez dentro dos muros escolares, a criança entrava em um novo universo disciplinado.

Uma vez na escola, diz Thompson, as crianças deveriam pautar-se pelos ditames militares, citando a correlação tempo-disciplina, em uma escola metodista de York, cujas regras não podiam ser mais claras:

O Supervisor deve tocar o sino mais uma vez – quando, há um sinal de sua mão, toda a escola deve levantar de seus assentos; a um segundo sinal, os estudantes se viram; a um terceiro, movem-se

⁵⁰ ARIÈS, Philippe. *História Social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

⁵¹ Ibid., p. 191.

lenta e silenciosamente para o lugar indicado onde devem recitar suas lições — ele então pronuncia a palavra “comecem”.⁵²

As alterações na escolaridade, seus métodos e preceitos não deixaram de acompanhar a nova divisão do trabalho e a divisão de classes em andamento, principalmente quando aumenta a demanda por mão-de-obra infantil na indústria.

O CORIFEU DA MODERNIDADE

A nova divisão do trabalho nascente apresenta uma sincronia entre suas necessidades próprias e a constituição elástica, ainda que passageira da classe de idade dos pequenos candidatos a cidadãos da modernidade. Os Oliver Twist do novo folhetim inglês desempenhando o papel daquilo que Mikhail Bakhtin, em *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*, chamou de “coro popular”, a rir diante de todos os atos de drama que se desenrolaram na história mundial.

Um riso que jorra sarcasmo, alegria e amargura:

Nossa imagem não é apenas uma comparação metafórica. Cada época da história mundial teve o seu reflexo na cultura popular. Em todas as épocas do passado existiu a praça pública cheia duma multidão a rir, aquela que o Usurpador via no seu pesadelo:

Embaixo a multidão agitava-se na praça
E, rindo, apontava-me com o dedo;
E, eu, eu tinha vergonha e tinha medo.⁵³

Na *Era do Capital*, em quais praças públicas e que multidões riam como o corifeu contemporâneo? Como os *novos Rabelais*. Já vimos as crianças dos reformatórios e as legiões de personagens fugindo das páginas de Dickens. No tempo dos excluídos do trabalho/mercadoria, o corifeu da modernidade é a cultura do contrafetiche.

Tempo em que a investida contra o trabalho artesanal vem de várias direções. O sistema de ensino é um desses estuários do homem fordista: o atraso da

⁵² THOMPSON, Edward Palmer. Tempo, Disciplina de Trabalho e Capitalismo Industrial. In: *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 293.

⁵³ BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec/Editora da Universidade de Brasília, p. 419.

escolarização das meninas, as desigualdades de tratamento para a criança burguesa e a criança do povo, guardando uma correlação estreita entre a nova classe de idade e a burguesia.

O espaço escolar ganha contornos do novo espaço urbano e suas contradições. O século do capital industrial conhece a invasão da tecnologia da norma através das instituições disponíveis e inventadas, para a ação necessária de uma nova disciplina, da medicalização social.

Escolas, forças armadas, hospitais, prisões, a própria família renomeiam os novos cidadãos, conforme nos mostram Robert Castel e Michel Foucault:

Em compensação, é o corpo da sociedade, que se torna, no decorrer do século XX, o novo princípio. É este corpo que será preciso proteger, de um modo quase médico: em lugar dos rituais através dos quais se restaurava a integridade do corpo do monarca, serão aplicadas receitas terapêuticas como a eliminação dos doentes, o controle dos contagiosos, a exclusão dos delinquentes. A eliminação pelo suplício é, assim, substituída por métodos de assepsia: a criminologia, a eugenia, a exclusão dos degenerados...

... Eu procuro analisar como, no início das sociedades industriais, instaurou-se um aparelho punitivo, um dispositivo de seleção entre os normais e os anormais. Devo, em seguida, fazer a história do que se passou no século XIX, mostrar como, através de uma série de ofensivas e contra-ofensivas, de efeitos e contra-efeitos, pôde-se chegar ao tão complexo estado atual de forças e ao perfil contemporâneo da batalha...

...Ela encontra, assim, uma das condições de sua emergência: o grande esforço de disciplinarização e de normalização realizado pelo século XIX.⁵⁴

A transição da manufatura para a indústria, de uma nova concepção do trabalho e do tempo, configura momentos de experiência da modernidade que trazem potencialmente possibilidades de transformações para a humanização ou para a barbárie. Liberdade e coerção.

⁵⁴ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1993, p. 145, 150-151.

Foucault, esquadrinhando novos espaços de micropoderes, microaparelhos privados de hegemonia, descortina na aventura da modernidade o real oculto em aparências só perceptíveis através de sofisticadas lentes filosóficas, abrindo opções de ações contra-hegemônicas, mesmo que em determinados momentos perca de vista a função e a natureza do Estado em uma sociedade de classes. É rica e pródiga uma interseção entre Foucault, Gramsci e Robert Castel.

O “moderno” incorporando o “antigo” é a chave para se decifrar a noção de tempo, trabalho e o surgimento dos Esportes Modernos, tendo como pano de fundo a cidade, geradora de modernidade e produtora em massa de fetiches.

1.3. TEMPO E TRABALHO

Os relógios, sem sombra de dúvida, são mecanismos físicos construídos pelos homens. Mas são dispostos de maneira a se integrarem por exemplo, através do deslocamento de ponteiros num mostrador em nosso mundo de símbolos.⁵⁵

Torna-se necessário compreender as formas pelas quais os homens viveram múltiplos tempos em diversas formações sociais, basicamente, o tempo de trabalho e o tempo de não-trabalho, para alcançarmos o tempo do regramento dos Esportes Modernos:

O tempo é uma dimensão fundamental que articula nossos sistemas físicos, sociais e biológicos. Diferentes culturas vivenciaram diferentes formas de marcar e considerar o tempo; do mesmo modo, historicamente tem variado a duração do tempo necessário para a execução de tarefas similares.⁵⁶

O tempo, uma estrutura de longa duração, tem sofrido cortes abruptos determinados diretamente pelas modificações na divisão de trabalho e no processo produtivo. Pretendemos demonstrar o fio do tecelão que estabelece vínculos indissociáveis entre o esporte, os jogos e o sistema econômico. E o grande artesanato a manejar agulha e linha desta integração é a nova concepção do tempo, a nova

⁵⁵ ELIAS, Norbert. *Sobre o Tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 16.

⁵⁶ GEBARA, Ademir. Considerações para uma história do lazer no Brasil. In: *Introdução aos estudos do lazer*. Campinas: Unicamp, 1997. p. 62.

vivência do tempo, que ao longo do século XIX vai assumindo sua prevalência. A Revolução Industrial que, ao longo dos anos, transfere o ritmo da natureza que marcava tempo e trabalho do artesão para o ritmo da máquina que subversivamente redimensiona gestos, passos, sonos e casamentos.

Marx, em uma de suas passagens dos *Grundrisse*, aborda o tema:

*Ahora bien, es claro que el capital nacional no puede considerar al tiempo durante el qual no se reproduce como tiempo durante el cual se reproduce, del mismo modo que, por ejemplo, um campesino aislado no puede considerar como tiempo durante el qual se enriquece, el tiempo durante el qual no puede cosechar o sembrar, em suma el tiempo em que su trabajo se interrumpe.*⁵⁷

É a passagem da manufatura para a indústria que impulsiona a progressiva substituição do tempo natural pelo tempo subordinado ao tempo da produção.

São inúmeros os episódios de revoltas organizadas ou não de trabalhadores contra os novos ditames do tempo industrial, que surge imbricado ao trabalho assalariado. Com a aceleração da Revolução Industrial o tempo passa a ser visto como valor escasso e a velocidade identificada como sinônimo de eficiência.

Thompson analisa as mudanças ocorridas no *compositor de destinos*, ao recuperar a história e funções dos marcadores de tempo, na universalização, uniformização e invasão do tempo natural pelo tempo do relógio, na encruzilhada conjuntural pós 1830.

Por volta de 1820 a 1830, sindicalistas ingleses tinham no relógio seu porta-fetiche de bolso, como símbolo de *status*, ao mesmo tempo em que uma servidão longa de um trabalhador chegava a ser aquinhoadada com relógios de luxo, como bônus ou *bondade* do empregador. O mesmo ponteiro, que subtraía e feria os sentidos, era prêmio para quem sabe o tempo correr mais lento e saboroso na curva descendente da vida laboral.

As mudanças, voltamos a enfatizar, não eram nem podiam ser uniformes, contrapondo o ritmo da máquina e da natureza que coexistem em desarmonia no centro da Revolução Industrial por um bom tempo.

⁵⁷ MARX, Karl. *Elementos fundamentales para la crítica de la economía política* (Borrador). Vol. II. 1857/1858. Buenos Aires: Siglo XXI, 1972. p. 181.

Artistas, escritores, artesãos ainda detinham lascas da propriedade de seu ciclo vital e produtivo. Hoje, certamente, *aparências de lascas*, marcadas pelo ponteiro dos segundos. A pequena indústria do dezenove e de parte do vinte, em regiões *orientais* (na acepção gramsciana), eram mais conservadoras, se este é o termo exato, na concessão de maiores brechas no ferrolho suíço do tempo industrializado.

Outro aspecto relevante a ser mencionado é a interferência direta do Império Britânico para a regulamentação do tempo em todo o mundo:

Embora em 1855 cerca de 98% dos relógios públicos na Grã-Bretanha seguissem o GMT, a aceitação dessa hora por todo o país esbarrava em dificuldades. Por exemplo, no caso *Curtis Versus March* que deveria ser julgado no tribunal de Dorchester em 25 de novembro de 1858, o juiz tomou assento no banco às dez da manhã pelo relógio do tribunal e, como nem o réu nem seu advogado estavam presentes, deu ganho de causa ao queixoso. O advogado do réu entrou então no tribunal e exigiu que o caso fosse levado a julgamento, argumentando que ele fora encerrado antes das dez horas pelos relógios da cidade, já que o relógio do tribunal era regulado pela hora de Greenwich, alguns minutos adiantada em relação à de Dorchester. Houve recurso e a decisão do juiz foi anulada, com base no argumento de que ‘dez horas são dez horas segundo a hora do lugar’. Essa decisão foi mantida como definição da hora legal na Grã-Bretanha até 1880. Nesse ano, *The Times* publicou uma carta de um ‘Amanuense da Justiça’ que apontava as dificuldades que tinham os funcionários responsáveis por eleições parlamentares em decidir sobre a hora correta de iniciar e encerrar a votação. Mais tarde, no mesmo ano, foi aprovado um Ato do Parlamento que contava a hora do Tempo Médio de Greenwich, a hora legal em toda a Grã-Bretanha.

Logo depois foram tomadas medidas que visavam padronizar a medição do tempo em todo o mundo. Em 1882, o Congresso dos Estados Unidos aprovou uma lei que autorizava o presidente a convocar uma conferência internacional para decidir sobre um meridiano-origem comum para o tempo e a longitude. Assim, em outubro de 1884, delegados de 25 países se reuniram em

Washington para a Conferência Internacional do Meridiano. Com apenas um voto contra (São Domingos) e duas abstenções (França e Brasil), decidiu-se recomendar que o meridiano-origem do mundo passaria pelo centro do instrumento conhecido como Círculo de Trânsito de Airy, no Observatório de Greenwich, e que o Tempo Universal seria o GMT. Isto não surpreendeu, uma vez que a invenção do cronômetro marinho por John Harrison e a introdução do Almanaque Náutico em 1766 pelo astrônomo real Nevil Maskelyne já tinham levado marinheiros de todas as nações a usar a hora e o meridiano de Greenwich. No início da década de 1880, quase três quartos dos navios no mundo todo usavam mapas baseados no meridiano de Greenwich.⁵⁸

Max Weber estabelece uma distinção do moderno capitalismo, tanto pela moralização do trabalho quanto do tempo disponível, convergindo no sentido de identificar os elementos estruturais entre trabalho, lazer e tempos separados, com as análises marxistas.

Weber, analisando *o significado da disciplina*, traça um perfil do processo histórico que desaguou nos mecanismos de controle dentro e fora das unidades de produção capitalistas. Marcos que entrelaçados com fatores culturais abrem a cena sociourbana do século XIX no aparecimento dos esportes modernos, dos esportes coletivos.

Em outras palavras, Weber acentua os conflitos entre as determinações da racionalidade moderna e a autonomia necessária ao exercício da liberdade do sujeito. O autor não acreditava na racionalidade como elemento equalizador dos valores em conflito na sociedade.

Assim, é possível estabelecer uma relação entre o pensamento de Max Weber e de Michel Foucault. O pensador francês em certa medida recupera o modelo constituído por Weber na análise da empresa capitalista.

Enquanto Weber desenvolve suas análises da razão do capitalismo à luz de uma visão macrosociológica, do processo global, Foucault investiga por diferentes formas de racionalidade o poder em instituições incrustadas na sociedade civil: hospitais, escolas, presídios etc.

⁵⁸ WHAITROW, Gerald James. *O Tempo na História: Concepções do tempo da pré-história aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993. p. 185-186.

Weber divisa com clareza as contradições entre a racionalidade moderna e as promessas emancipatórias da modernidade. A eficácia e a calculabilidade burocratizam e reificam o sujeito, aprisionado a uma *gaiola de aço* das novas exigências institucionais e morais. Para ele a racionalidade instrumental interfere nos comportamentos, ideias e gestos, engessando tentativas de mudanças sociais.

O interesse de Weber estava particularmente voltado para as transformações e a disciplina na vida cotidiana, bem como suas repercussões na família, vida no trabalho e comunidade social. O puritanismo e a ascese cristã contribuíram para a regulamentação de hábitos e novos estilos de vida em paralelo à influência direta da herança da organização militar dentro e fora das unidades produtivas.

Nenhuma prova especial é necessária para mostrar que a disciplina militar é o modelo ideal para a moderna fábrica capitalista, tal como foi para a plantação antiga. Em contraste com esta, a disciplina orgânica na fábrica estrutura-se em bases completamente racionais... As consequências finais são obtidas com a mecanização e disciplina da fábrica, e o aparato psicofísico do homem se ajusta completamente às exigências do mundo exterior, das ferramentas, das máquinas – em suma, a uma “função” individual. O indivíduo é destituído de seu ritmo natural, determinado pela estrutura de seu organismo; seu aparato psicossocial é adaptado a um novo ritmo através da especialização metódica de músculos que funcionam separadamente...⁵⁹

Marx e Engels, no Manifesto do Partido Comunista, já tinham lançado tintas sobre o mesmo tema.

... A Indústria moderna transformou a pequena oficina do mestre artesão patriarcal na grande fábrica do capitalista industrial. Contingentes de operários, apinhados na fábrica, são organizados de forma militar. São colocados como soldados rasos da indústria, sob o controle de uma hierarquia completa de suboficiais e de oficiais...

⁵⁹ WEBER, Max. O Significado da Disciplina. In: *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: LTC, 2002. p. 183.

... Quanto menos habilidade e força física o trabalho manual requer, mais a indústria moderna desenvolve-se, mais o trabalho dos homens é desalojado pelo das mulheres e das crianças...⁶⁰

Michel Foucault no curso de suas investigações das instituições penais conclui que a moral e seu curso histórico é, na verdade, a História dos corpos, do corpo. Diz o filósofo francês, situando o entorno de 1850 na Europa Ocidental:

O corpo não precisa mais ser marcado; deve ser adestrado, formado e reformado; seu tempo deve ser medido e plenamente utilizado; suas forças devem ser continuamente aplicadas ao trabalho.⁶¹

Neste momento surgem novos instrumentos de policiamento e vigilância; novas formas de aplicação da *higiene* social; uma nova mecânica de confinamento, uma nova disciplina da vida (Weber) e, como não poderia deixar de existir, uma nova fisiologia, apologética e instrumental, definindo critérios de exclusão e rejeição do que aos olhos do poder dominante poderia ser denominado como alteridade ou delinquência. Em sua microfísica do poder, Foucault vai ao cerne do *punctum* barthesiano, ao âmago do indivíduo, no que todos temos de mais concreto e palpável, naquilo que é a exteriorização mais evidente da estética em sociedade.

Nos referimos ao corpo, que no caso do esporte adentra e é adestrado. Domestica e é domesticado.

E o que seria a microfísica do poder foucaultiana, tão próxima da teoria ampliada do Estado em Gramsci?

O que Foucault chamou de microfísica do poder significa tanto um deslocamento do espaço da análise quanto do nível em que esta se efetua. Dois aspectos intimamente ligados, na medida em que a consideração do poder em suas extremidades, a atenção a suas formas locais, a seus últimos lineamentos tem como correlato a investigação dos procedimentos técnicos de poder que realizam um

⁶⁰ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Porto Alegre: LPM, 2001. p. 36.

⁶¹ FOUCAULT, Michel. *Resumo dos Cursos do Collège de France* (1970-1982). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 41-42.

controle detalhado, minucioso do corpo – gestos, atitudes, comportamentos, hábitos, discursos.⁶²

1.4. SOCIEDADE CIVIL EM GRAMSCI E FOUCAULT

Ao esquadrinhar a microfísica do poder, o autor de *História da Sexualidade* percorre o caminho inverso do pensamento social positivista que sempre partiu do global para o particular, do macro para o micro sem efetuar o retorno necessário. Foucault desce aos porões mais recônditos para visualizar a reprodução do poder onde *aparentemente* ele não está habitando.

Assim, questiona, em sintonia com o pensamento de Gramsci, a visão de um Estado onipotente, onde a *sociedade política* seria o lócus por excelência da dominação.

Diferentemente de Foucault, em Gramsci existe uma clara relação entre poder de classe, Estado (sociedade política + sociedade civil) e aparelhos privados de hegemonia. Para o autor italiano, escolas, clubes, imprensa não são mecanicamente circunscritas ao domínio de classe, apresentando-se como espaços vivos da luta política, da guerra de posição, embora não flutuem no ar, tendo vínculos com os mecanismos da lógica de reprodução do capital.

Em Gramsci, a análise do Estado está lastreada nos *aparelhos privados de hegemonia*. O Estado visto em um sentido mais amplo engloba a *sociedade política* (Estado coerção ou Estado em sentido estrito) e a sociedade civil. Na esfera da sociedade civil situam-se organizações como partidos políticos, sindicatos, imprensa, sistema escolar, instituições religiosas etc.

Na construção do conceito de hegemonia, o autor dos *Cadernos do Cárcere* identificou nas sociedades capitalistas mais avançadas novas formas de participação: os labirintos da “sociedade civil”, que têm sua origem no processo histórico de transformações das instâncias representativas dos interesses e dos valores humanos. Os aparelhos privados de hegemonia estão vinculados ao movimento das classes e grupos sociais em seus diversos níveis de organização.

⁶² MACHADO, Roberto. Prefácio. In: FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1993. p. 12.

Esses aparelhos são privados porque pressupõem de seus membros uma adesão voluntária, contratual, não formando assim parte do que Gramsci chamou de Estado-coerção, Estado em sentido estrito ou ainda 'sociedade política'; mas são 'privados' (entre aspas) porque, com sua ação, têm um inegável papel nas relações de poder, na determinação do modo pelo qual se constitui a esfera pública da sociedade.⁶³

O conceito gramsciano de hegemonia desdobra-se na sociedade civil, produzindo "consciências coletivas" fragmentadas e/ou sedimentadas; as formas contratuais entre Estado e sociedade, com diferenças acentuadas de acordo com o grau de desenvolvimento social, entre as sociedades de tipo oriental e as de perfil ocidental.

Nas *sociedades ocidentais*, a política é necessariamente mediada por um equilíbrio pendular consenso/coerção, mutável de acordo com a correlação de forças das diversas conjunturas históricas, e a guerra de posição cada vez mais prevalente sobre a guerra de movimento.

Portanto, não seria incorreto afirmar que, para Gramsci, o desenvolvimento/fortalecimento da sociedade civil está diretamente vinculado à organização da cultura, suas manifestações e núcleos aglutinadores. Dialogando com Rousseau, Hegel, Croce, Gentile (estes últimos, filósofos neo-hegelianos, com grande influência no jovem Gramsci, radicalmente contrários à tradição positivista, defensores intransigentes de uma cultura humanista, que valorizava a vontade e a ação na política), Gramsci vai eleger Marx e Lênin como seus principais interlocutores, estabelecendo uma relação dialética e fecunda.

1.5. TEMPO NATURAL E TEMPO FABRIL: DOS JOGOS AOS ESPORTES

Como quer que seja: a verdade
é que o tempo ali pode mesmo
ser sentido, literalmente;
e até como sabor e cheiro...

⁶³ COUTINHO, Carlos Nelson. *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. p. 246.

... O tempo então é mais que coisa:
é coisa capaz de linguagem,
é que ao passar vai expressando
as formas que tem de passar-se...

(*O alpendre no canavial*, João Cabral de Melo Neto)

E.P.Thompson formula hipóteses relevantes ao tratar da passagem do tempo natural para o tempo fabril.

A primeira geração de trabalhadores nas fábricas aprendeu com seus mestres a importância do tempo; a segunda geração formou os seus comitês em prol de menos tempo de trabalho no movimento pela jornada de dez horas; a terceira geração fez greves pelas horas extras ou pelo pagamento de um percentual adicional (1,5%) pelas horas trabalhadas fora do expediente. Eles tinham aceito as categorias de seus empregadores e aprendido a revidar os golpes dentro desses preceitos. Haviam aprendido muito bem a sua lição, a de que tempo é dinheiro.⁶⁴

Dialogando com Thompson e Weber, Ademir Gebara estabelece os parâmetros que nos permitem visualizar a disseminação da prática esportiva dentro dos novos padrões de disciplina e controle social. Podemos ir mais além. Entendemos que os esportes modernos surgem no interior desta transição que alça as relações capitalistas a um patamar de nova hegemonia. O futebol, o rúgbi, o basquete, o vôlei etc. respondem às demandas circunstanciadas pelas questões urbanas e disciplinares da segunda metade do século XIX.

(....) É necessário reter que existem inúmeras dimensões temporais de realidade; neste texto estamos explorando, fundamentalmente, algumas questões articuladas em torno da temática dos tempos das ações motrizes de não-trabalho. Não se trata de discutir a existência do lazer, ou mesmo do jogo e do esporte antes da Revolução Industrial; trata-se, sim, de afirmar que o controle

⁶⁴ THOMPSON, Edward Palmer. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In: *Costumes em Comum*. São Paulo: Companhia da Letras, 1998. p. 294.

do lazer, ou do jogo, ou do esporte, torna-se tecnicamente e socialmente universalizado e efetivo através dos mesmos mecanismos que comandaram a instauração do sistema fabril.⁶⁵

Mas se o microtempo tem a sua transição balizada pelo relógio no controle de tarefas profissionais e privadas, o macrotempo, regulado pelo calendário, articula e possibilita novos controles políticos do tempo. O tempo do calendário organiza os múltiplos componentes da vida social e privada.

Uma função essencial do calendário é a de ritmar a dialética do trabalho e do tempo livre, o entrecruzamento dos dois tempos: o tempo regular, mas linear, do trabalho, mais sensível às mutações históricas, e o tempo cíclico da festa, mais tradicional, mas permeável às mudanças da história.

Já tivemos ocasião de salientar os laços do calendário com os dois sistemas, muitas vezes ligados, aliás, dos trabalhos e das festas... A longa duração e a adaptação do calendário atestam a existência de uma história lenta, mas não imóvel, das sociedades, mesmo nos seus aspectos ligados à ordem natural.⁶⁶

Na Antiguidade e nas fases subsequentes, os jogos, esportes (se assim podem ser chamados) estão vinculados ao tempo natural, às festas religiosas, colheitas etc. As lutas de gladiadores, samurais e outras têm, obviamente, na disciplina um componente vital. De vida, guerra e morte. Mas diferenciada da disciplina dos Tempos Modernos, que perpassa o sistema produtivo e sociocultural, levando de roldão os jogos e regrando os novos esportes, incluindo neste regramento, como elemento-chave, o microtempo, as pequenas e médias medidas. O tempo cronométrico, sendo fator essencial para avaliação da performance, iguala tempo esportivo e tempo produtivo, pelo menos enquanto princípio, estabelecendo uma clara hegemonia na condução dos treinamentos esportivos em evolução.

Mas nem tudo que o tempo mede está no fulcro dos novos regramentos esportivos. E há diferenciações que só análises específicas podem esclarecer, principalmente nos esportes coletivos e no futebol, onde a razão técnica e produtiva

⁶⁵ GEBARA, Ademir. Considerações para uma história do lazer no Brasil. In: *Introdução aos estudos do lazer*. Campinas: Unicamp, 1997. p. 67.

⁶⁶ LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 2005. p. 510.

pode ser surpreendida pela imprevisibilidade de um saber artesanal, encantando adversários e obstáculos. O novo tempo produtivo é um importante referencial analítico que devemos utilizar, interferindo na vida cotidiana (em uma mesma sociedade ou em sociedades distintas), que, em seus ritmos regulares de trabalho, nos interessa, na perspectiva dos esportes e do lazer, como conquistas/manutenções mitigadas dos trabalhadores.

1.6. A FORÇA DO MITO

O passado leva consigo um índice secreto pelo qual ele é remetido à redenção.

(Walter Benjamin)

Outro aspecto nesta introdução ao aparecimento dos esportes, do futebol especificamente, diz respeito à mediação do tempo e do trabalho pela força do mito. Mircea Eliade, em torno de formações sociais antigas, traça em *O Sagrado e o Profano* considerações que dizem respeito diretamente ao nosso objeto. O mito conta uma história sagrada que teve lugar remotamente, no começo do Tempo, reverberando acontecimentos que significam o real, vinculados a uma verdade religiosa, absoluta e irrefutável. Neste ponto, o real é o sagrado por excelência ou vice-versa. A vinculação do que os mitos contam com a atividade criadora pertence à esfera do sagrado. Quando as ações humanas irrompem desvinculadas de um modelo mítico estamos na esfera do profano.

Eliade assinala que o homem religioso só se reconhece verdadeiramente homem imitando os deuses, *conformando-se aos ensinamentos dos mitos*. O tempo do sagrado, tempo do narrador benjaminiano, é o tempo agrícola pré-capitalista, ritmado pelas noções estabilizadoras e quase estáticas do papel do calendário a que Jacques Le Goff aludiu. O tempo do mito religioso é diferenciado do tempo da mercadoria. É o tempo do sobretrabalho, da prevalência das relações pré-capitalistas e do trabalho na agricultura. Não significa que em sociedades modernas, hegemonicamente capitalistas, não existam permanências do sagrado. Do que o mito retém de espelho dos deuses.

Ao imitar seus deuses, o homem religioso passa a viver no “Tempo da Origem”, o Tempo Mítico. Em outras palavras, “sai” da duração profana para reunir-se a um Tempo “imóvel”, à eternidade”. Visto que para o homem religioso das sociedades primitivas, os mitos constituem sua “história sagrada”, ele não deve esquecê-los: reatualizando os mitos, o homem religioso aproxima-se de seus deuses e participa da santidade. Mas há também “histórias divinas trágicas”, e o homem assume uma grande responsabilidade perante si mesmo e a natureza ao reatualizá-las periodicamente. O canibalismo ritual, por exemplo, é a consequência de uma concepção religiosa trágica.⁶⁷

O tempo mítico, tempo do sagrado tem uma vinculação estreita com jogos populares, não metrificados, iluminados pela liberdade da transcendência. O tempo profano pode ser visto como o tempo do esporte moderno, práticas que dessacralizam os rituais da divindade.

O que existe de magia em determinados esportes modernos são na verdade reminiscências, permanências do sagrado em um tempo profano. O futebol, particularmente, por características que veremos adiante, presta-se de forma mais acentuada a reter no imaginário coletivo os momentos em que ocorre a abolição do tempo profano pelo tempo mítico, em rituais ou atos relevantes, quais sejam, cerimônias, guerras etc. Os esportes que alcançam maior popularidade são aqueles que com mais frequência conduzem seus praticantes ou espectadores a experimentar fragmentos do cerimonial do divino. Sabemos que a separação do sagrado e do profano na hierarquização do tempo é um exercício de abstração. No interior do tempo sagrado existe o tempo profano. E no profano encontramos o seu oposto. Diz Eliade:

Toda festa religiosa, todo Tempo litúrgico, representa a reatualização de um evento sagrado que teve lugar num passado mítico, “nos primórdios”... A cada festa periódica reencontra-se o mesmo Tempo sagrado – aquele que se manifestara na festa do ano precedente ou na festa de há um século: é o Tempo criado e

⁶⁷ ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 93.

santificado pelos deuses por ocasião de suas gestas, que são justamente reatualizadas pela festa.⁶⁸

E este reencontro do tempo sagrado são os momentos em que, dentro do tempo profano, o homem encontra as condições necessárias para ser o que de fato ele é.

Roland Barthes quando afirma que “*o mito é uma fala*” acentua que é a História que define o componente substantivo do mito, o fator que *comanda* a linguagem mítica.

... Longínqua ou não, a mitologia só pode ter um fundamento histórico, visto que o mito é fala escolhida pela História: não poderia de modo algum surgir da “natureza” das coisas.

... Esta fala é uma mensagem. Pode, portanto não ser oral; pode ser formada por escritas ou representações: o discurso escrito, assim como a fotografia, o cinema, a reportagem, **o esporte**, os espetáculos, a publicidade, tudo isso pode servir de apoio à fala mítica...⁶⁹

Além de Eliade e Barthes podemos buscar inspiração para estabelecer uma relação entre o universo do futebol e o mito na História no surrealismo, que estabelece como principal estratégia de reencantamento do mundo a criação de um mito em movimento, sempre incompleto e aberto à criação de novas figuras e imagens mitológicas.

O surrealismo não pode ser interpretado para além de um movimento cultural que tentou restabelecer momentos *encantados* que foram apagados pela modernidade que é objeto de crítica do *flâneur*. Na contramão da civilização ocidental moderna esquadrihada por Max Weber, o surrealismo prega através de um novo estado de espírito, determinados princípios que rompam com o utilitarismo

⁶⁸ Ibid, p. 63-64.

⁶⁹ BARTHES, Roland. O mito é uma fala. In: *Mitologias*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 200. (grifo nosso).

e com as regras onipresentes do fetichismo da mercadoria. Segundo Michael Lowy⁷⁰, o inacabamento perpétuo é o elixir de imortalidade do mito surrealista.

Neste ponto, é possível estabelecer paralelo entre as ideias de Roland Barthes e Breton, dentro da perspectiva de conceituação do mito.

A genialidade de Barthes foi ter percebido a particularidade da relação entre a produção de mitos, as necessidades expressivas da sociedade e o poder, no contexto das sociedades industriais modernas. Barthes não define o mito moderno como uma narrativa: ele pode estar concentrado em uma frase ou mesmo em uma imagem. A imagem é até mais eficiente:

[...] a imagem é certamente mais imperativa do que a escrita, impondo a significação de uma vez só, sem dispersá-la. Mas isso já não é uma diferença construtiva. A imagem se transforma numa escrita, a partir do momento em que é significativa: como a escrita, ela exige uma lexis.⁷¹

O mito no surrealismo é poético, sempre incompleto, em movimento e aberto a novas incorporações, avesso ao “mito último” reificado.

A paixão das torcidas pelos clubes, pelos times, não pode ser imobilizada como algo eterno, podendo ser recriada dentro de uma perspectiva do mito surrealista ou na definição de Barthes do mito moderno como fala roubada. O mito como resultado da ação do homem e do imaginário social.

Assim, os 50 anos (1850 a 1900) que conformam o pano de fundo do aparecimento dos esportes modernos conhecem os imperativos do capital, da nova ordem urbana e de um afastamento ainda maior do homem com suas origens de transcendências.

Nas cidades e nas instituições, nas quais os rituais dos esportes populares são transformados em esportes coletivos, os seus praticantes têm um vínculo maior ou menor com os rituais das festas da antiguidade. Com os momentos nos quais os homens detinham em suas mãos, com maior segurança, os segredos do seu trabalho, da sua moradia, da sua vida e da sua morte. Quando estes vínculos se

⁷⁰ LOWY, Michael. *A Estrela da Manhã: Surrealismo e Marxismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

⁷¹ KEHL, Maria Rita. Muito além do espetáculo. In: NOVAES, Adauto (Org.). *Muito além do espetáculo*. São Paulo: Senac, 2004. p. 248.

afrouxam, seja pelo afastamento do homem com a sua realização e integração com a natureza ou pela alienação ou fetiche do trabalho, em maior ou menor grau, os jogos populares passam a significar apenas resquícios que a memória coletiva não retém.

Mas, quando pela atividade criadora, os esportes populares conhecem em suas regras permanências duradouras, como é em certa medida o caso do futebol, existe sempre a possibilidade real ou imaginária da ponte com os rituais pretéritos e as habilidades perdidas no mundo do trabalho.

Dentro do cipoal de regras e disciplina, o jogo transformado em esporte é ao mesmo tempo elemento de novos parâmetros comportamentais e possibilidades de resgate do que foi subtraído pela modernidade da mercadoria.

Sem afirmar que o jogo imita a vida, ou que ele institui um terreno do imaginário onde as compensações do sistema produtivo são refeitas, estamos argumentando que o jogo – esporte moderno – é um componente do sistema produtivo que antecipa processos de disciplina, eficiência e controle de produtividade; de tal maneira este processo se sofisticava que ele é consumido em forma de espetáculo e lazer.⁷²

1.7. JOGOS E BRINCADEIRAS: OS ESPORTES MODERNOS EM PRELÚDIO

Ariés e Huizinga apreendem as peculiaridades do prelúdio dos esportes modernos em suas obras mais conhecidas, deixando em aberto as veredas necessárias para os analistas que através do conceito de circularidade cultural pretendem desenvolver uma História Social do Futebol.

Partimos de um estado social em que os mesmos jogos e brincadeiras eram comuns a todas as idades e a todas as classes. O fenômeno que se deve sublinhar é o abandono destes jogos pelos adultos das classes superiores, e, simultaneamente, sua sobrevivência entre o povo e as crianças destas classes dominantes. É verdade que na Inglaterra os fidalgos não abandonaram, como na França, os velhos jogos, mas transformaram-nos, e foi sob formas

⁷² GEBARA, Ademir. Considerações para uma História do lazer no Brasil. In: *Introdução aos estudos do lazer*. São Paulo: Unicamp, 1997. p. 71.

modernas e irreconhecíveis que estes jogos foram adotados pela burguesia e pelo 'esporte' do século XIX.⁷³

Johan Huizinga, em *Homo Ludens*, analisa a transição do divertimento para a competição organizada, ressaltando os rigores das novas regras, e como a sistematização e a regulamentação cada vez maior dos jogos/esportes implicam a perda de parte de suas características lúdicas, consideradas por ele "mais puras". Huizinga distingue, nas manifestações reveladas entre amadores e profissionais (ou cavalheiros e jogadores), um antagonismo:

.. que implica uma separação entre aqueles para quem o jogo já não é jogo e os outros, os quais por sua vez são considerados apesar de sua competência inferior... O espírito do profissional não é mais o espírito lúdico, pois lhe falta a espontaneidade, a despreocupação. Isto afeta também os amadores, que começam a sofrer de um complexo de inferioridade.⁷⁴

Escrito em uma época na qual as relações profissionais do esporte ainda não estavam consolidadas, mesmo na Europa Ocidental e EUA, *Homo ludens* vai além, ressaltando a "dessacralização" do esporte, sob todos os aspectos, sobretudo quando tem suas ações advindas de iniciativas governamentais.

Capturado dos jogos, esportes pretéritos, os esportes modernos, sobretudo os coletivos, surgem num intervalo de tempo de no máximo 70 anos: 1850/1920; basicamente, entre 1850 e 1900, com inspiração inglesa.

Sistematizados, regulados, metrificados, absorvem dos exercícios militares movimentos, ritmos e principalmente a dimensão da disciplina, tão necessária aos novos tempos. Nesta primeira fase, a maior parte dos jogos tem subtraído o seu componente lúdico pelo esporte da modernidade. Mas apenas nesta primeira fase, pois este quadro traz, desde o seu início, o embrião da contradisciplina e da contra-hegemonia comportamental desta faceta da higienização corporal. Principalmente, no que se refere ao nosso objeto: o futebol.

⁷³ ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981 p. 124. (O historiador francês não assinala que esta adoção teve um filho "rebelde": o futebol).

⁷⁴ HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva, 1980. p. 219-220.

QUEM ERAM OS JOGADORES DE FUTEBOL?

Nesta metade do século, tão pródiga no aparecimento de novidades no campo esportivo, consideramos pertinente para entender o futebol, que semeia na sua partida embriões de contrafetiche, saber responder a uma singela pergunta. Quem jogava bola, a quem inebriou chutar, cabecear, fintar no velho continente? A resposta de Hobsbawm é de citação obrigatória para depois recuarmos a bola para o século XVI, assim como fez Gerson no jogo Brasil x Uruguai, na Copa de 1970.

... a natureza da cultura do futebol neste período — antes de haver penetrado muito nas culturas urbanas e industriais de outros países — ainda não foi bem compreendida. Sua estrutura socioeconômica, porém, é mais compreensível. A princípio desenvolvido como um esporte amador e modelador do caráter pelas classes médias da escola secundária particular, foi rapidamente (1885) proletarizado e portanto profissionalizado; o momento decisivo simbólico — reconhecido como um confronto de classes — foi a derrota dos Old Etonians pelo Bolton Olympic na final do campeonato de 1883...⁷⁵

... é altamente provável que os jogadores de futebol tendessem a ser recrutados entre os operários habilidosos, ao que parece ao contrário do box, esporte que buscava seus praticantes em ambientes onde a capacidade de dominar o seu próprio corpo era útil para a sobrevivência...⁷⁶

Aqui, paramos e recuamos à cidade descrita por Argan⁷⁷ para, em seguida, fixarmos quem seriam, na prática e/ou no imaginário (aspecto não-trabalhado por Hobsbawm), os *operários habilidosos*, que os *olheiros* de então identificavam como possíveis ancestrais de Bobby Charlton e Bobby Moore.

As cidades, como geradoras de modernidade, aturdindo e aturdidadas com a velocidade de seu processo comercial em um movimento que tem início no Renascimento, foram analisadas pelo historiador da arte e urbanista Giulio Argan.

⁷⁵ Assim como no Rio de Janeiro, o momento decisivo simbólico foi a vitória do Vasco da Gama, com um time predominantemente de negros, semiprofissionalizado, no campeonato carioca de 1923.

⁷⁶ HOBBSAWM, Eric. A produção em massa de tradições: Europa - 1870 a 1914. In: -----; RANGER, Terence. *A Invenção das Tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997. p. 297.

⁷⁷ ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

As cidades aparecem separando quem é quem, na nova divisão do trabalho que se origina no fim do dezanove.

O autor italiano analisa a cisão da antiga burguesia urbana, composta por artesãos e mercadores. Formou-se uma elite que assumiu a direção cultural e política, configurando-se na mesma área de poder mais de uma cidade, prefigurando-se o fracionamento entre cidades dominantes e dominadas, hierarquizadas no dezanove em capital e centros regionais.

Dentro do que nos apresenta Argan, uma outra hierarquização interessa mais diretamente a nosso tema, aquela que diz respeito às atividades culturais e à divisão social do trabalho:

À cisão da burguesia da cidade corresponde uma nova ordem hierárquica das atividades culturais: a distinção entre artes liberais e artes mecânicas. Liberais são as atividades que pressupõem princípios filosóficos e conhecimentos históricos; mecânicas são as atividades manuais que pressupõem uma experiência técnico-operacional. As primeiras exercem uma função diretiva; as segundas, uma função subalterna ou executiva...

... A distinção entre atividades liberais e mecânicas determina uma cisão no interior da categoria dos operadores artísticos: o artesão é rebaixado a operário, mas a elite do antigo artesanato gera a categoria dos artistas...⁷⁸

Este artesão "rebaixado" é o precursor da desnomeação completa, efetuada pela linha de montagem do capitalismo industrial e da linha Maginot, daqueles que elegeram o futebol como possibilidade de praticar um esporte, onde a habilidade é pré-requisito. Os peladeiros do novo esporte.

Sabemos que Foucault analisa as transformações ocorridas no século XIX através da ordem e da disciplina do trabalho, em escolas, hospitais e presídios. Já Robert Castel (segundo Francisco de Oliveira, Foucault e Castel, "casca de uma mesma cebola")⁷⁹ nomeia o trabalho e parte para analisá-lo pelo seu oposto, ou seja, estamos entrando naquilo que as tradições clássicas da sociologia, inclusive a marxista, compartilham como sendo o fenômeno social principal: o trabalho. Todas

⁷⁸ _____. *Clássico/anticlássico*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999. p. 57-58.

⁷⁹ Menção feita pelo professor Francisco de Oliveira em curso ministrado na UERJ (Trabalho e exclusão Social), em 2000, na Pós-Graduação da Faculdade de Serviço Social.

as sociedades humanas são levadas a um metabolismo com a natureza através do trabalho. Corresponde, como entende Marx, a uma necessidade da vida social. Ao trabalho, foi atribuída uma posição-chave na teorização sociológica, desde o surgimento do pensamento social (Marx, Weber e Durkheim).⁸⁰

A experiência dominante, no século XIX, constituiu-se no estabelecimento e crescimento quantitativo do trabalho em sua forma pura, separando-o de outras atividades e esferas sociais. Pela primeira vez na história, é possível personificar o trabalho na categoria social do trabalhador. Ocorre a separação da família da esfera da produção, divisão entre propriedade privada e trabalho assalariado, liberação do trabalho das normas que o atavam na etapa de acumulação primitiva do capital.

O ato de trabalhar *livre*, regulado pelo mercado e não mais para o uso concreto, é a matéria-prima sobre a qual se debruçam os clássicos da sociologia em suas construções teóricas.

Eric Hobsbawm em *A Era das Revoluções*⁸¹ mostra como na fase inicial da Revolução Industrial ocorreu uma multiplicação do número de artesãos pré-industriais, bem como aquilo que viria a ser qualificado por Marx como exército industrial de reserva.

No caso específico de nossas hipóteses, nos interessa basicamente a obra de Marx que não estuda no *O Capital*, o trabalho pelo trabalho, e sim o trabalho enquanto mercadoria e suas consequências. O trabalho assalariado — enquanto mercadoria — é a criação-chave do capitalismo

Mergulhando um pouco mais fundo no universo do trabalho, nas análises de Castel, a noção de trabalho é constituída pelo seu oposto, pelo não-trabalho, pelo negativo. As formas anteriores do não-trabalho capitalista nomeiam o trabalho capitalista, seu sucedâneo. A territorialidade do trabalho não-capitalista, pré-capitalista, o artesão e o mestre (nada mais são do que o oposto...) são o oposto da não-territorialidade do trabalho capitalista, que deixou de pertencer a uma comunidade.

A figura do vagabundo, por exemplo, é útil para nomear, na medida em que o trabalho é nomeado pela sua negatividade. Desde a Idade Média existe a figura do

⁸⁰ MARX, Karl. *O Capital*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971. WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. In Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1974. DURKHEIM, Émile. *Divisão do Trabalho Social*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

⁸¹ HOBBSAWM, Eric. *A Era das Revoluções*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

vagabundo, e o trabalho no capitalismo vai aparecer como ameaçador, deslocado na sua perspectiva anterior — localidade, territorialidade.

No capitalismo, voltamos a realçar, a nova desfiliação se pauta pela antiga filiação.

Na transição do feudalismo para o capitalismo, o pobre fazia parte da comunidade, alguém que não sente vergonha pelo seu lugar, sua "localização" social. O capitalismo cria o "pobre envergonhado", o trabalho livre desestrutura velhos laços e, ao lado do "pobre envergonhado", vai aparecer o "mendigo válido", aquele que não tem condições de prover sua subsistência, de trabalhar, que não tem laços de pertencimento com a comunidade, como tinham os servos da gleba; são os deserdados da comunidade. Assistimos, então, à transição durante a Revolução Industrial, do "pobre envergonhado" para o "mendigo válido", que é a gênese, o prelúdio do trabalhador/mercadoria.

O sistema destruindo suas antigas filiações propõe novas filiações, novos laços de identidade, novos códigos de nomeação, que são reapropriados pelos trabalhadores. Esses novos laços de identidade, como por exemplo, o assalariamento de antigas profissões liberais, expropriam as habilidades, o saber, lentamente construído pelas antigas relações de trabalho.

Foucault, neste momento de desinstitucionalização do sujeito, percebe e descortina o poder onde o poder não está institucionalizado. Dentro de uma dialética saber e poder e o forjar de um novo corpo, o filósofo francês desloca o seu olhar para as instituições que estão moldando este novo sujeito. As escolas, que "inventaram" o futebol, prisões, hospícios. Podemos dizer que, com seu olhar micro, Foucault ilumina o macro neste momento, o tempo de trabalho e o tempo de não-trabalho são cada vez mais um só tempo, encaminhando a construção de uma nova subjetividade. Na passagem do trabalho concreto para o trabalho abstrato, a desqualificação da força de trabalho se acelera, não apenas enquanto questão técnica, mas também por motivos políticos e de classe. Assistimos à mimetização do processo de trabalho, genialmente levada na tela, quase um século depois, por Jacques Tati, em *Mon Oncle* (1958) e *Play Time* (1967).

A antropologia econômica de Marx desnuda a transferência da habilidade do homem para a máquina, que é uma espécie de extensão do corpo humano. Voltando ao cinema, relembramos dois filmes: o clássico *Tempos Modernos* (1936) e

um outro não tão clássico e genial, mas também instigante, *A Classe Operária vai ao Paraíso* (1971).

A este processo corresponde a radicalização do trabalho abstrato, tendo como meta (utópica) a redução a um único denominador comum, que é o tempo, através do qual a empresa programa seus resultados. A classe trabalhadora do capitalismo industrial tem sua formação marcada pelo processo de sua desqualificação, radicalizado quando entram em cena Taylor e Ford (segunda década do século XX), os intelectuais orgânicos da linha de montagem, tentando igualar tempo de trabalho a tempo de produção. A linha de montagem tem como objetivo transformar tudo em fluxo, em processo, predecessora que é da indústria de informática.

Thompson, em sua conceituação inovadora sobre classes sociais/experiência comunitária, ressalta sempre que a maior experiência coletiva ocorre no trabalho, no local de trabalho e de seus tentáculos agregadores e disciplinadores, mas que trazem sempre o tempo real da contra-hegemonia.

Procurando analisar as classes sociais a partir de uma visão abrangente, o historiador inglês pesquisa minuciosamente não apenas as condições materiais de existência dos homens, o lugar que ocupam no modo de produção (proprietários e não-proprietários) mas o nexo entre a esfera produtiva e a consciência, tendo com o pano de fundo a vivência/experiência em comunidade.

... A classe se delineia segundo o modo como homens e mulheres vivem suas relações de produção e segundo a experiência de suas situações determinadas, no interior do “conjunto de suas relações sociais”, com a cultura e as expectativas a eles transmitidas e com base no modo pelo qual se valeram dessas experiências em nível cultural...⁸²

Voltando a Francisco de Oliveira, cabe citar, desta possibilidade permanente de contra-hegemonia em uma guerra de posição que é eterna, a sua saborosa metáfora do queijo na resistência à pasteurização do trabalho. O queijo suíço, com seus buracos, representando a resistência e o queijo de minas sem furos, utopia da

⁸² THOMPSON, Edward Palmer. Algumas observações sobre classe e falsa consciência. In: *As Peculiaridades dos Ingleses e outros artigos*. Campinas: Unicamp, 2001. p. 277.

linha de montagem onde tudo é trabalho, em um sistema que gera uma espiral constante de destruição das habilidades do trabalhador.

Quem sabe o queijo suíço não seria também a metáfora maior do corifeu da modernidade?

É preciso, nisto tudo, não confundir o não-trabalho com o ócio, principalmente para o trabalhador de fábrica, onde o ócio praticamente não existe, pois o não-trabalho nada mais é que um tempo frágil de reposição de energia. É claro, que principalmente na Europa Ocidental, nosso caso específico de berço do futebol, as lutas sindicais conseguem algumas vezes furar este queijo, mantendo ou introduzindo o direito ao ócio/tempo livre.

Em Walter Benjamin, "o moderno vencedor" inclui, em si, o antigo, salientando o não-evolucionismo e o não-determinismo "em um mundo que não chega a ser moderno por inteiro"

A história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de 'agoras'. Assim, a Roma antiga era para Robespierre um passado carregado de 'agoras', que ele fez explodir do continuum da história. A Revolução Francesa se via como uma Roma ressurreta. Ela citava a Roma antiga como a moda cita um vestuário antigo. A moda tem um faro, onde quer que ele esteja na folhagem do antigamente. Ela é um salto de tigre em direção ao passado. Somente ele se dá numa arena comandada pela classe dominante. O mesmo salto, sob o livre céu da história, é o salto dialético da Revolução, como concebeu Marx.⁸³

O esforço do historiador deve apontar para a recuperação dos estilhaços ou fragmentos do passado.

A convivência do "velho com o novo", do moderno vencedor, que inclui em si o antigo, está presente em todas as etapas da história da humanidade. Trata-se de recuperar, como aponta Benjamin em seu ensaio *O Narrador – considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*,⁸⁴ a arte de narrar e não deixar definhar a sabedoria, o lado épico da verdade, que está em extinção.

⁸³ BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 229-230.

⁸⁴ _____. *O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

Walter Benjamin identifica a História como um lugar onde as contradições estão em permanente movimento e fragmentação. Sua leitura da modernidade é transpassada por deslocamentos e tensões onde questões como o papel do narrador, do passado, presente e futuro, a oposição multidão e *flâneur* permitem, através de caminhos e atalhos interpretativos, o vislumbrar de uma totalidade só perceptível por meio de um método peculiar que vasculha o real em recantos que, à primeira vista, podem confundir o leitor desatento.

Buscamos captar no autor alemão a tensão entre memória e esquecimento; o estilhecimento da aura e da experiência no mundo moderno. A aquisição de uma memória que não consta nos livros da historiografia oficial. O historiador deve ter como tarefa fazer emergir as esperanças não-realizadas do passado, partindo do ponto de vista de que tudo o que foi vivido é finito, limitado, mas o que é lembrado, reconstruído, não tem limites em suas potencialidades. A memória é concebida como uma via possível de redenção até mesmo de transcendência.

Em Benjamin, nos interessa sua narrativa dialético-poética sobre as cidades da modernidade, exemplificadas em suas citações de Engels e Simmel sobre a impessoalidade do andar nas ruas, levando-nos a um salto no tempo e a Paulinho da Viola em *Sinal Fechado*.⁸⁵

(...) O próprio tumulto nas ruas tem algo de repugnante, algo que revolta a natureza humana. Essas centenas de milhares de todas as classes e posições, que se empurram umas às outras, não são todos seres humanos com as mesmas qualidades e aptidões, e com o mesmo interesse de serem felizes? (...) E, no entanto, passam correndo uns pelos outros, como se não tivessem absolutamente nada em comum, nada a ver uns com os outros (...). E, no entanto, não ocorre a ninguém conceder um olhar sequer. Essa indiferença brutal, esse isolamento insensível de cada indivíduo em seus

⁸⁵ Na História da MPB, duas canções realizam uma poética do tempo com olhares diferenciados, Em *Oração ao Tempo* Caetano Veloso volta-se para o “compositor de destinos”, “tambor de todos os ritmos” no compasso do tempo do calendário, do tempo sacralizado. Paulinho da Viola em *Sinal Fechado* visualiza em suas estrofes a “alma dos nossos negócios”, de um tempo profano, estabelecendo um diálogo entre um flâneur aturdido e a velocidade dos transeuntes cronometrados.

interesses privados, avultam tanto mais repugnantes e ofensivos quanto mais esses indivíduos se comprimem num exíguo espaço.⁸⁶

Benjamin dialoga com a modernidade, parteira do futebol, com a lucidez de quem está diante de uma realidade contraditória, na qual a transitoriedade, o valor de troca, o fetiche fazem do homem moderno um ser sufocado pela angústia e insegurança do *descartável* modo de vida do capitalismo.

Georg Simmel, mencionando um distanciamento funcional, uma proteção interna contra a proximidade excessiva, contra a despersonalização, o rompimento dos laços do privado, irá abordar a necessidade do segredo, das *sociedades secretas* no capitalismo como forma de preservação do valor de uso, da aura quase despedaçada, assim como a empatia do *flâneur* pela mercadoria é a empatia pelo próprio valor de troca:

O *flâneur* é o virtuoso dessa empatia. Leva a passeio o próprio conceito da venalidade. Assim como o grande magazine é seu derradeiro refúgio, assim sua última encarnação é o homem-sanduíche.⁸⁷

Para Simmel, o segredo é um elemento central na preservação da subjetividade em um momento onde as características do indivíduo se deslocam radicalmente da esfera pública para a vida privada. O segredo como possibilidade da construção e da preservação da individualidade, uma espécie de dissimulação como forma de abertura para uma vida com novas habilidades.

Tanto para Simmel quanto para Walter Benjamin, o homem moderno cria defesas frente ao rolo compressor do novo e do desconhecido, passando a ter um olhar estetizante da realidade, uma espécie de filtro frente aos novos valores de troca. A importância do segredo situa-se na proporção direta da intensidade com que a sua revelação seja negada. Ora, em uma sociedade onde os talentos individuais são subtraídos progressivamente pela escala produtiva, cada vez mais a possibilidade de revelação dos segredos humanos é negada. A arte passa a constituir-se um dos instrumentos através do qual esta revelação torna-se possível.

⁸⁶ ENGELS, Friedrich. A situação da classe operária na Inglaterra apud BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1997. p. 118-119.

⁸⁷ BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1997. p. 227.

O futebol, um esporte com espaço para o talento, abre caminho para a reafirmação da realização humana pela via das habilidades pessoais.

Segredo e sociedades secretas são elementos essenciais para o regramento mágico do futebol e de seus componentes de contradisciplinarização no auge da regulação social, como quer Foucault. Proteção interna que permitiu à *International Board* (sem dúvida, uma analogia de sociedade secreta) tamanha criatividade, ponderação, parcimônia, inventividade ao pinçar as peladas, regrá-las de um jeito tão livre e utópico, que atingindo a *perfeição* na *reinvenção* do futebol, faz retorná-lo a um estágio superior ao das peladas, até transformar-se em alguns países em esporte, arte e paixão popular.

Estágio superior alcançado primeiramente por sociedades *orientais* (na acepção gramsciana do termo), como a brasileira, uruguaia e argentina.

Jogo de espelhos de Benjamin com o *flâneur* e a modernidade e suas invenções, dentre elas o futebol. Benjamin, discorrendo sobre o *flâneur* em estágio de tensão, temeroso da perda de sua privacidade, comenta que o mesmo deve ficar à margem da ordem capitalista, pois só assim manterá a sua individualidade. Fora das normas capitalistas, da sua divisão de trabalho, fetiche/alienação. Assim como a arte e o futebol, recuperando a habilidade capturada do artesão pela linha de produção, com pigmentos de contra-alienação.

O *flâneur* é um observador do mercado. O seu saber é vizinho à ciência oculta da conjuntura. Ele é, no reino dos consumidores, o emissário do capitalista.

O *flâneur* e a massa: aqui o revê parisien (sonho parisiense) de Baudelaire poderia ser muito instrutivo.

A ociosidade do *flâneur* é uma demonstração contra a divisão do trabalho.⁸⁸

Parodiando o autor de *Rua de mão única*, diria que se em cada época deve-se fazer a tentativa de arrancar a tradição do campo do conformismo que está sempre prestes a subjugá-la (W.B.), os homens de Cambridge, da *Board* e outros mais que foram desenhando o futebol, arrancaram da tradição das peladas e da possibilidade de um regramento conformista e, consciente ou inconscientemente,

⁸⁸ Ibid., p. 199.

iniciaram um processo de recriação, lançando o esporte de chute na bola no meio da Zona do Agrião. Repetindo: com características contraditórias de hegemonia, contra-hegemonia, alienação, contra-alienação, fetiche e contrafetiche.

Como nossos craques. Como Dori Kürschner, treinador húngaro, ligeiramente tímido, avesso a convescotes sociais, responsável pela retirada do futebol brasileiro de uma concepção tática da Idade Média desse esporte.

Kürschner chega ao Brasil em 1937, a convite do então presidente do Flamengo, José Bastos Padilha, assumindo de imediato o comando do time. De 1937 a 1940, como técnico do Flamengo e do Botafogo, o mago do WM como ficou conhecido, introduziu inúmeras inovações táticas, técnicas e no campo da preparação física, deixando discípulos que fizeram história. Um apolíneo entre dionisiacos. Dedicaremos a ele um capítulo desta tese.

Voltando a Benjamin, o resgate da memória buscando no passado os acontecimentos esquecidos pelas classes dominantes, impedindo o silêncio sobre a História dos vencidos, é parte da árdua tarefa do historiador. O narrador em Benjamin busca, através da experiência viva, a manutenção da arte de narrar, da sabedoria de intercambiar experiências:

Nada facilita mais a memorização das narrativas que aquela sóbria concisão que as salva da análise psicológica. Quanto maior a naturalidade com que o narrador renuncia às sutilezas psicológicas, mais facilmente a história se gravará na memória do ouvinte, mais completamente ela se assimilará à sua própria experiência e mais irresistivelmente ele cederá à inclinação de recontá-la um dia. Esse processo de assimilação se dá em camadas muito profundas e exige um estado de distensão que se torna cada vez mais raro...

... Pois a narração, em seu aspecto sensível, não é de modo algum o produto exclusivo da voz. Na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos, aprendidos na experiência do trabalho, que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito...⁸⁹

Na segunda metade do dezenove, momento em que narradores e artesãos assistem a um processo de extinção dos lugares que ocupam na sociedade, em

⁸⁹ _____. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 204-220-221.

cada *casela* há uma nova nomeação e o novo e o velho deslizam, desarrumando e rearrumando o tecido social, até a consolidação de uma nova hegemonia, precária por um certo período, estabilizando-se em encruzilhadas conjunturais seguintes, mas sempre num movimento contínuo em que a incorporação do velho pelo novo não transcorre passivamente, provocando distúrbios, deslocando constantemente o eixo das contradições.

Assim, tempos são marcados diferentemente na mesma Inglaterra, no mesmo espaço de tempo, e práticas laborais não são fotografias 3x4; o trabalho “fotografado” tem nuances, capturas diferenciadas de suas habilidades, movimentos em tempos descontínuos.⁹⁰

Após esta longa trajetória pelas cidades e pelo mundo do trabalho, propositalmente detalhada, volto ao ponto que são os jogadores de futebol na Europa, mais especificamente na Inglaterra, em suas primeiras décadas de existência. Aqui, tenho de recorrer ao territorial e ao imaginário. O futebol encantou trabalhadores que sentiram escapar de suas mãos o seu talento antes necessário, e, ao mesmo tempo, todos aqueles que nunca tendo experimentado o sabor do *ser artesão*, viam neste esporte uma opção, uma prova dos nove de um vir a ser subjetivo, de uma magia ou talento cuja demanda a nova sociedade estava paulatinamente esvaziando. Uma nova sociedade que, paradoxalmente, criava no mesmo espaço de tempo novos esportes e invenções que mudariam radicalmente o destino da humanidade.

Dois conceitos centrais da obra de Marx, trabalhados basicamente nos *Manuscritos de 1844* (alienação) e no *O Capital*, volume 1 (fetiche), que significam, respectivamente, estranhamento e ocultação, apresentam-se como pontos de elucidação da relação futebol/modernidade.

Conceitos que Marx aperfeiçoa ao longo de sua obra, não sofrendo nenhum processo de ruptura, ao contrário, são aprofundados quando analisada a produção de mercadorias e estruturada a teoria do valor. Podemos distinguir três momentos da alienação do trabalho:

⁹⁰ A fotografia nos mostra essa atitude através dos seus recursos auxiliares: câmara lenta, ampliação. Só a fotografia revela esse inconsciente ótico, como a psicanálise revela o inconsciente pulsional. In: BENJAMIN, Walter. Pequena História da Fotografia. In: *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 94.

Alienação da vida genérica;
alienação do produto do trabalho;
alienação do ato do trabalho, significando a despersonalização do homem, pois o trabalhador não é apenas separado do produto de seu trabalho, mas do ato mesmo de seu trabalho, na medida em que lhe são impostos os métodos para exercê-lo, seus gestos e ritmos são comandados de fora através da engrenagem do sistema produtivo. Os trabalhadores são destituídos de suas habilidades, caindo num vazio criativo.⁹¹

Será a alienação do ato do trabalho que utilizaremos para procurar demonstrar a existência de uma parcial restituição do valor de troca em atividades artesanais/artísticas, como o futebol, propiciando uma recuperação do que foi ceifado pela linha de produção. De forma fragmentada e parcial, atividades desta natureza desempenham importante papel de identidade cultural e manutenção da alegria do pertencimento, em um processo de contrafetichismo e contra-alienação, uma tomada de consciência de classe que, como quer Thompson, é produto de experiências vividas, não caindo nos braços de seus atores de forma pronta e acabada, estando em permanente movimento de construção e desconstrução. Como a própria vida. Assim, podemos delimitar o perfil contra-hegemônico que desempenha a cultura, a arte, o futebol, não dentro de uma perspectiva totalizante, mas, fragmentada com potencial semeador de novos saltos qualitativos, posta à feição da ação humana no exercício da política.

Marilena Chauí, em *Conformismo e resistência*, tangencia nossas hipóteses:

Além disso, o que faz do futebol um esporte possível é algo muito precioso: ele é visto como arte, perícia, habilidade, engenho (uma espécie de *métis*, no sentido grego do termo, isto é, inteligência prática e astuta que sabe agarrar o tempo oportuno porque dotada de rapidez e de golpe de vista), capacidades que são próprias dos jogadores; mas, ao mesmo tempo, é visto como conjunto de conhecimentos que todos possuem, jogadores e torcedores.⁹²

⁹¹ GARAUDY, Roger. *Karl Marx*. Rio de Janeiro: Zahar, 1967. p. 62-63.

⁹² CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 102.

1.8. ORIGENS DO FUTEBOL: DAS PELADAS A CAMBRIDGE

São múltiplas as origens do futebol: China, Itália, Inglaterra etc. Todas em forma de jogo, festa ou simples brincadeira.

O Kemari, há 4.500 anos na China; o Harspatum entre os romanos; o Cálcio, de origem florentina, todos eles (principalmente o Harspatum e o Cálcio), na comissão de frente dos "inventores" do futebol. O que se sabe, com maior grau de segurança, tem relações pretéritas com o *mass-football*, na Idade Média Inglesa. O jogo era disputado anualmente com número ilimitado de participantes e tinha como objetivo conduzir a bola confeccionada pelo sapateiro da cidade madrinha – Ashbourne – de couro e enorme, até a meta adversária, as portas norte e sul da cidade. Valia tudo. Chute, soco e a vitória à equipe que primeiro atingisse a porta ou *gol definido*.

Diz a lenda que o jogo praticado em Ashbourne remonta ao Harspatum, e que, no século XIV, uma das partidas foi disputada com o crânio de um oficial dinamarquês derrotado em batalha. Mitos à parte, todos os registros apontam para um jogo violento, com notícias de muitos feridos e algumas mortes.

A 13 de abril de 1314, o rei, a Igreja, e administradores municipais – no caso Eduardo II, seguindo o exemplo de seu pai, Eduardo I – uniram-se em torno da publicação de um édito real em Londres:

...sendo tanto o barulho na cidade em decorrência das disputas por enormes bolas... das quais muitos males podem advir sem a aprovação de Deus, determinamos e proibimos, em nome do Rei, sob pena de prisão, tal jogo de bola na cidade...

...Eduardo II, o rei que fez publicar o édito proibindo o futebol na Inglaterra, não foi, porém, o primeiro a fazê-lo. Seu pai, Eduardo I, também se opusera ao jogo de bola, não tanto pelo barulho, ou pelas vítimas que eventualmente o violento esporte provocava. As razões do rei eram essencialmente militares, pois temia que seus soldados, em plena guerra com os escoceses, iniciada em 1297, trocassem as armas pela bola (o futebol era um jogo muito popular no norte da Inglaterra e também na Escócia, chegando a se realizarem jogos entre os dois lados, nos espaços entre as duas batalhas). Além disso, Eduardo II notara que o interesse de seus soldados pelo

futebol era tanto, que temia viessem eles a se descuidar de esportes mais adequados ao treinamento para a guerra (arco e flecha, esgrima, arremesso de lanças).⁹³

De pai para filho, neto e bisneto, o fato é que o futebol ficou proibido na Inglaterra até meados da Idade Moderna, quando então tem início uma transição nos pátios de colégios e Igrejas, concluída no dezenove.

Analizando com atenção, tudo isso nada mais foi do que uma combinação do que viriam a ser o futebol, o rúgbi e outros esportes menos populares. Do que viria a ser o futebol, cujas regras concebidas de forma consciente ou não, valorizam a habilidade perdida do artesão. Na prática ou no imaginário.

REGRAMENTO OU “INVENÇÃO” DOS ESPORTES

Rúgbi - Nascido em 1823, regulamentado em 1871, Inglaterra.

Tênis - Regulamentado em 1875, Inglaterra.

Futebol - Regulamentado em 1863, Inglaterra.

Basquete - Regulamentado em 1891, EUA.

Vôlei - Regulamentado em 1895, EUA.

Das classes populares para as elites; das elites para as classes populares. Dos campos de racha para os pátios de colégios, instituições militares e clubes fechados, destes novamente para as ruas. A circularidade cultural em foco: a história do futebol assistiu a estes movimentos interclasses e transposição de muralhas culturais aparentemente inexpugnáveis.

O regramento do futebol: talento, técnica e magia (o segredo).

O tempo é uma convenção que não existe nem para o craque,
nem para mulher bonita.

(Nelson Rodrigues)

O futebol, sendo praticado com os pés, aumenta seu grau de imprecisão, ampliando a necessidade de maestria e os solos individuais, abrindo caminhos para

⁹³ *Enciclopédia Mirador*. São Paulo: Editora Enciclopédia Britannica do Brasil; 1986. p. 5032.

surpresas e acasos ao longo de uma partida. O maior sentido de conjunto e a contrapartida do uso impreciso dos pés, com movimentos corporais em ritmos descompassados, tornam o fator surpresa o ponto central deste esporte. Além do fato de que jogadores baixos e franzinos podem ser craques (hoje em oito posições), ao contrário de outros esportes coletivos como basquete, vôlei e beisebol, o elenco de surpresas do futebol e sua aproximação com o talento, magia e técnica não param por aí, identificando a torcida com a intimidade proporcionada por um jogo, cuja chave do segredo encontra-se no bolso de qualquer espectador medianamente informado.

As regras do futebol favorecem o talento, num conjunto de fatores interligados: a simplicidade, que requer a sua prática, do campo ao material esportivo, e um aspecto que é um autêntico chiste sem palavras: que esporte coletivo permite uma equipe claramente inferior fazer 1 x 0, se trancar na defesa e ganhar o jogo? Nenhum. Nenhum outro. Os pés e a zebra⁹⁴ são os grandes segredos do futebol e a *International Board* (entidade restrita a quatro ou cinco membros, criada em 1883 para uniformizar as regras do futebol entre Inglaterra, Escócia, Irlanda e Gales; *International Board* que até hoje decide, junto com a FIFA, qualquer mudança nas regras do futebol), a responsável por estes regramentos aparentemente disciplinadores, segredados nos ouvidos de cada um dos seus velhinhos integrantes que, com a sabedoria dos grandes mestres, ciosos da quase perfeição da criação que tem tanto deles, só aceitam mudar suas regras de tempos em tempos. Este é outro dos grandes segredos responsáveis pela popularidade do futebol: regras definidas, só desconhecidas por quem não é culturalmente aquinhoado para apreciar esta que, segundo Hobsbawm, “é quase uma religião leiga dos trabalhadores”.

O futebol como esporte proletário de massa quase uma religião leiga foi produto da década de 1880, embora os jornais do norte já ao final da década de 1870 houvessem começado a observar que os resultados de jogos de futebol, que eles publicavam somente para preencher espaço, estavam na verdade atraindo leitores. O jogo foi profissionalizado em meados da década de 1880, quando desenvolveu suas estruturas, os jogos da liga, a competição

⁹⁴ Outra invenção genial do mestre Gentil Cardoso: a zebra.

arrasadora pela taça, o domínio quase completo do jogo por atletas de origem proletária (que recebiam salário como todos os trabalhadores, embora os dos atletas fossem mais altos do que os dos restantes), a curiosa polarização que dividia as cidades industriais acima de um certo porte em partidos rivais que apoiavam times rivais...⁹⁵

Para chegarmos ao Brasil, é necessário assinalar que o treinamento do futebol, sua tática e preparação estão divididos em quatro fases nitidamente marcadas: antes da primeira lei do impedimento (1866), depois do surgimento desta lei, o surgimento da segunda lei do impedimento (1925) e o aparecimento e aperfeiçoamento da medicina esportiva e da preparação física dos jogadores (pós-1930), consequência direta da profissionalização do esporte

Sustentamos, com a certeza de quem viu Didi, Gerson, Garrincha e Maradona jogarem, que, sem a segunda lei do impedimento, o futebol teria futuro incerto, e de maneira alguma seria alçado à categoria de arte popular. A adoção da segunda lei do impedimento pelos times brasileiros só veio a ser plenamente implantada na década de 1940, 15 anos após sua incorporação oficial na Europa Ocidental.

Ao final deste primeiro capítulo, apresentamos um resumo da evolução das leis do futebol. Do regramento deste esporte, normas disciplinadoras, oriundas de novas instituições da sociedade capitalista moderna, basicamente as escolas inglesas.

A partir da observação destas normas positivadas é possível depreender boa parte do segredo da popularidade mundial do futebol.

1.9. NÃO FORAM SÓ OS ESPORTES...

A segunda metade do dezenove assistiu a invenções e transformações no campo produtivo e tecnológico, originadas no centro do capitalismo, que mudariam radicalmente os destinos da humanidade.

Os homens na passagem do século XIX para o século XX, conheceram novidades com as quais não chegaram a sonhar dez anos antes. Tirar fotografias;

⁹⁵ HOBBSAWM, Eric. *Mundos do Trabalho*. São Paulo: Paz e Terra, 1988. p. 262.

utilizar o telégrafo; usufruir a arte do cinema e o lazer das transmissões radiofônicas; falar ao telefone; ouvir música; iluminar seus aposentos (lâmpadas elétricas) e encurtar as distâncias com a velocidade dos trens.

Conforme assinala o crítico de arte Robert Hughes em *O choque do novo*:

A velocidade com que a cultura reinventou a si própria por meio da tecnologia, no último quartel do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, parece quase sobrenatural. Em 1877, Tomas Alva Edison inventou o fonógrafo, a mais radical extensão da memória cultural desde a fotografia; dois anos depois, ele e J. W. Swan, trabalhando independentemente, desenvolveram a primeira lâmpada com filamento incandescente, a sensação da *belle époque*. Os primeiros 25 anos da vida do símbolo do artista moderno, Pablo Picasso – que nasceu em 1881 –, testemunharam a fundação do século XX, tanto para a paz como para a guerra: a metralhadora (1882), a fibra sintética (1883), o motor elétrico de Telsa, a câmara da Kodak, o pneumático Dunlop (1888), o cordite (1889), o motor diesel (1892), o Ford (1893), o cinematógrafo e o gramofone (1894). Em 1895, Roentgen descobriu os raios X, Marconi inventou o telégrafo sem fio, os irmãos Lumière desenvolveram a câmera de cinema, o russo Konstantin Tsiolkovsky enunciou o princípio da propulsão por foguete e Freud publicou seus estudos fundamentais sobre a histeria. E assim foi: a descoberta do rádio, a gravação magnética do som, a primeira transmissão da voz, o primeiro vôo autônomo dos irmãos Wright (1903) e o ano milagroso da física teórica, 1905, no qual Albert Einstein formulou a teoria da relatividade espacial, a teoria do fóton da luz e a entrada na era nuclear com a fórmula de sua lei da relação da equivalência entre massa e energia - $E = mc^2$. Uma pessoa não precisa ser cientista para perceber a magnitude dessas mudanças. Elas conduziram à maior alteração na visão que o homem tem do universo desde Isaac Newton...⁹⁶

Nas escolas, novas formas de ensino e os primeiros degraus dos esportes coletivos. Tudo isso marcado por processos acelerados de *revoluções tecnológicas*

⁹⁶ HUGHES, Robert apud SADER, Emir. *Século XX – uma biografia não autorizada: o século do Imperialismo*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2000. p. 120-121.

assegurando as bases de novos ciclos de acumulação de capital, especialmente na Grã-Bretanha. Na primeira *revolução tecnológica* houve uma série de inovações – carvão vegetal, energia a vapor, mecanização das indústrias têxteis etc. – multiplicando o número de trabalhadores na indústria inglesa, de 100 mil em 1770, para 350 mil, em 1800. Na segunda metade do século XIX o panorama é outro.

... Entre 1870 e 1910, foi possível constatar uma radical modificação na divisão do trabalho, o que coincidiu justamente com o período referente à Segunda Revolução Tecnológica. Também na forma de uma verdadeira onda de inovação, com a descoberta de novos materiais, como o aço e o petróleo, da energia elétrica, do motor a combustão, do telégrafo e do telefone, entre outros, o capitalismo conseguiu garantir um novo ciclo de acumulação sem precedente...⁹⁷

As inovações tecnológicas caminhavam passo a passo com a precarização do processo de trabalho, simplificando tarefas, desqualificando e desfiliando o trabalho artesanal pré-Revolução Industrial, proporcionando a entrada no mercado de legiões de trabalhadores não especializados, em sua maioria egressos do campo, de manufaturas falidas ou oriundos de um exército industrial de reserva, que naquela conjuntura era cada vez mais numeroso, constituindo-se em um fenômeno sociourbano com dimensões além do que o próprio Marx previra em suas pesquisas e escritos.

A tudo isso, a todas essas invenções, alguns anos depois viriam se somar o avião e toda sorte de eletrodomésticos. (A televisão e a informática estavam na espreita). Não podemos esquecer o *frisson* que a geladeira causou no Rio de Janeiro e em São Paulo, na década de 1920, o que pode ser constatado na publicação *Vida Sportiva*, que em vários de seus números noticiou seu impacto nas vidas domésticas e no cotidiano urbano, em colunas sociais ou em anúncios.

⁹⁷ POCHMANN, Marcio. *A Década dos Mitos*. São Paulo: Contexto, 2001. p. 55.

1.10. ESTADO-NAÇÃO, FUTEBOL E TRADIÇÃO

É recente, na história da humanidade, o aparecimento do Estado-nação, nomeado pela soberania política, jurídica e unidade territorial. Os marcos cronológicos podem ser datados nos vinte anos que circundam 1850. Como já dissemos, não foram só os esportes...

Hobsbawm⁹⁸ propõe analisar o processo histórico ou *invenção histórica* do Estado-nação em três etapas:

Se acompanharmos a periodização proposta por Eric Hobsbawm, em seu estudo sobre a invenção histórica do Estado-nação, podemos datar o aparecimento de “nação” no vocabulário político na altura de 1830, e seguir suas mudanças em três: de 1830 a 1880, fala-se em princípio da “nacionalidade”; de 1880 a 1918, fala-se em “ideia nacional”; e de 1918 aos anos 1950-60, fala-se em “questão nacional”. Nessa periodização, a primeira etapa vincula nação e território, a segunda a articula à língua, à religião e à raça, e a terceira enfatiza a consciência nacional, definida por um conjunto de lealdades políticas. Na primeira etapa, o discurso da nacionalidade provém da economia política liberal; na segunda, dos intelectuais pequeno-burgueses, particularmente alemães e italianos, e, na terceira, emana principalmente dos partidos políticos e do Estado.⁹⁹

E será exatamente entre 1830 e 1914, com uma primeira fase entre 1830 e 1870, que um pequeno grupo de nações acumula fatias cada vez maiores de poder econômico e político-territorial. Em um movimento simultâneo, sincronizado e interdependente da expansão crescente do capitalismo, um seleto número de países europeus assume o controle político colonial de mais de ¼ do território mundial. José Luis Fiori esquadrinha com didatismo este percurso:

Em síntese, entre 1830 e 1914, a riqueza mundial cresceu, mas de forma extremamente desigual, ao mesmo tempo em que se

⁹⁸ Eric Hobsbawm investigou o tema em vários de seus livros, particularmente em *Nações e Nacionalismo desde 1780*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

⁹⁹ CHAUI, Marilena. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo; 2000. p. 16.

expandia o poder político do núcleo europeu do sistema interestatal no qual foram incorporados os Estados Unidos e o Japão. E, no essencial, entre 1870 e 1914, cerca de 80% do comércio europeu seguiu dando-se entre os próprios países ricos, enquanto a maior parte dos investimentos ingleses se dirigiu para os próprios países industrializados ou para os seus *dominions*.¹⁰⁰

Invenções de fato, hospícios, prisões, novas tecnologias, escolas seriadas, famílias com perfil segmentado, sociedades disciplinarizadas, campos e quadras esportivas, a modernidade do capital arrasta de roldão jardins e esterco do velho-histórico. Héracles no trabalho de limpeza das cavaliças de Augias, desviando não somente o curso de dois rios, mas o norte real e virtual de um tempo que não acompanha na velocidade de seus veículos contemporâneos o tufão que varre oceanos e continentes, mudando estruturas e empurrando longas permanências para ecos sem retornos.

Neste moderno aturdido, de passes longos e medidos, rápidos como o futebol de 100 anos mais tarde, uma questão precisa ser debatida, alojada no campo da ideologia e no que viria a ser aquilo que Eric Hobsbawm denominou “a invenção das tradições”, conceito superposto à sua análise de conjuntura da segunda metade do dezenove, dos 50 anos mudancistas do Estado-nação.

A “invenção das tradições”, dentro de seus desdobramentos analíticos, engloba o próprio Estado-nação, alguns de seus sustentáculos superestruturais e o objeto de paixão: o futebol. Em conjunto com Terence Ranger, Hobsbawm trabalha o tema em alguns ensaios, dos quais nos deteremos em dois: *A Invenção das Tradições* (Hobsbawm) e *A Produção em Massa de Tradições: Europa, 1879 a 1914* (Hobsbawm).

O termo “tradição inventada” é utilizado num sentido amplo, mas nunca indefinido. Inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo – às vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabeleceram com enorme rapidez. A transmissão radiofônica

¹⁰⁰ FIORI, José Luis. De volta à questão da riqueza de algumas nações. In: *Estado e moedas no desenvolvimento das nações*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 16.

real realizada no Natal na Grã-Bretanha (instituída em 1932) é um exemplo do primeiro caso; como exemplo do segundo, podemos citar o aparecimento e evolução das práticas associadas ao final do campeonato britânico de futebol (...)

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácitas ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado.¹⁰¹

Tradição que, segundo o historiador inglês, deve ser diferenciada de costume, relativa a passados mais estáveis, que no seu próprio exemplo apresenta uma contradição “não antagônica” no interior de ambas. Costumes seriam as práticas dos juízes e tradições inventadas, suas perucas. Tradições e perucas que, ligadas ao passado, significam processos de ritualização, mesmo que à custa de repetições. A respeito do imbricamento do Estado-nação e invenção das tradições, não há como passar em branco sem outra citação do autor britânico:

A propósito, deve-se destacar um interesse específico que as “tradições inventadas” podem ter, de um modo ou de outro, para os estudiosos da história moderna e contemporânea. Elas são altamente aplicáveis no caso de uma inovação histórica comparativamente recente, a “nação”, e seus fenômenos associados; o nacionalismo, o Estado nacional, os símbolos nacionais, as interpretações históricas, e daí por diante. Todos estes elementos baseiam-se em exercícios de engenharia social, muitas vezes deliberados e sempre inovadores, pelo menos porque a originalidade histórica implica inovação (...)

E é exatamente porque grande parte dos constituintes subjetivos da “nação” moderna consiste de tais construções, estando associada a símbolos adequados e, em geral, bastante recentes ou a um discurso elaborado a propósito (tal como o da “história nacional”),

¹⁰¹ HOBBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997. p. 9.

que o fenômeno nacional não pode ser adequadamente investigado sem dar-se a atenção devida à “invenção das tradições”.¹⁰²

Hobsbawm destaca a necessidade vital das tradições inventadas para os Estados-nações, principalmente na criação de símbolos:

De acordo com a ordem natural das coisas, a consequente invenção das tradições “políticas” foi mais consciente e deliberada, pois foi adotada por instituições que tinham objetivos políticos em mente. Podemos, no entanto, perceber imediatamente que a invenção consciente teve êxito principalmente segundo a proporção do sucesso alcançado pela sua transmissão numa frequência que o público pudesse sintonizar de imediato.¹⁰³

Feriados, monumentos, cerimônias, sistemas educacionais como possibilidades de ampliação de novos conteúdos ainda não absorvidos pela real tradição popular. Dentro das tradições inventadas, algumas bifurcações metodológicas. Destacamos aquelas denominadas invenções oficiais (políticas) e as não-oficiais (sociais), mas não enraizadas em classes e grupos sem organização formal.

Grupos sociais, ambientes e contextos sociais inteiramente novos, ou velhos, mas incrivelmente transformados, exigiam novos instrumentos que assegurassem ou expressassem identidade e coesão social, e que estruturassem relações sociais. Ao mesmo tempo, uma sociedade em transformação tornava as formas tradicionais de governo através de estados e hierarquias sociais e políticas mais difíceis ou até impraticáveis.¹⁰⁴

Segundo o autor, o futebol estaria no segundo caso, invenção não-oficial, social, embora seja ressaltada a dificuldade em situar este esporte como “culto proletário de massa”. Futebol das peladas, do cálcio à condição de um esporte inventado. Parece-nos que estas questões só podem ser analisadas no plano da ideologia, em contraponto com a ideia de nação/nacional para um diálogo crítico

¹⁰² Ibid., p. 22-23.

¹⁰³ Ibid., p. 271.

¹⁰⁴ Ibid., p. 271.

profícuo com estas noções apresentadas. Concordamos com Marilena Chauí na ideia de que, para Gramsci, o conceito de hegemonia ultrapassa e engloba o conceito de ideologia.

... A hegemonia é a cultura numa sociedade de classes. Hegemonia não é um 'sistema': é um complexo de experiências, relações e atividades cujos limites estão fixados e interiorizados, mas que, por ser mais do que ideologia, tem capacidade para controlar e produzir mudanças sociais...¹⁰⁵

Em Gramsci, a ideologia é práxis, produzindo mudanças sociais, não se limitando à esfera da consciência nem à sociedade política.

A cultura, na acepção gramsciana, tal qual a hegemonia, é um processo complexo e dinâmico. Como a própria vida em movimento, com determinações contraditórias, aproximando-se da noção de visão de mundo, com deslocamentos constantes das ideias, crenças, valores e sonhos. E exatamente por estar em movimento constante incorpora como elemento constitutivo a contra-hegemonia, como pólo de resistência no interior igualmente contraditório da cultura dominante, podendo ou não, de acordo com os atores sociais em presença, assumir contornos sistemáticos na própria política no sentido amplo ou restrito (conceitos lapidados por Gramsci).

Hegemonia e contra-hegemonia, guerra de posição que, na ascensão do fascismo italiano, teve como resposta prática (práxis) a elaboração do nacional-popular, momento em que a cultura italiana fervilha como expressão nacional, mas não incorporando o *popular*.

Ressaltamos que cultura popular para Gramsci está no campo oposto do marxismo reducionista, não permitindo interpretações como, por exemplo, a cultura popular representando uma oposição à cultura dominante, mas sim energia, meio de expressão das classes subalternas em suas recepções com circularidades historicamente determinadas:

Isso me faz pensar no conceito de bricolage, empregado por Lévi-Strauss. Lévi-Strauss sublinha que o engenheiro procede de

¹⁰⁵ CHAUÍ, Marilena. *O Nacional e o popular na cultura brasileira*. Seminários. São Paulo: Brasiliense, 1983. p.18-19.

outro modo: projeta a máquina e, depois, faz construir suas peças de acordo com o projeto, ou seja, cria de modo autônomo. Pois bem: parece-me que o modo de proceder cultural das classes subalternas seja o do bricolage; consiste em assumir elementos da cultura dominante para reelaborá-los, ligá-los de modo diferente, até fazê-los assumir significado diferente ou mesmo oposto...

... Eu diria portanto que, na visão de Gramsci, não há lugar para a concepção de uma cultura antagonista ou alternativa, já que essa concepção pressupõe blocos compactos e contrapostos de cultura, excluindo a relação dialética da nova cultura que se vai formando através da confrontação e do enfrentamento crítico com a cultura tradicional. Lênin insistia muito no fato de que o marxismo nasce da assimilação e ao mesmo tempo da superação crítica, das mais avançadas aquisições da cultura burguesa.¹⁰⁶

A cultura popular não pode ser vista senão como ações contraditórias, não podendo ser separada da cultura hegemônica sem antagonismos e dualismos, exatamente dentro da lógica dos conflitos da guerra de posição, acomodação e luta, conformismo e inconformismo. Orienta a ação dos homens no sentido da transformação *prática* da sociedade e da História.

Em passagem nos *Cadernos do Cárcere*, a relação mito-história foi analisada com brilhantismo, permitindo uma aproximação com o tema da tradição nas sociedades.

O Iluminismo criou uma série de mitos populares, que eram apenas a projeção no futuro das mais profundas e milenares aspirações das grandes massas, aspirações ligadas ao cristianismo e à filosofia do senso comum, mitos certamente bastante simplistas, mas que tinham uma origem realmente enraizada nos sentimentos e que, de qualquer modo, não podiam ser controlados experimentalmente (historicamente).¹⁰⁷

Sobre a questão do futebol analisado como *tradição inventada*, não deixa de ser fascinante perceber que o próprio Hobsbawm trabalha contraditoriamente com

¹⁰⁶ GRUPPI, Luciano. *O conceito de hegemonia em Gramsci*. Rio de Janeiro: Graal, 2000. p. 91-92.

¹⁰⁷ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Vol.3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p.100.

duas noções, dois conceitos de ideologia e sociedade civil. Na *História social do jazz*, o nosso grande *boleiro* inglês, na contramão da Escola de Frankfurt, adota a concepção gramsciana de uma interrelação dinâmica e retroalimentadora entre os diversos movimentos da cultura, resgatando indiretamente o próprio Benjamin. Vislumbrando nos aparelhos privados de hegemonia cultural, terreno fértil para a guerra de posição, principalmente no ensaio *A obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*.

Quando escreve sobre *jazz*, suas origens e trajetórias e sobre futebol, paixões sinceras de sua vida, Hobsbawm valoriza os conceitos de sociedade civil e cultura em Gramsci, trabalhados com estilo e erudição de tradição iluminista.

...O *jazz* é o mais importante desses exemplos. Se eu tivesse de fazer um resumo da sua evolução em uma só sentença eu diria: é o que acontece quando a música popular não sucumbe, mas se mantém no ambiente da civilização urbana e industrial.¹⁰⁸

Quando, no entanto, percorre temas como Estado-nação e tradições inventadas, caminha paralelamente a Althusser, que reduz a teoria do Estado em Gramsci, recuando no tempo e recolocando os aparelhos privados de hegemonia no interior da sociedade política, reduzindo o Estado à própria sociedade política. A perspectiva aludida de inculcação de tradições inventadas como anteparo para os Estados-nações modernos deixa de levar em conta não somente a conjuntura histórica em que aparecem, quando se verificava uma primeira etapa da mudança do caráter oriental das sociedades europeias mais avançadas, assim como transforma as sociedades tipicamente orientais em fortalezas inexpugnáveis, impermeáveis a qualquer embrião de luta contra-hegemônica.

Em *Sobre o Conceito de História*, Walter Benjamin rebelava-se contra as versões social-evolucionistas quando elas infestavam o pensamento progressista. Para Benjamin, o historicismo, assim como as filosofias da história, pretendem congelar a imagem “eterna” do passado, enquanto o presente se transforma apenas num ponto de passagem para o futuro. O futuro pode ser projetado como uma ponte que atravessa um tempo homogêneo e vazio: o progresso está lá, irremediavelmente à espera de ser desvendado pela razão. Benjamin sustentava

¹⁰⁸ HOBBSAWM, Eric. *História Social do Jazz*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. p. 35.

que o materialismo histórico, ao contrário, deveria imaginar o presente como apropriação das experiências passadas, na perspectiva de construção do futuro. O presente é, assim, o ponto de aglutinação entre o que foi conquista e luta no passado e a inovação, ou seja, a contínua descoberta de novas possibilidades pela ação humana coletiva. Este seria o caminho mais apropriado para nortear uma História Social, rigorosa em seu método principal, mas sempre aberta para inovações no patamar da heterodoxia.

O maior historiador do século breve, autor de obras-primas, como *Era das Revoluções* e *Pessoas Extraordinárias*, incorre no equívoco apontado por Benjamin ao tecer o conceito de tradição inventada. Congela a imagem “eterna” do passado, enquanto o presente se transforma apenas num ponto de passagem para as tradições inventadas aportarem no futuro.

Walter Benjamin, em *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, analisou o impacto das reconfigurações tecnológicas na vida do alvorecer da modernidade, tecendo considerações sobre arte, História e cultura e o ritmo diferenciado das mudanças históricas.

Tendo em vista que a superestrutura se modifica mais lentamente que a base econômica, as mudanças ocorridas nas condições de produção precisaram mais de meio século para refletir-se em todos os setores da cultura.¹⁰⁹

As condições para o nascimento e consolidação do futebol enquanto esporte popular remonta à transição do século XIX para o XX na Europa Ocidental e à transformação mais lenta do que genericamente podemos denominar como cultura (mais especificamente papel da educação, papel do corpo, visões de estética social etc.) mesmo diante do impacto de um novo processo que altera o cenário urbano.

Através de Norbert Elias, prosseguimos o diálogo com o historiador-mestre no centro do capitalismo:

Adquirir consciência das peculiaridades do habitus da nossa própria nação requer um esforço específico de autodistanciamento (...)

¹⁰⁹ BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 165.

(...) Torna-se tão logo evidente que o *habitus* nacional de um povo não é biologicamente fixado de uma vez por todas; antes, está intimamente vinculado ao processo particular de formação do Estado a que foi submetido. **À semelhança das tribos e dos Estados, um *habitus* nacional desenvolve-se e muda ao longo do tempo.** Também existem, sem dúvida, diferenças biológicas, herdadas, entre os povos da Terra. Mas até mesmo povos de composição racial semelhante ou idêntica podem ser muito diferentes em seus respectivos *habitus* nacionais ou mentalidades – ou seja, num modo como se relacionam mutuamente.¹¹⁰

Assim, como poderíamos concordar que o Harspatum e o Cálcio não têm vínculos estreitos com o regramento do que viria a ser o futebol? E o próprio regramento do futebol tem origens difusas, não se caracterizando nem como uma tradição inventada oficial ou politicamente nem, como quer Hobsbawm, como tradição não-oficial ou social. Para entendermos as origens do futebol, além dos pontos citados, não devemos esquecer até mesmo do número de jogadores: 11. Eram dez o número de alunos das classes inglesas onde as regras foram *craniadas*. Mas, por insistência própria, ou piedade dos praticantes, o bedel que ficava de fora, batendo queixo no inverno, acabou entrando. Assim, 11 x 11. Apenas espírito prático e adaptação frente a uma circunstância específica. É claro que combinou com o tamanho do campo e a graça do jogo. Do contrário, seria pule de dez que o bedel continuaria de fora.

Recorremos à relação da mitologia com a construção da História e o aparecimento e popularização do futebol, bem como às premissas esposadas por Arno Mayer em sua análise sobre as permanências da antiga ordem na modernidade capitalista.

Houve, assim, uma tendência marcante a negligenciar, subestimar e desvalorizar a resistência de velhas forças e ideias e o seu astucioso talento para assimilar, retardar, neutralizar e subjugar a modernização capitalista, incluindo até mesmo a industrialização. O resultado é uma visão parcial e distorcida do século XIX e do início

¹¹⁰ ELIAS, Norbert. *Os Alemães: a luta pelo poder e a revolução do *habitus* nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997. p. 15-16 (grifo nosso).

do século XX. Para obter uma perspectiva mais equilibrada, os historiadores terão de considerar não só o grande drama da transformação progressiva, mas também a implacável tragédia da permanência histórica, e investigar a interação dialética entre ambas.¹¹¹

1.11. CIRCULARIDADE CULTURAL NAS ORIGENS DO FUTEBOL

O conceito de circularidade cultural tem sido utilizado amiúde por historiadores de diversas tendências. O moleiro Mennochio, personagem trabalhado por Ginzburg com rigor metodológico e brilho narrativo, é o exemplo vivo, não apenas de seu círculo cultural, mas de seu *habitus* em sentido amplo, da circularidade cultural ao alcance de olhos e mãos de historiadores e leitores, que podem acompanhar, através do seu cotidiano, o perfil de uma época e região determinadas.

Recuando no tempo, podemos constatar que Bakhtin, em seus estudos sobre carnavalização, deixa clara a questão da circularidade. Gilberto Freyre, em praticamente toda sua obra, nos apresenta esta ideia sem, no entanto, nomeá-la. Hermano Vianna, em *O Mistério do Samba*, na linha direta de Freyre, enriquece o conceito. Mas, cabe ressaltar que um outro contemporâneo de Mikhail Bakhtin aprofundou a mesma ideia: Antônio Gramsci. Dois autores que, reciprocamente, não tiveram oportunidade de dialogar em suas obras.

Carlo Ginzburg desenvolveu o conceito de circularidade cultural a partir do que Bakhtin trabalhou nas trocas constantes entre a cultura popular e a cultura erudita na prosa de Rabelais.

Gramsci, para quem a cultura está no cerne da luta política – e entendia a política não apenas pelo exercício da força como também pela persuasão – nos permite utilizar o conceito de circularidade como um terreno da cultura em conflito.

E abrindo um pouco mais o leque conceitual (por que não?) podemos ir mais adiante, neste tema polêmico dos aparelhos privados de hegemonia, sociedade civil e circularidade cultural.

¹¹¹ MAYER, Arno. J. *A Força da Tradição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 14.

O conceito gramsciano de hegemonia, a ideia de que a política não é exercida exclusivamente pela coerção, mas também pelo consenso, pela persuasão nos remete ao debate e embate de valores, concepções diferenciadas da realidade, crenças e costumes. A cultura concebida como hegemonia; os valores culturais como o centro da arena da luta política.

Assim, os aparelhos privados de hegemonia não demandam sede; endereço; cnpj; razão social constituída. Um grupo de pelada de rua; clubes de bairro *sediados* em logradouros públicos; grupos informais de arte popular; estão neste mesmo campo ao qual Gramsci aludiu, irrigando com novas ideias a sociedade civil. Podemos ir além: novas ideias, novos padrões estéticos, repercutem novos valores que interagem diretamente na guerra de posição político-cultural.

Outro autor que devemos incorporar nestas considerações é Thompson, para quem é no processo das pugnas políticas que as classes populares constroem sua identidade, sem assumir necessariamente uma postura de ruptura revolucionária, de classe *para si*. Para o autor inglês, movimentos aparentemente despolitizados (defesa do novo tempo fabril, respeito a antigos valores comunitários e religiosos etc.) apontavam para fortes vínculos de identidade e solidariedade de classe, como diques prontos para deter o maremoto da modernização capitalista.

As linguagens escrita, oral, estética (corporal) conheceram novos significados, ganharam novas cores através de suas interfaces com o mundo do futebol. Nesta multiplicidade de visões da sociedade vieram à tona novas possibilidades, embriões de resistência e luta política.

Enfim, sociedade civil e aparelhos privados de hegemonia não têm como pré-requisitos carimbos e firmas reconhecidas em cartório. São instâncias vivas do tecido social que transpiram valores políticos de novo tipo com significado político que, embora não tendo endereço certo, veiculam mesmo de forma difusa, inacabada sentimentos de reencantamento do mundo.

A relação de circularidade cultural à luz destas ideias – o intercâmbio entre cultura popular e cultura erudita – só pode ser compreendida através da mediação do conflito, da disputa e do embate político. Não existe circularidade cultural sem conflito, navegando em mar de almirante ou céu de brigadeiro, no berço esplêndido da naturalização da escola antropológica clássica.

No caso específico do futebol a captura e o regramento dos jogos populares percorreram caminhos sinuosos, num vai e vem constante de aperfeiçoamentos, ora

bebendo no popular, ora intramuros das escolas inglesas. Daí, para o universo da *International Board*.

Em pouco tempo (tanto na Inglaterra quanto no Brasil), as fronteiras do popular e do erudito se diluem no universo do futebol, de forma similar ao que ocorreu com o chorinho (que remonta à polca) e com o samba.

Por isso, quando utilizamos o conceito de circularidade cultural reaparecem prontamente nomes como o de Antonio Gramsci. Foi como disse Ítalo Calvino: “os clássicos são livros que, quanto mais pensamos conhecer por ouvir dizer, quando são lidos de fato mais se revelam novos, inesperados, inéditos”.¹¹² Os clássicos. Livros e autores.

Recuando um pouco mais, voltamos a Marx e Engels:

A auto-suficiência e o isolamento regional e nacional de outrora deram lugar a um intercâmbio generalizado, a uma interdependência geral entre as nações. Isso vale tanto para as produções materiais quanto para as intelectuais. Os produtos intelectuais de cada nação tornam-se um bem comum. O espírito nacional tacanho e limitado torna-se cada dia mais inviável, e da soma das literaturas nacionais e regionais cria-se uma literatura mundial.¹¹³

1.12. O NACIONAL–POPULAR E OS INTELECTUAIS EM GRAMSCI

Gramsci enfatiza o papel das ideias e dos valores ao nível da consciência individual ou coletiva, como “concepção do mundo” que orienta a ação dos homens no sentido da transformação *prática* da sociedade e da História.

Este tipo de ação, eminentemente política, é possível, porque se enraíza num elemento comum à consciência de *todos* os homens, sobre cuja reelaboração crítica se encontra a garantia de que a ação política não seja obra de uma minoria, e possa, por outro lado, realizar de fato a transformação prática da sociedade como um todo. Isto porque, se a ação cultural é essencial para o trabalho dos intelectuais, não decorre daí que estes constituam uma categoria à parte do resto da sociedade. Ao contrário, “poder-se-ia dizer que todos os homens são intelectuais; mas nem todos os homens têm na sociedade a função de intelectuais”. Recusando separar o

¹¹² CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p. 12.

¹¹³ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. Porto Alegre: LPM, 2001. p. 30.

homo faber do *homo sapiens*, Gramsci afirma que não existe atividade humana de cuja realização esteja excluída uma intervenção intelectual. O que varia são os graus nos quais um esforço predominantemente muscular-nervoso ou intelectual é exigido, decorrendo daí a divisão do trabalho “manual” e “intelectual”. Assim, todo homem, no exercício de sua profissão, explicita alguma atividade intelectual, ou seja, um filósofo, um artista, um homem de gosto, participa de uma concepção do mundo, tem uma linha consciente de conduta moral e, portanto, contribui para manter ou modificar uma concepção do mundo, isto é, para suscitar novos modos de pensar.

Tentando fixar alguns pontos preliminares da referência, Gramsci retoma a afirmação de que “todos os homens são filósofos” e procura definir os limites e as características desta “filosofia espontânea” própria de todos. Assim participar de uma concepção de mundo faz de qualquer homem um intelectual.

Este é, por assim dizer, um primeiro estágio de atividade intelectual, que se confunde para o indivíduo com a aceitação passiva do saber do “senso comum”, com um “‘pensar’ sem ter dele consciência crítica”, já que não pode “reduzir-se à unidade e à coerência nem na consciência individual, para não falar de consciência coletiva”. A filosofia, por sua vez, estágio mais alto da atividade intelectual, “é a crítica e a superação da religião e do senso comum”, como atividade consciente e livre que “sistematiza de modo crítico e coerente as próprias intuições do mundo e da vida”, constituindo, deste modo, uma “ordem intelectual” e uma concepção do mundo adequada à ação que visa transformar a realidade.

Os “intelectuais orgânicos”, no processo de consolidação da hegemonia da classe a que pertencem, nada fazem senão exercer essa função de filósofos, assim definida, e de educadores que, num trabalho permanente, procuram criar as condições para que os homens tomem consciência de sua própria realidade, graças à superação do “saber” passivo do senso comum.

De modo aparentemente paradoxal, a filosofia, mesmo na sua forma mais elevada de “consciência crítica”, se confunde com a religião. A ótica política, que é a de Gramsci, justifica essa assertiva, retomando a questão da hegemonia. O problema da religião entendido não no sentido confessional, mas no sentido laico de unidade de fé entre uma concepção do mundo e uma norma de conduta.

Mas por que chamar esta unidade de fé, “religião” e não chamá-la “ideologia” ou simplesmente “política”? Esta união crucial entre formas intelectuais de representação e ação constitui, de fato, para Gramsci o problema fundamental de

toda concepção do mundo, de toda filosofia que se tenha tornado um movimento cultural.

Uma “religião”, uma “fé”, isto é, que tenha produzido uma atividade prática e uma vontade, e nelas seja contida como “premissa” teórica implícita. Uma “ideologia”, poder-se-ia dizer, se ao termo ideologia se dá justamente o significado mais alto de uma concepção do mundo que se manifesta implicitamente na arte, no direito, na atividade econômica, em todas as manifestações de vida individual e coletiva. Ou seja, o problema de conservar a unidade ideológica em todo o bloco social que precisamente por aquela ideologia determinada é cimentado e unificado.

Esta análise faz-se necessária para mostrar como o ângulo específico através do qual Gramsci retoma a tradição do materialismo histórico tem como resultado uma reelaboração do conceito de ideologia, que abre perspectivas extremamente fecundas para a investigação.

Toda a obra de Gramsci gira em torno do exame de questões políticas e é voltada para a ação política. Por isso, sua análise dos fenômenos ligados à “consciência” dos agentes sociais põe em relevo a unidade entre o comportamento e os padrões culturais, social e historicamente determinados, e ao que denomina ideologia ou concepção do mundo.

O NACIONAL-POPULAR

Devemos nortear a interpretação do conceito de nacional-popular em Gramsci, de modo a não confundi-lo e reduzi-lo a nacionalismos estreitos ou perspectivas populistas duais, vinculando-o a conjunturas históricas específicas:

Na Itália o termo nacional tem um significado muito restrito ideologicamente e em nenhum caso coincide com popular, porque neste país os intelectuais estão distantes do povo, quer dizer da nação, e em troca se encontram ligados a uma tradição de casta que nunca foi quebrada por um forte movimento nacional ou popular a partir de baixo.¹¹⁴

¹¹⁴ GRAMSCI, Antonio apud PORTANTIERO, Juan Carlos. O nacional-popular: Gramsci em chave latino-americana. In: *Gramsci e América Latina*. São Paulo: Paz e Terra, 1999. p. 48.

Em Gramsci a categoria do nacional-popular é o instrumento que lhe permite afastar-se de dois extremos que rejeitava: um particularismo ou “nacionalismo” populista ou simplista e um “cosmopolitismo” submisso e meramente imitativo.

Esta mesma problemática foi trabalhada por Antonio Cândido em *Literatura e Sociedade* na dialética localismo e cosmopolitismo, analisando a literatura brasileira a partir de ideias em permanente transpasse – “fora e dentro” de lugar, vindo à tona por meio de um nacionalismo literário radical ou de um declarado conformismo, a imitação consciente da cultura colonizadora. Diz o autor:

O que temos realizado de mais perfeito como obra e como personalidade literária (um Gonçalves Dias, um Machado de Assis, um Joaquim Nabuco, um Mário de Andrade) representa os momentos de equilíbrio ideal entre as duas tendências.

Pode-se chamar dialético a este processo porque ele tem realmente consistido numa integração progressiva de experiência literária e espiritual, por meio da tensão entre o dado local (que se apresenta como substância da expressão) e os moldes herdados da tradição europeia (que se apresentam como forma da expressão). A nossa literatura, tomado o termo tanto no sentido restrito quanto amplo, tem, sob este aspecto, consistido numa superação constante de obstáculos...¹¹⁵

Fica evidente neste ensaio a aproximação de Antonio Cândido com Gramsci, notadamente na busca do equilíbrio ideal entre dois extremos maximalistas. Além de autores que conseguiram encontrar aquilo que Guimarães Rosa chamou de *A Terceira Margem do Rio*, Machado de Assis, Mário de Andrade e outros como Lima Barreto e Graciliano Ramos, acrescentaríamos os representantes da cultura popular brasileira que superaram sentimentos de inferioridade que um país novo ensejava, atingindo o X do problema. Foram os sambistas e jogadores de futebol. Os primeiros, em um percurso de baixo para cima, assumindo e sendo assumidos pela cultura de elite e os jogadores, técnicos, jornalistas e demais atores presentes na cena do futebol recepcionando e recriando com influência direta da música popular, o esporte da chamada terceira Semana de Arte Moderna, conforme veremos no Capítulo III desta tese.

¹¹⁵ CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Nacional, 1985. p. 109-110.

1.13. O SEGREDO DA SIMPLICIDADE: UMA CRONOLOGIA DAS LEIS DO FUTEBOL ATÉ 1937

O século XX seria o século do futebol, da modernidade, da tecnologia, da descolonização, do imperialismo e de extremos aviltantes, como afirma Eric Hobsbawm ao ressaltar que, em plena era de hegemonia global norte-americana na cultura popular (1925-1930), a única exceção foi o futebol.

... Com uma exceção, nenhum outro modelo nacional ou regional se estabeleceu globalmente, embora alguns tivessem substancial influência regional (por exemplo, a música egípcia dentro do mundo islâmico), e um toque exótico ocasional entrasse na cultura popular comercial global de vez em quando, como os componentes caribenhos e latino-americanos de dança e música. A única exceção foi o esporte. Nesse setor de cultura popular – e quem, tendo visto a seleção brasileira em seus dias de glória, negará sua pretensão à condição de arte? – a influência americana permaneceu restrita à área de dominação política de Washington. Do mesmo modo que o críquete só é jogado como esporte de massa onde a bandeira britânica drapejou um dia, também o beisebol causou pouco impacto, a não ser onde os marines americanos desembarcaram um dia. O esporte que o mundo tornou seu foi o futebol de clubes, filho de presença global britânica, que introduziu times com nomes de empresas ou compostos de expatriados britânicos (como o São Paulo Atlético Club) do gelo polar do Equador. **Esse jogo simples e elegante, não perturbado por regras e/ou equipamentos complexos, e que podia ser praticado em qualquer espaço aberto ou mais ou menos plano do tamanho exigido, abriu caminho no mundo inteiramente por seus próprios méritos, e, com o estabelecimento da Copa do Mundo em 1930 (conquistada pelo Uruguai), tornou-se genuinamente universal...**¹¹⁶

¹¹⁶ HOBBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 196-197 (grifo nosso).

Sabemos que o futebol tem suas origens nos jogos antigos e medievais. Quase sempre contendas sem regras definidas como permanecem residualmente em muitas cidades brasileiras até hoje, adaptadas aos novos tempos, é claro, conhecidas como racha, açougue etc.

Assim como o carnaval brasileiro, inicialmente o entrudo — solto, sem regras, violento até — que derivou para uma brincadeira mais regrada, disciplinada. Um carnaval a seco, como passou a ser denominado.

Já foi dito que o futebol, o rúgbi e outros esportes coletivos respondem a demandas circunstanciadas pelas novas questões urbanas e disciplinares do entorno de 1850.

Na Inglaterra, o futebol percorreu o conhecido trajeto dos jogos populares aos clubes e escolas de elite, retornando em circularidade cultural às ruas e em um movimento ininterrupto voltando aos clubes e escolas...

Os regulamentos, as métricas, os compassos disciplinadores estabelecem o perfil dos novos tempos e dos esportes coletivos, que subtraem dos jogos e brincadeiras parte significativa de seus componentes lúdicos.

A simplicidade, os pés e a zebra são os grandes segredos do futebol, retendo do passado e dos rituais festivos elementos de liberdade e da habilidade do saber artesanal.

No transcurso desta tese comentaremos nos Cenários escolhidos as peculiaridades das *regras do futebol*, lembrando desde já as leis do impedimento (1866 e 1925, principalmente) e a delimitação em 11 do número de jogadores por time (1896), bem como as marcações do campo do jogo: grande área, tamanho do gol, linha de fundo etc.

O goleiro e o juiz são um capítulo à parte.

Mas sempre reforçando um ponto: sem as leis do impedimento o talento no futebol teria naufragado diante dos *botinudos e pernas de pau*..

Para chegarmos ao Brasil, julgamos elucidativo reproduzir os principais pontos da evolução das leis do jogo do futebol até 1937. Reafirmando, na esteira de João Saldanha, que:

O treinamento de futebol, sua tática e preparação, historicamente está dividido em quatro épocas nitidamente marcadas: antes da primeira lei de impedimento, depois do

surgimento desta lei, o surgimento da segunda lei de impedimento e o surgimento da medicina esportiva e da preparação física dos jogadores.¹¹⁷

A adoção da segunda lei do impedimento pelos times brasileiros só veio a ser incorporada na década de 1940, mais de 15 anos após sua oficialização na Europa Ocidental.

1863 — Aprovado a 8 de dezembro, por The Football Association, o primeiro código de regras, baseado nos princípios adotados em Cambridge e Sheffield.

1865 — Passa-se a limitar a altura do gol, com uma fita ligando as duas traves a seis pés (1,82 m) do chão.

1866 — Alterada a regra do impedimento, de modo que um jogador passa a ser considerado em posição legal quando tiver, entre ele e a linha de fundo contrária, três adversários no mínimo. É abolido o *fair catch* (toque de mão legal). Introduzido o tiro de meta. Nesse mesmo ano, a *Sheffield Association* publica suas próprias regras diferentes em vários pontos das da F.A., sugerindo a criação do tiro livre indireto e do tiro de canto.

1871 — Os goleiros são citados pela primeira vez num código de regras, podendo segurar a bola em qualquer parte do campo.

1872 — Adotado o tiro de canto sugerido por *Sheffield*.

1874 — Os auxiliares do juiz são mencionados pela primeira vez.

1875 — As fitas que limitam a altura do gol são substituídas por travessões de madeira, do mesmo material e espessura das duas traves verticais. As mudanças de campo passam a ser feitas, apenas, no intervalo do primeiro para o segundo tempo.

¹¹⁷ SALDANHA, João. Leis do impedimento e História do Futebol. In: MILLET FILHO, Raul (Org.). *Vida que Segue: João Saldanha e as Copas de 1966 e 1978*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006; p.266

1877 — F.A. e *Sheffield* passam a adotar as mesmas leis. Fica estabelecido que um jogador não pode ser atacado enquanto estiver de frente para o próprio gol.

1881 — O juiz – até então um integrante passivo do jogo, só intervindo quando solicitado pelos capitães de equipe – é mencionado nas regras. A ele é dado o direito de considerar como gol a bola que um defensor, com o uso da mão, impede de entrar na meta. Essa lei será suprimida no ano seguinte.

1882 — O arremesso lateral passa a ser feito com ambas as mãos.

1883 — Uniformização das regras pelas quatro associações britânicas: Inglaterra, Escócia, Irlanda e Gales.

1886 — A F.A. publica um livro contendo todas as especificações sobre cada regra e uma série de orientações práticas para juízes e dirigentes.

1890 — Introduzido o pênalti, por sugestão da Federação Irlandesa. O princípio da neutralidade do juiz passa a ser observado.

1891 — Os auxiliares do juiz dão lugar aos bandeirinhas, cuja função é determinar as bolas fora e os impedimentos, passando a ocupar, ao contrário daqueles, lugares definidos nas laterais do campo. Aparecem as redes, usadas pela primeira vez na cidade de Birmingham. Embora sua utilização logo se generalize, elas só serão mencionadas no texto de regras em 1938.

1892 — O jogador que cobra uma falta ou pênalti fica impedido de tocar na bola novamente, até que outro jogador o faça primeiro.

1893 — Os goleiros só podem ser atacados quando estiverem de posse da bola ou obstruindo um adversário.

1894 — O juiz passa a ter controle completo da partida, já não sendo necessário que os capitães de equipe solicitem sua intervenção.

1895 — Uma lei estabelece o "jogo perigoso", punindo-se com um tiro livre indireto o jogador que, mesmo sem intenção, põe em risco o adversário como, por exemplo, ao erguer o pé à altura da cabeça ou do peito do oponente, na disputa de uma bola. Fica decidido que tanto as traves como o travessão não devem ter, de espessura, mais de 5 polegadas (12,5 cm). No arremesso lateral, o jogador deve permanecer parado junto à linha, não mais se permitindo que tome impulso correndo. Estabelece-se que, nos gols e bolas fora, as linhas de meta, de fundo ou laterais devem ser ultrapassadas por toda a circunferência da bola.

1896 — Fixa-se em 11 o número de jogadores de cada equipe, o que já vinha sendo seguido na prática, mas sem que as regras do jogo o determinassem.

1897 — O goleiro só pode segurar a bola dentro do seu próprio campo. Pela primeira vez aparece, nos textos de lei, a palavra intencional sobre os toques de mão, deixando-se de punir o jogador cuja mão é tocada ocasionalmente pela bola (diferença de 'bola na mão' para 'mão na bola').

1898 — A duração do jogo é fixada em 90 minutos, divididos em dois tempos de 45, com 15 de descanso. Fica, no entanto, mantida a disposição de 1892, segundo a qual a duração de uma partida pode ser prolongada para que seja cobrado um pênalti.

1900 — O peso da bola, em jogos internacionais, deve ser 13 a 15 onças (de 368 a 425 g).

1900 — Modernizam-se as marcações do campo, a começar pelas pequenas e grandes áreas, que passam a ter as dimensões e formas atuais (a grande área, originalmente, era circular, a 11 m da linha do gol, mas já em 1893 passara a ser delimitada por uma linha paralela ao gol, de lateral a lateral). Decide-se, também, que o goleiro pode ser atacado, quando fora da grande área, mesmo que tenha a bola dominada.

1903 — Passa a ser permitido marcar um gol diretamente de um tiro livre. Aparece a chamada lei da vantagem, pela qual nenhuma falta deve ser assinada pelo juiz, desde que vá beneficiar o infrator.

1905 — Recomenda-se ao juiz que, em vez de “bola ao alto”, com o que reinicia o jogo em casos especiais, o substitua pelo “bola ao chão”. Passa a ser permitido o tranco leal, não violento.

1907 — Um jogador, quando em seu próprio campo, nunca estará impedido.

1912 — Ao goleiro deixa de ser permitido segurar a bola fora da grande área.

1913 — Na cobrança de um tiro livre e também de um pênalti, todo jogador da equipe adversária deve manter-se a uma distância mínima da bola de 10 jardas (9,15 m), e não de 6 jardas (5,50 m), como determinava a lei anterior.

1914 — A disposição acima é aplicada ao tiro de canto.

1924 — O capitão de uma equipe pode perguntar ao juiz o que ele marcou em determinado lance, mas em nenhum momento pode protestar contra essa marcação. Passa a ser permitido marcar um gol diretamente de um tiro de canto.

1925 — Modificação da regra do impedimento: a partir de então, um jogador não fica impedido se tiver entre ele e a linha de fundo contrária, dois ou mais adversários, no instante em que um companheiro lhe passa a bola. Essa modificação foi proposta pela Federação Escocesa. No mesmo ano, fica estabelecido que um jogador, no arremesso lateral, deve ter os dois pés sobre a linha lateral.

1929 — O goleiro fica obrigado a manter-se com os dois pés sobre a linha de meta, até que o adversário acione a bola, na cobrança de um pênalti.

1931 — Ao goleiro é permitido carregar a bola por quatro passos, em vez de dois, e logo em seguida deve repô-la em jogo. Um arremesso lateral mal executado deve

reverter para o adversário (até então, a equipe infratora era punida com um tiro livre indireto).

1936 — No tiro de meta, o zagueiro não pode mais passar a bola diretamente às mãos do goleiro, antes que ela saia da área.

1937 — É criada a meia-lua, que, no entanto, não faz parte da grande área. Na cobrança de uma falta dentro de sua própria área, o zagueiro não pode passar a bola diretamente às mãos do goleiro, antes que ela saia da área. O peso da bola passa a ser, para jogos internacionais, de 14 a 16 onças (396 a 453 g).

1938 — Revisão completa das leis do jogo, com novo texto e novas interpretações, passando as mesmas a se constituírem de 17 regras.

OUTROS COMENTÁRIOS SOBRE AS NORMAS E REGRAS DO FUTEBOL

Qualquer observador medianamente atento pode constatar, após uma breve leitura, a simplicidade e a inventiva das regras do futebol, da evolução das leis do jogo. Bem como a preocupação dos seus mentores em realçar a habilidade e o talento.

É fato, como afirmam vários autores e como destacamos no decorrer deste primeiro capítulo, que o futebol moderno e todos os demais esportes coletivos formulam suas normas visando o forjar de uma nova disciplina dentro de uma ordem social diferenciada, advinda da divisão social do trabalho no capitalismo.

Em *A Dança dos Deuses*, Hilário Franco Júnior é elucidativo no desenho analítico do futebol e dos esportes modernos como instrumentos do darwinismo social, visando à formação de novas elites preparadas para o exercício da política.

Com essa intenção foi sendo crescentemente difundido, nas *public schools* (escolas privadas) e também nas universidades de Oxford e Cambridge, um jogo com bola aparentado àquele cultivado na Inglaterra havia séculos. Jogo que, chamado de *football* desde o século XIV, apesar de interdições oficiais nunca desapareceu das cidades inglesas, como nos mostra uma gravura de meados do

século XVIII. Estudos recentes sugerem que ele não deixou de ser praticado por segmentos sociais modestos nas primeiras décadas do século XIX, paralelamente ao que se fazia nas escolas das classes dominantes. De toda forma, é inegável que o futebol moderno visava forjar elites aptas a governar.¹¹⁸

É importante realçar que esta nova disciplinarização da sociedade não está direcionada apenas às elites, constituindo-se em um dos principais mecanismos de dominação do capitalismo moderno, operado através da manipulação do corpo de forma consciente e/ou inconsciente.

Michel Foucault e Pierre Bourdieu descenderam aos porões mais recônditos dos microaparelhos privados da moderna hegemonia burguesa. Assim, desvendar os segredos do futebol, como já destacamos, requer a cautela necessária para, no momento da recusa ao economicismo, não incorrer no equívoco oposto do determinismo cultural. É importante evitar a transferência para as relações culturais do reducionismo por vezes conferido à base ou à infra-estrutura como advogam determinadas correntes marxistas.

E.P.Thompson¹¹⁹ situa esta questão de maneira apropriada, assinalando que “A dialética da dinâmica social não pode ser vinculada a uma metáfora excludente dos atributos humanos”. E só pode ser compreendida, diz ele, através da narrativa e dos relatos seletivos dos fatos. No caso específico de nosso objeto, trata-se de realçar a força do talento dos homens responsáveis em última instância pela síntese entre o popular e o erudito no momento inicial da História do futebol.

É a História desvendada pela ação humana. Como foi a ação humana que, dentro das condições conjunturais da segunda metade do século XIX, na Inglaterra, engendrou o “jogo” que viria a se transformar no futebol.

É necessário distanciar-se de esquematismos e reducionismos explicativos que tentam artificialmente associar a evolução das regras do futebol a eventos econômicos, políticos ou culturais, apagando das páginas os personagens responsáveis pelas construções culturais, ocultando os craques e abrindo o foco para os cartolas da História.

¹¹⁸ FRANCO JUNIOR, Hilário. *A Dança dos Deuses*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 27.

¹¹⁹ THOMPSON, Edward Palmer *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. p.158.

... O reducionismo é um lapso na lógica histórica por meio do qual eventos políticos ou culturais são “explicados” em termos da afiliação de classe dos atores.

... O erro do reducionismo não consiste em estabelecer essas conexões, mas em sugerir que as ideias ou eventos são, em essência, o mesmo que o contexto causal; que ideias, crenças religiosas ou trabalhos de arte podem ser reduzidos (como se reduz uma equação complexa) aos “reais” interesses de classe que expressam.¹²⁰

Estes malabarismos e floreios analíticos, via de regra, subtraem, pretensiosamente, a maestria dos artesãos do pensamento que, fintando os ditames disciplinadores de seu tempo, normatizaram com inspirações populares as leis do futebol. E reafirmamos que ocorreu uma elaboração através de um processo criador, onde a mediação do culto e do popular foi permanentemente tencionada pelo conflito. A circularidade cultural não existe sem conflitos, entrechoques, lutas camufladas nas arenas culturais.

Mas vamos ao jogo da bola e suas regras, pinçando os principais itens elencados na cronologia, de 1863 a 1938, período em que os balizamentos do futebol moderno foram escritos e postos em prática.

Os comentários que se seguem visam tão somente uma viagem pelos caminhos da bola sem dogmas nem naturalizações.

Os primórdios da arte de chutar.

Até a aprovação do primeiro código de regras do futebol, baseado nos princípios adotados em Cambridge e Sheffield, várias partidas e talagadas em mesas de bar foram observadas.

Já vimos que os jogos populares onde o chute era o principal componente remontam a épocas da pré-modernidade europeia. E o chute, cabe frisar, não é um “fundamento” executado apenas com o pé. A palavra inglesa *shoot* tem um significado mais amplo, designando lançar, arremessar.

As partidas de “chutar a bola” eram praticadas com bastões, pés e mãos. Daí derivaram o *cricket* e o *rugby* (que até hoje é jogado com as mãos e com os pés). Este último é o ancestral do futebol, originário da escola inglesa de mesmo nome.

¹²⁰ Ibid; p.159.

Nos terrenos baldios, vielas e praças, alguns grupos praticavam o chute na bola no seu sentido literal: com os pés. A Escola ou Universidade de Cambridge também adotou o futebol. É importante frisar que Rugby e Cambridge foram os estuários responsáveis pelo regramento dos dois esportes coletivos praticados em vários recantos do Reino Unido.

... O rúgbi apareceu primeiro e não estava disposto a fazer concessões. E além do mais, contava com duas facilidades naturais: o uso das mãos para controlar a bola e a bola “defeituosa”, a bola ovalada. Se era a escola chamada Rúgbi a mais desenvolvida no novo esporte, outras também já o praticavam, bem como clubes formados por grupos de amigos ou em bairros que se exercitavam nos parques ou terrenos abertos. Organizaram competições com regulamentos muito primários, mas que já davam para um bom jogo. Com a melhora industrial da bola, houve quem tentasse reformular o esporte, substituindo a bola oval pela bola redonda, alegando que esta era mais fácil para chutar com o pé. Mas acontece que a bola oval já dera características próprias ao rúgbi e formara jogadores hábeis no uso ou emprego das mãos. Já era um jogo. Um pouco anárquico para um observador atual, uma pelada mesmo devido à irregularidade dos campos. Mas exatamente da “pelada” foi aparecendo a ideia do futebol moderno e organizado. Lógico que centenas de anos antes várias modalidades de futebol eram disputadas e assim tais experiências influíram nos inovadores do rúgbi, e uma espécie de cisão foi tomando corpo, cada parte achando que era melhor jogar de uma maneira ou de outra.¹²¹

CAMBRIDGE REGULANDO O FUTEBOL

É fato que o futebol moderno tem no rúgbi uma de suas principais fontes inspiradoras. E este, de início, apresentava maiores atrativos, como a facilidade de conduzir a bola com as mãos.

¹²¹ SALDANHA, João. *O futebol*. Rio de Janeiro: Editora Bloch, 1971. p.14-15.

O futebol, em seus primórdios, era um jogo enfeado pela imprecisão do controle da bola com os pés. Com as mãos, dentro da própria evolução do trabalho humano na História das sociedades, ficava muito mais simples. Futebol era difícil e chato para jogadores e expectadores. E aí temos um fato curioso. O que era dificuldade, com o tempo passou a ser o elemento diferenciador e encantador do futebol em relação a outras práticas esportivas e recreativas. Lembrando João Cabral de Melo Neto:

A bola não é a inimiga
Como o touro, numa corrida;
E embora seja um utensílio
Caseiro e que se usa sem risco,
não é o utensílio impessoal,
sempre manso de gesto usual:
é um utensílio semivivo,
de reações próprias como bicho,
e que, como bicho, é mister
(mais que bicho, como mulher)
usar com malícia e atenção
dando aos pés astúcias de mão.

(O futebol brasileiro evocado da Europa, João Cabral de Melo Neto)

Na Escola de Rugby era permitido que a bola fosse conduzida com as mãos por toda a área do jogo. Em uma outra vertente, as mãos só podiam ser utilizadas para deter jogadas pelo alto. Nada mais. Neste caso, a sequência do jogo era dada com os pés.

Em 1848, Cambridge bateu o martelo e proibiu carregar a bola com as mãos.

O futebol praticado em Rugby tinha uma particularidade que o diferenciava da maioria das escolas: os jogadores poderiam tomar a bola com as mãos e carregá-la por todo o campo, ao passo que os outros tipos de futebol permitiam a utilização das mãos apenas para reter uma bola alta, devendo o jogador, tão logo a retivesse, colocá-la no

chão e imediatamente chutá-la, nunca a carregando ou a impulsionando com as mãos.¹²²

... As regras adotadas pelas escolas e logo em seguida pelos clubes que foram surgindo em toda a Inglaterra eram semelhantes, mas não iguais. As dimensões do campo variavam muito, geralmente em função do espaço disponível nos pátios das escolas. O número de jogadores por equipe também em função do espaço disponível ou dos interessados no jogo, não era fixo: 17, 15, 11, 8. O futebol de 11, porém foi o que se firmou, acreditando-se que isso se deva ao fato de as turmas de Cambridge terem 10 alunos e 1 bedel (as turmas de Rugby eram compostas de 12 alunos e 1 bedel, daí pelo mesmo raciocínio, as equipes do seu futebol serem formadas por 13 jogadores). As bolas também mudaram muito de formato, ora redondas, ora ovais.¹²³

A história do bedel é curiosa. Em 1963, por ocasião das comemorações do centenário da Liga Inglesa, um dos palestrantes, respondendo a uma indagação do jornalista Albert Lawrence sobre o assunto, não titubeou, afirmando que inicialmente o futebol era jogado com dez contra dez. No inverno, os alunos compadecidos com o frio do bedel o convidaram a participar. Ele entrou em campo. Daí ficaram 11 X 11.

Como já observamos, as discrepâncias das regras vigentes em vários clubes e colégios de Londres e de outras cidades inglesas levaram a que, no dia 26 de Outubro de 1863, fosse criada a *The Football Association (FA)*. O organismo ou entidade aprovou, no mesmo ano, treze pontos que instituíram o futebol moderno. Tudo isso a partir das experiências já existentes em Sheffield e Cambridge.

Das treze regras iniciais podemos destacar:

- Sobre o campo: comprimento máximo de 200 jardas (182 m); largura máxima: 100 jardas (91 m).
- Sobre o gol: antes de 1863 em quase todos os lugares e em Cambridge, o gol era um muro de um lado do campo e do outro. A bola

¹²² *Enciclopédia Mirador*. São Paulo: Editora Enciclopédia Britannica do Brasil; 1986. p. 5033 e site da FIFA e da International Board.

¹²³ *Ibid*, p. 5034 e site da FIFA e da International Board.

batia no muro, era gol. O jogo era uma confusão com todos correndo atrás da bola.

Em 1863 ficou estabelecido, na reunião mencionada, que o gol seria marcado por duas traves verticais, separadas por oito jardas (7,32 m), sem balizamento superior.

Dizia o código criado pela FA, órgão que até hoje coordena o futebol na Inglaterra, que o gol era assinalado quando a bola entrasse entre as duas traves, a qualquer altura, sendo terminantemente proibida a utilização das mãos para arremessar ou defender. Ainda não existia o goleiro.

E exatamente pela ausência do goleiro é que o futebol conheceu uma de suas primeiras crises. Os gols eram marcados facilmente e o espetáculo ficava banalizado. Sobre as oito jardas que separavam as balizas, ao que tudo indica, mediam cerca de terça parte do pátio de Cambridge.

Alguns historiadores do futebol dão um toque de “cientificidade” para explicar o porquê das oito jardas, afirmando terem sido determinadas de acordo com a possibilidade, com a elasticidade do pulo de um atleta. Mas lembrem, ainda não existia goleiro quando as traves foram criadas. Assim, quem pulava?

O tempo passou e o futebol foi ficando ainda mais sem graça. Os jogadores, que só chutavam rasteiro, aprenderam a levantar a bola e acontecia um gol após o outro.

As primeiras medidas foram pensadas para contornar este problema. Instituíram uma corda como linha divisória superior entre as traves. Mas o problema permanecia, pois só era permitido evitar um gol com os pés e a cabeça. Bola um pouco mais alta era indefensável.

Neste ponto apareceu o goleiro, que não deixa de ser uma adaptação das regras do rúgbi. Em 1871, os goleiros podiam agarrar a bola em qualquer parte do campo. Em 1897, só era permitido ao goleiro segurar a bola dentro de seu próprio campo. O futebol ia cortando cada vez mais seu cordão umbilical com o rúgbi.

Só em 1912, o “guarda-metas” ficou circunscrito a tocar a bola com as mãos dentro da sua grande área.

SOBRE AS MARCAÇÕES DO CAMPO

O retângulo de jogo foi evoluindo paulatinamente até 1900, quando as marcações passaram a ter as características e dimensões atuais. A grande área, inicialmente circular, em 1893 era cortada por uma linha paralela ao gol.

De acordo com a *International Board*, o campo hoje deve ter forma retangular, com comprimento e largura entre 120 e 90 m e entre 90 e 45 m, respectivamente.

SOBRE O JUIZ

Como em qualquer pelada ou recreação, as decisões sobre o andamento das partidas ficavam a critério dos próprios participantes ou de um ou dois expectadores que formavam uma comissão informal. Quando apareceu o juiz, a partir de 1863, ele tinha suas ações subordinadas aos capitães das equipes. Apenas em 1894 o juiz passou a ter o controle da partida, não sendo mais necessário que os capitães solicitassem sua intervenção.

A regra do impedimento surgiu em 1866; o tiro de canto, em 1872; o pênalti, em 1890. Dentre outras, foram medidas que naturalmente exigiram a presença de um conhecedor das regras para que os jogos não acabassem em confusão.

A transição para o juiz passou pela autoridade dos capitães. Algumas escolas e clubes haviam introduzido a figura do capitão para mediar as decisões no desenrolar do jogo. Mas ocorriam problemas e muitas vezes as atribuições dos capitães e das comissões informais entravam em choque.

Aqui cabe um parêntese sobre o capitão, o vestuário e o seu significado para a História do futebol. Mais uma vez recorremos à pena privilegiada de João Saldanha, em um diálogo inaudito com Hobsbawm.

Para acabar com as confusões, diz João:

Os “pensadores” do futebol resolveram que apenas um dos jogadores seria o “reclamador” e para diferenciá-lo dos demais era obrigatório que usasse um bonezinho. Isto nos jogos importantes. Em outros, peladas, era o dono do time ou o dono da bola que se encarregava de reclamar. Curioso, é que este bonezinho deu origem a uma nomenclatura que nada tem a ver com a história. É que boné,

em inglês, é cap, e quando a escalação dos times ingleses apareceu na imprensa de outros países, todos pensaram que cap era abreviação de capitão e todos os times passaram a ter capitão que, logicamente, era o reclamador. A tal ponto foi a coisa que, mesmo hoje, os capitães dos times pensam que ainda têm direito de reclamar.¹²⁴

A introdução do capitão em equipes britânicas data, segundo jornalistas especializados, da década de 1860. Um pouco mais para lá ou para cá. Não importa. E não casualmente, Eric Hobsbawm, no já anteriormente mencionado ensaio *A Produção em Massa de Tradições: Europa, 1870 a 1914*, chama a atenção para duas “tradições” desta época:

A primeira é o surgimento – especialmente na Grã Bretanha, mas talvez também em outros países – de roupas como expressão de classe. A segunda relaciona-se aos esportes de massa.¹²⁵

No que diz respeito ao vestuário, Hobsbawm destaca o boné como indumentária característica da cultura operária masculina inglesa, costume ainda pouco investigado por historiadores e jornalistas.

É curiosa esta interface, este papo, onde Hobsbawm e Saldanha se complementam. O autor de *Era dos Extremos* afirma que um cronista que se disponha a arregaçar as mangas e pesquisar o assunto descobrirá que a história do boné operário tem relação direta com a ascensão dos esportes de massa; notadamente, o futebol.

Não é por acaso que a história em quadrinhos que satiriza levemente a cultura operária masculina tradicional da velha área industrial da Grã-Bretanha (principalmente o Nordeste) tem como título e símbolo o boné, que era praticamente o distintivo da classe proletária quando não estava trabalhando: Andy Capp (“Zé do Boné”). Existia também na França uma equivalência semelhante entre classe e boné, até certo ponto, assim como em algumas partes

¹²⁴ SALDANHA, João. *O futebol*. Rio de Janeiro: Editora Bloch, 1971. p. 27.

¹²⁵ HOBBSAWM, Eric. A produção em massa de tradições. In: *A invenção das tradições*. São Paulo: Paz e Terra, 1997. p. 295.

da Alemanha. Na Grã-Bretanha, ao menos, segundo indícios iconográficos, os proletários não eram universalmente relacionados ao boné antes da década de 1890, mas no fim do período eduardino – como provam fotos de multidões saindo de jogos de futebol ou de assembléias – tal identificação era quase completa.¹²⁶

Hobsbawm vai além, lembrando que a história do vestuário da classe trabalhadora também não foi estudada em outros países europeus.

No caso específico do boné, fica apenas uma indagação instigante: até que ponto o capitão (ou reclamador) no futebol, utilizando o boné como meio de diferenciação dos demais jogadores, não ajudou a disseminar o uso do boné entre os trabalhadores ingleses?

No Brasil, segundo Marcos Carneiro de Mendonça, a cueca nasceu dentro do Fluminense, por influência direta do futebol:

... Eu vou dizer para os senhores uma coisa curiosa da influência do *football* na vida de hoje. Antigamente não havia nenhuma fábrica de cuecas, só havia fábricas de ceroulas, a ceroula era comprida e amarrada com cordão na canela. Quando começou o *football*, o Luís, meu irmão, e outros jovens de seu tempo, quando a Velha, minha mãe, comprava para ele uma ceroula, a primeira coisa que ele fazia era cortar a ceroula e só botava ceroula acima do joelho; foi assim que nasceu a cueca. Usavam a ceroula curta, eu acho que foi por influência do *football*, porque nós jogávamos com calções até aquela altura, um pouco acima do joelho. De maneira que essa....¹²⁷

Violeta Coelho Neto, cantora lírica e pioneira da natação brasileira, filha de Coelho Neto e irmã de Preguinho, poliatleta tricolor e autor do primeiro gol da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1930, reforçou a influência do esporte não só na moda, no caso os maiôs, mas no que diz respeito ao hábito do banho de mar.

... Eu nadava em competições vestida de homem, com as roupas de meu irmão Preguinho. Só depois de 1925, quando as moças

¹²⁶ Ibid. p. 295.

¹²⁷ Entrevista já mencionada de Marcos Carneiro de Mendonça ao Projeto Memória do Esporte.

começaram a ir à praia com um pouco de liberdade, muito influenciadas por todas as nadadoras, é que eu pude nadar vestida apropriadamente.¹²⁸

Outros autores como Gilberto Freyre e Roland Barthes estabeleceram em alguns de seus trabalhos vínculos entre moda e atividades sociais ligadas ao dia a dia das cidades emergentes.¹²⁹

O RETÂNGULO, AS LEIS DO IMPEDIMENTO E O SEGREDO NO FUTEBOL

Já dissemos que os pés e a zebra são o grande segredo do futebol. Erramos. A magia do futebol não deriva apenas da imprecisão dos pés e da possibilidade de um time fraco derrotar uma equipe mais forte.

As dimensões retangulares do campo, induzindo, praticamente impondo, o jogo pelos flancos como um dos principais recursos ofensivos é outro fator do encantamento do jogo. Abrir o jogo pelas laterais como o meio mais eficaz de chegar ao gol, contornando, como numa guerra de guerrilha, o adversário.

Outros fatores importantes na definição da prevalência do talento sobre a força física advêm das leis do impedimento. Aqui nos referimos às duas primeiras: de 1866 e 1925.

Nos primórdios, a tática de jogo era o 1–10, o popular "cada um por si e a bola no meio de todos". A explicação é simples, mas necessária para fixarmos os conceitos. Os habilidosos, bons passadores, chutadores e dribladores, tinham seu talento prejudicado pelo jogo embolado. Qualquer jogador poderia “encostar” numa das balizas, prender a atenção de um ou mais adversários e fazer o gol.

Predominavam os chutões e o jogo aéreo. É evidente que os mais habilidosos levavam vantagem, mas os atletas limitados tinham muitas facilidades para truncar as partidas. Um pequeno grupo marcando o outro e a bola passando por cima.

Em data anterior à da célebre reunião da *The Football Association (FA)*, 1863, em algumas regiões da Grã-Bretanha, qualquer participante que se posicionasse à frente da bola estaria em impedimento, transformando o jogo num enfadonho

¹²⁸ Depoimento de Violeta Coelho Neto ao Projeto Memória do Esporte, em 4 de maio de 1984.

¹²⁹ FREYRE, Gilberto. *Modos de homem e modas de mulher*. Rio de Janeiro: Record, 1986.

BARTHES, Roland. *O sistema da moda*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1999.

espetáculo de lentidão, praticamente inviabilizando a habilidade dos passadores e dribladores.

Os mentores do futebol não ficaram de braços cruzados. Depois de várias experiências, o mesmo grupo de senhores que viria a formar a *International Board* delineou a primeira lei do impedimento. No ano de 1866, abrindo caminho para a primeira formação tática digna deste nome.

E não só isso, valorizando os fundamentos básicos do futebol: o passe, o chute e o drible, agora vinculados a posicionamentos mais racionais e dando chance para que a visão de jogo prosperasse e aparecessem os primeiros meio-campistas, ocupando aquele espaço do campo onde as pelejas passaram a ser decididas.

A primeira lei do impedimento é o ponto de partida para o aparecimento de jogadores como Zizinho, Didi, Gerson, Platini e Zidane.

Como era essa lei e o que ela mudou tanto? Um jogador passa a ser considerado em posição ilegal quando tiver, entre ele e a linha de fundo contrária, três adversários no mínimo.

Pronto, acabou a boa vida do popular “banheira”. Junto com ele nos jogos mais organizados aparece o esquema tático, 1 – 2 – 3 – 5, dispondo os jogadores na famosa formação clássica: o goleiro, dois *backs*; três médios (*halfs*) e cinco atacantes (*forwards*). Essas três linhas de jogo distribuíam-se entre zagueiro direito e esquerdo, três médios e cinco atacantes. Sobre os três médios não paira nenhuma dúvida. Um pela direita, outro pelo meio e outro pela esquerda.

Mas a distribuição dos atacantes vez por outra confundia os primeiros candidatos a técnicos dentro e fora do Brasil: um ponta direita, o meia direita, o popular centroavante (*center-forward*), o meia esquerda e o extrema esquerda.

...O ataque se chamava “linha” (até hoje se diz: fulano joga na linha) porque a lei do off-side tinha uma particularidade secundária que dizia que se os jogadores estivessem atrás da linha da bola poderiam receber um passe mesmo que não tivessem pela frente os tais três adversários. E então, os atacantes jogavam rigorosamente em linha para não serem pilhados em impedimento. Mas o 2-3-5 (nunca se conta o goleiro na definição numérica das táticas porque sua posição é óbvia) foi apresentado em primeiro lugar pelos clubes ingleses conhecidos por Nottingham Forest e Blackburn Rovers.

Outros os seguiram quase ao mesmo tempo, mas a nova tática de distribuição dos homens no campo ficou sendo conhecida pelo nome daqueles clubes de acordo com as simpatias. Isto lá entre os ingleses. Nos outros países a tática não tinha nome expresso.¹³⁰

Torna-se mais atraente esteticamente o futebol depois das alterações da lei do impedimento de 1866. Consideramos esta regra fundamental para a compreensão do futebol como paixão popular.

Já na segunda década do século XX, saltava aos olhos que o jogo não ia muito bem das pernas. Abordaremos este assunto nos capítulos posteriores. A segunda lei de 1925, não tem merecido a devida atenção da maioria dos estudiosos deste esporte.

¹³⁰ SALDANHA, João. *O futebol*. Rio de Janeiro: Editora Bloch, 1971. p. 33

SEGUNDO CENÁRIO

ADEMIR DA GUIA

Ademir impõe com seu jogo
O ritmo do chumbo (e o peso),
Da lesma, da câmara lenta,
Do homem dentro do pesadelo.

Ritmo líquido se infiltrando
no adversário, grosso, de dentro,
impondo-lhe o que ele deseja,
mandando nele, apodrecendo-o.

Ritmo morno, de andar na areia,
de água doente de alagados,
entorpecendo e então atando
o mais irrequieto adversário.

João Cabral de Melo Neto

O DESEMBARQUE DO FUTEBOL NO RIO DE JANEIRO

2.1. A ÉPOCA DE CHARLES MILLER E OSCAR COX

A última década do século XIX abre caminho para a recepção do futebol no eixo Rio-São Paulo.

Dois personagens neste início da trajetória do futebol brasileiro:

- 1894 – Charles Miller, em São Paulo.
- 1897 – Oscar Cox, no Rio de Janeiro.

Dois brasileiros que, retornando de viagem à Europa, trouxeram em suas malas as regras, os apetrechos e o espírito deste novo esporte, impulsionando sua prática no país.

O que esperar dos campos e dos jogos na época de Charles Miller e Oscar Cox? Havia pouco talento e inspiração, certo espírito desbravador, ao lado de interrogações em relação ao tipo ideal físico e comportamental: o dândi, ainda predominante nas rodas letradas das duas maiores cidades brasileiras, e o moderno e nem sempre bem recebido *sportman*.

Entre 1897 e 1933, o futebol passou por modificações importantes no Brasil. Em um primeiro momento, estava intimamente vinculado à presença europeia nos campos ou *fields*; o idioma falado era o britânico, na definição das posições dos jogadores e de tudo que cercava a sua prática. Inglês era o principal clube em São Paulo no início do século XX.

Oscar Cox retornou da Suíça para o Rio de Janeiro em 1897, depois de uma temporada de estudos. Três anos antes, Charles Miller encerrara uma longa jornada de atividades escolares na Inglaterra e voltara a São Paulo com o mesmo entusiasmo de Cox pelo *football*.

Nas primeiras partidas disputadas nas duas cidades, ao final da contenda os *atletas* brindavam em homenagem ao rei da Grã-Bretanha. Na capital paulista, o futebol nasceu vinculado ao críquete. Em 2 de abril de 1895, saiu a seguinte nota no jornal *A Província* (hoje *O Estado de São Paulo*): “realiza-se amanhã no campo da Rua Mauá (estação) uma partida de *cricket*, esporte inglês entre paulistas e cariocas”.

Os paulistas praticantes do *cricket* eram, em sua maioria, empregados da São Paulo Railway, da Companhia de Gás e de bancos; os “cariocas”, igualmente ingleses, auxiliares de empresas dessa nacionalidade.

Neste mesmo ano, em São Paulo, realizou-se o encontro do futebol com o *cricket*. O São Paulo Athletic Club (fundado em 1888, exclusivamente para britânicos e seus descendentes), sob incentivo e pressão de Charles Miller, criou uma seção de futebol e passou a importar bolas, chuteiras, camisas etc. de lojas londrinas.

Donos de histórias semelhantes, os pioneiros Miller e Cox não impulsionaram somente o futebol. Mas, o estilo, o perfil, a simbologia e a disciplina das escolas europeias, sintetizadas na figura do *sportsman*.

A compreensão da conjuntura em que o futebol foi recepcionado não pode passar ao largo das hipóteses apresentadas no livro de José Moraes dos Santos Neto, *Visão do Jogo: primórdios do futebol no Brasil*. O autor situa as escolas paulistas de jesuítas como a porta de entrada do futebol no país, lançando novas luzes sobre a real importância de Miller.

Paralelamente, distingue as características do futebol brasileiro (escola de dribles) e do argentino (escola de passes). No caso do brasileiro, marcadamente influenciado pela escola inglesa; enquanto que o argentino incorporara o jogo mais cadenciado de passes dos escoceses. Pelo menos até o advento da segunda lei do impedimento e do profissionalismo.

Portanto, no que se refere à paternidade do futebol brasileiro, não é preciso nenhum exame de DNA para se concluir que o pioneirismo de Miller reside no fato de ter iniciado a prática do futebol dentro de um clube, estimulando os outros a praticá-lo também. Com isso, teve início um segundo momento do processo de introdução do futebol em nosso país. O esporte saiu dos colégios, assumiu um caráter explicitamente competitivo (o que de certo tornou mais difundido o conhecimento de suas regras e mais rigorosa a observância das mesmas) e ganhou a posição de esporte preferido da elite paulistana. Não cabe, aqui, pensar em maiores distinções sociais entre os praticantes do futebol nos colégios e aqueles que o jogavam nos clubes. Se nos colégios estudavam os filhos da elite brasileira, nos clubes jogavam membros das colônias de imigrantes mais “nobres” e aqueles mesmos filhos da elite brasileira. No fim das

contas, restava uma barreira social entre o futebol e os milhões de jogadores, técnicos e torcedores em potencial que compunham a população brasileira. Não foi Charles Miller o responsável pela introdução do esporte no país e nem por sua popularização; aliás, algo assim jamais ocorre exclusivamente por iniciativas individuais.¹³¹

Uma linha investigativa desta natureza reforça outra vertente que já abordamos: o papel da escola da modernidade; não só na Europa, mas também em novos continentes, difundindo condutas e hábitos voltados para o regramento social. O esporte como um dos principais instrumentos de conformação de uma nova disciplinarização, tendo o futebol como *comissão de frente*.

Como pano de fundo, o porvir de uma nova *Ordem médica e norma familiar*.¹³² Obra reveladora de Jurandir Freire Costa que, com óculos foucaultianos, analisa a transição no âmbito do público para o privado no Rio de Janeiro, apontando para um físico disciplinado, adestrado, em uma tentativa de regulação do sexo e do tempo na família e em instituições como escolas e reformatórios.

Estes novos valores de reordenação social conquistaram paulatinamente adeptos como Olavo Bilac, Rui Barbosa e Coelho Neto, na vanguarda da defesa de ideais como *corpo são mente sã*, revelando duas faces contraditórias da longa duração cultural na sociedade brasileira. De um lado a eugenia, o *aperfeiçoamento racial* e a disciplina republicano-positivista. De outro, a abertura de uma reflexão e o impulsionar de concepções que possibilitaram, por vias transversas, uma re-tradução dessa disciplina e eugenia, naquilo que Gilberto Freyre denominou de *pan-brasileirismo*, presente em várias passagens de sua obra, mais especificamente no seu prefácio ao *Negro no futebol brasileiro*, de Mario Filho.

Mas, conforme salientamos, nosso recorte geográfico principal é o Rio de Janeiro, com algumas incursões em São Paulo.

Da mesma forma que o papel de Charles Miller foi relativizado, Leonardo Affonso de Miranda Pereira aprofundou a trajetória de Oscar Cox no Rio de Janeiro.

¹³¹ SANTOS NETO, José Moraes. *Visão do jogo: primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002. p. 30

¹³² COSTA, Jurandir Freire. *Ordem médica e norma familiar*. 5ª.ed. Rio de Janeiro: Graal Editora, 2004.

Na expectativa de conseguir juntar na cidade o contingente de jogadores necessário para a sua prática, Cox passou a agitar uma boa parte da juventude estudantil carioca, promovendo jogos e tentando despertar o interesse de seus amigos. Aos olhos de jovens que, como Victor Etchegaray, aderiram à sua campanha, ele tornava-se, portanto, o grande incentivador do futebol na capital federal.

Não que ele tivesse, de fato, introduzido o jogo da bola na cidade. Como contemporâneo de Cox, Victor bem sabia que, mesmo antes de sua temporada na Europa, o futebol já era conhecido no Rio de Janeiro – não só nos clubes formados por ingleses, onde era praticado há mais tempo, mas também nas exibições de marinheiros estrangeiros na região do cais do porto ou nos recreios dos colégios elegantes.¹³³

Como em todas as histórias de beira-mar e beira do campo, são sinuosas e repletas de atalhos as origens do futebol no Brasil.

Charles Miller e/ou escolas jesuítas em São Paulo? Ecos do sul afirmam que, em Porto Alegre, um certo Sir Artur Lawson, antes de 1894, já liderava como *dono da bola* partidas de futebol.

No início da década de 1890, ingleses, funcionários da Amazon Steam Navigation Company Limitada, sediada em Belém do Pará, que dominava a navegação fluvial da região, teriam promovido com compatriotas de outras empresas britânicas jogos de futebol nos terrenos próximos ao *Ver o Peso*.

No Rio de Janeiro, ingleses integrantes da Leopoldina Railway, contam os viajantes, disputavam pelejas nos arredores dos futuros campos do Fluminense e Flamengo e do próprio Palácio da Guanabara, em terrenos baldios na Rua Paissandu.

São muitas as histórias, mas quase todas com dois pontos em comum: a origem inglesa e o vínculo dos primeiros chutes com instituições escolares e/ou clubes de imigrantes, quase sempre associados a empresas.

¹³³ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p. 21.

O PRIMEIRO JOGO

Da mesma forma que existem várias versões sobre a quem cabe o pioneirismo de estimular o futebol no Brasil, pairam inúmeras versões sobre data, horário e local definindo qual teria sido o primeiro jogo de futebol em nosso país. Uma entre tantas aponta para o dia 14 de Abril de 1895, na várzea do Gasômetro, Chácara Dulley, nas proximidades do Bom Retiro, em São Paulo.

Segundo consta, o jogo/treino organizado por Charles Miller foi disputado entre o The S.P. Railway Team 4 x 2 The Of Team Guys.

Quem saberá? Como a autoria de um gol em lance confuso. Quem tocou por último? Quem apareceu na súmula como o autor do gol?

Sobre o “primeiro” jogo disputado, em 1895, em São Paulo, o pesquisador com alma de cronista pode e deve deixar entreabertas algumas frestas de dúvidas: com quantos jogadores cada equipe convocada por Charles Miller disputou o jogo? 11, 12, 13... A regra que fixou o número de jogadores por time, só para lembrar, data de 1896. E a duração da partida? O jogo na chácara Dulley ocorreu em 1895 e os 90 minutos regulamentares (com 15 minutos de intervalo) foram pactuados apenas em 1898. Talvez 120 minutos? Ou durou até as pernas doerem e os jogadores, exaustos, deixarem o terreno? Mais outra: quem apitou o jogo? Certamente, ninguém. Estas e muitas outras perguntas ficam inevitavelmente em aberto.

Neste ponto o percurso da narrativa obriga a parar o jogo, recuar a bola, ajeitar o *meião* para retomar o tema das regras do futebol e da circularidade cultural. A simplicidade e a leveza das leis do jogo revelam uma troca de saberes entre os seus mentores (escolas e outras instituições inglesas) e suas origens populares, derivadas do *mass-football* e do *kemari*. E outras bolações que foram craniadas pela turma de Cambridge.

Não se trata de normas impositivas ou meramente inventadas como querem alguns. São ideias gestadas em um longo percurso de diálogo entre o popular e o erudito; “de trocas” entre a disciplina de escolas e os festejos ritualizados das praças medievais e modernas. Esta dialética entre o culto e o popular, entre o localismo e o cosmopolitismo, perpassam a História do Futebol.

A época de Charles Miller e Oscar Cox é um dos primeiros lances de afirmação desta trajetória. Neste momento o diálogo e a troca de saberes eram escassos, habitando apenas o inconsciente de seus praticantes. Prevalecia a

perspectiva de instituições e aparelhos privados de hegemonia vinculados às elites. O popular ainda não se fazia presente. Mas isto seria por pouco tempo.

Retomando a evolução das regras do futebol no final do século XIX, pontuamos algumas assertivas reveladoras. Em 1883, as regras foram uniformizadas pelas quatro associações britânicas: a da Inglaterra, a da Irlanda, a da Escócia e a de Gales. Em 1894, no exato momento da volta de Charles Miller a São Paulo, o juiz passou a ter o controle completo da partida, já não sendo necessário que os capitães das equipes solicitassem sua intervenção. Em 1871, o goleiro foi mencionado pela primeira vez num código de regras, sendo autorizado a segurar a bola em qualquer parte do campo. Os princípios adotados em Cambridge e Sheffield começaram a conhecer desdobramentos que permitiam a prevalência da habilidade sobre a força.

Apesar disso tudo, o futebol ou *football* no Brasil ainda era mais próximo de um bumba meu boi do que de qualquer outra coisa. A regra do impedimento de 1866 demorou a ser posta em prática no país do futebol. Segundo Rangel Viotti, pai do jornalista e comentarista esportivo Rui Viotti, um dos pioneiros do futebol no sul de Minas: “qualquer regra do impedimento ou coisa parecida só começou a ser levada mais ou menos a sério no Brasil na década de 1920”.¹³⁴

O testemunho de Marcos Carneiro de Mendonça é elucidativo para uma avaliação do descompasso Europa–Brasil no futebol na primeira década do século XX.¹³⁵

... Pergunta: Quem apitava os jogos até 1910?

Resposta de Marcos Carneiro de Mendonça: Meu amigo, não havia juízes. Estes eram indicados pela Liga, mas não apareciam lá porque eles iam por sua conta e quando tinham disponibilidade... E eu, como jogador de "football" experimentado, fui o criador do corpo de juízes permanentes e o Fluminense adotou meu ponto de vista para criação de uma equipe de juízes permanentes.

Pergunta: Mas quem assumia a função do juiz?

¹³⁴ Entrevista concedida por Rangel Viotti a Raul Milliet Filho em 1973.

¹³⁵ Entrevista, já mencionada, concedida por Marcos Carneiro de Mendonça ao Projeto Memória do Esporte.

Resposta de Marcos C. de Mendonça: Eram os antigos jogadores mais ou menos conhecedores do assunto ou cronistas de "football" que iam lá e eram chamados.

Pergunta: E não dava confusão, não?

Resposta de Marcos C. de Mendonça: Dava confusões tremendas porque não tinham noção do "off-side" (impedimento), havia dúvidas.

A Tribuna Sportiva em 15/08/1919 noticiava:

Juiz Faltou

... Mas falemos sobre o juiz.

Como infelizmente vem acontecendo nos últimos tempos, o juiz escalado não compareceu.

De onde a habitual "pescaria" à última hora.

E ela demorou: por fim, os senhores Afonso de Castro e Mourão dos Santos descobriram o senhor Moura e Silva, que se prestou gentilmente a substituir o designado pela Liga.

No mesmo ano, no dia 05 de Abril, a publicação Vida Sportiva, em seu número 84, tratava o assunto de forma incisiva:

Já tivemos ocasião de nos referir aos moços que desempenham as funções de "referres" nos jogos officiaes da Liga Metropolitana e o modo pelo qual dão cumprimento a essa delicada missão. O número de "referees" é escasso e o classificado como bom "referee" passa a constituir uma espécie de "avis-rara" e, assim mesmo, não escapa às descomponendas da assistência quando as cores de sua predileção não estão levando a melhor.

Entretanto é forçoso convir que a grande parte dos "sportsman" que se abalançam a servir de juiz tem dado provas exuberantes de falta de conhecimento tecnico, o que lhes acarreta grandes dissabores, pois de suas decisões errôneas partem a revolta e os grupos dos assistentes.

Tudo isso é fructo da falta de conhecimento das regras competentes, ou da má compreensão dessas regras.

Ora, esse regime de incompetência, de ignorância por assim dizer das regras de "football", não pode perdurar sem grandes inconvenientes, não só para os clubes interessados na disputa de provas officiaes, como para o próprio "sport".

Quer nos parecer, pelo menos no momento, que o único remédio para esse mal é a criação de uma escola onde a nossa mocidade sportiva passa a adquirir os conhecimentos technicos precisos para que fique apta a dirigir, com proficiência, os nossos embates sportivos.

Nessa escola os candidatos a juizes aprenderão a parte theórica das regras adaptadas pela Liga Metropolitana, traduzidas pelo saudoso "Sportman" Belfort Duarte, e praticarão nos campos dos nossos "clubs" por ocasião dos treinos de seus "teams".

QUATRO DATAS, MARCOS DIVISÓRIOS NO PRIMEIRO TEMPO DO FUTEBOL CARIOCA

Como já vimos, o futebol começou sua carreira na capital federal pelas elites, intramuros, neste vitral de igreja gótica que era o Rio de Janeiro. Do retorno de Oscar Cox em 1897 a 1933 sua História é marcada por quatro marcos importantes.

De volta da Suíça, em 1897, Oscar Cox inicia sua campanha de disseminação do futebol no Rio de Janeiro. O sul-americano de 1919, disputado no Rio e conquistado pelo Brasil em final renhida contra o Uruguai. O campeonato carioca de 1923 coroando o vanguardismo do Vasco da Gama que conquista o título no seu primeiro ano na primeira divisão com um time onde jogavam negros e mulatos. Por fim, o ano de 1933 com a adoção oficial do profissionalismo.

Quatro marcos que assinalaram mudanças na cultura popular do Rio de Janeiro. Passo e compasso em sintonia fina com a trajetória do futebol em terras paulistas.

O DÂNDI E O SPORTMAN.

Nos primeiros minutos do futebol no Brasil, o esporte não era hábito incorporado aos costumes hegemônicos nas principais capitais.

Em *O Rio de Janeiro do meu tempo*, Luis Edmundo afirmava:

Até o fim do século que passou, nós vivíamos, a bem dizer, indiferentes aos prazeres, às alegrias salutareias do esporte. A geração que vai proclamar a República, exceção feita dos homens que seguiam as carreiras das armas, era uma geração de fracos e enfezados, de lânguidos e raquíticos, sempre enrolada em grossos "chache-nez" de lã, a galocha no pé e um guarda-chuva de cabo de volta debaixo do braço...¹³⁶

O jovem desse tempo, segundo Luis Edmundo:

... vive ainda da lírica do poeta Casimiro de Abreu, acha lindo sofrer-do-peito, bebe absinto, e, de melenas caídas, ainda insiste em recitar ao piano.¹³⁷

2.2. O REMO E O MAR

Nesta fase do Rio de Janeiro, os dois esportes, ou práticas esportivas, mais populares eram, sem dúvida, o remo e o turfe. Em alguns clubes fechados, o críquete tinha o sabor da casimira inglesa e do colete no verão carioca. Antídotos contra o banzo dos ingleses, investidores, altos funcionários de ferrovias ou aventureiros bem trajados e com "assento".

O remo tem suas primeiras regatas oficiais noticiadas nas *páginas*, já em 1851, em Niterói. Em 1860, tendo como base a Marinha de Guerra, várias regatas são promovidas pela Armada Nacional.

Em 3 de fevereiro de 1862, publicava o *Jornal do Comércio*:

¹³⁶ EDMUNDO, Luís. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: Conquista, 1957. p. 831.

¹³⁷ Ibid., p. 831.

Depois de renhida luta travada dentro do mais leal espírito de desportividade, os garbosos jovens de nossa Gloriosa Marinha de Guerra homenagearam as autoridades presentes com uma notável vitória sobre os novatos do Grupo de Mareantes numa regata anteontem em Icaraí com a presença do Imperador D. Pedro II e da Imperatriz.

Paralisado durante as Guerras do Paraguai e Uruguai, o remo teve suas atividades retomadas com a fundação da sua primeira agremiação – o Club Guanabarens (1874) – que no ano de 1885 promoveu uma regata de 16 páreos, divididos entre baleeiras, canoas, escaleres, jangadas etc. Participaram e foram homenageados integrantes das esquadras inglesa e norte-americana aqui fundeadas, além de marinheiros brasileiros e associados do Guanabarens. Novamente, como se tornou corriqueiro, registrou-se a presença de D. Pedro II e demais autoridades convidadas.

No dia 13 de maio de 1888, o governo imperial organizou a Regata da Abolição, realizada na enseada de Botafogo, com a participação de vários grupos de remadores, agremiações, a Marinha e as Escolas Naval e Militar.

Neste período os clubes de remo se multiplicaram:

- Em 1875 – O Clube de Regatas Icaraí;
- Em 1894 – O Clube de Regatas Botafogo e o Gragoatá;
- Em 1895 – O Clube de Regatas Flamengo;
- Em 1898 – O Clube de Regatas Vasco da Gama;
- Em 1899 – Clube de Regatas São Cristóvão.

Dentre pelo menos mais de dez clubes criados em 30 anos: 1870-1900.

Como destaque cabe mencionar que, em 1897, por iniciativa do Gragoatá, Flamengo e Botafogo, é criada a União de Regatas Fluminense, com intuito de organizar as competições náuticas e de instituir normas únicas a serem seguidas pelas agremiações associadas, impedindo que os altos padrões do espírito esportivo e do cavalheirismo não se percam diante de interesses “menores”.

Em 5 de junho de 1898, o jornal *O Paiz* noticiava:

Realiza-se hoje, ao meio dia, na enseada de Botafogo, a regata de 1898, promovida pela União de Regatas Fluminense e que constituirá, sem dúvida, um acontecimento de primeira ordem, pois não se descreve o entusiasmo que essa festa náutica, à qual concorrem todos os clubes de regatas desta capital e de Niterói, tem despertado em todas as camadas sociais...

O resultado da regata foi publicado pelo mesmo jornal que, com o título *Alpha Vencedora*, carregava tintas sobre as personalidades presentes:

...sem preâmbulos podemos afirmar que todos os clubes saíram-se magnificamente nesta primeira prova anual do remo, tal era o entusiasmo reinante na bela enseada de Botafogo... S. Ex. o Sr. Presidente da República e o Sr. Ministro da Marinha dignaram-se honrar a festa com suas presenças, passeando na lancha Olga e no late Silva Jardim, no meio de gerais e entusiásticas saudações.

No último ano do século, o campeonato de remo ganhou em popularidade, sendo destaque em todos os jornais de maior circulação. Olavo Bilac, fiel ao seu estilo, escreveu a respeito no *Jornal do Comércio*, em 18 de julho de 1900, dando cores de convescote e opereta ao evento:

Anteontem, na praia de Botafogo.

Nunca tão belo, sobre as águas azuis da adorada baía, vi bater em chapa o alegre sol de nosso tépido inverno. A luz vibrava e cantava, amorosamente beijando o veludo verde dos morros, chispando nos metais das lanchas e dos botes, achamlotando as vagas crespas, dando clarões de prata viva à espuma que borbulhava nas quilhas. Em cada janela de palacete, um grupo feminino tagarelava. Entre ondas de povo, passavam as carruagens conduzindo gente alegre. E o vozerio da multidão em terra, e a matinada ensurdecadora das lanchas no mar, apitando, - enchiam o ar de riso e delírio.

Um tiro de canhão soou de repente. Das arquibancadas dos "clubs", das janelas das casas, do parapeito do cais, - todos os olhares se dirigiram para a curva da baía, fechada pelo fundo verde-

negro de S. João e do Pão de Açúcar. Era a regata do "campeonato do remo em 1900" que começava.

Nesta mesma crônica, Olavo Bilac, ele próprio um elegante, e neste sentido um dândi, saudava com entusiasmo a chegada do *sportman*.

Depois, quem vos diz que o exercício do remo vos desenvolve apenas os músculos?

Quando, no lusco-fusco da antemanhã, saltais da cama, e, roubando duas horas ao sono, ides encher de ar salitrado os pulmões, é principalmente a alma que ides fortalecer.

Em 1903, um outro fato, diretamente vinculado ao reordenamento urbano, impulsionou o remo, retratando na medida exata o seu papel de sentido duplo que ocupava na sociedade carioca: uma nova proposta de hierarquização dos gostos e modas e a ascensão do tipo ideal do *sportman*, bem como uma nova convivência da população com o mar. A inauguração do Pavilhão de Regatas de Botafogo, denominado por Bilac como a "raia marítima da enseada gentil". O pavilhão era reservado às autoridades e classes dominantes. O público formado pelas camadas populares distribuía-se à beira das praias e do lado do mar ou se apinhava nos locais possíveis.

Luis Edmundo dava toques parnasianos às regatas após a construção de sua "raia gentil":

As regatas fazem-se sempre no quadro maravilhoso de Botafogo. Passos cria, em 1903/1904, um elegantíssimo pavilhão, no intuito louvável de aristocratizar o esporte. Passos pensa em tudo. A enseada inteira se engalana para os dias de certame marítimo. O povo trepa pelo cais. Cruzam carruagens. No lado do mar há barcas da Cantareira, pejadas de povo, com charangas, com danças e namoros. Além das barcas, rebocadores e lanchas, pejadas de famílias. Até as seis horas da tarde é um delírio no mar, na praia, onde não raro rebenta um charivari de pragmática... respira-se, em

todo caso, um ambiente de alegria, de mocidade, de festa, que agrada e faz bem.¹³⁸

A importância e a supremacia do remo (ao lado do turfe) podem ser observadas pelo espaço reservado na cobertura jornalística. Em 1901, o *Correio da Manhã* publicava sua seção de remo (ainda denominado *rowing*) na primeira página, enquanto outras colunas esportivas costumavam aparecer, com menor destaque, na segunda ou terceira.

As partidas de futebol tinham seus horários marcados a partir dos calendários das regatas de maior importância, que ocorriam em quatro ou cinco domingos ao ano. Quatro ou cinco domingos que povoavam o imaginário da cidade, de todas as classes, da ansiedade das jovens mocinhas com perfumes e saís e seus elegantes acompanhantes à torcida franca e barulhenta daqueles que têm "por monumento as pedras pisadas do cais".

O *Correio da Manhã*, em 14 de Agosto de 1927, historiava o remo na passagem do século XIX para o século XX.

O campeonato de remo do Rio de Janeiro, que é a prova magna do "rowing" na baía de Guanabara, foi instituído pela União de Regatas Fluminense em 1897 com a denominação de "Campeonato Brasileiro de Remo", para ser corrido em embarcações de tipo uniforme, sorteadas um mez antes de sua realização.

Em 1898 foi esse campeonato disputado pela primeira vez, tendo a sorte designado o tipo de baleeiras a quatro remos e em 1900 novamente o de baleeiras a quatro remos.

REMADORES

Os remadores praticantes, além de integrantes da Marinha, de filhos das classes médias e elites, a maioria associada aos clubes criados na virada do dezenove para o vinte, com escassos representantes das classes populares, caracterizavam o remo como um esporte popular apenas enquanto espetáculo, "atraindo multidões de 35 a 45 mil pessoas aos seus principais eventos", e restrito

¹³⁸ Ibid., p. 863.

na sua prática. Esporte caro, tendo em vista não somente os custos de seus equipamentos como o perfil das agremiações patrocinadoras.

De qualquer forma, por maior que fosse o destaque, por mais importante que tenha sido a construção do Pavilhão de Regatas, o esporte em geral ainda tinha a sua importância bastante reduzida no Rio de Janeiro no início do século, o que pode ser facilmente notado em uma pesquisa na imprensa da época, dimensionando o real significado das grandes regatas ou outros eventos do turfe, uma face da modernidade envergonhada que ainda não é hegemônica em nenhuma classe social, em nenhum ciclo de convivência. De fato, o esporte despontava, mas ainda engatinhando, como os trilhos urbanos do Rio de Janeiro.

A notícia do *Correio da Manhã*, de 26 de agosto de 1901, segunda feira, exemplifica bem essa abordagem: "A vitória do Club Boqueirão do Passeio que conquistou a posição de campeão com a baleeira Syrtes. À bela festa de ontem, realizada na enseada de Botafogo, assistiram de bordo da lancha Olga, do Ministério da Marinha, o Sr. Presidente da República (Campos Sales) com a Exma. Família..." A popularidade do remo atraía grande público e contava frequentemente com figuras proeminentes da política nacional. Mas o remo, que era noticiado em inglês, *rowing*, perdia em popularidade para o turfe. As corridas de cavalos interessavam e entusiasmavam.

No início do século, *Estado de São Paulo*, *Correio da Manhã* e *Jornal do Comércio* circulavam com seis a oito páginas, em média. Mesmo quando o número de páginas aumentava (o *Jornal do Comércio*, no final da primeira década do século XX, chegava em alguns dias a 20 páginas), o esporte não ganhava espaço mais significativo.

A edição de segunda-feira, 1º de novembro de 1909, do *Jornal do Comércio* confirma esta tendência. Noticiava o esporte na página seis, com apenas meia coluna de um total de oito. Neste primeiro período, surgem pequenas revistas esportivas especializadas, revelando a existência de um exíguo campo para a fixação do hábito esportivo, em meio a uma sociedade ainda majoritariamente refratária a práticas higienistas.

REVISTAS

Antes de iniciar o século XX, existiam cerca de nove publicações esportivas no Rio e em São Paulo. Noticiavam turfe, remo, ciclismo e até caça e pesca.

No Rio de Janeiro, em maio de 1887, surgiu a revista *Sportman*, abordando, principalmente, o turfe. Eventualmente falava de regatas. *Sportman* circulava com quatro páginas com uma diagramação pesada. A revista era vendida mensalmente ao preço de \$100. As assinaturas custavam, na Corte: semestral, 4\$000; anual, 6\$000. Nas províncias: semestral, 6\$000; anual, 8\$000.

No período republicano, apareceu a *Semana Esportiva*, fundada em 1894, no Rio. O tema principal era o turfe, noticiando também o remo (*rowing*) e o ciclismo (velocipedia). Abordando exclusivamente o hipismo, nasceu, neste mesmo ano, o semanário *O Sport* que circulou com quatro páginas.

A corrida de cavalos era o destaque principal do *São Paulo Esportivo*, do *Santos Esportivo*, os dois de 1892, e do *Sportman*.

O ciclismo, em São Paulo, teve duas publicações especializadas antes da mudança do século. A primeira foi *Bicicleta*, lançada em 1896. A segunda, *A Gazeta Esportiva*, de 1898, que comentava também caça e pesca e turfe.

Alguns pontos não podem ser esquecidos na contextualização da popularidade das regatas:

- O remo antecipou conflitos, contradições, que seriam vividos mais tarde pelo futebol em uma sociedade excludente, com possibilidades exíguas de mobilidade social.

Referimo-nos à questão da profissionalização, ao racismo e aos preconceitos contra as classes populares, seja na organização de novas agremiações, participações em festejos ou possibilidades de destaques atléticos, individuais ou coletivos.

- A contradição do tipo ideal, *sportman* e dândi, não assiste a um momento X de ruptura, tendo convivido de forma clara ou camuflada até os idos de 1940.

PELO TELEFONE

É conhecida a letra de *Pelo Telefone*, de autoria do repórter de polícia Mauro de Almeida, em melodia de Donga, tido como "primeiro samba", retratando com fina ironia a hipocrisia na relação entre sociedade e jogo no Rio de Janeiro. Afinal, nunca se jogou tanto no Brasil e em nenhuma época tantos críticos pontificaram na diabolização das apostas. Durante alguns anos, as apostas no remo foram alvo de ataque de seus dirigentes, preocupados com o desvirtuamento do esporte pelo vício da jogatina. O jogador era identificado com o dândi. O jornal *O Paiz*, em 1º de junho de 1898, noticiava um palpite, com números e detalhes, em uma parelha do remo: “*Um distinto comerciante da rua Moreira César tirou a **Marília** contra a **Alpha**, valendo a aposta 200\$000*”.

Algumas medidas foram tomadas. Como resultado, os pontos de jogo foram transferidos para outros locais, embora, em 1905, por ordem policial, os estabelecimentos tenham sido fechados por quase três anos.

O TURFE

Começamos a história do futebol no Rio de Janeiro pelo remo e turfe. Além de ser um catalisador do hábito do jogo, o turfe significava para seus críticos um vício destruidor da retidão moral e dos verdadeiros costumes balizadores da civilização.

No início do século XX, o remo era um esporte hegemônico, dividindo sua popularidade com o turfe, "prática de apostas, jogatina e negação do esporte", como afirmou o *Correio da Manhã*, em junho de 1906.

Neste período, o Rio de Janeiro dispunha de quatro hipódromos: o Jockey Club, o Derby, o Hipódromo Nacional e o Turf Club, para uma cidade que não chegava a 1.000.000 de habitantes. A popularidade do turfe pode ser medida pela arrecadação dos hipódromos e pela cobertura jornalística. Em 1901, o Derby Club e o Jockey viram entrar em seus guichês de apostas 1.038.740\$000 e 878.077\$000, respectivamente. O auge da popularidade das corridas coincide com a febre especulativa do Encilhamento, nome revelador desta relação, pois encilhar refere-se a atrelar com cilha a cavalgada.

Luis Edmundo dedicou páginas a granel aos espetáculos elegantes, proporcionados pelos hipódromos cariocas, narrando com tintas tanto virtuais quanto

verdadeiras o tipo físico e o perfil psicológico do jogador que perdia fortunas a cada páreo concorrido.

A ligação entre os hábitos da população e os esportes deve ser analisada com atenção, ficando patente que em moda, música, estilo jornalístico, nascimento da crônica, houve uma relação estreita entre várias práticas.

Victor Andrade de Melo realiza um mergulho na história dos banhos de mar no Rio de Janeiro, inicialmente procedimentos prescritos pela medicina até sua incorporação como gosto popular:

O remo e, na sua trilha, as provas de natação, certamente foram geradores de novidades, dentre elas o banho de mar. Em 1906, quando da inauguração da Avenida Beira-Mar, Pereira Passos publica as primeiras normas escritas para o funcionamento dos balneários.¹³⁹

Nicolau Sevcenko analisa a transição do banho de mar de efeitos terapêuticos para os mergulhos por motivações estéticas e de lazer, mudança determinada pelo *boom* desportivo da década e “por emulação das modas vindas dos balneários franceses”, no que é acompanhado por Andrade de Melo. O autor de *Literatura como Missão* trilha, em suas considerações sobre “praias e modas”, caminhos que ensejam um debate central no que concerne ao Método da História.

Caminhos aparentemente bifurcados que devem perfeitamente coabitar o mesmo universo teórico-metodológico, atento às fontes primárias e secundárias, sem esquecer os imprescindíveis voos pelo imaginário de uma época, só possível através da magia da arte, depoimentos e consultas seletivas.

Antônio Maria, compositor e cronista, conta a história do banho de mar em Recife, sua cidade natal, em crônica de 1961:

...Mas o mar era uma novidade. Um desconhecido. Fazia-se cerimônia com ele. Tinha-se medo dele. O Mar de 1928 era ainda o mar de Castro Alves. Soleníssimo: “estamos em pleno mar!”. Fazia

¹³⁹ DE MELO, Victor Andrade. O remo e o mar no Rio de Janeiro do Século XX. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da FGV, n.23. 1999, p.66

medo. O mar de hoje é o mar de Caymmi. Abrandou. Tornou-se íntimo. Ninguém respeita.

... Banho de mar no Recife era “banho salgado” e só se tomava banho com ordem médica, das 05 às 07 da manhã. Antes do sol.

Hoje, é doce morrer no mar, nas ondas verdes do mar...¹⁴⁰

Remo, mar, jogatina e clubes, abre-alas para o futebol no Rio de Janeiro.

2.3. A CENA CARIOCA E O FUTEBOL

Nos dez anos das primeiras peladas do futebol em São Paulo e no Rio de Janeiro, o Brasil caminhava a passos largos rumo ao encontro de sua modernização de poucos, com participação restrita.

Nos planos político e econômico, o país fervilhava pelo alto. A época era singular.

... É no espaço urbano da cidade metrópole que tomam forma os novos sentimentos e as novas indicações da modernidade. O ambiente moderno da nova cidade apresenta, por si só, o antigo, e o duelo entre as duas perspectivas não anunciando simplesmente a vitória do moderno. O moderno vencedor inclui, em si, o antigo.¹⁴¹

O Crescimento das Cidades

População residente, 1872-1960	1872	1890	1900	1920	1940	1950	1960
Recife	116.671	111.556	113.106	238.843	348.424	524.682	788.336
Salvador	129.109	174.412	205.813	283.422	290.443	417.235	649.453
Belo Horizonte	-	-	13.472	55.563	211.377	352.724	683.908
Rio de Janeiro	274.972	522.651	811.443	1.157.873	1.764.141	2.377.451	3.281.908
São Paulo	31.385	64.934	239.820	579.033	1.326.261	2.198.096	3.781.446
Porto Alegre	43.998	52.421	73.647	179.263	272.232	394.151	635.125

Fonte: População residente segundo os municípios das capitais. Anuário Estatístico do Brasil, IBGE.

¹⁴⁰ MARIA, Antônio. *O jornal de Antônio Maria*. Rio de Janeiro: Saga, 1968. p. 83-84.

¹⁴¹ RODRIGUES, Antonio Edmilson. *Modernidade, intelectuais e a idéia de nação*. Relatório parcial Pronex. 1998/1999. p.3.

RIO DE JANEIRO: POLÍTICA E SOCIEDADE NA VIRADA DO SÉCULO

O Rio de Janeiro do Meu Tempo é o Rio do próprio Luis Edmundo, de João do Rio, de Rui Barbosa, de Aluísio de Azevedo, do maxixe e de Tia Ciata, uma cidade com perfil diferenciado, como nos falam Carlos Lessa e Antonio Edmilson Rodrigues.

Lessa, em *O Rio de todos os Brasis: Uma reflexão em busca de autoestima*, converge com Edmilson ao afirmar:

... aglutinador de variedades do país, o Rio é percebido pelos brasileiros como a síntese de características e possibilidades nacionais... Foi a imagem-síntese do Brasil pós-colonial... foi o ingrediente chave de construção da identidade nacional e da valorização da nossa auto-estima.¹⁴²

Em *Modernidade, Intelectuais e a Ideia de Nação* e no saboroso exemplo de crônica histórica *João do Rio — A Cidade e o Poeta*, Antonio Edmilson nos diz:

... No Brasil, o topos da modernidade é a nação. A cidade apresenta-se como realização de um ideário colocado fora dela, daí a experiência da cidade do Rio de Janeiro ser, na visão dos historiadores, a da nação...¹⁴³

O poeta investe no conhecimento profundo da cena urbana. Mais que um "*flâneur*", incorpora o etnógrafo moderno e vasculha a cidade, revelando-a densa e complexa. Adivinhou que o Rio de Janeiro, contra tudo e contra todos, seria uma grande metrópole.¹⁴⁴

O biógrafo de João do Rio nos revela a alma das ruas, encontrando Chico Buarque em sua canção *Estação Derradeira*:

¹⁴² LESSA, Carlos. *O Rio de todos os Brasis. Uma Reflexão em Busca de Auto Estima*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 310.

¹⁴³ RODRIGUES, Antonio Edmilson, op. cit., p. 2.

¹⁴⁴ RODRIGUES, Antonio Edmilson. *João do Rio. A Cidade e o Poeta*. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p. 41.

Rio de ladeiras
Civilização encruzilhada
Cada ribanceira é uma nação
...
Quero ver a Mangueira
Derradeira estação
Quero ouvir sua batucada, ai, ai.

João do Rio, Chico Buarque, Luiz Edmundo e outros intérpretes da mesma cidade, nações de ribanceiras, ruas definidoras de almas nacionais através de construções transversas de sua cultura popular, brecha possível onde a dor não tem aparentemente razão.

Intérpretes que, para nossa tristeza – por certeza ou nostalgia –, conjugam seus verbos sempre em tempos pretéritos.

Quando Oscar Cox chega ao Rio de Janeiro, importando o futebol, encontra espaços acolhedores, redutos ideais para mais uma novidade esportiva: os clubes de regatas. Em sua chegada, Cox depara-se com surpresas que não consegue compreender e novidades ilusórias às quais talvez já estivesse acostumado. A Abolição da Escravatura e um turbilhão de conversas e reuniões, rescaldos de uma República e de uma instabilidade política e econômica quase endêmicas.

Enquanto no mundo a Inglaterra cede terreno para Estados Unidos e Alemanha, com a expansão das indústrias química, elétrica e de bens de capital, no Brasil ocorrem mudanças que não interferem nas chamadas permanências estruturais, com a agricultura ocupando ainda por longo tempo papel preponderante na economia. O país continua ancorado na agroexportação, com uma estrutura fundiária concentrada e o poder político atrelado àqueles que controlavam a República dos plantadores.

A urbanização crescente, o remodelamento e reaparelhamento das cidades e a aceleração tímida do pólo industrial (entre 1870 e 1920, a mão-de-obra empregada pela indústria cresce de 5% para 8% da população economicamente ativa) não são ainda fatores capazes de proporcionar uma reviravolta nos moldes a que assistimos nos grandes centros urbanos europeus. A modernidade brasileira tem nas velhas estruturas agrárias freios culturais e sociais que provocam atrasos no país, cristalizando em todo o período analisado uma clara hegemonia e consolidação do

pensamento conservador, incapaz que foi de imprimir transformações desejadas por alguns de seus dignatários. Ao contrário. Propostas liberalizantes, que pretendiam incluir a questão social em suas plataformas, foram sistematicamente derrotadas nas urnas, nos movimentos sociais organizados (incipientes), nas rebeliões dos "rebeldes primitivos", revelando o quanto as permanências estruturais travaram por várias décadas a construção de uma sociedade civil mais forte, de uma modernidade participativa, capaz de contrabalançar as recorrentes mudanças *pelo alto*.

Como afirma Maria da Conceição Tavares:

... o novo império brasileiro, nascido à sombra de dois impérios, um decadente e outro no auge de sua expansão mundial, manteve sob seu domínio político a expansão das oligarquias regionais em sua ocupação do espaço e estabeleceu-se aos poucos sobre um território continental unificado. Em menos de um século, os espaços econômicos decadentes da exploração colonial (...) deram lugar a um espaço dominante de acumulação, tendo como centro interno o próprio complexo cafeeiro e como inserção internacional a economia mundial.¹⁴⁵

Neste quadro, a cultura popular desempenha função de relevo, empurrando intelectuais tradicionais para o campo de uma organicidade tênue e tímida, mas nem por isso pouco importante. Na República dos Plantadores, o setor industrial era sinônimo de indústrias como a têxtil, cujo maquinário não exigia maiores dispêndios dos investidores. No que se refere à população, julgamos conveniente reproduzir quadros e indicadores do perfil do crescimento demográfico, apontando para uma concentração no Sudeste no cenário nacional.

¹⁴⁵ TAVARES, Maria da Conceição. Império, território e dinheiro. In: FIORI, José Luis (Org.). *Estados e moedas no desenvolvimento das nações*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 451.

Brasil: Quadro Geral da População

Região	1872	1900	1920
Norte	332.847	659.112	1.439.052
Nordeste	4.708.160	6.749.507	11.245.921
Sudeste	4.116.756	7.704.133	13.654.934
Sul	733.486	1.796.495	3.357.167
Centro-Oeste	220.812	373.309	758.531
TOTAL	10.112.061	17.318.554	30.635.605

Fonte: Repertório estatístico do Brasil, IBGE, 1986. In: Hamilton de Mattos Monteiro. Da República Velha ao Estado Novo. In: LINHARES, Maria Yedda (Org.). *História Geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1996. p. 238.

Composição Racial da População do Brasil 1872 e 1890*

	1872 Número	%	1890 Número	%
Branços	3.783.512	38,1	6.306.923	44
Mulatos	4.192.662	42,2	5.934.241	41,4
Negros	1.956.304	19,7	2.092.752	14,6
TOTAL	9.930.478	100	14.333.915	100

* - Exclui a população indígena

Fonte: Censos brasileiros, 1888 e 1890. In: SKIDMORE, Thomas. *Uma História do Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 1998. p. 131.

Conforme afirma Hamilton de Mattos Monteiro:

...Nessa primeira metade do século XX o Sudeste não só vê crescer sua população como um todo, como apresenta um crescimento urbano maior que as demais regiões. O Rio de Janeiro, capital federal, passa de 691.565 habitantes, em 1900, para 1.896.998, em 1939. São Paulo passa de 239.820 para 1.322.643 habitantes no mesmo período. Esses números não podem ser generalizados para o caso brasileiro. Foi um fenômeno tipicamente do Sudeste. A população rural do Brasil correspondia, em 1940, a 68,6% da população total em 1950, a 63,8%.¹⁴⁶

A indústria brasileira, com origens vinculadas a capitais nacionais (café), tem sua moderada expansão inicial motivada por condições internas favoráveis, seja pela existência de excedentes de mão-de-obra (exército industrial de reserva) ou por

¹⁴⁶ MONTEIRO, Hamilton Mattos. Da República Velha ao Estado Novo. In: LINHARES, Maria Yedda (Org.). *História Geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1996. p. 244.

uma nova relação Estado/economia que deflagrará uma etapa de crescimento fabril com fortes repercussões na composição do urbano-social no panorama nacional.

Ainda dentro da questão demográfica, no período pré-1933, mais precisamente entre 1890 e 1929, 3.523.591 imigrantes chegam ao Brasil, divididos por nacionalidades, com percentuais que explicam diretamente a força de italianos e portugueses no alvorecer do futebol do Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Curitiba.

Imigração Brasileira, por Nacionalidade 1872 - 1909 (%)

	1872 – 1879	1880-1889	1890-1899	1900-1909
Italianos	25,80	61,80	57,60	35,60
Portugueses	31,2	23,3	18,3	31,4
Espanhóis	1,9	6,7	13,7	18,2
Alemães	8,1	4,2	1,4	2,2
Outros	33	4	8,9	12,4
TOTAL	100	100	100	100

Fonte: Thomas W. Merrick e Douglas H. Graham. *Population and Economic Development*, Baltimore, 1979. p. 91. In: SIDMORE, Thomas. *Uma história do Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 1998. p. 130.

Mais de 1/3 dos imigrantes aportados de 1890 a 1929 eram italianos (1.156.472), secundados por portugueses (1.036.660) e espanhóis (551.385). Nas décadas de 1910 e 1920, predominaram os portugueses (Rio de Janeiro, principalmente) (316.481 e 301.915, respectivamente), o que se constitui em uma variante nada desprezível para se analisar o início das transformações no futebol, como o profissionalismo e a incorporação dos negros que tiveram no Vasco da Gama o clube que tomou a iniciativa nesta direção. Fato que explica em parte a popularidade do time de São Januário no Rio de Janeiro após 1923.

2.4. TRABALHO, TEMPO E ESPORTE: A CIDADE REDESENHADA

As relações de trabalho no Rio de Janeiro, no período, seguem caminhos com grandes abismos em uma comparação com as realidades londrina e parisiense, mas apresentando similaridades curiosas. A maioria dos trabalhadores urbanos do Rio de Janeiro não estava na indústria. O setor de serviços e o setor informal incorporavam

o maior percentual de pobres e classes médias proletarizadas. Setores de serviços e ramificações do crescimento urbano: condutores e cobradores de bondes, balconistas de lojas, empregados domésticos ou de empreendimentos familiares, somados aos equilibristas do setor informal – ambulantes, prostitutas, *bookmakers*, mascates, artesãos (faz-tudo) – conformando as “classes perigosas” do Rio de Janeiro. Precursoras dos bóias-frias urbanos, que, de acordo com o maior ou menor grau de repressão policial na Capital Federal, ou com as próprias condições de subsistência. Viviam em um vai e vem campo/cidade, mais tarde substituído por idas e vindas das zonas suburbanas – centro da cidade, conforme as linhas de partida e chegada estabelecidas pelas sucessivas reformas ou semireformas urbanas a partir de Pereira Passos.

Convém ressaltar que a imensa maioria das indústrias não demandava qualificação dos operários, visto que as máquinas importadas parcializavam os processos produtivos, reduzindo a números insignificantes o percentual de trabalhadores técnica e profissionalmente habilitados. No Rio de Janeiro, o quadro de pessoal das indústrias contrastava com o encontrado em São Paulo. Em 1890, segundo recenseamento do mesmo ano, cerca de 30% de trabalhadores da indústria era composto de negros e mestiços:

Ademais, 57% das pessoas ocupadas nesse setor não eram estrangeiras, proporção que é de 49% para o ramo de transporte e de 49% para o comércio.¹⁴⁷

Os dados apontados demonstram uma menor presença de imigrantes na economia fabril carioca. Carlos Lessa, ao realizar sua anatomia social da cidade imperial, retoma a convivência do moderno com o antigo:

Nos países centrais, a progressão da Revolução Industrial destituiu o artesão e constituiu o proletariado urbano. A urbanização do Rio enquadra-se no mundo da Revolução Industrial, porém, sem industrialização, não constitui o assalariado característico do capitalismo industrial.¹⁴⁸

¹⁴⁷ KOWARICK, Lúcio. *Trabalho e Vadiagem: a origem do trabalho livre no Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 1994. p. 107.

¹⁴⁸ LESSA, Carlos., op. cit., p. 157.

Esta é a modernidade brasileira, “o ser carioca”, conceito construído a partir dessa fase da vida do Rio e que não pode ser utilizado para diluir tensões e conflitos. Uma modernidade diferenciada da europeia, mas com traços visíveis do que foi concebido por Benjamin, para quem a modernidade deve ser lida como um tempo que engloba o passado, presente e futuro, concomitantemente, como tempo histórico da barbárie e da salvação.

Voltando a Lessa, em diálogo com João do Rio, via Antonio Edmilson Rodrigues:

...O Rio não-industrializado foi espaço dos ambulantes, dos empalhadores, dos lustradores, dos reparadores de eletrodomésticos e de tudo aquilo que João do Rio chama de “profissões ignoradas” da miséria. As ruas foram oficinas. A população dividiu as ruas em “lotes exploráveis”.¹⁴⁹

... o Rio tem também as suas pequenas profissões exóticas, produto da miséria ligada às fábricas importantes, aos adelos, ao baixo comércio; o Rio, como todas as grandes cidades, esmiúça no próprio monturo a vida dos desgraçados.¹⁵⁰

... As profissões ignoradas. De certo não conheces os trapaceiros sabidos, os apanha-rótulos, os selistas, os capadores, ledores de buena-dicha. Se não fossem o nosso horror, a diretoria de Higiene e as blagues das revistas do ano, nem os ratoeiros seriam conhecidos.¹⁵¹

Edmilson corta mais fundo nesta biografia/autobiografia de João da cidade de São Sebastião:

... O Rio pode conhecer muito bem a vida do burguês de Londres, as peças de Paris, a geografia da Mandchúria e o patriotismo japonês. A apostar, porém, que não conhece nem sua própria planta, nem a vida de toda essa sociedade, de todos esses meios estranhos e exóticos, de todas as profissões que constituem o progresso, a dor, a miséria da vasta babel que se transforma.¹⁵²

¹⁴⁹ Ibid., p. 162.

¹⁵⁰ RIO, João do., apud RODRIGUES, Antonio Edmilson. *A cidade e o poeta*. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p. 92.

¹⁵¹ Ibid., p. 92.

¹⁵² Ibid., p. 93.

João do Rio retrata um quadro multifacetado que nos faz lembrar Benjamin, citando Baudelaire sobre a incapacidade do olhar, a perda do olhar na modernidade. Baudelaire descreve olhos que, ofuscados, perderam a capacidade de olhar.

Fico indeciso. Penso em recuar, mas não o faço. O Rio não perdera sua capacidade de olhar. Para não ficar mais assustado e tentar reforçar meu pessimismo analítico e meu otimismo sorridente, repleto de vontades, de movimentos e de ação, recorro a Noel de Medeiros Rosa:

Coisas Nossas, samba (1932)

... Baleiro, jornalista
Motorneiro, condutor e passageiro
Prestamista e vigarista
E o bonde que parece uma carroça
Coisa nossa, muito nossa! ...

O samba, a prontidão
E outras bossas,
São nossas coisas
São coisas nossas!

Noel nunca parou de nos surpreender e compôs, em parceria com Vadico (1936), um samba-choro sobre a contradição dândi & *sportman*, que permaneceria por longo tempo presente na sociedade brasileira.

Tarzan (O filho do alfaiate), samba-choro (1936)
(com Oswaldo Gogliano, o Vadico)

Quem foi que disse que eu era forte?
Nunca pratiquei esporte
Nem conheço futebol.
O meu parceiro sempre foi o travesseiro
E eu passo um ano inteiro
Sem ver um raio de Sol.
A minha força bruta reside
Em um clássico cabide
Já cansado de sofrer,
Minha armadura é de casimira dura

Que me dá musculatura
Mas que pesa e faz doer.

Eu poso pros fotógrafos
E distribuo autógrafos
A todas as pequenas lá da praia de manhã
Um argentino disse
Me vendo em Copacabana:
"No hay fuerza sobre-humana
Que detenga este Tarzan!"

De lutas não entendo abacate
Pois o meu grande alfaiate
Não faz roupa pra brigar.
Sou incapaz de machucar uma formiga,
Não há homem que consiga
Nos meus músculos pegar.
Cheguei até a ser contratado
Pra subir em um tablado
Pra vencer um campeão,
Mas a empresa, pra evitar assassinato,
Rasgou logo o meu contrato
Quando me viu sem roupão.¹⁵³

Na certeza de que retornaremos a Noel, retomamos o Rio de Oscar Cox e a questão do tempo, do tempo presente e da síncopa – o duplo tempo marcado: ausente e presente.

Os trabalhadores brasileiros, cuja maioria era egressa do campo, ainda não conheciam uma marca dos novos tempos, a nova tirania do relógio. O curioso é que, nesta babel que confunde a todos, o tempo do relógio não conseguirá se efetivar entre as classes populares antes de 1920. Neste aspecto, não há hegemonia inglesa que resista.

No Rio de Janeiro do início do futebol, de um tempo sem ponteiros, o “pobre envergonhado” e o “mendigo válido” coabitam os mesmos espaços citadinos,

¹⁵³ Composição que fez parte da trilha sonora do filme *Cidade Mulher*, produção de Carmem Santos, direção de Humberto Mauro.

quem sabe as mesmas ruas. Alguns agrupamentos comunitários aceitam o “pobre envergonhado” que se mescla com os “mendigos válidos”, estes sofrendo a perseguição policial e os olhares esquinados dos leques e fraques encalorados. “Perigosos”, enquanto buscavam de peito aberto sua sobrevivência ou cultivavam práticas culturais reprovadas (capoeira, samba); e comportados apenas quando conseguiam, com habilidade de biombos de convivência, adaptar suas buscas e criações aos padrões considerados civilizados. Malabarismos dignos dos melhores equilibristas. Começava a ganhar tintas mais fortes a interseção de apolíneos e dionisíacos na sociedade carioca.

Estas identidades são curiosas, gerando práticas de permanência cultural e alquimias afetivas. Em 1890, a população do Rio era de 522.000 habitantes, dos quais 106.461 portugueses de origem, sendo 77.954 homens e 28.501 mulheres. Tínhamos ontem uma cidade australiana/lusitana de hoje. Fato, sem dúvida, determinante para explicar a *atração* galega pelo requebrado de nossas negras e mulatas. *Atração* que, embora adocicada e estereotipada pelos historiadores melosos, teve em obras como *O Cortiço*, em canções como *Com que Roupa?*, críticas atentas, inteligentes o bastante para dosar humor com um tom obrigatoriamente realista. Lembram do fim trágico de Bertoleza? Ou do português de Noel que “foi-se embora e levou seu capital”? E de Lima Barreto, em *Triste fim de Policarpo Quaresma*? Carlos Lessa lembra muito bem: “Sem qualquer exagero, o casamento interétnico era regra, e o mulato carioca é predominantemente descendente dos portugueses e afro-brasileiros do século XIX e início do século XX”.¹⁵⁴

2.5. O FUTEBOL NA VISÃO DE MARCOS CARNEIRO DE MENDONÇA: ENTRE O DÂNDI E O SPORTMAN

O personagem Marcos Cláudio Felipe Carneiro de Mendonça, goleiro do Fluminense, da seleção brasileira campeã do sul-americano de 1919, historiador e dirigente esportivo, traz em seu baú de memórias toda uma época de mudanças socioculturais aceleradas.

¹⁵⁴ LESSA, Carlos. *O Rio de todos os Brasis*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 84.

Homem elegante, culto, dono de uma técnica inovadora como goleiro, Marcos Carneiro de Mendonça sintetiza, em toda sua narrativa sobre o futebol no Rio de Janeiro, o momento em que o moderno vencedor incorpora tradições seculares da longa permanência dos valores escravocratas na sociedade brasileira.

Dentro da perspectiva do narrador no futebol brasileiro, optamos por traçar um panorama da sociedade carioca nas duas primeiras décadas do século XX, a partir de uma longa e inédita entrevista concedida pelo eterno personagem de Nelson Rodrigues (que imortalizou, em crônicas, Marcos Carneiro de Mendonça como o "fitinha roxa") ao Projeto Memória do Esporte, em várias sessões de setembro a novembro de 1985. Desta entrevista, destacamos alguns pontos-chaves para a compreensão deste momento.

A visão de Marcos Carneiro de Mendonça sobre o futebol do seu tempo no Rio de Janeiro:

Agora o senhor vê que os clubes eram de bairro, era o Andaraí, o Botafogo, o Paissandu, o Rio Cricket, o Mangueira, o Riachuelo. Quer dizer, cada clube representava mais ou menos um setor da cidade ou do Brasil.

Os jogadores atuavam sem maiores preocupações. Como não havia absolutamente dinheiro para ser disputado, o jogo era franco. Quer dizer, não havia a preocupação de arriscar um drible ou jogar com a preocupação de impedir que o adversário entrasse com o seu jogo. Não havia essa amarração de jogo. O jogo tinha lances muito bonitos que o público aplaudia e gostava muito.

De maneira que a vibração, quer dizer, o entusiasmo dos espectadores do nosso tempo era um entusiasmo muito puro. Porque hoje, com essa jogatina desenfreada, os espectadores vão lá para ver se o seu clube, no qual eles tinham apostado, ganha ou não, e há esse número extraordinário de torcedores que são torcedores profissionais. Não havia nada disso no nosso tempo... Porque não havia ninguém ali jogando com dinheiro apostado...

É curiosa mais esta contradição, somada às demais (racismo, preconceito de classe, amadorismo x profissionalismo): a dos desportistas "puros", com uma visão aristocrático/católica do trabalho, identificando apostadores, malandros e

vagabundos, amigos do "ócio". Exatamente um dos pontos centrais do que Sérgio Buarque de Holanda denominou “a formação brasileira a partir da herança ibérica”, onde pelas vias do trabalho escravo, o trabalho *stricto sensu* é desqualificado.

A repulsa ao jogo é a autorepulsão da visão que o *sportman* aristocrático tem do lugar e do sentido do trabalho na sociedade. Onde o jogo, como tantas outras atividades, é um fato encoberto pela penumbra do antigo em conflito com o moderno, como nos mostra a força do turfe.

A narrativa de Marcos Carneiro de Mendonça é saborosa e reveladora, própria de um vivente de sua época, dos primeiros passos do futebol carioca. Embora longe das ruas até a transição deste esporte para o profissionalismo e de sua disseminação como cultura popular.

Mineiro de Cataguases, nascido em 1894, Marcos chega ao Rio de Janeiro aos 7 anos de idade, vividos, segundo ele próprio, “em vida de fazenda”.

Aos 9 anos ingressou no externato Gastão Rudge, tendo os primeiros contatos com um pequeno segmento da cidade, uma fatia do Rio de Janeiro. A cidade mesmo corria longe de sua vista, pelas frestas dos portões escolares.

A INFÂNCIA DE MARCOS CARNEIRO DE MENDONÇA NO RIO DE JANEIRO

No Rio de Janeiro não havia nada de nada (1904–1905). Havia natação. O único divertimento era, às vezes, ir ali na praia de Santa Luzia. Os Anemola, os Salituri, o João Jório, eles eram os principais donos das casas de natação. Eles alugavam as roupas de banho e nós, às vezes, íamos para aquele banho de mar na praia de Santa Luzia.

As roupas eram muito esquisitas, comparadas com as de hoje em dia.

O calção comprido era o mais ridículo possível, as senhoras tinham umas roupas que iam até o pé, ninguém tinha calção. Os homens também tinham calção, mas até o joelho. Assim era a roupa de banho de mar. Ali o que predominava era a regata. Quando foi prefeito, Passos construiu um pavilhão para as regatas na praia de Botafogo.

Alguns clubes pontificavam. Predominavam: o Natação Clube Regatas; o Boqueirão do Passeio; o Gragoatá, em Niterói; o Icaraí,

em Niterói; o Guanabara e o Botafogo, na Praia de Botafogo. E esses eram os principais clubes de natação. Em toda a nossa vida, de 1904 a 1908, era essa a principal distração nossa: natação e remo. A Praia de Botafogo ficava cheia de gente para assistir às regatas. Só muito mais tarde (final da década de 1920) é que as regatas foram transferidas para a Lagoa Rodrigo de Freitas.

Marcos Carneiro de Mendonça comenta sobre o futebol da sua infância no colégio:

No início, o *football* começou a aparecer nos colégios de forma muito precária. Os meninos estragavam os sapatos porque, não havendo bola, havia pedaços de telha que eles arredondavam e chutavam no pátio do Pedro II, por exemplo, que era o ginásio nacional.

A NARRATIVA DE MARCOS DE MENDONÇA

A cidade do Rio de Janeiro, no olhar de Marcos Carneiro de Mendonça, é identificada a partir de sua residência, de sua escola e dos clubes que frequentou. Principalmente o Fluminense.

Marcos era um *flanêur* de interiores, do lado de dentro das “Bastilhas” do novo cenário urbano. Coelho Neto, Olavo Bilac e outros da geração de 1870 são suas influências importantes. Personagens como João do Rio, Lima Barreto, Donga e os sambistas do Estácio aparecem como referências longínquas. No máximo, ao alcance de lunetas reais ou imaginárias.

Comparando Marcos Carneiro de Mendonça a João do Rio, identificamos dois cariocas contemporâneos com olhares diferenciados.

Enquanto o goleiro e ídolo do Fluminense tem como residência fixa de suas narrativas as “sociais” de Álvaro Chaves e os banhos de mar na Santa Luzia, o autor de *A alma encantadora das ruas* transita com a mesma desenvoltura em mão dupla.

O Rio de Janeiro de Marcos Carneiro de Mendonça, pela sua própria narrativa, localizava-se dentro de campos bem demarcados: o clube, o colégio, a casa, o cinema, as lojas e as calçadas chiques. João do Rio (Paulo Barreto), com a mesma intimidade com que frequentava o estádio do Flamengo, na Rua Paissandu,

em 13 de maio de 1916, enaltecia os pintores de rua, os tatuadores, as mulheres de vida incerta.

Dois trechos de crônicas de João do Rio revelam a alma de um narrador que, tal qual concebeu Walter Benjamin, intercambiava experiências e descrevia com a veracidade de quem as tinha vivenciado.

Sobre o estádio do Flamengo, dizia João do Rio, na crônica *Hora de football*, assinada com o pseudônimo José Antônio José:

... O campo do Flamengo é enorme. Da arquibancada eu via o outro lado, o das gerais, apinhado de gente, a gritar, a mover-se, a sacudir os chapéus... E a arquibancada, o lugar dos patrícios no circo romano, era uma colossal, formidável corbélia de belezas vivas, de meninas que pareciam querer atirar-se e gritavam o nome dos jogadores...

... Eu procurava conhecidos. Estava todo o Rio...

... Pinto Lima, no outro extremo dizia-me adeus, e o Dr. Arnaldo Guinle, do Fluminense, parecia almejar a vitória do Fluminense...

... Venceu o Flamengo num score de quatro a um...

À porta quinhentos automóveis buzonavam, bufavam, sirenavam. E as duas portas do campo golfavam para a frente do Guanabara mais de seis mil pessoas arrasadas da emoção paroxismada do *football*.¹⁵⁵

Marcos de Mendonça, por seu turno, é um cronista da oralidade, retendo em seu depoimento e narrativa os fatos para além do cotidiano imediato, conservando, conforme assinalou Walter Benjamin, a sobrevivência do que é dito por longo tempo. As histórias do goleiro do Fluminense tiveram vida longa, bem como as crônicas de alguns mestres do jornalismo esportivo brasileiro: Mario Filho, Nelson Rodrigues e João Saldanha.

Sobre um outro lado da cidade escrevia João do Rio:

Vamos ver, levemente e sem custo, os pintores anônimos, os pintores da rua, os heróis da tabuleta, os artistas da arte prática. É

¹⁵⁵ Crônica de João do Rio publicada em *O Paiz*, em 14/05/1916, p. 2; e republicada in RAMOS, Ricardo (Org.). *A Palavra é...futebol*. São Paulo: Scipione, 1990. p. 18.

curiosíssimo. Há lições de filosofia nos borrões sem perspectiva e nas “botas” sem desenho. Encontrarás a confusão da população, os germes de todos os gêneros, todas as escolas e, por fim, muito menos vaidade que na arte privilegiada.¹⁵⁶

O DESPERTAR DO FUTEBOL

De volta à narrativa de Marcos Carneiro de Mendonça:

Quando chegamos ao Rio de Janeiro, a predominância do remo era absoluta. Quase não se falava em futebol... Nós podemos mostrar positivamente que o futebol ganhou rapidamente a preferência do povo do Rio de Janeiro. Porque, em uma das últimas regatas que assisti, na praia de Botafogo, eu soube que os diretores da Federação de Regatas pediram que não houvesse jogo de futebol no dia da regata. Qual a conclusão que o senhor tira daí? É que a gente da regata já reconhecia que o povo do Rio de Janeiro, entre um espetáculo de regata e um jogo de futebol, dava preferência ao futebol.

Pergunta:

- Em que ano foi isso? O senhor se lembra?

Resposta:

Talvez por volta de 1908.¹⁵⁷

Quando tinha treze anos, eu estava no externato Aquino da rua do Riachuelo quando o grande professor Pedro de Almeida Magalhães foi visitar o diretor e dono do externato, o Dr. João Pedro de Aquino, cujo secretário, Carlinhos, era o elemento-chave lá do externato. O Dr. Pedro, ele já tinha salvo a minha vida e tinha conhecimento das minhas deficiências físicas, me acenou e eu me aproximei dele. Ele já tinha ouvido da existência do *football*, mas nem usou a expressão *football*, me chamou e disse:

- Olha, esse jogo de bola que anda por aí você não pode, a menos que haja uma posição em que você não tenha que correr.

¹⁵⁶ *A pintura das ruas*, publicada na Gazeta de Notícias, Rio de Janeiro, em 28/01/1907 e republicada in ANTELO, Raul (Org.). *A Alma encantadora das ruas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 147-148.

¹⁵⁷ Entrevista, já mencionada, concedida por Marcos Carneiro de Mendonça ao Projeto Memória do Esporte.

Ora, a única posição no jogo de bola em que eu não teria de correr era a de *goal-keeper*.

Dos treze aos quinze anos, eu fui poucas vezes assistir a jogos de *football*. Porém, em casa, o meu irmão Luis estava sempre falando sobre *football* e até mesmo jogava no Catete. Assim, aos poucos, eu fui me interessando pelo *football*.

Com quinze anos recentes, eu comecei a jogar escondido no clube em que meu irmão já jogava, no primeiro time (no Otto Haddock Lobo Clube Football). Este campo, depois que o Otto Haddock Lobo Clube desapareceu, o Luis conseguiu que se passasse para o América, porque já então ele estava em contato com o Belford Duarte que era o principal homem do América Football Clube. Então, comecei a jogar escondido nas férias no campo do Haddock Lobo.

Estava jogando lá há uns quatro meses quando fui assistir a um jogo do campeonato entre o Haddock Lobo e o Fluminense, que era o campeão da cidade, no campo do Fluminense. Luis já era jogador do primeiro time do Haddock Lobo. Quando findou o jogo do segundo time e ia começar o do primeiro, eu fui chamado na arquibancada para me vestir e me puseram no primeiro time. Por quê? Porque o *goal-keeper* Aires Barroso, do primeiro time do Otto Haddock Lobo Clube, embarcara para os EUA e abriu a vaga. O senhor tem aqui ao seu lado a descrição desse jogo pelo principal cronista da época, Neto Machado, em que ele destaca a minha atuação no jogo inesperado, nosso, do Haddock Lobo contra o Fluminense. As palavras dele foram um grande incentivo para a minha vida e foi também muito engraçado.

... No campeonato, estreando contra o campeão da cidade, por acaso, em 1910, jogando no Haddock Lobo contra o Fluminense. E, com um ano de jogo (aos 16 anos, note-se bem), com um ano de jogo e aos 16 anos de idade, pelas manifestações de meu jogo no decorrer de 1910 e princípio de 1911, eu fui convocado para ser o *goal-keeper* do *scratch* brasileiro. Goleiro do *scratch* brasileiro, no qual fui conservado até o Brasil ser pela primeira vez campeão sul-americano, em maio de 1919.

A minha técnica de jogo nasceu no sótão da rua do Carmo. As poucas vezes que fui ver o *football*, eu olhava como é que aqueles

jogadores (os *goal-keepers* da época) jogavam e a técnica que eles empregavam, cada um deles a seu modo. Os principais jogadores da época, que eram: Waterman, no Fluminense; Cocking, no Botafogo; Álvaro Werneck, também no Botafogo; o Cochrane do Paissandu e outros *goal-keepers*. Baby Alvarenga era o *goal-keeper* do América em 1910, ótimo *goal-keeper* canhoto. Nas minhas observações, de 1910 e 1913 a 1915, eu observei o seguinte: quando o *football* começou, quase todos os jogadores jogavam ou com a perna direita ou com a perna esquerda. Havia um extrema-esquerda do segundo time do Fluminense, o Chico Lu, que jogava junto com o Gustavinho, que tinha a perna esquerda muito mais forte do que a direita. O Luis também tinha a coxa direita muito mais forte do que a esquerda porque todos eles jogavam de preferência com um pé ou com outro. Então, na minha observação, eu vi que o *goal-keeper* não podia ter preferência por uma ou outra perna. Por quê? O que me deu essa impressão positiva? É que eu vi o Baby Alvarenga, que era canhoto, canhoto de natureza, numa bola que veio do lado direito, ele fincou o pé direito no chão e deu um chute com o peito do pé da perna esquerda. Então, essa foi a razão de ser pela qual eu ganhei a convicção de que o *goal-keeper* teria de jogar indistintamente com os dois pés, quanto fosse da esquerda ou quanto fosse da direita, essa é uma observação de importância que eu trago daquela época.

Sobre o material esportivo até meados da década de 1910, falava Marcos Carneiro de Mendonça, acrescentando inclusive o detalhe dos chapéus de palha dos torcedores, o que nos permite traçar um paralelo com a análise do boné levada a efeito por Hobsbawm no futebol inglês da segunda metade do século XIX.

O do Fluminense era ótimo. As meias preciosíssimas, porque eram meias de primeira ordem, com o canhão com as cores do clube e todas vindas da Inglaterra. Aqui não se fabricava nada, nada parecido com isso. Os calções, pouco a pouco, foram sendo fabricados aqui mesmo, mas a própria camisa e, sobretudo, o *blazer* do Fluminense, vinha da Inglaterra, assim como as fitas que comumente eram postas nos chapéus de palha com as cores do clube. Então, se distinguia um jogador do Fluminense com outro do

América, com outro do Botafogo, todos com chapéu com as respectivas cores do clube.

O TIRO DE META

Marcos Carneiro de Mendonça explica como inovou na cobrança do tiro de meta. Na causa principal desta técnica estavam os calçados utilizados.

...No meu jogo principal, consagrador, contra o Botafogo, em 1911, eu, conforme já disse, nunca joguei com botinas de *football*. Jogava com botinas de lona e com esparadrapo de bom tecido para defender o calçado que era precário, era de lona. Eu tirava metade do calcanhar e botava traves nesse calçado que tinha a ponta arredondada. Era um calçado que servia ao Exército. Nesse primeiro jogo com o Botafogo, o juiz era um antigo e ótimo jogador que foi o líder da criação do Flamengo, Alberto Borgheth. Como eu não jogava com botina de *football*, então eu adotei o ponto de vista dele, do Haddock Lobo, que quando tinha de bater a bola que tinha saído, para ir pro campo, um companheiro meu, *full-back*, eu ficava do lado do *goal* e ele dava um toque na bola, eu recebia a bola e chutava. A primeira vez que eu fiz isso num jogo do Botafogo, o Alberto Borgheth, juiz, marcou *free-kick*. Marcou falta. Ele não esperava aquilo e achou que a bola não podia ser jogada para trás, a bola tinha de ser jogada para frente. Eu disse ao Borgheth: Olha não há nada na regra do *football* que impeça que eu faça isso. Eu vou continuar a fazer isso.

SOBRE TREINOS E TÉCNICOS NO FUTEBOL BRASILEIRO

Marcos Carneiro de Mendonça assinalava que, até o advento do profissionalismo, as equipes treinavam no máximo uma vez por semana, geralmente às quintas-feiras, por duas horas na parte da tarde.

Figura de técnico, técnico mesmo, só no profissionalismo. Havia homens como o Taylor, o Charles Williams, mas era para ter uma facilidade entre os jogadores e a diretoria, sabe? Em vez de estar

presente o diretor, estava o técnico que não tinha nenhuma pretensão e qualquer coisa sobre o jogo. Era apenas um auxiliar.

Marcos Carneiro de Mendonça desenvolve uma análise sobre a década de 1920, ressaltando que, pelo menos no Fluminense, até o aparecimento da figura do técnico, existia uma “comissão de campo” ou “*ground comission*”, responsável pelas escalações dos jogadores que atuavam em cada jogo. Segundo ele, outros clubes também adotaram esta comissão de campo, que foi adaptada de uma tradição inglesa e, inicialmente, implantada no Rio de Janeiro pelo Paissandu e pelo Rio Cricket.

Constatamos através de consultas em fontes primárias, que tanto o Flamengo quanto o Botafogo também tinham “comissões de campo” na mesma época. Atestaram este fato Geraldo Romualdo da Silva e Flávio Costa em entrevistas ao Projeto Memória do Esporte realizadas em maio de 1984 e novembro de 1985, respectivamente.

O FLUMINENSE E A PREPARAÇÃO FÍSICA

Ainda Marcos Carneiro de Mendonça:

Eu posso garantir que, realmente, partiu do Fluminense, por volta de 1919 (e isto influenciou muito no desempenho positivo do selecionado brasileiro no sul-americano do mesmo ano)...

... a iniciativa de uma completa preparação física dos seus jogadores e atletas amadores. Digo isso porque, depois da guerra, quando as forças americanas se distinguiram numa espécie de olimpíada havida na Europa, o chefe da delegação americana vitoriosa era o senhor Fred Brown. E o Dr. Arnaldo Guinle, então, resolveu convidar e contratar para técnico do Fluminense este homem que concorreu formidavelmente para a melhora de representação física de nossa gente. Ele era um especialista de *basketball* e, no *basketball*, os jogadores podem ser substituídos, enquanto que no nosso *football* o time entrava em campo e jogava o mesmo time durante todo o jogo sem substituições. A presença de Fred Brown como técnico de *basketball* talvez tenha concorrido para que, também no *football*, essa norma fosse adotada.

O senhor Fred Brown foi o precursor da influência do basquete no futebol brasileiro na preparação física e tática. Dori Kürschner, no Flamengo e no Botafogo (1937 a 1940), e Bengala, no Botafogo (1946), foram de certa forma discípulos do técnico tricolor.

Sobre o domínio da bola e a técnica do encaixe, em um momento do futebol em que o goleiro podia ser chargeado mesmo dentro de sua área, Marcos Carneiro de Mendonça conta como desenvolveu de forma mais apurada a sua destreza.

... Pois bem, o que acontece é o seguinte. É que só a partir de 1916, eu sei nitidamente, eu pensei na burrice que era eu ter preocupação com o adversário porque eu só podia ser atacado quando estivesse com a bola.

... Então, como a bola era um ponto negro e absoluto, com a minha técnica de pegada e domínio, o chute era dado e eu dominava a bola que deixava de ser um elemento perturbador para ser como no *basketball* um elemento de auxílio. Porque eu fingia que ia para a direita e não saía do mesmo lugar e botava dentro do *goal* um, dois, três adversários, porque eu fingia ir pra lá e não ia, me recolhia. Isso se deu muitas vezes. De maneira que eu acho que é a marca da característica do meu jogo. Depois que, em 1916, eu cheguei a essa conclusão de observação, técnica e geral, eu acho que isso teve uma influência especial nos campeonatos de 17, 18, 19.

OS TORCEDORES E OS SÓCIOS DOS CLUBES

Marcos Carneiro de Mendonça afirma que, até o sul-americano de 1919, as torcidas dos grandes clubes que compareciam aos estádios eram compostas basicamente por associados:

Quase exclusivamente dos sócios. Mas, já então, há uns anos, havia naturalmente os torcedores, os entusiastas pelo nosso *football*. De maneira que eu vou lhes dizer que dos torcedores poucos seriam não sócios dos clubes do Rio de Janeiro. Eram os sócios dos outros clubes que passavam a ser torcedores dos principais jogos do

Fluminense, do América etc. Não havia o simples torcedor, não sócio do clube e pago pelo clube para ir concorrer para o brilho de suas equipes, estimular as suas equipes, enfim, elementos estimuladores dessa jogatina desenfreada que impera em todo o Brasil, na América do Sul e no mundo em geral.

E concluía sobre o assunto:

Acho um pouco difícil dar uma ideia exata do que se passava até o ano de 1919 com relação ao assunto torcidas. Porque, realmente, durante muitos anos, as torcidas só se cingiam à dos sócios de cada clube disputante, não havia razão para elementos alheios a cada clube.

OBSERVAÇÃO:

Quando nos referimos à “Queda da Bastilha” dos clubes aristocráticos, estamos voltados exatamente para este ponto. No início da década de 1920, no Rio de Janeiro, os torcedores dos grandes clubes eram basicamente seus sócios. Com a popularização do futebol, os “não sócios” vão progressivamente crescendo de número até transformarem-se em maioria, após o advento do profissionalismo em 1933.

O campo esportivo no qual inscrevia-se o futebol amplia o alcance de sua narrativa, através de linguagens estéticas inovadoras e da palavra escrita e falada.

DO AMADORISMO PARA O PROFISSIONALISMO

Pontuando sobre os anos 20, Marcos Carneiro de Mendonça dizia:

... Foi quando houve o amadorismo marrom... Eu tinha que falar muito a respeito dessa fase para que pudesse ser entendido. Em primeiro lugar, nós do Fluminense, por bem ou por mal, vamos dizer, concorreremos para o mal, porque para impedir que os clubes de menor categoria viessem fazer parte do nosso campeonato... Os times de primeira categoria em conjunto começaram a fazer exigências, no sentido de que as sedes sociais, onde havia o campo,

deviam preencher tais e tais condições. Então, os clubes, à medida que iam fazendo essas exigências, iam se esquecendo de que o clube já tinha, ou devia assumir, determinados compromissos financeiros, além dos fornecidos pelos sócios. Os clubes não tinham quase sócios. Se não tinham quase sócios, precisavam do dinheiro de fora. Então, à medida que essas exigências foram sendo feitas, ia caindo o amadorismo puro. Porque o clube, para ter uma renda que cobrisse a despesa feita, tinha que ter melhor frequência e essa melhor frequência só era alcançada com o melhor time. Então, começaram a aparecer os torcedores, a necessidade de haver um torcedor para que houvesse renda.

... Por volta de 1920, como o Fluminense tinha um ótimo time, os outros clubes começaram a se infiltrar com o semi-profissionalismo. Então, aí é que começou o *football* marrom. O *football* não perdeu, eu chamo bastante a atenção, o *football* não perdeu em qualidade de jogo, perdeu em qualidade social, diminuiu o nível geral do futebol no Brasil...

... A partir daí, começou o semi-profissionalismo, porque os clubes, para atrair público, para aumentar as suas rendas, começaram a ter a necessidade de melhorar os times. E a melhora desses times decorria de um oferecimento de condição financeira desta ou daquela natureza para jogadores de alta categoria, que, formando estes times, atraíam mais público. Os senhores têm aqui o princípio do nosso profissionalismo. Quer dizer, os clubes foram obrigados a renunciar àquela posição absolutamente firme de só terem amadores quando eles precisaram ter um aumento de renda para atender aos seus compromissos financeiros. Não sei se os senhores estão concordando que essa, se não é a completa, é, certamente, uma das razões principais da passagem do nosso amador puro para o amadorismo marrom.

... Depois disso, anos mais tarde, o Fluminense, já que não era nunca campeão porque insistia em ser amador puro... Erradamente, liderados pelo doutor Arnaldo Guinle e a diretoria, concordaram em introduzir o profissionalismo. No meu ponto de vista, quem teve juízo mesmo foi o presidente do Paulistano que não admitiu o profissionalismo, ensejando então a criação do São Paulo Football Club. Aqui, o Fluminense, a meu ver, devia ter feito a mesma coisa,

se conservando como amador e criando um time para disputar um campeonato profissional. Pois bem, foi feito o contrário. O Fluminense aderiu ao profissionalismo e foi buscar em São Paulo jogadores que talvez já fossem semi-profissionais, formando uma grande equipe que veio a conquistar o tricampeonato.

O VASCO DA GAMA E O FUTEBOL CARIOCA

Respondendo a uma pergunta do professor de literatura André Trouche, participante do Projeto Memória do Esporte, o historiador Marcos Carneiro de Mendonça traçou um pequeno quadro do papel do Vasco da Gama.

Pergunta: Dr. Marcos, nós vamos chegando à década de 1920, mas eu gostaria de perguntar ao senhor sobre declarações de que os jogadores de futebol formavam uma quase grande confraria, sendo quase todos filhos de famílias tradicionais de Botafogo e Laranjeiras. Como ficou a situação do Vasco da Gama nesse contexto?

Resposta: O Vasco da Gama não entra nisso. Quando o Vasco da Gama passou a disputar os campeonatos, já o ambiente social do *football* mudara inteiramente. Essa mudança pode ser notada já a partir de 1913. Vamos dizer, quando o Botafogo voltou à nossa companhia, trazendo os clubes mais modestos dos subúrbios do Rio de Janeiro e com os quais ele fizera uma liga durante o tempo em que ele esteve afastado da liga metropolitana. De maneira que não havia ambiente, que eu saiba, de família, no Vasco, correspondente aos ambientes que já havia no Fluminense, no Botafogo e, talvez um pouco, no Flamengo.

O AMADORISMO PURO NA VISÃO DE MARCOS CARNEIRO DE MENDONÇA

Situando a média de público nos campeonatos cariocas, em seus jogos mais importantes, em torno de 6 mil expectadores, Marcos referia-se de forma entusiasmada ao ambiente da época.

De maneira que a vibração, quer dizer, o entusiasmo dos espectadores do nosso tempo era um entusiasmo muito mais puro. Porque, hoje, com essa jogatina desenfreada, os espectadores vão lá pra ver se o seu clube, no qual eles tinham apostado, ganha ou não. E há esse número extraordinário de agrupamentos de torcedores que são torcedores profissionais. Não havia nada disso no nosso tempo. De maneira que as manifestações da imprensa que eu tenho, manifestações abundantíssimas, a gente vê que a vibração do povo é uma vibração, é uma vibração espontânea porque não havia ninguém ali jogando com dinheiro apostado. Era uma vibração patriótica, a ponto da imprensa dizer que, por vezes, um jogo com estrangeiros tais e tais parecia que o Brasil estava lutando contra a Inglaterra, tal era a vibração entusiástica dos brasileiros. Terminado o jogo, muitas vezes, eles invadiam o campo, à vontade, carregavam aqueles jogadores que pareciam que tinham brilhado na luta, na verdade. E isso era que criava o ambiente nosso.

OBSERVAÇÃO:

Segundo depoimento de Marcos Carneiro de Mendonça, a média de público nos campeonatos cariocas, de 1916 a 1919, era de 6 mil espectadores, o que coincide com informação de João do Rio, em crônica de 1916, já citada.

Temos clareza da imprecisão de adotar como regra uma informação desta natureza, possivelmente superestimada. De qualquer forma, à guisa de uma conclusão preliminar sobre a relação população x proporção do público pagante, efetuamos uma tabulação que indicou uma relação de 0,52% (proporção de público) com a população da cidade de acordo com o censo de 1920: 1.157. 870 habitantes.

CONSIDERAÇÕES SOBRE O DEPOIMENTO DE MARCOS CARNEIRO DE MENDONÇA

A prosa de Marcos Carneiro de Mendonça nos faz lembrar do que E. P. Thompson desenvolveu como conceito de experiência, em busca de um nexo entre a consciência e o modo de produção, ao mesmo tempo em que ampliava o leque do significado teórico das classes sociais na História.

Em nenhum momento, o ser social pode ser concebido à margem da cultura e das normas, positivadas ou não.

...há um sem número de contextos e situações em que o homem e mulheres, ao se confrontar com as necessidades de sua existência, formulam seus próprios valores e criam sua cultura própria, intrínsecos ao seu modo de vida.¹⁵⁸

Egresso de uma família mineira, com vínculos fincados no meio rural, Marcos Carneiro de Mendonça encontra nos clubes, na escola e no futebol o “campo intelectual e social” onde pôde desenvolver de forma elaborada a sua experiência de classe. Quase sempre em consonância com ideias tomadas de empréstimo de alguns homens de sua época – Olavo Bilac, Rui Barbosa e Coelho Neto – defensores de uma nova organização das relações urbanas e de um novo sentido de eugenia na escolaridade e na vida social.

Possivelmente, o personagem Marcos possa ser vinculado às tradições das gerações de 1870, ao positivismo e ao evolucionismo. Mas, em nosso entender, em duas instituições é que poderemos buscar uma síntese de suas ideias e das de outros defensores dos ideais *desportivos*: o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (1838) e a Academia Brasileira de Letras (1897).

... Além de “guardiã–mor” dos valores da língua portuguesa, a ABL definiu um modelo ideal do intelectual da *belle époque*. Contrário ao boêmio típico, ele deveria ser comportado e afinado com as ideias dominantes. A Academia representava, ainda, o ponto de conexão mais direto da intelectualidade com o campo político, por meio do Ministério das Relações Exteriores, que exerceu significativo papel de mecenato cultural, na figura do Barão do Rio Branco, durante as duas primeiras décadas da República. O chanceler pôs em prática uma política de valorização dos intelectuais, cercando-se dos expoentes mais representativos de seu tempo, Rui Barbosa, Joaquim Nabuco, Graça Aranha, Domicio da Gama, Olavo Bilac, Capistrano de Abreu, entre outros, e criando, para esses escritores e historiadores, as condições para o exercício de sua profissão.¹⁵⁹

¹⁵⁸ THOMPSON, E.P. *As Peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas; Editora da Unicamp, 2001. p. 261)

¹⁵⁹ VELOSO, Mariza; MADEIRA, Angélica. *Leituras brasileiras: Itinerários no Pensamento Social e na Literatura*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p. 78.

Sobre Marcos Carneiro de Mendonça, dois parágrafos de Nelson Rodrigues iluminam a trajetória do personagem. Goleiro e narrador.

O engraçado é que eu não assistia a nenhum jogo. Sabia de futebol por referência. Era o meu irmão Milton, pó-de-arroz doente, que acompanhava o Fluminense, com fanática fidelidade, pelos campos da cidade. E ele, então, de olho rútilo, me recontava os jogos e, assim, era uma espécie de Homero do Fluminense. Eu ouvia tudo, num silêncio maravilhado, e a minha imaginação se povoava de heróis tricolores.

A primeira sensação de herói, de heroísmo, de epopéia que tive na vida, devo a Marcos de Mendonça. Ele era, para a cidade, uma dessas figuras de Walter Scott. A garotada de 1917, 18 e 19 cantava uma quadrinha que começava assim: - “Marcos de Mendonça, fitinha roxa” etc. Hoje, o craque de futebol é um ser contingente, mortal como todos nós, e mesmo o divino Pelé pouco difere dos outros homens. Para a fantasia da multidão do meu tempo, Marcos de Mendonça tinha todo um pesado esplendor de lenda”.¹⁶⁰

Obs. Milton, irmão de Nelson, preenchia os requisitos com que Walter Benjamin caracterizou o narrador. O “Homero” tricolor introduziu o irmão no universo do futebol, do clube de Álvaro Chaves, no qual despontava Marcos Carneiro de Mendonça.

O goleiro precursor do estilo e da técnica do encaixe da bola também pode ter sua trajetória traduzida à luz (dentro de uma perspectiva renovada do conceito) do que Gramsci denominou como intelectual tradicional. Vinculado a ideias de um sistema econômico em decadência (o escravismo brasileiro), incorpora em sua vida uma postura de independência em relação ao poder político ancorado em uma postura filosófica de tipo idealista.

Traduzidas para o Rio de Janeiro, no período que analisamos as ideias pré-republicanas, mescladas ao positivismo (seu sucedâneo), formam um caldo de cultura do qual emergiram intelectuais como Marcos Carneiro de Mendonça. Assim,

¹⁶⁰ Crônica de Nelson Rodrigues, “O Campeão da Espanhola”, publicada no Jornal dos Sports, em 09/09/1961.

defendia a ferro e fogo um amadorismo puro, contrastando com a efervescência modernizante da década de 1920. Convivendo com esta dualidade, o personagem em tela veio a ocupar, mais de uma década depois, a presidência do clube de seu coração.

As noções de “Poder Simbólico” e de “campo intelectual” desenvolvidas pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu estabelecem uma interessante vertente explicativa para o papel dos clubes de futebol, de grupos vinculados a estes clubes e de personagens como Marcos Carneiro de Mendonça.

Bourdieu, assim como Michael Foucault, aprofunda o conceito de aparelhos privados de hegemonia em Antonio Gramsci. Conforme apresentaremos no capítulo terceiro desta tese, o campo social é estruturado à luz do poder simbólico e da violência simbólica, funcionando a partir de balizamentos, positivados ou não.

A vida em sociedade e os campos e aparelhos privados de hegemonia são povoados com *habitus* diversos. Para o autor de *O Poder Simbólico*:

o *habitus*, como indica a palavra, é um conhecimento adquirido e também um haver, um capital (de um sujeito transcendental na tradição idealista), o *habitus*, a *hexis* indica a disposição incorporada, quase postural ...¹⁶¹

Assim, os campos sociais são estruturados por um conjunto de *habitus* que operam dentro do que o autor denomina como “violência simbólica”.

Concordamos com Terry Eagleton, quando afirma que:

... “A violência simbólica”, assim é a maneira de Bourdieu repensar e elaborar o conceito gramsciano de hegemonia, e o conjunto de seu trabalho representa uma contribuição original para o que se poderia chamar as “microestruturas” de ideologia, complementando as noções mais gerais da tradição marxista com relatos empiricamente detalhados da ideologia como “vida cotidiana”.¹⁶²

¹⁶¹ BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998. p. 61.

¹⁶² EAGLETON, Terry. *Ideologia: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 1997. p.142.

Não é destituído de propósito traçar paralelos entre os campos intelectual e político e o campo esportivo ou os aparelhos privados de hegemonia, constituídos pelas organizações desportivas na sociedade civil. Perpassados por hierarquias, códigos de conduta, gestos indicativos camuflados, disputas internas acirradas, o campo esportivo, assim como o campo intelectual, nos permite visualizar as posições dos grupos e subgrupos em disputa. Dos códigos mais gerais do esporte e dos sobrecódigos oriundos de culturas localizadas.

Da mesma forma, dentro dos campos ou aparelhos privados nos remetemos diretamente ao que Bakhtin desenhou como campo discursivo, no plano da linguagem diretamente vinculado à realidade social.

O que eram e são o Fluminense, o Botafogo, o Vasco e o Flamengo, senão instituições da sociedade civil com fortes vínculos com o poder político e econômico, mas simultaneamente ligados às esquinas onde torcedores isolados ou em grupos disseminavam e realimentam suas práticas, *habitus* e discursos?

Por estes caminhos transitaram personagens como Marcos Carneiro de Mendonça. Homens que, como ele, responderam positivamente ao que Pierre Bourdieu indagou em sua exposição introdutória a um Congresso em Paris, em 1978: “Como é possível ser esportivo?” Com arte e autonomia, concluía Bourdieu, dando maior relevo ao que nos ensinou M. C. Mendonça. Destas conclusões retiramos parte ponderável da inspiração teórica desta tese. Com elas, fechamos a narrativa do “fitinha roxa”.

Se é verdade, como minha interrogação parece sugerir, que o sistema de instituições e de agentes vinculados ao esporte tende a funcionar como um campo, segue-se daí que não se podem compreender diretamente os fenômenos esportivos num dado momento, num dado ambiente social, colocando-os em relação direta com as condições econômicas e sociais das sociedades correspondentes: a história do esporte é uma história relativamente autônoma que, mesmo estando articulada com os grandes acontecimentos da história econômica e política, tem seu próprio

tempo, suas próprias leis de evolução, suas próprias crises, em suma, sua cronologia específica.¹⁶³

É interessante notar que esta autonomia relativa da História do esporte assinalada por Pierre Bourdieu observa um movimento pendular. Em determinadas conjunturas suas leis de evolução e crises estão mais afastadas do pano de fundo estrutural das sociedades analisadas. No entanto, em outros momentos as condições econômicas e sociais são mais visíveis nas transformações ocorridas no mundo do esporte, em particular do futebol.

A autonomia relativa da História do esporte fica evidenciada em períodos como o da década de 1920, no Rio de Janeiro, anos que assistem o futebol caminhar em passos largos, em ritmo acelerado para o seu encontro duradouro com as ruas e as classes populares. Os anos 20 trazem em seu bagageiro a longa duração do popular na cultura da capital federal.

Outro momento, outra medida, visto tratar-se de um tempo completamente diferente, é aquele que o próprio Bourdieu abordou em seu texto sobre os Jogos Olímpicos de Barcelona, em 1992. Neste ponto de ascensão vertiginosa do neoliberalismo, o esporte de alto rendimento constrói ao redor de seus espetáculos, da economia globalizada, mundos paralelos. Segundo Bourdieu, podem ser identificados dois referenciais: o “real” e o “oculto”. O primeiro é a competição propriamente dita e o “oculto”, ou reificado, é o produto das representações desse espetáculo filmado e divulgado pelas televisões.¹⁶⁴

CRONOLOGIA BÁSICA DO FUTEBOL NO RIO DE JANEIRO, DE 1894 A 1933 (INCLUINDO NATURALMENTE OUTROS ESPORTES)

Esta cronologia tem como principal objetivo orientar o próprio autor da tese e seus pacientes leitores a respeito deste segundo capítulo e dos tópicos relevantes narrados por Marcos Carneiro de Mendonça.

1897 – Oscar Cox retorna ao Brasil trazendo em sua bagagem apetrechos e entusiasmo para estimular o futebol na Capital Federal.

¹⁶³ BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo. In: *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 137.

¹⁶⁴ _____. Os jogos olímpicos. In: *Sobre a televisão*. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

1901 – Oscar Cox coordena a organização dos dois primeiros jogos entre cariocas e paulistas.

1902 – Oscar Cox lidera a fundação do Fluminense F. C. em 21/07/1902. A primeira partida do Fluminense ocorreu em 19/10/1902: Fluminense 8 x 0 Rio Football Club.

1904 – Fundação do Botafogo F. C. em 12/08/1904. A primeira partida do Botafogo ocorreu em outubro do mesmo ano. Botafogo 0 x 3 Football and Athletic Club.

1905 – É criada a Liga Metropolitana de Football do Rio de Janeiro – Capital.

1906 – É realizado o primeiro campeonato de futebol do Rio de Janeiro. No primeiro jogo, disputado em 13/05/1906, o Fluminense derrotou o Paysandu Cricket Club por 7 x 1.

1906 – Pereira Passos constrói, na Enseada de Botafogo, o Pavilhão de Regatas, inaugurado em 13 de novembro daquele ano.

1912 – É introduzido o futebol no Flamengo, oficialmente. A primeira partida ocorre em 3 de maio do mesmo ano. Flamengo 15 x 2 Mangueira.

1914 – Os jornais do Rio de Janeiro abrem mais espaço em suas folhas para o *football*, que passa a ser chamado por vários jornalistas de "futebol".

1914 – Primeira partida da Seleção Brasileira, disputada no Rio de Janeiro, em 21 de julho: Brasil 2 x 0 Exeter City da Inglaterra. Marcos Carneiro de Mendonça foi o goleiro.

1915 - O Vasco da Gama começa a disputar oficialmente o futebol. O primeiro jogo ocorre em 1916: Vasco 0 x 10 Paladino F.C.

1916 – É realizado o primeiro sul-americano de futebol em Buenos Aires, sagrando-se campeão o Uruguai.

1917 – A CBD filia-se provisoriamente à FIFA, que havia sido criada em 1906.

1919 – O Brasil sedia o campeonato sul-americano de futebol, conquistando o título em final dramática contra o Uruguai, realizado no estádio do Fluminense, com público estimado em mais de 30 mil pessoas.

1920 – Primeira participação brasileira em Olimpíadas. Neste ano, a sede foi em Antuérpia, na Bélgica.

1923 – A CBD filia-se definitivamente à FIFA.

1923 – O Vasco é campeão com um time composto por negros e mulatos.

1927 – Inauguração do estádio do Vasco da Gama (São Januário).

1928 – É fundada a Deixa Falar, a primeira escola de samba do Rio de Janeiro, no bairro do Estácio. Desfila pela primeira vez no carnaval de 1929, com as cores vermelha e branca, em homenagem ao América F.C.

1933 – Em 12 de março é disputado em São Paulo o primeiro jogo entre times profissionais. Em 2 de abril o mesmo ocorreria no Rio de Janeiro.

TERCEIRO CENÁRIO

“O estilo do futebol brasileiro adiciona um sobre-código à gramática geral do futebol. Por sua vez, o jogador é considerado tanto melhor, seja porque faça ou defenda mais gols, seja porque cria estilo próprio, vale dizer, um terceiro código pelo qual o agente se distingue de outros, como se viesse a assinar cada partida”.

José Arthur Giannotti

CLUBES E CAMPOS DE PELADA FUTEBOL BRASILEIRO E SOCIEDADE CIVIL NOVOS APARELHOS PRIVADOS DE HEGEMONIA

3.1. CLUBES E CAMPOS DE PELADA

Abrindo espaços entre o remo e o turfe, começa a aparecer o futebol praticado nos colégios de elite e em clubes fechados com características definidas.

Dados estatísticos oficiais de anos anteriores a 1900 identificam que, na segunda metade do dezenove, era inexpressivo o número de agremiações de lazer e esporte no país. Neste período, a predominância fica com a Região Sul. No Brasil, existiam cerca de 100 clubes, 49 no Sul (29 no Rio Grande do Sul), 31 no Sudeste (17 dos quais em São Paulo). Esta situação sofrerá transformações nos anos seguintes, quando aumenta o número de associações. A Região Sudeste assume a liderança, saltando de 31 para 594 (São Paulo, de 17 para 264; Rio de Janeiro, de 29 para 178), com a Região Sul conhecendo um aumento de 49 para 269.

São inúmeras as hipóteses que podemos cotejar como fatores explicativos deste aumento, aparecendo de pronto o aumento populacional e o fluxo imigratório como aquelas que pousam obrigatoriamente na mesa do historiador. No momento do surgimento dos clubes, está em construção em nosso país um processo de modernização, que provoca algumas recomposições importantes na hierarquização de convivências e hábitos. Este é o primeiro ponto onde ancoramos nossa análise. Os clubes coloniais e os clubes das elites locais são os dois pólos desta primeira parada neste novo microuniverso do lazer carioca, com desdobramentos importantes como veremos adiante.

O segundo momento será o fascinante mergulho no universo da separação clubes/torcidas, associados/torcedores, que ocorrerá com a popularização e profissionalização do futebol.

Sobre o surgimento dos clubes, podemos delimitar três tendências, a partir das classes sociais presentes em suas fundações. Utilizando o conceito de classe de Thompson, podemos perceber que os clubes desempenham função de locais de encontro e identificação das elites com o novo modo de vida urbano; e os chamados clubes coloniais, que tinham suas origens nas diversas colônias de estrangeiros aqui

existentes, funcionam como locais de convivência a partir de uma mesma herança cultural. Estas duas correntes principais não eliminam a possibilidade de situações intermediárias, como, por exemplo, os clubes que, acompanhando o traçado e a expansão da cidade, abrigavam classes subalternas e segmentos de camadas médias baixas; são os clubes das zonas mais desvalorizadas das cidades, que compõem uma terceira tendência.

A classe se delineia segundo o modo como homens e mulheres vivem suas relações de produção e segundo a experiência de suas situações determinadas, no interior do “conjunto” de suas relações sociais, com a cultura e as expectativas a eles transmitidas e com base no modo pelo qual se valeram dessas experiências em nível cultural.¹⁶⁵

A criação dos clubes ganha importância quando as iniciativas formais de reconstrução da estrutura hierárquica da sociedade abrem espaços no universo fechado da cidadania real, trazendo novas ideias, através das quais as perspectivas de igualdade jurídica entre os homens (que há séculos estavam separados pela escravidão) poderiam atingir seus objetivos pela pena da lei. Assim, se a prática esportiva faz parte do ideário burguês, do qual, ainda que indiretamente procuravam aproximar-se as elites urbanas, por outro lado a organização dessa prática em clubes privados terá grande utilidade na recomposição da estrutura hierárquica formal, reforçando uma velha característica da História brasileira, na qual o moderno incorpora as ideias do antigo, de forma a controlar processos de transformação e, ao mesmo tempo, garantir permanências de exclusão.

Um aspecto importante no processo de criação dos clubes é o crescimento das classes médias. Num primeiro momento, está claro que as camadas médias seriam um dos principais sustentáculos na formação dos clubes; apesar destes estarem inseridos na tentativa de reestruturação hierárquica da antiga sociedade, destinada a ser superada pelos novos tempos. Esta aparente contradição pode ser elucidada observando-se a própria ambiguidade da modernização, seus limites e potencialidades. Os integrantes das camadas médias tentam participar de um estilo de vida comum ao das elites, buscando interseções; como as propiciadas pelos

¹⁶⁵ THOMPSON, E. P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Ed. Unicamp, 2001. p. 277.

clubes. Apesar de a modernidade estar vinculada à ideia de igualdade, será a partir da busca de posições na hierarquia em reconstrução que irá oscilar o ambiente clubístico, entre o estilo do moderno e as inevitáveis incorporações da ordem escravocrata.

Na História dos clubes do Rio de Janeiro, impõe-se como necessário para sua contextualização política o conceito de *habitus* em Norbert Elias. Tanto nos clubes de imigrantes quanto naqueles que reuniam as classes dominantes nacionais, principalmente nos clubes coloniais, a noção do “saber social incorporado” é básica para entendermos seu aparecimento e expansão. Norbert Elias afirma que os destinos de uma nação ao longo dos séculos vêm a ficar sedimentados no *habitus* de seus membros individuais, ocorrendo mudanças ao longo do tempo em consequência de transformações nacionais, implicando em um equilíbrio entre continuidade e mudança e podendo ser situado, na acepção de Braudel, como tempo de longa duração. No caso específico dos clubes cariocas e no momento exato em que ocorre uma popularização das agremiações de elite incorporadas ao sentimento e paixão popular para além de sua convivência restrita. Podemos afirmar que o *habitus* impulsionador de sua criação e sedimentação transformou-se com a experiência da circularidade cultural ensejada pela apropriação de um símbolo como representação de um pequeno território demarcado – as suas sedes – por segmentos da população que retraduziram esta forma de pertencimento.

Não seria incorreto asseverarmos que, em menos de meio século, o *habitus* clubístico muda de direção; impulsionado, sobretudo, pela paixão despertada pelo futebol, tendo como consequência a inversão de um processo de longa permanência representado pela “Queda da Bastilha” dos clubes aristocráticos, que passam a ter nos setores populares o seu principal patrimônio. Clubes e torcidas passam a ter laços indissociáveis que permanecem na contemporaneidade, ameaçados, entretanto, pela perda da aura, estilizada pela *sociedade do espetáculo*.

Durante o período observado, são criados o Paissandu Cricket Club e o Rio Cricket, formados por ingleses. O Clube de Regatas Vasco da Gama é um marco da colônia portuguesa carioca, aglutinando comerciantes e comerciários que trabalhavam e moravam principalmente no centro da cidade. O Vasco e o Corinthians Paulista, este também criado em 1910 por comerciários e trabalhadores autônomos, são exemplos que reforçam a não-uniformidade do caráter elitista das agremiações. Por diversas vezes, os associados do Vasco da Gama não apoiaram a

transferência de sua sede para a Praia de Botafogo, bairro nobre, levando a um fracionamento do clube. Os sócios mais ricos deixaram a Cruz de Malta e fundaram o Clube de Regatas Guanabara.

A atração do futebol e o interesse cada vez maior despertado pelos exercícios físicos empurravam para outros muros e outros recantos o convívio entre pares para a prática esportiva.

Seria interessante lembrar que a vida social contém *habitus* diversos, com sistemas harmonizados àquilo que Bourdieu conceituou “campo”, sistema competitivo de relações sociais que funciona segundo sua lógica interna, através de instituições e indivíduos que competem pelo mesmo objetivo.

O que geralmente está em jogo em tal campo é a conquista de domínio máximo dentro deles, um domínio que permite aos que o conquistam conferir ou retirar legitimidade dos outros participantes. Alcançar tal domínio envolve o acúmulo do máximo de “capital simbólico” adequado ao campo, e, para que tal poder se torne legítimo, deve deixar de ser reconhecido pelo que é. Um poder endossado tacitamente, mais do que explicitamente, é um poder que conseguiu legitimar-se.¹⁶⁶

Para Pierre Bourdieu, o campo social é de modo geral estruturado por normas pactuadas não formalmente; funcionando, portanto, à luz do “poder simbólico”, da “violência simbólica”. Um clube social, como os que estamos analisando, é organizado por normas escritas e orais, mas dentro de suas relações com as torcidas “poder simbólico”/“violência simbólica” é o vetor da balança interna de hegemonia, procurando equilibrar normas positivadas (internas aos clubes) e informais (no campo das torcidas). Dentro de cada clube vislumbra-se claramente microesferas de poder, uma variante do conceito gramsciano de hegemonia.

Os clubes se ramificam, reproduzindo hierarquias à semelhança dos bairros mais nobres, ao mesmo tempo em que estabelecem espaços alternativos na sociedade civil carioca.

¹⁶⁶ EAGLETON, Terry. *Ideologia: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 1997. p. 141-142.

...Disputando em seus bairros, uns com os outros, jogos que atraíam grande público, essas novas associações tomavam para si o refinamento e modernidade que iam sendo construídos pelos sportmen de clubes como o Botafogo e o Fluminense. Tiravam das rodas esportivas elegantes da região central da cidade, com isso, o monopólio sobre o jogo – reelaborando, nos subúrbios e nos bairros mais pobres, a lógica que fazia dele um elemento diferenciador.¹⁶⁷

Este movimento de mão dupla é rico para a compreensão do Rio na primeira década do século XIX. Dois sentidos. Duas formas distintas de representação. Referimo-nos ao papel social dos clubes de bairros menos chiques. Acreditamos que não eram apenas reproduções do Fluminense, Botafogo, Flamengo etc. Reproduções, sim, mas desfocadas, reproduzidas para novos espaços que não representavam cópias fiéis ou papéis carbono do centro para a periferia. Não podemos empobrecer analiticamente o conceito de hegemonia e, paralelamente, anular construções tão caras às Ciências Sociais, como a de cultura em Gramsci e a de circularidade também em Ginzburg. Conceitos fecundos se trabalhados com a abertura metodológica necessária. Neste período, de maneira geral, os clubes do subúrbio reproduzem, de fato, valores e preconceitos dos clubes da Zona Sul. Mas há, dentro de seus quadros de associados, contraditoriamente, a consciência de que, mesmo tendo como projeto de futuro imaginário constituírem-se em novos Fluminenses, seus pontos de partida são outros e acabam por abrir espaços de convivência para pessoas que pensam, vivem e sonham o possível, que é fruto de uma realidade diferenciada dos portões de Álvaro Chaves. E, portanto, geradora de uma modernidade também diferenciada – muitas vezes, contestadora, em outras ocasiões, mais conservadora que a alquimia do “pó-de-arroz”. Um movimento simultâneo de manutenção da ordem e de contra-hegemonia cultural. Em plena Zona do Agrião, ou como diria Neném Prancha: “o futebol é simples, quem tem a bola ataca, quem não tem defende”.

Os clubes de subúrbio atacam para surgir, aparecer e se expandir; mas, por vezes, se defendem com posturas mais elitizadas do que aquelas adotadas por seus espelhos criadores. Momentos plenos de receios e fragilidades, como, por exemplo, na tentativa frustrada da criação de uma Liga das Várzeas, em 1917.

¹⁶⁷ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p. 57.

No tempo em que o futebol falava inglês, os clubes de várzea e de subúrbio abriram caminhos para a expansão das peladas de rua e para a transformação dos clubes de elite em times populares, naquilo que denominamos como “Queda da Bastilha” do futebol de fraque e cartola.

Observa-se nos clubes esportivos uma combinação eficaz entre a nova mentalidade que surgia, uma nova visão do lazer e a necessidade de inserção e identificação na estrutura social, onde as individualidades são ambivalentes, definidas por suas diferenças e igualdades, rotativas na convivência cotidiana, de sócios com círculos concretos e imaginários com balizamentos similares.

Podemos afirmar que os clubes esportivos ocupam lugar de destaque no Rio de Janeiro no início do século XX, a princípio enclausurados na reprodução de valores remanescentes da nobreza dos seus imigrantes sócio-fundadores, e/ou da recepção escravocrata das elites brasileiras que, em conjunto ou separadamente, criam também seus próprios espaços de convivência. Hierarquias que, com a popularização da prática esportiva, iniciam um caminho de espraiamento de suas vivências, seja pelo percurso que em movimentos de aproximação/afastamento vai pontilhando as ruas de bairros populares com seus próprios clubes, seja no processo que denominamos de Queda da Bastilha dos clubes aristocráticos, uma reconfiguração do perfil dessas agremiações que, principalmente a partir da década de 1940, convivem com uma dualidade, dentro e fora de suas “muradas”. Sócios proprietários, frequentadores “gente fina” e torcedores do povão. “Gente fina” e “povão” que das sociais ou das gerais vibram pelos mesmos pavilhões. “Gente fina” que pode entrar e “povão” que, mesmo do lado de fora dos bailes do Flu, Bota, Vasco, Fla ou América, passa a hegemonizar o imaginário simbólico deste campo clubístico, não só pela importância cultural como, nas décadas seguintes, por razões econômicas.

**Número de Habitantes das Circunscrições Cíveis
Rio de Janeiro (DF), 1890 e 1906**

Freguesia Urbanas	População		Diferença no Período	
	Em 1890	Em 1906	Absoluta	%
Candelária	9.701	4.454	-5.247	-54,09
São José	40.014	44.878	+4.864	12,16
Santa Rita	43.805	45.929	+2.124	4,85
Sacramento	30.663	24.612	-6.051	-19,73
Glória	44.105	59.102	+14.997	34,00
Santana	67.533	79.315	+11.782	17,45
Santo Antônio	37.660	42.009	+4.349	11,55
Espírito Santo	31.389	59.117	+27.728	88,34
Engenho Velho	36.988	91.494	+54.506	147,36
Lagoa	28.741	47.992	+19.251	66,98
São Cristóvão	22.202	45.098	+22.896	103,13
Gávea	4.712	12.750	+8.038	170,59
Engenho Novo	27.873	62.898	+35.025	125,66
Freguesias Suburbanas				
Irajá	13.130	27.410	+14.280	108,76
Jacarepaguá	16.070	17.265	+1.195	7,44
Inhaúma	17.448	68.557	+51.109	292,92
Guaratiba	12.654	17.928	+5.274	41,68
Campo Grande	15.950	31.248	+15.298	95,91
Santa Cruz	10.954	15.380	+4.426	40,41
Ilha do Governador	3.991	5.616	+1.625	40,72
Ilha de Paqueta	2.709	2.283	-426	-15,73
População terrestre	518.292	805.335	+287.043	55,38
População marítima	4.359	6.108	+1.749	40,12
População total	522.651	811.443	+288.792	55,26

FONTE: BRASIL. Diretoria Geral de Estatística. Recenseamento de 1906. In: DAMAZIO, Sylvia F. *Retrato Social do Rio de Janeiro na Virada do Século*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996. p. 27.

O quadro revela uma tendência que seguia um padrão de ocupação pós Reforma Passos. A população desde o início do século estava deixando o centro, esvaziando, ao longo das primeiras décadas do século XX, todas as freguesias do marco do Rio de Janeiro. A outra característica seria o povoamento da Zona Sul pelas elites e da Zona Norte pelas classes populares.

Já na década de 1920, estava fincada uma nova geografia do Rio de Janeiro:

... a região oeste do município era ocupada por pequenos estabelecimentos rurais, onde a maioria não ultrapassava aos 41 hectares e eram administrados pelos próprios proprietários. Essa região configurava-se como zona rural da cidade, embora administrativamente fizesse parte das freguesias suburbanas. Esta

região representava dois terços do território do município sendo ocupada por 15% da população. O outro terço se dividia entre o centro, que concentrava 30% da população; a zona norte, com 45%, e a zona sul, com apenas 10%.¹⁶⁸

Neste redesenho urbano, os clubes de subúrbio e Zona Norte e os campos de várzea vão compondo o avesso do avesso. Na primeira década do século XX, surgem clubes de periferia, criando suas próprias Ligas, provocando conflitos sistematicamente camuflados pela imprensa de maior circulação, que não abria espaço para campeonatos organizados em paralelo aos dos clubes hegemônicos.

Nos tempos dos primeiros chutes (1897 a 1905), uma fração ponderável dos jovens *de berço* já identificava no esporte – e no futebol, em particular – um laço profundo de união com um objetivo comum: a eugenia, ascensão do *sportman* como tipo ideal para a convivência social. As partidas de futebol deveriam seguir o modelo do cavalheirismo aristocrático, comportamento que surgia como uma nova marca necessária de aceitação social, que incluía, pelo menos nesta fase, uma integração interclubes, acima dos resultados, acima de vitórias e derrotas.

... A própria relação entre os clubes indicava que, longe de se considerarem adversários, seus sócios identificavam-se ainda uns com os outros, construindo para si mesmos uma marca de cavalheirismo. As disputas terminavam frequentemente em festas nas quais a equipe convidada era saudada pelos anfitriões com grande gala e refinamento. Os jogos interestaduais, em especial, invariavelmente eram acompanhados de vários dias de festas, banquetes e bailes, que pareciam para seus participantes tão importantes quanto os próprios jogos. Promovendo festas conjuntas, trocando ofícios com gentilezas mútuas e emprestando o campo uns aos outros, esses clubes firmavam para si mesmos as cordialidades de parceiros, mutuamente identificados como a vanguarda do futuro que médicos e educadores pretendiam impor ao país.¹⁶⁹

¹⁶⁸ SILVA, Lucia. A cidade do Rio de Janeiro nos anos 20: urbanização e vida urbana. In: RIBEIRO, Déa Fenelon. *Cidades*. São Paulo: PUC, 1999. p. 59.

¹⁶⁹ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro. 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p. 55.

Mas o futebol contornava esquinas e, já na Zona do Agrião, traçava caminhos estranhos, próprios de seus atalhos internos, evidentemente não-imunes às relações sociais de sua infância. Caminhos que, desde cedo, eram percebidos por uma maioria de olhares aguçados, enxergando suas potencialidades de arte e paixão popular.

Como o cronista do *Correio da Manhã*, em 22 de abril de 1906:

Pode parecer, é talvez mesmo certo que aqueles que se dedicam ao jogo de "foot-ball" pensem que um ponta-pé [sic], o simples ponta-pé [sic], que é em última análise em que se resume todo esse jogo, seja o mais mecânico, o mais fácil de seus movimentos. Não é, entretanto, assim. O ponta-pé [sic] no "foot-ball" depende de tantas circunstâncias favoráveis ou desfavoráveis ao jogador, que o dá-lo com acerto constituiu uma verdadeira arte, arte em que se evidencia toda a habilidade do jogador.¹⁷⁰

O jornalista do *Correio* já enxergava longe, esbaforido com seu corre-corre para cobrir política, cultura, polícia e esporte, percebendo o que muitos até hoje nem conseguem intuir.

Mas os clubes continuam percorrendo a cidade e acompanhando o povoamento do Rio de Janeiro. O mesmo não podemos dizer das peladas de rua, ainda estigmatizadas como “coisa de malandro”. O *Correio da Manhã*, em 31 de julho de 1906, andava na contramão do seu próprio cronista (quem sabe, já demitido), publicando:

... Na rua Ferreira Viana, no bairro do Catete, uma malta de desocupados joga diariamente o "football", sem respeitar as famílias que ficam sem poder sair de casa, diante da jogatina desenfreada. Não seria melhor que o delegado da circunscrição urbana, onde aliás reside o Sr. Ministro J.J. Seabra, tomasse as providências necessárias contra tal invasão de privacidade e falta de respeito?

¹⁷⁰ Crônica do *Correio da Manhã* In: PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro. 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p. 36.

Os clubes da Zona Sul eram requintados na criação de normas seletivas para a aceitação de sócios, impondo restrições quanto à cor, à classe, ao vestir e ao frequentar. Dos trajes às mensalidades inacessíveis aos *populares*, os clubes pouco a pouco moldavam em seus regulamentos as barreiras que iriam forjar o que já denominamos de movimento agremiativo contra-hegemônico. Em 1906, a Federação Brasileira das Sociedades de Remo impede a filiação de barbeiros em seus quadros. Em 1907, a recém-criada Liga Metropolitana de Sports Atléticos proíbe o registro como amadores de “pessoas de cor” em suas agremiações.

A atração do futebol e o interesse cada vez maior despertado pelos exercícios físicos empurravam para outros muros e outros recantos o convívio entre pares para a prática esportiva.

DAS ELITES AS CLASSES POPULARES

Introduzido no país por segmentos das elites nacionais, o futebol vai paulatinamente ganhando o caminho das ruas e áreas de lazer em bairros populares.

Em São Paulo noticia-se¹⁷¹ que em 1909 foi disputado o primeiro campeonato varzeano. No ano seguinte, com a participação de agremiações como Argentino, Parnaíba, São Paulo, Minerva e Paraíso, a disputa ganhou um colorido ainda mais nítido.

José Sebastião Witter em *A Várzea não Morreu*¹⁷² afirma:

A várzea, expressão usada para caracterizar o futebol amador, tem esse nome porque as primeiras partidas de futebol disputadas na cidade se realizaram nas margens dos rios por serem terrenos planos e semipreparados para neles se organizarem campos apropriados à prática do esporte, que seria, no Brasil, o mais popular. É evidente, pode-se constatar, só de relance, olhando os diferentes rios que cortam São Paulo, que, ao longo deles, não mais existem campos de futebol. Mas um pouco mais distante, ainda na várzea, onde existem terrenos planos, remanescem campos de futebol, que fazem com que a tradição permaneça.

¹⁷¹ RIBEIRO, Rubens. *O caminho da bola*. Vol. 1. São Paulo: F.P.F.; 2000. p. 85.

¹⁷² WITTER, José Sebastião; MEIHY, José Carlos. (org.). *Futebol e cultura*. São Paulo: IMESP/DAESP; 1982. p. 101.

Não temos mais a quantidade de campos que Amadeu relata ter existido, quando com 9 anos começou a jogar futebol. Diz ele: “naquele tempo tinha mais de mil campos de várzea. Na Vila Maria, no Canindé, na Várzea do Glicério, cada um tinha mais ou menos cinquenta campos de futebol.”¹⁷³

No Rio de Janeiro esta passagem das elites para o popular percorrida pelo futebol é narrada em tom maior por Leonardo Affonso Pereira em *Footballmania*.

Aos trancos e barrancos, em trajetória similar à dos capoeiras, os praticantes do futebol em áreas públicas vão conquistando seu espaço a conta gotas:

Nem só nos jogos dos times da liga, no entanto, essa mudança podia ser notada. Estreitando-se cada vez mais o fosso que separava o futebol praticado nos times elegantes daquele praticado por outros grupos por entre a cidade, o jogo ia ganhando novos adeptos, alargando em muito seu círculo de praticantes. Desde os primeiros anos do século, já eram comuns partidas como aquelas disputadas em 1916 por marinheiros “no campo improvisado” na praia do Russel; nesse momento elas já pareciam, porém, revestir-se de uma penetração social muito mais ampla, ganhando destaque em jornais como o Correio da Manhã. Praticado institucionalmente por alunos das escolas municipais, por presidiários da Casa de Detenção ou pelos membros da Brigada Policial, o jogo envolvia de forma direta os mais diferentes grupos sociais. A prática mais constante do jogo por esses novos sujeitos não demoraria em resultar na multiplicação dos centros esportivos existentes na cidade. Se em 1907 constavam do noticiário dos grandes jornais cariocas cerca de 77 clubes de diferentes perfis sociais, em 1915 apareciam 216 só nas páginas do jornal O Imparcial – tendo quase triplicado, em oito anos, o número de clubes futebolísticos no Rio de Janeiro. Mesmo quando não havia jogos no campeonato da liga, “o foot-ball não se ausenta dos grounds cariocas”, como notava um redator esportivo. Segundo o depoimento de Paulo Várzea, que disputou campeonatos por algumas dessas associações, só na Barreira do Senado – onde eram disputados os jogos de grande parte dos clubes de menor porte

¹⁷³ Ibid., p.101.

– “chegaram a existir seguramente 15 campos de foot-ball”, nos quais divertiam-se sujeitos das mais variadas condições sociais.

Essa proliferação de clubes teve como consequência imediata o surgimento de novas ligas e campeonatos.¹⁷⁴

As conclusões do autor de *Footballmania* coincidem com o depoimento de Flávio Costa ao projeto Memória do Esporte, atestando a expansão de mais um segmento da cultura popular na sociedade civil carioca. Uma guerra de posição típica, ensejando o aparecimento de novos aparelhos privados de hegemonia. Estima-se que por volta de 1920 dois em cada cem moradores do sexo masculino da cidade do Rio de Janeiro, no mínimo, praticavam o futebol. Leonardo Pereira chega a esta conclusão através de um levantamento lastreado por uma pesquisa minuciosa.

As estatísticas referentes à prática do futebol na cidade são, nesse sentido, reveladoras. Nos primeiros times dos 56 clubes que formavam as três principais ligas da cidade (Liga Metropolitana, Liga Suburbana e Associação Atlética Suburbana), o número de disputantes resumir-se-ia, em 1919 a 1192 jogadores. Só nos registros ainda existentes na documentação de polícia, porém, apareciam naquele ano 91 clubes diferentes pedindo suas licenças de funcionamento – número ainda modesto frente aos mais de trezentos clubes que no mesmo ano aparecem no noticiário dos jornais. Segundo O Imparcial, nesse momento a média anual de jogadores de futebol na cidade, levando-se em conta os diversos times de cada clube que disputavam os campeonatos, já seria de quatro ou cinco mil – número que, somados apenas os jogadores dos clubes pertencentes às ligas principais, chegaria em 1920, segundo os cálculos feitos por um redator esportivo a mais de 13 mil, fora “os inúmeros clubs que não estão filiados a liga nenhuma”. Sendo a população total do Rio de Janeiro naquele ano de 1.157.873 habitantes, dos quais 598.307 eram homens, percebemos que pelo menos dois em cada cem moradores do sexo masculino da cidade praticavam o futebol nos times de seus clubes – número ainda mais

¹⁷⁴ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro. 1902 – 1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; 2000. p. 120–121

significativo se levarmos em conta que apenas uma parte deles estaria em idade propícia para a prática do jogo. Somando a esse dado o grande contingente daqueles que disputavam partidas por clubes não filiados, os sócios dos clubes esportivos que praticavam o futebol, embora não chegassem a constituir seus times, e os que jogavam livremente pelas ruas, sem associar-se a nenhum clube, temos um quadro que faz do futebol uma prática muito mais difundida e variada do que desejariam muitos de seus defensores.¹⁷⁵

Daí não espantar as médias de público nos campeonatos de 1916 a 1919 mencionadas por Marcos Carneiro de Mendonça em seu depoimento, conforme tabela apresentada no quarto capítulo e o processo deflagrado nos anos 20 da transição do amadorismo para o profissionalismo no futebol.

A popularização deste esporte associada a outros fatores culmina com um acordo que incorpora a adoção do profissionalismo no futebol brasileiro no ano de 1933.

O que denominamos de Queda da Bastilha no futebol é resultante de todo este processo de avanços e recuos no campo da cultura popular, a partir das reflexões de Antonio Gramsci.

3.2. “ORIENTE” E “OCIDENTE” – GUERRA DE MOVIMENTO, GUERRA DE POSIÇÃO: CULTURA POPULAR NA PRIMEIRA REPÚBLICA

A teoria ampliada do Estado, os conceitos de sociedade civil e hegemonia são elaborados no interior de um processo analítico que o autor italiano empreende dentro da experiência das derrotas das esquerdas nos países capitalistas avançados. Assim, são distinguidas as formações sociais de tipo “oriental” (com uma sociedade civil incipiente) daquelas com perfil “ocidental” (nas quais os aparelhos privados de hegemonia estão mais consolidados ou em processo de formação).

A distinção realizada por Gramsci entre sociedades “orientais” e “ocidentais” não é simplista, geográfica: incorpora os processos nestes dois tipos de formações

¹⁷⁵ Ibid., p. 126.

sociais, particularmente no interior das “ocidentais” em encruzilhadas de transição histórica.

Nesse sentido, a guerra de movimento seria indicada aos países com perfil “oriental”, dentro dos quais se incluem os que conheceram um capitalismo tardio e um bloqueio interno e externo à “ocidentalização” de suas sociedades civis, processos derivados de republicanismos positivistas e permanências “escravocratas” em ordens liberais conservadoras.

Dialogando com a obra de Lênin, Gramsci aponta a distinção entre oriente e ocidente:

Parece-me que Ilitch havia compreendido a necessidade de uma mudança da guerra manobrada, aplicada vitoriosamente no Oriente em 1917, para a guerra de posição, que era a única possível no Ocidente, onde, como observa Krasnov, num breve espaço de tempo os exércitos podiam acumular quantidades enormes de munição, onde os quadros sociais eram por si sós ainda capazes de se tornarem trincheiras municiauíssimas... Só que Ilitch não teve tempo de aprofundar sua fórmula, mesmo considerando que ele só podia aprofundá-la teoricamente, quando, ao contrário, a tarefa fundamental era nacional, isto é, exigia um reconhecimento do terreno e uma fixação dos elementos de trincheira e de fortaleza representados pelos elementos de sociedade civil etc.

No Oriente, o Estado era tudo, e a sociedade civil era primitiva e gelatinosa; no Ocidente, havia entre Estado e sociedade civil uma justa relação e, ao oscilar o Estado, podia-se imediatamente reconhecer uma robusta estrutura da sociedade civil. O Estado era apenas uma trincheira avançada, por trás da qual se situava uma robusta cadeia de fortalezas e casamatas; em medida diversa de Estado para Estado, é claro, mas exatamente isto exigia um acurado reconhecimento de caráter nacional.¹⁷⁶

Para Norberto Bobbio, o conceito básico da obra de Gramsci é o de sociedade civil. Conforme já assinalamos, segundo o autor dos *Cadernos do*

¹⁷⁶ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Vol.3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 262

Cárcere, a sociedade civil é constituída pelo conjunto de organizações formuladoras e divulgadoras dos valores políticos e culturais nas sociedades, dentre as quais se incluem o sistema escolar, partidos políticos, sindicatos, meios de comunicação, Igreja etc.

Na visão do filósofo italiano, a “sociedade civil” é a arena central onde ocorre a luta pela hegemonia. Sociedade civil + Sociedade política constituem a base do Estado moderno. Coerção + persuasão.

Gramsci insiste na organização complexa da sociedade civil como o “conjunto” de organismos comumente chamados de “privados”, onde a HEGEMONIA e o “consentimento” espontâneo são organizados. E argumenta que qualquer distinção entre a sociedade civil e o Estado é apenas metodológica, já que mesmo uma política de não intervenção como a do “laissez – faire” é estabelecida pelo próprio Estado.

O Estado, estritamente concebido como governo, é protegido pela hegemonia organizada na sociedade civil, ao passo que a hegemonia da classe dominante é fortalecida pelo aparelho coercitivo estatal. Por sua vez, o próprio conceito de lei deve ser ampliado, diz Gramsci, já que elementos de costume e hábito podem exercer, na sociedade civil, uma pressão coletiva no sentido da conformidade, sem coerção ou sanções.¹⁷⁷

A guerra de posição adquire maior importância em consonância com o fortalecimento e a sedimentação dos aparelhos privados de hegemonia. E ela não cessa nunca. O convencimento, a batalha de ideias é travada em cada trincheira do tecido social. Gramsci lança mão em diversas passagens dos *Cadernos do Cárcere* de metáforas das guerras convencionais para ilustrar o significado da sociedade civil.

Luta política e guerra militar. Na guerra militar, alcançado o objetivo estratégico – destruição do exército inimigo e ocupação de seu território - chega-se à paz. Deve-se também observar que, para que a guerra termine, basta que o objetivo estratégico seja alcançado

¹⁷⁷ BOTTOMORE, Tom (Editor). *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983. p.352

apenas potencialmente: ou seja, basta que não haja dúvida de que um exército não pode mais lutar e de que o exército vitorioso “pode” ocupar o território inimigo. A luta política é muitíssimo mais complexa: em certo sentido, pode ser comparada às guerras coloniais ou às velhas guerras de conquista, ou seja, quando o exército vitorioso ocupa ou se propõe ocupar permanentemente todo ou uma parte do território conquistado. Então, o exército vencido é desarmado e dispersado, mas a luta continua no terreno político e da “preparação” militar. Assim, a luta política da Índia contra os ingleses (e, em certa medida, a luta da Alemanha contra a França ou da Hungria contra a Pequena Entente) conhece três formas de guerra: de movimento, de posição e subterrânea. A resistência passiva de Gandhi é uma guerra de posição, que em determinados momentos se transforma em guerra de movimento e, em outros, em guerra subterrânea: o boicote é guerra de posição, as greves são guerras de movimento, a preparação clandestina de armas e elementos combativos de assalto é guerra subterrânea.¹⁷⁸

A polêmica em torno do abasileiramento dos termos para designar o futebol, ocorrida por volta de 1917, no Rio de Janeiro, é um exemplo de uma guerra de posição no campo da linguagem e da visão de nação em um sentido mais amplo.

Foi intensa a campanha dos cronistas esportivos pela nacionalização da terminologia futebolística, àquela época em inglês. Dois anos antes da Semana de Arte Moderna, o espírito de abasileiramento já se manifestava na imprensa esportiva. Os trabalhos de modificação foram conduzidos pelos jornalistas Leopoldo Sant’Anna e Américo Netto. Após longas reuniões, foi aprovada uma relação de vocábulos que deveriam ser abasileirados. A lista a ser seguida por todos os cronistas era extensa, incluindo, dentre outros, os termos:

<i>Football:</i>	Futebol
<i>Foul:</i>	Falta, infração, irregularidade
<i>Hands:</i>	Toque
<i>Center-Half:</i>	Centromédio

As mudanças no vocabulário não foram incorporadas de pronto. Apenas o *Estado de São Paulo*, a partir de 29 de julho de 1920, nacionalizou os termos,

¹⁷⁸ GRAMSCI, Antonio, op. cit, p. 124.

seguindo a orientação dos cronistas. Quando sua seção esportiva passou a denominar-se Esporte em vez de *Sport*.

Em 1917, os jornalistas especializados criam sua entidade. No Rio, a Associação dos Cronistas Esportivos (ACD, atual ACERJ); em São Paulo, a Associação dos Cronistas Esportivos de São Paulo (ACESP). Seus principais líderes foram, no Rio, Baldonero Carquejo, Ernesto Flores Filho, Diocesano Ferreira Gomes (Dão), Cacareco, Raul Loureiro, Honório Netto Machado, Mário Pólo, João Teixeira de Carvalho. Em São Paulo, destacaram-se Américo Netto, Jatir Gomes, Genaro Rodrigues (Nage), Odilon Penteado, *Anhanguera* (Dr. Oscar da Motta Melo), Leopoldo Sant'Anna e Miguel Arco e Flecha.

DICIONÁRIO DE GÍRIA

Enviado pela Associação dos Cronistas Esportivos de São Paulo, o *Jornal Pequeno*, de Recife, recebeu e registrou, em 1919, a oferta de um dicionário de gíria do futebol, um dos primeiros passos na direção de uma nova terminologia futebolística.

No Recife, os cronistas utilizavam expressões inglesas em seu cotidiano de cobertura. Campo era *field* ou *ground*; jogador, *player*, time, *team* ou *eleven*; jogo, *match*; árbitro, *referee*; bandeirinha, *linesman*; esportista, *sportman*, e outras que ficaram como *hand*, *foul*, *penalty*, *corner* e *off-side*. Havia ainda os que, para demonstrar erudição, destacavam posição por posição, em inglês, como aconteceu no jogo da seleção pernambucana contra o Palmeiras, quando aqui esteve, pela primeira vez, em 1917. A seleção pernambucana foi escalada desta maneira: Luiz (*keeper*); Duca (*back-right*); Paulino (*back-left*); Salazar (*half-right*), Tobias (*half-center*); e Teague (*half-left*); Zé Luiz (*out-side right*); Batista (*inside-right*); Poncy (*center-forward*); Briant (*inside-left*) e Vasconcelos (*out-side left*).

Nem mesmo o *Jornal Pequeno*, que recebeu o dicionário, alterou os termos utilizados. As palavras inglesas continuaram em voga por pelo menos mais duas décadas.

O dicionário de gírias do futebol tinha um vasto repertório, de A a Z. *Balaço* = chute forte. *Espirrou*, uma bola desviada para fora do campo, dentre tantos outros termos.

Todo este movimento de abasileiramento das expressões futebolísticas traz, como pano de fundo, o conteúdo de poder da linguagem, tal qual definiu Roland Barthes. A sua absorção pela sociedade brasileira foi lenta. Em 1932, Noel Rosa compunha “Mulher Indigesta”, samba no qual o autor ainda denominava o centromédio ou meia-armador como *center-half*.

Seguramente, até meados de 1960, a maior parte da imprensa especializada ainda utilizava termos ingleses.

Nunca é demais repetirmos o que Walter Benjamin e outros pensadores afirmaram sobre a lentidão das mudanças ocorridas no que convencionalmente denominou-se superestrutura:

Tendo em vista que a superestrutura se modifica mais lentamente que a base econômica, as mudanças ocorridas nas condições de produção precisaram mais de meio século para refletir-se em todos os setores da cultura.¹⁷⁹

No futebol, como em todos os demais segmentos da sociedade, a evolução não é retilínea. Avança em tempos diferenciados, conforme assinalou Fernand Braudel. Enquanto a profissionalização responde rapidamente a impulsos de raízes econômicas, questões de ordem cultural são demarcadas pela longa duração.

No Brasil da Primeira República, será exatamente através da cultura popular (ou da cultura capturada pelo povo; por exemplo, o futebol) que a sociedade civil carioca encontrará um de seus principais estuários organizativos.

... também a República, como a Independência, foi fruto de uma mudança 'pelo alto', foi pouco mais que um golpe militar; as grandes massas, que continuavam desorganizadas, não participam de sua proclamação. O arremedo de instituições republicanas criado em seguida não era de molde a fortalecer a sociedade civil. O parlamento continuou a ser um mero apêndice do Executivo (...).¹⁸⁰

¹⁷⁹ BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense, 1996. p. 165.

¹⁸⁰ COUTINHO, Carlos Nelson. *Cultura e Sociedade no Brasil: ensaios sobre idéias e formas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 25.

Carlos Nelson Coutinho acrescenta: “No essencial, a vida intelectual continua restrita a poucos setores das camadas médias; continua em grande parte a ser uma ‘cultura ornamental’ (...)”.¹⁸¹

O autor aprofunda sua linha de pensamento, abordando a década de 1920, central para a compreensão da História do Brasil e, em particular, da cultura popular, onde se insere o futebol. Nestes dez anos, o Brasil sofreu transformações significativas, não somente do ponto de vista da consolidação do modo de produção capitalista, como pelo surgimento/crescimento de novas classes ou camadas sociais no país: classe operária (semi-artesãos) – levas e levas de imigrantes –, classes médias, provocando o início de mudanças internas. Mudanças que, na expressão exata de Coutinho, explodiriam “à luz do sol nos anos 20 do século XX”.

O alvorecer das lutas operárias; as greves nas principais cidades do país (o movimento operário na Primeira República teve seu momento de maior força entre 1917 e 1920); a fundação do Partido Comunista do Brasil; as reivindicações das camadas médias (tenentismo e voto feminino, por exemplo); e a saga da Coluna Prestes representam de fato um fortalecimento da sociedade civil brasileira.

No âmbito cultural, a Semana de Arte Moderna de 1922 e a ampliação da imprensa e de associações culturais operárias é apontada pelos clássicos da historiografia como mecanismos propulsores da participação popular nos destinos do país.

Não há como negar:

Decerto, o Brasil foi claramente “oriental” durante o Império e República Velha. Mas, sobretudo a partir de 30, com interrupções, com avanços e recuos, conhecemos um processo de “ocidentalização”, ou seja, de crescimento e complexificação da sociedade civil. Já somos hoje uma sociedade “ocidental”, na qual, portanto, malgrado tudo, há uma “relação equilibrada” entre Estado e sociedade civil. Malgrado tudo porque, sem dúvida, somos um Ocidente periférico e tardio, o que implica a permanência entre nós de vastas zonas sociais tipicamente “orientais”. Mas esse era

¹⁸¹ Ibid., p. 25

também o caso da Itália nos anos 30 – e Gramsci não hesitou, por isso, em considerá-la como parte do “Ocidente”.¹⁸²

Essas características republicanas são irrefutáveis. No entanto, os blocos de pensamento no interior do próprio “campo hegemônico” não constituem um sistema monolítico, sem frestas e possibilidades de fracionamentos através da atuação dos atores políticos.

Indo além, às últimas consequências do caráter relacional e historicista do pensamento gramsciano, podemos afirmar que nenhum “campo político” de nenhuma sociedade civil é estático, uniforme e aderente mecanicamente aos reflexos das transformações econômicas.

Negar a importância de determinados componentes da geração de 1870, de Rui Barbosa, Coelho Neto e Olavo Bilac, dentre outros, significa incorrer em um reducionismo que assustaria ao próprio Gramsci. Os autores citados são, sem dúvida, adeptos de concepções que sobrepujam o utilitarismo e o interesse privado em seu processo de abstração para construir o conceito de coletividade, de separação entre as esferas pública e privada.

O fracasso do liberalismo no Brasil (de um certo tipo de liberalismo) deve-se, em grande parte, e é conveniente não olvidarmos este aspecto, ao fortalecimento dos plantadores de café, que se transformam em classe dominante e dirigente na confluência de seus interesses com os de um Estado autocrático com apoio nas Forças Armadas. A solução encontrada para uma sociedade com este perfil será a de um Estado forte, intervencionista, antifederalista, agroexportador, em resumo, positivista.

Compêndios de origens diversas já reforçaram a característica matricial do pensamento conservador brasileiro em substituir o mundo real pelo mundo das leis sem eficácia social, a prática pela palavra rebuscada, formando uma plêiade de intelectuais orgânicos que, na trilha de Benjamin Constant, elege o Exército como formulador, propagador e protetor da nação.

A rejeição da ideia de conflito, a ênfase na hierarquia e no organicismo, o paternalismo governamental são outros traços da

¹⁸² COUTINHO, Carlos Nelson. *Contra a corrente: ensaios sobre democracia e socialismo*. São Paulo: Cortez, 2000. p. 172.

política republicana cuja responsabilidade cabe aos ortodoxos. Isto se deve certamente às características holísticas do pensamento positivista que tornavam difícil a aceitação da diferença e do conflito de interesses como parte integrante da vida social e política.¹⁸³

Mas, no momento em que se identifica nestes pensadores uma produção monolítica, incapaz de produzir ideias desbravadoras de caminhos para o questionamento (mesmo que por percursos labirínticos) de sua própria estrutura de sustentação, reduzimos o alcance da análise histórica. Como se o pensamento conservador hegemônico não trouxesse, em vários capítulos de sua trajetória, a permeabilidade da *intromissão* de outras *culturas* e de concepções que representassem, ainda que secundariamente, uma antiteoria de sua profissão de fé. Afinal, onde está a incorporação do pensamento dos adversários aludida por Gramsci? E onde estará também a guerra de posição travada entre um autor e sua própria obra, mediada por uma realidade novidadeira como a brasileira/carioca neste período?

Vejamos, introdutoriamente, os casos de Rui Barbosa, Coelho Neto e Olavo Bilac. Sobre o primeiro, considerado “o paladino da educação física no Brasil”, pioneiro nas esferas parlamentar, executiva e acadêmica em sua luta (higienista, frisamos) pelo ensino de educação física aos jovens, parece-nos oportuno citar *O longo amanhecer*, de Celso Furtado, simples, mas com uma carga avassaladora de inovações sobre a História do Brasil. De Rui Barbosa, ressalta o autor:

O que ele intuiu quando estava no poder nos albores da recém-criada República foi que o Brasil podia ter acesso a um desenvolvimento muito mais harmonioso se superasse o modelo primário-exportador e se voltasse para o fomento do mercado interno. Sua Lei de Similares apontava nesta direção. Mas as classes dirigentes da época não entenderam a sua mensagem e o condenaram ao ostracismo.¹⁸⁴

¹⁸³ CARVALHO, José Murilo. *Pontos e bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: UFMG, 1999. p. 200.

¹⁸⁴ FURTADO, Celso. *O longo amanhecer: reflexões sobre a formação do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999. p. 116.

Celso Furtado foi além. Em seu voo solitário, Rui Barbosa, consciente dos poderes ditatoriais do governo provisório do qual participava, cujos decretos traziam apenas a assinatura do chefe do governo e a sua, adotava recursos jurídicos similares ao do último Gabinete Imperial, criticados duramente por ele próprio. Conseguia, com intuição e coragem privilegiadas, não somente atacar em discursos a ausência do fomento à produção, como, após assumir a pasta de ministro da Fazenda, aprovar uma reforma financeira revolucionária à época, além de descentralizar o poder de emissão (mesmo com a inexistência de um Banco Central), em uma contracorrente digna de uma cruzada de Cervantes:

Uma Lei do Similar nacional, que era uma audaciosa antecipação política de substituição de importações que quatro decênios depois permitiria ao Brasil superar a fase de economia primário-exportadora e engajar-se decisivamente na industrialização, cabe admitir que havia concebido um novo projeto para o Brasil, o qual se afastava consideravelmente do monetarismo ortodoxo em que se baseou a crítica às reformas de Ouro Preto (...).¹⁸⁵

(...) A política seguida por Rui Barbosa também requeria uma teorização nova que só surgiria meio século depois (...) Se tem em conta que neste decênio entraram no Brasil mais de 200 mil imigrantes e que o regime de trabalho assalariado se expandia com rapidez, compreende-se a insatisfação geral com a política seguida pelo último governo imperial. Compreende-se, também, que o apoio que mereceu a República com sua descentralização federativa abrindo espaço para a maior participação no poder das regiões cafeeiras em rápida expansão (...).¹⁸⁶

(...) O preço médio das exportações em moeda local dobrou, incentivando os investimentos nas novas áreas de colonização e estimulando a produção de borracha na Amazônia. Essa ampla redistribuição de renda rompeu as amarras do imobilismo da época e permitiu superar a obsessão com a convertibilidade cambial.¹⁸⁷

¹⁸⁵ Ibid., p. 113.

¹⁸⁶ Ibid., p. 114-115.

¹⁸⁷ Ibid., p. 116.

Isto tudo nas últimas três décadas do século XIX, certamente a fase de transformações econômicas e sociais mais profundas de nossa história. A fase em que o futebol começa a desenhar a sua trajetória futura.

Celso Furtado consegue destacar em Rui Barbosa movimentos dicotômicos e desbravadores dentro de um quadro cultural cunhado por ele como uma forma de *bovarismo*, onde o povo era reduzido a uma referência negativa, distanciado das elites em uma modernização dependente e uma industrialização que segue a esteira da substituição de importações. O mesmo Rui Barbosa que, em 1910, reassumiu uma posição ortodoxa em sua campanha à presidência. Contraditório, autoritário, homem de discursos parnasiano-hiperbólicos, mas que desejou mudar, sem articulações políticas maiores, o rumo da economia de seu país. O seu país. O seu próprio país. Um paladino elitista capaz de protagonizar uma história recolhida por Mario Filho, contada com sua habitual competência de cronista:

Era em 16. E a CBD com um escrete pronto, não sabia apenas como o mandaria para o campeonato sul-americano. Sim. Não havia navios, exceto um, que ia partir, dentro de alguns dias, rumo a Buenos Aires, levando Rui Barbosa. Rui Barbosa ia fazer, em Tucumán – local do torneio continental de futebol – a célebre conferência em que afirmou não ser possível a neutralidade entre o Direito e o Crime. Assim, a esperança da CBD era Rui Barbosa. O Lóide Brasileiro fora logo avisado: – “Só com ordens do Conselheiro.” O pacote fora preparado especialmente para Rui Barbosa, para a comitiva de Rui Barbosa. – “Se sobravam camarotes?” Naturalmente sobravam camarotes. – “Os Senhores só têm um caminho a seguir” – foi o conselho recebido no Lóide Brasileiro – “falem com o Conselheiro. O Conselheiro consinta.” Ah! Se dependia do Conselheiro, não havia a menor dúvida. E a CBD lembrou que fora Rui o inspirador da primeira lei de proteção do esporte aqui no Brasil. Tudo parecia resolvido da melhor maneira. Como Rui Barbosa poderia dizer não? Mesmo que ele fosse contra o futebol – e não era – seria obrigado a ceder por motivos políticos. A Argentina, o povo da Argentina estava esperando o escrete brasileiro. Se tivesse outro navio, vá lá. Pois, apesar de tudo isso, Rui recusou. Não adiantou a CBD explicar que o único navio capaz de chegar a tempo era o dele, o de Rui Barbosa. Rui Barbosa balançou a cabeça. – “Eu preciso de silêncio. E o esporte é, por essência, ruído.” – “Os jogadores ficarão quietos, conselheiro.” – “Não. Eu não posso viajar com um *team* de futebol.” – “Mas, Conselheiro ...” Não tinha mas. Rui Barbosa chegava a admitir que os jogadores ficassem quietos, para deixá-lo tranquilo, ao lado dos livros, numa atmosfera propícia ao estudo e à meditação. – “Eu, porém, seria o primeiro a estranhar o silêncio constrangido dos jogadores, a ausência dos hurrahs, sentindo-me um pouco culpado. Não, não. Se eu viajasse ao lado dos jogadores, de uma rapaziada acostumada a entusiasmos, a vibrações de competição, não os queria ver como pássaros na gaiola. Preferia vê-los cruzando o ar, cantando um hino de liberdade, de alegria de viver.” – “Então, qual é o remédio, Conselheiro?” – “O remédio?” – O remédio era os jogadores irem por um lado e ele, Rui Barbosa por outro. – “Assim ficará melhor” – concluiu Rui Barbosa. “Para eles e para mim.” Por causa disso, do não de Rui Barbosa, os jogadores tiveram de fazer uma viagem de trem de mais de 4.000 quilômetros.

(Mario Filho. Primeira Fila. *O Globo*, 19 nov. 1942)

Note-se que a seleção, em 1916, era formada basicamente por filhos da elite brasileira. Dois anos antes, quando a primeira-dama, Nair de Teffé, a 26 de outubro de 1914, em uma "hora de arte" no Palácio do Catete, após cantar para os convidados *Cart du gondolier*, acompanhada pelo maestro Ernani Figueiredo, e interpretar ao piano a *Rapsodie* de Liszt, achou por bem dedilhar, ela mesma, ao violão, o tanguinho *Corta-jaca*, popular e deliciosa criação de Chiquinha Gonzaga, Rui Barbosa esbravejou no Senado Federal. O Conselheiro era assim.

Uma das folhas de ontem estampou em fac-símile o programa da recepção presidencial em que, diante do corpo diplomático, da mais fina sociedade do Rio de Janeiro, aqueles que deviam ao País o exemplo das maneiras mais distintas e dos costumes mais reservados, elevaram o Corta-Jaca à altura de uma instituição social. (...) A mais baixa, a mais chula, a mais grosseira de todas as danças selvagens, a irmã gêmea do batuque, do cateretê e do samba. Mas, nas recepções oficiais o Corta-Jaca é executado com todas as honras de música de Wagner, e não se quer que a consciência deste País se revolte, que as nossas faces se enrubesçam e que a mocidade se ria! ¹⁸⁸

E não há muito mais o que acrescentar sobre o contraditório que povoava o liberalismo brasileiro. Autoritário, advogava até as últimas consequências a exclusão das classes populares de qualquer tipo de participação cultural ou política no cenário nacional.

Leandro Konder sintetiza o fundamento básico deste tipo de pensamento:

O pluralismo da ideologia da direita pressupõe uma unidade substancial profunda, inabalável: todas as correntes conservadoras, religiosas ou leigas, otimistas ou pessimistas, metafísicas ou sociológicas, moralistas ou cínicas, cientificistas ou místicas, concordam em um determinado ponto essencial, isto é: em impedir

¹⁸⁸ Discurso de Rui Barbosa no Senado Federal, em 07 de novembro de 1914. In EFEGÊ, Jota. *Maxixe – A dança excomungada*. Rio de Janeiro: Conquista, 1974. p. 161.

que as massas populares se organizem, reivindiquem, façam política e criem uma verdadeira democracia.¹⁸⁹

Dentro destas limitações, Rui Barbosa, desejoso de uma ação higienista nas escolas de um país de negros, acabou estimulando, com seus pareceres sobre a necessidade do ensino da educação física, a circularidade entre práticas esportivas de elite e práticas corporais populares, simbioses que, percorrendo caminhos de realismo mágico, deságuam, com o afluxo de outras variáveis, em pequenos diques e *baías de Guanabara*, como o futebol.

Em um de seus pareceres, pontuava Rui Barbosa:

Mas é impossível formar uma nação laboriosa e produtiva sem que a educação higiênica do corpo acompanhe "pari passu", desde o primeiro ensino até o limiar do ensino superior, o desenvolvimento do espírito. Assim nessa quadra da vida estará arraigado o bom hábito, firmada a necessidade, e o indivíduo, entregue a si mesmo, não faltará mais a esse dever primário da existência humana (...)¹⁹⁰

(...) Nenhum povo sentiu mais agudamente essa necessidade que o povo de espírito por excelência: a Grécia. O grego não concebia o antagonismo que as raças atrasadas imaginavam entre a energia do corpo e do espírito: era, na bela comparação de Gladstone, o tipo viril e inteligente do homem no Adão de Milton: 'feito para a contemplação e para o valor'. Em Atenas, 'os mestres do aperfeiçoamento mental ensinavam, ao mesmo tempo, a ciência, se não a arte, da excelência corpórea'. E tal é a importância desse fato que, segundo esse eminente crítico, 'nada mais notável há, na filosofia grega, do que o modo como, não só doutrinava, mas sentia, o papel do corpo na educação humana'. A esse ideal da educação grega, segundo Platão, Sócrates e Aristóteles, que combinava os dotes do atleta e os do homem de estudo, a esse voltou a civilização moderna, a pedagogia contemporânea.

¹⁸⁹ KONDER, Leandro apud COUTINHO, Nelson. *Cultura e Sociedade no Brasil: ensaios sobre idéias e formas*. Rio de Janeiro: DPA, 2000. p. 56.

¹⁹⁰ BARBOSA, Rui apud MARINHO, Inezil Penna. *Rui Barbosa: o paladino da educação física no Brasil*. Brasília: Horizonte, 1980. p. 66.

Compreendeu-se, pela investigação científica da natureza, que, “se a educação grega era tão rica de resultados, é porque ligava o mesmo apreço à educação do corpo que à do espírito”.¹⁹¹

Rui Barbosa começa a se debruçar sobre seus pareceres a respeito da educação física em 1882, os quais, não por acaso, são normatizados pela legislação de 1937, o que irá influir decisivamente nos destinos táticos do futebol brasileiro.

Assim, com a sabedoria e humildade peculiares aos grandes mestres, Celso Furtado diz que “nosso propósito é tentar explicar as aparentes contradições do comportamento de Rui Barbosa”.¹⁹² Aparentes e reais, acrescentaríamos. Coelho Neto e Olavo Bilac, em escalas diferenciadas, mas com visões de mundo similares à de Rui, tiveram, no campo do esporte, importância que nos permite traçar analogias com o pensamento do jurista baiano. Principalmente em suas atividades literárias e ativa militância em prol do tipo ideal do *sportman*, condimentando a feijoada modernista do Rio de Janeiro com um verde-amarelismo à altura de Mario de Andrade, El Tigre e do próprio Lima Barreto.

Olavo Bilac, nacionalista, abolicionista, empreendeu uma campanha pelo serviço militar obrigatório que teve seu apogeu de mobilização nos anos de 1915 e 1916, através de uma peregrinação do poeta por quase por todo o país.

Todas essas considerações nos conduzem obrigatoriamente a compartilhar com Giovanni Semeraro, quando analisa a trajetória de Gramsci na elaboração do conceito de sociedade civil.

Deparamo-nos com um intelectual e um político militante de amplas dimensões, alheio a posturas doutrinárias e a sistematizações acadêmicas. Percebemos que as suas reflexões surgem de buscas progressivas, que o seu método é um debate continuamente aberto, e a sua obra, uma imensa mina de ideias, de sugestões, de pistas e sendas que se alargam incrivelmente quando postas em contato com autores e pontos de vista diferentes. Fragmentárias na aparência, suas incansáveis anotações guardam, no entanto, uma surpreendente unidade e uma coerência incontestável quando examinadas no seu conjunto. É exatamente

¹⁹¹ Ibid., p. 67.

¹⁹² FURTADO, Celso., op. cit., p. 111.

com essas mesmas características que se apresentam os traços da sociedade civil esboçada por Gramsci: livre, aberta, múltipla, dinâmica e criativa e, ao mesmo tempo, profundamente unificada em torno do objetivo dominante em toda a sua vida, ou seja, a elevação social, cultural e política das massas e dos excluídos, até a sua transformação em protagonistas autônomos numa sociedade verdadeiramente democrática.¹⁹³

CULTURA POPULAR E OCIDENTALIZAÇÃO DA SOCIEDADE CARIOCA NA DÉCADA DE 1920

O processo de complexificação e ampliação dos aparelhos privados de hegemonia e da sociedade civil carioca têm na cultura popular, basicamente no samba e no futebol, dois pilares fundadores da participação popular na Primeira República.

Chegamos a um ponto de parada obrigatória para uma reflexão sobre a democratização de uma sociedade civil. Sobre a transição de uma sociedade de perfil oriental, como a brasileira do início do século XX, para uma sociedade de tipo ocidental.

Dentre os denominados aparelhos privados de hegemonia (constitutivos de uma sociedade civil), os partidos políticos, os sindicatos, o sistema escolar são exemplos consagrados pelo pensamento político-filosófico. No entanto, outros elementos não têm sido valorizados pela literatura neo-gramsciana ou inspirada em Gramsci. Referimo-nos a conquistas inovadoras no campo da linguagem – escrita, oral e estética – e a iniciativa de organização social localizadas no campo estrito da cultura.

Nesta década de 1920, na sociedade brasileira, não vicejaram apenas sindicatos, jornais e partidos, ainda que timidamente. Outras tendências despontam neste momento. Um olhar thompsoniano enxergaria (sem o auxílio de qualquer lente de aproximação) nas manifestações da cultura popular brasileira – música e futebol – lugares de resistência e cultivo de experiências/vivências comuns de classe.

¹⁹³ SEMERARO, Giovanni. *Gramsci e a sociedade civil: cultura e educação para a democracia*. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 14-15.

Blocos carnavalescos, clubes, grupos de pelada encontram-se em sintonia fina e sinônima com vários exemplos pinçados pelo historiador inglês em *A Formação da Classe Operária Inglesa*.

Um autor inspirado pelos achados teóricos de Benjamin, Gramsci e Bakhtin certamente valorizaria os novos experimentos estéticos do samba do Estácio, de Noel Rosa e dos expoentes do futebol nacional.

Não há porque deixar de incluir, à luz da recusa do dogmatismo e de determinismos de matizes variados, as conquistas da cultura popular e, no caso específico desta tese do futebol, a ampliação dos espaços de pluralidade na sociedade civil brasileira.

E é nesta encruzilhada que despontam novos narradores e novos intelectuais identificados pelas trilhas abertas por Walter Benjamin e Antonio Gramsci.

A importância da música popular brasileira neste processo já foi realçada algumas vezes por autores das Ciências Sociais no Brasil, como Berenice Cavalcante, Luiz Werneck Vianna e Francisco de Oliveira. No entanto, o papel do futebol como alavanca na guerra de posição ainda não foi identificado. Julgamos relevante abrir este debate.

De maneira geral, pensamos que a intelectualidade brasileira ainda hoje é avessa (por processos de autoconstrução teórica, conscientes ou inconscientes) a examinar atividades culturais que, por motivos diversos e variados, foram ou ainda são estigmatizados à luz da antiética do trabalho, da herança escravocrata, enfim, de permanências (longa duração) de estruturas mentais coloniais no imaginário coletivo.

O futebol tem sido, ao longo da História, um dos alvos prediletos desta afasia teórica, mesmo para intelectuais que gostam deste esporte, conhecem suas regras e torcem por algum clube. Tudo leva a crer que Sérgio Buarque de Holanda, quando efetua a distinção entre trabalho intelectual e manual, descendo nos porões do imaginário ibérico-brasileiro, projetou para um futuro que não poderia imaginar tão distante (repetimos, parte integrante do imaginário coletivo nacional) a manutenção da *invencível repulsa* de qualquer atividade direta ou indiretamente vinculada ao trabalho manual e mecânico que

visa a um fim exterior ao homem e pretende conseguir a perfeição de uma obra distinta dele.¹⁹⁴

... o trabalho mental, que não suja as mãos e não fatiga o corpo, pode constituir, com efeito, ocupação em todos os sentidos digna de antigos senhores de escravos e dos seus herdeiros.¹⁹⁵

... Uma digna ociosidade sempre pareceu mais excelente que a luta nobilitante, a um bom português, ou a um espanhol, do que a luta insana pelo pão de cada dia. O que ambos admiram como ideal é uma vida de grande senhor, exclusiva de qualquer esforço, de qualquer preocupação. E assim, enquanto povos protestantes preconizam e exaltam o esforço manual, as nações ibéricas colocam-se ainda largamente no ponto de vista da Antiguidade clássica. O que entre elas predomina é a concepção antiga de que o ócio importa mais que o negócio e de que a atividade produtora é, em si, menos valiosa que a contemplação e o amor.¹⁹⁶

De forma consciente ou inconsciente, o *futebol ainda é identificado como uma atividade manual, destituído de valor artístico. Uma equação aparentemente simplista, mas de raízes profundas.*

3.3. OS JOGADORES: DÂNDI/SPORTMAN

QUADRO SOCIOECONÔMICO

No período correspondente ao Primeiro Tempo do futebol no Rio de Janeiro (1897 a 1933), a Capital Federal passou por mudanças acentuadas em seu perfil socioeconômico, em sintonia ao que ocorria em São Paulo.

Nas duas últimas décadas do XIX, a maioria dos trabalhadores urbanos não estava empregada na indústria, concentrando-se no setor de serviços e na informalidade:

¹⁹⁴ HOLANDA, Sérgio Buarque. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras; 1995. p. 38.

¹⁹⁵ Ibid., p. 83.

¹⁹⁶ Ibid., p. 38.

...Trabalhadores de serviço que incluíam balconistas de lojas, motoristas de bondes, empregados domésticos e zeladores de prédios geralmente enfrentavam uma rotina de trabalho tão inflexível quanto a da fábrica. Os trabalhadores de serviços em pequenos estabelecimentos familiares trabalhavam ao capricho de seus empregadores e tinham poucos recursos em caso de tratamento arbitrário por parte destes.

O setor informal incluía mascates, pequenos ladrões e faz-tudo ambulantes. Muitos vinham diretamente do campo e voltavam para lá quando as coisas iam mal na cidade. Eles escapavam ao registro do censo a não ser que estivessem fichados na polícia, e viviam fora dos domínios dos regulamentos e estruturas formais. Os trabalhadores no setor informal (vendedores ambulantes, lavadeiras, meninos de recados, prostitutas) despertavam uma inquietação particular entre a elite. Políticos e jornalistas atacavam-nos frequentemente como “as classes perigosas”, sempre prontas a se revoltar. Eram o alvo da repressão policial regular e recebiam pouca comiseração do sistema penal.¹⁹⁷

De acordo com dados da época, 40% da população carioca vivia de biscates, trabalhos temporários, desempregada. “Pobres envergonhados” e “mendigos válidos”, com cerca de 50% de analfabetos.

Os censos de 1890 e 1906 demonstram que houve aumento do número de pessoas à margem do mundo do trabalho, lutando pela sua sobrevivência através de recursos inconstantes e habilidades próprias da arte das ruas, alternando situações de pobreza com quadros de extrema miséria.

Até o final da primeira década do século XX, o futebol carioca encontrou praticantes em três segmentos populacionais bem demarcados: nas próprias elites inglesas e brasileiras, introdutoras do esporte; em uma pequena parcela de trabalhadores fabris; nas classes médias ainda incipientes; e nas “classes perigosas” que povoavam as ruas e as crônicas de Lima Barreto e João do Rio.

Entre 1907 e 1920, o crescimento industrial é acentuado no eixo Rio–São Paulo, principalmente o de empresas que empregavam 100 ou mais operários.

¹⁹⁷ SKIDMORE, Thomas. *Uma História do Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 1998. p.121.

...no Estado de São Paulo, o número de empresas com 100 ou mais operários passa de 70 (1907) a 147 (1920), e o número de operários por elas empregados, de 19.414 a 54.123. No antigo Distrito Federal, o crescimento é também significativo: 99 empresas em 1920, contra 64 em 1907. Se adotamos a evolução do número de operários como índice do crescimento dessas, temos que, no antigo Distrito Federal, o crescimento é de quase 100% e, em São Paulo, ele é superior a 200%. Uma coincidência interessante: encontramos para as chamadas grandes empresas um crescimento semelhante ao que é sugerido para o conjunto da indústria através da comparação direta dos dados gerais de 1907 a 1920.¹⁹⁸

Embora sejam as empresas com mais de 100 operários a alavanca do processo de industrialização do sudeste, não é possível deixar de atribuir importância ao papel desempenhado pela manufatura e pelas unidades artesanais na economia e na cultura do Rio de Janeiro e São Paulo.

Principalmente na capital federal, são marcantes a característica do trabalho informal e a baixa qualificação dos trabalhadores derivada da precariedade do sistema educacional e do alto grau de informalidade da economia.

Nesta fase, estamos no momento em que nasceu, com o salto do tigre em busca dos jogos medievais, da capoeira, da música africana e, sem dúvida, do que Gilberto Freyre escreveu sobre o mulato, o ponto da síntese do dândi e do *sportman*. Não há dúvida de que os futebolistas dos primeiros 40 anos do século XX foram formados desse caleidoscópio de tudo que é o Brasil, e que o tipo ideal do *sportman* incorporou muito do dândi no estilo e na disciplina. A crônica de João do Rio e as músicas de Noel são traduções claras desta fusão. É o *sportman* com o dândi incorporado em estado bruto, pronto para ser lapidado como foi com a perícia dos grandes craques no jogar e na linguagem, por Didi ("quem corre é a bola"; "treino é treino jogo é jogo"), por Nelson Rodrigues, Gérson e outros. E, certamente, por quase todos os nossos vizinhos da América do Sul, com a Argentina à frente.

Falávamos do nascimento do jogador brasileiro. João do Rio retratou o *sportman* com alma de *flâneur*, um dândi em conflito. Desta fusão do "faz tudo" do

¹⁹⁸ SILVA, Sérgio. *Expansão Cafeeira e Origens da Indústria no Brasil*. São Paulo: Alfa Omega, 1976. p. 87-89.

trabalho informal brasileiro, da síncopa da feijoada cultural com a disciplina do *sportman*, nasce um estilo diferenciado de jogar. Estilo que se por um lado não pode ser naturalizado nem idealizado, por outro não pode ser esquecido como uma marca cultural própria do Brasil. Dos escravos e do seu banzo, forma de lamento, esquecimento, sobrevivência possível, ritual agonístico, como, aliás, definem o futebol os mestres da crônica esportiva brasileira.

Um “*flâneur* fabril”, tangenciando o trabalho formal e principalmente o informal, no quadro de excludência de um enorme contingente formado por um exército industrial de reserva no período pós-abolição.

E não há como deixar de ressaltar que este momento do alvorecer do futebol no Brasil guarda semelhanças com a contemporaneidade. O perfil fragmentado do mundo do trabalho neoliberal tem vínculos estreitos, principalmente na perda da centralidade física das unidades produtivas, com o Rio de Janeiro do início do século XX.

A Cidade Nova não teve tempo de acabar de levantar-se do charco que era; (...) mas ficou sendo o depósito dos detritos da cidade nascente, das raças que nos vão povoando e foram trazidas para estas plagas pelos negreiros, pelos navios de imigrantes, à força e à vontade.
(LIMA BARRETO, *Numa e a ninfa*)

(...) a nossa ação são as palavras.
(Fala do deputado Pieterzoon, LIMA BARRETO, *Numa e a ninfa*).

“Lucrécio Barba-de-Bode é personagem do romance *Numa e a ninfa*, de Lima Barreto. Trata-se de mulato pobre, ex-carpinteiro, desempregado, morador da Cidade Nova, um bairro popular do então Distrito Federal do Brasil – a cidade do Rio de Janeiro. Ele participava da vida política republicana como uma espécie de capanga de poderosos, fazendo serviços “sujos” (ameaças a adversários, dissolução de seus comícios etc.), levando e trazendo recados, presente em manifestações a favor de determinados políticos, freqüentemente no limiar da criminalidade, dependente daqueles mandões.”

(Introdução ao texto de Marcos Silva: *Detrito Federal: O vômito e o silenciamento de Lucrécio Barba-de-Bode*.)

OBS: Lucrécio Barba de Bode, personagem de Lima Barreto, é o retrato de boa parte do Rio de Janeiro durante a fase de implantação do futebol na cidade. Neste parágrafo de Marcos Silva, Lucrécio é primo-irmão de inúmeros cariocas que passearam pelas crônicas de João do Rio e pelos sambas do Estácio. De certa forma lembra muito alguns sambistas daquele bairro e alguns jogadores de futebol na virada do amadorismo para o profissionalismo. Não poderia ser diferente. O diferente no caso é a genialidade de Lima Barreto traçando um perfil de muitos através de um só.

A cidade de Policarpo Quaresma, João Candido e Pixinguinha é palco privilegiado de um mundo do trabalho multifacetado e pulverizado, onde sempre coabitaram, nas mesmas ruas e calçadas, tempos produtivos e relações sociais diferenciadas. Um outro personagem de Lima Barreto, Lucrécio Barba de Bode, retrata vários passantes desta tese.

E é assim que certo *flâneur* na Zona do Agrião, como o poeta de Baudelaire, atônito diante dos choques da vida urbana na modernidade, tenta reagir. E um de seus subterfúgios é o *spleen*.

Como todos os seus contemporâneos, o poeta (*flâneur*) está exposto à realidade do choque. Mas através do *spleen*, uma espécie de melancolia, consegue refletir sobre ela, percebendo o empobrecimento da experiência e o esvaziamento da memória.

... A vivência do choque, sentida pelo transeunte na multidão, corresponde à vivência do operário não qualificado com a máquina e a do jogador nos jogos de azar. Todos esses personagens, característicos do mundo moderno, operam no terreno da ausência de memória e de experiência. Os operários, sobretudo os não qualificados que atuam nas fábricas, não possuem uma relação de totalidade em relação ao seu trabalho, agindo fragmentaria e automaticamente. Cada operação com a máquina não tem qualquer relação com a precedente, porque constitui a sua repetição rigorosa. De forma análoga, a figura do jogador é desprovida de memória, uma vez que uma partida não depende de qualquer outra precedente e nenhum lance depende do anterior.¹⁹⁹

Mas o jogo de azar, no Rio de Janeiro materializado principalmente pelo turfe, não possui as propriedades de contra-alienação e contrafetiche características do futebol.

No futebol, cada jogada tem uma relação com a precedente e cada lance aciona o seu ato subsequente. Daí, como já vimos, ocorre uma desconstrução da alienação no “ato do trabalho” ou da peleja.

¹⁹⁹ PAULA, de Fátima. Tensões e Ambiguidades em Walter Benjamin: a modernidade em questão. In *Plural*. São Paulo: FFLCH/USP, 1994. p.112.

É uma das magias e segredos deste esporte, em particular no caso brasileiro, que em sua fase inicial de popularização, ganha grande impulso por motivos que estão diretamente relacionados ao aprofundamento das relações de trabalho, derivadas da modernização excludente pós-escravidão.

No Brasil do início do XX, as relações de produção não impunham massivamente a perda da habilidade do artesão pela linha de produção, empurrando os moradores citadinos (no caso do Rio de Janeiro) a possuir uma plêiade de aptidões. O saber de tudo um pouco, “valorizando” pelo “atraso social” e pela necessidade de sobrevivência o equilibrista das atividades, o viver daquilo que se consegue a cada dia, criando o culto ao improviso.

...Se um dia passo bem,
dois e três passo mal
(Isto é muito natural!)

(*O orvalho vem caindo*, Noel Rosa e Kid Pepe)

A elegia de um corpo resistente, açoitado e sincopado, que sem alternativas brilha nos palcos possíveis da vida. Nas ruas de um *flâneur* que tem nos campos conquistados a aura de sua arte, assim como os sambistas têm nos terreiros e “presidentes vargas” futuras o bate-pronto de um quilo de feijão arrancado na última hora, de um voltar para casa de um dia onde o improviso nada mais garantiu do que bolsos vazios.

Como as mulheres mendigas retratadas por João do Rio:

Vivem nas praças no Campo da Aclamação; dormem nos morros, nos subúrbios, passam a beira dos quiosques, na Saúde, em São Diogo, nos grandes centros de multidões baixas, apanhando as migalhas dos pobres e olhando com avidez o café das companheiras.²⁰⁰

²⁰⁰ RIO, João do. As Mulheres Mendigas. In: ANTELO, Raul (Org.). *A Alma Encantadora das Ruas*. São Paulo: Companhia das Letras; 1997. p.297-298.

O jogador de futebol, que na década de 1920 começa a desenvolver seu talento, é o mais típico representante do que Baudelaire, Benjamin e João do Rio jamais imaginariam de um *flâneur*. Um *flâneur* do lado de baixo do Equador. Tropical e polivalente. Criador e conservador. Rebelde e dócil. Questionador da ordem constituída e *parceiro* de primeira hora de qualquer um que lhe possa dar um *ganho*. O malandro típico que sempre foi aquele da *Homenagem ao Malandro*, de Chico Buarque, mas não só aquele desse Chico. Também de um outro Chico, o do samba *Chico Brito*, de Wilson Batista (Rousseau puro). A letra, só pra chatear, eu guardo em segredo, lembrando outro samba *Só pra Chatear*, também sobre o malandro carioca. O jogador de futebol brasileiro, *flâneur* na *Zona do Agrião*, enseja algumas pérolas da crônica brasileira na polêmica de Lima Barreto com Coelho Neto, o primeiro contra e o segundo a favor do futebol.

A tradição do futebol brasileiro, que teve seus maiores solistas em Leônidas, Pelé e Garrincha, remonta à capoeiragem e ao samba, da mesma forma que os regramentos que criaram o futebol nas escolas inglesas têm suas origens no *mass-football* medieval. As construções mencionadas por Gilberto Freyre podem ser analisadas à luz de Hobsbawm, que, na *História Social do Jazz*, desmistificou o determinismo de classe cultural em um "gênero" musical, cuja história, a nosso ver, apresenta pontos de convergência com o futebol sul-americano.

A origem do *jazz* é bem mais sofisticada do que a plantação (o autor se refere à lenda de que o *jazz* teria nascido do lamento dos escravos nas plantações), é uma mistura em que as formas musicais européias têm quase tanta importância quanto a tradição africana, mas uma de suas raízes é o blues rural, cuja versão mais primitiva é o canto do escravo. Dizer que só preto faz *jazz* autêntico é sucumbir a um tipo de racismo (ritmo inato, vocação instintiva, aquelas histórias) que não é menos insultuoso por ser inconsciente, mas não se pode separar a história do *jazz* da feia história da relação entre as raças nos Estados Unidos.²⁰¹

²⁰¹ VERÍSSIMO, Luis Fernando. Prefácio. In: HOBBSAWM, Eric. *História Social do Jazz*. São Paulo: Paz e Terra. 1996. p.10. (grifo nosso).

Neste prefácio à edição brasileira, Veríssimo, com talento e concisão, complementa o autor e lança novas luzes sobre a questão da cultura popular, aproximando-se de Gramsci e do conceito de circularidade cultural.

O estilo do jogador brasileiro tem vínculos estreitos com a cultura negra, mas tal qual o *jazz* não foi um monopólio de raça. Assim como o tango argentino bebeu em fontes de tendências musicais específicas, assim como o chorinho remonta à polca.

A importância de nomes como Harry Welfare (inglês, jogador pelo Fluminense, a partir de 1913, e técnico do Vasco, entre 1927 e 1937); Fred Brown (precursor da preparação física no Fluminense) e o próprio Marcos Carneiro de Mendonça são exemplos cabais das múltiplas influências culturais e raciais que marcaram o futebol brasileiro.

Sobre esses três personagens, disse Flávio Costa: “eles mudaram a História do futebol no Brasil”.²⁰²

TEMPO E CULTURA POPULAR

No que se refere ao tempo, até meados da década de 1920 ainda pode ser observada uma presença marcante do tempo natural, disputando os espaços urbanos da capital federal com o tempo da produção e dos relógios. Esta permanência parcial do tempo natural tem uma influência marcante no significado, no corpo e na alma da cultura popular carioca.

O ritmo lento de um capitalismo tardio – até a encruzilhada em que o tempo produtivo se sobrepõe de forma clara – não cede terreno a tentativas de regramento fora dos muros fechados de clubes, escolas e instituições congêneres.

O tempo natural libera, nos campos de pelada, a ousadia do improviso e, nos terreiros de samba e bares da Lapa, a inspiração de canções e músicas que viriam a se transformar em pontos de referência permanentes para os compositores das gerações futuras.

²⁰² Entrevista concedida a Raul Milliet Filho em novembro de 1985.

Sobre a importância do riso, de Garrincha/Bakhtin, consequência direta do jogo brincado, não podemos esquecer o trabalho deste parceiro de Mané, *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*:

... Em resumo, durante o carnaval é a própria vida que representa e por um certo tempo o jogo se transforma em vida real..Essa é a natureza específica do carnaval, seu modo particular de existência.

O carnaval é a segunda vida do povo, baseada no princípio do riso. É a sua vida festiva. A festa é a propriedade fundamental de todas as formas de rito e espetáculos cômicos da Idade Média.

As festividades (qualquer que seja o seu tipo) são uma forma primordial, marcante, da civilização humana. Não é preciso considerá-las nem explicá-las como um produto das condições e finalidades práticas do trabalho coletivo nem, interpretação mais vulgar ainda, da necessidade biológica (fisiológica) de descanso periódico. As festividades tiveram sempre um conteúdo essencial, um sentido profundo, exprimiram sempre uma concepção do mundo. Os “exercícios” de regulamentação e aperfeiçoamento do processo do trabalho coletivo, o “jogo no trabalho,” o descanso ou a trégua no trabalho nunca chegaram a ser verdadeiras festas...

... Ao contrário da festa oficial o carnaval era o triunfo de uma espécie de libertação temporária da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus...

... A **alienação** desaparecia provisoriamente. O homem tornava a si mesmo e sentia-se um ser humano entre seus semelhantes. O autêntico humanismo que caracterizava essas relações não era em absoluto fruto da imaginação ou do pensamento abstrato, mas experimentava-se concretamente nesse contato vivo, material e sensível...²⁰³

Ironia que, na História do Futebol, será sua principal arma diante da alegria e tragédia do carioca, de seus jogadores, cronistas, apaixonados eternos e de ocasião, vendilhões do templo e entregadores do ouro aos bandidos,

²⁰³ BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*. Brasília; São Paulo: UNB / Hucitec, 1999. p. 7-9. (grifo nosso).

metaforicamente ou não. Chiste, riso, ironia e futebol, triangulações, rodadas de bola, dribles e passes desconcertantes do mesmo método utilizado nesta tese.

Sentimento que não ultrapassa os limites interpostos entre o homem e o fetiche da mercadoria, entre o homem e a alienação da vida genérica e do produto do seu trabalho.

Reiterando o que afirmamos no primeiro capítulo e cenário, o papel contra-hegemônico que desempenham a cultura de maneira geral, a arte e o futebol não pode ser retido de forma totalizante, mas como fragmentos libertários.

A revalorização estética do riso e do popular, segundo o próprio Bakhtin, promove um desaparecimento provisório da alienação. Em festas populares, como o carnaval e torneios de futebol, o jogo se transforma momentaneamente em vida real, baseado no princípio do riso e da ironia.

Atualizando esses pressupostos e adaptando-os livremente à sociedade brasileira nas primeiras décadas do século XX, principalmente no Rio de Janeiro, é possível afirmar que a consciência social da época tinha forte influência da picardia do trabalho informal dentro de seus movimentos pendulares de alegrias e tristezas.

Lembrando Marx e Engels na *Ideologia Alemã* (1845/1846), podemos fazer uma ponte com as ideias de Gramsci e, principalmente, com a noção de vivência em Thompson. “Não é a consciência que determina a vida, mas a vida que determina a consciência”. Aqui, cabe frisar, vida não é sinônimo apenas de produção e relações econômicas. Mas, como lembrou reiteradas vezes o autor de *Costumes em Comum*, é impossível dissociar infra-estrutura e superestrutura como departamentos estanques de sociedades diferenciadas.

Para Thompson, uma leitura não reducionista do marxismo deve situar os indivíduos não tomando como ponto de referência apenas o lugar que ocupam no modo de produção, mas também as suas experiências culturais, políticas e, acrescentamos (por que não?), as suas atividades de lazer em festas e solenidades religiosas, abrindo caminho para dialogar com a noção de ironia em Lefebvre e Bakhtin.

BAKHTIN E LEFEBVRE

Mikhail Bakhtin notabilizou-se em sua obra pela valorização da cultura popular dotada de uma intensa pulsão crítica. Através do riso, trabalhado pelo autor russo nos conceitos de *carnavalização* e *realismo grotesco*.

A carnavalização da vida – de acordo com Bakhtin – cria momentaneamente uma situação que elimina a separação entre os atores e o público, entre os participantes e os espectadores. Promove-se uma festa que envolve todo mundo, revoga as leis, suprime as hierarquias, supera os medos e permite aos homens readquirirem o senso de uma felicidade mais completa, ainda que limitada no tempo.²⁰⁴

O historiador e linguista russo vai aprofundar sua concepção do lugar do homem na história, utilizando a teoria da linguagem que, a seu ver, é sempre social. E será somente através da linguagem que as classes de baixo poderão adquirir consciência crítica em contato permanente com o outro.

Embora o resgate efetuado por Bakhtin de criações populares sempre tenha vindo alicerçado pela ressalva de que esses signos e valores se constituem a partir do social, da organização do homem em sociedade, cabe afirmar que partem de diversas direções, críticas quanto a um possível *essencialismo* e naturalização do popular em seu percurso político-acadêmico.

Entretanto, vai interessar diretamente ao tema do futebol brasileiro a busca da reavaliação do riso e da comicidade da cultura popular. O riso, observou Bakhtin, nunca se deixa absorver inteiramente pelo discurso "oficial". O riso desempenha um papel decisivo, ao impedir que as expressões ideológicas sérias se estratifiquem, se sedimentem e "congelem". Quer dizer, que o "sério" se imponha com prepotência e desrespeite sem contestação a realidade multifacetada, tal como se manifesta na vida cotidiana.

Cortando para o dramaturgo italiano Dario Fo, Prêmio Nobel de Literatura, defensor intransigente da arte engajada, este declarou, em entrevista à revista

²⁰⁴ KONDER, Leandro. *A questão da ideologia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 113.

Bravo, em janeiro de 2001, que o riso é o principal veículo da arte porque é a experiência mais alta da inteligência:

O riso libera o ser de um peso para dar coragem. É a relação entre o medo e o falso medo, é o desequilíbrio equilibrado.

Em Dario Fo está presente, assim como em Bakhtin, o movimento pendular de hegemonia e contra-hegemonia, do riso dentro de uma consciência possível, o “Corifeu da Modernidade”. Outra passagem de Bakhtin refere-se diretamente aos jogos, aquilo que Huizinga, em *Homo ludens*, asseverou: “o jogo é fato mais antigo que a cultura”. Em *Questões de Literatura e Estética*, o autor russo, traçando um paralelo entre Rabelais e Gogol (*Arte do Discurso e Cultura Cômica Popular*), trabalha com paixão o jogo, o brincar, a liberdade percorrendo o corpo, estalando de choques a espinha e de alegria os olhos:

Na obra de Gogol encontraremos quase todos os elementos da cultura popular e festiva. Na verdade, sua concepção de mundo carnalizada era, na maioria dos casos, matizada pelo romantismo, do qual ele assimilou diversas formas de expressão. Lembraremos aqui apenas a famosa descrição, puramente carnalizada do homem russo:

“E qual é o russo que não gosta de uma corrida desenfreada? Pois embora sua alma, que tende a voar e rodopiar, se precipite e diga às vezes: Que vá tudo para o inferno! Será que ela não gosta dessa corrida?” E um pouco mais adiante: “A estrada inteira voa sem saber para onde e se perde ao longe. E há alguma coisa de estranho nessas breves aparições, onde os objetos não têm tempo de serem fixados”.²⁰⁵

É necessária a contextualização histórica da festa popular, do riso, da praça pública, da emoção de uma corrida de cavalo ou de uma meia-lua. Assim, no Rio de Janeiro, no início do século XX, tudo apontava para que as classes populares construíssem, a partir de um processo circular, sua própria cultura, embebida

²⁰⁵ BAKHTIN, Mikhail. *Questões de Literatura e de Estética*. São Paulo: UNESP, 1998. p.433.

pela pinga tropical. Salvador e Rio de Janeiro, componentes vitais da espinha dorsal de uma nação chamada Brasil.

Mikhail Bakhtin valorizou a cultura popular e pode-se dizer que, da mesma forma que Foucault, enriqueceu as análises gramscianas sobre a importância da cultura popular na sociedade civil. De acordo com Leandro Konder, Bakhtin foi além de Gramsci na valorização da cultura popular.

Enquanto o autor dos *Cadernos do Cárcere* apontava no horizonte ideológico da compreensão da realidade por parte do povo os limites que precisavam ser historicamente superados para se elevar ao nível do bom senso do pensamento crítico, o autor de *Problemas da Poética de Dostoievski* sublinhava o vigor dos elementos críticos que a seu ver já existiam na cultura popular.

Com sua enfática revalorização estética do riso, com seus conceitos de “realismo grotesco” e de “carnavalização”, Bakhtin preconiza um amplo resgate dos critérios e da sensibilidade das camadas populares, através do questionamento da tradição constituída pelas normas impostas pelas classes dominantes.²⁰⁶

HENRI LEFEBVRE

De Lefebvre, nos detivemos na *Introdução à Modernidade*, onde a indagação sobre o humano está vinculada ao poético, onde a busca das contradições não está voltada apenas para o homem em sociedade, mas também para o seu imaginário. Assim, o autor ressalta a questão da solidão na modernidade, em contraposição às estruturas engessadas e gigantescas do trabalho, lazer, moradia e cidades.

A *modernidade* não seria a época da ironia? Indaga Lefebvre, consciente de que o método dialético não pode prescindir da subjetividade, nascendo do seu interior em contraposição ao movimento corrosivo da mercadoria. Sabedor de que, na dialética marxista, relativizam-se os caminhos da razão, historicizando-a.

A ironia marxista é um momento da consciência e do conhecimento, nem o mais elevado, nem o menor. Nasce na sua hora; não podia nascer antes. Esta ironia objetivamente fundada

²⁰⁶ KONDER, Leandro, op. cit, p. 111-112.

relativiza a astúcia da razão e a historiza. Ela varre as falsas consciências. Enumeremos algumas modalidades dessas falsas consciências: os dogmatismos, as mistificações mistificadas, as localizações e focalizações irrisórias, as dicotomias e as logicizações impecáveis (sobre o modo do ‘tudo ou nada’, umas formais e outras afetivas), os estereótipos, as impermeabilidades à experiência, os egocentrismos, os mecanismos de projeção e de identificação ideológica, toda a teratologia intelectual.

A ironia destrói no seu trajeto ardente, pelas bases, o homem-coisa e o futuro-coisa, a reificação e a alienação, a tecnologia e o culto da Máquina que fornecem ao absoluto as características da organização e do cálculo aplicados aos atos humanos.²⁰⁷

A análise de Lefebvre caminha em paralelo à de Bakhtin, encontrando em atalhos relâmpagos o historiador de Rabelais, procurando exatamente no curso das ideias atingir o insondável do pensamento sem retirar os pés do chão firme, mas movediço do materialismo dialético.

3.4. A SÍNCOPA E A CINTURA

Zagueiro não pode ser muito sentimental.

Jorge Ben

Não podemos situar o patrimônio cultural do futebol brasileiro sem incluir Muniz Sodré, autor de *O Monopólio da Fala* e de *Samba, o Dono do Corpo*. Sodré, procurando responder sobre o sentido do samba na sociedade brasileira, afirma que todo o seu empenho foi o de evitar as reduções acadêmicas, procurando antes localizar na cultura negra as fontes geradoras de significação do samba. Seguindo sua linha, devemos iniciar com a síncopa que é o deslocamento da acentuação, do tempo forte para o tempo fraco. Ou como quer mestre Aurélio: “Som articulado sobre um tempo fraco ou parte fraca de um tempo, prolongado ou prolongada sobre o tempo forte ou a parte forte do tempo seguinte”.

²⁰⁷ LEFEBVRE, Henri. *Introdução à modernidade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969. p. 27.

Muniz Sodré parte de uma afirmação que nos agrada, ao analisar o samba, fortalecendo hipóteses e fundamentos teórico-metodológicos apresentados neste trabalho: a paixão.

Trata-se, porém, de uma leitura conduzida pelo próprio ‘objeto’ e que assume o risco de envolvimento ou da paixão. O que pretendemos mesmo é indicar como um aspecto da cultura negra – continuum africano no Brasil e de modo brasileiro de resistência cultural – encontrou em seu próprio sistema recursos de afirmação da identidade negra.²⁰⁸

Este *continuum*, que não representa um monopólio ingênuo, tem na síncopa o seu singelo abre-alas para entendermos a ponte samba-escola brasileira de futebol. Duke Ellington, conforme Sodré, dizia que a chave do blues está na sua interpretação e canto por uma terceira pessoa, exatamente aquela ausente “que não está ali”.

A frase do famoso band-leader norte americano é uma metáfora para a causa fascinante do *jazz*: a síncopa, a batida que falta. Síncopa, sabe-se, é a ausência no compasso da marcação de um tempo (fraco) que, no entanto, repercute noutro mais forte. A missing-beat pode ser o missing-link explicativo do poder mobilizador da música negra nas Américas. De fato, tanto no *jazz* quanto no samba, atua de modo especial a síncopa, incitando o ouvinte a preencher o tempo vazio com a marcação corporal – palmas, meneios, balanços, dança. É o corpo que também falta – no apelo da síncopa. Sua força magnética, compulsiva mesmo, vem do impulso (provocado pelo vazio rítmico) de se completar a ausência do tempo com a dinâmica do movimento no espaço.²⁰⁹

A síncopa no samba carioca, mesclada com as influências aludidas por Freyre, traz imediatamente à retina movimentos criados por dezenas de jogadores brasileiros na arte do futebol: “em uma simples ginga de Didi, há toda uma nostalgia de gafeiras eternas”, já disse Nelson Rodrigues. A pessoa que não está ali, como

²⁰⁸ SODRÉ, Muniz. *Samba, o dono do corpo*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998. p. 10.

²⁰⁹ SODRÉ, Muniz, op. cit., p. 11.

dizia Duke Ellington, reduzindo a supressão de um tempo que, na verdade, não está vazio; ele está vazio, solitário, sonso talvez, mas certo da chegada de um movimento corporal que virá preenchê-lo. É um tempo vazio ou fraco que na verdade chama outro, que o transforma em um tempo mais forte. Mágico. “Se faz de vazio”, como uma finta, um recurso para evoluir para um patamar superior. Como as “paradas” de Mestre André, diretor de bateria da Mocidade Independente, inovador no ritmo das Escolas de Samba. Como as fintas, passes, dribles, lançamentos, toques de calcanhar, tempos sem bola, que, no segundo seguinte, faziam o adversário descobrir a bola em outros pés. Aliás, e assim jogava Garrincha e assim nasceu o olé, com o ritmo do *Anjo sem Asas*, de Vinicius de Moraes, deixando torto e tonto o lateral Vairo, em um amistoso Botafogo X River Plate, na cidade do México, em 1957. O olé nasceu na terra de Zapata.

A síncopa e a cintura abrem caminho até para o ceguinho (personagem de Nelson Rodrigues, torcedor fanático do Fluminense) entender as características específicas do jogar brasileiro. Do jogar tudo, principalmente futebol. A paradinha, as voltas, a folha seca, Tim, Mané. Bem, Mané é um capítulo à parte. O drible como jogo e brincadeira. O jogo disponibilizando para o indivíduo a liberdade física e mental da criança. Jogar/brincar permite contornar a seriedade adulta e todo o sistema neurótico da cultura vigente. “O homem só é verdadeiramente homem, quando brinca”, como afirmava Nelson Rodrigues. Ou ainda, como dizia Hélio Pellegrino: “O brinquedo é a liberdade!”

Brincar com a bola, futebol-pelada, representa driblar por alguns instantes algumas regras da *Zona do Agrião*, que só o futebol em ritmo de samba e tango nos permite.

Os grandes dribladores colam a bola nos pés e, sem olhar para ela, driblam em minúsculos espaços. Frequentemente, aprendem e desenvolvem essa magia no futebol de salão. Outros não tão habilidosos precisam de longos espaços.

Garrincha talvez tenha sido o maior driblador e artista do futebol. Ele driblava e bailava em campo, sem uma intenção de menosprezar o adversário. Queria apenas se divertir e ganhar a partida. Mané foi muito mais que um artista lúdico, um Charles Chaplin de chuteiras. Driblava e passava com perfeição. No instante que ultrapassava o

marcador, já olhava e colocava a bola para o companheiro fazer o gol. Ele não cruzava, passava a bola, com açúcar e afeto.

Na verdade o que ficou na memória de todos não foram os passes e gols do Garrincha e sim seus dribles irreverentes, para lá e para cá, sem compromissos, como um balé. A arte sem objetividade. Uma utopia.

É difícil um grande armador ou atacante que não saiba driblar.

Em todas as profissões, o talento e a criatividade estão diretamente ligados à fantasia e à brincadeira. O drible é o mais lúdico e prazeroso fundamento do futebol. Driblar é brincar, como nos tempos de criança.²¹⁰

O futebol nos campos de pelada (por volta de 1915 e 1920), no campo elegante do Fluminense, tem caminho livre para apaixonar a cidade e, mesmo nadando contra a corrente, descortinar campo fértil para sua (re)criação. Afinal, se, como disse Clarice Lispector, “o corpo é a sombra da alma”, o corpo do samba, da capoeira, dos ritmos afros são ancestrais do futebol brasileiro. Não apenas *À Sombra das Chuteiras Imortais*, mas *A Pátria em Chuteiras*.

ENTRE OS DRIBLES DE GARRINCHA E A ESCRIVANINHA DE NOEL ROSA

Uma leitura apressada desta crônica de Tostão, assim como uma observação superficial da trajetória de Garrincha, pode reter apenas o lúdico e o circense em Mané. O seu lado dionisíaco em detrimento da sua objetividade de um Apolo. Como disse Tostão: “no instante que ultrapassava o marcador, já olhava e colocava a bola para o companheiro fazer o gol”.

Garrincha foi decisivo na carreira de vários centroavantes. Luis Vinicius de Meneses, Paulinho Valentim, Vavá e outros.

Como sempre afirmou Nilton Santos: “ele fez a conta de muita gente”. Quando Dino Sani, com inspiração, comparando Mané com Pelé, disse que o primeiro era um artista de circo e o segundo de teatro, foi direto ao ponto. Mas caberia acrescentar que na arte circense de Mané sempre esteve presente o palco de um teatro e a técnica de seus expoentes.

²¹⁰ Crônica de Tostão, publicada no jornal Folha de São Paulo, em 30/04/2000.

Mas o que esses pontos têm de contato com Noel Rosa e sua escrivaninha? Têm tudo. São a interseção entre a intuição e a disciplina. O futebol brasileiro tem este encantamento, mas sempre acompanhado por transpiração e persistência. E, assim, nada melhor do que a comparação do método da escola brasileira de futebol com um compositor branco, de classe média, formação universitária, que traduziu ao pé da letra a modernidade brasileira, para não cair na tentação da naturalização do talento dos nossos craques.

“A escrivaninha de Noel” é o título de um notável ensaio escrito por Carlos Didier, biógrafo do sambista de Vila Isabel.

As palavras de Didier, sobre o trabalho de compositor de Noel, caem como uma luva no desvendar da arte dos bambas do futebol brasileiro. Tal e qual. Inclusive, Garrincha.

Noel Rosa, compositor popular carioca, faleceu em 04 de maio de 1937, aos 26 anos de idade. Boêmio, rascunhou versos em mesas de botequins e cabarés, onde viesse a inspiração. Muitas são as testemunhas. O que poucos presenciaram foram suas horas de concentração e recolhimento, quando burilava jatos anotados de madrugada até chegarem à forma definitiva. Isto acontecia no silêncio de sua casa, em Vila Isabel, debruçado sobre a escrivaninha, na sala de jantar, bem ao lado do quarto onde nasceu e morreu.

A ideia de um poeta que tudo compôs de improviso serve melhor ao mito que à verdade. Apesar de brilhante repentista, o superior em suas obras foi fruto de intensa reflexão. Ouvia opiniões. Entre as quais a de sua mãe. D. Martha, professora. Muito foi para o lixo. Só assim se explica o nível maior de sua arte. O autor arrisca; depois, julga. Noel soube renunciar ao medíocre, ao efêmero.

A última foto publicada em A Noite surpreendeu-o de pijama, o violão ao colo e o olhar fixo no chão. Ao fundo, a escrivaninha. Dentro, pastas, envelopes, livros, desenhos, fotografias, originais de letras, um dicionário de rimas e uma luminária de metal com cabo flexível. Ali estão os Meus Pensamentos, as operetas e as Conversas de Esquina escritas para o rádio. As peças principais são

os cadernos com todas as suas canções em ordem alfabética e a coleção de recortes batizadas como Este Álbum.²¹¹

Voltaremos a Noel no próximo capítulo e cenário, em linha de passe com um treinador húngaro de quem já falamos: Dori Kürschner. A escrivainha de Noel e os rabiscos e a obsessão tática de Kürschner têm vários pontos de convergência, principalmente a disciplina como fator de libertação e liberação da criatividade artística e artesanal.

3.5. A SEMANA DE ARTE MODERNA DE 1922, A MÚSICA POPULAR BRASILEIRA E O FUTEBOL

O movimento modernista, que teve na Semana de 1922 o seu ponto de ebulição, foi um dos divisores de águas da década de 1920 na vida nacional. Não é nosso intuito aprofundar o tema, mesmo porque são inúmeros os trabalhos interpretativos que, com alto grau de sofisticação, reconstituíram os alcances e limitações da Semana de 1922.

A questão nuclear do modernismo foi apresentada por Sergio Buarque de Holanda, quando afirmou que o movimento propiciou o aparecimento de novas formas de expressão e de experimentos inovadores no terreno artístico.

Não nos filiamos àqueles que desconsideram as conquistas estéticas e políticas da Semana de Arte Moderna, embora seja impossível negar o isolamento de seus principais mentores da cultura popular, urbana em suas atividades mais representativas.

É mais racional e isento de filiações ideológicas fúteis analisar 1922 como um dos vários momentos de interseção de ideias e práticas políticas e sociais, que já vinham sendo gestadas há pelo menos três décadas, desde o final do XIX.

Graça Aranha, Monteiro Lobato, Lima Barreto, Manuel Bandeira, Euclides da Cunha, Ernesto Nazareth, Chiquinha Gonzaga, Pixinguinha, Friedenreich, Marcos de Mendonça, abraçaram tanto e com tamanha intensidade o país quanto Mario e Oswald de Andrade e Tarsila do Amaral.

²¹¹ *A escrivainha de Noel*, Carlos Didier, ensaio, Jornal da Tarde, Caderno de Sábado, São Paulo, 03/05/1997, p.1.

Monteiro Lobato publica em 1905, no jornal *O Povo*, da cidade de Caçapava, em São Paulo, um texto intitulado “Futebol”, analisado por Claudio Bertolli Filho e José Carlos Sebe Bom Meihy, em *Futebol e Cultura*.²¹² Neste artigo, Lobato realça os aspectos gregários e civilizatórios do futebol.

Entendemos o modernismo como um processo de continuidade e superação de ideias que remontam a épocas pretéritas da sociedade brasileira. Mas, como um movimento que deve necessariamente incorporar inovações no campo da linguagem oriundas de atividades tanto da linguagem escrita, estética ou oral. E o futebol, uma narrativa aberta a diversas linguagens, foi um dos maiores marcos no campo teórico e prático do modernismo.

Em trabalho já mencionado, Mariza Veloso e Angélica Madeira²¹³ apresentam com originalidade uma ótica de convergência nas reflexões de Mario de Andrade e Walter Benjamin, que estabelece um vínculo imediato com o universo do futebol.

Segundo o filósofo alemão, o historiador deve estabelecer uma práxis intensa com o passado, “de experiência com o passado”, algo de similar com as reflexões de E.P.Thompson sobre a cultura das classes trabalhadoras.

Rouanet, em prefácio a uma obra de Walter Benjamin, afirma que:

A modernidade é intrinsecamente historicista. A história é parte integrante do imaginário da modernidade. “O século XIX não sabia como reagir ao presente senão buscando no passado mais remoto ecos de antigas relações sociais, que, impregnadas do novo remetiam ao futuro, guiando a utopia”

Mario de Andrade e Walter Benjamin devem ser analisados com um grau de parentesco teórico e prático muito aproximado, exatamente dentro deste dialogo constante presente–passado.

As ideias modernistas, não circunscritas à Semana de 1922, dentro destas perspectivas benjaminianas, sempre valorizaram intensamente o passado.

²¹² MEIHY, José Carlos S. B.; WITTER, José Sebastião (Org.). *Futebol e Cultura*. São Paulo: IMESP, 1982. p. 105.

²¹³ ROUANET, Sérgio Paulo., apud VELOSO, Mariza; MADEIRA, Angélica. *Leituras Brasileiras: Itinerários no Pensamento Social e na Literatura*. São Paulo: Paz e Terra, 2000. p.130.

Mas, este diálogo com o passado e as tradições deveria evitar duas trilhas movediças. A primeira que designava a cultura brasileira como colonizada e desenraizada de ideias constitutivas da nacionalidade. O único caminho possível seria, portanto, o de uma ruptura apontando para uma nova perspectiva sociocultural.

A segunda trilha, embalsamada nas molduras do romantismo, idealizava e naturalizava o passado, sem estabelecer um diálogo crítico e realimentador com a História, renunciando à “experiência criativa com o passado”, à qual aludiu Walter Benjamim. Ao contrário, terminando por congelar a imagem eterna de épocas mais antigas e jogando água no moinho do evolucionismo histórico.

Autores como Mario de Andrade e Manuel Bandeira estabeleceram este diálogo presente-passado, da mesma forma que cronistas da escrita, da canção e da oralidade construíram uma nova reflexão crítica (fragmentada) da realidade, através de microintervenções no cotidiano urbano carioca.

O MODERNISMO DAS RUAS, DO HUMOR, DO SAMBA E DO FUTEBOL

Monica Pimenta Veloso, em *Modernismo no Rio de Janeiro*, fornece algumas pistas inovadoras para o estreitamento dos laços do ideário modernista com algumas vertentes da cultura popular, em uma espécie de abre-alas para a entrada em cena de manifestações até bem pouco tempo estigmatizadas pelas bancadas acadêmicas.

... Assim, no Rio, não houve propriamente um movimento de vanguarda organizado em torno da ideia de moderno. O moderno é construído na rede informal do cotidiano, conforme enfatiza Lustosa (1993). A autora chama atenção para um aspecto importante: se os intelectuais boêmios cariocas conseguem consagrar a irreverência como tradição cultural, esta não é reconhecida enquanto expressão dotada de valor artístico e literário. Seu papel restringe-se à mera distração e ao deleite social (Lustosa, 1993: 71 – 2). Essa perspectiva de análise reforça a necessidade de resgatarmos a

história do cotidiano carioca, através da qual poderemos recuperar a trajetória dos boêmios em sua sintonia com o moderno.²¹⁴

Mas as linhas pontilhadas e fragmentadas de uma boemia quase naturalizada não é um argumento que nos arrebata, embora sinalize para caminhos até então inexplorados. Afinal, como foi assinalado por Antonio Candido e Jose Aderaldo Castello:

Os modernistas de 1922 nunca se consideraram componentes de uma escola, nem afirmaram ter postulados rigorosos em comum. O que os unificava era um grande desejo de expressão livre e a tendência para transmitir, sem os embelezamentos tradicionais do academismo, a emoção pessoal e a realidade do país... “cria o teu ritmo livremente”, disse Ronald de Carvalho.²¹⁵

O popular-urbano, porém, era tocado apenas com luva de pelica e timidez ruborizada pelos próceres do modernismo, não incorporando o samba carioca e o futebol no eixo Rio–São Paulo. Davam de ombros a expressões maiores da cultura popular urbana e a seus solistas de mais destacado talento.

Especificamente sobre o futebol, o choro e o samba urbano (Mario de Andrade pesquisou sobre o samba rural paulista), apenas um exagero de boa vontade, manifesto em estudos mais recentes, conseguiu identificar nas penas e nas páginas dos modernistas de 1922 uma valorização de seus significados. Nada além de notas de rodapé, crônicas e poemas bissextos são encontrados em investigações um pouco mais atentas. Principalmente, no caso do futebol.

Retomando o ponto de uma sociedade civil ainda incipiente e o contraponto do humor e do boêmio no modernismo carioca, vale a pena lembrar Oswald de Andrade através de Márcia Camargos. É certo que se trata de um Oswald mais maduro, passado em anos e com olhar mais crítico e atento sobre um movimento que tanto teve de seu:

Foi Oswald de Andrade quem descreveu o modernismo como um equívoco em que o contrário do burguês não era o proletário, e

²¹⁴ VELOSO, Monica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 1996. p. 32.

²¹⁵ CANDIDO, Antonio; CASTELLO, Jose Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira: História e antologia*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 11-12.

sim o boêmio, num território onde as massas continuavam ignoradas, enquanto os intelectuais brincavam e de vez em quando “davam tiros entre rimas.” Explicitando o divórcio que de resto sempre assinalou, no Brasil, as iniciativas culturais de um estrato esclarecido em contraponto à maioria da população, ele admitiria mais tarde que o movimento foi “uma contribuição da elite que não carrou para o corpo exangue da literatura os glóbulos vermelhos do nosso povo”.²¹⁶

Assim, não há como negar que, do calor da década de 1920, a História do Brasil tem registrado apenas uma Semana de Arte Moderna, a de São Paulo, em 1922. A expansão da música popular brasileira (notadamente, o samba carioca) e a popularização do futebol só recentemente mereceram maior atenção no olhar dos estudos acadêmicos. Afinal, futebol e samba, embora não anotados nos cadernos de viagem dos modernistas, alçaram voos importantes, respondendo desde a primeira hora (até mesmo antecipando-se) ao estímulo de Ronald de Carvalho: “cria o teu ritmo livremente”.

Mas é impossível prosseguir sem salientar que, dos estudos inovadores acadêmicos mencionados, a maior parte identifica apenas o samba como moderno, esquecendo os caminhos que levam a São Januário, Pacaembu, Maracanã e Morumbi.

Se no modernismo de 1922 ocorreu, de fato, uma subversão retórica em contraposição aos parnasianos e juristas hiperbólicos. Se, conforme salientaram Antonio Candido e José A. Castello:

Um renovador como Mario de Andrade começava os períodos pelo pronome oblíquo, adotava a função subjetiva do pronome se, abandonava inteiramente a segunda pessoa do singular, acolhia expressões e palavras da linguagem corrente, procurava incorporar à escrita o ritmo da fala e consagrar literariamente o vocabulário usual.²¹⁷

²¹⁶ CAMARGOS, Márcia. *Semana de 22: entre vaías e aplausos*. São Paulo: Editora Boitempo, 2002. p. 125-126.

²¹⁷ CANDIDO, Antonio; CASTELLO, Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira: História e antologia*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. p. 12.

Se todos estes atributos, que subscrevemos literalmente, são inegáveis, então, o que dizer das letras, de visões rítmicas e meneios, dos sambas do Estácio e alhures? E das letras/crônicas/canções de Noel Rosa? E do humor dos blocos e futuras escolas de samba?

E dos dribles secos de El Tigre, do charles de Charles Miller, das pegadas de Marcos, do colorido racial dos campeonatos cariocas pós-time mestiço do Vasco da Gama?

DEIXA FALAR: COM O RITMO DO ESTÁCIO E AS CORES DO AMÉRICA

Em 12 de agosto de 1928 é fundada por Ismael Silva, Alcebíades Barcelos, Brancura, Edgar e outros aquela que ficou conhecida como a primeira escola de samba: Deixa Falar, no bairro do Estácio de Sá.

Segundo alguns estudiosos da música popular brasileira, as cores da Deixa Falar, vermelha e branca, sofreram influência direta do América Futebol Clube, time da maioria de bambas do bairro, time de Lamartine Babo e Francisco Alves.

Ary Vasconcelos²¹⁸ foi o primeiro historiador da MPB a pesquisar e contar a história das cores da Deixa Falar.

Um estudo recente, ainda inédito, entremeado com depoimento também inédito de Flavio Costa ao Projeto Memória do Esporte, reforça a parceria samba e futebol dentro de uma modernidade não excludente e democrática.²¹⁹

A primeira manifestação intencional de um grupo no sentido de se diferenciar dos demais aconteceu no Estácio em 1926. Quando surgiu o Vê Se Pode e, logo a seguir, também como bloco, o Deixa Falar. Ambos traziam forte marcação rítmica, contrastando com os sambas maxixados de até então, tanto de Sinhô como de Caninha, ainda muito presos aos ritmos trazidos pelos baianos, comandados por Hilário Jovino Ferreira e Marcelino de Oliveira, no início do século XX. Já eram os sambas batucados de Ismael Silva, de Nilton Bastos, de Alcebíades Barcellos – o Bide, de Silvio Fernandes – o Brancura, de Rubens Barcellos – o Mano Rubens, de Getulio Marinho – o

²¹⁸ VASCONCELOS, Ary. *Panorama da música popular brasileira*. Vol.1. São Paulo: Martins Fontes, 1965. p. 22.

²¹⁹ FRANCESCHI, Humberto Moraes. *Samba de sambar do Estácio*. AGIR/IMS. No prelo.

Amor, de Edgar Marcelino dos Passos – o Mano Edgar, de Heitor dos Prazeres – o Lino do Estácio e de muitos outros. Existiu, ainda, um terceiro bloco, formado na Rua Maia Lacerda, o Cada Ano Sai Melhor, com fraca repercussão em relação aos dois outros. Durou pouco no Estácio; mais tarde, consolidou-se e teve sucesso no Morro de São Carlos.

Antes deles, organizado por Rubens Barcellos, tinha havido o União Faz a Força, com as cores vermelha e branca do América Futebol Clube. Rubens era o irmão mais moço de Alcebíades Barcellos – o Bide. Com a morte de Rubens, em junho de 1927, o União deixou de existir, pouco antes da formação dos grandes blocos do Estácio. Em sua homenagem, o Deixa Falar adotou o vermelho e branco. Como bloco, como escola de samba e como malogrado rancho.

No mesmo trabalho, em outro capítulo, o autor Humberto Franceschi refere-se a uma homenagem da Mangueira, no mesmo ano de 1929, ao verde e rosa do “Rancho dos Arrepiados”, bloco do bairro de Laranjeiras. Ao fundo, uma distinção ao Fluminense Futebol Clube, time do coração de Agenor de Oliveira, o Cartola.

Mas, dando continuidade a esta prosa samba/futebol, modernismo que, de fato, como queria Oswald de Andrade, carregou para o corpo exangue da nossa cultura “os glóbulos vermelhos do nosso povo”, abrimos aspas para uma resposta de Flavio Costa que complementa as informações de Ary Vasconcelos e Franceschi.

Falando sobre a prática das peladas no Rio de Janeiro por volta de 1917 e sobre a questão dos clubes, disse o técnico campeão pelo Vasco da Gama e pelo Flamengo:

É claro, havia muitos clubes e, nos clubes, naquela época do amadorismo, havia, vamos dizer, a limitação dos bairros. A pessoa que morava num determinado bairro quase que obrigatoriamente, para ter bom trânsito, tinha que jogar, se filiar ao clube do bairro. Porque um cara que morasse no Estácio e fosse jogar no Botafogo, ele não era bem visto no Estácio, tinha os clubes. O Estácio ainda... o limite do Estácio ainda era o América como grande clube, fora uma

porção de clubes que havia no Rio Comprido, no Catumbi e outros lugares adjacentes.²²⁰

Nos últimos anos, vários estudos, livros, seminários têm abordado o tema da cultura popular na modernidade brasileira.

Destacamos, dentre tantos, *Decantando a República – Inventário Histórico e Político da Canção Popular Moderna Brasileira*,²²¹ produto de um seminário que teve lugar na PUC-RJ, no ano de 2001. Em quatro volumes, uma série de artigos e ensaios que abordam criativamente o tema. De todos, destacamos dois: *Os "simples" e as classes cultas na MPB*, de Luiz Werneck Vianna, e *Nordeste: a invenção pela música*, de Francisco de Oliveira. Neles, os autores traçam um panorama que não somente valoriza o papel da música na cultura brasileira, mas o seu significado para a compreensão das alternativas de participação popular em nossa sociedade.

A Invenção do Carioca – entre Europa e África,²²² lançado pouco tempo antes, já apresentava o tema dentro de uma perspectiva inovadora. No entanto, nos dois trabalhos o futebol passa ao largo.

Quando tivemos oportunidade de afirmar que o futebol representou a “terceira semana de arte moderna”,²²³ realçando que a “Segunda Semana de Arte Moderna fora, de fato, a expansão da MPB” e a História registra apenas a de 1922 em São Paulo, tratava-se de um artifício para chamar a atenção para esta lacuna.

Inúmeros trabalhos, mas a linguagem do futebol (estética, oral e escrita) ainda não frequenta com a assiduidade merecida determinados ambientes da cultura nacional. O romance, a poesia, o cinema e a própria música popular brasileira não têm uma produção voltada para o futebol à altura das suas reais tradições políticas e imaginárias. Recentemente foram lançados inúmeros contos sobre o tema.

A redescoberta da importância do papel da música popular urbana (tão negligenciada pelos modernistas de 1922) só de alguns anos para cá formou dueto com as ações no retângulo futebolístico.

²²⁰ Entrevista concedida por Flavio Costa ao Projeto Memória do Esporte, em novembro de 1985.

²²¹ CAVALCANTE, Berenice; STARLING, Heloisa; EISENBERG, José (Orgs.). *Decantando a República*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

²²² LOPES, Herculano Antonio. *Entre Europa e África: a invenção do carioca*. Rio de Janeiro: Casa de Rui Barbosa, 2000.

²²³ *Primeiro Tempo do Futebol no Rio de Janeiro* – Dissertação de Mestrado – Raul Milliet Filho. Programa de História Política, UERJ. 2002.

Mas, como veremos no Capítulo 5 “Quem não faz, leva” e a vida acaba por se sobrepor a determinados guetos do pensamento.

IV

QUARTO CENÁRIO

E O JUIZ APITOU

Eu tiro o domingo para descansar
mas não descansei
que louco fui eu.
Regressei do futebol,
todo queimado de sol
o Flamengo perdeu,
pro Botafogo,
amanhã vou trabalhar,
meu patrão é vascaíno
e de mim vai zombar.

Foram noventa minutos,
que eu torci como um louco
até ficar rouco.
Nandinho passa a Zizinho,
Zizinho serve a Pirilo
que preparou para chutar.
Aí o juiz apitou
o tempo regulamentar.
Que azar . . .

O APOLÍNEO DORI KÜRSCHNER E O JOGADOR BRASILEIRO

4.1. A TERCEIRA SEMANA DE ARTE MODERNA

Comentávamos que o futebol brasileiro “protagonizou” a terceira semana de arte moderna, fincando no seio da sociedade civil novos aparelhos privados de hegemonia e de disputa entre projetos, estabelecendo dentro das “quatro linhas” um novo campo de diálogo entre as linguagens “cultas” e “populares”.

Embora seja difícil delimitar um tempo preciso de afirmação do futebol como arte popular no país, iniciamos este quarto Cenário com uma linha de passe em torno de um tema pouco explorado e secundarizado: a segunda lei do impedimento e sua incorporação no Brasil.

No capítulo primeiro desta tese, dizíamos que a primeira lei do impedimento foi o ponto de partida para o aparecimento de jogadores como Zizinho, Didi, Di Stefano, Gerson e Zidane. Acabou com o *bumba meu boi** nos campos e valorizou a disposição tática dos jogadores em campo.

Para um jogador estar em posição legal, deveria ter entre ele e a linha de fundo contrária pelo menos três adversários (primeira lei do impedimento, 1866).

Só em 1907 ficou estabelecido que um jogador em seu próprio campo não era considerado impedido.

Essas modificações “soltaram” o jogo e favoreceram o talento. Mas não foram suficientes.

Com o passar do tempo, o jogo foi enfeando e os homens da *International Board*, vigilantes a este fato, começaram a dar tratos à bola.

Lembram-se, não é? De acordo com a primeira lei do impedimento, o ponto de partida do posicionamento tático de uma equipe era o 1 – 2 – 3 – 5. O goleiro, dois *backs*, três médios (*halves*) e cinco atacantes (*forwards*).

* Bumba meu boi é uma expressão utilizada no futebol, significando “chutar para onde o nariz aponta”, um jogo sem direção, relacionado à manifestação cultural do bumba-meu-boi, onde o boi dança sem direção. É a língua em movimento.

Mas, com o tempo, essa regra do impedimento e esse esquema tático com dois zagueiros ficaram obsoletos, pondo em risco inclusive a popularidade do futebol em sua terra natal – Inglaterra.

Por quê?

Seria fácil explicarmos, trocando algumas palavras, confeitando o bolo. Mas, preferimos passar, mais uma vez, a palavra a João Saldanha, em *Leis do Impedimento e História do Futebol*. Do ponto de vista técnico, talvez o mais importante artigo da imprensa futebolística brasileira. Pela sua objetividade e precisão na abordagem das questões táticas.

Sobre a superação do 1 – 2 – 3 – 5, torna-se fácil observarmos que os principais problemas eram a falsa malandragem e os entraves que impediam a prevalência do talento sobre a força bruta. Ambos tiravam o brilho do jogo.

E os grandes adversários do talento, beneficiários desta etapa histórica do regramento do futebol, que tinham grandes facilidades em campo sem precisar demonstrar qualidade técnica, eram os zagueiros.

Sim, de acordo com a lei, dois beques sabidos paravam todo o ataque adversário. Lógico, se a lei dizia que o atacante, para receber uma bola, necessitava ter pelo menos três adversários pela frente, bastava que um dos zagueiros se adiantasse, no momento do lançamento, para que todo o ataque fosse destruído. Foi assim que surgiu a antiga nomenclatura de “beque espera e beque avança”. O “avança” adiantava-se e liquidava todo o mundo. O ataque tentou defender-se desta artimanha e formava em linha porque a lei também dizia que se o atacante estivesse atrás da linha da bola não estava impedido. Foi por isto, inclusive, que os atacantes ficaram sendo chamados de jogadores da “linha”. Mas a artimanha dos beques levava a melhor e enfeiava o jogo. Dois becões, mesmo “grossos”, paravam com facilidade os mais hábeis atacantes. Isto era uma contrariedade ao que há de mais puro no futebol - e o que mais deve ser defendido: o talento.²²⁴

²²⁴ SALDANHA, João. Leis do Impedimento e História do Futebol. In MILLIET FILHO, Raul (org.). *Vida que Segue: João Saldanha e as Copas de 1966 e 1970*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. p. 267.

Thomaz Soares da Silva, o Zizinho, nascido em São Gonçalo, RJ, em 1921, conta em seu livro *Verdades e Mentiras no Futebol* uma de suas primeiras lembranças do mundo da bola.

Eu tinha apenas seis anos quando conheci a primeira formação defensiva para se jogar futebol. Com um beque de avança e um beque de espera.²²⁵

Dois anos depois da adoção da segunda lei do impedimento (1925), que acabara com a boa vida do beque espera e do beque avança, Mestre Ziza, ainda menino, nem sonhava com um sistema de jogo que, 10 ou 12 anos mais tarde, viria a proporcionar que o seu próprio talento fosse posto em prática.

A segunda lei do impedimento só foi de fato incorporada em terras brasileiras na década de 1940.

Mas, para que essas mudanças acontecessem, os homens da “Board” tiveram que conversar muito, em dezenas de rodadas de “malte”, fixando finalmente, em 1925, que “um jogador não é considerado impedido se tiver do meio campo para a frente, no mínimo, dois adversários”.

Muita coisa mudou desde então. Surgiu a necessidade de mais um zagueiro, além de vários outros desdobramentos decisivos para o desenvolvimento do futebol.

Dois só não bastavam. Aqueles dois espertalhões agora tinham também de saber jogar bola. Não bastava o artifício de um deles adiantar-se. Para deter o ataque era preciso que os três beques se adiantassem ao mesmo tempo, e deixassem apenas o goleiro diante do atacante que iria receber a bola, para colocá-lo em impedimento. Mas essa era uma manobra perigosíssima. Antes era feita por um só. Agora teria de ser feita por três, numa fração de segundos. Um que ficasse parado e tudo iria por água abaixo. Não deu certo a tática de colocar intencionalmente em impedimento o adversário e os responsáveis tiveram de pensar em outras manobras ou táticas de jogo. Tanto na defesa como no ataque. Um homem

²²⁵ SILVA, Thomaz Soares. *Verdades e mentiras no futebol*. Rio de Janeiro: Imprensa Oficial do Estado do Rio de Janeiro, 2001. p. 17.

chamado Chapman craniou o chamado WM como a melhor disposição e distribuição dos jogadores dentro da cancha.²²⁶

Em princípio, o WM formava as equipes com 1 – 3 – 2 – 2 – 3. Vejam bem, apenas em princípio. Se traçarmos uma linha entre os zagueiros e os médios, desenharemos um M. Repetindo os traços, descobriremos um W com os meias e os três atacantes.

O terceiro zagueiro do sistema de Chapman (WM) veio com o recuo do centromédio (*center-half*) para povoar o miolo da zaga, como “beque central”. Foi exatamente para exercer esta função de “cobertura” na defesa que Dori Kürschner quis recuar o grande craque Fausto, quando dirigiu o Flamengo de 1937 a 1939. Mas, este assunto envolve outras questões e será abordado um pouco adiante.

Do WM surgiram todos os sistemas e variantes táticas subsequentes: (4 – 2 – 4); (4 – 3 – 3); (4 – 4 – 2) etc.

Fica evidente que, sem a segunda lei do impedimento, nada disso teria acontecido. Engana-se quem acha que futebol é drible e malabarismo. É também. Outros pensam que futebol é chute forte na “gaveta”. É também.

Sem as tranças táticas, os rodízios de posições e o passe descobrindo o parceiro no espaço vazio, a festa não seria completa. E a arte dos grandes craques com visão de jogo ficaria travada por dois ou três “armários” de defesa. É bom precisar. Uma coisa é equilíbrio de bola, efeitos pirotécnicos com várias partes do pé e do corpo em geral, malabarismos, matada no peito, nuca etc. Mas, futebol não é só isso. É, em vários momentos, um jogo de xadrez em um grande tabuleiro com a forma de retângulo.

Vários jogadores, exímios controladores de bola, não foram em frente nas suas carreiras. O pessoal da “turma da firula” do Botafogo, história prometida para o quinto capítulo, é o exemplo mais claro disto.

Engana-se quem pensa que Garrincha foi apenas um grande malabarista da bola. Mané tinha uma grande visão de jogo e era capaz (como provou também na Copa de 1962) de jogar nas duas pontas, armar o jogo, cadenciar o ritmo de seu

²²⁶ SALDANHA, João. Leis do Impedimento e História do Futebol. In MILLIET FILHO, Raul (org.). *Vida que Segue*: João Saldanha e as Copas de 1966 e 1970. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. p. 267-268.

time quando necessário, além de chutar com precisão com os dois pés. Garrincha e Noel Rosa são apresentados como talentos unicamente do improviso, versão que, como afirmamos, serve mais ao mito do que à realidade dos fatos.

Flavio Costa, curiosamente, nunca vinculou essas inovações táticas, que têm como marco o WM de Chapman, à segunda lei do impedimento. Enganou-se o célebre “professor” (como fazia questão de ser chamado) quando indagado - "O senhor acredita que essa mudança tenha sido proveniente da segunda lei do impedimento?".

Não. Essa mudança era feita automaticamente por uma questão de sobrevivência de ataque e defesa; de tática. Como os dois beques jogavam um pela direita, outro pela esquerda, e os adversários contra esses eram cinco, a marcação se fazia diretamente em cima dos meias.

... De modo que as coisas iam se esclarecendo. Ao enfrentar o ataque em W, vindo da Inglaterra, através da autoria do treinador que se celebrizou na Inglaterra, por isso chamado Chapman, ele recuou o *center* para o stopper para se antepor no caminho do centroavante.²²⁷

O que o professor Flavio Costa não percebeu foi que o recuo de um *half* para a zaga ocorreu exatamente para evitar o envolvimento da defesa pelo ataque, que agora não podia mais adotar sistematicamente a tática do impedimento do "beque espera, beque avança".

Podemos supor, inclusive, que esta visão do WM possa ter interferido no desempenho da seleção brasileira na Copa de 1950, dirigida exatamente por Flavio Costa.

Décio de Almeida Prado percebeu, com notável inspiração, a importância nevrálgica do meio campo e dos seus grandes maestros na definição das partidas.

Os jogadores de alta técnica atuam de preferência no meio de campo. Fazendo a ligação entre defesa e ataque, recebem a bola usualmente de costas, giram em um sentido ou em outro, livrando-se

²²⁷ Entrevista inédita concedida por Flávio Costa ao Projeto Memória do esporte, em novembro de 1985.

às vezes da marcação já nesse giro de corpo, ou nessa série de giros, até ficarem relativamente livres e poderem organizar o assédio ao gol inimigo. A visão de jogo, a capacidade de enxergar o campo em sua totalidade são os seus requisitos essenciais. Além de lidar bem com a bola, eles têm de pensar por toda a equipe. Mas contam para isso com espaço e tempo.

... Aí, nesse meio de campo tão exaltado pelos cronistas brasileiros onde segundo eles se perde ou se ganha a partida, é que ocorrem os lances de maior efeito estilístico, os dribles elegantes, os chapéus (dribles na vertical, em essência), os passes sensacionais, de trinta ou quarenta metros, não faltando mesmo quem se compraza. – e compraza ao público – com o espetáculo do próprio virtuosismo.²²⁸

Pois bem, o núcleo central da narrativa de Almeida Prado simplesmente não existiria com a manutenção da primeira lei do impedimento, com aquele futebol da mais remota infância de Zizinho.

Apenas um pequeno exercício de abstração. Pelé com a bola. Cercado por dois adversários e Coutinho se posicionando à esquerda. Vem o passe e o camisa 10 do Santos se desloca para receber na frente ou ligeiramente ao lado. Na vigência da primeira lei do impedimento, bastaria o "beque avança" se antecipar para que a devolução de Coutinho flagrasse Pelé em impedimento.

Um outro lance, desta vez na partida final da Copa de 1970, Brasil x Itália. Gerson recebe de Everaldo e, calmamente, "penteia" a bola. Enxergando longe, lança Pelé na pequena área adversária. Este, com um pequeno toque de cabeça, encosta para Jair tocar para as redes, no terceiro gol do Brasil. Seria fácil colocar Pelé na banheira sem as modificações da segunda lei do impedimento.

O futebol seria outro. Alguma coisa de parecido como tirar o surdo das baterias dos blocos e escolas de samba. Instrumento de marcação, o surdo baliza o andamento de toda a bateria e é o ponto de apoio de seus diretores.

A primeira escola de samba, a Deixa Falar, teve um integrante importante: Bide. Um dos fundadores do bloco/escola do Estácio, ele foi o criador do surdo.

²²⁸ PRADO, Décio de Almeida. *Seres, coisas e lugares: do teatro ao futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 217.

Sentindo necessidade da marcação do tempo, encourou uma lata de manteiga, daquelas grandes, que eram vendidas em mercearias e padarias

Não é desprovido de fundamento afirmar que o surdo tem para a percussão no samba a mesma importância que a segunda lei do impedimento no futebol. Marcam o compasso e permitem a rapidez ou o cadenciamento das jogadas e evoluções de jogadores e sambistas.

Bide e os bambas do Estácio formaram um espécie de *International Board* do samba brasileiro. Ou terá sido o contrário?

4.2. 1925: O WM E O PROFISSIONALISMO

É claro que nem tudo é regra. Nas palavras de Bourdieu, a História dos esportes guarda autonomia no que diz respeito aos movimentos da infraestrutura econômica e da própria instância da política *stricto sensu*.

As modificações nas regras do jogo e os novos sistemas táticos praticamente impuseram novos padrões de treinamento aos jogadores.

Não procuramos com isso estabelecer uma relação de causa e efeito simplista entre a segunda lei do impedimento, o WM e a profissionalização do futebol. Seria incorrer em um determinismo às avessas.

Neste ponto, com o profissionalismo em foco, optamos por uma triangulação entre Eric Hobsbawm, Marcelo W. Proni e João Saldanha. Três luminares do mundo da bola, com inserções diferenciadas na História do futebol.

Em *A Invenção das Tradições*, Hobsbawm, remontando ao último quartel do século XIX, ressalta que se por um lado as características culturais do futebol no período ainda não foram objeto de estudos mais elucidativos, por outro os seus aspectos socioeconômicos têm um perfil “mais compreensível”.

A princípio desenvolvido como um esporte amador e modelador do caráter pelas classes médias da escola secundária particular, foi rapidamente (1885) proletarizado e, portanto, profissionalizado; o momento decisivo simbólico – reconhecido como um confronto de classes foi a derrota dos Old Etonians pelo Bolton Olympic na final do campeonato de 1883. Com a profissionalização, a maior parte das

figuras filantrópicas e moralizadoras da elite nacional afastou-se, deixando a administração dos clubes nas mãos de negociantes e outros dignitários locais, que sustentaram uma curiosa caricatura das relações entre classes do capitalismo industrial, como empregadores de uma força de trabalho predominantemente operária, atraída para a indústria pelos altos salários, pela oportunidade de ganhos extras antes da aposentadoria (partidas beneficentes), mas acima de tudo pela oportunidade de adquirir prestígio.²²⁹

Marcelo, por seu turno, assinala que: “embora tenha vicejado na Inglaterra e tenha sido inicialmente transplantado para países da Europa e para algumas cidades da América Latina, o futebol também acabou aportando, posteriormente, em regiões economicamente mais atrasadas e em cidades sem nenhuma indústria”.²³⁰

Percorrendo as trilhas de Thompson e Gramsci, Marcelo Proni refuta reducionismos econômicos na compreensão da adoção do futebol profissional em sociedades como a brasileira:

Certamente, não podemos explicar a difusão internacional do futebol profissional exclusivamente pelo grau de desenvolvimento econômico de um país ou pelo estágio de “civilidade” de sua população. Mas podemos constatar que, de modo geral, o regime profissional foi melhor aceito nas regiões onde a mercantilização da cultura já começara e os meios de comunicação de alcance popular (o jornal, o rádio, o cinema) ajudavam a disseminar os valores da “modernidade” – ainda que essa modernidade viesse de forma parcial, ou mesmo enviesada.²³¹

O autor de *A Metamorfose do Futebol* aumenta a potência de seus holofotes ao mencionar Hobsbawm em passagem de brilho singular que já utilizamos no primeiro capítulo, mas que nunca é demais repisar: “esse jogo simples e elegante (**o futebol**) abriu caminho no mundo inteiramente por seus méritos e, com o

²²⁹ HOBBSBAWM, Eric. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 297.

²³⁰ PRONI, Marcelo. *A Metamorfose do Futebol*. Campinas: Unicamp, 2000. p.38.

²³¹ Ibid., p. 38.

estabelecimento da Copa do Mundo em 1930 (conquistada pelo Uruguai), tornou-se genuinamente universal”.²³²

De Hobsbawm para Proni e deste para João Saldanha, em uma linha de passe de exímios autores.

O futebol abrindo caminho **por seus próprios méritos** em uma modernidade **enviesada**. Certamente estamos aportando em sociedades como a carioca e a paulista da década de 1920. Uma modernidade que é um misto de *Três apitos*, *Conversa de botequim* e *Não tem tradução*. (ver as letras no anexo deste capítulo).

Noel em *Três apitos* retrata o namoro de um boêmio com uma operária de uma fábrica de tecidos, ambos vivendo em “tempos” diferentes. Diz a letra: “Você que atende ao apito de uma chaminé de barro (sobre a operária) por que não atende ao grito tão aflito da buzina do meu carro”? E continuando “Sou do sereno, poeta muito soturno...”... “Mas você não sabe que enquanto você faz pano, faço junto do piano estes versos pra você”. A fábrica e a boemia convivendo na modernidade carioca. *Conversa de botequim* desenha um ponto de encontro de novo tipo, onde convivem os novos e velhos hábitos. No botequim estão presentes o futebol, o rádio e o samba. E em *Não tem tradução*, que é uma síntese perfeita da circularidade cultural, entra em cena, ainda que timidamente, a mania da exibição, do cinema falado e dos primórdios da massificação cultural.

Por seus próprios méritos e de forma enviesada. Assim o futebol atinge o patamar de esporte profissional no Brasil e em outros países.

O outro personagem da linha de passe é João Saldanha. Fazendo a ponte e valorizando, sem idealizações e naturalizações, o universo interior do futebol no advento do profissionalismo e de sua consolidação como cultura popular. Não somente no Brasil, mas alhures...

Afinal, não podemos perder de vista que o subtítulo deste item é: 1925 – WM e o profissionalismo, incluindo evidentemente a segunda lei do impedimento.

Sem rodeios, Saldanha completa a visão dos historiadores mencionados, comentando os desdobramentos da criação de Chapman e de tudo o mais que falamos. Sobre as variações de mais um jogador no meio campo, o recuo de um *half* para a zaga e a partida em velocidade dos meias para o ataque, afirmava:

²³² HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 197.

Aí já não foi mais a lei do impedimento que levou a modificações táticas. Quando o Perácio ou o Ademir vinham lá de trás, em alta velocidade, chegavam na zona do chute e formavam quatro atacantes com os que lá estavam. Como o WM só tinha três zagueiros, houve necessidade de recuar mais um, ficando assim quatro homens na retaguarda. Mas, por que jogadores, antes da época do Perácio e do Ademir, também não avançavam em alta velocidade, vindos do meio campo para ponta de lança? O que impedia isto? Do ponto de vista das leis do jogo, nada. Rigorosamente nada. Apenas um pequeno detalhe: se antes da época do Perácio e do Ademir alguém fizesse isto, cairia morto de cansaço. O Ademir e o Perácio cansavam, é certo. Mas muito menos. É que eles representam uma nova etapa do futebol: a do profissionalismo, onde o jogador não é apenas um futebolista na acepção da palavra, mas um futebolista e um atleta, formado em toda a extensão. A medicina foi se especializando e os métodos de ginástica se aprimorando. O que era feito em ritmo lento se transformou totalmente. O material esportivo é aprimorado todos os dias e tudo isto conduz a estudos que não podem ficar atrasados. Se participamos bisonhamente de competições em épocas antigas, foi atraso técnico.

Um exemplo? **Jogamos a Copa do Mundo de 1938 com dois zagueiros, quando a lei do impedimento já havia sido modificada há treze anos.**²³³

De certa forma, acreditamos ter ampliado o leque analítico sobre a profissionalização do futebol brasileiro e de sua democratização através destes três autores.

Hobsbawm grifa os méritos e a simplicidade do jogo e a especificidade da urbanização inglesa no final do dezenove. Marcelo Proni realça que não é possível absolutizar as causas econômicas para explicar novos modos de gestão do futebol. Saldanha, que nunca desconheceu as questões históricas, demonstra, assim como o Bide da “Deixa Falar”, que existe uma relação dialética para explicar o porquê do profissionalismo. Os meandros do futebol em sintonia com a vida e as relações

²³³ SALDANHA, João. Leis do Impedimento e História do Futebol. In MILLIET FILHO, Raul. *Vida que Segue*: João Saldanha e as Copas de 1966 e 1970. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. p. 268-269.

sociais. O localismo e o cosmopolitismo. O ano de 1925, o WM, o profissionalismo e as metamorfoses da modernidade.

. A nova etapa do futebol (profissionalismo), a que se refere João, permitiu e até mesmo alavancou sofisticações das táticas de jogo e aprimorou o desempenho dos atletas em campo. Mas, sem a inventiva dos dirigentes da *International Board*, nada disso teria vingado. Assim como, sem o novo ritmo do Estácio e a genialidade de Ismael Silva, Noel Rosa e Wilson Batista, a História do samba seria outra.

O descompasso entre as esferas da produção e os ritmos diferenciados dos movimentos sociais está contido no processo que descortinou a transição do amadorismo para o profissionalismo do futebol no Brasil e a consolidação do futebol como cultura popular no país. Uma sociedade recém-saída da escravidão preservava escaninhos nobiliárquicos de um modo de produção pré-capitalista. E a manutenção do amadorismo na prática esportiva, especificamente do futebol, apontava para este passado recente e seus valores do mundo do trabalho.

O que é interessante observar são as linhas cruzadas fazendo convergir o pano de fundo mais geral de uma sociedade onde o capitalismo avançava e as tradições no campo das ideias mudavam mais lentamente. No futebol o profissionalismo foi adotado em 1933, mas este processo começara no mínimo 15 anos antes e percorreu mais uns sete anos para se consolidar.

O que pretendemos pontuar é a correlação entre fatores endógenos e exógenos ao mundo do futebol no advento do profissionalismo no Brasil. Não há como negar o papel de mudanças nas regras do jogo e de novas imposições de treinamento. Por outro lado, invertendo o pólo da contradição, pode-se afirmar também que esta sociedade em mudança acelerada forjava em seu interior rupturas em manifestações esportivo–culturais como o futebol. Se o jogo estava ficando enfadonho e se o público afinado com a aceleração dos espetáculos da nova cultura assim exigia, as regras de vários jogos, inclusive o futebol, eram modificadas.

Por outro lado são inequívocos os laços entre a profissionalização do futebol no Brasil e o seu enraizamento na prática e no imaginário popular. Seria impossível pensar na ampliação do público assistente sem uma disseminação das peladas e dos jogos nas ruas e praças das cidades. Existe uma relação dialética entre esses dois fatores.

Foi o que afirmamos no primeiro capítulo. A simplicidade das regras do futebol é a razão principal para este esporte ter se transformado em arte e paixão popular.

Das classes populares para as elites; das elites para as classes populares. Dos campos de racha para os pátios de colégios, instituições militares e clubes fechados, destes novamente para as ruas. A circularidade cultural em foco: de maneira geral, a história do futebol assistiu a estes movimentos interclasses e transposições de muralhas culturais aparentemente inexpugnáveis.

Só um pequeno detalhe. No Brasil o primeiro movimento do futebol foi das elites para as classes populares e daí em diante...

A IMPRENSA NO DEBATE DO PROFISSIONALISMO NO FUTEBOL BRASILEIRO

Em 1914, realizava-se o que ficou conhecido como a primeira partida da seleção brasileira de futebol. O jogo foi contra o Exeter City, clube inglês profissional, que excursionava pelo Brasil. A imprensa deu grande cobertura ao fato, inclusive com fotos (Brasil 2 x 0).

O *Estado de São Paulo*, na edição de quarta-feira, (22 de julho de 1914), na seção Sport, na página 9, destacava aquele jogo histórico:

... Telegramas do Rio de Janeiro recebidos hontem à tarde nesta capital trazem a notícia da vitória alcançada pelo "scratch" nacional, organizado com elementos da Associação Paulista de Sports Athleticos sobre o *team* de profissionais ingleses, pertencentes ao Exeter City, que está naquela capital.

...É, pois, motivo de júbilo para os *sportmen* paulistas essa vitória dos nacionais sobre uma equipe de jogadores profissionais...

... É certo que os louros dessa vitória cabem em parte aos paulistas, cujo concurso foi justamente reconhecido pelo povo carioca...

O *Correio da Manhã*, no dia 23 de julho, publicava matéria com foto da equipe brasileira.

UM GRANDE ACONTECIMENTO SPORTIVO

A equipe nacional desenvolveu um jogo extraordinário...

...Sim, o povo vibrou intensamente com a heroicidade praticada pelos seus compatriotas.

E sobre a torcida presente completava:

...Senhoras, senhoritas misturavam-se expansiva e francamente com os rapazes, **roucos de tanto aclamar e elas também, deixando de parte aquela linha de orgulho e compostura que as separa de todos nós, punham-se a cantar a nossa vitória, cercando os jogadores brasileiros e fazendo-lhes significativas manifestações de apreço.**

Mas será apenas com a disputa do Sul-Americano de futebol, em 1919, no Rio de Janeiro, que ocorrerá a consolidação do futebol e dos esportes de maneira geral na imprensa. A decisão entre Brasil e Uruguai teve ampla cobertura. Esse acontecimento esportivo muda tudo por dois motivos: primeiro, porque se constrói o primeiro grande estádio, o do Fluminense, na Rua Álvaro Chaves, com capacidade em torno de 10 mil pessoas; e, segundo, pelo fato de o Brasil ter ganho por 1 x 0, dramaticamente, com o autor do gol, Friedenreich, alçado à posição de herói.

No Rio de Janeiro, o *Correio da Manhã*, de sexta-feira, 30 de maio de 1919, na página 3, noticiou a vitória:

O Campeonato Sul-Americano de 1919 termina com o magnífico triunfo dos brasileiros. A partida final constituiu espetáculo único na história do *football* americano. Afinal os brasileiros sobrepujaram os uruguayos pelo *score* de 1 goal a zero.

(...) O *football* brasileiro alcançou, na tarde de ontem, o maior triunfo de sua história – levantou o campeonato Sul-Americano de 1919...

O Estado de São Paulo por sua vez...

CAMPEONATO SUL-AMERICANO

Os brasileiros campeões da América do Sul.

Até que afinal, após uma luta empolgante, de que não há na memória da história esportiva do nosso paiz, quiçá mesmo do continente sul-americano, os brasileiros lograram vencer os seus principais antagonistas, os uruguayos campeões duas vezes e que se julgavam, mesmo em terra estranha, invencíveis e insuperáveis no *football*...

Mas a polêmica profissionalismo X amadorismo marcará o futebol nesta fase da imprensa e da vida.

Nos anos 20 ganha força a ideia da profissionalização dos jogadores de futebol. O assunto vira polêmica na imprensa. Os grandes jornais dividem-se. No Rio, o *Jornal do Brasil* e o *Correio da Manhã* ficam contra a profissionalização. O *Globo* e o *Jornal dos Sports*, a favor.

O *Jornal do Brasil* toma partido do amadorismo, tratando os profissionais com ironia e crítica. No dia 2 de maio de 1933, terça-feira, na seção Diário Esportivo, noticiava:

Realizaram-se ante-hontem mais dois jogos profissionais, um no Rio, América x São Paulo, e outro na Paulicéia, Palestra x Vasco da Gama.

Os que combatem a mercantilização do *football* apregoam que esses jogos iam terminar empatados porque é o que convém aos interesses das empresas que exploram o futebol.

Um empate sempre serve de pretexto para uma 'revanche' em jogos que a única coisa que se tem em mira é arrancar dinheiro do público, além de pagar menos aos 'artistas'.

Os comentários do *Jornal do Brasil* passam a ser diferentes. Ao analisar o comportamento de um juiz nos jogos de amadores, cita o nome, seu clube e sua atuação, aliás, "sempre boa". Ao se referir a uma partida de profissionais, é incisivo: "Serviu de juiz profissional, Sr. Loris Cordovil, que cometeu erros de toda sorte".

O *Jornal do Brasil* não dava tréguas na sua campanha. Comentando o jogo realizado no dia do trabalho (1º de maio de 1933) atacava: “Os profissionais do Bonsucesso e do Bangu trabalharam ontem”.

No dia 7 de maio, na página 18, voltava à ofensiva, publicando comentário sobre uma partida: “Campeonato de Profissionais de Football - serão realizados hoje os seguintes jogos entre remunerados...”

O *Correio da Manhã* não ficava atrás do *Jornal do Brasil* na campanha antiprofissionalismo. Em 3 de março de 1933, na página 8, defendia o amadorismo e desancava os profissionais. Dizia O *Correio*:

Football – Ainda a esmagadora vitória da causa do amadorismo. Reúne-se amanhã o Conselho de Fundadores.

A causa do amadorismo, defendida com ardor, energia e inteligência pelos clubes que permanecem fiéis à AMEA e aos seus princípios básicos, orgulhosos das glórias e tradições da grande entidade, está sabidamente vitoriosa em definitivo...

...A opinião pública, em sua quase absoluta unanimidade, manifestou desde o início da campanha a maior repulsa à mercantilização absurda e inoportuna do *football* carioca...

... Sabe-se que a ideia nasceu da falsa presunção de que, com o profissionalismo, os dois referidos *clubs* – o Vasco da Gama e o Fluminense – poderiam com maior facilidade conseguir os meios para enfrentar os compromissos financeiros que os assoberbam...

O *Globo* e o *Jornal dos Sports* respondiam à altura à polêmica. Dia 13 de fevereiro de 1933, dedicando duas de suas oito páginas, O *Globo* defendia a tese do profissionalismo publicando entrevista:

Fragoso é pelo profissionalismo.

O que nos disse o ex-*player* rubro-negro:

- Tudo está consumado. A Victoria do profissionalismo foi cousa de horas.

- E o que acha do novo regime?

- Optimo. Vamos para o regimento da seriedade. O jogador será empregado do *club* e forçosamente produzirá. Agora, não. O amador

joga o dia que quer, treina quando tem disposição e embora receba 'bicho' ninguém reclama.

- ...Até os próprios diretores tiram as suas vantagens, essa que é a verdade.

A PATERNIDADE DO WM NO BRASIL: GENTIL CARDOSO

Da mesma forma que são inúmeras as versões sobre a introdução do futebol no Brasil, sobre a primeira partida disputada (dia, hora e local), também as histórias em torno dos novos métodos de treinamento, da reestruturação tática advinda da introdução do WM, guardadas as devidas proporções, mudam de uma fonte primária para outra fonte primária. Em um jornal uma versão, em outro seu avesso. Quando analisamos as entrevistas dos pioneiros do futebol brasileiro, o panorama não é muito diferente, embora as versões não sejam tão conflitantes.

Depois de percorrer vários anos do noticiário esportivo, após horas e horas de audição/leitura de entrevistas, o afunilamento da pesquisa aponta para dois nomes de ponta, precursores com fé pública da modernização de nosso futebol e de sua transformação em arte popular: Gentil Cardoso e Dori Kürschner. Correndo ao fundo, vários outros nomes. Um deles, o de Togo Renan Soares, o Kanela.

Vamos por partes:

Gentil Cardoso, pernambucano de Recife, nascido em 05 de setembro de 1901, teve desde garoto seu destino vinculado ao futebol.

Reiteradas vezes, o talentoso treinador desabafou contra o preconceito social e racial no país. Dizia: “como sou preto e pobre, com cargo modesto na marinha, não levam a sério meus conhecimentos. Mas não desisto, esses ‘cartolas’ estão enganados a meu respeito”. Além de sua vocação imaginativa no campo da técnica e da tática, Gentil foi um grande frasista, o primeiro a cunhar o termo ‘cartola’ como referência irônica aos dirigentes dos grandes clubes esportivos.

Jogador de futebol do Sírio e Libanês e da Seleção da Marinha, atuava como centroavante. Foi o introdutor do “quadro negro” nas preleções para os jogadores, um atento observador que não perdia vaza.

Por dever de ofício, profissional de carreira da marinha, muitas vezes embarcado, rodou o mundo, aportando em vários países, dentre os quais a Inglaterra.

Em meados da década de 1920, servindo no “São Paulo”, navio de guerra da marinha brasileira, com apenas 25 anos de idade, passou longa temporada em Southampton, onde a embarcação ficaria quase um ano em estaleiros ingleses por conta de reparos inadiáveis. Gentil não tardou a frequentar assiduamente os jogos do time local que já participava da primeira divisão do campeonato inglês. Aproveitando as inúmeras folgas, viajava constantemente a Londres, onde tomou contato com as inovações de um certo Herbert Chapman, treinador do Arsenal. De volta ao Brasil, em sua memória e em seus vários cadernos de anotações, martelavam a movimentação do Arsenal em campo e um novo sistema tático que dava mais agilidade aos jogos: o WM.

Regressando de uma de suas viagens, em 1931, assumiu o comando do Bonsucesso, conquistando o terceiro lugar do campeonato e revelando jogadores como Gradim e Leônidas da Silva.

Naquele ano, Gentil esboçou o time do Bonsucesso com base no WM. Os treinamentos eram duros e cansativos, com estacas fincadas no chão para demonstrar o que desejava – o WM que trouxera de longe – e todos o obedeciam cegamente.²³⁴

Daquele time do Bonsucesso, dentre várias lembranças, ficou a de Gradim, grande jogador com passagem pela seleção brasileira, que por diversas vezes relembrou a passagem de Gentil como técnico:

Mesmo o pessoal do Bonsucesso, costuma explicar, precisou de três meses de trabalhosa convivência com o velho para entender e respeitar o que ele queria com aquelas estacas e aquele complicadíssimo WM vindo não se sabia de onde. Foram três meses de promessas e catequese.

Para Gradim, Gentil não era levado a sério porque era preto e soldado da Marinha, coisa absurda na época.

Em contrapartida, vingava-se não dando bola para os cartolas, apelido que ele criou para caracterizar os dirigentes brancos e

²³⁴ Matéria de Geraldo Romualdo da Silva, publicada no Jornal dos Sports, em 08/02/1963.

presunçosos dos clubes ricos. A soma de todas as diferenças afastou-o cada vez mais das Seleções carioca e brasileira.²³⁵

Flavio Costa, em diversas ocasiões, externou sua opinião sobre esta página da história do futebol brasileiro. Aidan Hamilton reforça esta linha citando o técnico da seleção brasileira de 1950:

Quando Kruschner veio para o Brasil (em 1937), o Gentil Cardoso falava muito sobre esse negócio do WM, mas nunca teve prestígio para aplicar nada... Quem procurou aplicar o futebol-sistema no Brasil foi o Kruschner.²³⁶

Como podemos notar, as paixões muitas vezes acendem alto as fogueiras das vaidades. É possível concluir, com tranquilidade, que Gentil Cardoso foi o primeiro treinador brasileiro a alçar voo no sentido de dar ao futebol nacional um padrão tático à altura do talento dos seus jogadores. E, de fato, mesmo que limitadamente, colocou em prática essas ideias sempre que pôde. Como em sua passagem pelo Bonsucesso. Não é destituído de propósito afirmarmos que Gentil ficou mais no plano da empiria e que Dori Kürschner levou a tática às últimas consequências, aplicando no Flamengo e no Botafogo todos os conhecimentos adquiridos em anos de estudo e prática no futebol europeu.

Para conhecermos as circunstâncias que envolveram a chegada de Kürschner ao Flamengo pelas mãos de seu presidente José Bastos Padilha, faz-se necessário voltar ao tema da transição do amadorismo para o profissionalismo no futebol brasileiro.

Nesta meia volta, uma crônica de Mario Filho em seu *Jornal dos Sports* (12/10/1945) inédita em livros, analisa com precisão o papel do Bonsucesso, de Gentil Cardoso para o futebol no Brasil.

²³⁵ Gradim é citado por Geraldo Romualdo da Silva em sua matéria publicada no *Jornal dos Sports*, em 08/02/1963.

²³⁶ HAMILTON, Aidan. *Um jogo inteiramente diferente*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001. p. 225.

“Peguei o Bonsucesso de 32. Naquele tempo os jornais abriam as manchetes para saudar o clube da Estrada do Norte como a atração do ano. O Bonsucesso chegou a ser um candidato real. Os grandes clubes, uns atrás dos outros caíam diante do time de Leônidas e de Gradim. Foi lá que Leônidas se revelou. O Bonsucesso dava jogadores para o scratch carioca. Para o scratch brasileiro que conquistou a “Copa Rio Branco” deu dois: Leônidas e Gradim. Lembro-me de um jogo em Campos Sales. O Bonsucesso enfrentava o campeão da cidade. Logo no princípio do jogo houve um incidente. Os torcedores do América não queriam deixar Leônidas jogar. Leônidas teria feito um gesto feio para as sociais do América. Daí a revolta dos torcedores atrás do goal da piscina.

O Bonsucesso de 32

O Bonsucesso retirou Leônidas de campo. Não para atender aos protestos do América ou por julgá-los justos. Apenas para que a partida prosseguisse e fosse até o fim. Havia ainda a lei das substituições. O Bonsucesso poderia substituir Leônidas, prosseguir o match com onze jogadores. Mas preferiu ficar com dez, lutar em inferioridade numérica. Foi a maior vitória do Bonsucesso. Com dez jogadores ele superou amplamente o América, derrotando por quatro a um. A saída de Leônidas realçou a vitória do Bonsucesso. **Foi aí que se teve a visão do valor da tática.** Porque foi o Bonsucesso o primeiro clube, no Brasil, que se utilizou de um padrão de jogo,. Cada jogador entrava em campo para executar uma missão. O ataque formava um dabliu perfeito. Gradim lá na frente, quase na mesma linha dos pontas, Leônidas e Prego recuados, fazendo o trabalho de ligação entre a defesa e a vanguarda.

O Dabliu e a defesa cerrada

Mesmo quando o Bonsucesso perdia, quem saía do campo recordando as fases do bom football lembrava-se mais dos jogadores da camisa azul. Foi o Bonsucesso com aquela campanha de 32 que me fez adepto da tática. Quando Kruschner chegou não precisou de trabalho para convencer-me. Não se parecia a tática de Gentil Cardoso com a de Kruschner. Um era a velha tática do dabliu, do romantismo, do futebol inglês, a outra era a tática da realidade, que colocava a vitória acima da exibição.

Bonsucesso, um Pioneiro.

O Bonsucesso foi sem dúvida alguma o precursor da tática no Brasil. Pelo menos não me lembro de outro clube que fizesse aqui experiência semelhante, que a levasse avante. E o Bonsucesso deu o passo a frente quando estava no apogeu a figura tão peculiar do football brasileiro, de dono do time. Leônidas e Gradim depois saíram do Bonsucesso.

... E Leônidas só voltaria a ser o Leônidas de 32, isto é, do Bonsucesso, quando acreditou novamente na tática. A tática não foi implantada pelo Bonsucesso. Mas o Bonsucesso foi o pioneiro no Brasil.”

Obs. Esta crônica de Mario Filho, assim como dezenas de outras do mesmo autor, tem como mérito maior o reconhecimento do pioneirismo do Bonsucesso e de Gentil Cardoso no futebol carioca. Um clube modesto e um técnico negro na linha de frente da modernização desta prática esportiva. Mario sempre esteve na vanguarda da defesa da democratização do esporte e do repúdio ao autoritarismo.

4.3. O PROFISSIONALISMO E O PAPEL DE MARIO FILHO

Os anos 30 veem o futebol percorrendo caminhos distintos, pavimentados na década anterior: a formalização do profissionalismo (1933); a presença cada vez mais forte do Estado na vida das associações futebolísticas e dos jogadores; e a expansão da cobertura de jornais, revistas e rádios (primeiras transmissões) dos jogos mais importantes.

Em 1926, o campeonato carioca é conquistado pelo São Cristóvão, time modesto, que incluía no seu elenco negros, mulatos e brancos pobres, além de atletas sem comprovação de renda, contrariando, em tese, os estatutos da entidade organizadora do futebol da Capital Federal, a Associação Metropolitana de Esportes Athleticos.

Dois anos antes, o Vasco da Gama tinha se sagrado bicampeão. Apenas um ano após ter participado da primeira divisão do Campeonato Carioca pela primeira vez.

Foi um escândalo quando o Vasco da Gama participou pela primeira vez do campeonato carioca, com um time de gente modesta, estranho às tradicionais famílias do Rio de Janeiro. Eram jovens moradores da zona norte, operários, comerciários e quase todos mulatos e negros...

...Revoltados pela conquista vascaína, os clubes importantes, por intermédio do presidente da entidade, AMEA, abriu inquérito para investigar a vida social dos jogadores do Vasco, e decidiram que o clube cruzmaltino teria que eliminar todos os seus jogadores, o que revoltou os seus dirigentes, e com essa medida o Vasco decidiu desfiliar-se da entidade, e promoveu uma campanha popular em defesa de seus jogadores. Com isso, os demais clubes modificaram a tática, divulgando que a saída do Vasco prendia-se apenas ao seu estádio, que não tinha condições para jogos, pois era acanhado e inexpressivo o campinho da rua Moraes e Silva. Então o Vasco passou a angariar fundos, com memoráveis campanhas, entre 1924

e 1926. O êxito foi tanto que, em dezembro de 1926, oito mil novos sócios tinham ingressado no clube.²³⁷

Os dirigentes dos clubes já tradicionais, Fluminense, Botafogo e Flamengo, presos a ideais do século anterior e, ao mesmo tempo, mirando a nova realidade da popularização do futebol, pretendiam se beneficiar dos novos rumos mantendo o *ethos* do amadorismo, adotando uma política ambígua nos bastidores e campos de jogos. Puniam e cooptavam o Vasco da Gama que, por seu turno, comportava-se nos limites da ordem. Limites que eram, na verdade, os componentes que povoavam a visão de mundo de seu quadro de associados.

Em 21 de abril de 1927, inaugura-se o estádio de São Januário com a presença do presidente Washington Luis.

Para entendermos melhor o fenômeno do time da Cruz de Malta e sua ascensão no cenário do futebol brasileiro, é necessário relembrar o fluxo imigratório. De 1890 a 1929, mais de 1/3 dos imigrantes aportados eram italianos (1.156.472), secundados por portugueses (1.036.66) e espanhóis (551.385). Nas décadas de 1910 e 1920, predominaram os portugueses (no Rio de Janeiro, principalmente; 316.481 e 301.915, respectivamente). Este fato explica, em parte, a popularidade do Vasco da Gama, clube que tomou esta direção após 1923.

Marcelo Weishaupt Proni analisa o processo que culmina com o profissionalismo no início da década de 1930, complementando a “triangulação anterior” com Eric Hobsbawm e João Saldanha:

...podemos entender a crise do modelo amador como decorrente de três tipos de determinantes: a) a transformação do futebol em espetáculo popular, concomitantemente com a progressiva inclusão de atletas pobres nos times, que cria uma brecha para o profissionalismo; b) o ambiente ideológico favorável a uma renovação da sociedade, que demanda direitos civis e sociais, e vai tornando o elitismo uma prática anacrônica; e c) a crise econômica e a transição política que marcaram o final dos anos 20 e o início dos 30, dificultando a sustentação financeira e manutenção do amadorismo. Considerando esse contexto, o modelo amador estava

²³⁷ CUNHA, Lóris Baena. *A verdadeira história do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Publicitária. p. 82-83.

com os dias contados e a adoção do regime profissional era uma questão de tempo...

... A crise do modelo de esporte amador já se delineara em vários países europeus na década anterior (seja pela situação esdrúxula vivida pelos jogadores que tinham no futebol uma forma de sobrevivência, seja pela emergência de métodos de treinamentos semiprofissionais). A adoção do profissionalismo na Áustria, Hungria, Espanha e Itália, entre 1924 e 1929, estimulou a FIFA a editar a primeira Copa do Mundo de Futebol, aberta à participação de profissionais, sancionando na prática a opção pelo novo regime contratual.²³⁸

Reafirmamos que outros fatores não podem passar ao largo da transição do amadorismo para o profissionalismo no futebol brasileiro, em particular o carioca. A crescente popularidade do futebol terminou por inviabilizar o treinamento nos moldes do amadorismo. Impunha-se, cada vez mais, um aperfeiçoamento dos atletas, para atender a uma torcida exigente. Por outro lado, passar de duas a quatro horas de treinos semanais para um regime de 12 a 15 horas de dedicação só seria possível com um sistema profissional implantado no futebol. Não mais se sustentava o profissionalismo informal ou o amadorismo marrom (adotado na década de 1920), que impedia uma mudança qualitativa dentro e fora do campo.

Sem o receio de bater mais uma vez nesta tecla, ratificamos que a segunda lei do impedimento, de 1925, trouxe um novo conteúdo de ordem tática que exigia uma dedicação maior de atletas e orientadores técnicos. Essa mudança na lei, que só chegou de fato ao Brasil na década de 1940, também atuou na corrente pró-adoção do profissionalismo.

Um exemplo das novas imposições endógenas no futebol está contido no relatório geral da República de 1922, retratando a preocupação em liberar a importação de material esportivo, o que seria impensável nos primeiros anos do século XX:

Art.29: Fica isento de direitos e demais taxas alfandegárias todo o material esportivo importado diretamente pelas sociedades atléticas de *football* e remo que estejam ligadas a ligas ou federações

²³⁸ PRONI, Marcelo. *A metamorfose do futebol*. Campinas: Unicamp, 2000. p. 111-112.

reconhecidas pela CBD com sede nesta capital, de acordo com a lista seguinte:

Football – borzeguins de couro, meias, calções, camisas, joelheiras, bonés, paletós, lenços, distintivos de metal ou de pano, bolas e respectivas câmaras de ar, cordões de couro, redes para sol e cercas de ferro e arame para isolar os campos.

Popularização do futebol (como já vimos, não apenas como espetáculo, mas principalmente como prática popular), imposições de ordem tática, entrada do negro nos campos de elite são fatores que, agregados a uma urbanização acelerada, impelem a sociedade carioca a adotar novas posturas, novos hábitos de convivência. A passagem do amadorismo para o profissionalismo é mais uma reacomodação no tecido das relações sociais, processo no qual ocorrem naturalmente avanços e recuos com a predominância do profissionalismo misto até o início de 1937.

Neste ponto, chegamos obrigatoriamente à figura de um importante narrador e intelectual orgânico do futebol brasileiro, o jornalista Mario Filho.

José Sergio Leite Lopes, em seu artigo *A vitória do futebol que incorporou a pelada*, confere ao verdadeiro criador do *Jornal dos Sports* o seu exato papel nesta época de transição do futebol no Brasil.

A crise do amadorismo, por todos os motivos expostos, põe em xeque o sistema híbrido da gorjeta aos jogadores, no qual o dinheiro oferecido para as despesas, embora suficiente para um regime não profissional, não supria as necessidades que o futebol já impunha. Mario Filho, em toda discussão entre os anos de 1928 e 1933, pró e contra o profissionalismo, teve papel decisivo para reverter e/ou aumentar o clamor dos estádios em favor dos jogadores talentosos que necessitavam treinar com maior dedicação e para tanto receber salário.

A decisão em 1933 de três dos grandes clubes do Rio de implantar o profissionalismo provoca uma cisão, os campeões dos anos recentes (Botafogo em 1930 e 1932, América em 1931) pregando a conservação do amadorismo e organizando uma liga à parte (em São Paulo uma divisão semelhante é criada de maneira homóloga). Foi no contexto da concorrência entre dois campeonatos

diferenciados, um do bloco de times profissionais, o outro do bloco dos amadores, enfraquecendo momentaneamente os dois blocos e o conjunto do futebol, que Mario pôde contribuir para transformar de maneira decisiva o público dos estádios em favor do novo profissionalismo.²³⁹

O Fluminense, liderando a campanha em prol da derrota do amadorismo, faz publicar, sempre que possível, notas e textos realçando a posição do clube a favor do verdadeiro componente ético do futebol.

Na verdade, em uma formação social ainda marcada pela antiética do trabalho, pela herança escravocrata, pela permanência de estruturas mentais coloniais nos porões do imaginário coletivo, que ainda associava fortemente a prática esportiva a trabalhos manuais, nada mais comum do que toda essa resistência à identificação de um atleta com relações de assalariamento.

O clube de Marcos Carneiro de Mendonça, Coelho Neto, Arnaldo Guinle e do próprio Oscar Cox supera contradições anteriores, de menos de duas décadas. A visão dos desportistas puros, de uma ótica aristocrático/católica do trabalho é redirecionada para a defesa da legalização do profissionalismo no futebol, expurgando o fato encoberto do amadorismo marrom que conspurcava o ideal maior do esporte.

Em 1932, um relatório do Fluminense dizia:

Já em convocação extraordinária, tivemos oportunidade de dar-vos conhecimento da campanha que levantamos em prol da regulamentação do profissionalismo no *football* nacional.

Já agora, podemos informar-vos do brilhante resultado dessa benemérita e moralizadora campanha, que, em boa hora, foi levantada pelo Fluminense apoiada pelos gloriosos e beneméritos clubes, Vasco da Gama, América e Bangu.

Nós, os verdadeiros amadores do esporte, procuramos com independência e superioridade de vista, moralizar o esporte, com a regulamentação do profissionalismo no *football*, evitando com isso os

²³⁹ LOPES, José Sergio Leite. *A vitória do futebol que incorporou a pelada*. Revista da USP, nº 22, 1994. p. 72.

profissionais do esporte, que hipocritamente exploram o amadorismo “marrom”.²⁴⁰

A militância de Mario Filho no jornalismo passava dos bastidores para a linha de frente dos campos de jogos com a mesma velocidade com que publicava seus artigos na imprensa carioca. O criador da expressão Fla x Flu entendeu, desde a primeira hora, que a defesa do profissionalismo ia além de uma simples pugna em prol do assalariamento dos jogadores, incorporando o individualismo e a profissionalização, não como uma forma de vulgarização/mercantilização do esporte mais popular do país, mas como uma afirmação definitiva desta vertente da cultura nacional.

O mesmo Mario Filho pioneiro na organização dos Jogos da Primavera e de torneios de pelada com enorme popularidade na orla e nos campos do subúrbio e da zona norte do Rio de Janeiro.

O fato de um jogador assinar um contrato, receber dinheiro do clube, viver do clube, como se dizia, não lhe diminuía a popularidade, não lhe tirava a consideração do torcedor, pelo contrário. O torcedor, dependendo do mesmo jeito do jogador, de uma defesa do quíper e uma rebatida do beque, de uma tirada do alfe, de um gol do atacante, preferia o profissional, o que ganhava para jogar.

Tanto preferia que não ia ver mais jogo de amador. A não ser como preliminar. O amador, com todo o chiquê, fora relegado para um segundo plano, virara jogador de preliminar, enchendo o tempo que faltava para começar o jogo principal.

Aos poucos o estádio ia se enchendo. Quanto mais enchia, pior para o amador. O amador correndo em campo, molhando a camisa, se matando, o torcedor nem prestando atenção. Querendo que aquilo acabasse depressa, logo de uma vez, não respeitando ninguém. Nem mesmo os ídolos de ontem. Outros jogadores tinham tomado o lugar deles.

Bastava abrir um jornal. Na página de esportes, ou melhor, nas páginas de esportes, porque uma página só não chegava, não apareciam mais clichês do arqueiro das mãos de seda, e sim do

²⁴⁰ Relatório do Fluminense Futebol Clube, 1932. p. 11.

Tatibitate, desajeitado, os braços de macaco, as mãos penduradas abaixo do joelho.

Culpa de quem? Do arqueiro das mãos de seda, de outros iguais a ele. Os melhores jogadores brancos jogando nas preliminares, os mulatos, os pretos aproveitando, ganhando fama e dinheiro.

Nada mais natural, portanto, que aquele ano de 33 fosse um ano glorioso para os mulatos e para os pretos. O Bangu, campeão da cidade com oito mulatos e pretos no time. Sem contar com os outros, com os outros pretos que ganhavam fama, aqui e fora daqui, como Domingos, como Petronilho.²⁴¹

Nas décadas de 1920 e 1930, o futebol passa a ser um instrumento de afirmação de uma concepção estética não hegemônica na sociedade brasileira. Qual seja, a estética das classes populares, dos negros etc. Através da estética do jogo de futebol popularizado, setores mais pobres da população têm condições de trazer a público o que é considerado menor pelo gosto das concepções dominantes de voga e de prosa eloquente.

Segundo Umberto Eco, em seus livros *História da beleza* e *História da feiúra*,²⁴² as classes “altas” sempre consideraram ridículos ou feios os gostos das classes “baixas”. Concepção dialeticamente mediada por uma conclusão de Santo Agostinho, que pode ser útil para o entendimento do papel por um lado ordenador do esporte e por outro questionador de uma ordem naturalizada.

Dizia Santo Agostinho que o feio contribui para a ordem. Pois, se fossem retiradas as meretrizes da cidade, as paixões desordenadas tomariam conta de tudo. Rabelais, em seu encantamento pela escatologia, aproximava-se deste fenômeno cultural pouco estudado que é a crítica severa do belo constituído, em contraponto com o feio aparentemente adormecido, mas que pulsa em todos os recantos dos festejos populares. Aliás, é importante frisar que Mikhail Bakhtin vê, a partir de Rabelais, uma beleza na feiúra.

²⁴¹ FILHO, Mario. *O Negro no Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964. p. 226-227.

²⁴² Livros de Umberto Eco, Rio de Janeiro: Record, 2005/2007.

DIONISÍACO E APOLÍNEO: O PONTO DE EQUILÍBRIO DO FUTEBOL BRASILEIRO

Gilberto Freyre, em seu livro *Modos de homem e modas de mulher*, com seu olhar e tempero de demiurgo do pensamento social brasileiro, lança luz na compreensão do papel de homens como Gentil Cardoso e, principalmente, Dori Kürschner na consolidação de nosso futebol.

Discorrendo sobre o tema “dionisíaco e apolíneo em modas”, Freyre vai mais longe, desenvolvendo uma interessante tipologia como possibilidade de caracterização de indivíduos e culturas, que pode ser útil para diversas investigações. Como esta que, neste momento, levamos a efeito no capítulo quarto desta tese.

O dionisíaco significando exuberância, liberdade e, até, licença de expressão em comportamentos, em artes, em modos de sorrir, de rezar, de andar, de dançar, de cantar, de amar.²⁴³

E sobre os apolíneos, diz o autor de *Sobrados e Mucambos*:

A expressão apolínea, significando dignidade, discrição, equilíbrio, em todas as formas de expressão humana ou cultural, deveria, para todas as formas de expressão humana ou cultural, deveria, para alguns censores, constituir o modelo ideal de pesar..²⁴⁴

O jeito romântico de ser, a estética do romantismo com fortes traços dionisíacos. As expressões clássicas, o clássico, enfim, mais apolíneo. E, no ponto que mais nos interessa, Gilberto Freyre visualiza em diversas situações os dois “feitos” (apolíneo e dionisíaco), apresentando-os mistos, imbricados, dialeticamente combinados (interpretação nossa) com tendências apolíneas mediadas por interferências dionisíacas e vice-versa.

Pode-se sugerir que os excessos, em modas, de pendores apolíneos – como foram os do trajo de mulher, junto com o do homem elegante, da Época Vitoriana – têm sucedido pendores

²⁴³ FREYRE, Gilberto. *Modos de homem e modas de mulher*. Rio de Janeiro: Record, 1997. p. 28.

²⁴⁴ Ibid., p. 28

dionisíacos, como o da – na época, um escândalo – “jupe culotte” aparecida na França. Mas também o contrário: corretivos apolíneos a considerados excessos dionisíacos..²⁴⁵

Nada mais representativo da fusão destes dois deuses gregos do que o período em que o futebol brasileiro promove a aproximação da síncopa e da cintura dos jogadores com os ensinamentos da moderna educação física e da tática de jogo europeia.

Apolo e Dionísio num encontro de Leônidas da Silva e Fausto com Dori Kürschner no Clube de Regatas do Flamengo. Por simples picardia, retomamos uma trilha através da qual percebemos que Noel Rosa não seria Noel sem ser um Dionísio com características fortes dos apolíneos. Da mesma forma, os craques a partir da década de 1930. Didi, por exemplo. Nada mais dionisíaco que a sua ginga de gafeira, conforme observou Nelson Rodrigues: “em uma simples ginga de Didi, há toda uma nostalgia de gafeiras eternas”. Mas, por outro lado, e os seus passes? Clássicos e secos, como a prosa de Graciliano Ramos e o corte de um terno de alfaiate italiano. Apolo puro. Armando Nogueira sempre disse: “Didi é o homem que passa”. A “folha seca”, um jeito que o grande meio campista encontrou de bater faltas, com a bola descaindo abruptamente, ziguezagueando no ar, deixando os goleiros com os olhos arregalados, observarem o gol inevitável, era uma simples jogada. Pois bem, em uma jogada, pitadas de Apolo e Dionísio. Dionísio no carinho e mansidão no trato com a “redonda” e nos risos provocados nos torcedores. Apolo nos treinos incansáveis para chegar a esta precisão e no ato de contraditar a geometria: na “folha seca”, não era a reta o caminho mais curto entre dois pontos. Era o bailado da bola no ar, com objetividade, segura, graça e malandragem.

4.4. O FUTEBOL E SEUS DEMIURGOS

Dissemos que o futebol protagonizou a terceira semana de arte moderna e que a consolidação deste esporte e paixão popular operou-se também como arte na virada da década de 1930 para a de 1940.

²⁴⁵ Ibid., p. 28.

Foram basicamente nesses dez anos que três autores alçaram voo através de suas principais obras – *Raízes do Brasil* (1936), *Formação do Brasil Contemporâneo* (1942) e *Casa Grande e Senzala* (1933) – para ocupar seus lugares de “demiurgos do Brasil”, expressão cunhada por Antonio Candido e retrabalhada com originalidade e brilho por Francisco de Oliveira.

De mais a mais, pode-se dizer que todos os autores posteriores à tríade, deles são, em alguma medida, discípulos, tendo desdobrado, acentuado e recortado de forma mais acabada algumas sugestões e pistas deixadas pelas três obras referidas. Certamente, todos concordarão, sem desdouro para autores importantes contemporâneos de Caio, Gilberto e Sergio, que os Três Grandes merecem o lugar que têm no panteão dos pensadores do Brasil.²⁴⁶

Chico de Oliveira, também ele um demiurgo, acrescenta:

Pensadores da década de 1930 – embora o livro de Caio só apareça em 1942 – nossos autores fizeram, nas ciências do homem, o mesmo movimento “modernista” que se dava no campo das artes plásticas e na literatura, e se operava na política com a Revolução de 30.²⁴⁷

DO SAMBA E DO FUTEBOL NASCEM NOVOS DEMIURGOS

Florestan Fernandes e Celso Furtado foram guindados por Chico de Oliveira e por praticamente toda a Academia ao mesmo patamar de Freyre, Caio Prado e Sergio Buarque.

Pois bem, seguindo as pistas desses mestres, principalmente de Chico, chegamos ao papel da Música Popular Brasileira que, conforme mencionamos, foi parceira fiel e de primeira hora do futebol nativo.

Desde há muito tempo, uma boa leva de historiadores já vêm realçando, na contracorrente, aquilo que José Lins do Rego sempre disse: “o conhecimento do

²⁴⁶ OLIVEIRA, Francisco. Diálogo na grande tradição. In NOVAES, Adauto (Org.). *A crise do Estado Nação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. p. 446.

²⁴⁷ Ibid., p. 447.

Brasil passa pelo futebol”. Este doutorando tem batido na tecla da terceira semana de arte moderna, como uma espécie de hipérbole contra o descaso sobre o assunto.

No que diz respeito à MPB, o panorama dentro da intelectualidade mudou mais cedo. Em artigo lapidar, o sociólogo militante, autor de *Crítica à razão dualista*, grifou com a sua inspiração costumeira:

...E Luiz Werneck Vianna, Werneckão, meu irmão de guerra, deu-me a primeira pista: a música popular e seus músicos são, também, demiurgos do mesmo quilate que um Gilberto Freyre, um Sergio Buarque, um Celso Furtado, um Darcy Ribeiro, para incluir todas as genealogias, pernambucanas, paulistas, paraibanas, mineiras e adotivas carioca-fluminenses e as não citadas também. Eles também criaram o Brasil.²⁴⁸

E vários expoentes da nossa música foram sendo desafiados por Chico de Oliveira, de Luiz Gonzaga a Gil e Capinam, passando por Capiba e Caymmi.

Também decantando a República, Luiz Werneck Vianna nos diz sobre Os “*Simples*” e as *Classes Cultas na MPB*, realçando dentre outros pontos o papel de Noel Rosa e sua intervenção reflexiva, transitando entre o bairro, a cidade e a nação.

Assim, se a ciência, as artes cultas e a intelectualidade em geral se viam obrigadas a gravitar em torno do Estado, que se impunha como mais moderno que a sua sociedade, a operação hegemônica iniciada por Noel – não importa, é claro, o grau da sua intencionalidade - faz da música popular um lugar não só de autonomia, mas também de expressão da livre opinião e de encontro dos intelectuais com o povo, isto é, dos compositores que pensam a sua experiência com a cidade.²⁴⁹

²⁴⁸ Nordeste: a invenção pela música. In CAVALCANTE, Berenice; STARLING, Heloisa; EISENBERG, José (Orgs.). *Decantando a República*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004. p. 125.

²⁴⁹ VIANNA, Luiz Werneck. Os “simples” e as classes cultas na MPB. In CAVALCANTE, Berenice; STARLING, Heloisa; EISENBERG, José (Orgs.). *Decantando a República*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004. p. 74.

Werneck Vianna vai mais longe apontando:

De outra parte, se é com Noel que a arte do *simples* se faz objeto de uma intervenção reflexiva e abandona a cultura do gueto, e que sempre esteve sujeito à ameaça de folclorização, dando início, graças ao rádio, a um processo estético com orientação hegemônica, aplicado à conquista do espaço da cidade e das classes cultas, outras vigorosas expressões da música popular, como Luiz Gonzaga, Dorival Caymmi, Pixinguinha, Ari Barroso, entre tantos outros, em razão da qualidade intrínseca da sua produção, não só concedem um caráter nacional à expressão dos seus temas – o sertão, a vida popular da Bahia, as comunidades afro-brasileiras cariocas –, como criam um novo vocabulário musical e estimulam a sensibilidade do brasileiro para a compreensão do seu mundo.²⁵⁰

De fato, os nomes mencionados são demiurgos do mesmo quilate dos três pensadores aludidos por Antonio Candido. E impõe-se aqui lembrar que os meios de comunicação – naquela época, jornais, revistas e rádio – constituem-se em terrenos possíveis de luta política, como integrantes centrais da sociedade civil, abrindo caminho para novas modalidades da “guerra de posição” (Gramsci), como assinalou Walter Benjamin em *Obra de arte na época de sua reprodutibilidade técnica*.

Referências similares àquelas semeadas por Gilberto Freyre, Sergio Buarque e Caio Prado Junior podem ser encontradas nos caminhos pavimentados por Noel Rosa, Cartola, Ari Barroso e outros, abrindo, como vimos, um canal direto de circularidade cultural entre os “simples” e as classes cultas.

E OS DEMIURGOS DO FUTEBOL?

Todo esse percurso pelos meandros da música popular urbana, por Noel e a turma do Estácio, nos possibilita, com uma inexplicável cerimônia, afirmar que se os expoentes da MPB são tão demiurgos (do mesmo quilate) quanto Gilberto Freyre, Sergio Buarque e outros, podemos retomar uma conclusão que tivemos a

²⁵⁰ Ibid. p.75

possibilidade de esposar em 2002:²⁵¹ o futebol brasileiro cria um “novo repertório estético”, estimulando a linguagem oral e escrita a despirem-se de seus formalismos parnasianos; além de, ao lado da MPB, representar um dos pilares da autoestima brasileira na construção do imaginário de seu Estado-Nação.

Daí a ideia da terceira semana de arte moderna, como sinalizador da importância do futebol na ocidentalização da sociedade civil brasileira.

Retomando Luiz Werneck Vianna, por analogia, concluímos que, da mesma forma que os bambas da MPB “criam um novo vocabulário musical e estimulam a sensibilidade do brasileiro para a compreensão do seu mundo”, o futebol desempenha o mesmo papel de coesão através de sua narrativa.

Vamos um pouco além, afirmando que o futebol solda um elo em cadeia mais vigoroso do que qualquer gênero de nossa música popular tomado isoladamente. Vejam bem, tomado isoladamente. Traduzindo: a escola brasileira de futebol construiu uma representatividade na cultura nacional, do Chuí ao Oiapoque, mais vigorosa do que qualquer outra manifestação de nossa cultura, popular ou erudita.

E os “demiurgos” do futebol são representados em primeiro plano pelos seus artistas da bola, Marcos de Mendonça, Friedenreich, Leônidas, Fausto, Garrincha, Pelé e Didi, além de jornalistas (Mario Filho, Nelson Rodrigues e João Saldanha), dirigentes e técnicos como Gentil Cardoso, Dori Kürschner, Feola, Lula, Tim, Zagallo etc.

Voltando ao que dissemos anteriormente, os aparelhos privados de hegemonia não demandam sede, endereço, cnpj, razão social constituída. Um grupo de pelada de rua, clubes de bairro *sediados* em logradouros públicos, grupos informais de arte popular estão neste mesmo campo ao qual Gramsci aludiu, irrigando com novas ideias a sociedade civil. Novas ideias, novos padrões estéticos repercutem novos valores que interagem diretamente na guerra de posição político-cultural.

Para não incorreremos em um idealismo naturalizante e romântico, é imperativo assinalar os limites do papel da guerra de posição. Pois, na esteira de Gramsci, entendemos que existe uma clara relação entre poder de classe e Estado (sociedade política + sociedade civil). E, embora os aparelhos privados de hegemonia nos embates culturais (neste caso, clubes e imprensa) não sejam

²⁵¹ MILLIET FILHO, Raul. *Primeiro tempo do futebol no Rio de Janeiro*. Dissertação de Mestrado. História Política. UERJ. 2002.

circunscritos mecanicamente ao domínio de classe, apresentando-se como espaços vivos da luta política, da guerra de posição, têm vínculos relativamente estreitos com os mecanismos da lógica de reprodução do capital, e não são instituições autônomas acima da arena da luta de classes.

No caso específico do possível papel contra-hegemônico do futebol brasileiro, ilustramos as limitações deste movimento com uma passagem dos *Cadernos do cárcere*:

Como se pode descrever o fetichismo. Um organismo coletivo é constituído de indivíduos, os quais formam o organismo na medida em que se deram, e aceitam ativamente, uma hierarquia e uma direção determinada. Se cada um dos componentes pensa o organismo coletivo como uma entidade estranha a si mesmo, é evidente que este organismo não existe mais de fato, mas se transforma num fantasma do intelecto, num fetiche.²⁵²

A relação de um praticante ou torcedor com um clube de massa, de esquina ou um simples grupo de pelada caminha *pari passu* com seu sentimento de pertencimento e compreensão do lugar que ocupa nesse organismo específico. Como diz Gramsci, no momento em que um organismo ao qual estamos filiados passa a ser estranho para nós, sentimo-nos um corpo estranho dentro dele, estamos diante de um navio fantasma, de um fetiche.

O futebol, com suas regras simples, com seu saber artesanal em diálogo com múltiplas culturas corporais populares, tem nas primeiras cinco décadas do século XX da sociedade carioca uma relação de identidade de transparência afetiva com seus aficionados. O praticante e/ou torcedor é apaixonado, comentarista, parceiro, tendo ao alcance de suas mãos as chaves dos segredos desse esporte. Dos grandes clubes aos grupos de esquina, é possível visualizar uma realimentação recíproca. Com o processo de espetacularização da sociedade,²⁵³ as nuvens abaixam e a identidade anterior vai se distanciando.

Na sociedade do espetáculo, apogeu do neoliberalismo, o valor de uso aparece como a visão de um espelho retrovisor embaçado em dia de chuva e

²⁵² GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p.332.

²⁵³ DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

neblina densa, e o futebol, ameaçado de perder sua característica de contrafetiche, de arte popular, passa a correr o risco de entrar na vala negra do coração cultural das cidades *shopping centers*.

Mas, este é um processo lento, repleto de idas e vindas, como tudo na vida, num vir a ser permanente.

O INTELLECTUAL ORGÂNICO E O NARRADOR BENJAMINIANO

Dentro da opção inicial desta tese, neste momento do capítulo IV, julgamos necessário associar a noção de “intelectual orgânico” em Gramsci à de “narrador” em Walter Benjamin. Ousamos arriscar um caminho pedregoso afirmando que um intelectual só é de fato orgânico com traços dos atributos do narrador benjaminiano. É evidente que entendemos os conceitos na História e na Filosofia não como vestimentas às quais os homens devem se moldar. São apenas pistas, retalhos através dos quais se chega mesmo que parcialmente a um caminho seguro e a uma colcha confortável.

Sobre o intelectual, diz Gramsci:

O modo de ser do novo intelectual não pode mais consistir na eloquência, motor exterior e momentâneo dos afetos e das paixões, mas numa inserção ativa na vida prática, como construtor, organizador, “persuasor permanente”, já que não apenas orador puro – mas superior ao espírito matemático abstrato; da técnica-trabalho, chega à técnica-ciência e à concepção humanista histórica, sem a qual permanece “especialista” e não se torna “dirigente” (especialista+político).²⁵⁴

Segundo Benjamin, o narrador deveria estar sempre imerso no submundo da prática e das ideias, atuando também como um ativista na vida. Para o filósofo alemão, a matéria-prima da narrativa e sua possibilidade de narração residem na experiência. O diálogo, a conversa do narrador com seus ouvintes, tem como principal resultado a troca de experiências. Os conselhos do narrador derivam de

²⁵⁴ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Vol.2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p-53.

seu aprofundamento no objeto de sua narrativa e no compartilhar das vivências de seus ouvintes, que momentos depois podem passar à condição de narradores, numa dança das cadeiras de narrativas e linguagens.

Assim, tanto o intelectual orgânico quanto o narrador não detêm o domínio de uma linguagem única. Este é o principal segredo de ambos e, de certa forma, vários personagens do futebol brasileiro são, dentro do círculo restrito de seu conhecimento, herdeiros da linhagem do que dentro de uma visão mais aberta Antonio Gramsci denominou como intelectuais orgânicos e Walter Benjamin, como narradores, pessoas que possuem a faculdade de intercambiar experiências.

De que forma um húngaro, que não sabia português, desembarcado sem sobreaviso no clube mais popular do país, com a tarefa inglória de modernizar um futebol de grandes talentos, poderia ter esses traços a que se referiram Gramsci e Benjamin?

Estamos falando evidentemente de Izidor Kürschner, o Dori. Izidor não era propriamente um exemplo clássico daquilo a que os pensadores italiano e alemão se referiram. Este é apenas um esforço de exercício interpretativo, como convém, aliás, assim pensamos, às teses e às academias.

4.5. Dori Kürschner fazendo História: a incorporação do WM

Izidor (Dori) Kürschner e sua trajetória no futebol carioca, mais precisamente no Flamengo e Botafogo. Vamos ver de perto esta história.

Izidor (Dori) Kürschner, Krueschner, Kruschner ou Kuerchner. Qual seria o sobrenome correto deste personagem? Mario Filho e o *Jornal dos Sports* alternavam. Ora grafavam Kruschner; em outros momentos, Krueschner; mais adiante, Kuerchner.

No *site* do Flamengo está escrito Krueschner. Encantados com a história deste húngaro (ou tcheco, como afirmava o presidente do Flamengo, José Bastos Padilha), consultamos a embaixada da Hungria no Brasil e os arquivos da *International Federation of Football History & Statistics*. Pois bem, segundo estas fontes, a maneira correta é Kürschner. É com esta última versão que ficaremos.

OS TÉCNICOS NO FUTEBOL DO RIO DE JANEIRO

A partir de 1919, com a vitória do Brasil no Sul-americano realizado no estádio do Fluminense, começou a brotar a ideia da contratação de especialistas em treinamento para os principais clubes de futebol. Conforme já afirmamos, o Fluminense foi precursor (ver entrevista de Marcos Carneiro), trazendo Fred Brown para melhorar o condicionamento físico do time.

Em 1923, o Vasco efetivou a contratação do uruguaio Ramón Platero, por quem o time de São Januário pagou uma quantia expressiva para dirigir seus atletas. Com trabalho bem estruturado e jogadores de qualidade, o Vasco sagrou-se bicampeão em 1924.

Ramón Platero (ex-boxeador de Montevideu) abriu caminho para outros profissionais estrangeiros. Carlo Carlomagno ingressou no Fluminense em 1935, fazendo história como treinador, com experiência adquirida no Uruguai.

Harry Welfare, com passagens pelo Fluminense e Vasco, foi outro exemplo de um trabalho de longo prazo realizado por um treinador não brasileiro em clubes cariocas.

Em 1933, ano da adoção do profissionalismo, assumiu a presidência do Flamengo José Bastos Padilha. Com perfil empreendedor, Padilha estudara cinco anos na Alemanha, onde tivera oportunidade de travar contato com o futebol no continente europeu. Ao assumir a presidência do clube, anunciou imediatamente que não haveria mais nenhum veto a jogadores negros no Flamengo. As reações não tardaram e José Bastos Padilha respondeu com atitudes corajosas, contratando três craques negros do futebol brasileiro: o zagueiro Domingos da Guia, o centromédio Fausto dos Santos (a Maravilha Negra) e Leônidas da Silva, o Diamante Negro. Mas os seus projetos como gestor não se restringiam à contratação de craques para o time. Havia mais a ser realizado.

AS CONVERSAS ENTRE PADILHA E O JOGADOR ENGEL

Fritz Engel chegou ao Brasil no final de 1935. Com 25 anos de idade, campeão de futebol pelo time suíço do Grasshoppers (Zurique), era técnico em máquinas de escrever e em caixas registradoras, tendo firmado contrato com uma firma alemã para dirigir a sua seção no Rio de Janeiro.

Engel não se conformou em limitar suas atividades profissionais, candidatando-se a jogar no futebol local, tentando a sorte no Vasco da Gama e no Fluminense. Não deu certo. No Vasco, Harry Welfare não gostou do seu estilo de jogo. No Fluminense, o treinador uruguaio Cabelli não deu a Engel mais do que 15 minutos para mostrar as suas qualidades. Persistente, Engel investiu no Flamengo e, por iniciativa do próprio presidente do clube, Bastos Padilha, teve uma chance, firmando-se como titular.

Em depoimento ao *Jornal dos Sports*, Engel contou como era organizado o Flamengo na época, realizando uma espécie de raio X do futebol brasileiro:

Nem te conto o que era aquilo. Quando vi o Flamengo de perto, fiquei estarelecido. Lá tudo se fazia sem nenhum método. Não havia preparação física dirigida, não havia assistência médica, não havia concentração – era o caos. Basta dizer que os treinos de conjunto só se realizavam uma vez por semana, às quintas-feiras, geralmente na parte da tarde. Ali pelas três horas, Flávio Costa juntava os 22 jogadores em campo, distribuía as camisas, e se alguém deixava de comparecer, ele completava o bolo, entrando em qualquer posição, menos no gol. Corriam-se então dois tempos de 45 minutos, igual a uma partida normal, e quando não havia mais o que fazer, Flávio marcava o dia da apresentação no clube, normalmente aos domingos, na hipótese de haver jogo. Caso não houvesse, ficaria tudo para a outra quinta-feira. Nesses tempos de heroísmo e boêmia, treino substituíra jogo e jogo substituíra treino. Na mesma proporção.²⁵⁵

Consciente da desorganização técnica e tática que ainda imperava no Flamengo, Padilha chamou Engel, perguntando de pronto qual seria o melhor

²⁵⁵ Depoimento de Engel a Geraldo Romualdo da Silva / *Jornal dos Sports*, em 13/09/1974.

treinador da Europa capaz de mudar o futebol da Gávea. Engel, inicialmente, entregou uma lista com três nomes: o inglês Jimmy Hoogan, o suíço Robert Pache e Dori Kürschner, da Hungria.

Depois de várias conversas em torno do mesmo assunto, Engel acelerou: “Kürschner, eu conheço bem, porque trabalhamos juntos no Grasshoppers, time da Suíça”.

Segundo Geraldo Romualdo da Silva (*Jornal dos Sports*, em 12/09/1974), insatisfeito, Padilha foi apertando o seu pupilo contra a parede, indagando taxativamente:

Diga-me diretamente isto: você considera o jogador brasileiro um grande jogador realmente ou simplesmente um grande malabarista? Incapaz de adaptar-se a normas severas de disciplina, qualquer que ela seja, técnica, tática, de comportamento, o que quer que seja?

Engel respondeu aquilo que Padilha, de fato, queria ouvir:

O jogador brasileiro, senhor presidente, sempre foi considerado na Europa como o melhor do mundo, em malabarismo. Mas é, em contrapartida, um jogador falho por causa da precária preparação física, falta de assistência técnica e ausência total de controle médico.

Estava dada a senha para o início dos contatos com Dori Kürschner. Em suas ponderações com o presidente do Flamengo, Engel externou que a contratação de Kürschner não deveria ter como consequência o afastamento de Flávio Costa, ponderando que Flávio poderia aprender muito com Izidor (Dori). José Bastos Padilha concordou com Engel, afirmando ter interesse na parceria de Flávio Costa e Dori Kürschner, concluindo que esta convivência seria altamente benéfica para o treinador brasileiro.

Duas cartas foram enviadas para Kürschner. Na segunda, Engel foi objetivo com seu ex-treinador:

O que lhe posso adiantar é que este é um país maravilhoso, de futebol igualmente maravilhoso, mas desorganizado. Se a proposta for aceita, o senhor deve vir preparado para assumir uma grande

responsabilidade perante o Flamengo, um clube apaixonante, de torcedores que às vezes se tornam exaltados. A convivência com o futebol brasileiro me leva a deduzir que seu material humano é riquíssimo, superior até ao europeu. Falta-lhe disciplina. A técnica individual é perfeita, nascente em qualquer pé que bate numa bola. A tática, entretanto, primitiva. Também não existe assistência médica e a alimentação deixa muito a desejar. Espero que o senhor compreenda bem isto tudo, antes de assumir a decisão de viajar.²⁵⁶

Izidor Kürschner chegou ao Brasil em 16/03/1937. Não falava português e pairavam dúvidas quanto à sua nacionalidade – húngara, tcheca, austríaca ou alemã. Mas o que se sabia era o que interessava de fato: jogara futebol em Praga, Budapeste e Berlim, tendo firmado um bom nome técnico na Alemanha e na Suíça, ampliando seus conhecimentos com contatos com o lendário Herbert Chapman.

Para receber o técnico, o Flamengo recrutou inúmeras autoridades do esporte carioca. Logo nos primeiros degraus da escada, Dori causou surpresa, descendo com uma máquina de filmar em punho, afirmando logo após, aos que o consideraram excêntrico, que conhecer os movimentos das pessoas e principalmente dos seus jogadores fazia parte do seu trabalho.

Contente com a calorosa recepção, afirmou aos jornalistas presentes:

Conheço o estilo dos jogadores brasileiros e sul-americanos. Vou mais longe: direi mesmo que não são desconhecidas as peculiaridades que caracterizam sua forma de atuar. Ao técnico cabe fazer o estudo comparado dos vários estilos do futebol. Do contrário, não se pode chamar propriamente um técnico.

Na América do Sul vimos, sobretudo, um futebol brilhante e emocional. Por isso, é sempre imprevisto.²⁵⁷

Na mesma entrevista, surpreendeu a todos estabelecendo os pré-requisitos para o seu trabalho no Flamengo, não demonstrando preocupação com bolas, roupas, campo de treinamento e tabela do campeonato. Em declaração que

²⁵⁶ Jornal dos Sports, 12/09/1974.

²⁵⁷ Jornal dos Sports, 16/03/1937.

marcaria sua trajetória no futebol brasileiro, de forma sucinta, mas sem papas na língua, disse:

Antes de iniciar o trabalho de direção, no Flamengo, estudarei as condições físicas e técnicas de cada jogador. Exigirei de cada um, segundo as suas possibilidades. Meu trabalho, em grande parte, terá de ser orientado pela palavra do médico. Este é o amigo certo de um clube. Verdadeiramente é quem vai me apontar o caminho a seguir. O poder de resistência de cada jogador deve ser objeto de um cálculo científico. Com esta máquina filmarei os movimentos de todos os jogadores submetidos à minha orientação. Depois de reunir todos esses elementos é que terei uma base segura para realizar o trabalho do time considerado em conjunto.²⁵⁸

KÜRSCHNER NA GÁVEA

Em seu primeiro dia no Flamengo, Dori começou a colocar em prática o que havia declarado no cais do porto. “Quero conhecer as condições físicas dos jogadores”, indagando sobre o trabalho do departamento médico e do controle da saúde dos atletas. A resposta foi decepcionante. Não existia departamento médico. Os jogadores não eram submetidos a exames periódicos.

O técnico recém-chegado falava alemão, húngaro, conhecia o inglês e o francês, mas desconhecia por completo a língua portuguesa. O presidente José Bastos Padilha, embora falasse fluentemente o alemão, optou por designar um intérprete oficial para Kürschner, evitando qualquer tipo de constrangimento ao trabalho do novo treinador. O escolhido foi Koeller, técnico de remo, alemão que prontamente aceitou o encargo.

Dori solicitou a presença de Koeller para dirimir suas dúvidas. As respostas foram decepcionantes para ele. O intérprete confirmou que não era costume a existência de um serviço médico nos clubes brasileiros, excetuando o Fluminense, que dispunha de uma pequena estrutura de atendimento.

A reação de Kürschner foi imediata, solicitando a José Bastos Padilha toda uma gama de exames médicos dos jogadores. De radiografias a exames de urina.

²⁵⁸ Jornal dos Sports, 16/03/1937.

Nem dois dias depois, o raio X de Fausto, ídolo da equipe e do futebol nacional, causou espanto. O jogador estava com uma tuberculose bastante adiantada, impossibilitado de praticar qualquer tipo de esporte, sob pena de agravar seu quadro e passar mal em campo.

O impacto que a revelação produziu provocou o primeiro alarme na Gávea.

- Esse gringo não passa de um louco, um racista vulgar. Onde já se viu descobrir tuberculose em jogador como Fausto, que corre os 90 minutos sem parar, o melhor que existe! Não, não pode ser verdade.

No Café Rio Branco, onde a elite da torcida do Flamengo discutia apaixonadamente os problemas do clube, a reação foi explosiva.

- Quem pode garantir que esse gringo tem competência para decidir sobre assuntos de tamanha gravidade?²⁵⁹

Nesta fase da vida na Capital Federal, os cafés e os botequins ocupavam um lugar de destaque no dia a dia da cidade. Café, botequim, rua e casa. Noel Rosa e Luis Edmundo souberam retratar a importância desses redutos com suas penas e caixas de fósforo.

Neste período certos cafés são identificados por seu público.

O Rio Branco, na Rua São José, é o café de jogadores, dirigentes e entusiastas do futebol. Artistas plásticos frequentam o Gaúcho, na mesma rua. Já o Belas Artes, no prédio do Liceu de Artes e Ofícios, na Avenida Rio Branco, esquina com a Almirante Barroso, é lugar de *bookmakers* e todo tipo de gente ligada ao turfe. No mesmo quarteirão, em direção à Rua Bittencourt da Silva, fica o Café Nice. Onde se reúnem cantores e compositores populares.²⁶⁰

No Café Nice eram presenças assíduas: Leonidas da Silva e principalmente Fausto, a quem Noel Rosa se referiu com ironia e simpatia.

²⁵⁹ Jornal dos Sports, 08/08/1981.

²⁶⁰ DIDIER, Carlos. *Orestes Barbosa. Reporter, cronista e poeta*. Rio de Janeiro: Agir, 2005. p.318.

Depois de uma enquete promovida pelo Jornal dirigido por Affonso Arinos de Melo Franco, a Folha de Minas, sobre quais seriam os melhores jogadores de futebol (1933) do Brasil, os brancos ou os pretos, Noel votou em seu craque favorito, Fausto dos Santos, tão boêmio e rebelde quanto o compositor.

Diz uma nota de “Carioca” de 11 de abril de 1936:

“Noel Rosa gosta de passear na chuva, sem qualquer agasalho e chapéu. É torcedor de futebol, assistindo aos jogos noturnos e preferindo, como jogador, Fausto”. O comentário é clara brincadeira sobre o temperamento boêmio de Noel, sempre “na chuva”, homem da noite, admirador do rebelde e também boêmio Fausto dos Santos, “a Maravilha Negra”.²⁶¹

Fausto e Noel morreriam vitimados pelo mesmo mal: a tuberculose. A boemia e o hábito de frequentar cotidianamente *dancings* e cabarés, de vários jogadores do futebol carioca sem o menor comedimento, foi a causa principal que levou Dori Kürschner a adotar o regime de concentração no Flamengo e no Botafogo.

João Saldanha, precursor na abolição da concentração em times brasileiros e autor daquela célebre máxima (“se concentração ganhasse jogo, o time da penitenciária não perdia um”), saiu em diversas ocasiões em defesa de Izidor:

Dori não tinha vocação para babá de ninguém, mas o jogador brasileiro ainda não tinha maturidade em seu comportamento extra-campo, que foi sendo adquirida lentamente. Naquela situação, a concentração impunha-se como uma necessidade.²⁶²

O FUTEBOL CARIOCA DEPOIS DO PROFISSIONALISMO

Na década de 1930, na transição final para a profissionalização do futebol brasileiro, aumenta o número de praticantes deste esporte na Capital Federal e multiplicam-se os times de segunda e terceira divisão, de bairro, de praia, povoando

²⁶¹ Carioca apud DIDIER, Carlos; MAXIMO, João. *Noel Rosa: uma biografia*. Brasília: Editora da UNB; 1990. p.359.

²⁶² Entrevista de João Saldanha a Raul Miliet Filho, em 1979.

o cotidiano do carioca com a prática de partidas, principalmente nos finais de semana. Os números de futebolistas a que nos referimos no terceiro capítulo crescem significativamente.

Foi exatamente no período entre 1928 e 1935 (segundo depoimentos de Flavio Costa, João Saldanha, Valed Perry, Jayme Terra e outros) que se consolida o futebol na orla do Rio de Janeiro, principalmente na praia de Copacabana, que na segunda metade dos anos 30 abrigava mais de 20 times constituídos que disputavam um campeonato de grande popularidade. O futebol de praia foi celeiro de vários craques e palco de animadas festas, com ampla cobertura da imprensa especializada, como o *Jornal dos Sports*, antecipando o que viriam a ser os Jogos da Primavera promovidos pelo jornal de Mario Filho.

Com a adoção do profissionalismo firmada em 23/01/1933, ocorreu uma série de desentendimentos entre os clubes cariocas, formando-se dois grupos e dois campeonatos. De um lado, a Associação Metropolitana de Esportes Athleticos, à qual estavam filiados Botafogo, Flamengo e São Cristóvão, defensores da manutenção do amadorismo e das tradições do esporte nacional. Do outro, a Liga Carioca de *Football*, englobando Fluminense, Vasco, América e Bangu.

De 1933 a 1936, foram disputados dois campeonatos paralelos, acarretando uma grave crise financeira para os clubes, aprofundando as consequências provocadas pela crise econômica mundial de 1929.

O AFASTAMENTO DO PÚBLICO DOS ESTÁDIOS

Até 1933 os dois maiores estádios do Rio de Janeiro eram o do Fluminense e do Vasco da Gama. Com a divisão dos clubes provocada pelas correntes pró e contra o profissionalismo e a realização de dois campeonatos, ocorre uma redução na receita das equipes.

Como os jornais, especializados ou não, só começam a publicar *scouts* dos jogos com renda e público a partir de meados da década de 1960, sempre foi difícil para os pesquisadores ter acesso a informações desta natureza. Tomando como indicadores atas originais da Liga Carioca de Futebol, chegamos a algumas conclusões sobre estes números. A precariedade dos dados e dos documentos pesquisados não permitem análises mais conclusivas, mas apenas indicativos e tendências da afluência do público aos jogos de futebol.

Dando continuidade ao que enunciamos sobre os campeonatos cariocas de 1916 a 1919 (ver entrevista Marcos Carneiro de Mendonça – Capítulo II), realizamos uma pesquisa minuciosa nas atas da Liga Carioca de Futebol, nos campeonatos cariocas e jogos amistosos de 1933, 1935 e 1936, promovidos por esta Liga em paralelo àqueles liderados pela AMEA (Associação Metropolitana de Esportes Atléticos).

Em 1933, a fração de público (resultado do cotejamento entre o público médio e a população da cidade) foi de 0,37%. Em 1935, foi de 0,22%. Em 1936, de 0,51%, dados que indicam uma diminuição da presença da torcida nos estádios comparados aos anos de 1916 a 1919 e ao de 1944 com um percentual de 0,60%.

Resumo de Informações do Campeonato Carioca e de Jogos Amistosos

<i>Ano</i>	<i>População</i>	<i>Campeão</i>	Nº de Jogos Existentes	Nº de Jogos Estudados	Fração de jogos	Público Médio	Fração de Público
1916	1.157.873	América	42	0	0,00%	6.000 **	0,52%
1917	1.157.873	Fluminense	90	0	0,00%	6.000 **	0,52%
1918	1.157.873	Fluminense	90	0	0,00%	6.000 **	0,52%
1919	1.157.873	Fluminense	90	0	0,00%	6.000 **	0,52%
1933	1.430.000	Bangu	30	27	90,00%	5.249	0,37%
1935	1.764.141	América	45	13	28,89%	3.949	0,22%
1936 *	1.764.141	Fluminense	48	10	20,83%	8.925	0,51%
1944	1.764.141	Flamengo	90	23	25,56%	10.657	0,60%

Nota: * Ano em que o Campeonato Carioca não foi disputado por pontos corridos.

** Resultado fornecido em entrevista ao Projeto Memória do Esporte, por Marcos Carneiro de Mendonça.

Fontes: Dados sobre população extraídos do CD-ROM (IBGE), Estatísticas do Século XX e do livro *O Brasil Republicano*, volume 2: Sociedade e Instituições (1889 – 1930). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, p.24.

Foi exatamente em 1937 que, por iniciativa do Vasco da Gama e do América, iniciou-se uma série de conversações que redundaram na pacificação do futebol do Rio de Janeiro. No ano em que Dori Kürschner chegou ao país para comandar o Flamengo, foi realizado apenas um campeonato, organizado pela Liga de Futebol do Rio de Janeiro, disputado por 12 clubes em turno e retorno, sagrando-se campeão o Fluminense, que somou mais pontos nos dois turnos.

O PRIMEIRO TREINO DE DORI NO FLAMENGO

Em seu primeiro treino, de fato, no Flamengo, Kürschner dirigiu um simples individual de aquecimento seguido de um bate-bola. Suas primeiras inovações começavam a aparecer. Solicitou oito bolas novas, só para o treino, dispensando grande atenção aos principais fundamentos do jogo, principalmente o passe. Afirmando algo de parecido ao que Didi incorporaria futuramente, Dori era enfático para os seus jogadores: bola no ar tem mais velocidade do que nos pés. É preciso valorizar o passe.

Uma bola para quatro jogadores é o que exigia Kürschner, além de vetar a utilização de tornozeleiras, apontadas pelo técnico como um adereço meramente de enfeite e prejudicial ao movimento dos pés, devido ao elástico que prende a circulação. Suas ordens foram claras: “Nada de tornozeleiras; de agora em diante, utilizaremos ataduras”.

Estas primeiras medidas não foram bem recebidas. À exceção de Leônidas da Silva que, tendo defendido o Peñarol do Uruguai, sabia dos prejuízos causados pelas tornozeleiras, apetrecho abolido desde a copa de 1930 pelos nossos vizinhos do sul.

Outro ponto que causou polêmica foi o do excesso de dribles. Das firulas desnecessárias. Sempre que Leônidas, Fausto ou outro colega abusava do individualismo, Kürschner interrompia o treino, chamava o intérprete e repetia com educação e didatismo: “Há hora para tudo, drible em demasia prejudica. Nenhum jogador, por mais veloz que seja, consegue ultrapassar a velocidade da bola.”²⁶³

Os métodos de trabalho de Kürschner despertaram curiosidade, sendo reiteradas vezes taxados de exóticos por segmentos da imprensa.

Dori definiu que cada atleta teria um fichário com todas as informações sobre a sua vida profissional (inclusive as médicas). Estabeleceu concentração um dia antes e um depois de cada jogo, além de procedimentos que hoje são óbvios: pesagem, antes e após os treinos e os jogos; massagens e água quente para o banho, visando o relaxamento muscular.

Procurava ainda corrigir deficiências do jogo propriamente dito. Dos fundamentos: cabecear; travar a bola; chutar de várias maneiras etc. Em um salão

²⁶³ Jornal dos Sports, 08/08/1981.

do Flamengo, repleto de vidraças, desafiava os jogadores a aprender a bater rasteiro, posicionando o pé da maneira adequada. Os jogadores tenteavam. Tinham medo de quebrar as vidraças. O técnico batia na bola uma, duas, três vezes, demonstrando como fazer, até que ganhou a confiança de todos. Este fato é narrado por Mario Filho em crônica publicada no *Jornal dos Sports*, em 04/01/1958.

Izidor, sem saber, corroborava uma das máximas de seu colega Gentil Cardoso, que defendia radicalmente o jogo rasteiro: “Do que é feita a bola? Do couro. De onde vem o couro? Da vaca. A vaca come aonde? No chão”. Então, a bola tem que rolar no chão, explicava Gentil aos seus jogadores com aquele jeito de filósofo da bola.

OS RIVAIS FALAM DE DORI

O técnico húngaro pode revolucionar o *football* brasileiro – declara o senhor Affonso de Castro. Dividem-se as opiniões a respeito de Kruschner. Daí o interesse em ouvir a opinião do Sr. Affonso de Castro, diretor geral de *sports* do Fluminense – o maior rival do Flamengo no campeonato. Fizemos uma pergunta simples:

- Qual sua opinião sobre Kruschner?

- Pode revolucionar o *football* brasileiro com o seu trabalho. Se conseguir introduzir o que há de moderno, aliás, já há alguns annos, na Europa, ou melhor, na Inglaterra, berço do *football*, terá o Flamengo prestado um grande serviço ao *sport* brasileiro.

Kürschner procura introduzir o *systema* inventado por Chapman, que, sem favor, foi considerado o maior técnico do mundo, cujas *theorias*, executadas, levaram o Arsenal da Inglaterra às maiores vitórias.

A tarefa de Kruschner é muito difícil, pois, além de ter que modificar, com os mesmos jogadores, o *systema* antigo, precisa do apoio de todos, sem exceção. Ainda precisa de onze legítimos *cracks* que possam praticar dentro do campo a sua imaginação já determinada, assim como aquela momentânea que se observa de fora do campo e que não pode ser transmitida imediatamente.

Vamos ter no *football* metropolitano a revolução que houve no *basketball*, cujo padrão olympico, adaptado pelo Fluminense e criticado em princípio, já foi acceito pelos principais *teams* da cidade. Temos que jogar *football* como se joga *basketball*, com estratégia, do contrário será *football* empírico. (Jornal do Sports – 29/05/1937)

O JOGO DE ESTREIA

O dia 11 de abril de 1937 marca o primeiro jogo de Dori Kürschner no comando do Flamengo. Um amistoso contra o Atlético de Minas Gerais, time de ponta, campeão de seu estado: 2 x 0 para o Flamengo. Em uma partida vistosa, com jogadas de conjunto e passes de primeira, sem as firulas desnecessárias, tão criticadas pelo técnico estreante.

José Bastos Padilha fez questão de descer ao vestiário, elogiando publicamente a atuação do time e o posicionamento de jogo adotado.

De fato, a defesa jogara mais fechada, com Fausto recuado entre os zagueiros (por sinal, a única maneira de sobreviver à sua incurável debilidade física), dois meias atrasados, um ponta-de-lança e dois extremas bem abertos. No fundo, tratava-se claramente do fim de um longo estágio perdido no tempo – época de Charles Miller e Oscar Cox, quando no gol ficava o *goal-keeper*, na zaga, os *full-backs*, nas laterais os dois *halves*, no centro deles, o *center-half*. Por último, na frente de todos, os cinco *forwards* em formação de leque.²⁶⁴

O EXAME DE URINA: O X DO PROBLEMA

Dori montou na Gávea um departamento médico exemplar, submetendo os jogadores a todos os testes de checagem de sua saúde. Isto já provocara constrangimento e ferrenha oposição. Mas foi um outro item dos exames que acirrou ainda mais os ânimos dos opositores de Kürschner. O exame de urina. É fácil imaginar o descontentamento de todos, principalmente dos jogadores casados.

"E a moral da família rubro-negra, como fica?" Bradavam os exaltados. O medo da sífilis, da blenorragia, de outras doenças sexualmente transmissíveis, males "proibidos" no recato das casas de família não podiam ser expostos ao público. Mas esta não era a intenção do técnico que exigia sigilo absoluto quanto ao resultado dos exames dos jogadores.

É preciso não esquecer que Heleno de Freitas, dentre outros, teve como causa principal de seu falecimento prematuro a sífilis, temida pelo contágio e pelo fato de ainda não contar à época com medicamentos adequados para sua cura.

A TÁTICA E O SISTEMA

Kürschner estava causando uma verdadeira revolução no futebol carioca. Mas, ainda não tocara em um ponto que lhe era muito caro, a mudança do sistema

²⁶⁴ Jornal dos Sports, 08/08/1981.

tático. Acostumados ao antigo 2 - 3 - 5, os jogadores enfrentavam sérias dificuldades na incorporação de uma tática mais flexível, de um novo esquema. O WM. O 3 - 2 - 2 - 3, a única maneira de imprimir ao jogo um padrão em sintonia com o que fora estabelecido, em 1925, a respeito da lei do impedimento.

Pela primeira vez no Brasil, vinha à tona a palavra tática. Em 22 de julho de 1937, Mario Filho, no *Jornal dos Sports*, publicou em sua coluna "Críticas e Sugestões":

Trata-se de um vocábulo (tática) que envolve muitas coisas, quase chocantes porque representa o desconhecido. Quem a trouxe até nós, foi Kuerchner **[Mario Filho escrevia desta e de outras maneiras o sobrenome do técnico]**. Assim, o futebol passou a ser um jogo mais cerebral, mais metódico, quase científico. Trata-se de um verdadeiro plano de combate e exige-se uma obediência cega de todos os jogadores. Tal é a obra que Kuerchner vem realizando em silêncio.

De fato, não era fácil. As posições em campo eram mais estáticas, o jogo muito mais cadenciado e as modificações do lugar dos jogadores em campo não aconteciam com frequência. Recuar mais um atleta para a zaga, tornar o meio campo mais ágil, com duas linhas de dois, tudo isso demandava esforço e principalmente poder de convencimento para romper com uma mentalidade cristalizada.

O calcanhar de Aquiles estava em quem deveria recuar. Afinal, o meio campo era o lugar nobre do jogo e o centromédio, o seu príncipe. No time do Flamengo esta posição era de Fausto, craque consagrado, dono de uma passada elegante, toque de bola preciso, considerado pela imprensa internacional o melhor meio campo do mundial de 1930.

AS CONVERSAS COM LEÔNIDAS E FAUSTO

Já vimos que, quando Kürschner assumiu o controle do time do Flamengo, constatou a precariedade do estado de saúde de Fausto, centromédio clássico, respeitado no Brasil e no exterior. Sentindo o peso da responsabilidade, o técnico europeu o convidou inúmeras vezes para conversar no Hotel Central, na Praia do Flamengo, para refeições e programas de lazer, incluindo cinema.

Essas sessões de cinema, geralmente constavam de exibição de tomadas de grandes jogos e treinos importantes, entre equipes famosas da Europa. Mergulhando mais fundo nos pensamentos e sentimentos de Dori Kuerschner, era fácil deduzir o que pretendia com isso. Ele pretendia, em última análise, dar a Fausto a certeza de que o respeitava e nem de longe admitia prejudicá-lo na sua profissão. Fausto, como de hábito, aceitava os convites, mas nunca comparecia ao encontro do mestre. Mais de uma vez, Dori Kuerschner tomou providências para que nada faltasse ao convidado, chamando outras pessoas, mais ou menos de sua intimidade no Flamengo, a fim de deixá-lo mais à vontade, na mesa e na sala de projeção. Em vão. Estranhamente, Fausto não cumpria a promessa de aparecer. No início, Kuerchner relevou as faltas. Depois, não mais, ao certificar-se de que o jogador fazia parte de um plano de sedição, cujo objetivo seria incompatibilizá-lo com a torcida rubro-negra.²⁶⁵

Com Leônidas da Silva, o contato era diferente. O “Diamante Negro” acreditava e confiava no caráter e na competência de Kürschner. Conversavam, sempre com a ajuda de intérpretes, é claro, por muitas horas, quase semanalmente. A turma do Café Rio Branco, reduto tradicional de flamenguistas, opositores de Dori desde o primeiro momento, não se conformava. Mario Filho (04/01/1958) contava que José Maria Scassa, jornalista rubro-negro, sempre perguntava provocativamente ao craque quando este frequentava o Café Rio Branco: “Leônidas, ele não deu nada para você beber? O que ele fez com você?” O centroavante

²⁶⁵ Matéria de Geraldo Romualdo da Silva/Jornal dos Sports, em 13/09/1974.

respondia balançando a cabeça: “Vocês sabem que eu nunca fui com técnico nenhum. Mas Kürschner entende da história.”

UMA NOVA POSIÇÃO PARA FAUSTO

Segundo depoimentos, inclusive do próprio Engel, fazia tempo que Fausto vinha jogando com sacrifício. Resistia no máximo a 45 minutos e muitas vezes sangrava pela boca. Não era o que Kürschner (e nenhum outro técnico) gostaria: chegar a um time que tem Fausto no elenco e encontrá-lo em difícil condição de saúde.

Com os exames prontos, o jogador começou um tratamento enérgico, com previsão inclusive de internação médica. Pouco depois Fausto foi liberado para reiniciar suas atividades. Kürschner foi explícito, afirmando que seria necessário um reinício progressivo, sem forçar o atleta.

Antes de mais nada, Kuerschner acreditou prudente recuar Fausto, da sua posição habitual – *center-half* clássico – para terceiro zagueiro, de função mais estática, com riscos físicos menores, pensando bem, mudança inevitável, no futuro, com ou sem Fausto, pois o WM era o sistema que interessava impor ao time.²⁶⁶

A nova posição do craque desgostou a todos. A Kürschner, ao próprio Fausto e à oposição ao técnico.

O clima não estava bom, levando Kürschner a dizer em alto e bom som, fugindo ao seu estilo, que Fausto não poderia mais jogar futebol e seria um crime escalar um rapaz gravemente doente para jogar. Ele não compactuaria com uma atitude destas. Preferia abandonar o cargo. “Comigo ele não joga”, declarou enfaticamente, “e estou disposto a ir às últimas consequências”.

Apenas para lembrar, vários jogadores de alto nível do futebol brasileiro encerraram suas carreiras jogando como zagueiros, mais na espera, fazendo uso de seu talento, mais no posicionamento para marcação do adversário: Carlos Alberto Torres, Nilton Santos, Leandro. Do futebol europeu, o exemplo de Beckenbauer, que pouco antes de “pendurar” as chuteiras, atuou como líbero de espera no Cosmos de

²⁶⁶ Jornal dos Sports, 14/09/1974.

Nova Iorque, ao lado do próprio Carlos Alberto e de Pelé. Tinha visão de futuro o mago “húngaro”.

Fausto, o garoto pobre de Codó, cidade do interior do Maranhão, transitara como um raio do anonimato e da pobreza para a glória e riqueza passageira. Passando por diversos clubes, inclusive do exterior, conquistara títulos e respeito de jornalistas e colegas de profissão.

Irritado e com a saúde em franco declínio, Fausto foi perdendo a forma em ritmo acelerado. Certo dia, Engel fez um apelo ao colega para que seguisse a orientação de Kürschner e dos médicos, para que obedecesse à risca um tratamento rigoroso. Isto não aconteceu.

Pouco tempo depois, em 28/03/1939, faleceu na cidade de Palmira, hoje Santos Dumont, em uma clínica para tuberculosos, onde fora internado pelo Flamengo para tratamento médico.

UM INÍCIO ALENTADOR

Nos sete primeiros jogos disputados pelo Flamengo, sob o comando de Kürschner, o time conquistou sete vitórias. Foi derrotado na oitava partida pelo Fluminense, por 4 x 3. Tudo corria bem, mas a oposição ao seu trabalho era contínua.

Existiam na época dois jornais influentes na esfera esportiva: *O Mundo Esportivo* e o *Jornal dos Sports*.

Com o episódio de Fausto, o clima ferveu. Conta Geraldo Romualdo da Silva:

Os protestos da oposição enfurecida não demoraram a desaguar na Gávea. Na época havia um jornal esportivo, puxado a escândalo – ***Mundo Esportivo***, de apelido ***Viramundo***, por causa de um samba forte, de breque, com grande efeito nos **terreiros** – que logo assumiu a defesa dos descontentes contra Kuerschner. Ele estava contra e o ***Jornal dos Sports*** a favor de Kuerschner. Topamos o desafio. Para todo tipo de acusação a Kuerschner, logo o ***Jornal dos Sports*** exibiu um desmentido irreprimível. A guerra estava na rua.

Se para o ***Mundo Esportivo***, Kuerschner não passava de um trapalhão aventureiro, açougueiro de Viena disfarçado de técnico, para o ***Jornal dos Sports***, com provas documentais procedentes da

Europa, testemunhadas por dirigentes e profissionais insuspeitos, Dori Kuerschner fazia parte do escalão mais importante de *managers* e preparadores do Continente inteiro.²⁶⁷

Na linha de frente da oposição a Dori Kürschner estavam o jornalista José Maria Scassa e o compositor Ari Barroso, além de Flavio Costa.

OS RESULTADOS DE DORI NO FLAMENGO. O WM NA PRÁTICA

Kürschner permaneceu como técnico do Flamengo de 11/04/1937 a 11/09/1938. Segundo dados do Departamento de Futebol do Flamengo, Dori disputou 69 partidas. Embora não tenha conquistado título, seu balanço foi positivo: 39 vitórias (56,5%); 11 empates (15,9%); 19 derrotas (27,6%).

Tendo montado uma estrutura até então desconhecida no futebol brasileiro, Kürschner contribuiu para, através de métodos científicos, reforçar o talento do jogador nacional. Abandonou a improvisação que, como realçou Mario Filho, impediu a seleção brasileira de conquistar o campeonato do mundo de 1938 e facilitou as debacles das Copas Rocca, de 1939 e 1940 (*Jornal dos Sports* – 29/06/1944).

O técnico tinha tudo para seguir em frente com seu trabalho no clube da Gávea. Mas a retirada de Fausto do time e a oposição dos “nacionalistas exacerbados”, que viam em seus métodos um insulto à competência local, não tardaram a minar Izidor.

Com o afastamento definitivo de Fausto, encaminhado para a internação, Dori optou pelo aproveitamento de Engel como terceiro zagueiro. O jogador, que já atuara com competência em várias posições de ataque e defesa, era o homem talhado para o fortalecimento do WM no Flamengo, como veio a demonstrar na prática.

No entanto, por melhor que fosse o desempenho de Engel, a torcida não perdoava, atribuindo a saída de Fausto a uma perseguição orquestrada por “arianos” contra negros. Fausto chegou a acionar o Flamengo na justiça, perdendo a causa.

²⁶⁷ *Jornal dos Sports*, 13/09/1974. (grifos nossos).

MARCAÇÃO CERRADA AO TÉCNICO

Quando José Bastos Padilha e Engel ainda conversavam sobre a vinda de um europeu para dirigir o Flamengo, o jogador ponderava que, além de Kürschner ser um técnico experiente, tinha tido um bom desempenho como jogador na Hungria. Considerava, no que tinha boa dose de razão, o estilo do futebol húngaro assemelhado à escola brasileira, ao nosso jogador.

Pois bem, assim que o Flamengo tornou pública a sua decisão de contratar Dori, uma influente ala do clube, liderada por gente de peso, entrou em ação. Fritz Engel narra o episódio com tintas fortes:

A partir da data em que o Flamengo noticiou oficialmente a contratação de Kuerschner, o Flavio fez tudo para me tirar do time, apoiado por colaboradores de ressonância, como o Scassa e o Ari Barroso. O que se escreveu e inventou sobre Kuerschner, para desmoralizá-lo antes que ele chegasse ao Brasil, era inacreditável. Ari Barroso, principalmente, publicou que pessoa recém-chegada da Europa lhe havia garantido que Kuerschner jamais fora jogador de futebol e técnico. “Na verdade não passava de um simples açougueiro na Hungria”.²⁶⁸

Segundo Engel, quando Flavio Costa recebeu o convite para trabalhar com Kürschner, aquiesceu ao aceno de Bastos Padilha apenas temporariamente. Assinou, pouco tempo depois, contrato para dirigir a Portuguesa carioca.

Atuando como terceiro zagueiro, Engel passou a formar ao lado de Kürschner alvo preferencial dos opositores. Aliás, cabe frisar que o atleta alemão por diversas vezes socorreu Izidor quando seu intérprete não conseguia repassar aos jogadores, com a devida competência, suas instruções.

O fato de também me escolherem para vítima dos nossos opositores não me apavorou. Afinal, não ganhava a minha vida apenas jogando futebol. Assim, achei que o melhor para nós (eu e Kuerschner) era pedir rescisão de contrato. Estava na suposição de

²⁶⁸ Jornal dos Sports, 15/09/1974.

que, com minha saída, os detratores de Kuerschner passariam a tratá-lo com mais consideração...

...Pedido atendido, a diretoria foi muito gentil, dando-me uma carta de agradecimento, cujos termos são um orgulho para mim e minha família. Entretanto, mudada a diretoria, Kuerschner ficou ainda mais exposto ao ataque dos que o queriam desmoralizar. Jogado às feras, em pouco tempo, Flavio e seus aliados – exatamente os que, mais tarde, fariam a ele a mesma injustiça – conseguiram que Kuerschner fosse mandado embora.

Nesse dia, em frente à Rádio Tupi, o Ari Barroso me confessaria de peito aberto:

- Pode dizer ao homem (Kuerschner) que, de hoje em diante, nós o deixaremos em paz.²⁶⁹

No dia 17/11/1938, o *Jornal dos Sports* publicava na primeira página: "Rescindido o contrato de Kruschner!". Acrescentando o seguinte comentário: "Uma campanha quase feroz foi movida contra esse grande empreendedor do esporte..."

²⁶⁹ Jornal dos Sports, 15/09/1974.

KÜRSCHNER POR FLAVIO COSTA, EM ENTREVISTA AO PROJETO MEMÓRIA DO ESPORTE

Falando em técnico, o Kürschner teve alguma importância em inovação tática na época?

Bem, o Kürschner tinha vindo do futebol europeu. Na Europa, todas as equipes jogavam com a formação do WM e ele, realmente, procurou botar o Flamengo dentro deste tipo de jogo. Teve dificuldade. (...) O Kürschner, de certa forma, foi jogado às feras, porque, sendo ele um homem vindo da Europa, tendo jogado no futebol húngaro e sendo, naquela situação em que ele veio pro Flamengo, diretor técnico do Grasshoppers, um clube da Suíça, quer dizer, tinha uma educação, uma mentalidade muito distinta da nossa. De modo que, quando ele começou a impor determinadas posições, isso não foi bem aceito dentro da realidade. E isso agravado pela dificuldade de transmissão, porque ele se dirigia aos jogadores através de intérprete. Como você sabe, o intérprete nem sempre dá aquela força que o próprio treinador pode transmitir. De modo que ele teve problemas. Porque, por exemplo: ele via o Fausto, que era um jogador já em decadência, cansado. Ele sentia que o Fausto seria muito melhor aproveitado dentro do esquema dele como o beque central, como o *stopper*. Mas, o Fausto tinha sido um dos reis do futebol naquela época e se sentiu desprestigiado, quando o treinador sugeriu, através de intérprete, que ele fosse atrasado para beque. Ele era centromédio. Centromédio, na época, era uma espécie de pivô do time, dele irradiava todo o jogo. A defesa fornecia ao centromédio e o centromédio apoiava os ataques. Desta forma, o Fausto criou o primeiro caso com o Kürschner. Outros casos se sucederam e isso se refletiu no trabalho até do próprio treinador.

Como a torcida é exigente, começou então a haver insatisfações e, naturalmente, o treinador acabou tendo que sair. Já não era aquele presidente tão enérgico, tão forte quanto o Padilha. O Padilha já tinha deixado, era agora o Raul Dias Gonçalves. Ele não resistiu às pressões e o Kürschner foi afastado. E aí determinou o meu regresso ao Flamengo.

DORI KÜRSCHNER NO BOTAFOGO

Após a sua saída do Flamengo, Kürschner foi sondado por Sergio Darcy, presidente do Botafogo, para assumir o comando do time. Mario Filho, que havia se tornado seu confidente para todas as horas, o estimulou irrestritamente, reforçando a sua amizade com dirigentes alvinegros, salientando a qualidade do plantel do time de General Severiano.

No Botafogo, Kürschner contou com a ajuda de alguns intérpretes, dentre os quais um jovem de apenas 22 anos, João Alves Jobim Saldanha. Tendo assinado

contrato em 09/07/1939, Dori começou a implantar seu trabalho, no ritmo que vários dirigentes botafoguenses já conheciam.

Como pano de fundo desta transição da Gávea (Flamengo) para General Severiano (Botafogo), um fato curioso. José Bastos Padilha e Mario Filho eram concunhados, casados respectivamente com as irmãs Liliam e Célia. Padilha comprara uma casa em uma vasta granja da família Guinle, maior benemérita do Fluminense, na cidade de Teresópolis, casualmente vizinha ao sítio de Gaspar Saldanha, pai de João. Ali, na beira da lareira, na Granja Guarani, em Teresópolis, João ouviu de Padilha e Mario Filho vários conselhos e histórias relativas à competência de Kürschner. Sua admiração pelo técnico húngaro começara, na verdade, antes de conhecê-lo.

Anos mais tarde, João declarava em entrevista:

Cansei de ver treinos dirigidos pelo Kürschner no Flamengo. Ele tirou nosso futebol da Idade Média. Alguns "curibocas" acham que disciplina tolhe o talento. Nada disso. Se for bem orientado, um craque cresce de produção e aprimora ainda mais a sua arte. O gringo húngaro sabia fazer isto como ninguém. Só que foi muito boicotado. Alguns jogadores que tive a oportunidade de dirigir subiram muito de produção com uma orientação correta. Cito só alguns: Quarentinha, Didi e o próprio Garrincha, para quem na maior parte das vezes a melhor instrução era não dar instrução.²⁷⁰

A devoção de João por Dori era pública. Em 1957, Duarte Gralheiro escreveu:

Para ele, Kruschner foi um apóstolo. Antes, vivíamos uma era de empirismo. Tudo era fruto do instinto mais ou menos apurado. Foi o húngaro quem lançou aqui as bases do racionalismo. E Saldanha faz justiça ao homem que, como os artistas, precisou morrer para chegar à glória. Os conselhos e as observações de Kruschner serviram de cartilha a todos os brasileiros. O aperfeiçoamento do material, o médico especializado, os departamentos especiais, a divisão de tarefas e a simplificação de funções do *football* moderno refletem,

²⁷⁰ Entrevista de João Saldanha a Raul Miliet Filho, em 1979.

para o técnico botafoguense (João Saldanha era o técnico do Botafogo em 1957), os princípios defendidos por Kruschner.²⁷¹

Permanecendo no Botafogo até agosto de 1940, Kürschner voltou a realizar um bom trabalho, chegando muito perto da conquista do título estadual. No campeonato de 1939, faltando apenas três jogos relativamente fáceis, estando cinco pontos na frente do segundo colocado, terminou por perder o primeiro lugar para o Flamengo, ironicamente dirigido por Flavio Costa, um de seus vários discípulos no futebol brasileiro.

Na verdade, antes de Dori Kürschner, na transição do amadorismo para o profissionalismo e mesmo alguns anos após a adoção deste novo regime de gestão do futebol brasileiro, a maior parte dos técnicos, em praticamente todos os esportes nos clubes das principais capitais brasileiras, era polivalente. Por uma simples imposição da precariedade da infraestrutura vigente. Um dos exemplos mais conhecidos foi o de Togo Renan Soares, o Kanela, que atuou no futebol, *waterpolo*, basquete (bicampeão mundial e campeão olímpico pela Seleção Brasileira masculina) e atletismo. Kanela começou sua carreira no Botafogo e após algumas divergências, transferiu-se para o Flamengo.

Mas foi com Izidor Kürschner que tem início a valorização do técnico no esporte mais popular do país, o futebol. Outras modalidades, paulatinamente, acompanharam esta tendência.

Fica evidente que a profissionalização do futebol, e progressivamente de outros esportes, inaugura no mercado de trabalho a perspectiva de novas profissões, cursos de ensino médio e universitários, além de campos de atuação política, no sentido atribuído por Pierre Bourdieu.

²⁷¹ Jornal dos Sports, 20/12/1957.

ANEXOS DOS CAPÍTULO IV

CAPÍTULO IV – ANEXO I

A) NÃO TEM TRADUÇÃO (CINEMA FALADO) – SAMBA (1933). (NOEL ROSA)

O cinema falado
É o grande culpado
Da transformação
Dessa gente que sente
Que um barracão
Prende mais que um xadrez.
Lá no morro, se eu fizer uma falseta,
A Risoleta
Desiste logo do francês e do inglês.

A gíria que o nosso morro criou
Bem cedo a cidade aceitou e usou.
Mais tarde o malandro deixou de sambar
Dando pinote
E só querendo dançar o *fox-trot!*

Essa gente hoje em dia
Que tem a mania
Da exibição
Não se lembra que o samba
Não tem tradução
No idioma francês.
Tudo aquilo que o malandro pronuncia,
Com voz macia,
É brasileiro, já passou de português.

Amor lá no morro é amor pra chuchu,
As rimas do samba não são *I love you*
E esse negócio de “alô”, “alô”, *boy*,
“Alô *Johnny*”
Só pode ser conversa de telefone.

B) CONVERSA DE BOTEQUIM – SAMBA (1935)
(NOEL ROSA / VADICO)

Seu garçom, faça o favor
De me trazer depressa
Uma boa média que não seja requentada,
Um pão bem quente com manteiga à beça,
Um guardanapo e um copo d'água bem gelada.
Feche a porta da direita com muito cuidado
Que eu não estou disposto a ficar exposto ao sol.
Vá perguntar ao seu freguês do lado
Qual foi o resultado do futebol.

Se você ficar limpando a mesa,
Não me levanto nem pago a despesa.
Vá pedir ao seu patrão
Uma caneta, um tinteiro,
Um envelope e um cartão.
Não se esqueça de me dar palitos
E um cigarro pra espantar mosquitos.
Vá dizer ao charuteiro
Que me empreste umas revistas,
Um isqueiro e um cinzeiro.

Telefone ao menos uma vez
Para três quatro quatro três três três
E ordene ao seu Osório
Que me mande um guarda-chuva
Aqui pro nosso escritório.
Seu garçom me empresta algum dinheiro
Que eu deixei o meu com o bicheiro,
Vá dizer ao seu gerente
Que pendure essa despesa
No cabide ali em frente.

C) TRÊS APITOS (SAMBA – 1933)
(NOEL ROSA)

Quando o apito
Da fábrica de tecidos
Vem ferir os meus ouvidos
Eu me lembro de você.
Pois você anda
Sem dúvida bem zangada
E está interessada
Em fingir que não me vê.

Você que atende ao apito
De uma chaminé de barro
Por que não atende ao grito tão aflito
Da buzina do meu carro?

Você no inverno
Sem meias vai pro trabalho
Não faz fé com agasalho
Nem no frio você crê.
Mas você é mesmo
Artigo que não se imita
Quando a fábrica apita
Faz reclame de você.

Nos meus olhos você lê
Que eu sofro cruelmente
Com ciúmes do gerente impertinente
Que dá ordens a você.

Sou do sereno
Poeta muito noturno
Vou virar guarda-noturno
E você sabe por quê.
Mas só não sabe
Que enquanto você faz pano
Faço junto do piano
Estes versos pra você.

CAPÍTULO IV – ANEXO II

MATERIAL ESPORTIVO

A transição do amadorismo para o profissionalismo acelera a reorganização do futebol brasileiro em dois aspectos que irão refletir-se diretamente no jogo e na relação jogadores/torcida.

O primeiro diz respeito ao material esportivo. Em 23/11/1922, o jornal *O Estado de São Paulo* publicava na sua página 5:

Data de anos a campanha que vimos movendo contra a importação indiscriminada de material esportivo que podemos e devemos fabricar aqui na quantidade suficiente. E de qualidade igual senão melhor que o estrangeiro.

A fabricação de material esportivo no Brasil só vai se concretizar de fato na passagem da década de 1920 para a de 1930. Até aí, todo material, incluindo meias, camisas, calções e chuteiras eram importados; principalmente da Inglaterra, apesar de em 1922 os praticantes de atletismo utilizarem material adaptados do exército. Lembrando o que disse Marcos Carneiro de Mendonça em entrevista ao Projeto Memória do Esporte:

A meu ver, o que se calçava no principio era uma coisa horrorosa. Eram botinas pesadíssimas... Quando comecei a jogar, havia no exército um calçado de lona esverdeado chamado Guershiner, cujo bico era arredondado. Passei a usar, cortava a metade do salto e colocava a trava no calcanhar, fazia a bandagem para proteger o tornozelo.

Flavio Costa, em depoimento já mencionado, relembra a primeira bola de futebol fabricada no Rio de Janeiro: a “super-ball”. Essa bola começa a ser fabricada em 1934 com algumas inovações. Por exemplo, substituindo o cordão de vedamento do orifício, foi criada uma válvula até então desconhecida no país.

Segundo depoimento de Antonio Moreira Leite (ao Projeto Memória do Esporte em 01/08/1984), fundador e proprietário da marca “super-ball”, “a sua bola”,

era vendida ao preço de 80 contos de réis e com o tempo passou a ser adaptada por outros fabricantes, como as marcas “Olimpica”, “Maracanã” e “Drible”.

As chuteiras fabricadas inicialmente de forma artesanal no país eram adaptadas às necessidades do clima e da cultura nacional. Segundo Flavio Costa, as chuteiras nacionais apresentavam um material muito resistente e com a flexibilidade adequada para a prática esportiva.

Na década de 1930, o material esportivo era doado pelos dirigentes dos clubes cariocas, cabendo aos jogadores a sua manutenção. Vivi, atacante reserva do Bangu em 1933, em entrevista ao Projeto Memória do Esporte em 19/06/1984, relembra: “Eu gostava de levar as chuteiras para a casa, para limpar, passar graxa, dispensando o mesmo carinho para o calção e as meias. Tinha consciência que meu desempenho dependia disso.”

Superada a fase inicial dos primeiros anos do século XX, período em que os jogadores improvisavam o seu material de jogo, em novembro de 1932, um pouco antes da adoção do profissionalismo, a “Casa Indiana” publicava anúncio no *Jornal dos Sports*:

A Casa Indiana vende

- . Meias de lã, desde 7\$500
- . Camisas de malha, team 45\$000.
- . Shoteiras paulistas 26\$500.
- . Calções brancos 5\$500.
- . Bolas completas a 18\$, 20\$, 22\$ e 28\$000.

(*Jornal dos Sports*, novembro de 1932)

Os preços anunciados demonstram que o material começava a ser mais acessível para a população.

Até então, os números eram exorbitantes, como uma bola importada inglesa custar 300 contos de réis.

Por fim, lembrando o que disse João Saldanha em artigo citado, ao lado da medicina esportiva e da preparação física dos jogadores, o material utilizado pelos atletas é aprimorado continuamente, constituindo-se em um dos pontos mais importantes da História do futebol.

CAPÍTULO IV – ANEXO III

SOBRE OS JUÍZES

Além do material esportivo a implantação do profissionalismo no futebol brasileiro acarretou inúmeras outras transformações no seu universo de funcionamento. Conforme relato de Marcos Carneiro de Mendonça, pudemos ver o espírito pré-amadorístico das arbitragens.

Geraldo Romualdo da Silva, jornalista esportivo que dedicou praticamente toda a sua carreira ao *Jornal dos Sports*, autor de inúmeras reportagens de cunho histórico sobre o futebol brasileiro, afirmou em entrevista concedida ao Projeto Memória do Esporte em 15/05/1984:

“No começo os juízes eram escolhidos de comum acordo entre os capitães dos times que se enfrentavam. Tanto podia ser um neutro, como um integrante das duas equipes.”

Os juízes do quadro oficial da Liga eram naturalmente sócios dos clubes, sendo que alguns chegavam a jogar por seus clubes, reproduzindo o que ocorria com as “Comissões” que escalavam os jogadores. Segundo Geraldo Romualdo, “os juízes estavam umbilicalmente ligados aos clubes que pertenciam como sócios, de tal forma que alguns chegavam a apitar as contendidas vestidos com as camisas de seus times do coração”.

Em 1924 a criação da AMEA (Associação Metropolitana de Esportes Athleticos) não altera o critério de escolha dos juízes, provocando inúmeras confusões em partidas, devidas principalmente à ignorância com relação as regras do jogo. Em 1930 a AMEA oferece aulas especiais e gratuitas destinadas aos juízes do quadro oficial, constituindo um embrião do que poderia ser um curso de formação de árbitros. Segundo o relatório da Associação neste mesmo ano, a procura foi reduzida, praticamente inviabilizando as aulas.

Só com a adoção do profissionalismo é que ocorre uma mudança no item arbitragem com os juízes passando a receber ajuda de custo por partida em um montante que atingia a no máximo vinte mil réis por jogo.

Em 18/08/1933 o *Jornal dos Sports* noticia a renúncia apresentada à Liga Carioca de Futebol por quatro membros do quadro oficial dos árbitros. “Não poderia

ter a maior repercussão nos meios esportivos da cidade esta renúncia apresentada à Liga, que desfalcou o futebol local dos seus melhores juízes ...” .

A regularização foi lenta. No mesmo ano de 1933 ficou estabelecida a profissionalização dos árbitros e criado um cargo de diretor técnico para tratar exclusivamente do assunto.

QUINTO CENÁRIO

"Zona do agrião" é uma expressão carioca antiga. Não foi cunhada por Orestes Barbosa. Estava na boca de chorões da velha guarda, como Pixinguinha, que morou no Catumbi, a "zona do agrião".

O que Orestes Barbosa fez foi utilizar, em crônica, a expressão.

Nessa época, na década de 1920, referia-se ao 9º Distrito, Catumbi e Mangue, e designava a zona da malandragem, do perigo, da valentia.

"Com que roupa?" era também uma expressão popular. Antes de Noel Rosa eternizá-la em união ao samba.

João Saldanha fez como Noel Rosa: eternizou "zona do agrião", ao associar a expressão ao futebol.

Carlos Didier

QUEM NÃO FAZ, LEVA. AS MÁXIMAS E EXPRESSÕES DO FUTEBOL BRASILEIRO

5.1. ATACAR POR PRAZER, DEFENDER POR OBRIGAÇÃO (DIDI)

Não tem sido comum, na tradição da historiografia brasileira e mundial, analisar o futebol como linguagem e a linguagem como futebol. Nossa proposta é buscar, neste quinto Cenário, nas máximas e expressões do futebol brasileiro, fonte e síntese para ilustrar esta tese.

Com a popularização da arte de Leônidas, Domingos e Fausto, chegando, em meados da década de 1930, às esquinas, praças e campos das principais cidades do país, expande-se a imprensa especializada e aparecem seus primeiros grandes cronistas e conversadores. Estes últimos, responsáveis por várias máximas e expressões, são craques da oralidade, personagens da cidade, técnicos de clubes de bairro e da segunda divisão dos campeonatos locais, guardas de trânsito, garçons e, acima de tudo, apaixonados pelo futebol e torcedores fanáticos de um time. Em cada bairro um Sócrates do futebol...

Neste momento, irrompe um fenômeno curioso, com características tipicamente brasileiras, notadamente cariocas. As máximas e expressões do futebol, sínteses e traduções vivas de seu imaginário, alegorias e adereços deste grande samba-enredo que é esta paixão popular.

Nelson Rodrigues, Neném Prancha, João Saldanha e Gentil Cardoso foram quatro dos maiores criadores de máximas e expressões. Esses narradores *benjaminianos* desenvolveram não só o futebol como linguagem, mas a linguagem como futebol. Nelson e João, por exemplo, jogavam com a bola que era a palavra no espaço das crônicas diárias que escreviam, produzindo uma ficção da linguagem gestual associada à linguagem verbal. O corpo e a voz andando paralelamente, com metáforas rápidas exigidas pela velocidade do jogo.

Guimarães Rosa e Machado de Assis, ao longo de suas obras, utilizaram provérbios que buscavam no popular e no local uma possibilidade de condensação, sínteses do universal. As máximas e expressões do futebol brasileiro representam a

crônica da crônica possível, recuperando uma possibilidade de humanização e de captura da singularidade das emoções.

Outra forma de lidar com esta linguagem foi explorada pelo jornalista e escritor Mario Filho, em 1957, quando abordou o tema da *necessidade do gozo* (título da crônica) no futebol, referindo-se ao “chiste” coletivo criado em pleno Maracanã na Copa de 1950, com o estádio em uníssono cantando *Touradas de Madri* (Braguinha e Alberto Ribeiro), externando a alegria pela goleada da seleção brasileira sobre a Espanha por 6x1.

Como vimos, Mané Garrincha foi criador de um chiste mímico, uma pantomima de cinema mudo, um signo de linguagem gestual, o olé, nascido no Estádio Azteca, na Cidade do México, durante o jogo River Plate x Botafogo, em 1958.

Neste episódio de Garrincha, o drible, uma síntese quase perfeita do futebol, aciona quase que instantaneamente expressões orais através de cantigas e coros da torcida. Tudo com um sabor quase inigualável, como veremos ainda neste capítulo, através da prosa singular de João Saldanha.

O nacional, o imaginário e o popular contidos nesta caixa mágica de onde brotaram as máximas e expressões de narradores do futebol brasileiro, como recortes da nação.

Bronislaw Baczko²⁷² chamava a atenção para a importância da imaginação social, como fator regulador e estabilizador, de forma que os modos de sociabilidade existentes não sejam vistos como definitivos e únicos.

E nada mais revelador da importância da imaginação social do que frases como: “Quem não faz, leva” e “A melhor defesa é o ataque”.

Ou, quem sabe... “Atacar por prazer, defender por obrigação” (Didi), máxima prima-irmã de outra também muito conhecida, de autoria de outro mestre que atuava em outro campo de jogo: “A vida é cheia de obrigações que a gente cumpre. Por mais vontade que tenha de as infringir deslavadamente.”²⁷³

Didi e Machado de Assis, um dueto que nos remete imediatamente a Ivan Lessa, dono absoluto de uma vaga nos 11 melhores da crônica brasileira de todos os tempos:

²⁷² BACZKO, Bronislaw. *Lumières de L’Utopie*, Paris: Payot, 1978.

²⁷³ ASSIS, Machado. Dom Casmurro. Biblioteca Digital do MEC; In: *Obras completas de Machado de Assis*. Capítulo 66. Rio de Janeiro: Nova Aguillar, 1994. p. 60.

A vida é estranha como um campo de futebol e a partida que nele e nela se disputa pode levar a digressões...

...O futebol é uma metáfora para a vida. Ou será o contrário? Será a vida uma metáfora para o futebol? Símile? Não sei, não sei...

(Ivan Lessa – *Jornal do Brasil*, 28 jun. 2002)

5.2. OS PÉS E A ZEBRA SÃO O GRANDE SEGREDO DO FUTEBOL

Expressões, gírias do mundo do futebol, são as frases soltas nos estádios, o desabafo do torcedor. O comentário do técnico; a firula do locutor e do próprio craque, recriando o futebol.

Algumas dessas criações ultrapassam o limite do jogo, fazendo um vai e vem de efeito, da vida para o campo e do campo para a vida: *Treino é treino, jogo é jogo* (Didi); *Fui jogado pra escanteio* (autor desconhecido); *Vou tirar meu time de campo* (autor desconhecido).

A História das máximas, das expressões, das gírias, é a História do próprio futebol brasileiro. No início do século XX, no tempo de Charles Miller, introdutor do futebol no Brasil, filho de ingleses, goleiro era *goal-keeper*, impedimento, *off-side*; centromédio, *center-half*. Palavras inglesas, de um esporte inglês praticado por um número restrito de pessoas – as elites brasileiras e europeias que aqui viviam.

Na década de 1920, quando o futebol começa a se popularizar, a imprensa que até então dava a este esporte um tratamento secundário, desprezando-o até, abre definitivamente suas páginas para as partidas, os jogadores e os principais campeonatos.

Por volta de 1930, surgiram os primeiros jornais especializados. A crônica esportiva ganhou maior espaço. Mario Filho, à frente do *Mundo Esportivo* e do *Jornal dos Sports*, foi responsável por uma série de inovações. Nasceram expressões como Fla–Flu. E José Lins do Rego, Álvaro Moreyra e Otavio de Faria, exceções dentro de uma intelectualidade avessa ao tema, passaram a assinar crônicas sobre futebol.

No rádio, Gagliano Neto e Ari Barroso imprimiram um estilo vibrante e imaginativo às transmissões dos jogos. Novas palavras, novas expressões.

Com a inauguração do Maracanã e a realização da Copa do Mundo no Brasil, em 1950, o jornalismo especializado ganhou impulso. Na literatura e na dramaturgia, o panorama era outro e o futebol como tema sempre esteve pouco presente. Mas nem por isso o encanto de suas palavras, suas gírias e ditados deixaram de aparecer incessantemente, literatura popular, poesia alternativa de penas e vozes privilegiadas.

E autores como Neném Prancha, Nelson Rodrigues, João Saldanha e Gentil Cardoso recolheram e reinventaram do saber popular todo esse mundo de novas palavras que, desvendando o universo dos *campos*, passou a fazer parte do cotidiano do futebol brasileiro, hábil e imprevisível com a bola nos pés, malandro e irreverente com a palavra escrita e falada.

Como vimos no primeiro Cenário desta tese, as regras do futebol favorecem o talento, num conjunto de fatores interligados. A simplicidade que requer a sua prática, do campo ao material esportivo. Além de outro aspecto que é um autêntico chiste sem palavras: que esporte coletivo permite uma equipe claramente inferior fazer 1x0, se trancar na defesa e ganhar o jogo? Nenhum. Nenhum outro. Sendo praticado com os pés, aumenta seu grau de imprecisão, ampliando a necessidade de maestria e de solos individuais, abrindo caminho para surpresas e acasos ao longo de uma partida.

Como já vimos em passagem anterior, **Os pés e a zebra são o grande segredo do futebol**, além da *International Board*, a responsável por seus regramentos, segredados nos ouvidos de cada um dos seus velhinhos integrantes que, com a sabedoria dos grandes mestres, ciosos da quase perfeição da criação que tem tanto deles, só aceitam mudar suas regras de tempos em tempos.

O GESTO É A PALAVRA EM MOVIMENTO

Seriam muitas as definições possíveis para máximas, para expressões. Isto no que diz respeito à palavra escrita e falada. E a linguagem do gesto, própria dos movimentos corporais ensejados por artistas e artesãos da bola? Como o futebol? Como a definiríamos? O gesto é a palavra em movimento.

Na ética kantiana, a máxima é um princípio subjetivo, com base no qual um indivíduo orienta sua conduta. No campo filosófico mais genérico, uma formulação concisa, contendo geralmente um preceito moral.

Marcos Silva, em seu *Dicionário Crítico Câmara Cascudo*²⁷⁴ sinalizou com um livro chave para esta tese de aprendiz: *História dos Nossos Gestos*,²⁷⁵ do próprio Luis da Câmara Cascudo.

Diz Câmara Cascudo que “toda a bibliografia sobre o Gesto, tradutor da Ideia e primeira linguagem humana, demonstra a universalidade de alguns acenos sobre os próprios vocábulos mais essenciais e vivos.”²⁷⁶

Acrescentando, afirma:

O gesto é anterior à palavra. Dedos e braços falaram milênios antes da voz. As áreas do entendimento mímico são infinitamente superiores às da comunicação verbal. A mímica não é complementar, mas uma provocação ao exercício da oralidade.²⁷⁷

O gesto é comunicação essencial, nítida, positiva. Não há retórica mímica, apenas reiteração da mensagem.²⁷⁸

É necessário atentar para a assertiva do estudioso do folclore brasileiro: “Sem gestos, a palavra é precária e pobre para o entendimento temático”.²⁷⁹

As palavras de Mario Filho, na crônica “Da Necessidade do Gozo”, de nada valeriam sem os acontecimentos em campo. Sem o chocolate na seleção espanhola. Foi um mote para a torcida emendar, cantando em uníssono a genial marchinha carnavalesca de Braguinha e Alberto Ribeiro, *Touradas de Madri*. Isto não diminui em uma vírgula o talento de Mario Filho. Ao contrário. Em sua crônica, reteve em um instantâneo fotográfico da palavra aquele espetáculo à parte proporcionado pela torcida no Maracanã na Copa do Mundo de 1950, na antessala do “Maracanazo”.

²⁷⁴ SILVA, Marcos. *Dicionário Crítico Câmara Cascudo*. São Paulo: Perspectiva; 2003.

²⁷⁵ CASCUDO, Luiz da Câmara. *História dos nossos gestos*. São Paulo: Editora da USP; 1987.

²⁷⁶ Ibid., p. 9.

²⁷⁷ Ibid., p. 10.

²⁷⁸ Ibid., p. 10.

²⁷⁹ Ibid., p. 10.

O autor de *O Negro no Futebol Brasileiro* realçava o chiste no futebol através da participação da torcida, lamentando já em 1957 o desencantamento desta estética cultural coletiva.

Querem acabar com o gozo no *football*. Ora, sem o gozo é duvidoso que o *football* tivesse pegado como pegou, feito visgo. Foi o gozo que prendeu mais o torcedor, ligando-o definitivamente ao destino de um clube. O torcedor passou a depender de um *team*. Se o *team* ganhava ele era mais feliz porque podia gozar, mas se o *team* perdia, ele tinha até que se esconder. Quem gozava e quem era gozado sabia que havia a volta... Tudo isso dava uma alegria que o *football* vai perdendo. Não é o torcedor que quer acabar com o gozo: ele ainda goza. Quem quer acabar com o gozo é o cartola. O cartola está se julgando muito importante, o que é um erro...

... O *football* está se resumindo ao jogo, cada vez mais ao jogo. Ainda há a charanga de Jaime de Carvalho, ainda há a trombeta de talo de mamona do Ramalho, ainda se formam blocos à saída, torcedores levam bandeiras, samba-se ao som de cuícas e tamborins... Mas apesar de tudo já não se vê mais aquele espetáculo das Touradas de Madri que foi o último grande gozo do *football* brasileiro... Nunca houve antes dele uma coisa como as Touradas de Madri. Foi o maior gozo do mundo, duzentas mil pessoas cantando uma marcha para gozar os espanhóis, *La Fúria*.²⁸⁰

Mário Filho não podia naquele instante prever outros gozos, chistes no futebol, como no famoso Santos 4 x 2 Milan, em 1962, com o Maracanã todo debaixo de chuva, deitando e rolando em cima do time italiano, principalmente de Amarildo, substituto de Pelé na Copa de 1962, na época radicado no futebol italiano. O grande cronista ainda chamava a atenção de que se não fossem as *Touradas de Madri*, Flamengo, Vasco e outros clubes brasileiros não seriam convidados a participar da Taça Teresa Herrera.

Duas anotações sobre Didi, uma mais seca e direta e outra dentro do futebol das palavras místicas que tanto comprazia Nelson Rodrigues, não seriam nada, apenas confetes para adornar a passagem do melhor jogador da Copa de 1958:

²⁸⁰ FILHO, Mario. Da Necessidade do Gozo. Jornal dos Sports. Em 12/09/1957.

“Jogador é o Didi, ele joga como quem chupa laranja” (Neném Prancha), traduzindo a facilidade do toque de bola de *Mr. Football*.

E Nelson Rodrigues, com sua fixação confessa por Didi, ex-craque do Fluminense, vendido ao Botafogo em 1956 na maior transação da História do futebol brasileiro até aquela data. Apesar de furioso com os dirigentes do seu tricolor, Nelson nunca deixou de exaltar o gênio de Didi:

Didi é, por vezes, uma espécie de solista em campo. A própria pelota o acompanha e parece lambe-lhes as chuteiras, como uma cadelinha amestrada. Nesses momentos de euforia, de graça, de total plenitude.²⁸¹

As palavras de Neném Prancha e Nelson Rodrigues seriam vãs, sem o pano de fundo do meio-campista da seleção brasileira. Perderiam-se, encaixando-se talvez e apenas em um daqueles longos discursos de juristas com inspiração parnasiana. Algo de parecido como suprimir a letra de Vinicius de Moraes para o chorinho *Lamentos*, de Pixinguinha. Não teríamos uma canção, apenas uma belíssima música. Da mesma forma, sem as notas do autor de *Carinhoso*, a canção se transformaria em mais um poema de Vinicius.

AS MÁXIMAS E A LINGUAGEM EM GRAMSCI E BENJAMIN

Antonio Gramsci, talvez mais com o “otimismo da vontade” do que com “o pessimismo da razão” (contraditando uma de suas máximas políticas), publicou, em 1918, um texto no *Jornal Avanti*, intitulado *O Futebol e o Baralho*, traçando um paralelo entre a equidade observada em um jogo de futebol e os expedientes reprováveis do pôquer e congêneres como metáforas da sociedade competitiva:

... Observem uma partida de futebol: é um modelo da sociedade individualista. Nela se toma a iniciativa, mas essa é definida pela lei. As personalidades distinguem-se hierarquicamente, mas as distinções não ocorrem segundo o *status*, mas segundo específicas capacidades de cada um. Há movimento, competição, luta, mas

²⁸¹ Crônica. Manchete Esportiva, 04/04/1959.

esses são regulados por uma lei não escrita, que se chama 'lealdade', continuamente recordada pela presença do árbitro. Paisagem aberta, livre circulação de ar, pulmões sadios, músculos fortes, sempre voltados para a ação.²⁸²

Gramsci revelava nesta sua publicação uma visão pontilhada de romantismo quanto ao mundo do futebol, “contraposto” ao universo do baralho, onde, por debaixo da mesa os lances eram decididos.

Mas o filósofo italiano enriquece esta análise das máximas e da linguagem. Para ele, existe um preconceito de que a filosofia é algo muito difícil e complexo. Mas ela, segundo Gramsci, está contida em características espontâneas de todos os homens. **Por exemplo, na própria linguagem que é um conjunto de noções e conceitos determinados e não apenas palavras ornamentais.** Ou, então, no senso comum e no bom senso, onde também existe filosofia. Como nas crenças populares e naquilo que comumente se chama de folclore.

Qual a ideia que o povo faz da filosofia? Indaga o autor de *Cadernos do cárcere*. Em resposta que se aproxima diretamente do conteúdo deste capítulo, diz que é possível “reconstruí-la através **das expressões da linguagem comum**. Uma das mais difundidas é a de ‘tomar as coisas com filosofia’, a qual, analisada, não tem por que ser inteiramente afastada”.

Dando continuidade ao seu raciocínio, Gramsci assinala que:

...Essas expressões populares poderiam ser agrupadas com as expressões similares dos escritores de caráter popular (recolhidas dos grandes dicionários) nas quais entrem os termos “filosofia” e “filosoficamente”; e assim se poderá perceber que **tais expressões têm um significado muito preciso**, a saber, o da superação das paixões bestiais e elementares numa concepção da necessidade que fornece à própria ação uma direção consciente. Este é o núcleo sadio do senso comum, que poderia precisamente ser chamado de bom senso e que merece ser desenvolvido e transformado em algo unitário e coerente. **Torna-se evidente, assim, por que não é**

²⁸² Esta crônica, traduzida por Carlos Nelson Coutinho, foi tirada do fundo do baú de Luis Sergio Henriques, um dos organizadores e tradutores da reedição dos *Cadernos do Cárcere* no Brasil.

possível a separação entre a chamada filosofia “científica” e a filosofia “vulgar” e popular, que é apenas um conjunto desagregado de idéias e opiniões.²⁸³

Para Walter Benjamin, a linguagem humana não se restringe à expressão verbal e ao uso das palavras, se estendendo a domínios além da palavra escrita e da oralidade.

A teoria da linguagem do autor alemão foi apresentada em um trabalho de 1916, *Sobre a Linguagem em Geral e Sobre a Linguagem Humana*.²⁸⁴

Os conteúdos mentais, ideias ou conceitos, não são algo que se comunica através da linguagem. Ao contrário, eles só são possíveis na linguagem, ou melhor, eles próprios são linguagem. Isto que Benjamin chama de “linguagem em geral” é a expressão, em todos os seres, da vida espiritual. Tudo o que aparece, todas as coisas existentes têm esta linguagem expressiva.²⁸⁵

A Linguagem em Walter Benjamin e a História dos Gestos em Câmara Cascudo nos remetem a um paralelo entre o narrador na acepção direta do filósofo alemão e os autores (cronistas ou contadores de histórias) das máximas e expressões de nosso futebol, que obviamente não se restringem a este esporte, transitando pela música, literatura e outras manifestações culturais.

Afinal, o narrador benjaminiano fala com as mãos, conforme já ressaltamos:

Pois a narração, em seu aspecto sensível, não é de modo algum o produto exclusivo da voz. Na verdadeira narração, a mão intervém decisivamente, com seus gestos, aprendidos na experiência do trabalho, que sustentam de cem maneiras o fluxo do que é dito...²⁸⁶

²⁸³ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 1999. p.98.

²⁸⁴ BENJAMIN, Walter. *Sobre a Linguagem em Geral e Sobre a Linguagem Humana*. In. *Sobre a arte, Técnica, Linguagem e Política*. Lisboa: Relógio d'Água, 1992.

²⁸⁵ MURICY, Kátia. A Magia da linguagem – filosofia, linguagem e escrita em Walter Benjamin. In. *Revista da Educação*. São Paulo: Editora Segmento; 2008. p.78.

²⁸⁶ BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In. *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Brasiliense; 1996. p.. 220- 221.

E quem falava (e agia) com as mãos era Neném Prancha, personagem folclórico do futebol carioca, cujo apelido derivava exatamente do tamanho de suas mãos, semelhantes a uma prancha. Quando assumia a missão de apitar um jogo decisivo na praia, impunha respeito. Contra qualquer catimba de jogador malcriado, ia logo alertando: “Dou uma e caem os onze; portanto, pensem duas vezes”. Reza a história que nenhum jogador pagou para ver, talvez nem para pensar.

Neném Prancha ou, como diriam os mais antigos, Neném de *la Prancha*.

5.3. NENÉM PRANCHA

Roupeiro do Botafogo, técnico de futebol de praia no Rio de Janeiro, técnico de Heleno de Freitas, Sérgio Porto, Tim, João Saldanha, Raphael de Almeida Magalhães e outros pupilos ilustres, foi um grande autor de frases e expressões.

Neném residiu durante boa parte de sua vida na sede do Botafogo, alojado em um pequeno quarto, embaixo das arquibancadas do estádio do clube. Seu dia a dia girava em torno dos seus afazeres profissionais: a orientação dos treinos de seu time na Praia de Copacabana e a observação dos coletivos do time principal do Botafogo. Sempre com olhos vidrados nas manobras táticas e individuais de jogadores e técnicos.

Era um *flâneur* da bola. O futebol e o Botafogo eram seu mundo. Em suas andanças, fazia amigos e observações que incorporou ao seu estilo de vida.

Neném Prancha tem lugar cativo na História do futebol do Rio de Janeiro. Pedro Zamora, em seu livro *Assim falou Neném Prancha*, observou o jeitão do personagem, um dos pioneiros dos times de praia na orla carioca:

É mais conhecido nessas areias, que vão do Leme ao Leblon, que carrocinha da Kibon. Fez amigos aos milhares e está sempre disposto a prestar serviços aos outros. “Seu Neném, encha aqui essa bola”. Ele abre pacientemente seu saco de material e atende ao pedido. Mais tarde é um outro que vem falando que o fulano mandou pedir um apito emprestado, e Neném atende a todos com a mesma paciência.

Quer ver o Neném ficar zangado, é um jogador dele começar a jogar bola para trás. O velho fica alucinado. Berra e é capaz de mandar o cara sair de campo.

Neném deu muitos jogadores ao futebol carioca, mas vale a pena falar de três deles. Um, foi o grande Heleno de Freitas. O outro foi Haroldo, um beque que jogou no Botafogo e no Vasco, e o outro, esse não saiu da praia, foi Carlinhos, aquele magricela do Flamengo.²⁸⁷

Dizem que nasceu em 1906, em Resende, no Sul Fluminense. Saindo de sua cidade natal direto para o Rio de Janeiro, tomou intimidade, e nunca mais quis saber de outro lugar.

Trabalhou no Botafogo desde o início da década de 1940, tendo conquistado como técnico do infanto-juvenil o bicampeonato de 1956-1957, quando conheceu mais de perto e tornou-se amigo de João Saldanha, diretor de futebol e técnico campeão de 1957.

Foi assim Neném Prancha. Também conhecido como Antonio Franco de Oliveira. Conhecedor da prática do futebol como poucos. No olho, sabia distinguir quem seria bom na praia e não jogaria bem no campo. Ou vice-versa. Ou, o que é raro, quem seria bom nas duas “canchas”. Na praia, o jogo é mais alto, com passes compridos, nada de bola rasteira; exceto, claro, quando na areia dura do lado do mar. Heleno de Freitas, uma de suas revelações, foi craque nas duas. Muitos prometeram na praia, foram levados por ele para o Botafogo e não engrenaram.

Paulo Tovar foi outra exceção. Segundo depoimento de contemporâneos (Raphael de Almeida Magalhães, Ronald “Marreta” e Tião Dentista), foi o melhor jogador de praia de todos os tempos. Pontificou no campo, encerrando sua carreira com apenas 23 anos para se dedicar à medicina.

Prancha orientava bem seus goleiros. É de sua lavra uma frase lapidar, arremate de uma história engraçada. Na final do Torneio Início da Praia de Copacabana de 1949, o goleiro de seu time se ajoelhou para esperar a bola que, num quique, passou por cima de sua cabeça. Prancha desceu na areia, passou uma descompostura no garoto e depois com calma aconselhou: “Não ajoelha, não, meu filho; ajoelhar é na igreja, assim a bola repica e vai te encobrir sempre”

²⁸⁷ ZAMORA, Pedro. *Assim Falou Neném Prancha*. Rio de Janeiro: Editora Critica; 1975. p.19.

Dos técnicos com quem conviveu tinha três preferências claras: Gentil Cardoso, João Saldanha e Tim. Deste último gostava de contar uma história. Elba de Pádua Lima, o Tim, era técnico do Botafogo quando apareceu um jovem rapaz muito bem recomendado para fazer um teste. Foi logo falando: “Seu Tim, eu não fumo, não bebo, não sou viciado em jogo e nem frequento à noite”... De primeira, respondeu. “Então, meu filho, foi por isso que você veio para cá, para aprender tudo isto no Botafogo?”

Neném falava com simplicidade do craque: "Jogador é o Didi, ele joga como quem chupa laranja". E do "cabeça de bagre", gíria para jogador sem classe: "Não maltrate a menina, rapaz, que ela nunca fez mal a você". E definia o próprio jogo: "Futebol não tem mistério: quem tem a bola ataca, quem não tem defende", completando: "O futebol é simples, o difícil é querer jogar bonito".

Do alto de sua sabedoria, Neném Prancha, técnico do time do Posto 4, que fez história na praia de Copacabana e em todo o Rio de Janeiro, sentenciava: "Jogador é que nem sorveteria, tem que ter diversas qualidades". Aconselhava a um de seus discípulos, o popular Anacleto (meio-campo do Lá Vai Bola): "Jogador tem que ir na bola como num prato de comida". E, apreciando o estilo elegante de Heleno de Freitas em cabecear, decretou: "A cabeça... a cabeça é o terceiro pé".

Certo dia, quando seu time perdia de goleada, irritado com um de seus zagueiros, metido a craque, Prancha gritou do calçadão da Avenida Atlântica para o campo de areia: "Joga a bola pra cima menino! Enquanto ela estiver no céu não tem perigo de gol!!!!".

As areias de Copacabana e o campo de General Severiano eram seus pontos de apoio. Qualquer encrenca, lá ia o Prancha para um lado ou outro. Com uma bola de borracha, além do Posto 4 Futebol Clube, deu origem aos times de outros postos de salvamento. Criados com seu incentivo [e palavras amigas] e um detalhe que não podia faltar: o “livro de ouro” para a compra dos apetrechos iniciais, redes, bolas, uniformes etc.

Vieram as equipes do Posto 2, do 3 e do 6, juntinho ao Forte de Copacabana e ao Clube dos Marimbás, ponto de encontro de contadores de histórias, políticos, jornalistas, militantes do Partido Comunista Brasileiro e do Clube dos Cafajestes. De Oscar Niemeyer à direção do PCB, todos passavam por lá. De Paulinho Soledade e Álvaro Moreyra a Paulo da Portela.

Na praia foram aparecendo outros times: o “Ouro Preto” e o “Lá Vai Bola”, em Copacabana, o “Lagoa”, em Ipanema e Leblon, com suas revelações de jogadores e promessas de craques.

DAS ANDANÇAS DE NENÉM À VIVÊNCIA E EXPERIÊNCIA EM THOMPSON E BENJAMIN

Já mergulhamos na importância das experiências de homens e mulheres nos campos produtivo e cultural de suas vidas (Thompson). Em Walter Benjamin, acompanhamos seus caminhos sinuosos que convergem com Thompson nas situações de experiência e vivência para o intercâmbio de narrativas e a preservação da memória histórica.

Para Benjamin, a experiência (ou vivência) é o celeiro que fornece ao narrador a sua possibilidade de troca de ideias e histórias de vida.

A experiência que passa de pessoa a pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E, entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos.²⁸⁸

E o que foi Neném Prancha senão um típico narrador com esses traços benjaminianos? Um conversador emérito. Neném compreendia aquela cultura do futebol de praia e de campos de subúrbio, de papos futebolísticos na esquina e nos botecos. Não como um visitante, aquele era seu *habitat*. Não era um diletante, mas um dali.

Certo dia, como acontece na vida de qualquer treinador, o jogo ainda não tinha acabado e Prancha já digerir a amargura de mais uma derrota. O estômago queimava e o técnico ia ficando cada vez mais cinza de raiva. A gota d'água aconteceu no quarto gol do time adversário. Seu beque de confiança tentou rebater uma bola alçada pelo ataque contrário e “furou a bicicleta”. A bola sobrou para o ponta de lança que, meio distraído, com um toque de displicência, gozador, empurrou para as redes do Posto 4, dando números finais ao placar: 4 x 0 para o Posto 3.

²⁸⁸ BENJAMIN, Walter. O narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: *Magia e Técnica, Arte e Política*. São Paulo: Editora Brasiliense; 1996. p.198.

Neném subiu a serra de raiva. Sem falar com ninguém, arrumou sua sacola, deu meia volta e mandou um recado para o beque, só para o beque: “quero um encontro no “Beija-Flor” (pé sujo da Rua Prado Júnior), logo depois do jogo”.

Quando Flávio, hoje um dentista de renome no Rio de Janeiro, o tal beque do Posto 4, chegou ao local, encontrou um Neném Prancha diferente, sorridente, bem humorado, três doses acima do normal. Com calma, o treinador dirigiu-se ao seu “craque”, indagando: “Meu filho, qual é o seu nome? Sem esperar a resposta emendou, “Não é Leônidas, não é mesmo? Meu filho, entenda uma coisa, jogar futebol em pé já é tão difícil e você vai querer inventar de jogar de cabeça pra baixo?”

A frase correu a praça. Ilustrou em diversas ocasiões o quadro negro de Gentil Cardoso e as preleções de Tim e João Saldanha. Tomé, zagueiro pela esquerda do Botafogo, boa praça e meio atrevido, cansou de ouvir de Saldanha e Paulo Amaral: “Olha lá o cara, não vai dar uma de Flávio, bicicleta não é para qualquer um, ainda mais dentro da nossa área.” Um episódio que rebatizou o jogador como “Flávio Bicicleta”. Quando, anos mais tarde, Flavio chegava ao “Marimbás” era recebido pela turma da praia efusivamente: “fala, ô Bicicleta!”

Machado de Assis, em Helena, com sua visão apurada do universal, escreveu algo de semelhante ao que disse Neném: “ninguém se meta a fazer aquilo que ignora”.²⁸⁹

5.4. O ESTILO DE NELSON RODRIGUES

Jornalista, teatrólogo que revolucionou a dramaturgia brasileira, está mais no plano da ficção, dos personagens fantásticos, das recorrências seculares, quase bíblicas. Para Nelson, só os cretinos fundamentais não enxergavam a beleza do futebol brasileiro e a superioridade do nosso jogador sobre o europeu com toda a sua *saúde de vaca premiada*.

Radical em sua paixão, na mesma toada de Gilberto Freyre em seu prefácio ao *Negro no futebol brasileiro*, de Mario Filho, Nelson respondia de maneira profética à pergunta “o que a nossa seleção deve fazer para ganhar lá fora?”. “Deve é jogar

²⁸⁹ ASSIS, Machado. Helena. Biblioteca Digital MEC. Texto fonte: *Obras completas de Machado de Assis*. Capítulo XV. 1994. p. 48.

como brasileiro joga. Com seu virtuosismo, sua beleza, nunca vistos antes na face da Terra. Quarenta minutos antes do nada... Adão. Adão era apanhador de bola do Brasil..." E repetia enfático: "e quem se deslumbrar com o futebol europeu, que vá para lá; se não tiver dinheiro para a passagem que vá a nado e pronto!"²⁹⁰

O mesmo Nelson, criador de personagens como o *Sobrenatural de Almeida*, a *Cabra vadia* e o *Ceguinho*, torcedor fanático do Fluminense, que via tudo, comentava tudo. Do pênalti duvidoso ao erro do bandeirinha, o *Ceguinho enxergava* o jogo mais do que ninguém. Sua definição sobre Didi é clássica: "em uma simples ginga de Didi, há toda uma nostalgia de gafieiras eternas". Sobre Gerson, vendo o "canhotinha de ouro" em campo, estudando calmamente o momento preciso de um lançamento longo, comparou: "a velocidade burra dos europeus e a santa lentidão dos brasileiros".

Nelson Rodrigues foi mestre em frases antológicas que serviriam de mote a vários outros colegas, como Sérgio Cabral em sua coluna "Papo de Esquina", publicada durante anos em *O Globo*.

Nas crônicas de Nelson (sobre futebol ou sobre o cotidiano carioca), podíamos ler, em destaque ou escondidas no meio do texto, frases que ganharam vida própria, como máximas, adágios, bordões...

"A vizinha gorda e patusca".

"Pendia uma baba elástica e bovina..."

"Sentou no meio-fio e chorou lágrimas de esguicho".

"É de sair soltando fogos de artifício pelas ruas".

"Óbvio ululante".

"Franciscano 1 x 0".

"Se não tiver sorte, engole-se o palito do chica-bon (ou se é atropelado pela carrocinha)".

"Pôs as sandálias da humildade".

"Lábio trêmulo, olho rútilo".

"Mortos tremeram no túmulo".

"Idiota da objetividade".

"Lorpas, pascácios, bovinos".

²⁹⁰ Extraído do Projeto Memória do Esporte (UCAM, FRM, MEC), documentário *Quem Não Faz, Leva* de Raul Milliet Filho, em 1985.

"Mau tempo de 5º ato de Rigoletto".

"Leve como uma sílfide".

"Lambe rapadura há 2000 mil anos (o nosso jogador)".

"Investiu como um búfalo de Marajó".

"Vitória doce e santa".

"Time ungido".

"A grã-fina das narinas de cadáver que no estádio perguntava: quem é a bola?".

Tantas e tantas outras deste homem que, através de uma característica pouco conhecida de sua personalidade (um típico homem cordial buarqueano), marcou época e fez dessa faceta, talvez, a sua maior máxima, a sua frase mais inspirada, a sua melhor crônica. Era um amigo para todas as horas.

Nelson era, antes de tudo, um torcedor do Brasil. Na sua caderneta de amigos, credos, posições políticas, perfis de personalidades, os mais diversos. De João Saldanha a Armando Nogueira. De Gustavo Corção a José Celso Martinez Correa, Otto Lara Resende e Plínio Marcos. Sua dedicação ao filho Nelsinho, preso político por mais de sete anos, foi silenciosa e permanente.

Comprava brigas difíceis em defesa das amizades sinceras. Era este, aliás, o sentido maior que via no futebol: o seu potencial gregário.

Com Saldanha, por exemplo, sua atitude foi firme em todos os momentos. Um dos maiores defensores da escolha de João para técnico da seleção, não abandonou o amigo no momento difícil da demissão e da perseguição política. Não se comportou como tantos outros. O mesmo Nelson, que vibrava com as posições de João Saldanha em defesa do país e do futebol brasileiro, que em diversas ocasiões respondeu na "lata" a provocações de jornalistas ingleses e alemães, não titubeou quando do afastamento do amigo. Em 14/04/1969, em crônica para *O Globo*, sentenciava: "No escrete do João, ninguém vai ser cachorro amarelo"; "O escrete do João terá 11 Obdúlios".

Pode-se perceber que as máximas são, antes de qualquer coisa, extratos de narrativas e histórias bem ao gosto de peladeiros e pescadores.

Em 06 de novembro do mesmo ano, Nelson deu à sua crônica o título "João sem Medo". Algumas passagens, além do título, ficaram na história.

Por exemplo: - Meu caro João Saldanha. Tenho-lhe um afeto de irmão. Quebrei minhas lanças para que a CBD o escolhesse. João Havelange e Antonio do Passo tiveram um momento de lucidez ou mesmo de gênio, um momento digno de um Disraeli, e o chamaram. Ao ter a notícia, berrei: - “É o técnico ideal”. Um amigo meu, bem pensante insuportável, veio me perguntar: - “Você acha que o João tem as qualidades necessárias?” Respondi: - “Não sei se tem as qualidades. Mas afirmo que tem os defeitos necessários”. E, realmente, o querido Saldanha possui defeitos luminosíssimos.

Por exemplo: - é um furioso. Não acendam um fósforo perto dele que o João explode. E aí está o primeiro e maravilhoso defeito: - uma Copa do Mundo é uma selva de gangsteres...²⁹¹

Por ocasião do sorteio das chaves para a Copa de 1970, na Cidade do México, o então técnico João Saldanha denunciou em entrevista coletiva torturas e assassinatos cometidos pelo regime militar. Nelson engasgou de susto. Mas, perspicaz e com instinto político aguçado, disparou diversos telefonemas para setores governamentais, “amaciando” as declarações de João.

Definido o afastamento de Saldanha da seleção, Nelson Rodrigues, fugindo até mesmo um pouco ao seu estilo, escreveu belas crônicas de onde também podemos retirar máximas e expressões antológicas.

Dessas, destacamos duas. Destas duas, algumas de suas passagens. As *hienas contra Saldanha*:

...Volto ao Saldanha. Quando começou o complô para a sua queda? Começou no justo momento em que foi escolhido. Ninguém o queria porque ele não faz jogo de concessões. Só pensava no escrete. Podia o mundo vir abaixo, que ele não transigiria por medo, habilidade, falta de caráter. Não via Rio, não via São Paulo, não via ninguém, a não ser o Brasil. **São Paulo sempre mandou e queria mandar.** João achava que um escrete não pode ser uma composição de interesses e egoísmos.

²⁹¹ Publicado no jornal O Globo, em 06/11/1969.

Nem se diga que a seleção não fez nada. Fez muito, fez o que devia fazer. Não estava pronta, nem era para estar pronta. O time nacional só pode chegar a seu apogeu no México. Lá, sim, é que deve alcançar o seu nível ideal, o seu rendimento absoluto. Será uma tragédia se, antes, por uma funesta antecipação, chegar à plenitude. Assim mesmo, conseguimos a classificação em goleadas flamejantes. E mais: - ganhamos dos ingleses campeões do mundo com olé.²⁹²

Sem tempo para respirar, emendamos com outra de Nelson Rodrigues sobre o mesmo o assunto: *Guerra suja, tão suja*.

Já ensaiei uma explicação. Mas repito: - “Por que, por quê?”. O Salim Simão explica-me que Saldanha tornara-se poderoso demais. Ele, sozinho, com a sua figura folclórica, as suas broncas lendárias, os seus brios flamejantes – ele era maior do que a CBD, do que as federações, do que as forças ostensivas ou obscuras que manipulavam o nosso futebol. E as invejas, as vaidades, as frustrações, os rancores – não podiam admitir que ele fosse maior do que a estrutura laboriosamente criada e mantida. E ainda seria muito maior e muito mais forte se voltasse com o caneco de ouro. Teria então meios de transformar a nossa realidade esportiva.

Mas vejam: - seu primeiro dever era a classificação; e ele o cumpriu. O segundo dever era a conquista do título. Parentes, figuras da imprensa, do rádio e da televisão se uniram para frustrá-lo no seu maravilhoso esforço final. Exigiram que ele se deixasse massacrar sem um gemido. Rolou a cabeça do “João Sem Medo”. E, agora, queremos mais do que nunca o caneco.

Ah, foi uma guerra suja de tantos contra um só. Guerra digna do nosso vômito.²⁹³

Neste momento, onde passamos de Nelson Rodrigues para João Saldanha, é necessário salientar que o estilo de Nelson era mais lírico, rebuscado, pleno de um

²⁹² Publicado no jornal O Globo, em 18/03/1970.

²⁹³ Publicado no jornal O Globo, em 19/03/1970.

conteúdo onde a dramaturgia penetrava nos poros do cotidiano de seus personagens.

5.5. JOÃO SALDANHA

Jornalista, técnico do Botafogo, campeão em 1957, membro do comitê central do Partido Comunista Brasileiro, responsável pela montagem do time tricampeão em 1970: "o realmente técnico", "o comentarista que o Brasil inteiro consagrou". O "João sem medo", como dizia Nelson Rodrigues.

Saldanha é responsável por várias expressões e gírias da linguagem coloquial: "cabeça de bagre"; "linha burra de quatro zagueiros"; "o mapa da mina é ali, pela ponta, em cima do lateral esquerdo deles"; "macaquinho namorado da girafa". Uma outra: "se bicho ganhasse jogo, o time do Citibank não perdia uma".

Existem algumas máximas e expressões que, apesar de atribuídas a Neném Prancha, são mesmo dele. Como afirmou Sérgio Cabral (pai): "o João Saldanha inventava frases e dizia serem do Neném Prancha". Por exemplo: "se concentração ganhasse jogo, o time da penitenciária seria campeão; "se macumba ganhasse jogo, o campeonato baiano terminava empatado".²⁹⁴

Como cronista, Saldanha era um estilista de natureza diferenciada, mesclando o popular e o erudito sempre que necessário, evidenciando a erudição do popular, na linha de autores e pesquisadores como Mario de Andrade e Câmara Cascudo. João mergulhou no "universo temático" das classes populares, conhecendo através de leituras e da vida prática os seus meandros. Como em algumas obras de Luis da Câmara Cascudo:

Através desses e de outros de seus estudos, foram configuradas dimensões de sociabilidade do homem comum brasileiro, visíveis no cotidiano de alimentação, moradia, vestuário, nos rituais de nascimento e morte, nas identidades de gênero e faixa etária, em oralidade, gestos, lembranças, comemorações e tantas outras faces da condição humana. Esse universo temático local e regional

²⁹⁴ Entrevista concedida por Sergio Cabral (pai) ao Projeto Memória do Esporte (UCAM, FRM, MEC), documentário *Quem Não Faz, Leva* de Raul Milliet Filho, em 1985.

retomou também tradições milenares de diferentes povos, evidenciando vasta e cosmopolita erudição do escritor.²⁹⁵

Atuando concomitantemente em rádio, jornal e televisão, incomodava e desagradava conservadores e puristas, por motivos variados, dois dos quais podem ser percebidos pelo primeiro leitor, pelo primeiro ouvinte: sua posição aberta de comunista e sua adesão apaixonada no lapidar da linguagem e cultura popular, nunca vista por ele como construção antagônica à cultura erudita. Em seus comentários pelo rádio, introduziu inovações que deixaram ruborizadas as cútis do recato pleno de hipocrisia, quando ouviram termos como: “*porrada*”, “*cacete*” e outros. Conscientemente, fez chegar inovações da Semana de Arte Moderna à imprensa esportiva, retirando o traje a rigor e as ceroulas que revestiam os textos. Em suas colunas, podia-se ler: “Os coleguinhos enlatados e os empresários do futebol esculhambando o troço...” ou “O ingresso foi caro, variava de quinhentos mangos e ia até dois mil e fumaça...”. Definia de forma sucinta as exigências do futebol moderno: “Campo de futebol não é loteamento. Ninguém é dono de lote, de posição fixa.” Ou “no futebol atual o preparo físico precisa ser apurado, pois do contrário, o time joga como quem dorme com cobertor curto no inverno”. Indo adiante: “Quatro homens, um ao lado do outro, é a linha burra de quatro zagueiros. Só dá certo em parada militar, no futebol é brejo certo.” Ou “Pelé é para o futebol brasileiro o que Shakespeare é para a literatura inglesa”.

O popular em João Saldanha tinha no humor seu principal ponto de apoio. Um humor onde a alegria e o sorriso maroto, extensão de sua própria vida, não eram inventados, mas vividos. O humor de João pode ser situado na linha do historiador e linguista russo Bakhtin. Um humor que se transmuta em riso como forma de bater no fígado do discurso oficial, impedindo que o sério se imponha com a prepotência de gala.

Arthur Dapieve, em crônica de 08/06/2006 (jornal *O Globo*), falava sobre o estilo de João:

Imagino, ainda, o quanto Saldanha teve de depurar o texto para chegar ao estilo que soava como uma conversa com o leitor. Engana-se quem acha ser simples escrever um texto simples,

²⁹⁵ SILVA, Marcos. *Dicionário crítico Câmara Cascudo*. São Paulo: Perspectiva; 2003. p. 8.

coloquial. Sendo a escrita um registro diferente, necessariamente mais formal, reproduzir a fala exige tratos à bola. Nada é mais artificial do que o naturalismo. Prova de que Saldanha era um estilista está na convivência, em suas crônicas, de popular (“o diabo é que...” é um de seus bordões) e culto (e não pipoca na dividida “fê-lo”).

Cético, lembrando Mané, não se cansava de repetir: “Hoje, o Garrincha morreria de tanta pancada em campo”.

O OLÉ NASCEU NO MÉXICO (BOTAFOGO X RIVER PLATE)

O Estádio Universitário ficou à cunha. Cem mil pessoas comprimidas para assistir ao jogo. É muito alegre um jogo no México. É o país em que a torcida mais se parece com a do Rio de Janeiro. Barulhenta, participa de todos os lances da partida. Vários grupos de "mariaches" comparecem.

O time do River era, realmente, uma máquina. Futebol bonito e um entendimento que só um time que joga junto há três anos pode ter. Modestamente, jogamos trancados. A prudência mandava que isto fosse feito. De fato, se "abrissemos", tomaríamos um baile.

Foi um jogo de rara beleza. E não foi por acaso. De um lado estavam Rossi, Labruña, Vairo, Menéndez, Zarate, Carrizo. De outro, estavam Didi, Nilton Santos, Garrincha etc. Jogo duro e jogo limpo. Não se tratava de camaradagem adquirida em quase um mês no mesmo hotel, mas sim da presença de grandes craques no gramado. A torcida exultava e os "mariaches" atacavam entusiasmados.

Estava muito difícil fazer gol. Poucas vezes vi um jogo disputado com tanta seriedade e respeito mútuos. Mas houve um espetáculo à parte. Mané Garrincha foi o comandante. Dirigiu os cem mil espectadores. Fazendo reagirem à medida de suas jogadas. Foi ali, naquele dia, que surgiu a gíria do "Olé", tão comumente utilizada posteriormente em nossos campos. Não porque o Botafogo tivesse dado "Olé" no River. Não. Foi um "Olé" pessoal. De Garrincha em Vairo.

Nunca assisti a coisa igual. Só a torcida mexicana com seu traquejo de touradas poderia, de forma tão sincronizada e perfeita, dar um "Olé" daquele tamanho. Toda vez que Mané parava na frente de Vairo, os espectadores mantinham-se no mais profundo silêncio. Quando Mané dava aquele seu famoso drible e deixava Vairo no chão, um coro de cem mil pessoas exclamava: "Ôôôôô"! O som do "olé" mexicano é diferente do nosso. O deles é o típico das touradas. Começa com um ô prolongado, em tom bem grave, parecendo um vento forte, em crescendo, e termina com a sílaba "lé" dita de forma rápida. Aqui é ao contrário: acentua-se mais o final "lé": "Olééé!" – sem separar, com nitidez, as sílabas em tom aberto.

Verdadeira festa. Num dos momentos em que Vairo estava parado em frente a Garrincha, um dos clarins dos "mariaches" atacou aquele trecho da Carmen que é tocado na abertura das touradas. Quase veio abaixo o Estádio Universitário.

O jogo terminou empatado. Vairo não foi até o fim. Minella tirou-o do campo, bem perto de nós no banco vizinho. Vairo saiu rindo e exclamando: "No hay nada que hacer. Imposible" – e dirigindo-se ao suplente que entrava, gozou:

– Buena suerte muchacho. Pero antes, te aconsejo que escribas algo a tu mamá.

No final uma multidão invadiu o campo. O "Jarrito de Oro", que só seria entregue ao "melhor do campo" no dia seguinte, depois de uma votação no café Tupinambá, foi entregue ali mesmo a Garrincha. Os torcedores agarraram-no e deram uma volta olímpica carregando Mané nos ombros. Sob ensurdecadora ovação da torcida.

Não poderia ter havido maior justiça a um jogador que a que foi feita pelos mexicanos a Mané Garrincha. Garrincha é o próprio "Olé".

Dentro e fora de campo, jamais vi alguém tão desconcertante, tão driblador. É impossível adivinhar-se o lado por onde Mané vai "sair" da enrascada. Foi a coisa mais justa do mundo que Garrincha tivesse sido o inspirador do "Olé".

Obs: trechos de um capítulo do livro *Os Subterrâneos do Futebol de João Saldanha*, lançado pela Editora Tempo Brasileiro em 1964.

Nelson Rodrigues, por ocasião do lançamento de *Os Subterrâneos do Futebol*, livro de estreia de João Saldanha, fazendo coro a uma série de elogios de crítica e público, acrescentou um comentário que incorporamos não apenas como uma análise do livro de Saldanha, mas como um reforço para o papel do imaginário e da ficção na História Social:

Realmente, é um esplêndido livro, de um apaixonante interesse. Amigos, só os homens de envergadura podem tentar um gênero como o folhetim. Um Proust pode se dar ao luxo de ser chato. Assim um Valéry, ou um Joyce. Mas um folhetinista precisa ser um sedutor nato. Ele tem que empolgar, que arrebaratar. O leitor tem de torcer como num filme de índio e diligência ou num jogo de futebol. E **Os Subterrâneos do Futebol** interessam da primeira à última vírgula. Pergunto: aconteceu tudo aquilo que o João descreve com abundância e colorido? Não sei nem me importa. **Ou por outra: num folhetim, considero a veracidade um detalhe ínfimo e até comprometedor. De mais a mais, só pela imaginação é que chegamos à essência dos times e dos jogos.** Para ser sincero, não creio que o magnífico cronista use, nos seus recontos, a chata e ignara objetividade do vídeo-tape. Sua fantasia há de aquecer muitos dos episódios e muitas das figuras que povoam as suas páginas.²⁹⁶

5.6. GENTIL CARDOSO

Além de todos seus atributos como técnico, foi autor de frases de grande originalidade: “Quem se desloca recebe, quem pede tem preferência”; “Quem não faz, leva”; “Bola pro mato que o jogo é de campeonato”.

Só para lembrar um leitor ligeiramente desatento, conforme apontamos no quarto capítulo, Gentil Cardoso achava fundamental o jogo rasteiro, principalmente dentro do estilo da Escola brasileira de futebol. Quando algum de seus jogadores levantava muito a bola, dizia: “*a bola é feita de couro, o couro é tirado da vaca e a vaca come no chão. Portanto, a bola deve rolar rasteira*”. Lembram? Foi de sua lavra

²⁹⁶ Publicado no jornal O Globo, em 23/03/1964. (grifos nossos).

o termo “cartola”, cunhado em torno de 1933, para designar os dirigentes esportivos que discutiam, na época, a adoção do profissionalismo.

A “zebra” foi outro achado de Gentil. Técnico da Portuguesa, time pequeno do Rio de Janeiro, na véspera de enfrentar o Vasco da Gama, seu antigo clube, afirmou aos quatro cantos: “olha, amanhã vai dar zebra”. No sentido de que, entre os 25 bichos do jogo, daria um de fora. A zebra. A Portuguesa venceu a partida, immortalizando a expressão “dar zebra”.

“Dêem-me Ademir e eu lhes darei o título.” Disse Gentil Cardoso. O Fluminense atendeu ao pedido do técnico, contratou o atacante e foi campeão carioca de 1946.

Em 1952, Gentil Cardoso conquistou como técnico do Vasco da Gama o campeonato carioca. Vaidoso, destilou ironia aos seus críticos dentro do clube: “Estou com o povo e quem está com o povo não perde o poder”. Foi demitido ainda no vestiário.

ARMANDO NOGUEIRA, DIDI, NILTON SANTOS E PLÍNIO MARCOS

Há outras frases, outros autores, como Armando Nogueira: “para entender a alma de um brasileiro”, diz Armando, “é preciso surpreendê-lo no momento de um gol”. Ou aquela famosa inspirada nos craques dos espaços curtos como Tim e Garrincha: “para um craque, um palmo de campo é latifúndio”.

Sobre a bola, também chamada de *menina*, *nega*, *maricota* e *leonor*, dizia Didi com a sabedoria dos grandes mestres: “a bola é como mulher, carinho o tempo todo, senão acaba perdendo”.

“Alguém lá no céu vai ter que sair do time para o Didi entrar”, declarou Nilton Santos, em 15/12/2001, ao tomar conhecimento do falecimento de Didi. “Craque só tem valor enquanto é craque”, máxima de Plínio Marcos.

5.7. ASSIM É O MUNDO DO FUTEBOL...

De todos os jogadores, um deles, em uma posição amaldiçoada, foi motivo de especial interesse para os contadores de histórias do nosso futebol: o goleiro.

Três frases o definem com precisão: “ele é tão maldito que onde joga não nasce grama”; “um time de futebol é formado por dez pessoas e um goleiro”; “o goleiro deve dormir com a bola, se for casado tem que dormir com as duas”.

Assim é o mundo do futebol. Versões, histórias, autorias imprecisas, como um gol em lance confuso. Quem tocou por último? Quem criou tal máxima? Como aquela famosa do pênalti, por exemplo: “Pênalti é tão importante que devia ser batido pelo presidente do clube”. De quem foi? Do Neném Prancha? Sérgio Cabral diz que não. “Eu quero dizer que esta frase, esta máxima, “pênalti é tão importante...” é do Cavaca, humorista, homem de bom gosto. Dom José Cavaca”.²⁹⁷

João Saldanha tinha uma outra versão para a mesma história.²⁹⁸

O Botafogo perdera um jogo. Porque um jogador chamado Valseque, ao bater um pênalti, pegou por baixo e mandou a bola lá do outro lado da rua, por cima das arquibancadas de General Severiano. No dia seguinte, chateado, o presidente, um senhor baixinho, de terno branco, sapato de verniz, parou o treino e disse: “olhem só”. E bateu o pênalti no canto, afirmando: “pênalti se bate assim”. Neném Prancha, assistindo a tudo, emendou de primeira: “pênalti é tão importante, que devia ser batido pelo presidente do clube”.

Frases simples. Iradas, poéticas, religiosas, muitas vezes impublicáveis. Coisas deste jogo que é arte e paixão popular. Esporte sem pátria e sem fronteiras que levou o escritor Albert Camus, antigo goleiro de um modesto time argelino, a afirmar um dia:

... o essencial para mim era jogar futebol: a bola era a minha paixão e eu sapateava de impaciência, de domingo a quinta-feira, dia de treino, e de quinta a domingo, dia de jogo... Depois de muitos em que o mundo me ofereceu tantos espetáculos, o que finalmente eu mais sei sobre a moral e as obrigações dos homens, devo-o ao futebol.²⁹⁹

²⁹⁷ Entrevista concedida por Sérgio Cabral (pai) ao Projeto Memória do Esporte (UCAM, FRM, MEC), documentário *Quem Não Faz, Leva*, de Raul Milliet Filho, em 1985.

²⁹⁸ Entrevista concedida por João Saldanha ao Projeto Memória do Esporte (UCAM, FRM, MEC), documentário *Quem Não Faz, Leva*, de Raul Milliet Filho, 1985.

²⁹⁹ CAMUS, Albert apud NOGUEIRA, Armando. *O goleiro Camus*. Rio de Janeiro: JB. 17/06/1965.

A CORDA E A CAÇAMBA

As máximas e expressões estão impregnadas de narrativas. E vice-versa. Algo de parecido, como disse Noel Rosa em “O X do Problema” (samba/1936): “O samba é a corda, eu sou a caçamba.”

Claudia Mattos, jornalista, desenvolve uma instigante análise do que Walter Benjamin considerou como informação e narrativa. Para o filósofo alemão, a informação esgota-se no momento em que é transmitida, enquanto a narrativa sobrevive muito tempo após o seu contato com o mundo do leitor.

Em relação ao futebol, pode-se notar dois tipos distintos de narrativa. A primeira tem sua origem na imprensa esportiva. A notícia não atinge a narração, restringindo-se ao âmbito da informação, com seu valor de consumo imediato. Mas a crônica esportiva, uma variante da notícia, trouxe a narração à mídia. Para estabelecer uma diferenciação clara do que está sendo chamado de notícia e crônica, basta um paralelo entre as matérias de jornal sobre o dia-a-dia dos clubes (fulano treinou na posição tal, o técnico beltrano quer que a equipe jogue num determinado esquema, o jogador fulano sentiu uma fígada na coxa) e as fabulosas crônicas de Mario Filho, Nelson Rodrigues, José Lins do Rego e João Saldanha. Mario Filho ainda prezava a objetividade dos fatos, mas, principalmente em Nelson e Saldanha, é fácil encontrar a ausência de comprometimento com futebol-jogo, às vezes até com a verdade factual.³⁰⁰

O segundo tipo de narrativa a que se refere Claudia Mattos são as histórias de futebol contadas de pessoa para pessoa. De pai para filho. De treinador para jogador. De amigo para amigo.

Pensamos que, na verdade, não estamos diante de dois tipos de narrativa, mas de um só. Pois os cronistas que conseguem, através do talento de seu texto e do envolvimento com o futebol, dar vida longa aos seus enredos são, antes de mais nada, cronistas da oralidade. Imersos, qual um Neném Prancha, no universo futebolístico.

³⁰⁰ MATTOS, Claudia. *Cem Anos de Paixão*. Rio de Janeiro: Rocco; 1997. p;37-38.

5.8. A TURMA DA FIRULA: ENTRE O CAMPO E O PICADEIRO

Na década de 1950, o futebol brasileiro formou grandes times. No Rio de Janeiro, o Botafogo de Garrincha, Didi e Nilton Santos foi a base das seleções de 1958 e, principalmente, de 1962. Brasil bicampeão mundial.

Tendo constituído um time de excelência, choviam convites para amistosos no exterior. Em 1959, o Botafogo fez uma excursão à Europa, passando pela cidade de Umea, no norte da Suécia. Pois bem, na Suécia, além do campeonato mundial de 1958, começou o time da firula ou a turma da firula. João Saldanha narra as aventuras de seus componentes no livro *Os Subterrâneos do Futebol*. Compunham a turma, Rossi, Edson, Ronald, Tião, Neivaldo e Adalberto. Seu grande mérito era o controle da bola e o malabarismo que faziam do meio-campo até a área adversária durante os intervalos dos jogos. Conta João:

Já estavam acostumados a brincar juntos e faziam misérias com a bola. O grande segredo constava principalmente do seguinte: usavam sapatos de lona e a bola era previamente esvaziada, um pouco, o que facilitava o controle. Este segredo foi ensinado por um crioulo colombiano que fazia números de controle de bola em intervalos de partidas.³⁰¹

Conversando com Adalberto,³⁰² goleiro titular do Botafogo naquela época, obtivemos algumas informações complementares sobre a turma da firula

Seu João (o técnico do time na época), diz Adalberto, era boa praça e até nos incentivou. Um dia, estávamos treinando lá na Suécia e veio um jornalista que também era empresário e deu a ideia. Vocês fazem uma apresentação tipo de circo, no intervalo do jogo, que garantimos um bom cachê. Pegamos a ideia na hora e conversando bolamos como seria o número.

Do meio-campo para frente íamos tocando a bola (neste momento, Adalberto ressalta que ele não participava desta parte porque não tinha controle de bola) até a área, quando numa linha de

³⁰¹ SALDANHA, João. *Os Subterrâneos do Futebol*. Rio de Janeiro: Jose Olympio; 1980. p.136.

³⁰² Conversa/entrevista em julho de 2002 no Seminário Esporte e Cidadania no Rio de Janeiro.

passse armávamos o lance final e eu fingia uma ponte e não conseguia defender. A torcida delirava. Seu João conta esta história muito bem naquele livro dele. Mas teve um dia em que foi engraçado. O Tião foi dar uma meia-bicicleta, escorregou, se estatelou no chão e a torcida não sabia se ria ou vaiava. Não ganhamos o “bicho”. Pegamos no pé do Tião muito tempo por conta desse escorregão.

Segundo Adalberto e João Saldanha, a linha de passe era requintada. Ronald e Rossi, de calcanhar e com o peito, controlavam a bola, trocavam alguns passes de cabeça e para dar “mais colorido ao lance”, escolhiam um crioulo para finalizar. O Tião Macalé, que tal como o Flavio Bicicleta, teve seu dia de Leônidas da Selva, furando a bola.

O que é interessante frisar é que, como já salientamos, controle de bola e número de circo, sozinhos, não ganham jogo. Vários atacantes e até meio-campistas foram craques no chute, milimétricos em seus passes, mas não tinham esta habilidade toda no trançado da bola, no malabarismo. Um craque não precisa necessariamente ser malabarista. Vários não foram.

5.9. BATE-PRONTO

“Bate-pronto é o chute forte dado quase que imediatamente após a bola quicar (pegá-la de bate-pronto). Sai forte, e é de difícil defesa para o goleiro”.³⁰³ De bate-pronto, de prima, assim são as máximas.

Tentando, como um *flâneur*, passear com sabedoria pela linguagem do futebol e pelo universo de seus autores, destacamos alguns momentos/cenários do objeto do trabalho ora apresentado. Sempre de primeira para não perder o ritmo.

- a) O linguajar dos frasistas da bola, já dissemos, revela a crônica da crônica. Um movimento harmônico e rápido que, com poucas palavras, condensa décadas. Parafraseando Woody Allen, para quem cada plano é um filme, cada máxima contém jogos e campeonatos inteiros.

³⁰³ PROENÇA, Ivan Cavalcanti. *Futebol e Palavra*. Rio de Janeiro: José Olympio; 1981. p. 95.

- b) Passando por Roland Barthes (*A Câmara Clara*), comparando máximas e expressões com crônicas sobre futebol, é possível afirmar que, de forma ampliada, enquanto as máximas e expressões representam o que Barthes denominou como *punctum*, as crônicas situam-se no significado do *studium*.

... é o *studium*, que não significa, pelo menos imediatamente, o estudo, mas a aplicação a uma coisa, o gosto por alguém, uma espécie de investimento geral, empolgado, evidentemente, mas sem acuidade particular.³⁰⁴

Para o autor que não conseguiu encontrar uma palavra com este significado a não ser em latim, existe um outro elemento que, entrando abruptamente em cena “como uma seta”, sem aviso prévio, vem desconstruir o *studium*. Para ilustrar, Barthes agrega uma outra palavra em latim:

Existe uma palavra em latim para designar essa ferida, essa picada, essa marca feita por um instrumento aguçado; essa palavra convinha-me sobremaneira porque remetia também para a idéia de pontuação e porque as fotos a que me refiro estão efetivamente pontuadas, por vezes até salpicadas, por esses pontos sensíveis. Essas marcas, essas feridas são, precisamente, pontos.

A este segundo elemento que vem perturbar o *studium* eu chamaria, portanto, *punctum*; porque *punctum* é também picada, pequeno orifício, pequena mancha, pequeno corte – e também lance de dados. O *punctum* de uma fotografia é esse acaso que nela me fere (mas também me mortifica, me apunhala).³⁰⁵

Seriam as máximas e expressões instrumentos de linguagem que, tal qual o drible no futebol, nos permite um olhar crítico sobre o objeto estudado? Roland Barthes entendia a linguagem como fascista, dizendo que o seu fascismo não está em impedir de dizer, mas em obrigar a dizer. Neste sentido tinha como propósito a criação de uma linguagem crítica da linguagem, visando fintar, trapacear este seu

³⁰⁴ BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*. Lisboa: Edições 70, 1998. p.46.

³⁰⁵ Ibid. p. 46-47

fascismo: “Esta trapaça salutar, esta esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da realidade, eu a chamo de literatura”.³⁰⁶

Sempre em um sentido de diálogo em aberto com os conceitos e autores, diríamos que as máximas e expressões, muitas vezes, trapaceiam para revelar o seu sentido de brevidade. De condensação: “Feio não é perder, feio é ter medo” (Fausto, *A Maravilha Negra*).

- c) Máximas e expressões, enquanto crônica da crônica, também são correlatas de poemas e letras de samba, marchinha, bossa-nova etc.

Sérgio Cabral, pai, na apresentação de seu musical “Sassaricando (e o Rio inventou a marchinha)”, parceria com Rosa Maria Araújo, diz:

...que as marchas são verdadeiras crônicas, elas contam a história da cidade e as qualidades e defeitos do seu povo, quase sempre sem abrir mão do deboche e da malícia. Vão do lirismo ao esculacho...

Pois bem, podemos afirmar que as máximas e expressões estão para o futebol assim como os refrões para as crônicas/marchinhas: “Quem não chora não mama, segura meu bem a chupeta, lugar quente é na cama ou, então, no Bola Preta”.

“Seja breve”, dizia Noel em um de seus sambas, acrescentando: “Não percebi porque você se atreve a prolongar sua conversa mole” (samba/1933). Uma máxima sem brevidade vira conversa mole.

O mesmo Noel que, em 1930, na sua única composição que menciona um craque do futebol (Russinho, do Vasco. Daí a lenda de Noel ter sido vascaíno), resume, em uma única estrofe, o que é uma máxima. O que é uma expressão ou uma frase bem feita, não só no futebol, mas na vida em geral:

Quem dá mais...
Por um samba feito nas regras da arte,
Sem introdução e sem segunda parte,

³⁰⁶ BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1996. p. 19.

Só tem estribilho, nasceu no Salgueiro,
E exprime dois terços do Rio de Janeiro.

(Quem dá Mais? (Leilão do Brasil) – Noel Rosa – 1930)

Uma máxima, portanto, é um samba só com a primeira. Assim como “Recado”, de Paulinho da Viola, que ficou só com a primeira durante muito tempo, até que Casquinha, também da Portela, compusesse a segunda. Aliás, nos primeiros tempos do samba no Rio de Janeiro, no Estácio da “Deixa Falar”, de Ismael, reduto da torcida do América F.C, o samba era assim mesmo. Só com a primeira parte, sem a segunda.

- d) Walter Benjamin tendia a utilizar suas citações de forma inesperada, objetivando causar grande surpresa aos seus leitores. Comparava suas citações a salteadores de estradas desertas que planejavam atacar as diligências em trechos pouco frequentados para roubar as convicções dos passageiros.

As máximas *atacam* seus ouvintes e leitores com o impacto do *punctum*, surpreendendo e roubando as convicções com os recursos do humor e da persuasão. Apenas narradores *benjaminianos* poderiam/podem elaborar frases como esses 3 mosqueteiros, que também são quatro, como no romance de Alexandre Dumas: Gentil, Nelson, João e Neném.

- e) Aforismo é uma máxima, um trecho curto e sucinto, que apresenta alguma reflexão, uma moral, que resume um pensamento. Guimarães Rosa criou aforismos que ficaram famosos, resultado tanto de sua vasta cultura quanto das experiências colhidas da vida no sertão.

São curiosos e dialogam com algumas do mundo do futebol. Por exemplo, “Quem não tem dente, não toca berrante ...” (de suas Cadernetas de Campo). Ou : “É andando que cachorro acha osso”; “Quem vai na frente bebe água limpa” (de Sagarana).

Em *Grande Sertão: Veredas*, o romancista enuncia: ” ‘Vida’ é noção que a gente completa seguida assim, mas só por lei duma ideia falsa. Cada dia é um dia.”

Mas o maior ponto de aproximação das máximas de Rosa com as do futebol está na oralidade da escrita. Na possibilidade de visualização da palavra escrita e falada por ela mesma. Na mesma linha do que disse Nelson Rodrigues, ao afirmar que “a verdade está com a imaginação dos locutores de rádio e não com a burrice do vídeo-tape – a imaginação está sempre mais próxima da essência”.

E não é apenas da palavra escrita que podemos desdobrar outros significados. Uma imagem ou uma caricatura, um plano de um filme de Woody Allen, dizem muito.

A caricatura e as máximas contendo tanto a possibilidade de ver quanto de fazer ver. Uma caricatura tem como poder dirigir o olhar para determinadas facetas das experiências humanas, de revelar essas facetas, através de um olhar que pensa.³⁰⁷

Uma boa máxima deve ter o mesmo condão de um talentoso caricaturista, revelando em uma imagem (no caso, em uma frase) uma fatia representativa da realidade abordada.

- f) Por fim, também de bate-pronto, abrimos aspas para Augusto de Campos, citado em belo texto de Ângela Maria Dias (*Memória da Cidade Disponível: Foi um Rio que Passou em Nossas Vidas – A Crônica dos Anos 60*)³⁰⁸. A autora estabelece, a partir de Fred Góes, uma aproximação temático-formal entre as letras da bossa-nova e as crônicas de Sérgio Porto – Stanislaw Ponte Preta (goleiro do time dirigido por Neném Prancha, parceiro de futebol e amigo de João Saldanha, ambos cronistas do jornal *Última Hora* criado por Samuel Wainer).

É o uso do linguajar simples, feito de elementos extraídos do cotidiano da vida urbana, que revela uma poética cheia de humor, ironia e blague, gozação e malícia. Às vezes também melancólica (...) O primeiro tipo seria aquele cujo conteúdo descreve ou comenta situações, circunstâncias e fenômenos inerentes à vida citadina e

³⁰⁷ SILVA, Marcos. Henfil no Alto da Caatinga: Graúna, Orelana, Zeferino e Nordeste/Mundo In. *Arius* – Revista de Ciências Humanas e Artes. Vol. 13. nº2. julho/Dezembro de 2007. p.188

³⁰⁸ DIAS, Ângela Maria. *Memória da Cidade Disponível: Foi um Rio que Passou em Nossas Vidas – A Crônica dos Anos 60*. In RESENDE, Beatriz (Org.). *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio; 2001. p. 58.

praieira, regiões onde nasceu e circula a bossa-nova. A habilidade e originalidade com que esses poetas populares localizam em suas músicas determinados fenômenos de seu meio social são tão características que nos dão idéia exata da coisa, como se a tivéssemos diante dos olhos.³⁰⁹

Nesta linha, Augusto de Campos, o autor de *Balanço da bossa e outras bossas*, ponto de encontro entre as crônicas de Sérgio Porto e as letras da bossa-nova, ajuda a esquadrihar o pano de fundo social e comportamental da linguagem do futebol através das máximas e expressões. Linguajar simples, vida urbana, instantâneos do social. Elementos encontrados em letras de Vinicius de Moraes, mas também nas de Noel Rosa e Wilson Batista. Nas criações dos mosqueteiros e intérpretes dos craques e dos pernas-de-pau, nas autorias de Didi, João, Armando, Nelson, Neném, Gentil etc...

³⁰⁹ CAMPOS, de Augusto. apud DIAS, Ângela Maria. Memória da Cidade Disponível: Foi um Rio que Passou em Nossas Vidas – A Crônica dos Anos 60. In RESENDE, Beatriz (Org.). *Cronistas do Rio*. Rio de Janeiro: José Olympio; 2001. p. 68.

VI

SEXTO CENÁRIO

O difícil, o extraordinário, não é fazer mil gols, como Pelé. É fazer um gol como Pelé. Aquele gol que gostaríamos tanto de fazer, que nos sentimos maduros para fazer, mas que, diabolicamente, não se deixa fazer. O gol.

Carlos Drummond de Andrade

JOÃO SALDANHA: UM NARRADOR BENJAMINIANO E INTELECTUAL ORGÂNICO DO FUTEBOL BRASILEIRO

6.1. MARIO E JOÃO

João Saldanha e Mario Filho são dois personagens que fizeram História na cultura esportiva nacional, com forte presença em várias frentes de atuação.

Mario Filho revolucionou o jornalismo esportivo no Brasil – no mesmo patamar de um Thomaz Mazzoni – não somente pela adoção de um estilo diferenciado em suas crônicas e reportagens, como pelo seu engajamento em defesa de políticas públicas voltadas para a democratização da prática do esporte.

A profissionalização do futebol; a criação de novas áreas de lazer, recreação; a organização de competições em várias modalidades do desporto, abertas a todos os segmentos da população. Iniciativas que sempre encontraram em Mario Filho um aliado de primeira hora, ativo, com grande capacidade de organização e de liderança.

O *Mundo Esportivo*, seu primeiro jornal temático, patrocinou o concurso inaugural das Escolas de Samba. Em 1932, com a vitória da Mangueira. "E temos orgulho de ser os primeiros campeões", cantaria Cartola, no samba "Sala de recepção", relembrando a conquista. Mario Filho sabia fazer história.

O *Jornal dos Sports* foi uma obra sua.

A construção do Maracanã, após longos e acirrados debates com políticos como Carlos Lacerda, que advogavam que o estádio devia ser erguido em Jacarepaguá, encontrou em Mario Filho uma liderança decidida. Sobre este tema, escreveu crônicas, realizou palestras, participou de debates, demonstrando que o local mais adequado seria uma área central, acessível ao público assistente. Sua tese foi vitoriosa.

O combate ao racismo no futebol brasileiro e a campanha em prol da realização da Copa de 1950 no país foram outros dois pontos de honra para o jornalista.

Partiram dele a formulação e a implementação dos "Jogos da Primavera" (1947), dos "Jogos Infantis" (1951) e do "Torneio de Pelada", no Aterro do Flamengo.

O autor de *O Negro no Futebol Brasileiro* tem merecido justas homenagens desde sua morte, em 1966. Nos círculos acadêmicos, tem sido objeto de artigos, dissertações e teses em setores os mais diversos do conhecimento.

Foi um intelectual orgânico dentro de uma visão mais abrangente do conceito, unindo teoria e prática. Seus conhecimentos da realidade do mundo do esporte construíram inúmeras pontes de acesso, no sentido de franquear a participação das classes populares em competições e atividades de lazer.

... A categoria do intelectual orgânico, assim une não apenas ideólogos e filósofos, mas ativistas políticos, técnicos industriais, economistas políticos, especialistas jurídicos etc. Tal figura é menos um pensador contemplativo, no velho estilo idealista da *intelligentsia*, que um organizador, construtor, “persuasor permanente”, que participa ativamente da vida social e ajuda a trazer para a articulação teórica correntes políticas positivas já contidas nela. A atividade filosófica, observa Gramsci, deve ser vista “como, acima de tudo, uma batalha cultural para transformar a mentalidade popular e difundir as inovações filosóficas que provarão ser historicamente verdadeiras na medida em que se tornam concretamente – i.e., histórica e socialmente – universais”. O intelectual orgânico, assim, provê o vínculo ou pivô entre a filosofia e o povo, versado na primeira, mas ativamente identificado com o segundo. Seu objetivo é construir, baseado na consciência comum, uma unidade “cultural–social”, na qual vontades individuais normalmente heterogêneas são fundidas na base de uma concepção comum do mundo.³¹⁰

João Saldanha sempre foi um admirador de Mario Filho. Com ele aprendeu muito sobre o futebol e suas manhas. Tinham diferentes estilos de linguagem, mas sempre prezaram a objetividade em suas crônicas.

Mario Filho, um democrata liberal, defensor intransigente do Estado de Bem-Estar Social. João Saldanha, um comunista convicto durante toda sua vida adulta.

Das crônicas de Mario Filho recolhemos valiosas contribuições para esta pesquisa. Sua seriedade investigativa e seu rigor metodológico são irrefutáveis.

³¹⁰ EAGLETON, Terry. *Ideologia: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 1997. p. 110.

Nove anos mais moço que o colega (João nasceu em 1917 e Mario, em 1908), a vida concedeu a Saldanha o privilégio de assistir à conquista dos títulos mundiais pela seleção brasileira de futebol, em 1958, 1962 e 1970. Ao lado de Paulo Azeredo e de Renato Estelita, foi o maior responsável pela montagem do lendário time do Botafogo, com Garrincha, Didi e Nilton Santos, contando com uma estrutura inovadora na preparação física e no atendimento médico. Paulo Amaral, personagem tão esquecido, preparador físico do Botafogo na segunda metade da década de 1950, ocupou este mesmo cargo nas duas vitórias, de 1958 e 1962, da seleção brasileira.

Desde seu falecimento, em 1990, a vida de Saldanha tem merecido tributos. Até hoje permanece aceso o fogo da paixão e da polêmica em torno de sua passagem pelo comando técnico da seleção brasileira, de fevereiro de 1969 a março de 1970.

No entanto, curiosamente, um segmento da sociedade brasileira tem permanecido quase emudecido com relação a João Saldanha. A Academia. Pode-se dizer que, à exceção de Mauricio Murad,³¹¹ Claudia Mattos, Eduardo Manhães,³¹² Antonio Jorge Soares, Marco Antonio Salvador, Tiago Bartholo³¹³ e de mais alguns poucos, a trajetória de João não tem sido objeto de resenhas, dissertações e teses. Alguns outros mestres do jornalismo esportivo, como Nelson Rodrigues³¹⁴ e José Lins do Rego,³¹⁵ com inteira justiça, têm povoado as revistas especializadas e as bancas de mestrado e doutorado, em trabalhos de grande originalidade e rigor metodológico.

Com relação a João Saldanha, poucas palavras. Na célebre e inovadora Revista número 22 da USP (Dossiê Futebol, em 1994), dedicada integralmente ao tema, apenas menções secundárias ao jornalista carioca.

Curiosamente, mas o que em nenhum momento nos surpreende, o movimento tem sido no caminho inverso. Recentemente, em alguns trabalhos de cunho panorâmico – bons trabalhos, diga-se de passagem – sempre que Saldanha é

³¹¹ MURAD, Mauricio. Saldanha, uma saudade. In: *Pesquisa de campo*, nº. 0. Rio de Janeiro: UERJ, 1994. p.

³¹² MANHÃES, Eduardo. *João sem medo: Futebol-Arte e Identidade*. Campinas: Pontes, 2004.

³¹³ SOARES, Antonio Jorge; SALVADOR, Marco Antonio; BARTHOLO, Tiago. Copa de 70: O planejamento México. In: GASTALDO, Edílson; GUEDES, Simoni (Org.). *Nações em campo*. Niterói: Intertexto, 2006.

³¹⁴ MARQUES, José Carlos. *O futebol em Nelson Rodrigues*. São Paulo: EDUC, 2000.

³¹⁵ HOLLANDA, Buarque Bernardo. *O descobrimento do futebol: Modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004.

mencionado prevalece o desconhecimento, a imprecisão factual e a superficialidade investigativa. Em alguns casos, até mesmo análises eivadas de preconceitos no que diz respeito à ideologia comunista e ao estilo de vida e de exercício da profissão irreverente e incisivo que João adotou.

Chegamos a pensar em nos deter nesses casos, mas optamos por um outro caminho. O afirmativo. "Vida que segue", diria o próprio personagem. Esta tem sido a posição da família de João, da qual faço parte. Avaliar criteriosamente e só responder a questões públicas, a assertivas que são oriundas de profissionais com embasamento crítico, representatividade e legitimidade no cenário da política nacional. Outro caminho seria perda de tempo.

Assim atuamos quando da publicação do livro *Vida que Segue: João Saldanha e as Copas de 1966 e 1970*, lançado em 2006. Jogar um jogo aberto, pelos flancos, posto entender a vida retângulo, apontando para as contradições principais e deixando aquelas secundárias seguirem o seu curso certo na direção do anonimato e do esquecimento.

Neste Cenário, o sexto e último, optamos por realizar uma narrativa sobre o futebol brasileiro em torno do período de 1957 a 1970, entremeada com anotações de entrevistas e conversas mantidas com João Saldanha ao longo de mais de dez anos e alguns trechos do livro *Vida que Segue*, em contraponto com crônicas do personagem.

Uma linha de passe com o personagem, tendo como tema o futebol brasileiro. Como todos sabem, a linha de passe tem como fundamento básico o toque de bola. Dividiremos a narrativa desta forma, tal qual em uma linha de passe. Em toques.

Neste ponto, julgamos necessário, pelo menos de forma resumida, responder a duas perguntas: Por que "toques"?

Sobre as acepções da palavra toque, indica o dicionário Aurélio: 1) ato ou efeito de tocar; contato; tocamento. 6) aperto de mão como cumprimento. 7) retoque. 8) apuro artístico; esmero.

Antônio Houaiss, em seu dicionário de sinônimos e antônimos, nos proporciona deleite, sabedoria e ainda maior rigor teórico-metodológico: Toque - 3) contato: contiguidade, tocamento (o t. da chuva no rosto). 5) esmero: apuro, capricho, perfeição, (a) primor(amento), refinamento, requinte, sofisticação (um texto com toques de mestre). 12) repique: repenique, repicada (o t. de sinos). 15)

vestígio: indício, laivo, marca, mostra, resquício, resto, sinal, traço (seu rosto ainda traz um t. de juventude).

6.2. PRIMEIRO TOQUE: A CENA E A ÉPOCA

Ao final da década de 1950, o panorama socioeconômico do país assinala mudanças de relevo. Em 1960, a população urbana chega a 31.303.034. A cidade de São Paulo ultrapassa o Rio de Janeiro, atingindo 3.781.446 habitantes. A década de 1950 registra os maiores índices reais do salário mínimo em sua História, fruto das políticas econômicas adotadas por Vargas (segundo mandato) e JK. Políticas econômicas de corte keynesiano, repercutindo a conjuntura mundial e a crescente participação das camadas médias e da classe trabalhadora nos destinos nacionais.

As tabelas a seguir condensam as tendências demográficas.

População Residente – Municípios de Rio e São Paulo		
Ano	Rio	São Paulo
1900	811.443	239.820
1910*	850.000	375.000
1920	1.157.873	579.033
1930*	1.430.000	889.000
1940	1.764.141	1.326.261
1950	2.377.451	2.198.096
1960	3.281.908	3.781.446
1970	4.251.918	5.924.615
1980	5.090.700	8.493.226
1991	5.480.768	9.646.185
2000	5.851.914	10.405.867

Fonte: IBGE – CD-ROM ESTATÍSTICAS DO SÉCULO XX

População Brasil: Rural X Urbano						
URBANA				RURAL		
Ano	Homem	Mulher	Total	Homem	Mulher	Total
1940	6.164.473	6.715.709	12.880.182	14.449.615	13.906.518	28.356.133
1950	8.971.163	9.811.728	18.782.891	16.913.838	16.247.668	33.161.506
1960	15.120.390	16.182.644	31.303.034	19.935.067	18.832.356	38.767.423
1970	25.227.825	26.857.159	52.084.984	21.103.518	19.950.535	41.054.053
1980	39.228.040	41.208.369	80.436.409	19.895.321	18.670.976	38.566.297
1991			110.990.990			35.834.485
2000			137.775.550			31.835.143

Fonte: IBGE – CD-ROM ESTATÍSTICAS DO SÉCULO XX

Paralelamente, o ano de 1960 é revelador do estágio das comunicações no país. Por total de domicílios, o Censo indica 4.776.300 aparelhos de rádio e 621.919 televisores. É possível observar que a tendência da popularização do rádio, iniciada desde os anos 1940 e 1950, consolida-se em 1960, em um país com 53,16% de analfabetos que tinham neste meio de comunicação a sua principal fonte de informação.

Nesta fase, imprensa e rádio destacam espaços crescentes a jogos, colunas, programas de comentários etc. Tempo de craques da bola, da pena e da palavra. São Paulo e Rio de Janeiro são o estuário de profissionais talentosos da imprensa esportiva.

O rádio, através dos seus narradores, estabelece uma relação de pré-encantamento com os ouvintes, levando a fantasia dos torcedores a patamares onde a imaginação transforma o jogo reconstruído em objeto de felicidade. Ao contrário do que ocorre na televisão, defendemos bolas impossíveis, driblamos de roldão a defesa adversária, acertando chutes e passes milimétricos. Até o apito final. Tudo isso sem transformar espectadores em ouvintes reificados.

Em 1964, o país já tinha 1.663.000 televisores; e em 1970, 4.584.000. A população total do Brasil chegava, neste ano, a 93.139.037. O Rio de Janeiro e São Paulo, conforme tabela anterior, possuíam 4.251.918 e 5.924.615 de habitantes, respectivamente. O rádio ainda era o principal veículo de comunicação. A televisão crescia, atingindo mais de 1/4 dos domicílios, mas ainda não tinha a força que conheceria em breve. Nesta mesma época, a transmissão de jogos ao vivo, em canal aberto, não era relevante.

Os anos de 1956 e 1957 representaram uma encruzilhada para o destino de João Saldanha no futebol do país.

6.3. DE ALEGRETE AO RIO DE JANEIRO

A vida de João Saldanha só pode ser entendida quando pautada por contrapontos constantes, presentes em sua trajetória, da fronteira do Uruguai ao Posto 6, em Copacabana. Da família Jobim Saldanha à sua formação de adolescente e adulto no Rio de Janeiro. Do futebol à política, paixão em tom maior

(seu maior orgulho foram os trabalhos que teve oportunidade de executar no PCB). Do Botafogo ao Partido Comunista. Da Portela à Banda de Ipanema. De Noel Rosa a Luiz Carlos Prestes. Da altivez, bem ao estilo gaúcho, ao enfrentar as derrotas mais contundentes, de amarguras intermitentes.

João Alves Saldanha nasceu no dia 3 de julho de 1917, em Alegrete, Rio Grande do Sul, e morreu em Roma, em 12 de julho de 1990, em plena cobertura da Copa do Mundo da Itália.

Sua vida pode ser entendida, em parte, pela época e por todas as passagens vividas por sua família, na segunda década do século XX, no tumultuado Rio Grande do Sul:

Quando nasci, minha família estava em plena batalha dos Chimangos e Maragatos. Maragatos eram os federalistas que lutaram contra os 35 anos de ditadura de Júlio de Castilhos. Chimangos eram ligados a outro ditador do Rio Grande do Sul, Borges de Medeiros, que ficou 27 anos no poder.

Os meninos participavam da luta. Em 1923, aos 6 anos de idade, eu ajudava no contrabando de munição entre Brasil e Uruguai. Não havia grande noção de fronteira. O pai de Getúlio Vargas, grande latifundiário, sempre dizia: “Ora, por que cobrar a passagem do meu gado de um lado para o outro? O terreno é o mesmo. Se lá dá mais dinheiro, vou até lá, vendo e pronto”.

Em 1923, meu pai e seu grupo foram expulsos. Decidimos morar do outro lado, em Rivera.³¹⁶

Gaspar Saldanha, pai de João, fazendeiro de ideias libertárias, teve, com sua mulher, Jenny Jobim, 5 filhos: Maria, Aristides, João, Ione e Elza.

A irmã mais nova, Elza, nascida em 1922, conta que o exílio no Uruguai foi um período duro para a família Saldanha:

³¹⁶ Entrevista concedida a Marcelo Rezende, Revista Playboy, 1984.

Eu, com apenas 3 meses, dormia em um pequeno caixote, improvisado como berço, e os meninos atravessavam sem parar a fronteira para buscar alimento e munição do lado de cá, no Brasil.³¹⁷

Quando muda a conjuntura, os Saldanhas voltam ao Rio Grande do Sul, partindo um ano depois para o Paraná. Aos 11 anos, João e seu irmão Aristides pichavam palavras de ordem nos muros, seguindo o pai. A influência do Dr. Gaspar, parlamentar gaúcho, foi marcante na vida de João. Sua irmã Elza pontua:

João tomou muito o perfil do papai. Papai foi político, atuou no Rio Grande do Sul para depor o Borges de Medeiros, e os meninos foram criados vendo aquele clima de revolução em casa, espingardas, a casa cheia... Eles abriam os armários e, em vez de roupas, tinha armas. O papai recebeu uma herança muito grande do vovô, que empregou para depor o Borges de Medeiros. Gastou tudo na política, na revolução. E nisso o João era muito parecido com o papai; quando queria alguma coisa, lutava até o fim.³¹⁸

JOÃO E O FUTEBOL

O primeiro contato de João com o futebol aconteceu no Paraná. Mais precisamente no campo do Atlético Paranaense, onde ele sempre ia assistir aos treinos das divisões de base. Além disso, a casa da família em Curitiba permitia uma integração com toda a garotada da vizinhança, que organizava times, campeonatos, jogos; enfim, tudo dentro do estilo de vida da expansão urbana e das novas modas citadinas.

Em 1928, a família voltou para o Rio Grande do Sul. Gaspar Saldanha se aliou a Vargas, com participação importante na revolução de 1930, e, quando Getúlio se tornou presidente, veio morar no Rio de Janeiro. Comprou uma casa em Copacabana e João foi estudar no Colégio Pedro II, no Centro. A partir daí, além da política e do futebol, a praia passou a ser um componente do dia a dia de João Saldanha.

³¹⁷ Apud MILLIET FILHO, Raul. *Vida que Segue: João Saldanha e as Copas de 1966 e 1970*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. p.21.

³¹⁸ Ibid., p.22.

O BOTAFOGO

A paixão pelo Botafogo atravessou toda a vida de João Saldanha desde sua chegada ao Rio de Janeiro. O trajeto de Copacabana, onde morava, até a sede do clube, transformou-se em um percurso quase diário para o adolescente. Na *Estrela Solitária*, praticava basquete e futebol, com disciplina e poucos rasgos de talento. Foi com a bola nos pés que começou a aprender, ao lado de companheiros como Tim e Heleno de Freitas, os segredos de seu esporte de paixão. Seu maior prazer era observar o jogo e procurar avidamente informações sobre as variações táticas em uma partida. Conforme foi visto no quarto capítulo e cenário, junto de Dori Kürschner, treinador húngaro que chegou ao Rio em 1937, João pôde tomar conhecimento e aprofundar-se nas novidades do futebol, após a segunda lei do impedimento, de 1925.

A partir dessa época, teve início seu aprendizado teórico e prático sobre as questões táticas do futebol. Os que dizem que João era um intuitivo, um “prático”, que negligenciava as questões táticas, certamente não acompanharam seu desempenho no Botafogo e na seleção brasileira e nem foram leitores atentos de suas crônicas.

A POLÍTICA

A vida de João tem o futebol e a política como principais referências. Em maio de 1949, participou, na sede da União Nacional dos Estudantes, na Praia do Flamengo, da organização de um congresso em defesa da paz. Mesmo proibido pela polícia, e com o PCB na clandestinidade, na hora aprazada declararam-se abertos os trabalhos. Logo depois, tendo à frente o inspetor Borer, agentes da polícia invadiram o recinto, sendo recebidos com vaias e por uma cadeirada desferida por João. Tumulto geral, alguns feridos; Saldanha, entre eles.

No início dos anos 50, em Porecatu, região contígua a Londrina, no norte do Paraná, três mil famílias de posseiros ocupavam terras devolutas. O então governador do estado, Moisés Lupion, desconhecendo as benfeitorias realizadas por esses trabalhadores e os quase 30 anos de ocupação por boa parte das famílias, envolveu as terras em uma negociação que praticamente as doava aos

latifundiários. O PCB atuou na região e Saldanha, dirigente estadual do partido, foi designado para a frente de luta. Hilário Gonçalves Pinha, um dos posseiros assistidos por João, comentou:

Ele era dirigente estadual do PCB e foi designado para nos dar assistência política propriamente dita... Agia conosco de uma forma muito didática, explicando as coisas. Revelou também muito equilíbrio, bastante senso de realidade. E olhe que estávamos em plena vigência do Manifesto de Agosto, num tempo de muito sectarismo, o que abria caminho a tudo. Revelou ainda muita valentia. Não era fácil chegar até nós sem arriscar, e muito, a própria vida.

Veio a polícia, vieram os jagunços, a força bruta contra nós e nossas famílias. Nós reagimos. Não havia outra saída. Não se tratava de guerrilha. Reagimos como pudemos, com as armas de que dispunhamos, pás, enxadas, facões e também armas de fogo. Foi uma luta desigual... Ao João Saldanha, à sua ajuda política, à sua solidariedade, creditamos boa parte de nossa vitória nessa luta.³¹⁹

Nesse período, residiu em São Paulo, atuando na frente sindical e parlamentar, negociando com Jânio Quadros, que postulava o apoio do PCB à sua candidatura a prefeito.

As famosas greves do setor têxtil em São Paulo, em 1953, tiveram em João Saldanha o representante oficial do PCB, atuando diretamente nas atividades sindicais e trabalhando como operário.

NO BOTAFOGO: DE JOGADOR A DIRETOR E TÉCNICO

Saldanha começa no futebol do Botafogo como jogador, atuando como amador de 1932 a 1941. Foi diretor de futebol de 1944 a 1948 (de 1949 até 1956, esteve clandestino no eixo Rio - São Paulo - Paraná, como dirigente do PCB, retornando ao cargo em 1956). Depois da saída de Geninho, foi técnico de 1957 a 1959.

³¹⁹ Entrevista a João Batista Aveline, para o jornal Voz da Unidade, 1990.

Em 1956, pressiona e convence o presidente Paulo Azeredo a comprar Didi, do Fluminense, tendo o apoio do grande amigo e também diretor, Renato Estelita. Na esteira do craque da “Folha Seca”, vieram Bauer, Paulo Valentim, Alarcon, Canete, Adalberto, Beto e Servílio.

A campanha de 1957 é realmente gloriosa. O time, que não era campeão desde 1948, ganha o título com uma goleada de 6 X 2 contra o Fluminense. Na concentração e no vestiário, o técnico Saldanha reforça três recomendações: “Temos que ter clareza de que vamos entrar perdendo de zero a zero. O empate dá o campeonato a eles”. “Quarentinha, não desgruda do Telê... É dele que começam todas as boas jogadas do Fluminense”. “Não quero ninguém atrapalhando o Mané; quero, no lado direito do nosso ataque, um corredor livre e todo mundo atento, principalmente o Paulinho, para aproveitar os cruzamentos”.

Na verdade, João estreara como técnico em 10 de julho de 1946, atuando no comando do time do Botafogo em um amistoso contra o São Paulo, bicampeão paulista, a pedido da presidência do clube. Como Diretor de futebol, substituíra o técnico sempre que a circunstância exigisse.

JOÃO SALDANHA E SUA PREOCUPAÇÃO COM A TÁTICA E O PLANEJAMENTO TÉCNICO: UM DIONÍSIO COM TRAÇOS E RUGAS DE APOLÍNEO

Em 1945, Saldanha já deixava clara a sua preocupação com o planejamento tático e técnico, embora sempre tenha realçado que “estes conhecimentos devem estar a serviço do talento do jogador, não o contrário. Não sou como aquele tipo de alfaiate que sempre quer adaptar o manequim ao paletó”, dizia sempre com seu humor afiado. “A tática a serviço do talento, não o contrário”.

Em 12 de outubro do mesmo ano, em entrevista a Geraldo Romualdo da Silva, do *Jornal dos Sports*, suas ideias já ganhavam corpo. Dizia a reportagem:

É a modéstia em pessoa. Saldanha tem prestado, este ano, relevantes serviços ao Glorioso. Integrando a direção de *football* profissional do alvinegro, é uma palavra sempre ouvida com carinho e atenção, dado, justamente, ao claro, prudente e preciso conhecimento que tem do assunto. Suas constantes visitas ao Velho

Mundo e países do Continente americano, o contacto permanente mantido com técnicos dos de maior nomeada no estrangeiro, tudo, tudo, concorreu para que seus préstimos fossem urgentemente solicitados pelo Sr. Luiz Aranha. É, portanto, dos que colaboraram na grande obra de alevantamento do nível técnico e moral da equipe, agora líder do certame oficial da cidade”.

A entrevista documenta o domínio de Saldanha dos problemas do futebol. Desenhava-se o futuro cronista, com seu vocabulário peculiar. Discípulo de Kürschner, Saldanha revelava aversão à improvisação:

Qual o quê! Para o diabo, a improvisação! Hoje em dia, tudo obedece a normas e traçados. Existe uma estratégia elementar até para as lutas diárias na defesa do pão de cada dia. Aí estão as 'filas'. Quem chega tarde, nem elas encontra, quanto mais lugar... Estamos outra vez às vésperas de uma competição de vulto. É bom que não repitamos os erros de 38 e 42. Convençamo-nos de que a época das coisas de última hora já passou. Se obedecemos a um princípio tático em nosso próprio meio ambiente, por que não proclamar sua existência no futebol?

MANÉ GARRINCHA

João teve em uma declaração de Garrincha, talvez, o maior elogio que recebeu:

Seu João deixava a gente jogar o que sabe, nasci na roça e aprendi a jogar futebol espontaneamente. Não sei receber instruções. Sinto que eles sempre envenenam o meu jogo. Quando eu vim para o Botafogo era um pouco tarde para corrigir esse erro. Como eu não gostava de parecer indisciplinado, tentava cumprir as determinações do técnico. Misturava isto com o que eu tenho de natural, mas nunca deu certo. (...) Seu João mostra os erros, mas sempre adverte: se vocês acharem que meu conselho não está certo, podem mudar o jogo. Quem está lá dentro sabe mais das

dificuldades. O fato concreto: com seu João eu jogo o que está dentro de mim.³²⁰

O PAPEL DO TÉCNICO

João Saldanha, exigente quanto à postura ética do técnico no futebol, foi um crítico severo daqueles que procuravam valorizar o cargo com gravatas importadas, vocabulário empolado, treinamentos artificiais e jogo de cena com a imprensa. O importante, dizia João, “é formar o time, dar um padrão de treinamento, segurança aos titulares e reservas e procurar sempre valorizar o talento”. Uma de suas frases prediletas surgiu ali, por volta de 1964: “Querem ver uma coisa? Se colocarem a Brigitte Bardot no Santos e o maior técnico do mundo no São Cristóvão, BB será campeã, fácil, fácil...”.

É evidente que esta era uma frase que buscava desconstruir a falsa imagem projetada por alguns profissionais que, por simples estratégia de marketing, supervalorizavam os limites das funções de um técnico em um time de futebol. Chamando para si as responsabilidades em dias de derrota, foi um crítico contumaz do verbo conjugado por vários de seus colegas, principalmente Yustrich, Claudio Coutinho (o Coutinho da Copa de 1978) e Sebastião Lazaroni. “Eu ganhei, nós empatamos, eles perderam”, desnudava Saldanha em seus comentários quando percebia que um profissional não só no futebol, mas em outros campos da atividade humana, transferia para os seus comandados todas as responsabilidades de eventuais insucessos. É impossível não lembrarmos algumas máximas de Antonio Gramsci, aplicáveis ao futebol, às atividades militares e à política em um sentido mais amplo.

Arte militar e política. Máximas tradicionais que correspondem ao senso comum das massas: “Os generais – diz Xenofonte – devem superar os outros não na suntuosidade da mesa e nos prazeres, mas na capacidade e no esforço”. “Difícilmente se pode induzir os soldados a sofrer penúrias e dificuldades que derivam da ignorância ou da culpa de seu comandante; mas, quando são acarretadas pela necessidade, cada um está pronto para suportá-las”. “A ousadia, à

³²⁰ Entrevista de Garrincha a Ney Bianchi apud ASSAF, Roberto. *Banho de bola: os técnicos, as técnicas e as estratégias que fizeram história no Brasil*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002. p. 87.

custa do próprio risco, é prova de valor; à custa do risco alheio, é arrogância.” (Pietro Colleta)³²¹

“João Sem Medo, magro de tanto que as paixões o ralam”, como dizia Nelson Rodrigues. Mesmo gostando do apelido, emendava: “Eu? Claro que tenho medo. O importante é tentar seguir sempre em frente e, para isso, é preciso uma dose razoável de disciplina, perseverança e sorte, embora este último atributo não venha sozinho para ninguém”.

De bate-pronto voltamos a Gramsci, que sobre o mesmo tema afirmou:

... Diferença entre audácia-intrepidez e coragem: a primeira é instintiva e impulsiva; a coragem, ao contrário, se conquista com a educação e através dos costumes. Para permanecer durante longo tempo na trincheira, é preciso “coragem”, isto é, perseverança na intrepidez, que pode ser dada pelo terror (certeza de morrer se não ficar) ou pela convicção de estar fazendo algo necessário (coragem).³²²

No dia 18 de dezembro de 1957, Saldanha em entrevista ao *Jornal dos Sports* afirma:

O *football* tem como sinônimo a força do conjunto. Eu acredito piamente nele. Se nós colocarmos em campo jogadores jogando quase que diariamente juntos, fatalmente o êxito será a consequência. O que é profundamente importante nesse esporte é a qualidade dos jogadores. São eles que jogam, que participam mais diretamente da contenda, do momento a ser solucionado. A eles está adstrito o próprio andamento do jogo. O que se esquematiza anteriormente nem sempre dá o resultado desejado. Há um quê aqui e outro ali que não deixam que tudo se concretize de acordo com o idealizado. E somente o conjunto é quem dá a todos a propriedade de solucionar erros não previstos e que podem suceder quase que por uma força natural, de instante a instante. Nada mais oscilante do

³²¹ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Vol. 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p.207.

³²² Ibid., p. 207.

que a técnica. Ela está comprometida com a sequência do jogo, tomando as mais variadas formas e aspectos durante o transcorrer de qualquer disputa. A sua importância, vista por um ângulo fixo, é muito relativa. O que se passa em um vestiário, no intervalo do primeiro para o segundo tempo, é o grande passo para a vitória. É um jogador que chega exausto. Outro que chega desesperançado e outro mais que se sente vencido, tudo de uma só vez tem que ser estudado, dentro da premência de tempo que a regra impõe. Fala-se com um, fala-se com outro. Muitos também dão a sua impressão sobre determinada situação. Quer dizer, os problemas são múltiplos e o espaço de tempo é diminuto. (...) Por isso tudo, a técnica é muito variável. Está condicionada a diversos fatores. E por tudo isso também é que a qualidade do jogador que participa do jogo é o ponto fundamental. Ele é quem joga, dele depende o *goal* e consequentemente a vitória. De maneira que, pelo método de eliminação, pode-se verificar a pouca influência que tem quem está de fora da partida. No *football*, repito, o importante é a qualidade do jogador. A força de um conjunto reside e é dependente desse fator. Vamos para a partida de domingo com o mesmo espírito das anteriores. O jogo será duro, mas será jogado.

No dia 07 de março de 1958, exatamente por sua visão tática e técnica, Mario Filho reconhece o trabalho do técnico do Botafogo:

João Saldanha talvez seja o único técnico brasileiro que fala com humildade da função que exerce. Enquanto quase todos os outros procuram fazer do *football* como que uma ciência oculta, da qual são os sacerdotes, ou melhor, os pontífices, João Saldanha não envolve o *football* de nenhum mistério, pelo contrário. Para ele, o *football* é simples. Seria melhor dizer, para ser mais justo consigo mesmo, que o *football* deve ser simples. Porque a missão de João Saldanha, como técnico, tem sido esta, a de convencer o jogador que quanto mais simples ele jogar, melhor para ele e para o *team*. Não é uma tarefa fácil, como pode parecer à primeira vista. Mais fácil é a dos que, insensivelmente, sem dúvida, vão ao encontro das tendências de brilho pessoal, que não é só do jogador brasileiro. (...)

João Saldanha não se omite, ao contrário, ao pedir apenas *football* simples, quanto mais simples melhor. É como um professor do bom gosto em *football*. Mas isso dá trabalho. E é preciso uma fiscalização permanente. O jogador brasileiro não perdeu ainda a tendência ao que se chama de demagogia do *football*, como certos candidatos às eleições, que partem do princípio de que sem demagogia ninguém se elege. É preciso, pois, contentar a multidão, exhibir-se diante dela, como numa parada de modelos, aparecer, chamar a atenção. João Saldanha, de quando em quando, chama Nilton Santos para dizer-lhe que ele está jogando para o fã-clubes, que Nilton Santos, como é público e notório, tem fã-clubes.

A FINAL DO CAMPEONATO DE 1957

Já nos referimos às instruções táticas de Saldanha ao time para a decisão do campeonato de 1957 contra o Fluminense. Vimos que João abre mão de um dos seus principais atacantes, Quarentinha, que teve como função marcar Telê, o “cérebro” e o “maestro” do tricolor, pelo campo todo. Assim, o Botafogo jogou na prática com uma variação do 4-3-3 para o 4-4-2. Esta era uma das questões que o nosso personagem sempre frisava: não existe rigidez tática. Existe apenas um ponto de partida e, no decorrer do jogo, principalmente com o aprimoramento da preparação física, a distribuição dos jogadores em campo muda. Com o vai-da-valsas do jogo, às vezes, são necessários um a mais na defesa e no meio do campo e, em outros momentos, um ou dois sobem para atacar.

Foi assim o Botafogo X Fluminense. Normalmente, o time já atuava do 4-2-4 para o 4-3-3. Nesta final, com Quarentinha um pouco mais recuado, o ponto de partida foi um meio campo mais reforçado. Mas, como não existe tática pura, rígida, na prática, com Telê marcado nos calcanhares, Garrincha ficou mais livre na ponta direita e Paulinho Valentim centralizado, com relativa liberdade para escorar os passes de Mané e Didi.

6.4. CARACTERÍSTICAS DE UM TEMPO

Nos anos entre 1957 e 1970, e no entorno, alguns pontos podem ser apresentados como hipóteses, balizando a relação futebol/trabalho, futebol/cultura etc.

O Tempo do futebol-arte, marcado pelo tricampeonato mundial conquistado pelo Brasil e por times como o Santos e o Botafogo, é também Tempo de Maracanã e Morumbi, estádios que, revisitando a arquitetura do Estado Novo, se consolidam como referências para outros que, principalmente durante o período da ditadura militar, foram construídos em várias regiões do país.

O Maracanã, todos sabem, foi erguido pelo poder público do Distrito Federal para a realização no país da Copa do Mundo de 1950, cujo projeto foi escolhido em disputado concurso público, do qual participou Oscar Niemeyer. Estádio que, privilegiando o gigantismo em detrimento da visão do jogo, segue a tendência estado-novista de manter a população afastada, sob controle. Da arquibancada ao campo, uma distância pelo menos três vezes maior do que a dos projetos da escola arquitetônica europeia. Nos estádios europeus, o torcedor sente de perto jogador e jogo.

O Morumbi (Estádio Cícero Pompeu de Toledo), construído pelo São Paulo F. C., em 1960, segue o mesmo caminho, assim como o Beira-Rio, Mineirão, Castelão etc. Nesses campos, a torcida, embora tendo adequada visão tática do jogo, perde detalhes preciosos como o barulho do chute, o suor do jogador, o trincar de uma dividida, as broncas do capitão, do juiz, do técnico. O entorno do jogo de futebol, com e sem a bola, a própria sutileza de um chute ou passe propositalmente prensado, o arqueamento do corpo do jogador para uma cabeçada, lançamento ou antecipação de roubada de bola não são percebidos pelos assistentes. A linguagem corporal obscurecida pela separação estabelecida por projetistas que não entendem de bola. Ou melhor, só entendem de bola, não de futebol.

Nesta época, a vida pública ainda não está completamente atomizada e as relações comunitárias, estabelecidas em torno de brincadeiras e práticas esportivas, continuam permeando as vidas cidadinas. Em cada quarteirão, nas quadras, terrenos baldios, campos de pelada, os jogos de amarelinha e polícia e ladrão, as partidas de rebatida e tantas outras ainda ocupam lugar de destaque, como extensão das casas,

retardando a apropriação privada do espaço público e o estabelecimento de novas fronteiras territoriais nas cidades. Quando as ruas ainda eram casas e as casas extensões das ruas.

A presença ainda significativa de campos de pelada, mantendo viva a possibilidade da prática popular do futebol, integrando vivências do torcer e do jogar. Torcer pelo time da paixão e jogar e torcer pelo time do bairro, da praia ou da rua.

Campos de pelada que, ainda não ocupados pelo crescimento urbano desordenado, mantendo medidas aproximadas às do futebol de oito contra oito são decisivos para a preservação de dois atributos de boleiros de extração variada, craques ou pernas-de-pau: liberdade para o improviso e visão de jogo. Ainda longe do cerceamento dos “professores” de escolinhas raladoras de talento. A liberdade de improviso dispensa comentários e a visão de jogo, essencial para qualquer posição no campo, nada mais é do que a visão do talento, do craque. Atributo que Pelé, Mané, Maradona, Zinho, Di Stefano guardavam na ponta da bota. Mas uma posição especial (mesmo dentro do novo posicionamento tático das equipes após a segunda lei do impedimento) ainda depende mais do que qualquer outra da visão de jogo: o meio-campo maestro, organizador do time. Como foram Didi, Gérson, Ademir da Guia e Afonsinho.

A ocupação progressiva, no período pós 1970, dos espaços públicos de lazer e dos campos de pelada, de maiores dimensões nas grandes cidades brasileiras, encurtou campo e visão de jogo. Dizia Neném Prancha que “futebol de salão está para futebol de campo, assim como o pingue-pongue está para tênis de quadra, jogado em saibro ou grama”. Exagero? É certo que sim, mas que a geração formada nos salões apequenados da recreação da especulação imobiliária não tem, não pode ter, este alçar de olhos para organizar taticamente o time, recuar, avançar, chutar ou lançar, isto não tem mesmo. É o que José Roberto Torero e Fernando Calazans chamam de futebol sem cérebro. Ensaio de orquestra de Fellini. Realidade agravada pela hegemonia, desde as divisões de base, de uma visão defensivista, taticista, cerceadora do jogar com alegria, brinquedo e eficiência.

Nesta época, o tempo produtivo já regulava os ponteiros de norte a sul do país. Nas linhas de produção fabris, o trabalho formal conquistava espaços, resultado de breve período de Estado de Bem-Estar Social, tendência que permanecerá constante até as franjas da década de 1980.

A transição alienação-fetiche, ainda incompleta, pode ser analisada tanto no âmbito interno da produção quanto nas relações ampliadas do modo de vida capitalista.

Nas unidades produtivas, o Produto Interno Bruto advindo de relações de trabalho com características de uma Segunda Revolução Industrial tardia, com a convivência do trabalho informal em setores pré-industriais e do trabalho formal, em concentrações industriais responsáveis pelo núcleo produtivo mais avançado do sistema, com maior capacidade de acumulação de capital e de operatividade produtiva. A questão da modernidade capitalista em países periféricos descortina no Brasil uma integração não-antagônica entre trabalho formal e informal, setores industriais de ponta e pólos produtivos manufatureiros, indicando até hoje a inexistência de hegemonia do *fordismo* nas esteiras produtivas industriais e agrícolas.

Nas relações capitalistas mais gerais, no modo de viver deste sistema, o trabalho mercadoria consolida culturalmente seu predomínio no país, mediado por remanescentes de longa duração pré-capitalistas, responsáveis pelo caleidoscópio da criação cultural que a informalidade confere aos artistas-artesãos dos ofícios da cultura, da música e do futebol, com marcas decisivas no nacional-popular em seus registros mais conhecidos.

A COPA DE 1958

A vitória do Brasil na Copa de 1958 consolida definitivamente o estilo próprio de jogo do futebol brasileiro. Desta fase, mencionamos os 40 segundos definitivos da primeira Jules Rimet nacional. O primeiro jogo em um mundial com a participação na mesma equipe de Garrincha e Pelé. Foi Brasil x União Soviética, terceira partida da seleção na Copa da Suécia.

Um jogo traduzido com maestria em seus 40 segundos iniciais por Ney Bianchi, jornalista da Revista Manchete, em crônica de 09 de Julho de 1962.

Monsieur Guigue, gendarme nas horas vagas, ordena o começo da partida. Didi entra rápido para a direita; **15 segundos** de jogo. Garrincha escora a bola com o peito do pé: **20 segundos**. Kuznetzov parte sobre ele. Garrincha faz que vai para a esquerda, não vai, sai pela direita. Kuznetzov cai e fica sendo o primeiro João da Copa do

Mundo: **25 segundos**. Garrincha dá outro drible em Kuznetzov; **27 segundos**. Mais outro: **30 segundos**. Outro. Todo o estádio levanta-se. Kuznetzov está sentado: **32 segundos**. Garrincha parte para a linha de fundo. Kuznetzov arremete outra vez, agora ajudado por Voinov e Krijveski: **34 segundos**. Garrincha faz assim com a perna. Puxa a bola para cá, para lá e sai de novo pela direita. Os três russos estão esparramados na grama, Voinov com o assento empinado para o céu. O estádio estoura em risos: **38 segundos**. Garrincha chuta violentamente, cruzado, sem ângulo. A bola explode no poste esquerdo da baliza de lashin e sai pela linha de fundo: **40 segundos**. A platéia delira.

Uma Copa conquistada em 40 segundos.

Primeiro jogo: Brasil 3 x 0 Áustria

Segundo jogo: Brasil 0 x 0 Inglaterra

O Brasil com um time forte neste início de Copa do Mundo. Um time forte, sem negros, tendo como única exceção Didi.

Desde a derrota para o Uruguai por 2 x 1, em 1950, em pleno Maracanã, sucederam-se vários relatórios aceitos por boa parte da cúpula dirigente do nosso futebol, como o da revista *France Football*, que afirmavam serem os negros emocionalmente instáveis, despreparados para enfrentar situações adversas que exigissem maior equilíbrio psicológico. Assim, Pelé e Mané cediam seus lugares a Mazzola e Joel.

Nílton Santos e Didi não se conformavam. O nosso lateral, autor de um golaço contra a Áustria, desobedecendo às ordens de Feola, que gritava “volta, Nílton, volta,” não se cansou de ponderar com Doutor Carvalhaes que Mané sabia era jogar futebol e era para isto que estava ali. Depois do empate contra a Inglaterra, Vicente Feola, homem de fala mansa, bom ouvinte, conhecedor de futebol, aquiesceu, escalando contra a União Soviética: Garrincha, Pelé e Zito. Nílton Santos e Didi foram convincentes. O Brasil começava a ganhar a Copa.

Neste tempo de consolidação do futebol-arte, o valor da convivência, o valor estético, a fruição artística, de acordo com condições histórico-geográficas dadas, permitiram que o futebol brasileiro praticasse uma arte não apenas para enfeitar a vida, dentro daquela surrada visão do futebol como ópio do povo.

Com efeito esta arte não visa enfeitar a vida, mas antes harmonizá-la, arrancá-la de seu desespero e de suas contradições trágicas. Ela visa interpretá-la em função do mundo natural, antinatural ou hipernatural criado pela ciência e pela técnica e que a enquadra. Seu empenho consiste exatamente em acabar com a terrível dicotomia da inteligência e da sensibilidade; em fundi-las de novo como quando o homem tomou pela primeira vez consciência de seu destino e de seu ser à parte.³²³

RACISMO NO BOTAFOGO

A permanência do preconceito racial no futebol brasileiro foi longa. No Botafogo, nos anos de 1956 e 1957, João Saldanha narra a questão dentro de seu estilo peculiar no livro *Os subterrâneos do futebol*.

Quantas vezes, no Botafogo, e isto também acontece em outros clubes brasileiros, fui surpreendido por um diretor me pedindo: “João, vê se dá um jeito nisto e manda esses crioulos saírem da sede. Não pode, não é?”

... Neste ano mesmo de cinquenta e oito, estávamos precisando de um jogador para a defesa. Aliás, para a defesa precisaríamos de vários. Tomé e Servílio viviam se machucando, com lesões que já assumiam caráter crônico, e era indispensável contratar alguém por ali. O Bonsucesso tinha um que servia: Chicão.

Engrenamos o negócio e na hora de conseguir o dinheiro fomos à diretoria e indicamos o jogador. O nome Chicão causou espécie. Não o conheciam, ou não tinham reparado nele. Assim, só se atinham ao nome: Chicão. Paulo Azeredo falou ponderadamente:

– Não é por nada não, João. Mas nosso uniforme é preto e branco... Está ficando mais preto do que branco... Vamos ver se clareamos um pouco. Você compreende, não é? O Botafogo tem certas tradições... esse nome Chicão... não sei, não...

³²³ PEDROSA, Mário apud ARANTES, Otília Fiori. *Mário Pedrosa: Itinerário Crítico*. São Paulo: Cosac Naify, 2004. p. 102.

Como estavam se referindo ao nome, percebi que não conheciam o jogador e engrenei rápido:

– O Chicão joga bem. Dá duro. É novo ainda, mas serve. O senhor não se lembra? É aquele lourão que vai e vem ali na defesa do Bonsucesso.

O negócio mudou de feição e disseram:

– Bem, se não é muito caro, vamos contratar o tal Chicão.

Fiz tudo rapidamente e na maior moita possível. Chicão só foi à sede do clube para assinar o contrato. Peguei sua assinatura, Francisco Amâncio dos Santos, e fui lá dentro para obter a do clube. Perguntaram onde ele estava e respondi que tinha urgência em começar o treino e que o cobra já estava de roupa.

– Não podemos perder tempo – concluí.

Assinaram o contrato e eu saí a jato. Depois foram conhecer o Chicão, que já estava no campo treinando. A reação foi de gozação. Me chamaram e se limitaram a dizer:

– Este louro que você arrumou parece que não sai da praia. Está muito queimado.³²⁴

DOIS TOQUES EM TORNO DA COPA DE 1958

A escola brasileira de futebol para a sua consagração com a conquista de 1958 não precisou apenas do talento do jogador. O histórico das partidas entre o Brasil e os seus vizinhos sul-americanos, principalmente Argentina e Uruguai, foi construído com futebol e algumas brigas que, até 1950, deixaram o sentimento pátrio corado. A final, Uruguai 2 X 1 Brasil, em pleno Maracanã, foi o coroamento de uma época na qual uruguaio e argentinos costumavam afirmar que, para ganhar de time brasileiro, bastava um berro.

Pois bem, no Campeonato Sul-Americano de 1959 houve briga generalizada no campo do River Plate, envolvendo brasileiros e uruguaio. Nossos dois narradores, Saldanha e Nelson Rodrigues, em duas crônicas que marcaram época, reviveram com tintas de arte literária o acontecido.

³²⁴ SALDANHA, João. *Os subterrâneos do futebol*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980, p. 115-116.

João Saldanha, em “As várias faces de um gente boa”, e Nelson Rodrigues, em “Didi de Miguel Ângelo”, deram ao episódio uma durabilidade na memória do torcedor, na exata medida de sua redenção quanto à pecha de janotas ou de um cavalheirismo despropositado.

Duas crônicas sobre a mesma briga. Nem sempre os caminhos que levam à prevalência da arte no futebol passam exclusivamente pelo talento...

DIDI DE MIGUEL ÂNGELO
(NELSON RODRIGUES)

Amigos, vim para a redação disposto a fazer de Paulinho o meu personagem da semana. Bem o merecia quem, em três arrancadas feéricas, arrombou inapelavelmente as redes da “Celeste”. Mas chego aqui e esbarro na fotografia. Vi o prodigioso salto de Didi. É um quadro, uma pintura, uma tela que Miguel Ângelo assinaria. Falei em salto e já retifico. Foi, realmente, um vôo. Para castigar os uruguaiois, que tinham baixado o pau, Didi tornou-se leve, alado, incorpóreo. Por um momento, no campo do River Plate, ele foi algo assim como uma sílfide. E só faltou, no momento da tremenda garra brasileira, um fundo musical de Chopin.

Didi! Quantas vezes, cada um de nós e todos nós rosnamos: – “Didi não é de nada!”. Nada mais variável do que sua reputação. Ora parece um chupa-sangue, ora um benemérito. Há ocasiões em que só falta ler gibi no meio do campo. Outras vezes, rilha os dentes e ensopa a camisa e, mais do que isso, encharca a grama com o seu brioso, o seu desesperado suor. Falei, acima, em reputação. E vamos e venhamos: – o que se chama “reputação” é a soma de todos os enganos, de todos os equívocos que suscitamos, na terra.

Vejam Didi, o caso de Didi. Sua reputação o desfigura e falsifica. Didi não é nada do que se pensa. Ou por outra: – é preciso discriminar o Didi da lenda, da anedota, do folclore, e descobrir o verdadeiro, o autêntico, o imortal. A ociosidade que lhe atribuem, em certos jogos, constitui, em verdade, um equívoco fatal. O homem trabalha sempre, molha a camisa e se arrebenta em campo. Mas Didi é, como craque, um virtuose inexcelável. Trata a bola

amorosamente. Ela parece, aos seus pés, uma orquídea rara e sensível, que deve ser cultivada com requinte e deleite.

Ora, sua classe cria um desequilíbrio no time. É bom demais para os outros. Quantas vezes não tem, a seu lado, um perna-de-pau, que não entende os seus passes e esbanja as suas bolas. E quando o meu personagem parece fracassar, acreditem: – não é ele, são os outros e repito: – são os outros que enterram o time. No Campeonato do Mundo, Didi foi, por vezes, uma espécie de solista em campo. A própria pelota o acompanha e parecia lambe-lhe as chuteiras como uma cadelinha amestrada. Nesses momentos de euforia, de graça, de total plenitude, Didi tinha, no gramado, a dignidade racial de um Paul Robeson ou, então, de um príncipe etíope de rancho. Do peito, pendia-lhe um imponderável manto azul, com barra de arminho.

Quinta-feira, com os uruguaios, foi sublime! A “Celeste” não percebeu ainda que é a ex-“Celeste”. Vive de passado como uma planta de sol. Todas as suas datas são irremediavelmente velhas: – 1930, 1950, são as mais recentes. Sua presunção olímpica e mundial não tem um correspondente futebol. E, contra o Brasil, a ex-“Celeste” sentiu que a vitória lhe fugia como água por entre os dedos. Deu-lhe, então, a fúria da frustração. Batida no futebol, partiu para a luta corporal. Amigos, foi um sururu de antologia. O brasileiro meteu o braço. E não só o braço: – enfiou o pé, deu chute, rasteira, rabo-de-arraia. Paulinho atravessou o campo para caçar, do outro lado, três adversários que batiam, covardemente, em Chinesinho. O inimigo pôs sebo nas canelas e deu no pé.

Todavia, o momento mais artístico da pancadaria foi a monumental intervenção de Didi. Outro qualquer teria usado os meios normais, tais como o tapa, o soco, o pescoção, ou a boa e salubre cabeçada brasileira. Didi foi além. Tomou distância e correu. Havia um bolo de uruguaios. E todo o estádio parou no espanto do salto, tão plástico, elástico, acrobático. Essa espantosa agilidade carioca deslumbrou o povo. Com os dois pés, fendeu e debandou o grupo inimigo. A platéia Argentina quase pediu bis.³²⁵

³²⁵ Crônica de Nelson Rodrigues para Manchete Esportiva, em 04/04/1959.

AS VÁRIAS FACES DE UM “GENTE BOA”
(JOÃO SALDANHA)

Um dia eu estava na janela da minha casa, no alto de um quarto andar, e escutei uma batida de automóveis. Olhei para baixo e era um jipe cheio de gente que tinha trombado um fusca verde, parado junto ao meio-fio. Do fusca, um casal, um senhor e uma senhora, saiu do carro meio estarecido. Não amassou muita coisa, mas é claro que o casal do fusca tinha razão.

Mas parece até uma coisa que presenciei num jogo em um país da América Central, quando o Botafogo levou uma surra da Polícia, e o comissário, examinando a situação, declarou peremptoriamente: “Sim, de fato, os senhores têm razão. Mas a razão que têm aqui não vale nada. Considerem-se presos ou entrarão à força.” E fim.

O negócio do pequeno acidente em frente à minha casa foi parecido. Quatro caras desceram do jipe, sem camisa e com um bruto peito de fora, e foram logo berrando: “Oh, seu imbecil, como é que você pára um carro aqui?” O senhor do fusquinha, timidamente, tentou responder, mas ouviu logo dois ou três palavrões.

Neste momento, um baixinho, meio gordinho, que estava prestando atenção ao assunto, sem mais nem menos, meteu a mão na cara do grandalhão do jipe. E o fez com muita categoria e experiência, porque o cara “capotou”. Os outros entraram no bolo. Eu desci a escada correndo, o porteiro do edifício também entrou, o senhor dono do fusca se sentiu apoiado e também virou valente. O negócio só terminou depois de um formal pedido de desculpas da turma valente do jipe, que já não estava mais tão valente como na hora da batida grosseira e “barbeira”.

O baixinho meio gordote e parrudo, mas que tinha muita agilidade, era o Almir, o “Pernambuquinho”, que, sem conhecer ninguém, mas tendo assistido à injustiça, mesmo sabendo que a briga era desigual, topou a parada.

Foi o mesmo Almir que deu nova dimensão ao futebol brasileiro naquele jogo no campo do River Plate, em Nuñes, no Campeonato Sul-Americano de 1959.

Até aquela época, tanto argentinos como uruguaios costumavam dizer “para ganhar time brasileiro bastava um berro”. Não era bem assim, mas alguns acontecimentos anteriores não deixavam de dar certa razão aos gringos. Não que nossos jogadores fossem covardes. Nada disso. Mas costumávamos imprimir ao nosso estilo de jogo uma disciplina técnica e de cavalheirismo que não era vantajosa em certos jogos, principalmente aqui pela América Latina.

E veio aquele jogo contra os uruguaios. O William Martinez, com um metro e noventa e mais de cem quilos de peso, terminou sem sentidos. O Almir catimbou, reagiu contra as botinadas do William e do Davoine, botou pra quebrar, e o Didi, o Paulo Valentim, o Coronel, o Orlando, e até o educadíssimo Hideraldo Luís Belini, capitão do time, se encarregaram do resto. Os uruguaios nunca mais falaram em machismo, covardia, valentia ou outras coisas. Esta passagem do “Pernambuquinho” valente marcou etapa decisiva no futebol brasileiro.

Almir, que passou pelo Vasco, Boca Juniors, Santos, Fiorentina, Flamengo, todos grandes clubes e ganhando muito dinheiro, foi sempre um “mão-aberta” naquela timidez do boêmio que acha que tendo dinheiro no bolso é ofensa permitir que outros paguem a despesa. Não sei por que foi morto. Estou aqui de longe da Bahia e até esqueci do jogo Flamengo contra o Bahia. Levei um susto com a notícia, não sei dos detalhes, mas uma coisa eu garanto: o “Pernambuquinho” estava defendendo um lado mais fraco. E da mesma maneira como sempre fez, de peito aberto, sem medir consequências, porque estava certo de ter razão.³²⁶

6.5. O FEIJÃO COM ARROZ DE JOÃO

Alguns críticos ferozes de Saldanha, principalmente os remanescentes da comissão técnica da seleção vitoriosa em 1970, costumam dizer: “O Saldanha como técnico ficava naquele seu feijão com arroz. Era mais de orientar coletivos sem

³²⁶ Crônica de João Saldanha In: PROENÇA, Cavalcanti Ivan (Org.). *Meus amigos*. Rio de Janeiro: Mitavaí, 1987. Inédita em jornal.

abordagens táticas mais complexas”. Vários disseram isso. Zagallo, repetidas vezes. Afirmativas com este perfil podem ser lidas a partir de uma conotação positiva, mas com uma evidente ironia que não encontra ressonância na realidade dos fatos.

O que João prezava era não exagerar na dose da tática nem da informalidade. Conhecia muito bem os dois caminhos. Aliás, o ex-jogador e técnico Zagallo, comandado de Saldanha em 1958 no Botafogo, sabe muito bem disto.

Em 11 de maio de 1962, comentando um amistoso Brasil 1 X 0 Portugal realizado no Maracanã como preparativo para a Copa do Mundo do Chile, em sua crônica no jornal *Última Hora*, Saldanha mostrava o caminho das pedras da tática do jogo.

Ora, os portugueses se “trancaram” com Lúcio na sobra; o resto de nosso time era marcado homem a homem. Logicamente, também tínhamos um na sobra (Mauro ou Zózimo). Desde o tempo em que Albert Laurence iniciava-se no violento esporte bretão, na época do presidente Poincaré e do Kaiser, seu treinador, nas preleções teóricas, advertia: “Se o adversário fizer ferrolho, um de vocês vai para cima do último homem deles”! Elementar. O ferrolho vai para o vinagre. Pois, se o homem da sobra (o que faz o papel que o Lúcio fez), para funcionar, tem de, forçosamente, ficar um pouco atrás de seus companheiros, daí, ao ser acompanhado por um atacante, ficará tão próximo do seu próprio arco que terá de abandonar sua perigosa posição. Já pensaram se o Pelé vai e junta no Lúcio? O Didi toma o lugar do Pelé e Zózimo o de Didi. Ou eles abandonam o ferrolho ou tomam de goleada. É falso dizer-se que, se Zózimo avançasse, ficaria muito vulnerável. O time que estava se julgando mais modesto, no caso, os portugueses, recuaria inevitavelmente mais um dos atacantes. Nossa pressão, mais permanente, foi mais objetiva só em aparência. Costa Pereira só defendeu duas bolas. Se eles estavam defensivos por terem utilizado cinco homens para marcar quatro, nós também, pois tínhamos quatro para marcar três. Saímos em 4-2-4 e fomos assim até o fim. Sem testar coisíssima nenhuma. É por isto que o técnico do Laurence já dizia em 1914: – Se eles fizerem 5-2-3, respondam com 3-2-5.

6.6. MALANDRAGEM DEMAIS ESTRAGA: ENTRE APOLO E DIONÍSIO

Conforme já vimos, a opinião firmada de João Saldanha sobre a importância do talento do jogador percorreu toda sua história de vida. Como jogador, diretor, técnico e jornalista.

Mas, costumava dizer: “Malandragem demais estraga”. O jogador brasileiro por diversas condições culturais reúne as melhores condições para a prática do futebol. Os motivos são evidentes. O futebol no Brasil como paixão popular incorporando milhões de praticantes é o primeiro deles.

O segundo é o clima que favorece um aquecimento natural para o atleta. O terceiro é que o jogador brasileiro, pelas enormes desigualdades sociais existentes no país torna-se adulto precocemente, sendo obrigado a enfrentar desde cedo os problemas da vida. A comparação de um adolescente brasileiro com um outro de qualquer país europeu ocidental indica que a fase inicial da carreira é diferenciada. O brasileiro, observava Saldanha, já começa sabendo de muitas coisas. O europeu entra nas divisões de base na exata medida da sua idade. Como deve ser, aliás. Neste ponto, o subdesenvolvimento, o que não é nada bom, dá uma vantagem de partida ao garoto brasileiro. Isto deve ser superado, mas o fato é que o futebol profissional acaba “ganhando” com o nosso capitalismo atrasado e absurdamente injusto.

Sobre a malandragem, dois trechos de duas de suas crônicas ilustram seu ponto de vista:

MALANDRO NÃO PERDE PÊNALTÍ

...“Por que será que time brasileiro perde tanto pênalti em tais decisões?”

Duas explicações são as mais evidentes. A primeira é porque nossos jogadores não treinam jogadas de precisão. O pênalti é uma delas, e se o jogador não estiver bem treinado, não terá confiança. Sem confiança, está sujeito a perder a cobrança fácil. O gol fica pequeno, o goleiro vira gigante, a indecisão do canto a chutar, bate forte ou bate fraco – tudo isso passa em fração de segundos na cabeça do jogador. Uma espécie de calor vem à cabeça e, ou a bola

vai fora, ou o goleiro faz a defesa. Nossos jogadores são péssimos batedores de pênalti.

Mas tem outra razão, e que é muito forte. Trata-se da tal malandragem do brasileiro. Nunca fiquei convencido de tal malandragem. Sempre achei que não pegávamos nem juvenil com certos povos. De barato dou alguns: em primeiro, armênio emigrado. Saíam de baixo. Sabem tudo. Em segundo, grego internacional. É só botar qualquer um nu, no deserto do Saara, que vira xequê em três meses. Em terceiro lugar, é uma parada dura. Não sei se coloco inglês ou sueco... E, lá no fim, estamos nós com nossa tão falada malandragem.

Na hora de cobrar um pênalti de decisão de torneio – destes tais pênaltis que não existiram – os jogadores querem fazer mais do que o necessário. É de ver o rebolado na hora de dar o chute. Parecem mais baianas na passarela do desfile das escolas de samba. Assim, muitas vezes, perdem o pênalti. Daí, principalmente, tais resultados...

E nossos malandros entram pelo cano. Perdem o pênalti e raramente impressionam. Malandro, mesmo, não perde o pênalti.³²⁷

Em outra crônica publicada no *Jornal do Brasil*, em 10/08/1982, analisando a derrota do Brasil na Copa do Mundo, volta ao tema da “malandragem” brasileira.

A crônica “De quem é a culpa?”, selecionada por Ruy Castro para o livro *O trauma da bola – a Copa de 82 por João Saldanha*.

... Uma das causas fundamentais e importantíssimas de nossa derrota na Copa, além é claro da qualidade dos adversários, foi o raio do ufanismo. Um falso patriotismo foi inculcado na torcida, que assumiu um tom de deboche com qualquer adversário, sentindo-se superior. Superior em tudo: em esperteza, inteligência e até em preparo físico! Sérgio Porto escreveu a respeito uma das suas magistrais crônicas. Sérgio só queria chamar a atenção do pessoal para não ir em qualquer onda. Foi mais ou menos isso: “Numa rua do Catumbi tinha um alemão enorme que batia em todo mundo. Um, dois, três e pá, pá, pum! Lá ia o adversário no chão. Os garotos do bairro, então, resolveram achar um adversário para arrebentar o tal

³²⁷ Ibid. p.162, 163

alemão. Trouxeram um italiano. Um baita. O italiano era bom. Mas não deu pé. O alemão pegou uma e o italiano deitou. Os garotos, espíritos de porco, trouxeram um português. Tanoeiro. Dois quilos de carne no almoço e, de noite, um cozido antes da peixada. Acho que o português tinha comido demais naquele dia e o alemão arrebitou com ele. Depois inventaram um inglês. Era de um navio e ajudava o guindaste. Foi dura a briga. No fim, deu o alemão. Os garotos se reuniram e pensaram: ‘ Assim não vai: temos de usar malícia’. Subiram o Morro do Turano e trouxeram o Miminho. Meio magrela, mas cheio de coisas. O Miminho não estava muito bem, tinha tomado umas e dormiu mal. Mas veio. E o Miminho foi logo gingando. Pra lá e pra cá. Pra cá e pra lá, só no ziguezague malemolente e fazendo *espelho* com as mãos. Éta ginga. Era só o alemão olhar para as mãos do Miminho que ia levar a pernada em baixo. Pois é. Pensam que o Miminho ganhou? O alemão deu-lhe uma porrada... pegou no *meio*, e o Miminho foi pro espaço. Moral: não subestime um baita alemão.

Ainda sobre a questão da falsa malandragem e do excesso de reboledo de nossos jogadores, Saldanha escreveu no jornal *Última Hora*, em 09 de maio de 1962, sobre um pênalti perdido por Didi em um amistoso contra Portugal. E Didi era um dos jogadores que mais admirava.

...Vá rebolar assim no raio que o parta! Até chegar na bola, o Didi mais parecia uma baiana da Escola de Samba da Portela desfilando na avenida. Resultado é que o Costa Pereira está gozando até agora.

RÁDIO, JORNAL E TV

Em 1960, Saldanha inicia sua carreira no jornalismo esportivo, trazendo sua longa experiência no Botafogo e nos periódicos comunistas dos quais participara como repórter, correspondente e editor.

Foi contratado pela Rádio Guanabara e pelo jornal *Última Hora*, a convite de Samuel Wainer. A televisão viria logo depois. Tinha início uma nova etapa de vida.

No ramo, era bom como cronista de linguagem despojada e a fantástica capacidade de escrever no mais puro coloquial. Segredo do João: falava a língua do povo para tratar de temas populares.

Ótimo na televisão, saltando do comentário do futebol para a crônica do cotidiano. Brilhou nas mesas redondas, com o jeito de topar brigas e dizer as coisas sem papas na língua. Enfrentou sempre duras paradas com o mesmo ímpeto desabusado de quem não media adversários.

Sempre sustentei, entretanto, que João Saldanha foi inigualável no rádio. Esse o seu espaço, onde realmente se espraiava num à vontade de quem está em casa. Durante anos, saltando de emissora, sustentou a posição indisputada de maior comentarista do rádio brasileiro em todos os tempos. O seu ibope podia ser aferido, nos tempos de Maracanã superlotado, nas tardes de domingo e nas noites de qualquer dia, por constatação de ouvido: era só prestar atenção, que era possível acompanhar, emendando o som dos rádios de pilha, o comentário do João seguindo o rastro de sua voz por todo o estádio, das cadeiras à geral.³²⁸

JOÃO E SUA DEFESA RADICAL DO FUTEBOL

“Briguei muito e nunca levei a pior”, “nunca provoquei ninguém, mas também, nunca deixei uma provocação sem resposta”. Este jeito de lidar com a vida, muito próprio em gaúchos da fronteira, não pode ser visto como o perfil de um herói de filme de *bang-bang*, de um programa de luta-livre, de um homem que cultuava a briga pela briga. A ideia do João Valentão, da música do Caymmi, agrada principalmente àqueles que, folclorizando a sua imagem, despolitizando a sua vida, apequenam e, até em certos casos, fazem troça da defesa da ética, da arte e do popular no futebol, cruzadas que tiveram em João soldado de primeira hora, de primeira fileira.

Dois episódios, no ano de 1967, demonstram a posição de João Saldanha e sua visão política do futebol.

³²⁸ CORRÊA, Villas-Boas. Jornal do Brasil. Em 12 de julho de 1990.

CASTOR DE ANDRADE E MANGA

Chegando ao Maracanã para comentar a final do campeonato carioca entre Bangu X Botafogo, João ouviu de fonte segura mais uma bravata do todo poderoso *capo* do Bangu, Castor de Andrade, que dizia estar com dois jogadores do Botafogo na gaveta. Tentou de todo jeito descer ao vestiário para falar com os jogadores. Não dava mais tempo. O juiz praticamente começava o jogo. Durante a transmissão, repetiu diversas vezes: “É muito estranha a atuação do goleiro Manga. Tudo leva a crer que este rapaz não está soltando estas bolas por acaso. Há gente corrompendo o futebol e eles são gente como aquela”.³²⁹ E, apontando para as gerais no estádio do Maracanã, berrava para impedir que capangas de Castor agredissem torcedores do Botafogo, tentando tumultuar o jogo.

O Botafogo foi campeão, derrotando o Bangu por 2 x 1.

Depois de passar pela *Última Hora*, onde escreveu sua crônica para o dia seguinte, João foi participar da grande resenha esportiva Facit, campeã de audiência nos domingos à noite, onde juntamente com Nelson Rodrigues, Armando Nogueira e José Maria Scassa, compunha a melhor mesa redonda esportiva da História da TV brasileira. Quando lhe passaram a palavra, Saldanha voltou à carga:

“Este senhor Castor de Andrade, bicheiro, contraventor em várias frentes de suas atividades, tenta estender o seu poder para o futebol. Mas o futebol derrotou o senhor Castor, que por incrível que pareça já foi, inclusive, chefe de uma delegação da seleção brasileira em viagem ao exterior, a convite da CBD. O senhor Castor, além de responsável por esta atuação suspeita do goleiro Manga, cometeu a covardia de contratar espancadores contra torcedores do Botafogo. Muita gente me aconselhou a não dizer isto. Mas, saiba este senhor que não tenho medo. É só escolher. Terreno baldio no mano a mano, sou mais eu. Se preferir topo revólver ou o que ele quiser...”³³⁰

Pouco depois, Castor invadiu os estúdios da TV Globo com seguranças armados. O programa saiu do ar e o tempo fechou.

³²⁹ Arquivo de Raul Milliet Filho.

³³⁰ Arquivo de Raul Milliet Filho.

Em 1980, Castor de Andrade, em entrevista a Marcelo Rezende e Milton Costa Carvalho da revista Placar, abriu o jogo: “Eu, com duas máquinas na mão. Foi um corre-corre danado. Castor vai contando e rindo, se diverte muito. Pois bem: o homem é macho, me enfrentou.”

Na noite seguinte do tumulto com Castor, o Botafogo comemorava a conquista do título na sede do Mourisco. Duas pessoas estavam em alerta. O goleiro Manga e João Saldanha. O primeiro, estimulado por enlatados da imprensa, pretendia dar uma surra em João diante de flashes e câmeras. Saldanha, sabendo de tudo, encostado numa pilastra, esperava num canto estrategicamente escolhido. Quando Manga chegou ao Mourisco, dirigiu-se ao local onde estava Saldanha que, sem titubear, sacou sua arma, deu dois tiros para o chão e, gritando “moleque, moleque!!!”, viu o goleiro de quase dois metros de altura saltar o alto muro do Mourisco e sumir na noite.

Manga, depois desse episódio, nunca mais vestiu a camisa do Botafogo, cumprindo excelentes jornadas no Internacional e no Nacional de Montevideu.

O JOGO CONTRA O ATLÉTICO MINEIRO

Neste ano de 1967, o Botafogo disputava com o Atlético Mineiro uma vaga para seguir em frente na Taça Brasil. No primeiro jogo no Rio de Janeiro, Botafogo 3 x 2 Atlético Mineiro. No jogo de volta no Mineirão aconteceu de tudo, dentro e fora de campo. O Atlético venceu por 1 x 0 e o apoiador Carlos Roberto do Botafogo saiu direto do campo para o hospital com a perna seriamente contundida. Saldanha, que comentava o jogo no local, não titubeou. Desceu aos vestiários e ordenou que todos arrumassem as malas e voltassem ao Rio. Não haveria negra com aquele clima. Paralisados, os dirigentes alvinegros acataram a decisão. O jogo foi adiado por 30 dias. Na final, Atlético e Botafogo terminaram empatados em 1 x 1. A vaga foi decidida no cara ou coroa. Deu Atlético. Mas num jogo limpo.

As brigas de Saldanha apontavam para uma visão clara de mundo, de um homem socialista, inconformado com qualquer tipo de injustiça. O episódio com Manga, na verdade, foi motivado por uma posição de João Saldanha contra os desmandos de Castor de Andrade: “O Botafogo não é poste para este senhor vir aqui e colocar os seus resultados e as suas lambanças”. No futebol, João não

tolerava a contravenção, legal ou ilegal. Os banqueiros de bicho e os novos banqueiros dos juros altos.

Quando foi editado o Ato Institucional número 5 (AI 5), Castor e vários banqueiros de bicho foram presos. Chamaram João para fornecer provas contra o patrono do Bangu. Recusou-se, terminantemente: “Não sou dedo duro e nem vou colaborar com essa ditadura”, disse à época.

A DEMOCRATIZAÇÃO DO FUTEBOL

João Saldanha tinha uma visão humanista da vida, da política, do futebol, procurando a valorização da cultura popular brasileira. Não via no jogo, no lance, no gol, um fim em si mesmos. Mas, os considerava indicativos de uma possibilidade gregária, educativa, que a convivência comunitária poderia proporcionar. O futebol de praia, de clube e de várzea encontravam nele um renitente defensor. Quando do planejamento do Aterro do Flamengo, foi o responsável, junto com Raphael de Almeida Magalhães, pela inclusão dos campos de pelada, esquecidos no projeto original. Opositor ferrenho do governo Carlos Lacerda, não titubeou em aliar-se a Raphael em torno de uma causa que considerava importante, a expansão das áreas de lazer para a população como forma de oposição à especulação imobiliária que diminuía esses espaços.

Em 1986, deu amplo apoio a Raphael quando à frente do Ministério da Previdência e Assistência Social lançou um programa de massificação esportiva para mais de 500 mil crianças e jovens, o Recriança. No dia 19 de junho deste ano, escrevia crônica no *Jornal do Brasil*, intitulada: “Gol da Previdência”.

No ato do lançamento político do programa, no mesmo ano de 1986, esteve presente, fazendo um discurso inflamado na defesa destas ideias. Tal como José Sebastião Witter, também considerava que a “Várzea”³³¹ no futebol paulista, a pelada no futebol carioca estavam incorporadas à cultura dessas cidades e não morreriam tão facilmente. Alertava, no entanto, que era preciso estar atento e, através de políticas afirmativas, buscar sempre a abertura de novos espaços para a população praticar esportes, jogar futebol.

³³¹ WITTER, José Sebastião. A Várzea não morreu. In: WITTER, José Sebastião; MEIHY, José Carlos. (Org.). *Futebol e cultura*. São Paulo: IMESP/DAESP; 1982. p. 101.

A IMPORTÂNCIA DAS PEQUENAS VITÓRIAS: O UNIVERSAL NO PARTICULAR

Saldanha, desde cedo, compreendera que a vida é o que a gente pode tirar da vida. E que a política é a "arte do possível". Neste sentido, pequenas vitórias são sempre importantes. Removem a passividade das atividades cotidianas e lentamente podem acumular as condições necessárias para maiores saltos qualitativos.

Disse, em 12 de fevereiro de 1975,³³² que conquistas de pequeno porte como Porecatu e os campos de pelada do Flamengo, em associação ao trabalho de formiguinha de várias outras pessoas, fermentam o xadrez da política e diluem aqueles que gostam de sonhar o impossível de olhos abertos.

Relendo esta passagem lembramos mais uma vez de Gramsci:

.... Um outro aspecto desta tendência é ver as coisas como numa oleografia, nos momentos culminantes de alto caráter épico. Na realidade, seja onde for que se comece a operar, logo surgem, graves, as dificuldades, porque não se havia nunca pensado concretamente nelas; e, como é preciso sempre começar de pequenas coisas (em geral as grandes coisas são um conjunto de pequenas coisas), a “pequena coisa” é desprezada; é melhor continuar a sonhar e adiar a ação para o momento da “grande coisa”..³³³

SALDANHA E A COPA DO MUNDO DE 1966

A Copa do Mundo de 1966 reviveu a presença do autoritário e da clientela no futebol brasileiro, ainda que desta vez sem ingerência direta do regime militar. Os responsáveis pela seleção, sob o comando de Vicente Feola, convocaram 44 jogadores, escalaram quatro times, rodando todo o país na fase preparatória. A seleção chegou à Inglaterra sem uma formação definida. Resultado: eliminação na primeira etapa.

³³² Arquivo de Raul Milliet Filho.

³³³ GRAMSCI, Antonio. *Cadernos do Cárcere*. Vol. 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001. p. 61-62.

Em tempo: na última lista de jogadores, definidora da delegação que embarcou para a Copa, estavam: Pelé, Jairzinho, Brito, Gérson, Tostão e Edu, todos campeões em 1970. Este grupo, com Silva, Rildo e mais três, entrosados, certamente chegaria mais longe na competição. Afinal, tínhamos a base da seleção em 1970, quatro anos mais jovem, além de craques consagrados. Faltou definição e comando, com a Comissão Técnica aquiescendo a pressões clubísticas e regionalistas nas convocações e definição do time titular.

Uma vitória de 2 X 0 sobre a Bulgária e duas derrotas contra Hungria e Portugal. Fizemos pouco, muito pouco.

As crônicas de João Saldanha conseguiram captar, desde a fase preparatória de treinamentos da seleção, com precisão, o que viria a acontecer.

Denunciou, com veemência, o circo montado pela Comissão Técnica. O seu trabalho na *Última Hora* e na *Rádio Nacional* repercutiu amplamente.

Em *Missa de Mês*, crônica publicada pela *Última Hora*, em 22/08/1966, João faz um balanço da Copa de Inglaterra, batendo na tecla da indefinição do time. Da necessidade do conjunto no futebol. Era uma prévia de 1969, quando assumiu a seleção e escalou de saída os 22.

A gente fica até com pena de falar no assunto. Fica parecendo covardia. Nem bem os portugueses estariam comemorando a “missa de trigésimo dia” da derrota brasileira em Liverpool e vem o Santos, calmamente, e estraçalha o time que é praticamente a seleção do país amigo. Ninguém procura, aqui, desmerecer o brilhante papel da seleção lusa na Copa do Mundo. Isto seria uma clamorosa injustiça contra um quadro que teve orientação, empenho e capacidade de chegar em terceiro lugar. Não, não é este o sentido da coisa. Só desejamos caracterizar e comprovar até que ponto foi incapaz a “Comissão Técnica” brasileira. Até que ponto a incompetência comprovada impediu nossa representação de ao menos disputar condignamente o troféu Jules Rimet. Estes homens, em três meses, conseguiram fazer tal mixórdia que ninguém mais se entendia. Quando dizíamos que o Nélson Rodrigues, escalando do goleiro ao ponta-esquerda o time do Fluminense, faria melhor papel do que aquela Comissão cheia de empáfia, é porque partíamos do princípio básico em futebol, de que um time que se conhece, que tem

conjunto, que conhece seus próprios erros e acertos, é um time capaz de conquistar êxitos.

Está aí, o Santos. O Santos do Edu, que ficou três meses concentrado e que não conseguiu jogar mais de dez minutos na seleção misteriosa. Tão misteriosa, que nem o Nascimento (principalmente), nem o Feola sabiam qual o time que iria jogar. Os rapazes do Santos sabiam. Não só sabiam quem ia jogar, mas como jogar. E sem fazer força. Sem jogar o tal de futebol-força (ignorância muito em moda), mas jogando o futebol-conjunto, deu novo alento ao futebol brasileiro.

Esta vitória do Santos sobre o Benfica vem em excelente hora. Vem no justo momento em que uma série de besteiras e palhaçadas estão sendo ditas e feitas com uma empáfia igual à da “Comissão Técnica”, em tom doutoral e bovino. Mas, acho até covardia falar sobre o assunto. Quem no Brasil não sabe que a causa de nossa derrota foi a presunção e a incompetência? Só os “enlatados”. Mas estes, coitados, podem ser compreendidos. Afinal de contas vivem disso.³³⁴

6.7. A SELEÇÃO BRASILEIRA

Após o fracasso da seleção brasileira na Copa de 1966, o regime militar entra em compasso de alerta com a CBD. João Havelange monta uma estrutura de caserna doméstica através da criação da Comissão Seleccionadora Nacional (Cosena), delegando a Paulo Machado de Carvalho seu comando.

Homem experiente, habilidoso, Machado de Carvalho define Aimoré Moreira como técnico de campo, montando uma comissão técnica provisória, que, longe de ser militarizada (apenas no discurso), não tinha sequer atribuições estabelecidas. A Cosena reproduz na excursão da seleção à Europa e às Américas os mesmos equívocos da Copa da Inglaterra. Com resultados negativos, Havelange, pressionado por todos os lados, desmonta a Cosena e efetiva, como convite, algumas sondagens feitas anteriormente. Propõe a João Saldanha assumir o lugar de Aimoré Moreira.

³³⁴ Crônica publicada no jornal Última Hora em 22/08/1966.

João Havelange, no olho do furacão de uma crise que estava pondo em risco seu próprio cargo, diante de “uma ausência de hegemonia técnica” no futebol brasileiro, ausência de credibilidade, espécie de *bonapartismo* cultural-futebolístico, aposta alto e arriscado, conversa com Antônio do Passo (seu braço direito) e, batendo o martelo, lhe diz: “convida o João”. Obediente, Passo cumpre a missão prontamente e escuta um “topo” como resposta.

Saldanha define os times, titular e reserva, no momento em que é anunciada sua escolha.

Os onze titulares: Félix, Carlos Alberto, Djalma Dias, Brito, Rildo, Wilson Piazza, Gérson, Jairzinho, Dirceu Lopes, Pelé e Tostão.

Os 11 reservas: Cláudio, Zé Maria, Scalla, Joel, Everaldo, Clodoaldo, Paulo César, Paulo Borges, Toninho, Rivelino e Edu.

Com a necessidade de resgatar a autoestima dos jogadores e da torcida brasileira, Saldanha criou a figura das feras. Afirmou que era preciso “desafrescalhar” aquela história de “seleção canarinho” e que gostaria de ter em campo 11 craques, 11 feras. “De todas as feras”, dizia João, “o homem é a mais perigosa, portanto, eu não quero nenhum mocinho no meu time. Convoco o jogador para defender a seleção, não para casar com a minha filha”. Seguindo esta pista, o povo e a imprensa cunharam a expressão e batizaram o time como “As feras do Saldanha”.

Villas-Boas Corrêa, em uma bela crônica, “Lembranças de um homem chamado João”, no dia do falecimento de João, em 12 de julho de 1990, publicada no *Jornal do Brasil*, vai ao ponto certo do trabalho do amigo à frente da seleção nas eliminatórias para a Copa de 1970.

Mas, como técnico da Seleção de 70, em trajetória tumultuada pelos impulsos do temperamento, João Saldanha deixou lições eternas e nunca aprendidas. Convidado, aceitou de pronto e no mesmo embalo anunciou a convocação dos 22. Com o gesto audacioso e exemplar de escalar a seleção titular e a reserva.

Foi o que se viu, apesar dos muitos pesares. A seleção de 70 nasceu pronta, necessitou de retoques para os ajustamentos finais. Quer dizer que, uma vez definida, pôde começar treinando, buscando entrosamento, acertando táticas. Nunca esqueci o

ensinamento: time só existe depois de escalado. O tempo que se gasta antes de definir a escalação é puro desperdício. E quantos títulos atiramos pela janela da indecisão e do tempo perdido nas famosas experiências que não levam a nada?

PREPARAÇÃO FÍSICA E ADAPTAÇÃO À ALTITUDE

Uma das principais preocupações de Saldanha era partilhada há muito tempo pela CBD, a Confederação Brasileira de Desportos, sem contudo ser levada a efeito. Depois do pioneirismo da Comissão Técnica de 1958, é montada, pela primeira vez na História do Futebol brasileiro, uma delegação, de fato, profissional: Cláudio Coutinho (capitão do Exército), Admildo Chirol e Carlos Alberto Parreira na preparação física, os médicos Lídio Toledo e Mário Pompeu, além dos componentes administrativos e dirigentes que completavam a comissão.

O planejamento e adaptação à altitude, tanto nas eliminatórias (jogo contra a Colômbia em Bogotá), quanto para a Copa do Mundo, foi montado pelo professor Lamartine Pereira da Costa, oficial da Marinha Brasileira, um estudo inovador que veio a ser um dos principais trunfos da seleção na conquista do tricampeonato.

O relacionamento de Saldanha com esses profissionais, aprovados e incentivados por ele durante sua permanência no cargo, foi pontilhado por atritos. Com exceção de Adolfo Milman – o Russo, seu parceiro e amigo de longa data, a maior parte dos integrantes da comissão não comungava da visão de mundo de Saldanha e, tampouco, de suas concepções sobre o futebol. No caso do corte do atacante do Santos, Toninho Guerreiro, João incompatibilizou-se, definitivamente, com o médico Lídio Toledo.

O próprio Toninho declararia, algum tempo depois: “... foi um absurdo. O Saldanha caiu porque disse que o Presidente mandava no Ministério e ele na Seleção, mas não evitou a chamada do Dario. Arranjaram uma sinusite para mim, mas eu era cem vezes melhor que o Dario”.³³⁵

João, sem perder a coerência, em sua defesa do craque, do talento, convoca no lugar de Toninho o meio-campo Zé Carlos do Cruzeiro, que formava, com Dirceu Lopes, Tostão, Piazza, Natal e outros, aquele timaço da raposa do final dos anos

³³⁵ Site Futnet.

1960. Com a queda de João, Zagallo convocaria Dario, cortando, pouco mais tarde, Zé Carlos.

Analisando a composição da comissão técnica, salta aos olhos a ingenuidade de João Saldanha ao incluir apenas Russo como profissional de sua confiança. Certamente, fez falta uma pessoa como Renato Estelita, seu amigo pessoal e diretor do Botafogo nos anos de 1956 e 1957.

O desdobramento dos fatos na Copa do México e o passar dos anos só comprovam tudo isso. Em nenhum momento, Zagallo, Parreira e outros reconheceram publicamente os méritos de João na montagem do time tricampeão.

Na seleção brasileira, da mesma forma que no Botafogo em 1957, nas atividades clandestinas do Partido Comunista Brasileiro, na aliança para a construção dos campos de pelada do Aterro e, posteriormente, na zona oeste do Rio de Janeiro, em Campo Grande. Saldanha não titubeou em escolher os profissionais mais capacitados para a composição da comissão técnica, mesmo que alguns deles fossem claramente vinculados ao regime militar. Errou apenas em não reforçar sua retaguarda com profissionais de sua confiança pessoal.

Os opositores internos, articulados a pressões externas, minavam por todos os lados o relacionamento do técnico João Saldanha com quem quer que fosse.

O professor Lamartine Pereira da Costa é bastante claro quando, em entrevista à Revista da PUC –RS, nº 129 , maio/junho de 2006, afirma:

Fui contatado para planejar a adaptação aos sítios de altitude no México. Nas Olimpíadas de 1968 pertenci a um grupo de pesquisadores na Cidade do México e conhecia o tema. João Saldanha, que assumiu o treinamento da seleção antes do Zagallo, procurou-me. Pela primeira vez no futebol brasileiro houve essa dimensão. Acredita-se muito nos jogadores do País. Pensa-se que eles são absolutos. Naquela Seleção havia até o Pelé. Contribuí nos aspectos da radiação solar e rarefação do ar para que a *performance* melhorasse. Fiz algumas simulações por computador, o que não era muito comum. Também sugeri aclimação de 21 dias no México. O Zagallo quis acabar com isso, mas o Saldanha disse que iria nos levar à derrota. Ficaram com medo e mantiveram o programa. Ganhamos todos os jogos no segundo tempo. Os jogadores falavam nas entrevistas que se sentiram melhor. Era efeito da preparação.

Surpreendentemente os estrangeiros não estavam tão ligados a esse conhecimento. Houve uma vitória científica, mas não vamos criar heróis.

Vejam bem, Lamartine Pereira da Costa, Claudio Coutinho, Chirol, Parreira, toda uma equipe voltada para uma avaliação e planejamento da preparação física da seleção brasileira. Antes do jogo contra a Colômbia, em Bogotá, na primeira rodada das eliminatórias, João Saldanha, atento às ponderações de Lamartine, planeja junto com a comissão técnica para chegar à capital colombiana três semanas antes da partida. Para a adaptação à altitude. Deu certo, o time voou em campo e venceu por 2 x 0, dois gols de Tostão.

Preparação à altitude e novos métodos de educação física dentro da escola do professor Mauricio Rocha, pesquisador emérito vinculado ao Centro de Educação Física do Exército no Rio de Janeiro. Vários pesquisadores desatentos associam este planejamento à entrada de Zagallo na seleção. Bastaria uma leitura rápida nos jornais da época para entender o que aconteceu.

O também apolíneo Saldanha, nas pegadas de Kürschner, não mediu esforços e nem se prendeu a mesquinharias, chamando pessoas que não conhecia, por exclusivo mérito e competência profissional.

Depois dessa experiência, em diversas ocasiões exaltou a competência de Lamartine e da comissão técnica. Escreveu inúmeras crônicas a este respeito. A recíproca nunca foi verdadeira. Após seu falecimento, começaram a chegar críticas de todos os lados, inclusive de Zagallo.

CONCENTRAÇÃO

Desde que assumiu o Botafogo, em 1957, Saldanha era um crítico das concentrações. Citava vários argumentos e, dentre eles, a história do Ávila. Um jogador da década de 1940, que estava concentrado, com a mulher hospitalizada. Uma piora no estado de saúde da esposa fez com que uma freira, responsável pelo hospital, ficasse ligando para a concentração do Botafogo durante horas. Em vão. Ninguém deu o recado. Quando Ávila soube de tudo, sua mulher já tinha falecido.

João não via nenhuma vantagem na reclusão das concentrações. Quando assume a Seleção, adota uma linha liberal que teve resultados positivos imediatos.

Criei um esquema na Seleção: todos desciam à noite numa Kombi, deitados no chão, cobertos com uma colcha, para a imprensa moralista, a que leva grana de cartola, não dedurar. Tinha um acordo: não podia trocar de mulher na mesma semana. Uma vez, o goleiro Ado falhou e tinha de cumprir a pena de suspensão por cinco dias. Ele dizia: “Mas era um avião, seu João, um avião”. Liberei com três dias, afinal, era um avião. Os casados tinham hotel pago para esposa e filhos.³³⁶

TOSTÃO E A FILOSOFIA DO ANTITANQUE

Durante muito tempo, vários setores da imprensa esportiva, incluindo técnicos de expressão, defendiam que a posição do comando do ataque fosse ocupada por um jogador forte, viril, “um tanque”. Quando João assume a Seleção Brasileira, escala a sua primeira formação de ataque com Jair, Dirceu Lopes, Pelé e Tostão. Em pouco tempo, promoveria a entrada de Edu na ponta esquerda, deslocando Tostão para fazer dupla com Pelé. Muitos acharam que não ia dar certo. Afinal, os dois craques tinham estilo de jogo parecido e Tostão, como todos os seus companheiros de ataque, era brasileiro e não europeu, como inconscientemente desejavam os tradicionalistas. Não foi o que se viu. Tostão foi o artilheiro das eliminatórias, jogando com arte e decisão.

Em crônica publicada no jornal *O Globo*, em 1970, João afirmava:

Minha concepção para a copa do mundo era de que poderíamos batê-los, aos grandalhões, com arte e habilidade. Jamais na força física. Convoquei Zé Carlos do Cruzeiro, pois já tinha ali no meio Pelé, Tostão, Dirceu e Rivelino...

Pelé e Tostão demonstraram amplamente ser a dupla certa. Jogando com a bola no chão. Desde as eliminatórias até as finais, fizemos cerca de 50 *goals* e só um de cabeça. Tudo por baixo, como sabe jogar o futebol brasileiro.³³⁷

³³⁶ Entrevista concedida a Marcelo Rezende, Revista Playboy, 1984.

³³⁷ SALDANHA, João apud MILLIET FILHO, Raul. *Vida que Segue: João Saldanha e as Copas de 1966 e 1970*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. p. 77.

Em outubro de 1969, Tostão sofre um descolamento de retina, em um jogo contra o Corinthians no Pacaembu. Saldanha gritou aos quatro cantos: “Espero o Tostão até o vestiário. Ele desequilibra”. De fato, o craque volta em abril de 1970 e tem uma excelente participação na Copa, sendo considerado, pela imprensa europeia, o melhor jogador da competição.

Tostão, na apresentação ao livro *Vida que Segue*, foi objetivo:

Além de ter sido importante para a classificação ao mundial, Saldanha incendiou a seleção com as “feras do Saldanha” e recuperou a confiança dos torcedores e da imprensa no futebol brasileiro.

Eu só fui convocado por causa do Saldanha. Fiquei seis meses parado e alguns médicos diziam que não voltaria a jogar. Iniciei os treinamentos para a Copa depois dos outros jogadores e tive de fazer uma preparação especial até o mundial. Outro treinador não me convocaria. João me tratou como se eu fosse imprescindível, um Gerson, um Carlos Alberto, um Rivelino.

João Saldanha era corajoso, inteligente, visionário e diferente. Associava com muita velocidade palavras e idéias. Às vezes, viajava, fantasiava a realidade. Isso é também necessário. Há pessoas demais no mundo excessivamente operatórias, padronizadas e normais.³³⁸

OS PRIMEIROS AMISTOSOS

Sobre a defesa, desde os três primeiros amistosos, Saldanha procura fugir da linha burra de quatro zagueiros, adotando o líbero flexível em contraposição ao líbero italiano. “Djalma Dias ou Brito podem desempenhar essa posição”, dizia João. “Outro que é versátil e é um grande craque é o Piazza, jogando o fino no meio campo, podendo ser escalado até de zagueiro plantado”. “No meio campo e no ataque, temos o que há de melhor no mundo, é só esperar e ver”.

O primeiro amistoso no Brasil foi contra o Peru, no dia 7 de abril de 1969, em Porto Alegre, no estádio Beira Rio. Saldanha escala o time que anunciara em sua

³³⁸ Ibid., p. 16-17.

primeira coletiva como técnico. Vitória do Brasil por 2 X 1, gols de Jairzinho e Gérson, e um de Gallardo para o Peru.

Em 7 de abril de 1969, o jornal *Folha de São Paulo* circula com a matéria “Teoria de Saldanha vai entrar em campo”, analisando o esquema tático para os dois primeiros jogos contra o Peru.

O jornal assinala que a seleção formará um 4-3-3 diferenciado, flexível. Na defesa, Brito atuará como “zagueiro de espera”, uma espécie de líbero, só que sem função estática, podendo ser exercido por outro jogador, dependendo da jogada. No meio de campo, Piazza ficará encarregado de dar cobertura à defesa e, quando tiver a posse de bola, terá que encostar nos armadores Gérson e Dirceu, a não ser que um dos laterais esteja avançando.

No ataque, Pelé vai jogar como sempre e os pontas Tostão e Jair vão cair pelo meio em determinadas jogadas.

AS ELIMINATÓRIAS

A chave do Brasil para as eliminatórias apontava como adversários: Colômbia, Venezuela e Paraguai, em jogos de ida e volta. Foram seis jogos e seis vitórias, em que o Brasil marcou 23 gols e sofreu dois. Uma consagrada média de 3,83 gols a favor e 0,33 contra, por partida. Tostão foi o artilheiro do Brasil, com dez gols.

Saldanha manteve praticamente o mesmo time durante os seis jogos das eliminatórias. As substituições obedeceram a variações do desenvolvimento tático dos jogos e a pequenas contusões. Mudanças mais importantes, somente no início de 1970.

O segundo jogo contra a Venezuela, no dia 10 de agosto, em Caracas, foi fácil: 5 X 0. Três gols de Tostão e dois de Pelé. Nesta partida, durante o primeiro tempo, o time passeou em campo de sapato alto. Indo para o intervalo com o placar em branco. Aqui podemos saborear mais uma das tiradas de João e sua presença como técnico.

Através de citação do site oficial da CBF, podemos conhecer um pouco mais do nosso personagem.

A diferença técnica entre as duas Seleções era muito grande, o que apontava para uma vitória de goleada do Brasil. Só que o time não conseguiu se encontrar no primeiro tempo, jogou um futebol abaixo de suas possibilidades, e por isso a expectativa de muitos gols se viu frustrada no 0 a 0 com que o jogo se encerrou na primeira fase.

À beira do campo, furioso com a atuação da equipe, João Saldanha esperava impaciente que os jogadores se dirigissem ao vestiário. Quando isso aconteceu, encontraram a porta fechada – as chaves estavam nas mãos de Saldanha, que foi logo gritando.

– Não vou dar instrução nenhuma. Para jogar esse futebolzinho que vocês jogaram, nem adianta. Voltem lá e façam o que vocês sabem!

Os jogadores reagiram. Argumentando que precisavam beber água, utilizar o banheiro, insistiram para Saldanha abrir o vestiário.

– Não tem água, não tem nada! No vestiário ninguém entra – falou Saldanha.

O time voltou direto para o campo, como confirma o capitão Carlos Alberto Torres.

– Ele não abriu mesmo, apesar dos pedidos. Ainda disse que os venezuelanos não jogavam nada e que a gente tinha obrigação de vencer por goleada.

Gerson arrematou dizendo: pois é, fomos lá e fizemos cinco nos caras.

OS JOGOS CONTRA A ARGENTINA

Encerradas as eliminatórias, com o Brasil classificado, no início de 1970 a seleção brasileira retoma a sua preparação.

Dando continuidade aos treinamentos para a Copa do Mundo, Saldanha, antes de sua saída dirige o time em dois amistosos contra a Argentina. No primeiro, em 04 de março de 1970, no Estádio Beira-Rio em Porto Alegre, a seleção brasileira esteve irreconhecível, perdendo por 2 x 0. João, em crônica para *O Globo*, foi taxativo:

...Penso que a vantagem de dois *goals* foi normal numa partida de domínio nítido. Fica secundária a maneira como os *goals*

aconteceram. De qualquer maneira deve ter sido grata aos torcedores brasileiros a atuação de dois estreantes: Ado e Marco Antônio, exatamente em duas posições que há muito vem preocupando todos nós.

O mais importante é que eles apareceram bem, numa partida desfavorável. Finalizando, acrescento que com 4-2-4 (que me desculpem os senhores Abílio de Almeida, Zezé e Desiderati e demais dirigentes do clube), não dá para ganhar nem do São Cristóvão...

Na véspera do jogo contra a Argentina em Porto Alegre, um repórter, microfone em punho, pergunta a Saldanha se ele sabia que Médici aprovaria a convocação de Dario, ou melhor, que o Presidente aplaudiria a convocação de Dario. A resposta de João Saldanha já é conhecida. “Não fui chamado a opinar sobre seu ministério, não aceito que opine sobre meu time”.

No segundo jogo contra a Argentina no dia 08/03/70, Maracanã, vitória do Brasil por 2 x 1.

Após o jogo, destacando a atuação do time, Saldanha declarou que o Brasil vencera facilmente por 2 x 1. Em crônica publicada no *O Globo*, João realçou as atuações de Brito e Fontana, Carlos Alberto e Gérson, destacando o fato de Pelé ter jogado debilitado por uma gripe e ainda assim, com a marca do gênio, feito um golaço, o gol da vitória.

SALDANHA VOLTA À IMPRENSA

Percebendo que sua demissão era questão de dias, João aceita convite das Organizações Globo para voltar à imprensa esportiva. Rádio, Jornal e Televisão. Esta decisão motivou reações, pois o técnico quando assumira a seleção se desincompatibilizou de seus empregos na imprensa. “Quando vi que o prato estava fervendo, e recebi o convite da Globo, não pude deixar de aceitar, pois não posso viver sem trabalhar”.

Neste meio tempo, com os nervos em frangalhos, pavio curto como era, mordeu a isca do então técnico do Flamengo Yustrich que o agredira verbalmente

em diversas ocasiões pelos meios de comunicação. João, de revólver em punho, invade a concentração do Flamengo para tomar satisfações. Mais um pretexto.

A MIOPIA INFLACIONADA

Em 14 de abril de 2004, o jornal *O Globo*, em suas páginas esportivas, publica matéria com o título “A miopia que João Saldanha anteviu”, com o subtítulo “Médicos confirmam que Pelé tinha problema de vista. Ídolo deixa o hospital”.

Diz a matéria:

...Nas eliminatórias para a Copa de 1970, João Saldanha causou uma enorme polêmica no mundo do futebol ao dizer que Pelé era míope. Duas décadas e meia depois, a tese começa a se confirmar no diagnóstico dos oftalmologistas do Rei que foi operado às pressas na quinta feira, no Hospital Albert Einstein, em São Paulo, por causa de um descolamento de retina e voltou ontem de manhã para casa...

...De acordo com os médicos, a lesão de Pelé não foi provocada por algum golpe, mas provavelmente pela miopia que assola o craque desde os tempos de jogador e vem evoluindo ao longo dos anos...

Os médicos que atenderam Pelé, Marcelo Cunha e o especialista em retina Walter Takahashi, garantem que a miopia dele não guarda qualquer relação com possíveis erros de pontaria do jogador.

No início de 1970, João Saldanha afirmou, de fato, que Pelé deveria ser míope, solicitando uma ampla bateria de exames para o jogador aos médicos da Seleção. Chegou a afirmar que em alguns lances Pelé errara por problemas de visão. O mundo caiu sobre a cabeça do técnico. É preciso demarcar, com firmeza, que João nunca pretendeu barrar Pelé. Ao contrário do que muitos afirmam, nunca asseverou que o atleta estava cego. Pretendia, apenas, melhorar a condição física do grande craque.

Pressionado por todos os lados, João errou ao desmentir o que havia dito sobre a miopia de Pelé, inflacionou a miopia e forneceu ao regime o pretexto final tão desejado para sua demissão. Mas esta é uma questão menor, que vem sendo

ao longo dos anos utilizada como o motivo principal da demissão de Saldanha, jogando uma cortina de fumaça nos desmandos da ditadura militar, transformando Médici em simpatizante do técnico comunista, edulcorando os porões da ditadura, onde foram torturados e assassinados companheiros e amigos de João.

TREINO É TREINO, JOGO É JOGO

A última bronca que João foi obrigado a dar como técnico da seleção ocorreu quando a Federação de Futebol, com o presidente à época Otavio Pinto Guimarães, recusou ceder o Maracanã para o jogo treino contra o Bangu que acabou sendo realizado em Moça Bonita em 14 de março de 1970. “Foi muito triste passar na porta do Maracanã fechado e termos de ir a Bangu treinar. E se não fosse a compreensão dos banguenses teríamos de ir para o Aterro da Glória”.³³⁹

O coletivo contra o Bangu terminou em 1 x 1 e foi tratado por setores da imprensa como um jogo oficial. A frase de Didi: “Treino é treino, jogo é jogo”, foi esquecida por muitos.

Dia 17 de março, logo após o treino no Clube Itanhangá, Rio de Janeiro, Saldanha anunciava a escalação de seu time para o próximo amistoso, desta vez contra o Chile no Morumbi. O desfecho é conhecido. João Havelange convida toda a comissão técnica para uma reunião na sede da CBD, quando anunciou que a comissão técnica estava dissolvida. Saldanha protestou, “*não sou sorvete para ser dissolvido, o senhor quer dizer que eu estou demitido?*”. Estava. Na verdade, apenas João e Russo, os demais poupados, fazendo uma triste figuração no ato da demissão de João. O técnico das feras publica os artigos: “Os fumantes e Por que eu saí”, no Jornal *O Globo*, nos dias 17 e 24 de março de 1970.

POR QUE SAÍ

Em 1988, Saldanha, em uma das várias conversas sobre o tema, entra no assunto com dois integrantes do Núcleo Esporte e Cidadania.

Vamos deixar de hipocrisia. Fui chamado para tapar o buraco de uma baita crise no futebol, em um lance arriscado e inteligente do

³³⁹ Crônica de João Saldanha publicada no jornal *O Globo*, em 16/03/70.

Havelange. Aceitei. Montado o esquema de trabalho, sem mistérios, os resultados apareceram. Fomos bem nos amistosos e nas eliminatórias. Foram 11 jogos oficiais. Dez vitórias e uma derrota. Neste quesito não poderiam entrar. Mas, tínhamos que matar um leão por dia. No início de 1970, o clima esquentou dentro e fora da seleção. A pressão foi ficando insuportável. A cada dia, uma nova casca de banana. Por gente da própria CBD e por gente da ditadura. Era difícil tolerar um cara com longa trajetória no PCB, ganhando alguma força, bem debaixo da bochecha deles.

O clima na Seleção também ficou pesado. Como não ficar? Era pancada de todos os lados. Havelange foi chamado, recebeu ordens e cumpriu. Fui demitido. Os pretextos foram sórdidos. Fui demitido pelo governo do maior ditador e maior assassino da História do país. Arguir o desempenho técnico não podiam. Apelaram. Reagi. O lado mais fraco não ganharia aquela parada nunca...

Querem fazer uma coisa? Juntem isso que eu falei, com o que eu publiquei na época, que fica mais completo. É só pegar as crônicas da conjuntura, nas quais eu não podia me espalhar muito, como *“Os Fumantes”*; *“Por que sai”*. Na parte tática procurei escrever alguma coisa naquelas do voltador [João se refere às crônicas *“O Voltador”* e *“Voltador Oficial”* de 24/04/70 e 25/05/70, respectivamente].

Digo e repito: “é só pegar o material da época e procurar fazer uma análise séria.”

João Saldanha

O voltador

Surgiu, definitivamente, no futebol brasileiro a posição de **VOLTADOR**. Explica-se, é o atacante que leva a instrução rígida de recuar para ajudar a defesa. Embora Rui Barbosa já tenha dito há muitos anos que "uma volta bem feita é um avanço" fazia restrições quando ao mesmo tempo não esclarecia qual era o tipo de volta. Quem estudava o grande tribuno sentia sua flexibilidade.

Dai a dificuldade que tenho quando ouço dizer que Pelé e Tostão não podem jogar juntos. Segundo diz o selecionador brasileiro, se estes dois cobras estiverem no mesmo ataque, a defesa não terá auxílio. E ainda mais, que nas eliminatórias eles não "voltavam" porque não precisavam. Genial.

Não voltar porque não é necessário sou capaz de depreender que realmente não é necessário! Lógico, a Colômbia, a Venezuela e o Paraguai só atacavam com dois jogadores. Vez por outra usavam atacar com três. Ora, diria Rui, "neste caso, mesmo a volta bem feita não seria um avanço". Claro, se já se conta normalmente com quatro ou cinco plantados na defesa, o "voltador" é desnecessário. O jogo aqui, outro dia, contra o Paraguai, evidenciou isto. Para que mais um na defesa, além daqueles quatro ou cinco, para marcar somente dois ou três? Ao fazermos isto estaremos dando chance ao adversário que quer jogar defensivo de igualar ações. Se nos temem, defendam-se. Ótimo. E, precisamente, nossos adversários do grupo de Guadalajara jogam com muita gente na defesa. A Romênia se planta com oito além do goleiro que por sinal faz uma boa cobertura.

JOÃO SALDANHA
TAMBÉM
DIARIAMENTE
AS 13 HORAS
NA RADIO GLOBO

A Inglaterra praticamente faz o mesmo, pois seus dois extremos, Peters ou Ball e mesmo Bel jogam na mesma linha dos homens de "meio-de-campo". Dois "Paulo César" se assim quiserem. Nós temos em Paulo César o "voltador" oficial. Se ele não voltar outro não poderá fazer o mesmo? Por que Pelé e Tostão não podem ser "voltadores"? Juntos ou separados? Dou 18 anos para a resposta.

Em O Globo, no dia 24 de abril de 1970, Saldanha discutia mais uma vez a tática da seleção brasileira

— João Saldanha —

VITÓRIA DA ARTE

CIDADE DO MEXICO — Antes de mais nada, quero dizer que a vitória extraordinária do Brasil, foi a vitória do futebol. Do futebol que o Brasil joga, sem copiar de ninguém, fazendo da arte

de seus jogadores a sua força maior e impondo ao mundo futebolístico o seu padrão, que não precisa seguir esquemas dos outros, pois tem sua personalidade, a sua filosofia e jamais deverá sair dela. Foi uma vitória do futebol.

O futebol que nós gostamos de ver e aplaudir e que o mundo ontem teve que se curvar. Em segundo lugar vou fazer uma série de cobrantinas. Cobrantina de quem disse que o Brito não sabia nem amortecer uma bola. Cobrantina de quem disse que o Brasil não tinha ponta direita, ou que o Jair não era ponta direita nem no Botafogo. Hoje está aí o Jairzinho, consagrado como o melhor

ponta direita da Taça do Mundo. Cobrantina de quem disse que Tostão e Pelé não podiam jogar juntos. E poderia ir por aí afora, fazendo uma série de cobrantinas, mas o dia é de alegria. É de vibração e confesso que estou emocionado. Esta equipe do Brasil, que marca 41 "goals" e sofre apenas 9 tentos na sua campanha no Mundial, contando com os jogos das eliminatórias, é uma seleção. É um timão de futebol, que adquiriu consistência em suas linhas, sem que lhe roubasse o seu estilo, a sua característica e aí uma das principais razões do sucesso. É justa a nossa vibração e a minha, em particular, é pela vitória da arte, que continua sendo, dentre as mais variadas concepções do futebol moderno, a verdadeira razão de se encherem os estádios e a identificação mais sólida e decisiva do futebol do Brasil.

JOÃO SALDANHA
TAMBÉM
DIARIAMENTE
AS 13 HORAS
NA RADIO GLOBO

Em O Globo, no dia 22 de junho de 1970, Saldanha exaltava a arte do futebol brasileiro na vitória da Copa do México

CONCLUSÃO

Ao longo desta tese abordamos o futebol como contra-hegemonia. Como vimos, de acordo com o conceito gramsciano, o meio mais adequado para a sua compreensão é através da perspectiva da “organização do consentimento”. O consentimento na sociedade civil, não apenas pelo funcionamento de instituições formais (sindicatos, escolas, jornais etc) como por intermédio das dimensões do imaginário e do inconsciente na vida social.

A redução de indivíduos, potencialmente criadores, à condição de expectadores, realça a importância do mundo visual e sonoro, de outras formas da linguagem. Como pensava Augusto Boal, “uma forma de pensar não verbal”. O futebol inclui, na pauta do cotidiano da cultura, novas formas de linguagem: a oral, a escrita e a gestual. Porém, em sua prática a linguagem não verbal perpassa todas as demais.

Pensamos que neste momento em que na sociedade contemporânea quase tudo se reduz ao valor de troca, a guerra de posição adquire uma importância ainda maior. Na medida em que, diante das crises das utopias (socialismo real e neoliberalismo), vitórias parciais e pequenas conquistas povoam o universo da política.

A ponte entre novas formas de cultura popular, como foi o futebol no início do século XX no Brasil, e permanece até hoje, tem nos intelectuais orgânicos e narradores pontos de convergência para outras formas de organização do consentimento. E, como vimos, personagens como Mário Filho, Nelson Rodrigues, João Saldanha e, principalmente, os grandes solistas do futebol, alcançam, através de suas atividades, este intento de abrir novos canais de diálogo político por meio da cultura.

É possível associar, nas conclusões desta tese, o futebol e seu potencial de realização e sedimentação da autoestima popular com a História e seu ensino, entendidos como instrumentos de transformação social e alegria, na linha proposta por Marcos Silva:

Quando se fala em história como distração, diversão, sedução e prazer, não se está, necessariamente, renunciando à sua carga crítica, à capacidade que possui de aprofundar a (auto) compreensão

dos homens: diferentes artes também produzem aquelas experiências (pintura, poesia, cinema, teatro etc.) e, simultaneamente, participam, quando o querem, de radicais desmontagens de poderes – governos, valores, grupos.

Associar a história a diversas lutas e identidades sociais, por sua vez, não elimina doses de sensibilidade em relação ao mundo, inclusive no que diz respeito a torná-lo mais belo e produtor de felicidades.³⁴⁰

Entre a sabedoria de Apolo e Dionísio: uma interpretação conclusiva. Esta linha interpretativa e o que conceituamos como Queda da Bastilha dos clubes na transição do amadorismo para o profissionalismo no país, constituem pontos centrais de nosso trabalho.

Através de práticas culturais como o futebol, revela-se possível responder a indagações como a que fez o sociólogo Richard Sennett:

Andar pelas ruas de Nova York, enquanto pesquisava para *O Declínio do Homem Público*, me fez parar para refletir. Quais as brechas no nosso sistema que nos permitirão escapar dessa armadilha que hoje a cidade representa? Como vamos conseguir nos comunicar com o “outro”, o que é diferente de nós? Antes as cidades possuíam brechas pelas quais era possível romper a barreira.³⁴¹

Segundo Sennett, as grandes cidades, a partir do século XIX, estabeleceram uma hierarquização entre os seus habitantes, transformando o ambiente urbano em monótono e passivo, no qual as conexões humanas vão se tornando cada vez mais opacas.

Os intelectuais orgânicos, narradores e solistas do futebol brasileiro, estabelecendo o vínculo entre Apolo e Dionísio, contribuem ativamente para que os habitantes da cidade contornem estas barreiras aludidas por Sennett.

E quanto mais o futebol retiver em seu jogo, nos estádios e campos de pelada, do artesanato e das habilidades que a cidade e a sociedade capitalista erodiram, tanto maior será o seu potencial de contra-alienação e contra-hegemonia.

³⁴⁰ SILVA, Marcos. *História: o prazer em ensino e pesquisa*. São Paulo: Brasiliense, 2003. p. 12-13.

³⁴¹ Matéria publicada no Caderno de sábado, do Jornal da Tarde, em 03/05/1997.

Por fim, analisando inúmeras fontes primárias, chegamos a determinados indicadores que nos levam à conclusão de que a presença do público nos estádios diminuiu, embora em pequena escala, se formos cotejar a segunda metade da década de 1950 com o período compreendido entre 1986 e 1996. O êxodo dos principais jogadores para o exterior; a queda do salário mínimo real; a violência urbana; a dissolução progressiva dos laços de fraternidade nas grandes cidades; a desorganização do calendário das competições; a redução das áreas de lazer e o televisionamento dos jogos, sem uma planificação adequada, são fatores que contribuem para uma reflexão preliminar sobre os levantamentos pesquisados.

Cabe salientar que os indicadores consultados são apenas preliminares, visto que um levantamento completo destes dados só seria possível por meio de uma pesquisa específica e com recursos para a montagem de uma equipe especializada.

É interessante, tal como foi percorrer estes seis cenários pelas mãos de alguns personagens singulares, analisar com atenção os números das tabelas abaixo.

Tabela 1: Resumo de Informações do Campeonato Carioca

<i>Ano</i>	<i>População</i>	<i>Campeão</i>	Nº de Jogos Existentes	Nº de Jogos Estudados	Fração de jogos	Público Médio	Fração de Público
1916	1.157.873	América	42	0	0,00%	6.000 **	0,52%
1917	1.157.873	Fluminense	90	0	0,00%	6.000 **	0,52%
1918	1.157.873	Fluminense	90	0	0,00%	6.000 **	0,52%
1919	1.157.873	Fluminense	90	0	0,00%	6.000 **	0,52%
1933	1.430.000	Bangu	30	27	90,00%	5.249	0,37%
1935	1.764.141	América	45	13	28,89%	3.949	0,22%
1936 *	1.764.141	Fluminense	48	10	20,83%	8.925	0,51%
1944	1.764.141	Flamengo	90	23	25,56%	10.657	0,60%
1949	2.377.451	Vasco	110	34	30,91%	9.797	0,41%
1950	2.377.451	Vasco	110	37	33,64%	12.661	0,53%
1951	2.377.451	Fluminense	110	13	11,82%	23.876	1,00%
1952	2.377.451	Vasco	110	26	23,64%	19.055	0,80%
1956	3.281.908	Vasco	132	24	18,18%	25.480	0,78%
1957	3.281.908	Botafogo	132	43	32,58%	18.476	0,56%
1958 *	3.281.908	Vasco	138	43	32,58%	20.515	0,63%
1970	4.251.918	Vasco	94	17	18,09%	35.295	0,83%
1986 *	5.480.768	Flamengo	135	25	18,52%	33.439	0,61%
1987*	5.480.768	Vasco	185	30	16,22%	22.531	0,41%
1988 *	5.480.768	Vasco	140	26	18,57%	13.486	0,25%
1989 *	5.480.768	Botafogo	134	25	18,66%	19.807	0,36%

1990 *	5.480.768	Botafogo	135	23	17,04%	8.012	0,15%
1991 *	5.480.768	Flamengo	134	25	18,66%	18.870	0,34%
1992 *	5.480.768	Vasco	157	24	15,29%	4.877	0,09%
1993 *	5.480.768	Vasco	135	24	17,78%	17.764	0,32%
1994 *	5.480.768	Vasco	72	18	25,00%	25.377	0,46%
1995 *	5.480.768	Fluminense	168	27	16,07%	16.740	0,31%
1996 *	5.851.914	Flamengo	132	21	15,91%	18.909	0,32%

Nota: * Anos em que o Campeonato Carioca não foi por ponto corrido.

** Resultado fornecido em entrevista ao Projeto Memória do Esporte, por Marcos Carneiro de Mendonça.

Fontes: Jornal dos Sports.

ASSAF, Roberto; MARTINS, Clovis. *Campeonato Carioca: 96 anos de história, 1902 – 1997*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1997.

Os dados relativos aos jogos de 1933, 1935 e 1936 foram pesquisados em atas da Liga Carioca de Futebol.

IBGE – CD-ROM ESTATÍSTICAS DO SÉCULO XX

As populações estimadas pelo IBGE para as décadas foram utilizadas para o cálculo da proporção do público pagante por ano da seguinte forma:

O público médio da década 1916 a 1925, representado pelos anos 1916 a 1919, foi comparado com a população de 1920;

- O público médio da década 1926 a 1935, representado pelos anos 1933 a 1935, foi comparado com a população de 1930;
- O público médio da década 1936 a 1945, representado pelos anos 1936 a 1944, foi comparado com a população de 1940;
- O público médio da década 1946 a 1955, representado pelos anos 1949 a 1952, foi comparado com a população de 1950;
- O público médio da década 1956 a 1965, representado pelos anos 1956 a 1958, foi comparado com a população de 1960;
- O público médio da década 1966 a 1975, representado pelo ano de 1970, foi comparado com a população de 1970;
- O público médio da década de 1986 a 1995 foi comparado com a população de 1990;
- O público médio da década 1996 a 2005, representado pelo ano de 1996, foi comparado com a população de 2000.

Obs: No capítulo IV, reproduzimos a tabela acima até o ano de 1944. É possível perceber a diminuição da fração de público na década de 1980.

Confecção das tabelas do Campeonato Carioca: autoria da professora Claudia Carvalho, da Universidade Gama Filho – RJ.

Figura 1

Fontes: Jornal dos Sports

ASSAF, Roberto; MARTINS, Clovis. *Campeonato Carioca: 96 anos de história, 1902 – 1997*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1997.

IBGE – CD-ROM ESTATÍSTICAS DO SÉCULO XX

O Brasil Republicano. Vol. 2: sociedade e instituições (1889 – 1930). PINHEIRO, Paulo Sérgio (et al). 5º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997, 24p

Equipe do SPAC e do Paulistano em 1902, ano do primeiro Campeonato Paulista.
No destaque, Charles Miller

Chuteiras utilizadas em 1900 na Inglaterra

Equipe do Paulistano, campeã paulista de 1918. No destaque, o atacante Friedenreich

Equipe do Vasco da Gama, vencedora do Campeonato do Rio de Janeiro em 1923

Jogo no estádio de São Januário em 1927

Leônidas da Silva, autor do primeiro gol de bicicleta, em 1931, pelo Bonsucesso

OS TÉCNICOS (6)

"Preto e marçalho não tinha vez em clube grande: pagou caro por isso"

Em 1931, Gentil reúne o time do Bonsucesso para discutir o que viria a ser WM. Preocupava-o, acima de tudo, o ataque em 4

Gentil: o estigma de ter nascido preto

Geraldo Romualdo da Silva

Antes de Gentil Cardoso, quatro ou cinco estrangeiros de diferentes nacionalidades a começar pelo inglês John Hamilton (C.A. Paulistano-1907) realizaram demoradas excursões pelo Brasil, como técnicos de futebol. A rigor, porém, o primeiro dos

nostros nativos a encarar esse trabalho a sério, com estudo, tarimba e competência, foi Gentil Cardoso, preto e marçalho, que se tornaria célebre por seu colorido folclore e suas tiradas de espírito, mas que, por trás de toda a gozação, entendia muito do ofício.

Pelo menos durante cinco anos, ou até que Dori Kierschner chegasse ao Brasil, contratado pelo Flamengo, a tentativa mais séria de modernizar o futebol brasileiro, Gentil já se preocupava com uma palavra literalmente ignorada na época: tática. Ele a aprendeu em Londres, vendo o Arsenal de mister Herbert Chapman jogar, e a projetou no Bonsucesso, sem nenhum alarde. Mesmo porque, falar de tática por aqui, na década dos 30, era o mesmo que pretender traduzir latim de missa. Não existiam, sem livros que ajudassem a ensinar o que estava acontecendo na Europa.

Também para que fique bastante claro, foi realmente como marçalho de passagem para o subsciclotado, que Gentil conheceu a Inglaterra em 1926 e, para não perder tempo, o grande lance tático revelado por Chapman: o WM e sua revolucionária influência nas novas mudanças operacionais no futebol britânico.

O BONSUCESSO

Por volta de 1931, Gentil Cardoso, um dos sobreviventes do velho São Libânio, achou que havia, quando a hora de aplicar seus conhecimentos num pequeno time carioca, o Bonsucesso. O tráfego tinha lógica: com aquela garotada simples, sem vícios e ambiciosa, seria muito mais fácil doutrinar sem que alguém viesse a importuná-lo com piadas e palpites de mau gosto. Além disso, que time grande aceitaria suas ponderações?

Para que venham ao os resultados não podiam ter sido melhores.

Mas Gentil, apesar de várias vezes campeão no Rio e em outras cidades importantes do Brasil, jamais teve seu nome reconhecido pela imprensa. Ao contrário: para a maioria dos amigos mais íntimos e fiéis, isto se deveu exclusivamente ao fato de ter nascido preto. Aliás, ele próprio chegou a se converter disso. Mais: se não fosse a cor, o destino teria sido mais generoso, traçando rumos diferentes para sua tumultuada carreira de técnico-andarilho.

— Você esteja certo do seguinte: só não chegou à posição de selecionar brasileiro em Copa do Mundo, como aconteceu com Flávio Costa e outros, foi simplesmente porque os cartões não toleravam negros assim como eu.

Guardou essa mágoa o resto da vida.

PRIMEIRA VIAGEM

Em 1928, Gentil Cardoso — Gentil Alves Cardoso, assim mesmo por extenso como se autodenominava — desembarcou em Southampton. Era um dos tripulantes do *São Paulo*, o navio que levava um ato parado nos estaleiros ingleses por causa de reparos difíceis e inadiáveis. Tinha, então, apenas 25 anos e uma invencível determinação de mergulhar nos segredos do futebol. Assim, para melhor aproveitar o tempo ocioso a bordo pegava o trem para Londres, sempre atraído pelos jogos dos sábados.

Em Londres, de tanto ver o Arsenal jogar, logo se convenceu de que elevar-se completamente atrasados. O jeito do Arsenal movimentar-se em campo, sua forma ágil de marcar, detinha o confuso e intrigado. Foi quando começou a tomar notas e a elaborar gráficos, discutindo-os com os companheiros.

Centroavante na Marinha, procurou mostrar-se atento às manobras dos ocupantes de sua posição. Não se satisfaz com uma exibição ou outra. Na verdade, durante todo aquele ano em que morou no *São Paulo*, ancorado em Southampton, percorreu estádios os mais longínquos, comprando os programas mais baratos, pois o que ganhava não era coisa para esbanjamentos infantis.

AFRUSTRAÇÃO DA VOLTA

De volta ao Brasil, com todos os segredos de mister Chapman na mala, a esperança de Gentil foi a de que não lhe faltaria dupe no Rio para implantar uma experiência que considerava hipotética para todos. Não encontrou um só. Mas não desistiu, sustentando sua expectativa até 1931. Responsável pelo setor de máquinas do *São Paulo* ainda em 1931, voltou a enfrentar novas viagens ao exterior — viagens que lhe renderiam mais e melhores proveitos. E como era dotado de paciência chinesa — "paciência que somente os negros conseguem revelar diante das injustiças dos brancos" — esperou que, um dia os brancos, afinal, se rendessem lembrando-se dele.

Lembrou-se do Bonsucesso de Antônio Bastos, um dirigente evoluído, inimigo de discriminações absurdas, sujeito da melhor formação, advogado e respeitado na Liga.

Naquele ano, Gentil esboçou o time do Bonsucesso com base no WM. Os treinamentos eram duros e constantes, com estacas fixadas no chão para demonstrar o que queria — o WM que trouxera de longe — e todos o obedeciam oprimidos.

Um de seus discípulos mais aplicados, Gradiu, que alcançaria com feito a Seleção Brasileira atuando de contrapesante, é o primeiro a reconhecer que ninguém, a não ser os jogadores, queria saber de levê-lo a sério.

PRAZO FATAL

— Mesmo o pessoal do Bonsucesso — costuma explicar — precisou de três meses de trabalhosa convivência com o velho para entender e respeitar o que ele queria com aquelas estacas e aquele complicadíssimo WM vindo não se sabia de onde. Foram três meses de promessas e catatques.

Para Gradiu, Gentil não era levado a sério porque era preto e soldado da Marinha, coisa absurda na época.

— Em contrapartida, vingava-se não dando bola para os cartolas, apelido que ele criou para caracterizar os dirigentes brancos e preguiçosos dos clubes ricos. A soma de todas as diferenças afastou-o cada vez mais das Seleções cariocas e brasileiras.

Uma única vez, Gentil foi convocado para treinar uma seleção

brasileira, de terceira ou quarta categoria, com vistas a um Sul-Americano de igual expressão. Para seleção acabou sendo formada por elementos de Pernambuco. E foi lá, maltratado pela imprensa do Sul do país, que de próprio, Gentil, não veio em apêndice de Seleção Carioca em homenagem a uma expressão que traduzia realidade. O "Mago Preto" aproveitou a oportunidade também de caçar.

— Meu crime foi não ter nascido leuro e de olhos azuis — comentava — empurrando a vida para a galinha.

NO QUADRO-NEGRO

No Bonsucesso, sua maior dificuldade foi reunir o time para treinar duas vezes por dia. Impossível. Quase todos os jogadores trabalhavam de manhã à tarde, quase noite, de maneira que a solução foi aproveitar a volta do batente para realizar palestras que duravam, às vezes, duas horas seguidas.

Numa fase em que nem se sonhava com treinos técnicos, Gentil já ia ao quadro-negro dizer como queria que o time jogasse.

— Concluída a lição do quadro-negro — revela Gradiu — a gente ia para o campo executar tudo aquilo. E repetíamos uma mesma jogada, dez ou quinze vezes. O velho era incansável e gritava: "Vamos tentar novamente". E continuavam tentando até acertar. Foi ótimo. Pagamos uma porção de advertências e depredações. Não faziam fe, e a gente venceu. No dia que fomos a São Paulo enfrentar o Palmeiras, o o derrotamos por 3 a 1, aí a imprensa despetou.

ERA UMA TIME DE COBRAS

Nesse antigo time do Bonsucesso, Gradiu jogava de centroavante, e como contrapesante foi convocado para a Seleção Brasileira que ganhou a Copa Rio Branco, em Montevideo, e depois derrotou o Nacional e o Peñarol na mesma semana.

Além de Gradiu, havia o magro Leônidas, na meia-esquerda — de todos, o que subiu mais alto. Havia Prigo, meia-direita de inúmeros recursos para apoiar e atacar. Carlinhos e Miro nos extremos (sempre abertos e bem avançados). Eurigo, o pivô, conduzindo a partir do meio-campo. Dois laterais decididos (Marcelo e Hektor). Uma zaga ora com dois, ora com três defensores quando Hektor se deslocava para o meio (Claudio e Costa). Faltava completar, um goleiro de apêndice horroroso (Machado), mas de ótima categoria.

O que Gentil não soube e Kierschner soube com absoluta certeza foi impor o WM no Brasil como disciplina de jogo. Nesse sistema — pouco dar mais importância — ele recuava o centro-half para dentro da área, deixando aos dois zagueiros tradicionais o trabalho de guardarem as entradas laterais.

Por esse tempo ainda se jogava muito na base da intuição, com os jogadores procurando simplesmente correr na direção da bola. O que pouco se fazia era guardar a posição o tempo determinado lugar com o rigor do hoje.

"Meu azar foi não ter nascido leuro e de olhos azuis", pontenciava-se cada vez que o marginalizavam da Seleção

Superior e Football

de vulto serão apreciados e julgados. "Dentre eles podemos destacar o pedido que o S. Christovão, fez, relativamente ao adiamento. (Conclue na 4.ª pag.)

Disciplinados

Sr. Carlos de Oliveira Monteiro

Kruschner, dando instruções aos jogadores rubro-negros e o tecnico húngaro, a paizana

RESCINDIDO O CONTRATO DE KRUSCHNER!

Hontem, Na Séde Do Flamengo, Foram Ultimadas As Negociações

Durante dois annos o nome de Kruschner tomou logar nos comentarios da chronica sportiva da cidade. Uma campanha quasi feliz foi movida contra esse grande entendedor de sports. Com o seu nome prestigiado na Europa pelo serviço prestado a esquadras de renome, famosos pela classe que ostentaram sob sua orientação, aqui veio estar a convite do Flamengo. Não foi feliz a campanha que soffreu durante todo esse periodo, ininterruptamente, passou a historia do nosso sport como um facto inedito. Nunca, um treinador foi tão desprestigiado, tão criticado. Assim mesmo jamais lhe faltou a linha a seriedade precisa. Quando teve oportunidade de apparecer, o fez com successo, apesar dos descreditos e da acção malevola de perseguidores impiedosos. Foi a phase melhor do Flamengo, nesses poucos annos de profissionalismo. Com a participação do Brasil no Campeonato do Mundo, nova "debacle" apresentou o "team" que orientava. Factores (Conclue na 4.ª pag.)

O APROMPTO PARA O DERBY

O Fluminense vai realizar ho-

Manchete do Jornal dos Sports, em 17/11/1938

ipate

-CAMPEÕES NAM, HOJE

saute, como mecho que entre carnos combatendo de lili, ar. Desta vez, sera efectuado na P. stadio de Pizom. Jodimmar da m da cia serie final. Brasileiro de Pizom entrará cariocas e m

e de Pinheiro Buz orientador dos "e", estão entusiasmao saio e, na tarde rão em Campos m ozo ensaio de m de que posam lute aite figura em a do a melhor sile no jogo de desm

dro que tem sido no com os seus enis procorcos a 40 e 41 um m como justo poma e seus denodida shores.

CANOS TREINO HOJE

Depa para esse a nia do America m. Campos m e-tando economa oyadores: Oar-fugo — Boliba — Carlos — Mural- — Affonso — Bororó — Hele-bolinha II —

TAS DA IN-RENSA

a" — Campi do "Lux-Jac" de Janeiro) — mais um peo "A Gazeta", ca de Campos m meira linha de Pundada pelo m Dr. Alvan

DESAPARECE KRUESCHNER!

Faleceu Na Noite De Ontem O Famoso Treinador Húngaro

Vitimou-O Um Colapso Cardíaco

Kruschner, o técnico húngaro de fama internacional que desaparece

Dori Kruschner morreu.

A noticia dada assim lonicamente é tão chocante como a realidade, mas sintetiza — essa curta frase de três palavras — a consternação que invadiu ontem a

Chegou A Delegação

Do Esporte Clube Do Recife

"Tijolo" Os Mais C

Hoje, A Escolha Defi Em São Paulo Entre F. P. F.

S. PAULO, 8 — (DOS SPORTS — De lafone) — Ao contrari não foi ainda escolhi meira peleja da "me

ENE

«Um Clube Que Per

EM CERTOS TRECH SIMBOLICAMENTE CHAMA-SE RE

Encerrava-se ontem, concedido ao Fluminense curso do Flamengo contral que aprovou o Fla-Fl em todas as ocasiões ide

Rio de Janeiro
TERÇA-FEIRA

DEZEMBRO, 1941
ANO XI N. 3.783

Em 9/12/1941, o Jornal dos Sports noticia o falecimento de Kürschner

Kürschner orienta os jogadores do Flamengo. Nas fotos aparecem Leônidas da Silva e Engel

A bola: com chute na trave eu já estava acostumada, mas esse negócio de folha seca me deixou completamente tonta. Millôr Fernandes, 1958

Brasil 1 X 0 Peru em 1957. Gol de Didi de folha seca

Neném Prancha, técnico campeão infantil pelo Botafogo em 1957

**Diante de cada jogada de Garrincha, eu experimentava a alegria
que só as obras-primas despertam.** Nelson Rodrigues

Garrincha por Cássio Loredano

Nelson Rodrigues

O jovem diretor de futebol do Botafogo, João Saldanha, assiste seu amigo Heleno de Freitas assinar um contrato com o clube

João Saldanha e Pelé durante treino da seleção

Didi

PESQUISA

Tomamos como ponto de partida para o levantamento das fontes primárias o acervo do Projeto Memória do Esporte, implantado pela Universidade Cândido Mendes em parceria com a Fundação Roberto Marinho e o Ministério da Educação. Dentro destas fontes estão incluídos jornais do período investigado, revistas especializadas, entrevistas com personalidades vinculadas ao tema – realizadas dentro das normas da História Oral –, além de atas e outros documentos de clubes, federações e confederações desportivas.

Conseguimos disponibilizar cerca de 200 fichas de jornais e revistas de dois tempos (de 1918 a 1958 e de 1966 a 1970).

Além do material mencionado pelo Projeto Memória do Esporte, pesquisamos em jornais, revistas e realizamos novas entrevistas em torno das décadas de 1930, 1940, 1950 e 1960.

JORNAIS

A consulta abrangeu diários do eixo Rio-São Paulo: Correio da Manhã, Jornal do Comércio, Jornal do Brasil, O Paiz, O Globo, Jornal dos Sports, Correio Paulistano, O Estado de São Paulo, Gazeta Esportiva, Última Hora e Lance.

Os levantamentos sobre a vida de Dori Kürschner e sua trajetória no futebol do Rio de Janeiro demandaram consulta a cerca de 100 exemplares do Jornal dos Sports entre os anos de 1937 e 1941, além de matérias assinadas pelo jornalista Geraldo Romualdo da Silva nas décadas de 1970 e 1980.

PESQUISA LIVRO *VIDA QUE SEGUE*

Para a edição do livro *Vida que Segue: João Saldanha e as Copas de 1966 e 1970*, foram realizadas pesquisas nos jornais *Última Hora*, *O Globo*, *Folha de São Paulo*, *Estado de São Paulo*, *Jornal dos Sports*, *Jornal do Brasil*, *Correio da Manhã*, além da revista *Placar* e sites da CBF e de clubes da primeira divisão do futebol brasileiro. A coordenação da pesquisa nos jornais citados coube a Ricardo Oliveira.

Os resultados da pesquisa para o livro mencionado foram utilizados basicamente nos capítulos V e VI desta tese.

Foram recuperadas entrevistas inéditas de João Saldanha, concedidas ao Núcleo Esporte e Cidadania.

PERIÓDICOS

- a. Vida Esportiva (1918) – números 20 a 45.
- b. Vida Esportiva (1920) – números 123 a 148.
- c. Ilustração Esportiva (SP) – números 19 e 20.
- d. Almanaque Esportivo Olympicus – edições: 1931, 1933, 1939, 1940.

DOCUMENTAÇÃO INSTITUCIONAL

- a. Botafogo F. C. – estatuto 1940.
- b. Liga Metropolitana de Desportos Terrestres – estatuto 1928.
- c. Federação Brasileira das Sociedades de Remo – código de regatas 1923.
- d. Boqueirão do Passeio – edição comemorativa do meio centenário de fundação – 1947.
- e. AMEA – Associação Metropolitana de Esportes Atléticos – estatuto 1924.
- f. Liga Metropolitana de Desportos Terrestres – relatório de 1917.
- g. Club de Regatas Botafogo – estatutos: 1913, 1919 e 1923.
- h. Botafogo F. C. – Vade-mécum do jogador profissional de futebol, 1941.
- i. Liga Carioca de Futebol – ofícios, 1934.
- j. Liga Carioca de Futebol – movimento dos jogos, 1934.
- k. Relatório do Fluminense de 1932.
- l. Liga Carioca de Futebol – 1935 – públicos, rendas, resultados.
- m. Campeonato Carioca de Futebol (amadores) – 1936 – público, renda, resultados.
- n. Liga Carioca de Futebol: público, renda, resultados e despesas – Janeiro a Abril de 1935.

- o. Atas da Liga Carioca de Futebol – 1929. Revista Brasil Náutico – 1901.
- p. Relatório do Clube de Regatas Vasco da Gama – 1928; Estatuto da Liga Metropolitana de Sports Athleticos; Estatuto Botafogo (1928), alterado em 1929; Estatuto Botafogo (1919); Estatuto Botafogo (1926); Estatuto do Botafogo (1935); Estatuto do Botafogo (27/01/1914).

HISTÓRIA ORAL

Entrevistas/depoimentos

- Domingos da Guia – jogador de futebol.
- Flávio Costa – técnico da seleção Brasileira de 1950.
- Luiz Mendes – comentarista esportivo.
- João Saldanha – entrevistas e coleta de documentos variados, incluindo minucioso levantamento jornalístico sobre toda sua vida.
- Togo Renan Soares (Kanela) – desportista, técnico de futebol, basquete e waterpolo. Bicampeão mundial como técnico da seleção masculina de basquete.
- Geraldo Romualdo da Silva – jornalista e escritor.
- Marcos Carneiro de Mendonça – goleiro do Fluminense e da Seleção Brasileira.
- João Máximo – jornalista e escritor.
- Valed Perry – desportista e advogado especializado em legislação esportiva.
- Adalberto Andrade – goleiro do Botafogo F.R. na década de 1950.
- Rangel Viotti – desportista e dirigente esportivo em Caxambu, sua cidade natal. Acompanhou por vários anos partidas do campeonato mineiro como representante do Botafogo F.R.
- Nilton Santos (jogador do Botafogo e da seleção brasileira de futebol – entrevistas, depoimentos e pesquisa em jornais).
- Paulo Amaral – jogador, técnico e preparador físico do Botafogo. Preparador físico da seleção brasileira bicampeã de 1958 e 1962.
- Piedade Coutinho – nadadora.

- Violeta Coelho Neto – nadadora.
- Paulo Roberto de Freitas – jogador e técnico da seleção masculina de vôlei do Brasil; ex-presidente do Botafogo de Futebol e Regatas.
- Raphael de Almeida Magalhães – jogador de futebol de praia; ex-vice presidente de futebol do Fluminense FC; político e ex-ministro da Previdência e Assistência Social.
- Antonio Moreira Leite – Um dos pioneiros na fabricação de material esportivo no Rio de Janeiro.
- Jayme Terra – Jogador de futebol de praia no Rio de Janeiro nas décadas de 1930 e 1940. Engenheiro civil. Atuou no time do Posto 4, dirigido por Neném Prancha.

FILMES E PROGRAMAS DE TELEVISÃO

Futebol, de João Moreira Salles;

Roda Viva (TV Cultura) – Entrevista de João Saldanha em 1988.

Boleiros 1, de Ugo Giorgetti.

Filmes e entrevistas sobre as Copas de 1958, 1962, 1966 e 1970.

Programas variados e passagens das carreiras de Nilton Santos, Garrincha e Pelé.

Chico Buarque de Holanda e o futebol - DVD.

Quem não faz, leva – As máximas e expressões do futebol brasileiro, documentário em curta-metragem de Raul Milliet Filho.

Garrincha: alegria do povo. De Joaquim Pedro de Andrade.

Heleno e Garrincha. De Ney Costa Santos. (ficção)

IMAGENS

As imagens utilizadas nesta tese foram extraídas dos seguintes documentos:

Botafogo: Uma história em preto e branco – obra coordenada por Ney Carvalho, com base nos arquivos do clube. Rio de Janeiro. 1996.

Revista Carioquice – nº 6. 2005.

Futebol-Arte – obra organizada por Jair de Souza, Lucia Rito e Sérgio Sá Leitão. São Paulo. Senac. 1998.

Club de Regatas Vasco da Gama – obra de José da Silva Rocha. Rio de Janeiro. 1975.

Vida que segue: João Saldanha e as copas de 1966 e 1970. Rio de Janeiro. 2006.

Jornal dos Sports.

Assim falou Neném Prancha – Pedro Zamora. Rio de Janeiro. 1975.

BIBLIOGRAFIA

PERIÓDICOS

Cadernos Cebrap. São Paulo. 1974

DIEESE. *A situação do Trabalho no Brasil*. São Paulo. Dieese. 2001.

Du Secret. Nouvelle Revue de Psychanalyse, 14, automne. Paris. Gallimard. 1976.

Estudos Históricos, v.13, 23. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

Novos Estudos, 20, março. São Paulo. CEBRAP. 1988.

Pesquisa de Campo – Revista do Núcleo de Sociologia do Futebol/UERJ. N° 0 ao 05. (editor: Mauricio Murad), 1994/1997.

Pesquisa de Campo, N° 0 – Revista. “Futebol: 100 anos de paixão brasileira”. Rio de Janeiro. UERJ – Departamento Cultural, 1994.

Projeto História Corpo Cultura Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP. 2002.

Plural. Revista do Programa de pós-graduação em Sociologia, N° 1, 1° semestre. São Paulo. USP. 1994.

Revista Educação. Benjamin pensa educação São Paulo. Editora Segmento. 2008.

Revista de História. Departamento de História da USP. N° 139/ 1998.

Revista USP: Dossiê Futebol, N° 22, jun/ago. São Paulo. USP. 1994.

Jornal da Tarde. Caderno de Sábado. São Paulo, 1997.

LIVROS E ARTIGOS

ABREU, Martha. *O Império do Divino*. Festas Religiosas e Cultura Popular no Rio de Janeiro, 1830 – 1900. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

ARAUJO NETO; TOROK, George; MARTINS, Ademir. *Brasil, Futebol Rei*. Rio de Janeiro: Image, 1965.

AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou Morrer*. Futebol, Geopolítica e Identidade Nacional. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

AIJAZ, Ahmad. *Linhagens do presente*. São Paulo: Boitempo, 2002.

ALABARCES, Pablo (Org.). *Peligro de Gol*: estudios sobre deporte y sociedad en América Latina. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

ALABARCES, Pablo; RODRIGUEZ, Maria Graciela. *Cuestión de Pelotas*. Argentina: Atuel, 1996.

AMARAL, Andrey do. *O Máximo e as Máquinas de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Ed. Ciência Moderna, 2008.

ANDERSON, Benedict. *Nação e Consciência Nacional*. São Paulo: Ática, 1996.

ANDRADE, Ana Luiza (Org). *Machado de Assis*: Crônicas de Bonde. Chapecó: Argos, 2001.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Quando é dia de futebol*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

ANTELO, Raul (Org.). *João do Rio*. A Alma Encantadora das Ruas. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ANTUNES, Fátima Ferreira. *Com Brasileiro, não há quem possa!* Futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mario Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Unesp, 2004.

ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho*: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2000.

ANTUNES, Ricardo; SILVA, Maria Moraes (Orgs). *O Averso do Trabalho*. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

ANTUNES, Ricardo; REGO, Walquiria Leão (Orgs.). *Lukács*: um Galileu no século XX. São Paulo: Boitempo, 1996.

ARANTES, Otilia Beatriz Fiori. *Mário Pedrosa: Itinerário Crítico*. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Os gênios da pelota: um estudo do futebol como profissão*. Rio de Janeiro: dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1980 (mimeo.)

ARGAN, Giulio Carlo. *Clássico anticlássico: o Renascimento de Brunelleschi a Bruegel*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. *História da arte como história da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

ASSAF, Roberto. *Banho de bola: os técnicos, as técnicas e as estratégias que fizeram história no futebol*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

ASSAF, Roberto; MARTINS, Clóvis. *Campeonato Carioca: 96 anos de História, 1902-1997*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1997.

ASSIS, Machado. Helena. Biblioteca Digital Mec. In: *Obra completa de Machado de Assis*. Vol. 1. Capítulo VII. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ASSIS, Machado. Dom Casmurro. Biblioteca Digital do MEC; In: *Obras completas de Machado de Assis*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

BACZKO, Bronislaw. *Lumières de L'Utopie*. Paris: Payot, 1978.

BALAKRISHNAM, Gopal (Org). *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: UNESP, 1998.

_____. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo-Brasília: Ednub, 1999.

_____. *O freudismo: um esboço crítico*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

BARRETO, Lima. *Marginal. Artigos e Crônicas*. São Paulo: Brasiliense, 1996.

_____. *Toda Crônica: Volume II – 1919 – 1922*. RESENDE, Beatriz; VALENÇA, Rachel (Orgs.). Rio de Janeiro: Agir, 2004.

BARROS, Manoel de. *Livro Sobre Nada*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

BARROS, Manoel de. *Ensaaios Fotográficos*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

BARTHES, Roland. *A Câmara Clara*. Lisboa: Edições 70, 1998.

_____. *O sistema da moda*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1999.

_____. *Mitologias*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 1996.

BATALHA, Cláudio (Org). *Culturas de Classe*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004. (Textos de vários autores; incluindo *Classe, Etnicidade e Cor na Formação do Futebol Brasileiro* de José Sérgio Leite Lopes).

BAUDELAIRE, Charles. *Richard Wagner e Tannhauser em Paris*. Rio de Janeiro: Coleção Canto Literário, 1999.

BAUDELAIRE, Charles. *Sobre a Modernidade: o pintor da vida moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

BEDESCHI, Giuseppe. *Alienacion y fetichismo em el pensamiento de Marx*. Madrid: Alberto Corazon, 1975.

BELLOS, Alex. *Futebol. O Brasil em Campo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

BELLUZZO, Luiz Gonzaga. *Valor e Capitalismo*. São Paulo: Bienal, 1987

BELLUZZO, Luiz Gonzaga; LUCAS, Fábio. *A Guerra do Brasil. A Reconquista do Estado Brasileiro*. São Paulo: Texto Novo, 2000.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *O Governo Kubitschek. Desenvolvimento Econômico e Estabilidade Política*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

BENJAMIN, César; GONÇALVES, Reinaldo et al. *A opção brasileira*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.

BENJAMIN, Walter. Sobre a Linguagem em Geral e Sobre a Linguagem Humana. In. *Sobre a arte, Técnica, Linguagem e Política*. Lisboa: Relógio d'Água, 1992.

BENJAMIN, Walter. *Magia e Técnica, Arte e Política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

_____. *Rua de mão única*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

_____. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1997.

BENSAÏD, Daniel. *Marx, o intempestivo: grandezas e misérias de uma aventura crítica* (séculos XIX e XX). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

BERGSON, Henri. *O Riso: Ensaio sobre o significado do cômico*. Lisboa: Guimarães Editores, 1993.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da Modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

BIELSCHOWSKY, Ricardo. *Pensamento Econômico Brasileiro: O ciclo ideológico do Desenvolvimentismo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

BLANC, Aldir. *Brasil Passado a Sujo*. São Paulo: Geração Editorial, 1993.

BOLTANSKI, Luc. *As classes sociais e o corpo*. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

BOSI, Alfredo. *Dialética da colonização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

_____. *História concisa da Literatura Brasileira*. São Paulo: Cultrix, 2000.

BOTTOMORE, Tom (Editor). *Dicionário do Pensamento Marxista*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983.

BOURDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

_____. Programme pour une sociologie du sport, in: *Choses dites*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1987.

_____. *Sobre a Televisão*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

BRAUDEL, Fernand. *Escritos Sobre a História*. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BRESCIANI, Maria Stella. *Londres e Paris no séc.XIX, o espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

BRETON, André. *Manifestos do Surrealismo*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRUHNS, Turini Heloisa. *O Corpo Parceiro e o Corpo Adversário*. São Paulo: Papius, 2001.

BUCCI, Eugênio; KEHL, Maria Rita. *Videologias*. São Paulo: Boitempo, 2004.

BURKE, Peter. *A Revolução francesa da historiografia: a Escola dos Annales*. São Paulo: UNESP, 1991.

CABRAL, Sérgio. *Pixinguinha – vida e obra*. Rio de Janeiro: Lumiar, 1997.

CAILLAT, Michel. *Sport et Civilisation*. Paris: L'Harmattan, 1996.

CALABRE, Lia. *A era do Rádio*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

CAMARGOS, Marcia. *Semana de 22*. Entre vaias e aplausos. São Paulo: Boitempo, 2002

CAMPOS, Paulo Mendes. *O gol é necessário: crônicas esportivas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CÂNDIDO, Antônio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira: História e antologia*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CÂNDIDO, Antonio. *A Crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

CÂNDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade: estudos de teoria e história literária*. São Paulo: Nacional, 1985.

CARDOSO, Ciro Flamarion. *Uma Introdução à História*. São Paulo: Brasiliense, 1994

CARDOSO, Ciro Flamarion; BRIGNOLI, H. P. *Os métodos da História*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da História ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARNEIRO, Flávio. *Passe de Letra: Futebol e Literatura*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

CARONE, Edgar. *A Primeira República (1889-1930)*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1969.

_____. *A República Velha: I- Instituições e Classes Sociais*. São Paulo: DIFEL, 1975.

CARVALHO, Hermínio Bello de. *Cartas cariocas para Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Folha Seca, 1999.

CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *Pontos e bordados: escritos de história e política*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

CASCUDO, Luis da Câmara. *História dos nossos gestos*. São Paulo: Editora da USP, 1987.

CASTEL, Robert. *As metamorfoses da questão social: uma crônica do salário*. Petrópolis: Vozes, 1999.

CASTRO, Alceu Mendes de Oliveira; FELIPPE FILHO, José Carneiro. *Seleções brasileiras através dos tempos, 1914-1960*. Rio de Janeiro: Adolpho Schermann, 1961.

CASTRO, Marcos de; MÁXIMO, João. *Gigantes do Futebol Brasileiro*. Rio de Janeiro: Gigantes, 1965.

CAVALCANTE, Berenice; STARLING, Heloisa; EISENBERG José (Orgs). *Decantando a República: Inventário histórico e político da canção popular brasileira*. Vol 1,2,3. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

CÉLIA, Maria; ZAMORA, Pedro. *A Era Kanela*. Rio de Janeiro: Shogun Arte, 1984.

CHARTIER, Roger. *A história cultural. Entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHAUÍ, Marilena. *Conformismo e resistência: aspectos da cultura popular no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

_____. *O Nacional e o popular na Cultura Brasileira*. São Paulo. Brasiliense. 1983.

_____. *Brasil: mito fundador e sociedade autoritária*. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.

CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim: o Cotidiano dos Trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque*. Campinas: Unicamp, 2001.

CHESNEAUX, Jean. *Devemos fazer tabula rasa do passado?* São Paulo: Ática, 1995.

COHN, Gabriel. *Petróleo e Nacionalismo*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1968.

COSTA, Alexandre. *O Tigre no Futebol: Uma Viagem nos tempos de Friederichshagen*. São Paulo: Dórea Books and Arts, 1998..

COSTA, Flavio Moreira da (Org). *Onze em Campo e um banco de primeira*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998.

COSTA, Jurandir Freire. *Razões públicas, emoções privadas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

_____. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro: Graal Editora, 2004.

_____. *O vestígio e a aura: corpo e consumismo na moral do espetáculo*. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

COSTA, Lamartine da (Org). *Atlas do esporte no Brasil*. Rio de Janeiro: Shape, 2005.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Contra a corrente: ensaios sobre democracia e socialismo*. São Paulo: Cortez, 2000.

_____. *Cultura e Sociedade no Brasil: ensaios sobre idéias e formas*. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

_____. *Gramsci: um estudo sobre seu pensamento político*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

COUTINHO, Edilberto. *Maracanã, adeus*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.

COUTINHO, Eduardo Granja. *Velhas histórias, memórias futuras*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2002.

CUNHA, Loris Baena. *A verdadeira história do futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Publicitária.

CUNHA, Fabiana Lopes. *Da marginalidade ao estrelato. O samba na construção da nacionalidade (1917 – 1945)*. São Paulo: Annablume, 2004.

CUNHA, Orlando; VALLE Fernando. *Campos Sales, 118: A história do América*. Rio de Janeiro: Editora Laudes, 1972.

DA MATTA, Roberto [et al]. *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothke, 1982.

DAMAZIO, Sylvia F. *Retrato Social do Rio de Janeiro na virada do século*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.

DAMO, Arlei Sander. *Futebol e Identidade Social: uma leitura antropológica das rivalidades entre torcedores e clubes*. Porto Alegre: Editora da Universidade, 2002.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DEBRUN, Michel. *Gramsci: filosofia, política e bom senso*. Campinas: Unicamp, 2001.

DEFrance, Jacques. *Sociologie du Sport*. Paris: La Decouverte, 1995.

DIDIER, Carlos. *Orestes Barbosa. Repórter, Cronista e Poeta*. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

DIDIER, Carlos; MÁXIMO, João. *Noel Rosa: Uma Biografia*. Brasília: Ed. UNB, 1990.

DIEGUEZ, GILDA KORFF (Org). *Esporte e Poder*. Petrópolis: Vozes, 1985.

DURKHEIM, Émile. *Divisão do Trabalho Social*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

EAGLETON, Terry. *Marx e a liberdade*. São Paulo: UNESP, 1999.

EAGLETON, Terry. *Ideologia: uma introdução*. São Paulo: Boitempo, 1997.

EDMUNDO, Luiz. *O Rio de Janeiro do meu tempo*. Rio de Janeiro: Conquista, 1957.

EFEGÊ, Jota. *Maxixe – A Dança Excomungada*. Rio de Janeiro: Conquista, 1974. P. 161.

ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. *Mito do eterno retorno*. São Paulo: Mercuryo, 1992.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *Deporte y ocio en el proceso de la civilizacion*. México:,Fondo de Cultura Econômica. 1995.

ELIAS, Norbert. *Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____. *Sobre o Tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

Enciclopédia Mirador. São Paulo: Editora Enciclopédia Britannica do Brasil, 1986.

FACINA, Adriana. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

FALCON, Francisco. *História cultural: uma visão sobre a sociedade e cultura*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

FAUSTO, Boris (Org.). *Fazer a América: a imigração em massa para a América Latina*. São Paulo: Edusp, 2000.

_____. *História do Brasil*. São Paulo: EDUSP, 1995.

_____. *História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano. Estrutura de Poder e Economia (1889-1930)*. São Paulo: Difel, 1975.

_____. *História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano. Sociedade e Instituições (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

_____. *História Geral da Civilização Brasileira. O Brasil Republicano. Economia e Cultura (1930-1964)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

FELLINI, Federico. *Fazer um filme*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

FENELON, Déa Ribeiro (Org.). *Cidades: Pesquisa em História*. São Paulo: Olho d'Água, 1999.

FERNANDES, Florestan (org.). *Marx e Engels*. São Paulo: Ática, 2001.

FERREIRA, Marieta de Moraes [et al]. *Rio de Janeiro: uma cidade na história*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

FIORI, José Luís (Org.). *Estados e Moedas no Desenvolvimento das Nações*. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. *Conjuntura e Ciclo na Dinâmica de um Estado Periférico. Uma reflexão em dois movimentos, sobre a crise do estado brasileiro*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1984.

_____. *Em Busca do Dissenso Perdido. Ensaios Críticos Sobre a Festejada Crise do Estado*. Rio de Janeiro: INSIGHT, 1995.

_____. *60 Lições dos 90. Uma Década de Neoliberalismo*. Rio de Janeiro: Record, 2002.

FIORI, José Luís; MEDEIROS, Carlos (Orgs.). *Polarização mundial e crescimento*. Petrópolis: Vozes, 2001.

FISCHER, Ernst. *A Necessidade da Arte*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

FLORENZANO, José Paulo. *Afonsinho e Edmundo: a rebeldia no futebol brasileiro*. São Paulo: Musa Editora, 1998.

FONTENELLE, André; STORTI, Valmir. *A História do Campeonato Paulista*. São Paulo: PUBLIFOLHA, 1996.

FORTES, Alexandre; BATALHA, Claudio M. H.; DA SILVA, Fernando Teixeira (Orgs.). *Culturas de classe: identidade e diversidade na formação do operariado*. Campinas: Unicamp, 2004.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1993.

_____. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Rio de Janeiro: Vozes, 1987.

_____. *História da sexualidade 1: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

_____. *As Palavras e as Coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

_____. *Resumo dos cursos do Collège de France*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

FRANCESCHI, Humberto Moraes. *Samba de sambar do Estácio*. Rio de Janeiro: Agir – IMS. No prelo.

FRANCO JUNIOR, Hilário. *A Dança dos Deuses - Futebol, Sociedade, Cultura*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANZINI, Fábio. *Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919 – 1938.)*. Rio de Janeiro: DPA, 2003.

FREITAG, Bárbara; ROUANET, Sérgio Paulo (Orgs.). *Habermas*. São Paulo: Ática, 1993.

FREITAS, Jacira. *Política e Festa Popular em Rousseau: A Recusa da Representação*. São Paulo: Humanitas / FFLCH-USP, 2003.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande e Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. *Modos de Homem e Modas de Mulher*. Rio de Janeiro: Record, 1997.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e Mucambos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961.

FREUD, Sigmund. *Os Chistes e Sua Relação com o Inconsciente*. Rio de Janeiro, Imago. 1998.

FURTADO, Celso. *O Capitalismo Global*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

_____. *Formação Econômica do Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

_____. *O longo amanhecer: reflexões sobre a formação do Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

_____. *A Nova Dependência. Dívida Externa e Monetarismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

GALEANO, Eduardo. *Futebol ao sol e à sombra*. Porto Alegre: L&PM, 1995.

GARAUDY, Roger. *Karl Marx*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1967.

GARRIGOU, Alain; LACROIX, Bernard. *Norbert Elias: A Política e a História*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

GASTALDO, Édison Luis; GUEDES, Simoni Lahud (Orgs). *Nações em Campo: Copa do Mundo e Identidade Nacional*. Niterói: Intertexto, 2006.

GEBARA, Ademir. Considerações para uma história do lazer no Brasil. In: BRUHNS, Heloísa Turini (Org.). *Introdução aos Estudos do Lazer*. Campinas: Unicamp, 1997.

_____. *Conversas sobre Norbert Elias: Depoimentos para uma história de pensamento sociológico*. Piracicaba: Biscalchin Editor, 2006.

GIANNOTTI, José Arthur. *O jogo do belo e do feio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do Futebol*. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GOLDMAN, Lucien. *A Sociologia do Romance*. São Paulo: Paz e Terra, 1990.

GOFF, Jacques le. *História e Memória*. Campinas: Editora Unicamp, 2005.

GOMES, Bruno Ferreira. *Wilson Batista e sua época*. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1985.

GONÇALVES, Reinaldo. *A Herança e a Ruptura: Cem anos de história econômica e propostas para mudar o Brasil*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

GRAÇA, Armando. M. *Futebol tem cada uma*. Rio de Janeiro: Gol.

GRAMSCI, Antonio. *Literatura e vida nacional*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

_____. *Cadernos do cárcere*. Vol. 1. Introdução ao estudo da filosofia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____. *Cadernos do cárcere*. Vol.2. Os intelectuais. O princípio educativo. Jornalismo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.,2000.

_____. *Cadernos do cárcere*. Vol. 3. *Maquiavel. Notas sobre o Estado e a Política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____. *Cadernos do cárcere*. Vol. 4. *Temas de cultura. Ação católica. Americanismo e Fordismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

_____. *Concepção Dialética da História*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978

GRUPPI, Luciano. *O conceito de hegemonia em Gramsci*. Rio de Janeiro: Graal, 1980.

GUEDES, Simoni Lahud. *O Brasil no campo de futebol: Estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro*. Niterói: EDUFF, 1998.

GULLAR, Ferreira. *Sobre arte, sobre poesia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Dp&A, 2004.

HAMILTON, Aidan. *Um jogo inteiramente diferente! Futebol: a maestria brasileira de um legado britânico*. Rio de Janeiro: Gryphus, 2001.

HEIDEGGER, Martin. *A Origem da Obra de Arte*. Lisboa: Edições 70, 1977.

HELAL, Ronaldo; SOARES, Antonio; LOVISOLO, Hugo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001.

_____. *Passes e Impasses: Futebol e Cultura de Massa no Brasil*. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

_____. *O que é sociologia do esporte?* São Paulo: Brasiliense, 1990.

HELENA, Lúcia. *Modernismo brasileiro e vanguarda*. São Paulo: Ática, 2000.

HOBBSAWM, Eric. *A Era do Capital, 1848-1875*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

_____. *Era dos Extremos. O breve século XX, 1914-1991.* São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *História Social do Jazz.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

_____. *Nações e nacionalismo desde 1780. Programa, mito e realidade.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

_____. *Pessoas extraordinárias: resistência, rebelião e jazz.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

_____. *Sobre História.* São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence. *A invenção das tradições.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. *A Era das Revoluções.* São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____. *Mundos do Trabalho.* São Paulo: Paz e Terra, 1988.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil.* São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

_____. *Visão do Paraíso: os motivos edênicos do Descobrimento e Colonização do Brasil.* São Paulo: Brasiliense/ Publifolha, 2000.

HOLLANDA, Buarque Bernardo. *O Descobrimento do Futebol.* Modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004.

HORNBY, Nick. *Febre de bola.* Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens: o jogo como elemento da cultura.* São Paulo: Perspectiva, 1980.

IANNI, Octávio. *Enigmas da modernidade—mundo.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. *Estado e Planejamento Econômico no Brasil.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991

IGLÉSIAS, Francisco. *Trajetória política do Brasil, 1500-1964.* São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ITARARÉ, Barão de. *Máximas e mínimas do Barão de Itararé.* Rio de Janeiro: Record, 1986.

JAMESON, Fredric. *Espaço e imagem*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

_____. *A cultura do dinheiro*. Ensaaios sobre a globalização. Petrópolis: Vozes, 2002.

JEUDY, Henri-Pierre. *O Corpo como Objeto de Arte*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

JUILLET, Juin. *Sport et Litterature*. Paris: Europe, 1996.

KEHL, Maria Rita. Muito Além do Espetáculo. IN: *Muito Além do Espetáculo*. São Paulo: SENAC, 2004.

KONDER, Leandro. *O futuro da filosofia da práxis: o pensamento de Marx no século XXI*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

_____. *A Poesia de Brecht e a História*. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

_____. *A Questão da Ideologia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. *As artes da palavra; elementos para uma poética marxista*. São Paulo: Boitempo, 2005.

_____. *Walter Benjamin: o marxismo da melancolia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____. *Marxismo e Alienação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

_____. Os sofrimentos do “homem burguês”. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

_____. *Sobre o amor*. São Paulo: Boitempo, 2007.

KOWARICK, Lucio. *Trabalho e Vadiagem: a origem do trabalho livre no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1994.

KOTHÉ, Flávio R. (Org.). *Walter Benjamin*. São Paulo: Ática, 1985.

KRIEGER, Marcílio. *Lei Pelé e Legislação Desportiva Brasileira Anotadas*. Rio de Janeiro: Forense, 1999.

KUPERMANN, Daniel. *Ousar rir: humor, criação e psicanálise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 2005.

LEFEBVRE, Henri. *A cidade do capital*. Rio de Janeiro. DP e A. 1999.

LEFEBVRE, Henri. *Introdução à modernidade*. Rio de Janeiro. Paz e Terra. 1969.

LESSA, Carlos. *O Rio de todos os brasis: uma reflexão em busca de auto-estima*. Rio de Janeiro: Record, 2000.

LINHARES, Maria Yedda (Org.). *História Geral do Brasil*. Rio de Janeiro: Campus, 1996.

LOPES, Antonio Herculano. *Entre Europa e África: a invenção do carioca*. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2000.

LOVETRO, José Alberto; COSTA, Gualberto. *A História do Futebol no Brasil através do Cartum*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004.

LOWY, Michael. *A Teoria da Revolução no jovem Marx*. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. *Walter Benjamin: Aviso de Incêndio – Uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. São Paulo: Boitempo, 2005

_____. *A Estrela da Manhã*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

LOWY, Michael; BENSID, Daniel. *Marxismo, Modernidade e Utopia*. São Paulo: Xamã, 2000.

LUCENA, Ricardo de Figueira. *O Esporte na Cidade*. Campinas: Editora Autores Associados, 2001.

LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classe*. Rio de Janeiro: Elfos, 1989.

_____. *A Teoria do Romance*. São Paulo: Editora 34, 2003.

LYRA FILHO, João. *Introdução à Sociologia dos Desportos*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1973.

_____. *Introdução ao Direito Desportivo*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1952.

MANHÃES, Eduardo Dias. *Política de esportes no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

_____. *João Sem Medo: Futebol-Arte e Identidade*. Campinas: Pontes, 2004.

MARIA, Antônio. *O jornal de Antônio Maria*. Rio de Janeiro: Saga, 1968.

MARINHO, Inezil Penna. *História da Educação Física no Brasil*. Rio de Janeiro: Brasil Editora.

_____. *Rui Barbosa. Paladino da Educação Física no Brasil*. Brasília: Horizonte Editora, 1980

MÁRIO FILHO. *O Negro no Futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

_____. *O sapo de Arubinha: os anos de sonho do futebol brasileiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. *Viagem em torno de Pelé*. Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1963.

MARQUES, José Carlos. *O Futebol em Nelson Rodrigues*. São Paulo: EDUC/FAPESP. 2000.

MARX, Karl. *O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

_____. *Teses contra Feuerbach*. São Paulo: Editora Abril, 1978.

_____. *Elementos fundamentales para la critica de la economia política (borrador), 1857-1858*. Vol. 2. Buenos Aires: Siglo Veintuno, 1972.

_____. *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

_____. *O Capital, livro 1*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

MARX e ENGELS. *Sobre Literatura e Arte*. São Paulo: Global, 1979.

_____. *Manifesto do Partido Comunista 1848*. Rio Grande do Sul: L & PM, 2001.

MATTOS, Cláudia. *Cem anos de paixão: uma mitologia carioca no futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

MATTOS, Marcelo Badaró. *Classes Sociais e Luta de Classes*. Rio de Janeiro. In. *História: pensar e fazer*. Niterói:LDH – UFF, 1998.

_____. *Escravidados e Livres: experiências comuns na formação da classe trabalhadora carioca*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2008.

MATTOS, Sérgio. *História da Televisão Brasileira: Uma visão econômica, social e política*. Petrópolis: Vozes, 2002.

MAURÍCIO, Jayme. *Visão da Terra*. Rio de Janeiro: Jornal do Brasil, 1977.

MAURÍCIO, Ivan (Org). *As melhores frases do futebol*. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

MAYER, Arno J. *A Força da Tradição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

MÁXIMO, João. *João Saldanha - Sobre Nuvens de Fantasia*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.

_____. *A História Ilustrada do Futebol Brasileiro*. Vols 1, 2, 3 e 4. São Paulo: Editora Documentação Brasileira.

_____. *Maracanã, meio século de paixão*. São Paulo: DBA, 2000.

MAZZONI, Thomaz. *História do Futebol Brasileiro*. São Paulo: Leia.

MELO NETO, João Cabral de. *A educação pela pedra e depois*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

MELLO, João Manuel Cardoso de. *O Capitalismo Tardio*. São Paulo: Brasiliense, 1982.

MELLO, Victor Andrade de. *Cidade Esportiva: Primórdios do Esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

_____. *Cinema e Esporte: Diálogos*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2006.

MENDONÇA, Sônia Regina de. *Estado e Economia no Brasil: opções de desenvolvimento*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

MILLIET, Filho Raul (org). *Vida que Segue: João Saldanha e as Copas de 1966 e 1970*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

MORAES, Eduardo Jardim de. *Limites do Moderno: o pensamento estético de Mário de Andrade*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999.

MORAES FILHO, Evaristo de (Org.). *Georg Simmel*. São Paulo: Ática, 1983.

MOURA, Gisella. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

MURAD, Maurício. *Dos pés à cabeça: elementos básicos de Sociologia do Futebol*. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996.

_____. *A violência e o futebol – Dos estudos clássicos aos dias de hoje.* Rio de Janeiro: FGV, 2007.

MURRAY, Bill. *Uma História do Futebol.* São Paulo: Hedra, 2000.

NETTO, José Paulo. *Capitalismo e reificação.* São Paulo: Ed. Ciências Humanas, 1981.

NIEMEYER, Oscar. *Crônicas.* Rio de Janeiro: Ed. Renavam, 2008.

NOGUEIRA, Armando; NETO, Araújo. *Drama e glória dos bicampeões.* Rio de Janeiro: Editora do Autor, 1962.

NOGUEIRA, Claudio. *Futebol, Brasil, memória: de Oscar Cox a Leônidas da Silva. 1897 – 1937.* Rio de Janeiro: SENAC, 2006.

NOVAES, Adauto (Org.). *A Crise do Estado-Nação.* Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

_____. *Civilização e Barbárie.* São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

_____. *Muito além do espetáculo.* São Paulo: SENAC, 2004.

NOVAIS, Fernando. A. (Coord); SEVCENKO, Nicolau (Org.). *História da vida privada.* Vol. 3. *República: da Belle Époque à Era do Rádio.* São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. SCHWARCZ, Lilian Moritz (Org.). *História da vida privada no Brasil* Vol.4. *Contrastes da intimidade contemporânea.* São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

O' DONNELL, Julia. *De Olho na Rua – A cidade de João do Rio.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

OLIVEIRA, Francisco. *Crítica à Razão Dualista – O ornitorrinco.* São Paulo: Boitempo, 2003.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República.* São Paulo: Brasiliense, 1990.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi (Org.). *Cidade: História e Desafios.* Rio de Janeiro: FGV, 2002.

ORTIZ, Renato. *A consciência fragmentada: ensaios de cultura popular e religião.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

_____. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1986.

PEDROSA, Mario. *Dos Murais de Portinari aos Espaços de Brasília*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

PEDROSA, Milton (org.). *O olho na bola*. Rio de Janeiro: Gol, 1968.

_____. *Na Boca do Túnel*. Rio de Janeiro: Gol, 1968.

_____. *Gol de Letra: o futebol na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Gol, 1967.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

_____. Literatura em Movimento – Coelho Neto e o Público das Ruas. IN: CHALHOUN, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. (Orgs): *História em Causas Miúdas*. Campinas: Editora Unicamp, 2005.

PERDIGÃO, Paulo. *Anatomia de Uma Derrota*. Porto Alegre: L&PM, 1986.

PINHEIRO, Paulo Sérgio [et al]. *O Brasil republicano*. Vol. 2. *Sociedade e instituições (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

_____. *Política e Trabalho no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

POCHMANN, Marcio. *A Década dos Mitos*. São Paulo: Ed. Contexto, 2001.

PORTANTIERO, Juan Carlos. O nacional-popular: Gramsci em chave latino-americana. In: *Gramsci e América Latina*. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

PORTELLI, Hughes. *Gramsci y El Bloque Histórico*. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 1973.

PORTO, Roberto. *Didi*. Rio de Janeiro: Ed. Relume Dumará, 2001.

PORTO, Sérgio. *As Cariocas*. Rio de Janeiro: Agir, 2006.

PRADO JR, Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 1972.

_____. *História Econômica do Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1949.

_____. *A Revolução Brasileira*. São Paulo: Brasiliense, 1972.

PRADO, Décio de Almeida. *Seres, coisas, lugares: do teatro ao futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

PONTE PRETA, Stanislaw. *Tia Zulmira e eu*. Rio de Janeiro; Civilização Brasileira, 1979.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. *Futebol e Palavra*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1981.

PRONI, Marcelo W. *A Metamorfose do Futebol*. Campinas: Unicamp, 2000.

PRONI, Marcelo; Henrique, Wilnês (Org). *Trabalho, mercado e sociedade. O Brasil nos anos 90*. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

PRONI, Marcelo; Lucena, Ricardo (Org). *Esporte, História e Sociedade*. Campinas: Autores Associados, 2002.

PROPP, Vladimir. *Comicidade e Riso*. São Paulo: Ática, 1992.

RAMOS, Ricardo (org.). *A palavra é... futebol*. São Paulo: Scipione, 1990.

RANIERI, Jesus. *A câmara escura: alienação e estranhamento em Marx*. São Paulo: Boitempo, 2001.

REBELO, Aldo; Torres, Silvio. *CBF/ NIKE. CPI do Futebol*. São Paulo: Casa Amarela, 2001

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

REGO, José Lins do. Água-mãe. In: José Lins do Rego. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1976.

_____. *Flamengo é puro amor – crônicas escolhidas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2002.

RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ./FGV, 1996.

RESENDE, Beatriz. *Apontamentos de crítica cultural*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

_____. *Cronistas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

RESENDE, Beatriz e Valença, Raquel (Orgs). *Lima Barreto: Toda Crônica*. Rio de Janeiro: Agir, 2004.

RIBEIRO, André. *O diamante eterno: biografia de Leônidas da Silva*. Rio de Janeiro: Gryphus, 1999.

_____. *Os donos do espetáculo*. História da imprensa esportiva no Brasil. São Paulo: Ed. Terceiro Nome, 2007.

RIBEIRO, Peris. *Didi, o gênio da folha seca*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

RIBEIRO, Rubens. *O caminho da bola: 50 Anos de Paulistão (1902 – 1952)*. São Paulo: FPF, 2000.

RIDENTI, Marcelo. *Classes sociais e representação*. São Paulo: Cortez, 1994.

ROCHA, José da Silva. *Club de Regatas Vasco da Gama: Histórico*. Vol 1. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica/Editora-Rio, 1975.

RODRIGUES, Antonio Edmilson Martins. *João do Rio: a cidade e o poeta*. O olhar do flâneur na Belle Époque tropical. Rio de Janeiro: FGV, 2000.

_____. *Modernidade, intelectuais e a idéia de nação*. Relatório parcial PRONEX. 1998/1999 (mimeo).

RODRIGUES, Nelson. *A pátria em chuteiras: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *À sombra das chuteiras imortais: crônicas de futebol*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

_____. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

ROSENFELD, Anatol. *Negro, macumba e futebol*. São Paulo: Perspectiva, 1993.

ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

_____. *A Parte Obscura de Nós Mesmos: Uma história dos perversos*. Rio de Janeiro: Jorge Zaha, 2008.

SADER, Emir. *Século XX – uma biografia não autorizada: o século do Imperialismo*. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.

SALDANHA, João. *Meus amigos*. Rio de Janeiro: Mitavaí, 1987.

_____. *Os Subterrâneos do Futebol*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980.

_____. *O futebol*. Rio de Janeiro: Bloch, 1971.

_____. *O trauma da bola – a Copa de 82 por João Saldanha*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

SALLES, Ricardo. *E o Vale era o escravo: Vassouras, século XIX. Senhores e escravos no coração do Império*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

_____. *Guerra do Paraguai: Memórias e Imagens*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2003.

SANDER, Roberto. *Anos 40. Viagem à Década sem Copa*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. *Corpos de passagem; ensaios sobre a subjetividade contemporânea*. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

_____. *Políticas do corpo*. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

SANTIAGO, Silvano. *Nas Malhas da Letra*. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.

SANTOS, Joel Rufino dos. *Assim foi (se me parece)*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

SANTOS, Joel Rufino dos. *História Política do futebol brasileiro*. São Paulo: Brasiliense, 1981.

SANTOS NETO, José Moraes dos. *Visão do jogo - primórdios do futebol no Brasil*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

SARNO, Francisco José. *Futebol: A dança do diabo*. São Paulo: Edição da Distribuidora de Livros Souza Lopes.

SCHPUN, Mônica Raisal. *Beleza em jogo. Cultura e comportamento em São Paulo nos anos 20*. São Paulo: Boitempo, 1999.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Duas Cidades/Ed. 34, 2000.

_____. *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*. São Paulo: Duas Cidades/Ed. 34, 2000.

SENNETT, Richard. *A corrosão do caráter. Conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

_____. *O declínio do homem público*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SEMERARO, Giovanni. *Gramsci e a sociedade civil: cultura e educação para a democracia*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira república*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

_____. *Orfeu extático na Metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Lucia. A Cidade do Rio de Janeiro nos anos 20: Urbanização e Vida Urbana. IN: FENELON, Déa Ribeiro (Org). *Cidades*. São Paulo: Editoras PUC/Olho D'água, 1999.

SILVA, Marcos. *Câmara Cascudo, Dona Nazaré de Souza e Cia. (Guerras do Alecrim)*. Natal: EDUFRN, 2007.

_____. *Dicionário Crítico Câmara Cascudo*. São Paulo: Perspectiva, FFLCH/USP; Fapesp; Natal; EDUFRN; Fundação José Augusto; 2003.

_____. *Henfil no alto da caatinga: Graúna, orelana, zeferino e o nordeste/mundo*. In Ariús – Revista de Ciências Humanas e Artes. Vol.13, nº 2, julho/dezembro 2007.

_____. *Prazer e poder do amigo da onça*. São Paulo: Paz e Terra, 1989.

_____. *Machos & Mixos. Henfil e o fim da ditadura militar (Brasil, anos 80)*. São Paulo. Revista de História. Departamento de História da USP. 1998

_____. *Contra a chibata: marinheiros brasileiros em 1910*. São Paulo: Brasiliense, 2002.

_____. *História: o prazer em ensino e pesquisa*. São Paulo: Brasiliense, 2003.

_____. Detrito Federal: O vômito e o silenciamento de *Lucrecio Barba-de-Bode*. Artigo em torno do livro “Numa e a ninfa”, de Lima Barreto. São Paulo. 2008. No prelo.

SILVA, Marcos e Fonseca, Silva Guimarães. *Ensinar história no século XXI: em busca do tempo entendido*. Campinas: Capius Editora, 2007.

SILVA, Marcos e CHAVES, Bené (Org). *Clarões da Tela – O Cinema dentro de nós*. Natal: Editora da UFRN, 2006.

SILVA, Sérgio; Szmrecsányi, Tamás (Org). *História Econômica da Primeira República*. São Paulo: Hucitec, 2002.

SILVA, Sergio. *Expansão cafeeira e origem da Indústria no Brasil*. São Paulo: Alfa Omega, 1976.

SILVA, Thomaz Soares da. *Zizinho: o mestre Ziza*. Rio de Janeiro: Secretaria de Estado de Esporte e Lazer, 1985.

_____. *Verdades e mentiras no futebol*. Rio de Janeiro: Imprensa oficial do Estado do Rio de Janeiro.

SIMMEL, Georg. *Questões Fundamentais da Sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

SINGER, Paul. *Desenvolvimento econômico e evolução urbana*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1992.

SIQUEIRA, André Iki. *João Saldanha: Uma Vida em Jogo*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2007.

SKIDMORE, Thomas E. *Uma história do Brasil*. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

_____. *Brasil: de Castelo a Tancredo*. São Paulo: Paz e Terra, 1994.

SODRÉ, Muniz. *O Brasil Simulado e o Real*. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991.

_____. *Samba, o dono do corpo*. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

_____. *Mestre Bimba. Corpo de Mandinga*. Rio de Janeiro: Manati, 2002.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Síntese da história da cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

_____. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

_____. *A Farsa do Neoliberalismo*. Rio de Janeiro: Graphia, 1999

_____. *Brasil. Radiografia de un modelo*. Buenos Aires: Orbelus, 1973.

SOTER, Ivan. *Enciclopédia da Seleção* (As Seleções Brasileiras de Futebol – 1914-1994). Rio de Janeiro: Opera Nostra, 1995.

SOUZA, Jair de; RITO, Lucia; LEITÃO, Sérgio Sá. *Futebol-Arte*. São Paulo: Empresa das Artes, 1998.

SUSSEKIND, Helio Barros. *Futebol em dois tempos*. Rio de Janeiro: Relumê Dumará, 1996.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. *Os perigos da paixão: Visitando jovens torcidas cariocas*. São Paulo: Annablume, 2003.

THOMPSON, Edward P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. *A formação da classe operária inglesa*. Vols. 1, 2 e 3. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

_____. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: São Paulo, Unicamp. 2001.

TINHORÃO, José Ramos. *História Social da Música Popular Brasileira*. São Paulo: Ed. 34, 1998.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *No país do futebol*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____. *Torcidas organizadas de futebol*. Campinas: São Paulo, Autores Associados/ANPOCS. 1996.

TOLSTOI, Leon. *O que é Arte?* São Paulo: Ediouro, 2002

TUBINO, Manoel. *500 Anos de Legislação Esportiva Brasileira*. Rio de Janeiro: Shape, 2002.

UNZETE, Celso. *O Livro de ouro do futebol*. São Paulo: Ediouro, 2002.

VAINFAS, Ronaldo. *Os protagonistas anônimos da história: micro-história*. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

VALENÇA, Suetônio S. *Tra-la-lá – Lamartine Babo*. Rio de Janeiro: Velha Lapa, 1989.

VASCONCELOS, Ary. *Panorama da Música popular brasileira*. São Paulo: Martins Fontes, 1961.

VÁZQUEZ, Adolfo Sanchez. *As Idéias Estéticas de Marx*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1968.

VELOSO, Marisa; MADEIRA, Angélica. *Leituras brasileiras: Itinerários no pensamento social e na literatura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

VELLOSO, Monica Pimenta. *Modernismo no Rio de Janeiro: turunas e quixotes*. Rio de Janeiro: FGV, 1996.

VIANNA, Hermano. *O Mistério do samba*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

VIANNA, Luiz Fernando. *Geografia Carioca do Samba*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2004.

VIANNA, Luiz Werneck. *De um Plano Collor a outro*. Rio de Janeiro: Revan, 1991.

VILLARINHO, Carlos Ferreira. *João Saldanha – Sem Medo, Sem Mentiras*. Rio de Janeiro. 2007. Inédito.

WALZBORTH, Leopoldo. *As aventuras de Georg Simmel*. São Paulo: Ed. 34, 2000.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1967.

_____. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1974.

_____. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1968.

WHITROW, G. J. *O Tempo na História: Concepções do Tempo da Pré-História aos Nossos Dias*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

WISNIK, José Miguel. *Veneno Remédio: O futebol e o Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

WITTER, José Sebastião. *O que é o futebol*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

WITTER, José Sebastião; MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org). *Futebol e Cultura*. Coletânea de estudos. São Paulo: Convênio IMESP/DAESP, 1982.

_____. *Breve História do Futebol brasileiro*. São Paulo: FTD, 1996.

_____. *Túnel do Tempo*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2007.

ZAMORA, Pedro. *Tim o Estrategista*. Rio de Janeiro: Editora Gol, 1969.

_____. *Assim falou Neném Prancha*. Rio de Janeiro: Ed. Crítica, 1975.